APOCALIPSE

ÍNDICE

REVELATION

WILLIAM BARCLAY
Título original em inglês:
The Revelation of John

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

… Introduz e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO

ÍNDICE

Prefácio
Introdução Geral
Introdução ao Apocalipse de João

Capítulo 1	**Capítulo 7**	**Capítulo 13**	**Capítulo 19**
Capítulo 2	**Capítulo 8**	**Capítulo 14**	**Capítulo 20**
Capítulo 3	**Capítulo 9**	**Capítulo 15**	**Capítulo 21**
Capítulo 4	**Capítulo 10**	**Capítulo 16**	**Capítulo 22**
Capítulo 5	**Capítulo 11**	**Capítulo 17**	
Capítulo 6	**Capítulo 12**	**Capítulo 18**	

PREFÁCIO AO APOCALIPSE DE JOÃO

Com a publicação deste volume minha tarefa quase toca a seu fim, porque com ele chegamos ao último livro do Novo Testamento. Quando em 1952 me encarreguei de escrever um livro que comentasse os Atos dos Apóstolos, não era minha intenção avançar mais além desse volume. Naquela época não pensava que meu papel na série seria cobrir a totalidade de! Novo Testamento. Creio que nunca tivesse podido realizar este trabalho sem o .estímulo de muitos amigos. Estou profundamente agradecido a todos os que, durante estes anos, têm-me escrito. Agradeço, também suas expressões de gratidão, que tantas vezes levantaram meu ânimo, e as críticas que sempre me foram benéficas. Para mim, estes anos de estudo do Novo Testamento foram uma experiência cujo valor não poderia dizer-se em palavras. Embora freqüentemente a tarefa me pareceu pesada, agora que chega a seu fim não posso senão lamentá-lo. Quero expressar minha gratidão de todo coração aos que, começando com os Atos, perseveraram neste viaje comigo, ao longo do Novo Testamento, confiou este volume final.

É um fato reconhecido que o Apocalipse é o livro mais difícil do Novo Testamento. Mas goza de uma magnífica coorte de Comentários,

alguns dos quais se contam entre os melhores que jamais se escreveram. O Comentário em dois volumes de R. H. Charles, en *The International Critical Commentary* é uma mina de informação, e completamente indispensável. O de H. B. Swete, nos *Macmillan Commentaries*, combina a erudição e a piedade, tal como Swete sempre o obteve em todos os livros que escreveu. O de I. T. Beckwith é de primeira importância. O de F, J. A. Hort nunca foi completado, mas até os fragmentos que possuímos são riquíssimos. O de James Moffatt no *Expositor's Greek Testament* ainda possui valores. Todos estes comentários trabalham sobre o texto em grego.

Outros Comentários, sobre o texto em inglês, são os seguintes: O volume de W. H. Simcox em *The Cambridge Bible for Schools and Colleges* é muito sumário e algo passado de moda — se publicou em 1890 — mas ainda útil, assim como o de Martin Kiddie em *The Moffat Commentary. The Book of Revelation*, por E. F. Scott, não é um comentário, mas sim uma exposição lúcida e iluminadora. O *Commentary on the Epistles to the Seven Churches*, por R. C. Trench, possui toda a amplitude de conhecimentos e profundidade de experiência espiritual que são conhecidos nesse autor.

Como temos dito neste Comentário, o Apocalipse é único no Novo Testamento. Mas dista de ser o único em seu tipo, porque forma parte da literatura apocalíptica que floresceu entre o Antigo e o Novo Testamento. Para o estudo desta literatura, o sólido trabalho de E. H. Charles, em dois volumes, *The Apocrypha and Pseudoepigrapha of the Old Testament* é completamente indispensável. Em 1958 se publicou aquele que é, de longe, o melhor Comentário em inglês do Apocalipse, o de Thomas S. Kepler. É digno de ser lido, junto com *The Book of the Unveiling*, por M. R. Newbolt. O livro de Austin Farrer, *A Rebirth of Images*, é uma obra erudita e importante, mas às vezes pode resultar tão difícil como o próprio Apocalipse.

Há muitos que queriam poder ler o Apocalipse mas que encontraram tão difícil fazê-lo que a tarefa ficou para eles virtualmente

impossível; no meio da luta abandonaram. É minha esperança e oração que este volume de estudos fará algo para abrir a riqueza que possui, uma das maiores e mais dramáticas de todo o Novo Testamento.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
dezembro de 1958.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não

especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE DE JOÃO

Um livro estranho

Quando o estudioso do Novo Testamento embarca no estudo do Apocalipse sente-se projetado a um mundo novo e diferente. O Apocalipse não apenas é diferente, mas de maneira manifesta, é difícil para a mente moderna. O resultado é que muitas vezes foi abandonado como ininteligível e se converteu no campo de jogo dos excêntricos religiosos, que o usam para desenhar mapas celestiais do que está por vir, ou que encontram nele evidencia em apoio de suas próprias raridades.

Um comentário desesperado disse que no Apocalipse há tantas adivinhações como palavras, e outro afirmou que o estudo do Apocalipse encontra ao leitor louco ou o deixa louco. Lutero ter tirado o Apocalipse do cânon. junto com Judas, Tiago, 2 Pedro, e Hebreus o relegou a uma lista separadamente, no final de seu Novo Testamento. queixou-se de que, face à escuridão de seu estilo, o autor tinha o atrevimento de somar ameaças e promessas para aqueles que observassem ou desobedecessem suas palavras, ao mesmo tempo que ninguém entendia o que estava tentando dizer. Nele — disse — não se

ensina nem reconhece a Cristo; nele não se perceberia a inspiração do Espírito Santo.

Zwínglio se manifesta de maneira igualmente hostil com relação a este livro. "No Apocalipse — escreveu — não nos interessamos, porque não é um livro bíblico... O Apocalipse não possui o sabor da boca ou da mente de João. Eu posso, se o quiser, rechaçar seus testemunhos."

Por outro lado, houve, em cada geração, aqueles que amaram a este livro. T. S. Kepler, o mais recente editor do Apocalipse, cita o veredicto de Philip Carrington e o faz dele: "No caso do Apocalipse temos pela frente um artista mais velho que Stevenson ou Coleridge ou Bach. São João possui um melhor sentido da palavra exata que Stevenson; possui um domínio mais velho que o de Coleridge para a etérea beleza sobrenatural; e possui um sentido maior da melodia, do ritmo e da composição que Bach... É a única obra mestra de pura arte no Novo Testamento. Sua plenitude, riqueza e variedade gaita o coloca num lugar muito por cima da tragédia grega..."

Sem dúvida acharemos que este livro é difícil e capaz de nos confundir; mas do mesmo modo o encontraremos imensamente digno do esforço de lutar com ele até que nos outorgue sua bênção e nos abra suas riquezas.

A literatura apocalíptica

Em qualquer estudo do Apocalipse devemos começar lembrando de um fato básico e essencial. Mesmo quando o Apocalipse é único no Novo Testamento, é, entretanto, o representante neotestamentário do tipo de literatura que era mais comum no período entre os dois testamentos. O título deste livro em grego é *Apokalupsis*. Entre o Antigo e o Novo Testamento cresceu uma grande massa do que se denominou "literatura apocalíptica". Esta literatura foi o produto e resultado de uma esperança invencível e indestrutível.

Os judeus não podiam esquecer que eram o povo eleito de Deus. Para eles este fato implicava na certeza de que algum dia chegariam à supremacia mundial. Algum dia seus inimigos seriam destruídos e eles chegariam à preeminência e à glória que lhes pertencia por direito. Em sua história primitiva esperavam o advento de um Rei, na linha de Davi, que reuniria à nação e os levaria a grandeza. Surgiria um renovo do ramo de Jessé (Isaías 11:1-10). Deus levantaria um rebento justo na descendência de Davi (Jeremias 23:5). Davi seria seu pastor e seu rei (Ezequiel 34:23; 37:24). O tabernáculo de Davi seria reparado (Amós 9:11); desde Belém viria um governante que seria grande até os limites da Terra (Miquéias 5:3-5).

Mas toda a história de Israel desmentia seus esperança. Depois da morte de Salomão, o reino, que já era bastante pequeno, dividiu-se entre Roboão e Jeroboão. Deste modo perdeu sua unidade. O reino do Norte, com seu capital na Samaria, desvaneceu-se pelo fim do oitavo século, frente ao ataque dos assírios, e nunca mais voltou a reaparecer na história, constituindo agora o que se denominam "as dez tribos perdidas de Israel". O reino do Sul, com sua capital em Jerusalém, foi reduzido à escravidão e o exílio pelos babilônios na primeira parte do século VI a.C. Seria mais tarde um estado vassalo dos persas, dos gregos e dos romanos. A história, para os judeus, era um catálogo de desastres, a partir do qual lhes fez evidente que nenhum libertador humano poderia resgatá-los.

As duas épocas

O pensamento judeu se aferrou obstinadamente à convicção de seu caráter de povo escolhido; mas devia adaptar-se aos atos da história. Fez isso elaborando um esquema da história. Os judeus dividiam o tempo em duas épocas. Havia *esta era presente*. A era presente é totalmente má; não tem esperança; não pode reformar-se; para ela não há outro futuro senão a destruição total. Os judeus, portanto, esperavam o fim das coisas

tal como eram, a *era por vir* seria totalmente santa e justa; seria a era dourada de Deus; nela haveria paz, prosperidade e justiça; nela, por fim, o povo escolhido de Deus seria vindicado e receberia o lugar que lhe correspondia por direito.

A pergunta evidente era como se transformará a era atual no mundo por vir? Os judeus criam que isto não podia acontecer mediante ação alguma empreendida pelos homens; portanto, esperavam uma intervenção direta de Deus. Deus mesmo descenderia na arena dos acontecimentos históricos. Eliminaria catastroficamente o mundo em que vivemos e traria sua idade de ouro. E! dia da vinda de Deus se chamava *o Dia do Senhor*. Seria um dia terrível de destruição e juízo, no qual tudo o que existe seria transtrocado e eliminado. A nova era nasceria de maneira tempestuosa. O dia do Senhor seria o esforço de parto da nova era.

Toda a literatura apocalíptica se ocupa destes atos. Descreve o pecado da idade presente, os torrões do momento de transição e as bênçãos do tempo por vir. Compõe-se integralmente de sonhos e visões com relação ao fim. Isto significa que toda a literatura apocalíptica é necessariamente crítica. Somente pode falar em símbolos e imagens. Tenta comunicar em termos humanos coisa que nenhum olho viu e nenhum ouvido ouviu e que nunca estiveram presentes nos corações e nas mentes dos homens. A literatura apocalíptica é um esforço por descrever o indescritível, dizer o inexprimível, pintar o que não pode reproduzir-se porque não há modelo na experiência de ninguém!

A isto deve adicionar-se outra complicação. É natural que estas visões apocalípticas inflamassem mais a imaginação dos homens que viviam sob condições tirânicas de opressão e escravidão. Quanto mais forte era o poder estrangeiro que os estava submetendo, mais sonhavam os judeus seus sonhos da destruição desse poder e de sua iminente reivindicação. Mas não teria senão piorado sua situação se o opressor tivesse podido compreender esses sonhos, no caso que os livros apocalípticos caíssem em suas mãos. Teriam parecido a obra de

revolucionários. Em conseqüência, a maioria desses livros estavam escritos em código; escolhia-se deliberadamente uma linguagem que fosse indecifrável para os não iniciados. Em muitos casos até nosso dia seguem sendo indecifráveis, porque não conhecemos a chave e esta já não existe. Mas também é um fato que quanto mais saibamos sobre o pano de fundo histórico e a situação em que foram escritos esses livros, mais fácil nos resultará sua interpretação e a árdua tarefa de desenterrar seu significado.

O Apocalipse

Tudo o que se teme dito descreve de maneira precisa o Apocalipse. Há muitos apocalipses judeus: Enoque, Os Oráculos Sibilinos, Os testamentos dos doze patriarcas. A Ascensão de Isaías, A Assunção de Moisés, O Apocalipse de Baruque, O Quarto Esdras, etc. Nosso Apocalipse é um apocalipse cristão (o único que aparece no Novo Testamento, ainda que houve outros, que não foram admitidos no cânon). Está escrito totalmente sobre o esquema judeu; segue a concepção básica das duas idades.

Existe nossa idade presente, totalmente condenada à destruição, sob o domínio dos poderes satânicos, e existe a idade de ouro por vir, a idade de novos céus e nova Terra, quando Deus tiver feito novas todas as coisas. A única diferença é que em vez de falar do dia do Senhor nosso apocalipse refere-se à Vinda de Cristo em poder. Não somente o esquema é o mesmo, são idênticos os detalhes.

Os apocalipse judeus descreviam uma série de acontecimentos que aconteceriam imediatamente antes do fim; todos estes aparecem no Apocalipse. Mas antes que passemos a esboçar esta sucessão ordenada de certos fatos há outra pergunta que devemos responder.

Tanto a apocalíptica como a profecia se ocupam de eventos que acontecerão no futuro. Qual é a diferença entre as duas?

Apocalíptica e profecia

Havia uma diferença bem real entre os profetas e os apocalipticistas. Tem a ver tanto com a mensagem como com o método.

(1) O profeta pensava em termos deste mundo. Sua mensagem em geral era uma reclamação por justiça na área econômica, social ou política; sua mensagem sempre era um chamado aos homens para que obedecessem a Deus e o servissem neste mundo. Para o profeta era este mundo aquele que devia ser reformado e recriado; era neste mundo que ultimamente se cumpriria a vontade de Deus e viria o Reino. Foi-lhe dito de outra modo que, de qualquer maneira, significa o mesmo: o profeta cria na história. Cria que nos acontecimentos da história, dentro do tempo e no mundo, a vontade e o propósito de Deus estavam realizando-se sob a direção divina. Num certo sentido o profeta era um otimista, pois mesmo quando condenava o estado presente das coisas, cria que estas podiam ser melhoradas, aceitando os homens a vontade e os mandamentos de Deus.

Mas para o apocalipticista o mundo estava mais além de toda possibilidade de remendo; estava totalmente entregue ao mal e o dominava o mal. O apocalipticista cria na dissolução deste mundo, não em seu reforma. Não esperava que este mundo fora re-criado, mas na criação de um novo mundo, quando o mundo velho fosse feito pedaços pela ira vingadora de Deus. Num certo sentido, então, o apocalipticista era um pessimista, porque não cria que pudesse curar a presente enfermidade do mundo. É certo que estava seguro da idade de ouro por vir, mas tal coisa era só depois da destruição total de tudo o que conhecemos.

(2) A mensagem dos profetas era falada; era comunicada de boca ao ouvido; o profeta enfrentava aos homens com uma mensagem da parte de Deus, assumindo pessoalmente a responsabilidade pelo que dizia. A mensagem do apocalipticista sempre era entregue em forma escrita. A apocalíptica era um gênero literário. Se a tivesse transmitido

verbalmente ninguém teria entendido nada. É difícil, complicada, muitas vezes ininteligível; deve ser analisada e pensada muito bem no gabinete de estudo antes de poder compreendê-la. Por outro lado, o profeta sempre falou em seu próprio nome; todos os escritos apocalípticos, exceto o Apocalipse que encontramos no Novo Testamento, são pseudônimos; quer dizer, estão escritos sob nomes assumidos que ocultam a verdadeira identidade do autor. Era posto, em geral, na boca das grandes personalidades do passado, de maneira tal que aparecessem como palavras de Noé, Enoque, Isaías, Moisés, os Doze Patriarcas, Baruque. Há algo de patético em tudo isto. Os homens que redigiram os escritos apocalípticos sentiam que já não havia grandeza possível neste mundo; desconfiavam de si mesmos até o ponto de não assinar suas obras com seus verdadeiros nomes; os atribuíam às grandes figuras do passado, como se ao agir desse modo pudessem conferir-lhes uma autoridade que eles mesmos jamais chegariam a possuir. Tal como Jüilicher afirmou: "a apocalíptica é uma profecia senil".

O aparato de nosso Apocalipse

Segundo já o temos dito, a literatura apocalíptica responde a um esquema fixo; pretende descrever as coisas que sucederão nos últimos tempos deste mundo, e as bênçãos que serão derramadas por Deus, depois; as mesmas imagens aparecem repetidas em todos os livros deste gênero. São elaborados, por assim dizer, com o mesmo estoque de materiais; e estes materiais também aparecem em nosso livro do Apocalipse. Valeria a tristeza enumerar, de maneira sucinta, os materiais básicos da apocalíptica.

(1) Na literatura apocalíptica o Messias é uma figura divina, preexistente, dotada de poder e glória sem iguais. Está esperando descer ao mundo para iniciar nele seu carreira de conquistador. Existia no céu antes da criação do mundo, antes que fossem feitos o Sol e as estrelas, e está "em reserva", na presença do Onipotente (Enoque 48:3-6; 62:7; 4

Esdras 13:25-26). Virá para destronar os poderosos, a todos os reis da Terra, e para quebrar os dentes dos pecadores (Enoque 42:2 6; 43:2-9; 62:5-9; 69:26-29). Na apocalíptica não há nada de humano ou tenro .no Messias; é uma figura divina imbuída na ira divina e dotada do poder da vingança de Deus, perante cujo juízo e glória toda a Terra treme, cheia de terror.

(2) A vinda do Messias seria precedida pelo retorno de Elias, quem prepararia o caminho para Ele (Malaquias 4:5-6). Elias se poria sobre as colinas de Israel — diziam os rabinos —: e anunciaria a vinda do Messias com uma voz tão poderosa que ressoaria de um extremo ao outro da Terra.

(3) Os últimos tempos, terríveis pelos episódios que aconteceriam neles, denominavam-se "os trabalhos do Messias". A vinda do Messias seria como uma agonia de parto. Nos Evangelhos ficam em boca de Jesus palavras que antecipam os sinais do fim. "E tudo isto será o princípio de dores" (Mateus 24:8; Marcos 13:8). A palavra que se traduz dores, *ódinai*, significa literalmente "dores de parto".

(4) Os últimos dias serão uma época de terror. Até os poderosos chorarão com amargura (Sofonias 1:14); os habitantes da Terra tremerão (Joel 2:1); os homens se encherão de medo, buscarão algum lugar para esconder-se e não o encontrarão (Enoque 102, 1, 3).

(5) Os últimos dias serão uma época quando o mundo inteiro será transtrocado; será um período de comoções cósmicas, durante as quais desaparecerá o mundo tal como os homens o conhecem. Se extinguirão as estrelas; o Sol se obscurecerá e a Lua se tingirá de sangue (Isaías 13:10, Joel 2:30-31; 3:15). O firmamento se quebrará e cairá em ruínas; haverá uma catarata de fogo calcinante, toda a criação se converterá numa massa fundida e incandescente (Oráculos Sibilinos 3:83-89). As estações se desordenarão e não haverá nem noite nem amanhecer (Oráculos Sibilinos 3:796-806). A Terra será rota em pedacinhos, toda a ordem de coisas existentes será destruída.

(6) Os últimos tempos verão, também, a destruição das relações humanas. O ódio e a inimizade reinarão na Terra. A mão de cada homem se elevará contra seu irmão (Zacarias 14:13). Os irmãos, filhos da mesma mãe, se matarão entre si; os pais assassinarão a seus filhos; desde a saída do Sol até o crepúsculo os homens se estarão matando (Enoque 100:1-2). A honra será voltada em vergonha, a força em humilhação e a beleza em fealdade. O homem humilde se fará invejoso; a paixão se apoderará do mais controlado e pacífico (2 Baruque 48:31-37). A Terra será comovida; até as relações humanas mais íntimas serão transtornadas; não reinará outra lei senão o caos.

(7) Os últimos dias serão dias de juízo. Deus virá como o fogo que funde e refina os metais, e quem poderá suportar o dia de sua vinda? (Malaquias 3:1-3). Deus contenderá com os homens a fogo e espada (Isaías 66:15-16). O Filho do Homem destruirá os pecadores que haja na Terra (Enoque 69:27), e o aroma do enxofre invadirá todo lugar (Oráculos Sibilinos 3:58-61). Os pecadores serão queimados como o fora Sodoma há muito tempo (Jubileus 36:10-11). Nos últimos dias a ira destruidora de Deus se passeará pela Terra.

(8) Em todas estas visões os gentios têm seu lugar, mas nem sempre é o mesmo.

(a) Às vezes a visão é que os gentios serão totalmente destruídos. Babilônia será destruída e assolada até o ponto que não haverá lugar sequer para que o árabe nômade levante seu tenda, nem para que o pastor pastoreie suas ovelhas: não ficará mais que um deserto habitado por bestas selvagens (Isaías 13:19-22). Deus esmagará aos gentios em sua irritação (Isaías 63:6). Os gentios serão gastos carregados de cadeias a Israel (Isaías 45:14).

(b) Às vezes se descreve uma última confabulação de todos os gentios contra Jerusalém, e uma batalha final, em que seriam destruídos (Ezequiel 38:14—39:16; Zacarias 14:1-11). Os reis das nações se precipitarão contra Jerusalém, pretenderão saquear o Santuário do Santo de Israel, colocarão seus tronos num círculo em torno da Cidade Santa, e

cada um arrastará consigo a seus povos infiéis; mas tudo isto não terminará mas em sua destruição total e definitiva (Oráculos Sibilinos 3:663-672).

(c) Às vezes encontra-se a imagem da conversão dos gentios graças à luz de Israel. Deus deu a Israel como luz aos gentios, para que seja a salvação que oferece Deus até aos mais remotos limites da Terra (Isaías 49:6). As ilhas esperam em Deus (Isaías 51:5); os extremos da Terra são convidados a olhar a Deus e receber a salvação (Isaías 45:20-22). O Filho do Homem será luz para os gentios (Enoque 48:4-5). As nações virão dos limites da Terra para contemplar a glória de Deus em Jerusalém (Salmos de Salomão 17:34). De todas as imagens que se relacionam com os gentios, a mais comum é a que pinta sua destruição e a correspondente exaltação de Israel.

(9) Nos últimos dias os judeus que foram esparramados por toda a Terra voltarão a reunir-se em Jerusalém. Virão desde Assíria e Egito e adorarão a Deus em seu Santo Monte (Isaías 27:12-13). As montanhas serão arrasadas e os vales nivelados, as árvores serão colocadas de tal maneira que dêem sombra ao peregrino (Baruque 5:5-9). Também retornarão aqueles que tenham morrido no exílio.

(10) Nos últimos dias a Nova Jerusalém, que já está preparada no céu com Deus (4 Esdras 10:44-59; 2 Baruque 4:2-6), descerá entre os homens. Será mais bela que qualquer outra cidade que os homens hajam jamais viram. Seus fundamentos estarão feitos de safiras e as janelas serão de ágata, as portas de diamantes e suas muralhas de pedras preciosas (Isaías 54:12-13; Tobias 13:16-17). A glória da última morada será maior que a glória da primeira (Ageu 2:7-9).

(11) Parte essencial da descrição dos últimos dias é a ressurreição dos mortos. "Muitos dos que dormem despertarão dentre os mortos, alguns para a vida eterna, alguns para a vergonha e o eterno desprezo" (Daniel 12:2-3). O Sheol e as tumbas devolverão os que lhes foram confiados (Enoque 51:1). Os alcances desta ressurreição final dos mortos variam segundo as diversas concepções. Às vezes aplica-se somente aos

justos de Israel; às vezes a todo Israel; às vezes a todos os homens. Seja qual for a forma que assumir esta esperança, pode dizer-se que pela primeira vez na tradição judia surge com força a crença numa vida após a morte.

(12) Também havia diferencia quanto à duração do Reino Messiânico. O mais natural é que fosse concebido como eterno e, por certo, a opinião mais freqüente é que não teria fim. O reino dos santos é um reino sem fim (Daniel 7:27). Alguns criam que o Reino do Messias duraria 400 anos. Chegavam a esta cifra comparando Gênesis 15:13 e Salmo 90:15. Na passagem de Gênesis diz a Abraão que a aflição de seus filhos durará quatrocentos anos; o salmo pede a Deus que alegre a seu povo tantos anos como fora aflito. No Apocalipse se sustenta que o reino dos santos terá uma duração por mil anos; depois será travada a batalha final contra todas as forças do mal reunidas; e depois começará a idade de ouro de Deus.

Tais, então, eram os acontecimentos que o apocalipticismo esperava, anunciava e se imaginava para os últimos dias; pode ver-se que quase todos eles encontram seu lugar no Apocalipse de nosso Novo Testamento. Para completar esta descrição resumiremos, sob o próximo título, as bênçãos que se esperavam para a era por vir.

As bênçãos da era por vir

(1) O reino dividido voltaria a unir-se. A casa do Judá voltaria a caminhar junto com a casa de Israel (Jeremias 3:18: Isaías 11:13; Oséias 1:11). As antigas divisões seriam sagradas e o povo de Deus recuperaria sua unidade.

(2) O mundo inteiro adquiriria uma fantástica fertilidade. Os desertos se converteriam em campos cultiváveis (Isaías 32:15), seria como o Jardim do Éden (Isaías 51:3); o deserto se alegrará e florescerá como a roseira (Isaías 35:1). A terra dará frutos multiplicados por dez

mil; cada videira lançará mil ramos férteis, em cada ramo crescerão mil cachos e cada cacho dará 200 litros de vinho (2 Baruque 29:5-8). Haverá tanta abundância de bens como a Terra jamais tenha conhecido e os famintos se alegrarão.

(3) Uma das partes do sonho de um novo mundo era que cessariam todas as guerras. As espadas seriam fundidas para fazer arados e as lanças se converteriam em cave (Isaías 2:4). A paz dos filhos de Deus seria grande (Isaías 54:13). Não haveria mais espadas nem preparativos de guerra. Todos os homens obedeceriam a uma mesma lei e viveriam em paz em toda a Terra. Os reis seriam amigos entre si (Oráculos Sibilinos 3:751-760).

(4) Uma das idéias mais belas com relação à nova idade era que desapareceria a inimizade entre os homens e os animais e entre os animais selvagens e os domésticos. O leopardo e o cordeiro, a vaca e o urso, o leão e o bezerro brincariam e pastariam conjuntamente (Isaías 11:6-9; 62:25). Se consertará um novo pacto entre o homem e as bestas do campo (Oséias 2:18). O menino poderá brincar no lugar onde os répteis venenosos têm suas tocas (Isaías 11:6-9; 2 Baruque 73:6). Em toda a natureza, entre o homem e o homem, entre o homem e o animal e entre a besta e a besta, reinará a amizade universal, nenhum quererá danificar ao outro.

(5) A idade vindoura trará o fim da fadiga, da tristeza e da dor. O povo não se lamentará mais (Jeremias 31:12); suas cabeças serão cobertas de alegria eterna (Isaías 35:10). Ninguém morreria de maneira violenta ou fora de seu tempo (Isaías 65:20-22); ninguém diria: "Estou doente" (Isaías 33:24); a morte será absorvida na vitória e Deus secará as lágrimas de todos os rostos (Isaías 25:8). Se retirará a enfermidade; cessarão a ansiedade, a angústia e a lamentação; o parto será sem dor; o agricultor não se fatigará, nem se sentirá sem energias o construtor (2 Baruque 73:2—74:4). A idade vindoura será uma em que — conforme dizia Virgilio — as "lágrimas das coisas" desaparecerão para sempre.

(6) A idade futura será uma era de justiça. Haverá uma justiça e uma santidade perfeita entre todos os homens. A humanidade será boa, viverá no temor do Senhor e nos dias de sua misericórdia (Salmos de Salomão 17:28-49; 18:9-10).

O Apocalipse também usa todas estas imagens e símbolos. Talvez seja difícil e às vezes ininteligível para nós; mas em termos gerais usou uma linguagem e um repertório de imagens que eram bem conhecidos por seu público original.

O autor do Apocalipse

Agora devemos prosseguir tentando ver o que podemos saber sobre o autor do Apocalipse.

(1) O Apocalipse foi escrito por alguém que se chamava João. Começa o livro dizendo que Deus enviou a seu servo João as visões que ele vai relatar (1:1). E quando se inicia a parte central do livro diz que é João quem dirige as cartas a sete Igrejas de Ásia (1:4). Refere-se a si mesmo como João, o irmão e companheiro de tribulações de seus destinatários e leitores (1:9). "Eu, João", diz, "vi e ouvi estas coisas." (22:8).

(2) Este João era um cristão que vivia na Ásia Menor na mesma região das sete Igrejas às quais escreve cartas; e diz que ele também participa nas tribulações pelas que estão atravessando os crentes (1:9). Não está escrevendo de longe, está submerso na mesma situação que sofrem seus leitores.

(3) Podemos afirmar com bastante segurança que era um judeu palestinense que tinha emigrado à Ásia Menor já adulto. Isto o deduzimos pelo estilo classe de grego que usa para escrever. É poderoso, vivido, carregado de imagens, mas do ponto de vista da correção gramatical e da sintaxe é o pior grego de todo o Novo Testamento. Alguns dos enganos que comete seriam imperdoáveis num aluno de primário grego. É evidente que o grego não era sua língua materna;

muito muitas vezes resulta evidente que está escrevendo em grego mas pensa em hebreu. Também é evidente que conhecia a fundo o Antigo Testamento. Cita o Antigo Testamento ou alude a ele 245 vezes. Estas citações e referências provêm de pelo menos 20 dos livros do Antigo Testamento, entre os quais os mais usados são Isaías, Daniel, Ezequiel, Salmos, Êxodo, Jeremias e Zacarias. Não somente conhecia o Antigo Testamento mas também tinha lido os escritos apocalípticos judeus, que se tinham escrito entre o Antigo e o Novo Testamento.

(4) Afirma que é um profeta e é sobre este título que apóia seu direito a falar e sua autoridade. A ordem que recebeu diretamente do Cristo ressuscitado foi profetizar (10:11). É através do espírito da profecia que Jesus dá seu testemunho à Igreja (19:10). Deus é o Deus dos santos profetas e envia a seu anjo à Terra para mostrar a seus servos o que vai acontecer no mundo (22:6). O anjo lhe fala de seus irmãos, os profetas (22:9). Seu livro é caracteristicamente profético (22:7,10,18,19).

É em seu caráter de profeta que radica a autoridade de João. Não se chama apóstolo, como faz Paulo quando deseja sublinhar sua autoridade e seu direito a falar. João, o autor do Apocalipse, não possui uma dignidade eclesiástica nem exerce "posto" algum na estrutura da Igreja. Escreve o que vê; e visto que o que vê e ouça vem de Deus, sua palavra é fiel e verdadeira (1:11,19).

Quando João escreveu seu livro os profetas ocupavam uma posição muito especial na Igreja. João escreveu, como veremos mais adiante, em torno do ano 90. Nessa época a Igreja tinha duas aulas de ministérios. Estavam os ministros locais, que atendiam permanentemente uma congregação e Igreja. O ministério local consistia de anciãos, diáconos e mestres. E havia um ministério itinerante, cuja esfera de atividade não estava confinada a uma Igreja ou congregação focal mas sim era a Igreja inteira. Entre estes últimos estavam os apóstolos, que eram reconhecidos por todas as Igrejas e cujos escritos circulavam entre todas as Igrejas; e estavam também os profetas, que eram pregadores itinerantes, homens que tinham abandonado tudo para ouvir a Deus e falar em seu nome. Os

profetas desfrutavam de muito respeito; questionar as palavras de um verdadeiro profeta era pecar contra o Espírito Santo, conforme lemos na *Didachê* (11:7). Neste mesmo livro estabelece-se a ordem de culto aceito para os serviços públicos da Igreja, mas esclarece que "se deixará que os profetas celebrem a Eucaristia da maneira que melhor lhes pareça" (10:7). Os profetas eram considerados como varões de Deus de um modo especial, e João era um profeta.

(5) Era pouco provável que fosse apóstolo. Não teria acentuado tanto sua autoridade profética se tivesse sido apóstolo. Por outro lado, fala dos apóstolos como se não fosse um deles, como se os olhasse de uma certa distância, respeitando-os por terem sido os fundadores e fundamento da Igreja. Fala dos doze alicerces dos muros da Cidade Santa e diz: "E sobre eles os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro" (21:14), Dificilmente teria escrito isto, sendo ele um desses doze. Aparentemente ele conta-se entre os que olham aos apóstolos como personagens do passado.

Tudo isto se confirma quando nos fixamos no título do livro. Em alguns dos manuscritos antigos se lê: "A revelação de João o Divino". A palavra "divino" aqui significa Teólogo. Este título, aparentemente, distinguiria a João, o autor deste livro, de João o apóstolo..

No ano 250, Dionísio, um erudito que encabeçava a escola teológica cristã de Alexandria, percebeu que era bastante impossível que a mesma pessoa tivesse escrito o Evangelho de João e o Apocalipse, pela simples razão que o idioma dos dois livros é distinto. O grego do evangelho é simples mas correto; o do Apocalipse é rude, enérgico e vívido, mas notoriamente incorreto. Por outro lado, é evidente que o autor do Evangelho evita mencionar seu nome, e não assim o autor do Apocalipse, que em vários lugares diz quem é aquele que escreve. Por outro lado, as idéias que preponderam nos dois livros são diversas. As grandes idéias do Quarto Evangelho são luz, vida, verdade e graça, que não dominam, evidentemente, o pensamento do autor do Apocalipse. Ao mesmo tempo, entretanto, há suficientes semelhanças para nos levar a

pensar que tanto o Evangelho como o Apocalipse provêm da mesma região ou a mesma escola, e refletem o mesmo mundo de idéias. Ambos os livros foram escritos em Éfeso, mesmo quando resulta evidente que não são obras de um mesmo autor, pode sustentar-se que de algum modo estão relacionados entre si.

As datas do Apocalipse

Possuímos duas fontes que nos permitem estabelecer a data do Apocalipse.

(1) Está o relato sobre a forma em que se escreveu o livro segundo a tradição. Vitorino, que escreveu pelo fim do terceiro século, afirma, em seu Comentário sobre o Apocalipse:

"João, quando viu estas coisas, estava na ilha do Patmos, condenado a trabalhar nas minas pelo imperador Domiciano. Ali, portanto, viu a revelação... Ao morrer Domiciano e ao revisar o Senado seus atos de governo, por causa de sua excessiva crueldade, João retornou a Éfeso, quando era imperador Nerva." Eusébio diz: "O apóstolo e evangelista João relatou estas coisas às Igrejas, uma vez que teve retornado de seu ostracismo na ilha do Patmos, depois da morte do Domiciano." A partir desta evidência não nos equivocaremos se datarmos o livro ao redor do ano 95 de nossa era.

(2) A segunda linha de evidência é a que nos proporcionam os materiais que estão contidos no mesmo livro. No Apocalipse nos encontramos com toda uma nova atitude para com Roma e o império Romano. Nos Atos dos Apóstolos o tribunal do magistrado romano era em geral o lugar mais seguro para o missionário cristão em apuros, fora para livrar-se do ódio dos judeus ou das iras das multidões avivadas. Paulo estava orgulhoso de ser cidadão romano, e em mais de uma oportunidade reclamou o gozo dos direitos que lhe cabiam em tal condição. Veja-se Atos 16:36-40, 18:1-17; 19:13-41; 22:30-40; 23:12-31; 25:10-11. Quando Paulo escreve aos romanos os exorta a obedecer

às autoridades constituídas, porque estas tinham sido estabelecidas por Deus (Romanos 13:1-7). A recomendação de Pedro é idêntica: Honrar ao imperador e temer a Deus são um dever cristão (1 Pedro 2:12-17). Ao escrever aos Tessalonicenses é muito provável que Paulo afirme que Roma é o único poder que controla o caos, cuja ameaça pende sobre o mundo (2 Tessalonicenses 2:7). Mas no Apocalipse não encontramos senão um abrasado ódio para com Roma. Roma é Babilônia, a mãe das rameiras, bêbada com o sangue dos santos e os mártires (Apocalipse 17:5-6). João espera com ansiedade a destruição total desta cidade e seu poder.

Qual é a explicação desta forte mudança na atitude? A resposta a encontramos no desenvolvimento do culto ao imperador; este e as perseguições que derivam dele, são o pano de fundo do Apocalipse. Portanto, devemos ver o que era este culto do imperador, como surgiu, que coisas exigia e como afetou a igreja Cristã.

Na época em que se escreveu o Apocalipse o culto ao imperador era a única religião que cobria a totalidade do império romano. Foi por causa da negativa dos cristãos a aceitar suas exigências que se começou a persegui-los e os assassinou em grandes quantidades. A essência deste culto era que o imperador te remem, assim que encarnação do espírito de Roma, era divino. Uma vez por ano todas as pessoas que viviam no Império deviam comparecer perante os magistrados para queimar um pingo de incenso perante o busto do imperador e dizer: "César é o Senhor" (é Deus). Depois de ter feito isto a pessoa podia ir ao templo que quisesse e adorar os deuses de sua preferência, sempre que sua religião não contradissera a decência e os bons costumes. Mas o primeiro era oferecer sua devoção ao imperador como deus. A razão deste culto era muito singela. Roma era um enorme império heterogêneo, que ia de um extremo a outro do mundo. Continha muitas línguas, raças, tradições, nações. O caso era como fazer desta massa diversa algum tipo de unidade. Não há força unificadora tão poderosa como uma religião

comum a todos. Nenhuma das religiões nacionais, nenhum dos deuses locais, teria podido converter-se numa realidade espiritual universal.

Mas era possível que todos adorassem ao imperador. Era a ação ritual comum e a crença comum que podia converter o Império numa unidade. Negar-se a queimar esse pingo de incenso e negar-se a dizer "César é o Senhor" não era um ato de irreligiosidade, mas sim um gesto subversivo de deslealdade política. Se alguém *negava-se* a celebrar uma vez por ano esta cerimônia tão singela, os romanos não o consideravam ateu, mas sim um cidadão desleal e potencialmente rebelde. É por isso que os romanos tratavam com grande severidade os que se negavam a dizer "César é o Senhor". E nenhum cristão teria podido ser persuadido de outorgar esse título, o de "Senhor", a outro senão a Cristo. Para o cristão — e este era o centro e essência de seu credo — Jesus Cristo, e somente Jesus Cristo, era o Senhor.

Mas também devemos ver como se desenvolveu este culto ao imperador, e como tinha chegado a sua cúspide quando se escreveu o Apocalipse.

Deve destacar um fato fundamental. O culto ao imperador não se impunha das mais altas hierarquias do governo imperial. Surgia do próprio povo; pode inclusive dizer-se que surgiu face aos esforços por parte dos primeiros imperadores por evitá-lo, ou pelo menos contê-lo dentro de certos limites. E deve notar-se que entre todos os povos que integravam e! império os judeus eram as únicas coisas que estavam excetuados desta obrigação ritual.

O culto do imperador apareceu como um gesto espontâneo de gratidão a Roma. Os povos das províncias sabiam com muita clareza tudo o que deviam a Roma. A justiça imparcial dos tribunais romanos tinha ocupado o lugar da opressão tirânica e caprichosa. A segurança reinava no lugar da insegurança. Os grandes caminhos romanos sulcavam o mundo; e assim como os caminhos estavam livres de salteadores, os mares tinham sido limpos de piratas. A paz romana era uma das coisas mais importantes que podiam ter sucedido ao mundo

antigo. Tal como o afirmava Virgilio, Roma sentia que seu destino era "livrar o caído e humilhar o exaltado". A vida estava rodeada de uma segurança e ordem que a humanidade nunca tinha conhecido.

E. J. Goddspeed escreveu: "Isto era a paz romana. O provinciano, submetido à autoridade de Roma, encontrava-se numa situação tal que podia fazer seus negócios, prover às necessidades de sua família, escrever cartas e fazer suas viagens com segurança, graças à mão forte que o governava."

O culto ao imperador não começou com a divinização de César. Começou com a divinização de Roma. O espírito do Império foi divinizado sob o nome e a figura da deusa Roma; Roma era a personificação de Roma. Representava o poder benévolo do Império. O primeiro templo dedicado a Roma se erigiu em Esmirna no ano 195 a.C. Não custou muito dar o passo seguinte e pensar que o espírito de Roma se encarnava na pessoa de um homem, o imperador. O imperador encarnava e personificava a Roma. A adoração do imperador começou com Júlio César, depois de sua morte. O ano 29 a.C. o imperador Augusto concedeu sua autorização às províncias de Ásia e Bitínia para que nas cidades de Éfeso e Nicéia se erigissem templos consagrados à adoração conjunta de Roma e Júlio César. Mas então deu-se um passo mais. Respondendo a pedidos, Augusto deu permissão para que em Pérgamo (Ásia Menor) e Nicomédia (Bitínia) se levantassem templos dedicados a Roma e a ele mesmo. Em princípio, então, a adoração do imperador reinante se considerou como uma concessão feita a súditos não romanos do império, que não eram cidadãos romanos plenos.

Logo se produziram os desenvolvimentos inevitáveis. É muito humano adorar a um deus que pode ver-se e tocar-se antes que a um espírito abstrato. Pouco a pouco os súditos do império e os próprios cidadãos romanos começaram a adorar mais ao imperador reinante que ao espírito de Roma. Era necessário obter uma autorização especial do Senado romano para poder levantar um templo em honra do imperador reinante, mas para com mediados do primeiro século essa autorização era

cada vez mais um trâmite *pró forma*. Pouco a pouco, deste modo, a adoração do imperador se foi convertendo na religião comum de todos os romanos. E começou a haver um sacerdócio dedicado a este culto; os centros do culto ao imperador organizaram presbitérios, cujos integrantes eram pessoas de grande prestígio.

Deve destacar-se, como já o temos feito, que este culto nunca pretendeu ser exclusivo. Não se propunha apagar as outras religiões. Roma era tolerante. Qualquer podia adorar a seus próprios deuses e ao Imperador. Mas a adoração de César se converteu numa comprovação de lealdade política. Chegou a ser, deste modo, o laço que unia a todos os súditos leais do Império; converteu-se, por assim dizê-lo, no reconhecimento da autoridade de César sobre o corpo e a alma de todos os homens que habitavam seu império.

Este é o pano de fundo do Apocalipse. Em todo o Império os súditos de Roma deviam chamar Senhor e Deus a Domiciano. A alternativa era morrer. Não havia escapatória possível.

O que podiam fazer os cristãos? Que esperança tinham? Não havia entre eles muitos que fossem sábios ou poderosos. Contra eles se levantou o poderio de Roma, que nenhum povo ou nação tinha podido resistir. Enfrentava-os uma opção absoluta: César ou Cristo. *O Apocalipse foi escrito para nutrir a fé dos cristãos nessa situação*. Numa época de terror crescente João não fechou os olhos. Via coisas temíveis, mas antecipava coisas ainda mais temíveis. Mas por atrás de todos esses horrores via a bem-aventurança daqueles que resistissem a César por amor a Cristo. O Apocalipse nos vem de uma das épocas mais heróicas na história da Igreja. É certo que Nerva, o sucessor do Domiciano (96-98), revisou as leis repressivas e as campanhas de perseguição de seu antecessor. Mas o dano já tinha sido feito; os cristãos eram uma comunidade fora da lei. E o Apocalipse é o clarim que chama os crentes a serem fiéis até a morte a fim de ganhar a coroa da vida.

Um livro que vale a pena estudar

Ninguém pode fechar os olhos diante das dificuldades com que nos enfrenta o Apocalipse. É o livro mais difícil da Bíblia. Mas vale a pena estudá-lo, porque contém a fé ardente da Igreja Cristã naqueles dias quando sua vida era uma agonia, quando os homens esperavam o fim dos céus e da Terra que conheciam, e quando criam que para além do terror os esperava a glória e que por cima dos homens montados em cólera agia o poder de um Deus onipotente.

Apocalipse 1

A revelação de Deus aos homens - 1:1-3
Os meios da revelação divina - 1:1-3 (cont.)
Servos de Deus - 1:1-3 (cont.)
Os bem-aventurados de Deus - 1:1-3 (cont.)
A mensagem e seu destinatário - 1:4-6
As bênçãos e sua fonte - 1:4-6 (cont.)
O sétuplo espírito - 1:4-6 (cont.)
Os títulos de Jesus - 1:4-6 (cont.)
O que Jesus fez pelos homens? - 1:4-6 (cont.)
A glória vindoura - 1:7
O Deus em quem confiamos - 1:8
A caminho do reino por um caminho de espinhos - 1:9
A ilha-prisão - 1:9 (cont.)
Em Espírito no dia do Senhor - 1:10-11
O Mensageiro divino - 1:12-13
O retrato do Cristo ressuscitado - 1:14-19
Os títulos do Cristo ressuscitado (1) - 1:14-19
Os títulos do Cristo ressuscitado (2) - 1:14-19 (cont.)
As igrejas e seus anjos - 1:20

A REVELAÇÃO DE DEUS AOS HOMENS

Apocalipse 1:1-3

Este livro cujo estudo começamos agora está encabeçado pelas palavras “Revelação de Jesus Cristo”. O significado desta frase não é a revelação *a respeito de* Jesus Cristo, mas sim a revelação que Jesus Cristo dá. A palavra grega que se traduz por *revelação* é *apokalupsis*, de onde provém nossa expressão "apocalipse". Revisaremos a história desta palavra.

(1) A palavra "apocalipse" está composta de duas partes. *Apo* significa "de dentro para fora," *e kalupsis* cobertura ou véu. *Apokalupsis*, portanto, significa revelar, descobrir ou tirar o véu que oculta algo para que se possa ver. No princípio não era uma palavra de particular significado religioso; significava simplesmente o descobrimento ou revelação de algo que tinha permanecido oculto.

Encontramos em Plutarco (*Como distinguir um adulador de um amigo*, 32) um exemplo interessante. Plutarco conta como Pitágoras desafiou com severidade a um amigo dele, diante de outros homens, e este amigo foi e se enforcou. "A partir desse momento Pitágoras nunca voltou a desafiar a ninguém enquanto havia terceiros presentes. Porque o terror deve ser tratado como uma enfermidade que causa vergonha, e toda admoestação ou revelação (*apokalupsis*) deve ser comunicada em segredo." *Apokalupsis*, portanto, significava revelar no sentido de "desentupir", "pôr de manifesto", "descobrir". Mas esta palavra chegaria a ter um significado especial para os cristãos.

(2) Usava-se para designar a revelação da vontade de Deus para nós, segundo a qual temos que guiar nossas ações. Paulo diz que foi para Jerusalém por *apokalupsis*. Foi porque Deus lhe tinha manifestado que isso era o que Ele queria que fizesse (Gálatas 2:2).

(3) Usa-se para referir-se à revelação da verdade de Deus aos homens. Paulo recebeu seu evangelho não dos homens mas por *apokalupsis* (revelação), diretamente de Jesus Cristo (Gálatas 1:12). Na

assembléia dos crentes a mensagem do pregador é *apokalupsis*, revelação (I Coríntios 14:6).

(4) Significa a revelação por parte de Deus aos homens de seus mistérios mais íntimos, especialmente a revelação de que veio aos homens na pessoa de Jesus Cristo (Romanos 16:25; Efésios 3:3). A vinda de Jesus Cristo ao mundo é o descobrimento de um Deus cuja majestade o manteve oculto aos olhos humanos desde o princípio do mundo.

(5) Usa-se especialmente para referir-se à revelação do poder e a santidade de Deus, que hão que manifestar-se nos últimos dias, ao concluir todas as coisas e ao produzir a Segunda Vinda de Cristo. Esta será uma revelação de juízo (Romanos 2:5); mas para o cristão que conhece e aceitou os méritos de Jesus Cristo será uma revelação de louvor e glória (1 Pedro 1:7); de graça (1 Pedro 1:13); de alegria (1 Pedro 4:13).

Antes de prosseguir com os significados mais técnicos da palavra apocalipse, devemos assinalar duas coisas:

(1) Esta revelação, este desvelamento, esta comunicação de conhecimentos, está relacionado de maneira especial com a obra do Espírito Santo, que é o Espírito da Revelação (Efésios 1:17).

(2) A totalidade da vida cristã, em todos os seus aspectos, está iluminada pela revelação de Deus. Deus nos revela o que devemos fazer e o que devemos dizer; em Jesus Cristo Deus se revela a nós, porque aqueles que viram Jesus viram o Pai (João 14:9); a vida avança em direção da grande consumação e revelação final, na qual se manifestará o juízo sobre aqueles que não se submeteram a Deus, e a graça e a glória dos que estão em Jesus Cristo. A revelação não é uma idéia teológica ou técnica; é o que Deus oferece a todos os que estão dispostos a ouvir sua voz.

Agora estudaremos o significado técnico da palavra *apokalupsis*, porque este se relaciona de maneira direta com o livro que nos interessa agora.

Os judeus tinham deixado de esperar que seriam reivindicados como povo eleito de Deus por meios humanos. Agora esperavam nada menos que uma intervenção direta de Deus na história a favor de sua causa. A tal fim dividiam a história humana em duas idades. Havia a era presente, totalmente má e entregue ao demônio; e havia a era vindoura, na qual haveria um novo céu e uma nova Terra e que seria a era de Deus. Entre ambas sobreviria uma época de terrível prova e tribulação, durante a qual este mundo se desintegraria e seria destruído, e se produziria o juízo final. Entre o Antigo e o Novo Testamento os judeus escreveram muitos livros nos quais se descreviam os terrores desde os tempos anteriores ao final e visões das bem-aventuranças do mundo vindouro. Estes livros se chamavam apocalipse; este era o nome técnico para designa-los. Ainda possuímos muitos desses livros — Os Oráculos Sibilinos, O Livro de Enoque, Os Testamentos dos Doze Patriarcas, O Apocalipse de Baruque, O Quarto Esdras. Esta é, exatamente, a classe de livro que temos no Apocalipse. Não é um livro isolado, ainda que não encontramos outro parecido com ele no Novo Testamento. Pertence a um tipo de literatura que floresceu no período intertestamentário. Todos estes livros são terminantes e ininteligíveis, porque são visões de uma época na qual ninguém sabia com exatidão que coisas podiam chegar a suceder, e procuravam, portanto, descrever o indescritível, pondo suas imagens em palavras em que pese que tais imagens se localizavam além das palavras. Um apocalipse era uma visão do terrível fim deste mundo e do glorioso começo de um mundo novo. No mundo antigo circulavam muitos livros deste tipo; o nosso é um deles; o tema que trata é a principal razão das dificuldades que temos para compreendê-lo.

OS MEIOS DA REVELAÇÃO DIVINA

Apocalipse 1:1-3 (continuação)

(1) A revelação começa em Deus. Deus é o fundamento e a fonte de toda verdade. Toda verdade que os homens descobrem é ao mesmo

tempo duas coisas diferentes: uma descoberta da mente humana e um dom de Deus.

Os homens nunca criam a verdade, recebem-na sempre de Deus. Também devemos lembrar que a recepção da verdade que provém de Deus nos chega de duas maneiras. Vem-nos quando a buscamos com diligência. Deus nos fez inteligentes, e é com freqüência através de nossa inteligência que Deus nos fala. Por certo, Deus não outorga sua verdade ao homem que é ocioso para pensar. E também recebemos a verdade de Deus quando nossa atitude é de reverente expectativa. Deus envia sua verdade não somente ao que pensa com diligência mas também ao que espera a verdade em atitude de oração e devotamente. Deve lembrar-se que a oração e a devoção não são atitudes passivas. São um modo dedicado, intenso, concentrado de ouvir a voz de Deus.

(2) Deus dá esta revelação a Jesus Cristo. A Bíblia nunca nos permite esquecer a majestosa solidão de Deus, e nunca converte a Jesus numa espécie de segundo Deus; insistentemente sublinha a dependência de Jesus com relação a Deus. “Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar” (João 12:49, veja-se também 7:16 e 8:28). O que Jesus traz para os homens é a verdade de Deus; e é precisamente por isso que os ensinos de Jesus são únicos e definitivos, porque se baseiam no próprio ser de Deus.

(3) Jesus, tal como afirma o autor de Apocalipse (1:1), enviou a verdade que desejava revelar aos homens através de seu anjo, e este a manifestou a João. Ao afirmar isto o autor do Apocalipse reflete plenamente as pautas culturais de sua época. Naquele momento da história os homens eram muito conscientes do que sucedeu para chamar a transcendência de Deus. Quer dizer, o que mais lhes impressionava era a diferença entre Deus e os homens, a distância que separa Deus de suas criaturas. Acentuavam a tal ponto esta diferença que chegaram a crer impossível qualquer comunicação direta entre Deus e os homens; sempre devia haver algum intermediário. No Antigo Testamento Moisés recebeu

as tábuas da Lei diretamente das mãos de Deus. Não houve questão de intermediário algum (Êxodo 19 e 20). Mas duas vezes no Novo Testamento lemos que a Lei foi entregue a Moisés por anjos (Atos 7:53, Gálatas 3:19). Quando pensamos a respeito da época quando se escreveu o Novo Testamento devemos pensar num período quando os homens tinham uma consciência tão aguda da distância que os separava de Deus que criam imprescindível a existência de instâncias intermédias entre eles e Deus para efeito de qualquer tipo de comunicação, em ambas as direções. É por esta razão que aqui aparece um anjo.

(4) Por último, a revelação é confiada a João. Uma das coisas mais consoladoras é pensar no papel que cabe aos homens desempenhar na transmissão da revelação que provém de Deus. Deus deve encontrar um homem a quem pode confiar sua verdade, um homem em cuja mente possa derramar os conceitos de sua mente, a quem pode usar como seu porta-voz frente a todos outros homens.

(5) Tomemos nota do conteúdo da revelação que veio a João. Era uma revelação sobre “as coisas que em breve devem acontecer” (1:1). Há duas palavras importantes aqui. A primeira é “devem”. A história não está entregue ao acaso. Na vida e no mundo há um propósito; e este propósito se realiza de maneira necessária. A segunda palavra é “em breve”. Aqui temos prova de que é um erro usar o Apocalipse como uma espécie de agenda ou calendário celestial das coisas que hão de suceder daqui a mil anos. Tal como João o entendia, as coisas de que vai falar nos falar são as que se desenvolverão de maneira imediata. Toda interpretação do Apocalipse, portanto, deve ser feita sobre o pano de fundo da história daquela época.

SERVOS DE DEUS

Apocalipse 1:1-3 (continuação)

Nesta passagem a palavra "servo" aparece duas vezes. A revelação que Deus faz aos homens é enviada a seus *servos*, através de seu *servo*

João. Em grego a palavra é *doulos,* cuja tradução literal é "escravo". O verdadeiro servo de Deus é, em realidade, seu escravo. Um servente pode deixar a seu empregador quando quer, trabalha segundo um certo horário e há partes do dia quando é livre, trabalha por um pagamento ou salário, possui uma vontade própria e pode pensar por conta própria; o servente pode regatear quando, como e em troca do que tem para oferecer seus serviços. O escravo não pode fazer nenhuma destas coisas; o escravo é possessão absoluta de seu amo e não tem tempo ou vontade que possa chamar seus próprios. As palavras antigas falam do caráter absoluto de nosso chamado a servir a Deus, visto que nos convocam a render-lhe toda nossa vida.

É de sumo interesse ver a quem se aplica esta palavra na Bíblia:

Abraão é servo de Deus (Gênesis 26:24; Salmo 105:42). Moisés recebe este título mais vezes que nenhum outro personagem na Bíblia (Êxodo 14:31; Números 12:7; Deuteronômio 34:5; Josué 1:1, 2, 7, 13, 15; 8:31; 11:12; 1 Crônicas 6:49; 2 Crônicas 24:6; Neemias 1:7; 10:19; Salmo 105:26; 132:10; 144:10; Daniel 9:11). Jacó é servo de Deus (Isaías 44:1, 2; 45:4; Ezequiel 37:25). Calebe e Josué são servos de Deus (Números 14:24; Josué 24:9; Juízes 2:8). Davi ocupa o segundo lugar, com relação a Moisés, entre os servos de Deus (1 Reis 8:66; 11:36; 2 Reis 19:34; 20:6; 1 Crônicas 17:4; títulos dos salmos 18 e 36; Salmo 89:3; Ezequiel 34:24). Elias é servo de Deus (2 Reis 9:36, 10:10). Jó é servo de Deus (Jó 1:8; 42:7). Os profetas são servos de Deus (2 Reis 21:10; Amós 3:7). Os apóstolos são servos de Deus (Filipenses 1:1; Tito 1:1; Tiago 1:1; Judas 1; Romanos 1:1; 2 Coríntios 4:5). Um homem como Epafras é também servo de Deus (Colossenses 4:12). Todos os cristãos são servos de Deus (Efésios 6:6).

Desta enumeração emergem duas coisas:

(1) Os maiores homens da história consideraram como sua maior honra ter sido servos de Deus. Não havia título mais alto ao que se pudesse aspirar. O lema do príncipe do Gales, que se inscreve debaixo da

crista de três penas de seu escudo é Servo". Ninguém pode ser mais que um servo de Deus.

(2) Devemos notar a amplitude deste serviço. Moisés, o legislador; Abraão, o peregrino aventureiro; Davi, pastor de ovelhas, o mais doce cantor de Israel e o rei de sua nação; Calebe e Josué, soldados e homens de ação; Elias e Isaías, profetas e varões de Deus; Jó, que foi fiel em seu infortúnio; os apóstolos, que transmitiram aos homens a história de Jesus; todos os cristãos, porque todos podem aspirar ao título de servos de Deus.

Não há ninguém que Deus não possa usar, se estiver disposto a submeter-se a seu serviço.

OS BEM-AVENTURADOS DE DEUS

Apocalipse 1:1-3 (continuação)

Esta passagem termina com uma tríplice bênção.

(1) O homem que leia estas palavras será abençoado. O leitor aqui mencionado não é o leitor particular, mas sim aquele que deve encarregar-se de ler este livro em voz alta diante da congregação. A leitura das Escrituras era uma parte essencial de todo culto público judeu (Lucas 4:16; Atos 13:15). Na sinagoga os textos bíblicos eram lidos por sete membros comuns da comunidade, embora se houvesse presente algum sacerdote ou levita, este tinha a prioridade. Na sinagoga era o homem comum quem tinha o dever e o direito de ler em público a Palavra de Deus.

A Igreja Cristã adaptou para seus serviços muitos dos elementos do culto da sinagoga, e a leitura das Escrituras seguiu sendo uma parte fundamental no culto cristão. Justino Mártir é o primeiro a nos oferecer uma descrição de como era o culto cristão primitivo; e este incluía "a leitura das memórias dos apóstolos" (Justino Mártir 1:67). O ofício de leitor chegou a constituir-se numa das ordens especiais da Igreja, junto com as de diácono ou presbítero.

Uma das queixas de Tertuliano com relação a algumas seitas heréticas era a facilidade com que nelas os membros podiam chegar a exercer esse ofício, sem ter recebido uma boa preparação. Escreve: "E sucede que entre eles qualquer um pode ser bispo hoje, enquanto que amanhã será outro; e aquele que foi ordenado diácono talvez no dia seguinte seja feito leitor (Tertuliano, *De prescrições contra hereges*, 41). É possível que a maioria das Igrejas tenham perdido algo valioso ao privar ao leigo do privilégio de fazer as leituras públicas das Escrituras no culto.

O pregador, o mestre e o leitor devem sempre lembrar que um dos maiores privilégios na Igreja é o de dar leitura à Palavra de Deus diante da congregação. Os judeus tinham um dito segundo o qual quem ensina as Escrituras aos homens desfruta de um privilégio comparável ao de Moisés quando recebeu a Lei de mãos dê Deus no Sinai.

(2) É bem-aventurado aquele que ouve estas palavras. Devemos sempre lembrar quão grande é o privilégio de poder ouvir a Palavra de Deus em nosso próprio idioma. E é um privilégio que custou muito caro aos que o adquiriram para nós. Muitos morreram para que pudesse ser assim. Por outro lado, é uma tarefa que ainda continua. Em 1958 a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira estava traduzindo a Bíblia a não menos de 200 línguas. Há ainda muitos idiomas nos quais não se pode ler uma só palavra da Bíblia. Não é um pequeno privilégio o fato de poder ler a Palavra de Deus em nosso próprio idioma.

(3) É bem-aventurado aquele que guarda estas palavras. Ouvi a Palavra de Deus é um privilégio; obedecê-la é um dever. Não há autêntico cristianismo naquele que ouve e esquece, ou naquele que deliberadamente desobedece. Todo privilégio vai acompanhado de uma responsabilidade; e o privilégio de ouvir leva consigo a responsabilidade de escutar, lembrar e obedecer.

E isto é ainda mais verdadeiro porque o tempo que resta é curto. O momento do juízo final — diz João — está próximo (versículo 3). A Igreja Primitiva vivia na expectativa da iminente volta de Jesus Cristo.

Tal expectativa era, como alguém muito bem disse, "o alicerce da esperança nas penúrias e uma constante advertência a manter-se atentos". Independentemente desta atitude, ninguém pode saber quando lhe chegará o momento de sair ao encontro com Deus, e para poder enfrentar essa circunstância crucial com confiança é necessário agregar à audição da Palavra uma atitude obediente e fiel.

Pode destacar-se aqui que há sete "bem-aventuranças" no Apocalipse:

(1) A bem-aventurança que acabamos de estudar. Poderíamos chamá-la a Bem-aventurança do que Lê, Ouve e Obedece a Palavra de Deus.

(2) Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor a partir de agora em diante (1.4:13). Podemos denominá-la a Bem-aventurança no Céu daqueles que foram Amigos de Jesus na Terra.

(3) Bem-aventurado aquele que está vigilante mantém limpas as suas vestes (16:15). Podemos chamá-la a bem-aventurança do Peregrino Atento.

(4) Bem-aventurados os convidados à Festa do Bodas do Cordeiro (19:9). Podemos chamá-la a Bem-aventurança dos Hóspedes Convidados por Deus.

(5) Bem-aventurado e santo aquele que participa da primeira ressurreição (20:6). Podemos chamá-la a Bem-aventurança do Homem que não pode ser tocado pela Morte.

(6) Bem-aventurado aquele que observa os ensinos deste livro (22:7). Podemos denominá-la a Bem-aventurança do Leitor sábio da Palavra de Deus.

(7) Bem-aventurados os que obedecem os seus mandamentos (22:14, New King’s James Version; Revised Webster Bible 1995). Podemos denominá-la a Bem-aventurança daqueles que Ouvem e Obedecem.

Estas são as bênçãos que estão à disposição de cada cristão, em Cristo.

A MENSAGEM E SEU DESTINATÁRIO

Apocalipse 1:4-6

O Apocalipse é uma carta e este é seu cabeçalho. É endereçado às sete Igrejas que estão na Ásia. No Novo Testamento "a Ásia" não é o continente asiático mas sim a província romana da Ásia. Esta região tinha sido possessão de Átalo III quem, ao morrer, legou-a a Roma. Incluía a costa ocidental da Ásia Menor, sobre o mediterrâneo, e as regiões da Frígia, Mísia, Caria e Lísia, no interior. Sua capital era a cidade de Pérgamo.

Dirige-se, então, às sete Igrejas, que no versículo 11 se enumeram: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodicéia. Estas não eram, certamente, as únicas Igrejas que havia na província romana da Ásia. Também sabemos de congregações cristãs em Colossos (Colossenses 1:2) e Hierápolis (Colossenses 4:12); Troas, Magnésio e Tralles são mencionados nas epístolas de Inácio, o bispo de Antioquia. Por que, então, João escolhe estas sete Igrejas, separando-as das demais? Pode haver várias razões.

(1) Estas sete Igrejas talvez fossem os sete centros de distribuição postal da Igreja primitiva na Ásia; todas encontravam-se sobre uma rota circular que percorria o interior da província. Se as cartas chegavam a estas sete Igrejas, a partir delas seriam divulgadas na região ou distrito que encabeçavam. Troas estava fora de todo caminho habitualmente percorrido. Mas Hierápolis e Colossos estavam bem perto de Laodicéia; Tralles, Magnésio e Mileto estavam bem perto de Éfeso. Deve lembrar-se que as cartas, naquela época, escreviam-se e se copiavam à mão. Portanto, só se podiam enviar àqueles lugares de onde tivessem a oportunidade de alcançar o maior número de pessoas.

(2) Ao ler o Apocalipse descobriremos que João tinha preferência pelo número sete. A cifra aparece 54 vezes. Há sete candelabros (1:12), sete estrelas (1:16), sete lâmpadas (4:5), sete selos (5:1), sete trombetas e

sete olhos (5:6), sete trovões (10:3), sete anjos, sete pragas e sete taças (15:6, 7, 8). Os antigos consideravam que o sete era o número perfeito.

Alguns comentaristas primitivos extraíram algumas conclusões muito interessantes. O número sete é o número perfeito parque representa a totalidade; portanto, quando João escreveu às *sete* igrejas, estava em realidade escrevendo à *toda* a Igreja, à sua totalidade. A primeira lista dos livros do Novo Testamento chama-se Cânon Muratório. Faz uma enumeração dos livros do Novo Testamento, com um breve comentário sobre cada um deles. Sobre o Apocalipse diz: "Porque João, em que pese que no Apocalipse escreveu a sete igrejas, em realidade estava escrevendo a toda a Igreja." Isto se torna muito mais verossímil quando lembramos que João diz freqüentemente: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (2:7,11,17,29; 3:6,13,22). João escreveu dirigindo-se a sete Igrejas, mas o caráter simbólico deste número nos autoriza a pensar que sua mensagem em realidade aplica-se a toda a Igreja, e que ainda tem algo para dizer a nós hoje.

(3) Mesmo quando as razões que aduzimos em favor da eleição do número sete podem ser válidas, talvez a razão que moveu a João a escrever a estas sete Igrejas seja muito mais simples. É possível que tenha escolhido estas sete Igrejas porque nelas era respeitado de uma maneira especial, porque nelas tinha autoridade ou influência maior. Eram, de modo particular, *suas* Igrejas, e ao escrever a elas enviou sua mensagem em primeiro lugar aos que o conheciam e o amavam melhor; logo, através deles, a todas as Igrejas e a todas as gerações de cristãos.

AS BÊNÇÃOS E SUA FONTE

Apocalipse 1:4-6 (continuação)

O autor começa enviando a seus leitores a bênção de Deus.

Envia-lhes a *graça*, e "graça" significa todo o esplendor dos imerecidos dons e o maravilhoso amor de Deus para com os homens.

Envia-lhes *paz*. R. C. Charles descreve de maneira maravilhosa a paz como "o restabelecimento da harmonia nas relações entre Deus e os homens". A paz que conhecemos é um resultado da graça que Deus nos deu. Há duas coisas extraordinárias nesta saudação

(1) João envia sua bênção da parte dAquele que era, que é e que há que vir. Este era um título comum para referir-se a Deus. Em Êxodo 3:14 as palavras de Deus a Moisés são: “EU SOU O QUE SOU”. Os rabinos judeus explicavam estas palavras dizendo que Deus quis significar: "Eu sou; ainda continuo sendo e no futuro ainda serei". Os gregos falavam de Zeus, "aquele que foi, é e será". Os adoradores gregos diziam: "Zeus é o primeiro e Zeus é o último; Zeus é a cabeça e Zeus é o meio; é de Zeus que vêm todas as coisas". É esta fórmula a que, em Hebreus, transforma-se em “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje, e para sempre” (Hebreus 13:8, TB).

Mas para perceber a plenitude do significado desta oração devemos estudar o texto grego, porque nele João rompe os limites do idioma e da gramática a fim de manifestar seu reverencia por Deus. Nós traduzimos a primeira frase dizendo que as bênçãos provêm de Deus. Mas isso não é o que diz o grego. A forma normal de um substantivo grego é o nominativo, ou seja quando o substantivo é sujeito de uma oração. Quando o substantivo está sujeito ao regime de uma preposição, muda de caso e também muda de terminação. Há alguns casos exemplos disto em português. *Ele* é o pronome da terceira pessoa singular. *Seu* é o pronome da terceira pessoa singular sob o regime da preposição "de" ("de ele": dele). Quando João diz que as bênçãos provêm *de* "aquele que é", deveria ter posto a frase em caso genitivo (sob o regime da preposição de). Entretanto, fazendo caso omisso da gramática, esta oração a escreve, em caso nominativo. É como se em português disséssemos "A casa dele" e não "A sua casa". Por que João age desse modo? Porque sua reverência para com Deus é tal que se nega a modificar a palavra que o denomina, mesmo quando as regras gramaticais exigem a alteração. João reverencia

a Deus a tal ponto que seu nome não pode sofrer modificações, deve continuar sendo sempre o mesmo.

Mas, tratando-se de Deus, João não se satisfaz em mudar as regras da gramática. Sua segunda afirmação é "dAquele que era". Para dizer isto em grego precisaria usar um particípio. Em grego o verbo "ser" não possui um particípio passado. Em lugar desse particípio utiliza-se *genomenos*, que é o particípio passado do verbo *gignomai*. E *gignomai* não significa somente "ser" mas também "vir a ser". Dizer com relação a Deus que Ele "vem a ser" implica atribuir a Ele uma certa forma de alteração ou mudança. Portanto João cria uma expressão grega nova, que é completamente antigramatical e que nunca foi utilizada antes por nenhum escritor nesse idioma, dizendo que *Deus é o era*, e não, como teria sido correto, *o que era*. Deste modo, também, está afirmada a absoluta imutabilidade de Deus. Tal era a reverência que João experimentava para com Deus que se nega a alterar as letras de seu nome, mesmo quando isto signifique transgredir a gramática, e cria uma nova expressão, igualmente incorreta, para não usar com relação a Deus uma palavra que pode dar a entender que nEle há algo suscetível de mudança. João, nos dias terríveis que lhe coube viver, confiava seu coração à imutabilidade de Deus, e se valeu de uma alteração das leis gramaticais para sublinhar o caráter desafiante de sua fé.

O SÉTUPLO ESPÍRITO

Apocalipse 1:4-6 (continuação)

Qualquer pessoa que leia esta passagem se surpreenderá pela forma de Trindade que encontramos nela. Em geral, falamos da Trindade como o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Aqui, segundo João, temos a Deus o Pai, a Jesus Cristo, que é o Filho, e aos sete Espíritos que estão diante de seu trono.

Qual é a explicação desta estranha formulação e quem são esses sete Espíritos que estão diante do trono de Deus? Os sete Espíritos, por

outro lado, são mencionados várias vezes no Apocalipse (3:1; 4:5; 5:6). Ofereceram-se três explicações importantes.

(1) Os judeus falavam dos "sete anjos da presença", aos quais também se referiam, de maneira muito bela, como "os sete anjos brancos que vêm primeiro" (1 Enoque 90:21). São os que em seu idioma se denominavam arcanjos e que segundo a tradição ocupam um lugar de privilégio na presença de Deus (Tobias 12:15). Seus nomes com freqüência são Uriel, Rafael, Reguel, Miguel, Gabriel, Secael e Jeremiel. Estes anjos tinham a seu cuidado os elementos do mundo — o fogo, o ar e a água — e eram os anjos guardiães das nações. Cada nação estava atribuída a um deles. Eram os servidores mais ilustres e íntimos de Deus. Alguns sugeriram que estes "sete Espíritos" representam os sete arcanjos. Entretanto, é muito difícil que seja deste modo, porque por mais perto que estivessem de Deus os sete arcanjos eram seres criados. E não é da parte deles, mas de Deus somente, que os homens podem receber a bem-aventurança.

(2) A segunda explicação relaciona os "sete Espíritos" com a famosa passagem de Isaías 11:2. Aqui encontramos a promessa “Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do SENHOR”. A passagem, na versão Septuaginta, diz: "Espírito de sabedoria e de entendimento; espírito de conselho e de poder; espírito de conhecimento e de piedade; por cujo Espírito ele viverá no temor de Deus". Esta passagem é a base da grande concepção do sétuplo dom do Espírito Santo. O Espírito, conforme afirma Beatus, é um só, mas sétuplo em suas virtudes. Portanto não é difícil que pensemos no Espírito não como um, mas sim como sete Espíritos, cada um dos quais outorga seu próprio dom aos homens. Portanto, sugere-se que os sete dons do Espírito são a origem desta imagem dos sete espíritos que estão diante do trono de Deus.

(3) A terceira explicação possível estabelece um elo entre os sete Espíritos e as sete Igrejas. Em Hebreus 2:4 lemos que Deus oferece

como dom o Espírito Santo. A palavra que se traduz como "dom" neste caso é *merismos*, cujo significado literal é "participação". Deus ofereceria uma "participação" em seu Espírito a cada homem. A idéia, então, seria que os sete Espíritos representam aqui a participação que Deus deu em seu Espírito a cada uma das sete Igrejas. Significaria que não há comunidade ou assembléia cristã que seja deixada sem a visitação e presença do poder e a luz do Espírito Santo.

OS TÍTULOS DE JESUS

Apocalipse 1:4-6 (continuação)

Nesta passagem se atribuem três grandes títulos a Jesus.

(1) É a Testemunha em quem podemos ter confiança. Uma das idéias favoritas do Quarto Evangelho é que Jesus é a testemunha da verdade e das coisas de Deus. Jesus disse a Nicodemos: “Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto; contudo, não aceitais o nosso testemunho” (João 3:11). E disse a Pilatos: “Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” (João 18:37). Uma testemunha é acima de tudo, uma pessoa que fala a partir de seu conhecimento direto e em primeira mão. É uma pessoa que fala do que seus olhos viram e seus ouvidos ouviram. É por isso que Jesus é a testemunha de Deus. Porque veio de Deus, porque se identificou com a vontade de Deus, está capacitado a falar em primeira mão a respeito de Deus e sua verdade, tal como nenhum outro pode fazê-lo no mundo. Jesus é o único que possui um conhecimento direto de Deus.

(2) Jesus é o primogênito dentre os mortos. A palavra *primogênito* é *prototokos*. Esta palavra grega pode ter dois significados.

(a) Pode significar literalmente "primogênito". Se tiver este sentido a referência é à ressurreição. Jesus obteve uma vitória sobre a morte, na qual podem participar todos os que crêem nEle.

(b) Visto que o primogênito era o filho que herdava os bens, a honra e o poder de seu pai, *prototokos* também significava "aquele que tem honra ou poder" ou "aquele que ocupa o primeiro lugar.". Quando Paulo se refere a Jesus como o primogênito de toda a criação (Colossenses 1:15), quer dizer que Jesus é o Senhor da criação inteira; a Ele pertence o primeiro lugar na honra e glória. Se tomarmos a palavra neste sentido, nossa passagem significa que Jesus é o Senhor dos mortos do mesmo modo como é o Senhor dos vivos. É provavelmente este o significado que devemos interpretar. Nada há neste universo ou em qualquer outro universo possível, entre os vivos ou entre os mortos, sobre o que Jesus Cristo não seja o Senhor. Portanto nada, na vida ou na morte, pode nos separar dEle.

(3) É o Rei dos reis desta Terra. Há duas coisas que devem destacar-se aqui.

(a) Esta é uma citação ou reminiscência do Salmo 89:27: “Fá-lo-ei, por isso, meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra.”. Para os eruditos judeus esta era uma descrição do futuro Messias; portanto, ao qualificar a Jesus de Rei dos reis, está-se afirmando que Ele é o Messias prometido por Deus e tão longamente esperado.

(b) Swete, de maneira muito bela, assinala a relação que há entre este título e a importante história das tentações. Nas tentações Satanás levou Jesus até “a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares” (Mateus 4:8-9; Lucas 4:6-7). O Diabo pretendia que todo o poder dos reinos deste mundo fora dado a ele (Lucas 4:6), e sua oferta a Jesus era dar-lhe uma participação nesse domínio se Ele se prostrasse para adora-lo. O mais maravilhoso é que Jesus obtém o que o Diabo lhe tinha prometido, e nunca teria podido dar-lhe, mediante o sofrimento da Cruz e o poder da Ressurreição. O Cristo ressuscitado é Senhor de todos os reis da Terra em virtude de sua cruz e de ter-se levantado dentre os mortos vitorioso: porque foi quando foi levantado na cruz que atraiu todos os homens a si mesmo (João 12:32). Não é transigindo com o mal,

mas sim mediante o amor e a lealdade inamovíveis, capazes de aceitar até a cruz, que Jesus obtém a titularidade da soberania universal.

O QUE JESUS FEZ PELOS HOMENS?

Apocalipse 1:4-6 (continuação)

Há poucas passagens nas quais se diz com tanto esplendor o que Jesus fez pelos homens.

(1) Amou-nos e nos libertou de nossos pecados pelo preço de seu próprio sangue. É necessário assinalar que a versão Almeida Revista e Corrigida erra quando diz “Àquele que nos ama, e em seu sangue nos *lavou* dos nossos pecados” As palavras "lavar" e "libertar" são muito parecidas em grego. "Lavar" é *louein* e libertar é *luein* e se pronunciam da mesma maneira. É muito fácil confundi-las. Não há dúvida que os manuscritos mais antigos e mais autorizados do Apocalipse dizem "libertar" e não "lavar". Também é defeituosa a tradução de "com seu sangue". Em grego utiliza-se a palavra *em*, que significa o mesmo que em português. Mas *em* é, por sua vez, a tradução do hebraico *b*, que significa "pelo preço de". O que Jesus fez, segundo João, é nos libertar de nossos pecados pelo preço de seu próprio sangue. Isto é exatamente o mesmo que dirá mais adiante quando fala dos que foram redimidos para Deus pelo sangue do Cordeiro (5:9). E é o que afirma Paulo quando diz que fomos redimidos da maldição da Lei (Gálatas 3:13), ou quando falava de redimir os que estavam sob a maldição da Lei (Gálatas 4:5). Em ambos os casos a palavra que se usa significa pagar o preço da liberdade de um escravo para que fique liberto de seu amo.

Esta correção é muito interessante e importante. Significa que as expressões muito comuns daqueles que falam de "ser lavados pelo sangue de Cristo" têm muito pouca base bíblica. A expressão, quando paramos para pensar nela, oferece uma imagem bastante surpreendente; para muitos pode ser um alívio saber que João, no Apocalipse, em realidade disse que somos libertados de nossa escravidão do pecado

porque Jesus, com a oferta de sua vida, pagou o preço de nossa liberdade.

Mas aqui há outra coisa muito significativa. Devemos prestar especial atenção aos tempos dos verbos. João diz que Jesus nos ama e nos libertou. Amar está no tempo presente, o qual significa que o amor de Deus em Jesus Cristo é uma realidade atual e que está sempre à nossa disposição. *Libertou-nos*, pelo contrário, está em passado, no grego em aoristo, o que significa uma ação realizada e completada no passado. Numa ação decisiva, na cruz, fomos libertados do pecado. O que sucedeu na cruz, num momento do tempo, é uma janela que nos permite ver o amor eterno, incessante e imutável de Deus.

(2) Jesus nos constituiu reino e sacerdotes. Esta é uma citação de Êxodo 19:6: "Vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel". Jesus fez duas coisas por nós.

(a) Ele nos constituiu reis. Graças a ele podemos chegar a ser autênticos filhos de Deus; e se formos filhos do Rei dos reis, pertence-nos o Reino, por direito de sucessão. Nosso destino é o Reino.

(b) Ele nos constituiu sacerdotes. Isto significa o seguinte. Segundo as tradições antigas somente o sacerdote tinha o direito de acesso a Deus. Quando um judeu entrava no Templo podia passar pelo pátio dos Gentios e o Pátio das Mulheres, mas devia deter-se no Pátio dos Israelitas; não podia entrar no Pátio dos Sacerdotes nem aproximar-se do Santíssimo. Deve notar-se que em sua visão dos dias por vir, Isaías disse "Mas vós sereis chamados sacerdotes do SENHOR..." (Isaías 61:6). Naquele dia todos os membros do povo seriam sacerdotes e teriam direito ao acesso direto a Deus. Isto mesmo é o que diz João: Graças à obra de Jesus Cristo, o acesso à presença de Deus já não está limitado aos sacerdotes no sentido mais estrito da palavra, mas sim está aberto a todos os homens. Todo homem é um sacerdote. Há um sacerdócio de todos os crentes. Podemos nos apresentar com ousadia perante o trono

divino (Hebreus 4:16), porque foi aberto a nós um novo caminho capaz de nos conduzir até sua presença (Hebreus 10:19-22).

Jesus nos constituiu reis ao nos transformar em filhos de Deus; Jesus nos deu o sacerdócio daqueles aos quais sempre está aberto o caminho rumo à presencia de Deus.

A GLÓRIA VINDOURA

Apocalipse 1:7

De agora em diante, em cada uma das passagens que ocupar o nosso pensamento, teremos que assinalar algo: O contínuo uso e referência, por parte de João, de passagens do Antigo Testamento. João estava empapado e saturado do Antigo Testamento até o ponto que lhe era virtualmente impossível escrever sem citá-lo. O pensamento e linguagem dos textos sagrados hebreus estavam inextricavelmente entretecidos com seus próprios processos mentais. Isto é interessante e significativo. João vivia numa época em que ser cristão era uma realidade agônica. Ele próprio conhecia o ostracismo, a prisão e os trabalhos forçados; muitos outros encontraram a morte da maneiras mais truculentos. A melhor forma de manter a esperança e a coragem, em tais momentos, era lembrar que no passado Deus nunca os tinha abandonado. João fortalecia sua alma para torná-la capaz de enfrentar as provas do presente fazendo memória de maneira contínua de qual tinha sido a grandeza e a bondade de Deus no passado. As virtudes da fidelidade divina tinham sido postas à prova, por assim dizer, e o povo crente sabia que podia confiar nEle. Até o presente Deus o tinha ajudado, e seu braço não tinha sido preso nem seu poder diminuído.

Nesta passagem João pronuncia o lema e texto da totalidade de sua obra. Afirma sua confiança na volta triunfal de Cristo, uma vinda que resgataria os cristãos em penúria da crueldade de seus inimigos. A convicção de João era que mais cedo ou mais tarde os inimigos de Deus pereceriam e os amigos de Deus entrariam em sua glória.

(1) Para alguns, para os cristãos, a volta de Cristo era uma promessa que servia de alimento para a alma. João toma como imagem da Segunda Vinda uma descrição de Daniel. Daniel teve uma visão dos quatro poderes bestiais que mantiveram o mundo em suas garras. Encontramos isto em Daniel 7:1-14. Entrou Babilônia, o poder que representado como um leão com asas de águia (7:4). Entrou a Pérsia, o urso selvagem (7:5). Entrou a Grécia, o leopardo alado (7:6). E entrou Roma, a besta com dentes metálicos, além de toda descrição possível (7:7). Mas a hora destes impérios bestiais, selvagens e desumanos tinha chegado a seu fim, e o domínio seria entregue nas mãos de um poder humano e amável, representado pela imagem de um filho de homem. Deus entregaria o domínio a este Filho do Homem. Deus é o Ancião de Dias.

"Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído" (7:13-14).

É desta passagem de Daniel que emerge a imagem recorrente do Filho do Homem que vem nas nuvens (Marcos 13:26; 14:62; Mateus 24:30; 26:64). Quando despojamos esta passagem do que se poderia considerar seu imaginário puramente temporário — nós, por exemplo, não pensamos no céu (as regiões onde habita a presença divina) como um lugar localizado acima da atmosfera terrestre — resta a verdade eterna e imutável de que chegará um dia quando Jesus Cristo será o Senhor de todos; e nessa esperança sempre radicou o poder y a segurança dos cristãos cuja vida foi difícil e para quem sua fé significou um risco de morte.

(2) Para alguns, para os inimigos, a volta de Cristo é uma ameaça. Para assinalar esta idéia João volta a citar o Antigo Testamento, no qual encontramos estas palavras: "E olharão para mim, a quem traspassaram; e o prantearão como quem pranteia por um unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito"

(Zacarias 12:10, RC). Deve notar-se que a tradução correta, no caso, não é "E olharão para *mim*. . ." mas sim “para aquele” (RA).

A história da passagem de Zacarias é a seguinte. Deus tinha dado a seu povo um bom pastor; mas o povo, em seu extravio, tinha matado a esse bom pastor, pondo em seu lugar pastores egoístas e ímpios. Mas deve chegar o dia em que, pela graça de Deus, o povo chorará e se arrependerá com tristeza, e quererá recuperar o que tinha traspassado, e se lamentará por ele e pelo que a ele fizeram. João toma essa imagem e a aplica a Jesus. Os homens crucificaram a Jesus, mas chegará o dia. quando voltarão a buscá-lo; mas nesse momento Jesus não será um homem preso sobre a cruz, objeto do ódio dos homens, mas sim uma figura real de esplendor e glória a quem foi entregue o domínio universal. Podemos imaginar a lamentação e o terror que inundarão o coração dos que crucificaram a Jesus ao vê-lo em todo o esplendor de seu poder. Para eles a vinda de Cristo será um momento de terror e ameaça.

A primeira referência destas palavras são os judeus e os romanos que foram os responsáveis diretos da crucificação. Mas em todos os tempos, aqueles que pecam e desconhecem a Jesus voltam a crucificá-lo. Chegará o dia quando aqueles que o ignoraram, fizeram caso omisso dEle, quando aqueles que se opuseram à sua influência e fé, descobrirão que Aquele a quem consideraram é nada menos que em realidade o Senhor do universo e o juiz de sua alma.

Esta passagem conclui com duas exclamações: “Certamente, Amém”. Em grego, as duas palavras são *nai* e *amém*. Deve destacar-se que *nai* é um termo grego, e *amém* é hebraico, e que ambas são expressões que rubricam, em seus respectivos idiomas, toda afirmação solene. Significam "Verdadeiramente assim" ou "Por certo que é assim". Ao usar estas duas expressões, em grego e em hebreu, João ratifica e solenemente reafirma tudo o que vem dizendo.

O DEUS EM QUEM CONFIAMOS

Apocalipse 1:8

Aqui temos uma tremenda descrição do Deus em quem confiamos e o Deus a quem adoramos.

(1) Deus é o alfa e o ômega. Alfa é a primeira letra e ômega a última no alfabeto grego. A frase "o alfa e o ômega" indica a totalidade mais absoluta. Os hebreus utilizavam o mesmo tipo de expressão, usando *alef* e *tau*, a primeira e a última letra, respectivamente, de seu alfabeto. Os rabinos diziam que Adão tinha transgredido a Lei, mas Abraão a tinha observado do alef até o tau. Diziam que Deus tinha derramado bênçãos sobre Israel do alef até o tau. De maneira que a expressão significa uma totalidade na qual não falta nada. Deus é essa totalidade absoluta: não lhe falta nada. Tem o que H. B. Swete denomina "essa vida ilimitada que abrange tudo e a tudo transcende". O Deus em quem confiamos é Aquele em quem todas as coisas têm seu ser, não faltando nenhuma.

(2) Deus é aquele que é, aquele que era e aquele que há de vir. Isto significa que Deus é eterno. Era antes que começasse o tempo; é agora; e será quando o tempo chegue a seu fim. Deus foi o Deus de todos os que confiaram nEle; é o Deus em quem podemos pôr nossa confiança hoje; e não há acontecimento nem circunstância no futuro que nos possa separar de seu amor.

(3) Deus é onipotente. A palavra grega que significa onipotente é *pantocrátor*, a qual descreve a Deus como Aquele que possui domínio e poder sobre todas as coisas, Aquele que controla, todas as coisas, Aquele que tem todas as coisas na palma da mão.

O detalhe sugestivo é que esta palavra aparece sete vezes no Novo Testamento. Está em 2 Coríntios 6:18, numa citação do Antigo Testamento. As outras seis vezes está no Apocalipse. Esta é uma palavra característica de João. Pensemos nas circunstâncias sob as quais João escreveu. O poder incomparável de Roma se levantou para esmagar a

Igreja Cristã. Nenhum império tinha sido capaz de suportar o impulso bélico de Roma; Roma era a conquistadora universal, a potência invencível. Que possibilidades tinha a Igreja, uma comunidade pequena, composta por escravos em sua quase totalidade, sem poder nem influência, contra Roma? Que oportunidade tinha nessa luta à morte contra o Império? Humanamente falando a Igreja não tinha oportunidade alguma. Tudo o que podia esperar era sua aniquilação. Mas ao pensar deste modo ficava fora o fator decisivo: com a Igreja estava o *pantocrátor*, o onipotente, cujas mãos controlam todas as coisas.

No Antigo Testamento é com esta palavra que se descreve o Senhor dos Exércitos (Amós 9:5; Oséias 12:5). É esta a palavra que João usa no tremendo texto de Apocalipse 19:6: "Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso". Se os cristãos estiverem nas mãos de um Deus como este, ninguém pode arrancá-los de sua proteção. Na medida em que a Igreja seja fiel a Deus, nada nem ninguém pode destruí-la. Até Roma, a poderosa, está nas mãos do *pantocrátor*.

A CAMINHO DO REINO POR UM CAMINHO DE ESPINHOS

Apocalipse 1:9

Aqui João se apresenta. Não o faz recorrendo a seu título oficial; se autodenomina, simplesmente, *irmão vosso e companheiro na tribulação*. Seu direito a falar era-lhe conferido por ter atravessado ele próprio pelas mesmas penúrias que seus destinatários. Ezequiel, em seu livro, escreve: "Então, fui a Tel-Abibe, aos do exílio, que habitavam junto ao rio Quebar, e passei a morar onde eles habitavam; e, por sete dias, assentei-me ali, atônito, no meio deles" (Ezequiel 3:15). Ninguém jamais ouvirá a quem prega a virtude da coragem sentado numa cômoda poltrona, em seu estudo, ninguém ouvirá a quem fala de heroísmo, quando ele mesmo procurou a tranqüilidade de algum refúgio seguro. Somente aquele que suportou a dor pode falar sobre a dor a outros. As distinções acadêmicas do pregador são inúteis não recebeu seu diploma na Universidade da

Vida. Os índios dizem: "Ninguém pode criticar a outro até não ter caminhado durante um dia em seus mocassins". João e Ezequiel podiam falar porque eles se sentaram onde estava o povo.

João reúne três palavras: Tribulação, reino, paciência. O equivalente em grego de "tribulação" significava originalmente "pressão" e podia descrever, por exemplo, a pressão que uma rocha exerce sobre o corpo de um homem. A princípio era utilizada em seu sentido literal, mas no Novo Testamento chegou a significar a pressão de atos dolorosos. "Paciência" é *hupomone*. Este termo não se refere ao que espera pacientemente de braços cruzados, submetendo-se passivamente à maré dos acontecimentos; refere-se, pelo contrário, ao espírito de coragem e conquista que é capaz de transformar ainda a mais cruel derrota numa vitória, o sofrimento em glorioso triunfo. A situação dos cristãos se descreve com o termo "tribulação". Sofriam a perseguição das autoridades romanas que, segundo João o entendia, não era mais que o prelúdio dos eventos terríveis que devem preceder o fim do mundo. Seu olhar, por isso, estava posto no "reino", aquele no qual desejavam entrar e que estavam esperando. Nele descansavam seus corações. Em tal situação havia somente um caminho entre a tribulação e o Reino, entre a aflição e a glória, e este caminho era a paciência ativa, a capacidade de suportar com heroísmo e de vencer ainda nos transes mais dramáticos e dificultosos. Tal como afirma R. H. Charles, a paciência é essa alquimia espiritual que pode transformar a tribulação em reino, o sofrimento em glória. Jesus disse: “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mateus 24:13). Paulo tinha escrito a seus seguidores: “É necessário que passemos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus" (Atos 14:22, NVI). E também lemos: “Se sofrermos, também com ele reinaremos” (2 Timóteo 2:12, RC e Revised Webster 1995).

O caminho ao reino é um caminho de coragem e resistência ativa. Ninguém que prefira a comodidade ou as coisas fáceis, ninguém que seja frouxo de corpo ou de espírito, chegará a completar a viagem mais

maravilhosa que os homens possam fazer. Ir ao Reino é uma aventura extraordinária que requer a maior das paciências.

Mas antes de passar a observar outros aspectos da mesma passagem, permita-nos assinalar que esta paciência podemos encontrá-la em Jesus Cristo. Ele mesmo foi capaz de suportar até o fim todo o seu martírio. Ele capacitará aos que andam com Ele a conseguir esse mesmo heroísmo, e chegar assim à mesma meta.

A ILHA-PRISÃO

Apocalipse 1:9 (continuação)

João diz que quando as visões lhe sobrevieram estava na ilha do Patmos. É unânime a opinião, dos testemunhos mais antigos, que João cumpria uma condenação penal nessa ilha, durante o reinado de Domiciano. Tertuliano diz: "O apóstolo João foi condenado a morar nessa ilha" *(Da Prescrição dos Hereges*, 38). Orígenes diz: "O imperador romano, conforme nos diz a tradição, condenou João a sofrer prisão na ilha de Patmos por ter dado testemunho de nosso Senhor" (*Homilias sobre Mateus*). Clemente de Alexandria diz: "Ao morrer o tirano, João retornou a Éfeso, da ilha do Patmos" (*A Salvação do Homem Rico*, 42). Jerônimo diz que João foi condenado no ano quatorze depois de Nero, e posto em liberdade ao morrer Domiciano (*De Varões Ilustres*, 9). Isto significaria que João esteve detento em Patmos entre os anos 94 e 96.

Patmos é uma pequena ilha rochosa e estéril, que forma parte do arquipélago das Espórades. Tem quatorze quilômetros de comprimento por sete de largura. Sua forma é como a de uma meia lua com os "chifres" rumo ao este. caracteriza-se por possuir um excelente porto natural (o interior da meia-lua) e em geral era a última etapa na viagem entre Roma e Éfeso, ou a primeira quando era feita nas direção oposta. Estava apenas a 60 quilômetros da costa continental da Ásia Menor.

O ostracismo era uma forma comum de castigo entre os romanos. Em geral se sancionava deste modo os detentos políticos. O ostracismo

envolvia a perda de todos os direitos civis e de toda possessão material, exceto o que fosse essencial para continuar vivendo. Os réus aos quais se castigava deste modo não eram maltratados nem submetidos a um regime da prisão no lugar de seu ostracismo. No caso de João, entretanto, deve ter sido diferente. João era um dirigente cristão e os cristãos eram considerados criminais. Podemos achar estranho que ele não fosse executado imediatamente. O mais provável é que teve que fazer trabalhos forçados nas minas.

Segundo Sir William Ramsay, o costume naquela época, para casos como o de João, era "primeiro humilhar o condenado, mantendo-o preso e vestido com farrapos; apenas recebia alimentos e tinha que dormir no chão, em algum calabouço escuro e úmido. Durante o dia era obrigado a trabalhar sob o látego de um capataz militar". As circunstâncias da vida de João em Patmos devem ter sido muito duras.

Patmos deixou sua marca nos escritos de João. Até nossos dias os visitantes de Patmos podem ver uma caverna, num recife da ilha, onde, segundo se conta, teria sido escrito o Apocalipse. Dali se pode ter uma magnífica visão panorâmica do mar. Segundo Straban, o Apocalipse está cheio das visões e sons do mar". A palavra "mar" menciona-se não menos de 24 vezes no livro. "Em nenhum lugar a voz das muitas águas é mais bela que em Patmos, nem há outro lugar onde o poente ilumine como em Patmos um mar de vidro e fogo; entretanto, tampouco se encontrará outro lugar onde o anelo de não ver-se mais separado pelo mar possa dar-se com tanta força".

João foi a Patmos, condenado a sofrer humilhações, prisão, fome e trabalhos forçados por amor da palavra que Deus lhe tinha dado. A expressão que diz isto em grego pode interpretar-se de três maneiras diferentes. Pode significar que João foi a Patmos para pregar a Palavra de Deus. Pode significar, também, que João se retirou à ilha, por assim dizer, para receber ali a Palavra de Deus, as visões do Apocalipse. Mas o mais provável é que signifique que foi por causa da incomovível lealdade de João à Palavra de Deus, por causa de sua insistência em

continuar pregando-a, que deve ter sofrido a solidão e a dor de sua condenação em Patmos.

EM ESPÍRITO NO DIA DO SENHOR

Apocalipse 1:10-11

Esta é uma passagem muito interessante do ponto de vista histórico. É a primeira referência por escrito ao Dia do Senhor.

Mencionamos freqüentemente o dia do Senhor, esse dia de ira e juízo no qual Deus descerá à Terra, e quando este mundo e toda sua perversão serão terrivelmente transformados na era vindoura. Alguns crêem que João diz que foi transportado, numa visão, àquele dia, e que deste modo viu antecipadamente todas as coisas maravilhosas que sucederiam nele, quando este mundo chegar a seu fim e o novo mundo começar. Os que sustentam este ponto de vista são muito poucos e sua interpretação não corresponde ao significado natural das palavras.

É muito provável que quando João utiliza a expressão "o Dia do Senhor", ele o faz com o mesmo sentido que nós lhe damos ou seja, como sinônimo de "domingo". Repetimos que é a primeira oportunidade em que estas palavras aparecem registradas por escrito.

Como sucedeu, então, que a Igreja deixasse de observar o sábado e começasse a guardar, pelo contrário, no dia de domingo? O sábado, último dia da semana, comemora o descanso de Deus depois de ter completado a criação do mundo. O Dia do Senhor comemora a Ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo. Como foi feita a mudança na Igreja? É possível que as primeiras três referências ao Dia do Senhor sejam as seguintes: *A Didaquê, Os Ensinos dos Doze Apóstolos*, que é o primeiro manual de instruções para o culto e a organização da Igreja cristã, diz: "No Dia do Senhor nos reunimos e partimos o pão" (*Didaquê* 14:1). Inácio de Antioquia, em sua epístola aos magnésios, diz que os cristãos "já não vivem para o sábado, senão para o Dia do Senhor" (9:1). Melito de Sardes escreveu um tratado sobre o Dia do Senhor. Sabemos

que a princípios do segundo século já era uniforme a prática entre os cristãos de celebrar suas reuniões principais no domingo.

Há uma coisa que parece ser certa. Todas estas referências provêm da Ásia Menor e é provável que fosse nesta região onde se implantou esta observância. Mas por que os cristãos podem ter decidido reunir-se semanalmente no primeiro dia da semana para celebrar a Eucaristia? A Páscoa é a comemoração anual da Ressurreição, por que então os cristãos decidiram ter também uma comemoração semanal desse mesmo episódio? Os pagãos tinham um dia especial por mês e um dia especial por semana dedicados à memória do Imperador romano; é muito provável que isto levasse os cristãos a decidirem a dedicar o primeiro dia da semana para lembrar a memória de Cristo.

João "estava em Espírito". Esta frase significa que João estava em estado de êxtase, para além do espaço e do tempo, acima das coisas materiais, no mundo da eternidade e de Deus. Diz Ezequiel: “Levantou-me o Espírito, e ouvi por detrás de mim uma voz de grande estrondo” (3:12). Para João a voz foi como um som de trombeta. O som da trombeta aparece repetidas vezes no Novo Testamento (Mateus 24:31; 1 Coríntios 15:42; 1 Tessalonicenses 4:16). Não há dúvida de que na mente desta João é outra imagem que provém do Antigo Testamento. No relato da entrega da Lei diz: “... houve trovões, e relâmpagos, e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta...” (Êxodo 19:16). A idéia que prepondera é a do som claro e penetrante da trombeta. A voz de Deus soa com o som claro e distinto de uma trombeta que nos convoca à ação.

João recebe a ordem de colocar por escrito as visões que vê. Seu dever é compartilhar a mensagem que Deus lhe dá. Primeiro se ouve, depois se transmite. Uma visão ou uma mensagem não são coisas que possamos receber com egoísmo, para nossa própria edificação; devem transmitir-se a outros, mesmo se o custo dessa transmissão seja elevado. Talvez seja necessário retirar-se para receber a visão; mas também é necessário voltar para transmiti-la.

Há duas frases que se sobrepõem. João estava em Patmos. João estava em Espírito. Já vimos como era Patmos, e as humilhações e penúrias que João estava suportando. Não importa quem seja a pessoa, qual seja sua condição ou situação, quão dura seja sua vida, sempre é possível estar "em Espírito". E se a gente estiver em Espírito, mesmo em Patmos, a glória e a mensagem de Deus virão. Não há situação da vida na qual o Espírito não possa nos falar. E quando o Espírito nos fala, conhecemos a glória de Deus, até em Patmos.

O MENSAGEIRO DIVINO

Apocalipse 1:12-13

Começamos, agora, com a primeira das visões de João. E veremos que sua mente está a tal ponto empapada do Antigo Testamento que vez após vez podemos perceber elementos de este nas descrições que faz.

João diz que se vira para *ver a voz*. Uma voz não se *vê*, mas aqui João está identificando a voz com seu porta-voz ou emissor. Nós diríamos "Eu me virei para ver de quem era a voz que me estava falando."

Quando se virou viu sete candelabros de ouro. João não somente cita, mas ele toma elementos de diferentes lugares do Antigo Testamento e os compõe de uma maneira inédita para formar novas imagens. A imagem dos sete candelabros, por exemplo, tem três fontes.

(a) Provém da imagem dos candelabros de ouro puro que havia no Tabernáculo. Deviam ter seis braços, três a cada lado, e sete lâmpadas (Êxodo 25:31-37). Uma parte desta visão provém do Tabernáculo do deserto, onde Deus se encontrava com seu povo.

(b) Provém da descrição do templo salomônico. Neste havia cinco candelabros de ouro puro sobre a direita, e cinco sobre a esquerda (1 Reis 7:49).

(c) Provém da visão de Zacarias. Este profeta viu um candelabro de ouro puro: “Eis um candelabro todo de ouro e um vaso de azeite em cima com as suas sete lâmpadas” (Zacarias 4:2).

Quando João vê uma visão, ele o faz em termos das cenas e descrições que aparecem no Antigo Testamento. Aqui temos uma lição. A melhor maneira de nos preparar para uma nova revelação da verdade é estudar e alimentar nossos corações das revelações que Deus já nos deu em sua palavra.

No meio dos candelabros viu um “semelhante a filho de homem”. Aqui voltamos à descrição de Daniel 7:13, na qual o Ancião de Dias dá o reino e o poder e o domínio a um que tem o aspecto de um filho de homem. Como sabemos, pelo uso que Jesus fez desta expressão, o título Filho do Homem chegou a possuir conotações messiânicas. Ao usar este título João põe bem claro, desde o começo de seu livro, que as visões que teve lhe foram dadas pelo próprio Jesus Cristo em pessoa. *O Apocalipse é uma mensagem que provém diretamente do Cristo ressuscitado e glorificado.*

Este personagem estava vestido com uma túnica que lhe chegava até os pés, e estava cingido pelo peito com um cinto de ouro. Aqui, novamente, temos três imagens.

(a) A palavra que descreve o manto é *poderes,* que significa "chegando até os pés". Esta é a palavra que o Antigo Testamento emprega em grego para descrever a vestimenta do Sumo sacerdote (Êxodo 28:4; 29:5; Levítico 16:4). Josefo também descreve cuidadosamente os hábitos que levavam os sacerdotes e os sumos sacerdotes quando cumpriam seu serviço no Templo. Usavam "uma túnica que lhes chegava até os pés", e ao redor do peito, "um pouco mais acima que os cotovelos, uma faixa não muito apertada, que lhes dava várias voltas. A faixa estava bordada de distintas cores, com desenhos de flores, e tinha fios de ouro entretecidos (Josefo, *Antiguidades,* 3.7.2, 4). Tudo isto significa que a descrição da vestimenta que levava Cristo fazia lembrar ao leitor a roupagem dos sacerdotes e sumo sacerdotes do Templo de Jerusalém. Aqui temos, então, uma apresentação simbólica do caráter sumo sacerdotal da obra do Senhor ressuscitado. Um sacerdote, segundo o pensamento judeu, era um homem que tinha direito

de acesso a Deus, que era capaz de abrir a outros o caminho a Deus. Mesmo nos céus, Jesus Cristo, o Sumo sacerdote, desempenha seu ofício sacerdotal, abrindo-nos o caminho e a todos os homens para que possam ter entrada a Deus.

(b) Mas havia outros, além dos sacerdotes, que usavam estas longas túnicas e o cinto ao redor do peito. Tal vestimenta era também a das pessoas em alta autoridade, como príncipes e reis. Uma túnica que chegava até os pés era o tipo de veste que usavam Jônatas (1 Samuel 18:24), Saul (1 Samuel 24:5,12), ou os príncipes do mar (Ezequiel 26:16). A roupagem do Cristo ressuscitado era a vestimenta habitual da realeza. Já não era o criminoso justiçado numa cruz; estava vestido com toda glória e majestade à maneira de um Rei. De maneira que aqui também se representa a realeza de Cristo: é Sacerdote e é Rei.

(3) Há, ainda, outro detalhe desta imagem. Na visão de Daniel o personagem que vem para lhe comunicar a verdade de Deus está vestido com uma túnica de linho fino que lhe chegava até os pés (na versão em grego do Antigo Testamento é chamada *poderes*) e um cinto de ouro fino (Daniel 10:5). Esta, portanto, é também a vestimenta dos mensageiros de Deus. O grande mensageiro de Deus é o profeta; o profeta é o mensageiro de Deus *por excelência*. De modo que aqui também temos uma representação de Jesus como o grande e supremo mensageiro de Deus.

A imagem é, certamente, comovedora. Quando encontramos as fontes da imagem que João nos descreve nos damos conta que o mero modo de sua vestimenta está representando a Cristo em seu tríplice ofício eterno de Profeta, Sacerdote e Rei, aquele que nos traz a verdade de Deus, aquele que nos torna possível entrar na presença divina e Aquele a quem Deus deu o poder e o domínio e o trono por todos os séculos.

O RETRATO DO CRISTO RESSUSCITADO

Apocalipse 1:14-19

Antes de introduzir-nos no detalhe desta passagem há dois fatos gerais que devem observar-se.

(1) É muito fácil não dar-se conta até que ponto o Apocalipse é uma composição cuidadosamente elaborada até no mais ínfimo detalhe. Não é um livro que tenha sido escrito às pressas; é uma totalidade literária meticulosa e artisticamente integrada. Nesta passagem é apresentada uma série de descrições do Cristo ressuscitado; e é muito interessante que cada uma das cartas às sete Igrejas, exceto a que é dirigida a Laodicéia, introduz-se com uma afirmação com relação a Cristo que está tomada de sua descrição neste texto. É como se aqui se introduzissem uma série de temas que depois serão usados como "textos" das epístolas às Igrejas. Leiamos as primeiras palavras de cada uma dessas epístolas, para ver como correspondem à descrição do Cristo ressuscitado nesta passagem:

> Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: Estas coisas diz aquele que conserva na mão direita as sete estrelas... (2:1).
> Ao anjo da igreja em Esmirna escreve: Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver... (2:8).
> Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: Estas coisas diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes... (2:12).
> Ao anjo da igreja em Tiatira escreve: Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido... (2:18).
> Ao anjo da igreja em Sardes escreve: Estas coisas diz aquele que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas... (3:1).
> Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá (3:7)

Estamos diante de uma habilidade literária de altíssimo nível. Há no Apocalipse uma construção cuidadosa que é produto da grande capacidade de João para trabalhar com as palavras.

(2) Outra coisa importante que devemos notar é a seguinte. Nesta passagem João toma títulos que são, no Antigo Testamento, descrições de Deus e as aplica ao Cristo ressuscitado. Toma atributos que são prerrogativas de Deus e os atribui a Jesus Cristo.

A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve.

Em Daniel 7:9 esta é a descrição do Ancião de Dias, que não é outro senão o próprio Deus em pessoa.

A voz, como voz de muitas águas.

Em Ezequiel 43:2 esta imagem descreve a voz de Deus. Tinha em sua mão direita sete estrelas...

No Antigo Testamento Deus é aquele que controla as estrelas. Em Jó, Deus pergunta a Jó: “Ou poderás tu atar as cadeias do Sete-estrelo ou soltar os laços do Órion?” (Jó 38:31). O controle das estrelas pertence a Deus.

Eu sou o primeiro e o último. . .

Em Isaías o profeta ouve a voz de Deus que diz: “Eu sou o primeiro e eu sou o último, e além de mim não há Deus” (Isaías 44:6, cf. 48:12).

(Eu sou) o que vivo...

No Antigo Testamento Deus é preeminentemente e caracteristicamente "aquele que vive" ou "o Deus vivo" (Josué 3:10; Salmo 42:2; Oséias 1:10).

E tenho as chaves da morte e do Hades...

Os rabinos diziam que havia três chaves que pertenciam a Deus e que Deus não podia compartilhar com ninguém: as chaves do nascimento, as da chuva e as da ressurreição dos mortos.

Nada pode demonstrar com maior clareza a reverência com que João olhava a Jesus Cristo. Para ele era tão excelso que podia lhe atribuir

as prerrogativas e títulos que no Antigo Testamento pertencem exclusivamente a Deus.

OS TÍTULOS DO CRISTO RESSUSCITADO – 1

Apocalipse 1:14-19 (continuação)

Olhemos, agora, muito brevemente, cada um dos títulos que Jesus Cristo recebe nesta passagem e cada uma das descrições que se fazem de sua imagem.

A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve.

Como vimos, esta descrição provém da que Daniel faz em sua profecia do Ancião de Dias (Daniel 7:9). Simboliza duas coisas.

(a) Idade muito avançada; fala-nos da existência eterna de Jesus Cristo, o Filho. Leva-o aos lugares celestiais, onde existe desde a eternidade.

(b) A pureza divina. A lã e a neve são símbolos da pureza sem pecado e sem mancha. Diz Isaías: “Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã” (Isaías 1:18). Aqui, então, temos dois símbolos da preexistência e a pureza de Cristo.

Os olhos eram como uma chama de fogo

Daniel está sempre presente em João, e esta é uma descrição que aparece nos escritos daquele profeta para referir-se ao ser celestial que lhe traz a revelação. “Os seus olhos, como tochas de fogo” (Daniel 10:6). Quando lemos a história dos evangelhos recebemos a impressão de que tendo visto os olhos de Jesus era impossível esquecê-los. Várias vezes se nos representa a imagem vívida de Jesus, no meio dos homens, percorrendo os rostos com seu olhar penetrante (Marcos 3:34; 10:23; 11:11); às vezes seu olhar era de ira (Marcos 3:5); às vezes se fixava em alguém, cheia de amar (Marcos 10:21); e às vezes tinha em seu gesto toda a tristeza de alguém a quem seus amigos o feriram em carne viva (Lucas 22:61). O olhar de Jesus deve ter sido inesquecível.

os pés eram semelhantes ao latão polido como se fosse derretido na fornalha...

Em realidade não sabemos que metal era aquele que se menciona nesta descrição dos pés. É provável que se tratasse da liga fabulosa de ouro e prata, que se denominava *electrum* e que seria, segundo os antigos, mais valiosa que os dois metais separadamente. É novamente o Antigo Testamento aquele que proporciona a imagem. Em Daniel diz-se que os pés do mensageiro divino eram como de bronze polido (Daniel 10:6); em Ezequiel os pés dos seres celestiais que vê o profeta brilham como se fossem de bronze (Ezequiel 1:7). É possível que devamos entender duas coisas a partir destas referências. O bronze, por si mesmo, significa a incomovível fidelidade de Deus, a força e poder de seu amor imutável; quanto ao brilho, refere-se à rapidez, à prontidão com que os pés de Deus se movem quando se trata de ajudar aos seus ou de castigar o pecado.

A voz era como a voz de muitas águas.

Esta é a descrição da voz de Deus que encontramos em Ezeq. 43:2. É possível, também, que tenhamos aqui um eco da paisagem da ilha de Patmos. H. B. Swete diz: "O rugido do mar Egeu ressoava nos ouvidos do vidente." É possível que João tenha encontrado no ruído do mar um símile adequado para descrever a voz de Deus. H. B. Swete adiciona um detalhe interessante: "A voz de Deus não está confinada a uma só nota. É como o terrível som do mar tempestuoso. Mas a voz de Deus também pode ser suave e tranqüila (1 Reis 19:12), como uma brisa suave. A voz de Deus pode troar na ira e repreensão, mas pode também reconfortar como o murmúrio de uma mãe quando embala a seu filho nos braços.

Ele tinha na destra sete estrelas

Aqui novamente, tal como já se viu, nos deparamos com uma característica que é prerrogativa de Deus. Mas também há algo muito belo. Quando João cai de joelhos, aterrorizado, pela visão tremenda de Cristo ressuscitado na plenitude de sua glória, Cristo estende sua mão direita e a coloca sobre seu ombro para reconfortá-lo. A mesma mão que

sustenta as estrelas é a que se assenta com carinho sobre o ombro e acaricia a cabeça do filho temeroso. A mão de Cristo é poderosa para sustentar o universo das estrelas e suave para secar as lágrimas de nosso rosto.

OS TÍTULOS DO CRISTO RESSUSCITADO – 2

Apocalipse 1:14-19 (continuação)

Da boca saía uma espada de dois gumes.

A espada que se menciona não era uma espada longa, como a que se usa para fazer esgrima, mas sim uma espada curta e larga, com a qual podia lutar-se corpo a corpo. O vidente outra vez buscou sua imagem em diversos lugares do Antigo Testamento. Isaías diz com relação a Deus: "Ferirá a terra com a vara de sua boca" (Isaías 11:4). E com relação a si mesmo afirma: "Fez a minha boca como uma espada aguda" (Isaías 49:2). O simbolismo nos fala da penetração de que é capaz a Palavra de Deus. A Palavra de Deus, se a ouvirmos, é tal que nenhum escudo de auto-enganos poderá resisti-la; nos desnuda de nossas ilusões e dos bons conceitos que temos sobre nós mesmos, obriga-nos a reconhecer nosso pecado, para depois nos conduzir até o ponto onde somos capazes de buscar e aceitar o perdão que nos oferece. "A palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes" (Hebreus 4:12). "Então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca" (2 Tess. 2:8).

E o rosto era como o sol quando brilha na sua força

No livro dos Juízes encontramos uma descrição que bem pode ter inspirado a João. Os inimigos de Deus perecerão, mas os que o amam "brilham como o sol quando se levanta no seu esplendor" (Juízes 5:31). Se isto valer para os que amam a Deus, quanto mais certo não será para o amado Filho de Deus. Mas Swete agrega uma observação, que é muito bela. Crê que nesta passagem há uma lembrança da transfiguração. Naquele episódio Jesus foi transfigurado diante de Pedro, Tiago e João, e

seu rosto "brilhou como o Sol" (Mateus 17:2). Ninguém que tenha contemplado esse espetáculo pode tê-lo esquecido; é bem possível que se este João for o mesmo que menciona o relato evangélico tenha voltado a ver no rosto do Senhor Ressuscitado o mesmo resplendor glorioso que o maravilhou no Monte da Transfiguração.

Quando o vi, caí aos seus pés...

Esta tinha sido a experiência de Ezequiel quando Deus lhe falou (Ezequiel 1:28; 3:23; 43:3). Mas aqui também temos uma evocação da história que narram os evangelhos. Um dia, na Galiléia, produziu-se a famosa pesca milagrosa. Quando Pedro deu-se conta de quem era Jesus, lançou-se em seus pés, aniquilado, consciente só de que ele era um homem pecador (Lucas 5:1-11). Até o fim dos dias não pode haver outro sentimento a não ser reverência diante da glória e santidade do Cristo Ressuscitado.

Não temas. . .

É evidente que esta também é uma reminiscência da história dos Evangelhos, porque estas são as mesmas palavras que os discípulos ouviram dos lábios de Jesus durante os dias de sua vida na carne. Foi isto, precisamente, o que lhes disse quando foi alcançá-los caminhando sobre as águas (Mateus 14:27; Marcos 6:50); e foi deste modo, sobretudo, que lhes falou no Monte da Transfiguração, quando eles se espantaram e temeram ao ouvir a voz do céu (Mateus 17:7). Até nos céus, quando nos aproximarmos à glória intocável do Deus Santo, a voz de Jesus nos dirá: "Eu estou aqui, não tenha medo."'

Eu sou o primeiro e o último. . .

Tal como se viu, no Antigo Testamento esta não é nada mais nem nada menos que a descrição de Deus em pessoa (Isaías 44:6; 48:12). A promessa de Jesus é que Ele está tanto no princípio como no fim. Trata-se do momento do nascimento e do momento da morte, no que se refere a nós. Está conosco como quando nos decidimos dar os primeiros passos no caminho cristão, e estará conosco quando terminarmos nossa peregrinação. Está conosco quando nós pomos mãos à obra em qualquer

tarefa que façamos em seu nome, por seu amor e por amor aos homens, e estará conosco quando dermos por terminada nossa missão. Em toda circunstância Ele será nossa todo-suficiente fortaleza, esperança, guia e retribuição.

> (Eu sou) o que vivo; fui morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos

Estas palavras são ao mesmo tempo a pretensão e a promessa de Cristo. É a pretensão de ter ressuscitado, de ter conquistado a morte, e a promessa de quem, estando sempre vivo, poderá para sempre jamais brindar companhia aos seus.

> E tenho as chaves da morte e do Hades

A morte tem portas (Salmos 9:13; 107:18; Isaías 38:10); Cristo tem as chaves dessas portas. Há alguns para quem esta é uma referência da descida de Jesus Cristo ao inferno. Segundo estes, quando Jesus Cristo morreu, desceu literalmente ao Hades e abriu as portas dessa morada inviolável, para levar consigo, à glória, a Abraão e a todos os que no passado tinham sido fiéis a Deus. Nossa interpretação, sem excluir esta, pode ser mais ampla. Porque como crentes sabemos que Jesus Cristo tem autoridade sobre a morte, porque pôde abolir a morte e mediante seu evangelho trazer à luz a vida e a imortalidade (2 Timóteo 1:10). Deste modo, porque Ele vive, nós também viveremos (João 14:19). Para nós e para todos os que nós amamos, a amargura da morte pertence ao passado.

AS IGREJAS E SEUS ANJOS

Apocalipse 1:20

Esta passagem começa com uma palavra o que em todo o Novo Testamento se emprega num sentido muito especial. Refiro-me ao termo *mistério*. Deve entender-se que não se quer dizer "mistério", no sentido que a palavra tem comumente em nossos dias. Quer dizer, segundo o sentido que lhe era dado naquela época, algo que não tem significado

para aquele que é incapaz de decifrar seu sentido oculto, por não possuir a crave ou o conhecimento inicial adequado. O mistério é claro e simples para os que estão no segredo. O Cristo ressuscitado, então, dispõe-se a dar o significado oculto das sete estrelas e os sete candelabros.

Os sete candelabros representam às sete Igrejas. Um dos grandes títulos do cristão é o de ser "a luz do mundo" (Mat. 5:14; Filip. 2:15). Um comentarista grego muito antigo faz uma observação interessante. Diz que as igrejas não são luzes mas sim castiçais, onde ficam as luzes; não são as igrejas as que produzem a luz. O doador da luz é Jesus Cristo e a Igreja é o copo onde essa luz brilha, a lâmpada que contém a luz. A luz do cristão é sempre uma luz emprestada, porque não brilha com sua própria centelha, mas sim refletindo a luz de Cristo.

Um dos grandes problemas na interpretação do Apocalipse é decidir o que significam *os anjos das Igrejas*. Cada uma das Cartas às sete Igrejas está dirigida ao anjo da Igreja. Quais eram estes anjos? Ofereceram-se várias explicações.

(1) A palavra "anjo" no idioma grego possui dois significados. Às vezes é "anjo" mas, muito mais freqüentemente, também significa "mensageiro". A idéia, então, é que se teriam reunido os mensageiros das sete Igrejas para receber as mensagens que João enviaria a suas respectivas comunidades e levá-los a elas. Se esta é a interpretação correta nossa tradução deveria dizer: "Ao mensageiro da Igreja de..." A única dificuldade é que a palavra "anjo" utiliza-se umas cinqüenta vezes no Apocalipse, além destas sete, e sem exceção significa "anjo". Quando João usa a palavra "anjo" não o faz no sentido de "mensageiro" mas no de "anjo".

(2) Sugeriu-se que os "anjos" são os bispos das Igrejas. Segundo esta interpretação os bispos estariam reunidos para receber as mensagens de parte de João, ou as cartas estariam dirigidas a eles. A favor desta interpretação citam-se as palavras de Malaquias: "Porque os lábios do sacerdote têm que guardar a sabedoria, e de sua boca o povo buscará a

lei; porque mensageiro é de Jeová dos exércitos" (Malaquias 2:7). No Antigo Testamento em grego a palavra que traduz "mensageiro" é *anguelos*; o sacerdote é, então, um anjo de Deus. Seria muito fácil que o título se transferiu aos bispos e aos dirigentes das Igrejas. São os mensageiros de Deus às Igrejas, e é a eles que João se dirige. A dificuldade com esta explicação é a mesma que com a primeira: atribui a palavra "anjo" a pessoas humanas, algo que não é freqüente no uso que João faz deste termo.

(3) Tem-se dito que se trata de anjos guardiães. Segundo o pensamento hebreu, cada nação teria seu anjo da guarda (ver Daniel 10:13,20,21). Miguel, por exemplo, era o anjo de Israel (Daniel 13:1). As pessoas individuais também tinham anjos guardiães. Quando Rode veio com a notícia de que Pedro tinha escapado da cárcere ninguém quis crer em seu testemunho, e alguns sugeriram que provavelmente se tratasse de seu anjo (Atos 12:15). Jesus falou dos anjos que cuidam dos pequenos (Mateus 18:10). Se fosse esta a interpretação correta, então se trataria dos anjos guardiães das Igrejas. A dificuldade, neste caso, seria que a censura e o conselho pelos pecados das Igrejas é dirigido aos anjos. Orígenes cria que esta era a interpretação correta. Dizia que o anjo guardião de uma Igreja era como o tutor de um menino. Se o menino faz algo mau, o tutor é o responsável. E se uma Igreja vai mal, Deus, em sua misericórdia, culpa o anjo que devia guardar essa Igreja. Subsiste a dificuldade, entretanto, pois mesmo quando se menciona o anjo no cabeçalho, os termos de cada missiva são dirigidos, evidentemente, aos membros da Igreja.

(4) Tanto os gregos como os judeus criam que as coisas terrestres possuem uma contraparte celestial. Alguns sugeriram que os anjos aqui mencionados são a contraparte celestial das Igrejas terrestres; para dizê-lo de uma maneira mais moderna, os anjos seriam algo assim como o ideal de cada Igreja; as Igrejas, assim, são levadas a lembrar suas essências ideais, seus anjos, a fim de fazê-las repensar.

Nenhuma destas explicações é completamente satisfatória; mas talvez a última seja a mais adaptada, porque é evidente que nas Cartas os anjos e as Igrejas são uma mesma coisa.

A seguir estudaremos as cartas que se dirigem às sete Igrejas. Nosso método será ligeiramente diferente. Em cada uma das cartas o que faremos primeiro será esboçar uma breve referência geográfica e histórica com relação à Igreja em questão. Só depois entraremos no estudo da carta que se lhe enviou. Fazemo-lo porque as cartas nos apresentarão de maneira muito mais vívida quando formos capazes das ler sobre o pano de fundo das condições de vida e circunstâncias da Igreja e a cidade onde se encontrava a Igreja na época antiga.

Depois de ter incursionado no pano de fundo geográfico e histórico nos dedicaremos ao estudo detalhado de cada uma das cartas.

Apocalipse 2

A carta a Éfeso
- Éfeso, a primeira e a maior - 2:1-7
- Éfeso - Cristo e sua igreja - 2:1-7 (cont.)
- Éfeso - quando a ortodoxia custa muito - 2:1-7 (cont.)
- Éfeso - passos na viagem de volta - 2:1-7 (cont.)
- Éfeso - uma heresia capaz de nos arruinar - 2:1-7 (cont.)
- Éfeso - a grande recompensa - 2:1-7 (cont.)

A carta a Esmirna
- Esmirna a coroa da Ásia - 2:8-11
- Esmirna - a prova - 2:8-11 (cont.)
- Esmirna - a causa dos problemas - 2:8-11 (cont.)
- Esmirna - os títulos de Cristo e suas exigências - 2:8-11 (cont.)
- Esmirna - a recompensa prometida - 2:8-11 (cont.)

A carta a Pérgamo
- Pérgamo - o trono de Satanás - 2:12-17

Pérgamo - um compromisso muito difícil - 2:12-17 (cont.)
Pérgamo - a condenação do erro - 2:12-17 (cont.)
Pérgamo - o pão do céu - 2:12-17 (cont.)
Pérgamo - a pedrinha branca e o nome novo - 2:12-17 (cont.)
Pérgamo - rebatizada por Deus - 2:12-17 (cont.)
A carta a Tiatira
Tiatira - o perigo do compromisso - 2:18-29
Tiatira - o estado da igreja em Tiatira - 2:18-29 (cont.)
Tiatira - a fonte do erro - 2:18-29 (cont.)
Tiatira - os ensinos de Jezabel (1) - 2:18-29 (cont.)
Tiatira - os ensinos de Jezabel (2) - 2:18-29 (cont.)
Tiatira - promessas e ameaças - 2:18-29 (cont.)

A CARTA A ÉFESO

ÉFESO, A PRIMEIRA E A MAIOR

Apocalipse 2:1-7

Quando soubermos algo a respeito da história de Éfeso e conheçamos melhor as condições de vida nesse lugar na época quando João escreveu sua carta, compreenderemos melhor por que Éfeso vem primeiro na lista das sete Igrejas.

É verdade que Pérgamo era a capital administrativa da província romana da Ásia, mas Éfeso era a cidade mais importante. Reclamava como seu o título de "a primeira e maior metrópole da Ásia". Um escritor romano a chamou "A luz da Ásia". Vejamos quais foram os fatores que puseram a Éfeso nessa situação.

(1) Nos tempos de João Éfeso era o porto mais importante da Ásia. Todos os caminhos do vale do Cayster (o rio sobre aquele que se levantava a cidade) conduziam a ela. Eram caminhos que uniam Éfeso com o longínquo Eufrates e a Mesopotâmia, sendo Colossos e Laodicéia os pontos intermediários mais importantes. Também convergia para

Éfeso o caminho da Galácia, atravessando Sardes em seu percurso. Do sul, outro caminho, o do vale do Meandro, rico em agricultura, também chegava até o porto de Éfeso. É possível que em Apocalipse 18:12-13 João descrevesse precisamente as riquezas que diariamente se podiam ver no mercado de Éfeso.

Para todos os que desejavam viajar a algum lugar da Ásia, Éfeso era a entrada obrigatória. Estava estabelecido num estatuto que o procônsul romano que devia resumir o comando da Ásia devia desembarcar em Éfeso. Para todos os viajantes do Oriente, que podiam vir dos mais próximos vales do Cayster ou o Meandro, ou das longínquas Galácia e Mesopotâmia, Éfeso era a entrada para Roma. Anos mais tarde, quando muitos mártires foram capturados na Ásia e levados a Roma para serem lançados aos leões, Inácio rebatizou a Éfeso de "a porta dos mártires".

Esta posição converteu Éfeso na maior e mais rica de todas as cidades da Ásia. Para com ela e desde ela fluía uma corrente incessante de homens e mercadorias. Poderia conceber-lhe como a "feira de vaidades" do mundo antigo.

(2) Éfeso tinha certamente uma distinção política muito importante: era uma cidade livre. Havia algumas cidades no Império Romano que possuíam esta distinção, conferida por sua lealdade ou pela importância de seus serviços ao imperador. As cidades livres se governavam a si mesmas e estavam dispensadas da obrigação de receber e alojar tropas imperiais. Éfeso, além disso, era assento de tribunais. Os governadores provinciais romanos faziam de vez em quando uma excursão pelas cidades de seu domínio; em certas cidades, escolhidas por sua importância, o governador romano julgava, durante sua visita, os casos que se lhe apresentassem. As cidades que desfrutavam deste privilégio desdobravam periodicamente, na época quando eram visitadas pelo governador e sua corte, todo o esplendor e a pompa que era normal nas grandes capitais. Além disso era em Éfeso que se celebravam uma vez

por ano os mais famosos "jogos" atléticos da Ásia. Nesses eventos pessoas de toda a região inundavam a cidade.

(3) Éfeso era o centro do culto de Ártemis, que em nossas Bíblias se traduz por "Diana dos efésios". O Templo de Ártemis era uma de tas sete maravilhas do mundo antigo. Tinha quatrocentos pés de comprimento por vinte de largura (120 m. x 70 m.); tinha 120 colunas de 12 m. de altura, que tinham sido dadas de presente cada uma por um rei; trinta e seis delas estavam ricamente esculpidas e incrustadas. Os templos antigos consistiam principalmente de colunas ao redor de um lugar central, que era o único coberto em todo o edifício. A parte central do templo de Ártemis estava coberto com madeira de cipreste. A imagem da deusa que habitava este santíssimo era uma das mais sagradas de todo o mundo antigo. Era tão velha que ninguém conhecia sua origem. Mas Éfeso, além disso, era reconhecida por seus templos dedicados a Roma e aos imperadores Adriano e Severo. Éfeso era um centro importante da religião pagã.

(4) Éfeso também era famoso como centro mundial da superstição. Em todo mundo se conheciam as Letras de Éfeso. Estas eram amuletos que podiam remediar virtualmente qualquer mal. Curavam enfermidades, davam filhos às mulheres estéreis, asseguravam o êxito nos negócios, a boa sorte nas viagens, a vitória na guerra ou na competência esportiva. As pessoas vinham de todo o mundo para comprar em Éfeso estes objetos mágicos.

(5) A população de Éfeso era internacional. Seus cidadãos estavam divididos em tribos. Havia seis tribos principais, uma era constituída pelos descendentes dos habitantes oriundos da região, antes que viessem os gregos; a segunda era integrada pelos descendentes diretos dos primeiros colonizadores atenienses; a terceira agrupava a outros gregos. É provável que uma das tribos estivesse formada pelos judeus.

O Templo de Ártemis além de ser um centro importante de vida religiosa era um centro de imoralidade e crime. A área do Templo era

considerada lugar de asilo. Qualquer criminoso podia considerar-se seguro caso conseguisse entrar no Templo de Ártemis. Além disso, o Templo tinha centenas de sacerdotisas que funcionavam como prostitutas sagradas. Todas estas características faziam de Éfeso uma cidade que transbordava imoralidades de todo tipo. Heráclito, um dos filósofos gregos mais famosos, era chamado "o chorão". Ele próprio explicava que ninguém poderia viver em Éfeso, como ele o tinha feito, sem deixar de chorar todo o tempo pela degeneração e a corrupção que imperavam nessa grande cidade.

Tal era Éfeso. Um lugar muito pouco prometedor como terreno para a semeadura da semente do Evangelho. E entretanto foi em Éfeso que a fé cristã obteve alguns de seus maiores triunfos.

R. C. Trench escreveu: "Em nenhum outro lugar a mensagem foi recebida com maior anelo, nem feito raízes tão fundas, nem deu frutos tão belos de fé e amor."

Paulo permaneceu em Éfeso muito mais tempo que em uma das outras cidades que visitou durante suas viagens missionárias (Atos 20:31). Timóteo foi o primeiro bispo de Éfeso (1 Timóteo 1:3). Em Éfeso encontramos a Áqüila, Priscila e Apolo (Atos 18:19,24,26). Paulo nunca se sentiu mais perto de um grupo de anciãos da Igreja como em Éfeso, tal como o demonstra seu belo discurso de despedida (Atos 20:17-38). Mais tarde, João chegou a ser a figura mais destacada de Éfeso. A lenda e a tradição afirmam que o "discípulo amado" levou consigo a Maria, a mãe de Jesus, quando se trasladou a Éfeso, e que é ali onde a Virgem foi enterrada. Quando Inácio de Antioquia escreveu sua carta aos efésios, enquanto era conduzido ao martírio de Roma, pôde lhes dizer: "Vocês foram de uma mesma mente com os apóstolos, no poder de Jesus Cristo."

Há muito poucos lugares que demonstram de maneira mais clara o poder do Evangelho para conquistar os corações dos homens e transformar a sociedade.

Antes de dar por terminada esta descrição geral de Éfeso, devemos anotar uma coisa mais. Falamos de Éfeso como o grande porto da Ásia. Na atualidade somente existem ruínas da passada grandeza. Éfeso perdeu seu batalha contra o tempo e hoje os sedimentos aluviais a transformaram numa zona pantanosa arrasada, distante uns três ou quatro quilômetros do mar.

ÉFESO – CRISTO E SUA IGREJA

Apocalipse 2:1-7 (continuação)

João começa sua carta aos efésios com duas descrições do Cristo ressuscitado.

(1) É aquele que sustenta as sete estrelas em sua mão direita. Já vimos que as sete estrelas representam as sete Igrejas. Cristo sustenta as Igrejas em sua mão. A palavra que na tradução ao português se traduz por "tem" é em grego *kratein*. É uma palavra forte. Significa que Jesus Cristo exerce o controle total das Igrejas, e que se as Igrejas se submetam a esse controle de Cristo, nunca lhes pode suceder nada mau. Nossa segurança, nossa própria vida depende de estarmos sustentados por Jesus Cristo. O mesmo afirma João quando, com palavras de Jesus, fala a respeito dos cristãos: “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (João 10:28). Quando a Igreja se submete ao controle de Cristo sua doutrina e sua vida deixaram que correr perigo.

Mas há outro conceito aqui, que aparece apenas quando podemos ler o texto no idioma grego. O verbo *kratein*, sustentar, normalmente está seguido por uma palavra em caso genitivo; mas quando o objeto que a mão sustenta é o suficientemente pequeno para poder ser abrangido pela mão, o caso da palavra que segue ao verbo é acusativo (com uma noz, por exemplo, ou uma bola de pingue-pongue). Em nosso texto a palavra que segue ao verbo está em acusativo. Isso significa que Jesus Cristo não somente "sustenta" as sete estrelas, mas também estas cabem *totalmente*

dentro de sua mão: abrange-as. É importante que lembremos isto. Não é somente nossa Igreja a que está na mão de Cristo; a totalidade da Igreja está em sua mão e Ele a sustenta. Cristo não é o Cristo de alguma seita, ou comunhão, ou denominação, e menos ainda de alguma congregação particular. É o Cristo de toda a Igreja. Quando os homens levantam barreiras entre as Igrejas, estão fazendo algo que Jesus Cristo não faz nem fará jamais.

(2) Jesus Cristo é aquele que caminha entre os sete candelabros de ouro. Os candelabros são as Igrejas. Esta imagem nos faz presente a incansável atividade de Cristo em meio de sua Igreja. Não está confinado a nenhuma Igreja em particular; está em todas elas ao mesmo tempo. Não há Igreja na qual esteja ausente às vezes e presente noutras. Sua presença é permanente em todas. Sempre que nos reunimos para adorar a Deus em seu nome, Ele está ali.

João prossegue dizendo certas coisas sobre os membros do Igreja de Éfeso.

(1) O Cristo ressuscitado louva seu *árduo trabalho*. A palavra grega é *kopós*. Esta é uma das palavras favoritas dos autores do Novo Testamento. Trifena, Trifosa e Pérside *trabalham* no Senhor (Romanos 16:12). A única coisa que Paulo deseja que reconheçam é que ele trabalhou mais que nenhum outro (1 Coríntios 15:10). Teme que os gálatas voltem atrás, e que seu *trabalho* tenha sido em vão (Gálatas 4:11). Em cada um destes casos — e há muitos outros que poderíamos citar — a palavra sublinhada é, em grego, o substantivo *kopós* ou o verbo *kopéin*. O que distingue esta palavra de outras que poderiam usar-se para dizer "trabalho" ou "obra", é que esta descreve o trabalho que nos faz suar, o trabalho duro, que nos deixa exaustos, a classe de trabalho que demanda de nós toda nossa reserva de energia e toda nossa concentração mental. A vida cristã não é para o frívolo, ou para aquele que tem medo de ter calos nas mãos. O cristão deve empregar sua vida toda no serviço dos homens e de Cristo. O cristão é um operário de Cristo, e até se for

incapaz de fazer esforços físicos, ou se este não é o tipo de dedicação que lhe é exigido, sempre haverá algo que poderá comprometer até a última gota de energia, no serviço de seu Senhor.

(2) O Cristo ressuscitado louva sua *paciência*. A palavra grega, que já vimos aparecer em repetidas ocasiões, é *hupomone*. Não se trata, dissemos, da paciência resignada que aceita o que venha, e que quando deve suportar uma prova agacha a cabeça sem opor resistência. *Hupomone* é a coragem que aceita os sofrimentos e as dificuldades, a luta e a derrota, inclusive, mas é capaz de sair sempre vitoriosa. Em qualquer situação, é a virtude daquele que sabe finalmente, alcançar a graça e a glória. Tem-se dito que o sofrimento dá cor à vida. Quando somos capazes de enfrentar o sofrimento com a paciência do verdadeiro cristão a cor da vida que vivamos nunca será cinza, ou negra, porque brilhará com o ouro da glória.

ÉFESO – QUANDO A ORTODOXIA CUSTA MUITO

Apocalipse 2:1-7 (continuação)

O Cristo ressuscitado segue elogiando os efésios porque puseram à prova "os maus" e demonstraram sua mentira.

Nas pequenas congregações da Igreja primitiva era muito fácil que se introduzissem homens maus. Jesus advertiu seus discípulos contra os falsos profetas que são lobos em pele de ovelha (Mateus 7:15). Em seu discurso de despedida aos anciãos da Igreja em Éfeso, Paulo lhes tinha advertido sobre a mesma possibilidade. Tratava-se nesse caso de emissários dos judeus que pretendiam voltar a prender os cristãos no cumprimento da Lei e que seguiam a Paulo por todos lados, procurando desfazer sua obra. Também houve aqueles que, como veremos, queriam converter a liberdade em licença, e perverter o cristianismo de tal maneira que servisse como justificação para a imoralidade. Havia mendigos e ociosos profissionais que surpreendiam a boa vontade das congregações cristãs e que viviam amplamente passando de uma Igreja a

outra e sendo sustentados por sua caridade. A Igreja em Éfeso era mais vulnerável que qualquer outra a esses perigos itinerantes. Sua localização a colocava numa encruzilhada de caminhos internacionais por onde tal como o afirma R. C. Trench, "toda a ressaca dos agenciadores" tinha necessariamente que passar.

Mais de uma vez o Novo Testamento insiste na necessidade de pôr os homens à prova. João, em sua primeira epístola sustenta que todo "espírito" que pretende ser de Deus deve ser submetido a certas provas; seu modo de comprovar a autenticidade dos pregadores itinerantes era averiguar se criam que Jesus Cristo havia "vindo na carne": Tratava-se de comprovar se pregavam a encarnação na plenitude de suas conseqüências (1 João 4:1-3). Paulo adverte aos tessalonicenses sobre a necessidade de submeter à prova todas as coisas e ficar somente com as boas (1 Tessalonicenses 5:20). Insiste em que todo profeta deve ser provado por outros profetas (1 Coríntios 14:29). Ninguém pode proclamar seus pontos de vista particulares na Assembléia do Povo de Deus. Jesus exigiu a prova mais dura de todas: "Por seus frutos os conhecereis" (Mateus 7:15-20).

A Igreja em Éfeso tinha aplicado com fidelidade todos estes critérios de comprovação e tinha arrancado tudo o joio de falsos crentes; o problema era que, no processo, algo se tinha perdido. “Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor”, diz o Cristo ressuscitado. Esta expressão pode ter dois significados.

(1) Pode significar que tinha desaparecido o primeiro entusiasmo. Jeremias fala da devoção de Israel a Deus nos primeiros dias. Deus diz à nação que lembra “da tua afeição quando eras jovem, e do teu amor quando noiva” (Jeremias 2:2). Tinham tido uma lua-de-mel, mas a excitação do primeiro entusiasmo se desvaneceu. É possível que o Cristo ressuscitado está acusando a Igreja em Éfeso de ter perdido o entusiasmo e ardor de sua primeira piedade.

(2) Mas é muito mais possível que signifique que se tinha perdido a primitiva vivência do amor fraternal. A princípio os membros da Igreja em Éfeso verdadeiramente se amaram entre si. Tinham sido uma comunidade de irmãos. A dissensão não tinha conseguido levantar a cabeça entre elas. Algo, entretanto, se quebrou. É possível que o desejo de desarraigar a todos os que não eram autênticos tenha terminado numa rígida e amarga ortodoxia. E agora Éfeso tinha uma ortodoxia a toda prova, mas tinham pago por ela o preço de seu amor fraternal. Quando isto sucede, o preço da ortodoxia é muito caro. Toda a ortodoxia do mundo não pode substituir o autêntico e espontâneo amor entre os irmãos.

ÉFESO – PASSOS NA VIAGEM DE VOLTA

Apocalipse 2:1-7 (continuação)

De maneira que em Éfeso algo tinha saído mal. Tinham o ímpeto de fazer boas obras; tinham a "paciência" ativa capaz de triunfar até no meio da derrota; mas tinha desaparecido o amor. O Cristo ressuscitado, então, faz seu chamado, e neste exorta aos efésios a dar os três passos que devem levá-los de volta.

(1) Primeiro lhes diz "lembra-te". Deve destacar-se que o Cristo ressuscitado não está falando aqui com alguém que nunca esteve na Igreja; dirige-se aos que são membros da Igreja mas que, de algum modo, perderam o caminho. A lembrança pode, às vezes, ser o primeiro passo no caminho da reconsideração.

Num país longínquo, o filho pródigo lembrou do seu lar (Lucas 15:17). Para ele fazer memória foi o primeiro passo de sua volta ao pai que o amava.

O'Henry escreveu um conto que vem ao caso. Havia um rapaz que foi criado num povoado; na escola daquele povoado, o rapaz se sentava junto a uma garota, doce e suave, limpa e inocente. O rapaz, ao crescer, foi à cidade, caiu em más companhias e se transformou num perito

batedor de carteiras e ladrão. Um dia estava na rua e acabava de roubar uma carteira sem que sua vítima se desse conta. Sentia-se satisfeito pelo que tinha feito. De repente viu que alguém se aproximava. Era a garota que se tinha sentado a seu lado durante a escola primária, em seu povo. Seguia sendo a mesma, doce, inocente e agradável. Ela não o viu; o rapaz tampouco quis dar-se a conhecer. Mas vê-la na rua bastou para que lembrasse o que tinha sido e tomasse consciência do que era. Posou sua cabeça ardente contra o ferro frio de um farol e disse: “Deus, quanto me odeio!”

A lembrança lhe tinha conferido a possibilidade de dar seu primeiro passo no caminho da volta. A primeira coisa, antes de corrigir uma situação distorcida ou melhorar nossas vidas é lembrar que algo, em algum momento, torceu nosso caminho.

(2) Em segundo lugar o Cristo ressuscitado diz: “arrepende-te”. Quando descobrimos que algo saiu mal, e quando lembramos de onde caímos, são possíveis várias reações. Podemos sentir, desesperadamente, que não há nada belo que dure toda a vida, nem nada com brilho que não se torne opaco depois de um tempo. Nesse espírito, aceitamos "o inevitável".

É possível, também, que nos sintamos cheios de ressentimento, e que joguemos a culpa à vida em vez de reconhecer nossa parte da responsabilidade. É possível nos tornarmos pessoas amarguradas e ressentidas, iracundas contra o mundo em geral, atribuindo nossos defeitos a outros; não aceitando que simplesmente agimos mal. Podemos decidir, também, que o antigo entusiasmo poderá reencontrar-se em práticas proibidas, torcidas e degeneradas, e nos lançaremos a buscar "o sal da vida" no pecado. Mas o Cristo ressuscitado diz: “arrepende-te”. O arrependimento significa admitir que nós tivemos a culpa, junto com a experiência de santa tristeza que acompanha sempre tal reconhecimento. A reação do Filho Pródigo foi: “Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai, e lhe direi: Pai, pequei...” Não voltou com desculpas, nem para jogar a culpa do que tinha feito em outros. "Pequei" (Lucas 15:18). Quando

Saul reconhece sua própria loucura, seu grito é de dor: “Eis que tenho procedido como louco e errado excessivamente” (1 Samuel 26:21). O mais difícil no arrependimento é a aceitação da responsabilidade pessoal por nosso fracasso e queda, porque quando aceitamos a responsabilidade que nos cabe certamente deve seguir a tristeza por ter ofendido a Deus.

(3) Em terceiro lugar, o Cristo ressuscitado diz: “Volta à prática”. A tristeza do arrependimento não deve nos conduzir ao desespero. Tem como significado nos incitar a duas coisas. Em primeiro lugar a nos lançarmos nos braços da graça de Deus, dizendo somente: "Senhor, tem misericórdia de mim, pecador." Em segundo lugar, a nos fazer produzir frutos dignos do arrependimento. Ninguém se arrepende de algo e o segue fazendo depois.

Fosdick disse que a grande verdade do cristianismo é que ninguém necessariamente deve continuar sendo o que é. A prova e o fruto do arrependimento é uma vida transformada, transformada por nosso esforço e pela graça de Deus que age em nós.

Os três passos no caminho da volta são lembrar, arrepender-se e agir.

ÉFESO – UMA HERESIA CAPAZ DE NOS ARRUINAR

Apocalipse 2:1-7 (continuação)

Surge aqui uma heresia que o Cristo ressuscitado diz que lhe é odiosa. Elogia os efésios porque eles também a aborrecem. Pode parecer estranho que se atribua um sentimento tão negativo ao Cristo ressuscitado. Mas devemos lembrar duas coisas. Em primeiro lugar, se amamos a alguém com amor apaixonado e intensamente, odiaremos, ao mesmo tempo, qualquer coisa que ameace arruinar sua alma e corpo. En segundo lugar, devemos lembrar que sempre se deve odiar o pecado, mas amar o pecador. A santa ira de Deus acende-se ardente contra o pecado, mas o amor de Deus pelo pecador nunca esfria nem esgota.

Os hereges aos quais o texto se refere são os nicolaítas. Somente os nomeia, não os define. Mas voltamos a encontrá-los em Pérgamo (v. 15). Ali são relacionados com os que "sustentam a doutrina de Balaão" (v. 14). E isto, por sua vez, relaciona-se com a ingestão de alimentos oferecidos aos ídolos e com a fornicação. Voltamos a encontrar o mesmo problema em Tiatira, onde a ímpia Jezabel fazia os crentes fornicarem, e os tentava a comer alimentos oferecidos aos ídolos.

Deve notar-se, em primeiro lugar, que este perigo não provém de fora da Igreja mas sim de dentro. Os hereges são inimigos em nossas próprias filas. Não planejavam destruir o cristianismo, mas sim oferecer uma nova versão, melhorada e modernizada, da verdadeira fé.

Deve notar-se, em segundo lugar, que na Carta a Pérgamo os nicolaítas e os que seguem a doutrina de Balaão são intimamente relacionados. O nome de Nicolau, fundador dos nicolaítas, provém de duas palavras gregas, *nikan*, que significa conquistar e *laos*, que significa povo. Balaão, por seu lado, pode derivar-se de duas palavras hebraicas, *mofa*, que significa conquistar, e *ha'am*, que significa povo. Os dois nomes, então, têm o mesmo significado e, provavelmente se trate da mesma pessoa, um mestre daninho mas influente, que conseguiu subjugar a muitos seguidores e ganho uma vitória para o mal.

Qual é a história de Balaão do Antigo Testamento? Em Números 25:1-5 encontramos uma história muito estranha sobre como os israelitas foram seduzidos a manterem relações ilícitas e sacrílegas com mulheres moabitas e a adorarem a divindade pagã Baal-Peor, uma sedução que, se não fosse controlada com severidade, teria arruinado toda a religião de Israel e a teria destruído como nação. Quando seguimos lendo e chegamos a Números 31:16 encontramos que esta separação se atribui totalmente à influência maléfica de Balaão. Balaão, portanto, figura na história do povo hebreu como uma pessoa perversa que arrastou o povo de Deus à imoralidade e ao pecado.

Vejamos agora o que dizem os historiadores da Igreja com relação aos nicolaítas. A maioria os identifica como seguidores de Nicolau, um

prosélito de Antioquia que aparece em Atos (6:5) como um dos sete comumente chamados diáconos. A idéia é que Nicolau se perverteu e chegou a ser o dirigente de uma heresia. Irineu diz com relação aos nicolaítas que "viviam vidas de irreprimida indulgência" *(Contra Hereges,* 1.26.3).

Hipólito diz que Nicolau era um dos sete, e que se apartou da doutrina correta, "inculcando a indiferença em matéria de alimentos e hábitos de vida" (*Refutações de Heresias,* 7.24). *As Constituições Apostólicas* descrevem a Nicolau como "desavergonhado em sua impureza". *Clemente* de Alexandria diz que "os nicolaítas se abandonam ao prazer como bodes... levando uma vida de indulgência irreprimida". Mas livra a Nicolau de toda culpa, dizendo que os nicolaítas corromperam o ensino daquele, para quem "a carne devia ser abusada". Com estas palavras Nicolau queria dizer que o corpo deve ser castigado; os hereges perverteram este ensino ao afirmar que a carne pode usar-se tão vergonhosamente como a pessoa imaginar (*Miscelâneas,* 2.20). Os nicolaítas, então, ensinavam a imoralidade e a vida leviana.

Procuraremos descrever de maneira mais detalhada o ponto de vista e os ensinos destes hereges. A carta a Pérgamo diz que os nicolaítas faziam com que os crentes comessem carne que tinha sido oferecida aos ídolos e fornicassem. Nos decretos do Concílio de Jerusalém (Atos 15:28-29) estabeleceu-se que os gentios seriam admitidos na Igreja só se estivessem dispostos a aceitar duas normas de vida: Abster-se de comer carne que tivesse sido sacrificada aos ídolos e não fornicar. São estas as duas condições que os nicolaítas quebrantavam.

É muito provável que os nicolaítas oferecessem a seguinte argumentação a favor de sua doutrina herética:

(a) A Lei perdeu vigência, portanto já não há regras, mandamentos ou normas que devam obedecer-se. Temos o direito de agir como bem quisermos. Confundiam a liberdade cristã com a libertinagem, que tão longe está de nossa verdadeira fé. Eram aqueles a quem Paulo

aconselhou a não usarem sua liberdade como ocasião para a carne (Gálatas 5:13).

(b) É provável que cressem na corrupção radical do corpo, afirmando que só o espírito era bom. Portanto a pessoa podia fazer o que queria com o corpo, porque este já não contava e era impossível redimi-lo. Se o corpo carecia de importância, não importava tampouco se o cristão saciava até a indigestão seus apetites.

(c) Provavelmente sustentavam que o cristão está a tal ponto sob a proteção da graça divina, que não tinha importância aonde fosse, o que fizesse ou com quem andasse. A graça o protegia e fizesse o que fizesse obteria sempre perdão de parte de Deus.

Ressalta evidente que os nicolaítas eram tremendamente perigosos, porque pervertiam para seu próprio beneficio as verdades cristãs mais importantes.

O que podemos perceber por trás da perversão da verdade que os nicolaítas pregavam? O problema era a diferença que necessariamente havia entre a sociedade pagã e a comunidade de cristãos primitivos. Os pagãos não tinham problemas em comer carne que tinha sido oferecida aos ídolos. Em geral o faziam em qualquer celebração festiva da que participassem. Poderia o cristão participar de tal festejo? Os pagãos, por outro lado, não tinham uma norma moral que exigisse que fossem castos. As relações sexuais antes e fora do casamento eram normais para eles e não constituíam uma desonra. Deviam os cristãos ser tão diferentes? Deviam separar-se tanto das práticas e normas do mundo em que viviam? Era necessário que fossem tão diferentes? Os nicolaítas sugeriam que não havia razão alguma para que os crentes se diferenciassem dos demais em matéria de moral, visto que não havia razões de peso para que tivessem que "romper" com o mundo.

William Ramsay descreve seus ensinos da seguinte maneira: "Era um intento de efetuar um compromisso razoável com a sociedade grego-romana, retendo tanto quanto possível de seus costumes no regime de vida dos cristãos." Este ensino, como era de esperar-se, afetava

sobretudo os cristãos cultos e influentes, membros das classes superiores, porque estes eram os que tinham mais a perder ao se entregarem sem reservas às exigências do Evangelho. Para João os nicolaítas eram piores que os pagãos, porque agiam como inimigos que conseguiram infiltrar-se nas filas da Igreja.

Os nicolaítas queriam estar de acordo com o mundo; não estavam preparados para ser diferentes; não estavam em condições de tomar a grande decisão; queriam desfrutar do melhor de ambos os mundos. De um ponto de vista prático eram os piores hereges que houve, porque se seu ensino tivesse tido êxito, o mundo teria mudado o cristianismo e não o contrário o cristianismo mudado o mundo.

ÉFESO – A GRANDE RECOMPENSA

Apocalipse 2:1-7 (continuação)

Por último, o Cristo ressuscitado faz sua grande promessa aos que forem vitoriosos. Nessa imagem há duas idéias verdadeiramente belas.

(1) A idéia da árvore da vida. A árvore da vida aparece na descrição do Jardim do Éden; no meio daquele Jardim estava "a árvore da vida" (Gên. 2:9). Era a árvore do qual Adão não devia comer (Gên. 2:16-17); seu fruto podia converter o homem em Deus, e por tê-lo comido Adão e Eva foram expulsos do Paraíso (Gênesis 3:22-24).

No pensamento judeu posterior a árvore da vida devia representar aquilo que podia dar ao homem uma vida verdadeira. A sabedoria é uma árvore de vida para os que podem lealmente apoderar-se dela (Provérbios 3:18). Os frutos dos justos são uma árvore de vida (Provérbios 11:30). A esperança que se cumpre é uma árvore de vida (Provérbios 13:12); uma língua íntegra é uma árvore de vida (Provérbios 15:4). A árvore de vida chegou a descrever qualquer coisa capaz de converter a vida humana no que deve ser.

A isto deve adicionar-se outra imagem. Na história do Jardim do Éden, primeiro Adão recebe a proibição de comer da árvore da vida e

depois é expulso, e por isso perde definitivamente a possibilidade de alimentar-se de seus frutos. Era comum entre os judeus pensar que quando viesse o Messias e amanhecesse a nova era, a árvore da vida estaria no meio dos homens, e todos os que tivessem sido fiéis poderiam comer dela. O sábio da antigüidade dizia que aqueles que fazem as coisas de que gostam receberão os frutos da árvore da imortalidade, enquanto que os rabinos estavam acostumados a descrever a árvore da vida no Paraíso. Seus ramos se estendiam acima de todo o jardim; dele emanavam quinhentos mil perfumes fragrantes e suas frutas tinham outros tantos gostos, todos diferentes mas igualmente agradáveis. A idéia era que o Messias restauraria o que Adão tinha perdido. Comer da árvore da vida significa entrar na bem-aventurança dos justos no Reino do Cristo; significa deleitar-se em todas as alegrias que correspondem aos fiéis quando Cristo vier, supremo, em seu Reino.

(2) Também há a idéia de "paraíso". O mesmo som da palavra nos resulta belo. Usamos a palavra com freqüência, mas muito provavelmente não lhe atribuamos um significado definido. Quando estudamos a fundo a história deste termo, nos deparamos com uma das idéias mais belas e venturosas que jamais tenham concebido os homens.

(a) A palavra "paraíso" é de origem persa. Xenofonte escreveu muito sobre os persas, e foi ele quem a introduziu no idioma grego. No princípio "paraíso" significava um jardim prazenteiro, com parques e cursos de água, com árvores frondosas e canteiros de flores muito belos, em geral povoado por animais semi-selvagens que aceitavam gostosos a cativeiro num meio tão belo. Quando Xenofonte descreve o lugar onde vivia o rei dos persas, diz que sempre se cuidava de que houvesse um paraíso, tal como eles o chamavam, cheio de todas as coisas belas e boas que a terra pode produzir (Xenofonte, *Econômico*, 4:13). "Paraíso" é uma bela palavra que descreve um lugar de serena beleza.

(b) Na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, a palavra "paraíso" tem dois significados. Em primeiro lugar, é usada comumente para referir-se ao Jardim do Éden (Gênesis 2:8; 3:1).

"Paraíso" significa "jardim" e o Éden era o jardim mais belo de todos. Em segundo lugar, empregava-se com relação a qualquer jardim senhorial. Quando Isaías fala de um jardim que tinha ficado sem água, a palavra que usa, nessa tradução, é "paraíso" (Isaías 1:30). É a palavra que aparece no versículo de Jeremias que diz: “Edificai casas e habitai nelas; plantai *jardins*, e comei o fruto deles” (Jeremias 29:5, TB). É a palavra que usa o pregador quando anuncia: “Fiz jardins e pomares para mim e nestes plantei árvores frutíferas de toda espécie” (Eclesiastes 2:5).

(3) No pensamento cristão primitivo a palavra tem um significado muito especial. Segundo a concepção hebraica, depois da morte as almas dos vivos iam ao Hades, sem que houvesse diferença entre os bons e os maus. Hades era o reino das sombras, fantasmal, cinza, sombrio, onde se carecia de energia e forma definidas. Os cristãos primitivos, pelo contrário, pensaram que entre a Terra e o céu havia um lugar intermédio, de transição, no qual todos esperavam que, depois da morte, ocorresse o juízo final e se implantasse o Reino. Para Tertuliano este lugar era uma enorme cova, debaixo da terra. Mas havia uma parte dessa cova onde estavam alojados os patriarcas e os profetas, e essa parte era um paraíso. Filo descreve esse lugar dizendo: "Sem que os incomode a chuva, a neve ou o fluxo, mas acariciados pelo suave e refrescante zéfiro que sopra sempre sobre eles desde o mar". Para Tertuliano havia somente uma classe de cristão que ia diretamente a esse lugar, e este era o mártir. "A única chave que abre as portas do paraíso é seu próprio sangue derramado" (*Sobre a alma*, 55).

Orígenes foi um dos pensadores mais ousados que a Igreja jamais tenha produzido. Escreveu o seguinte: "Creio que todos os santos" (usa *santos* no sentido de "cristãos" "que partem desta vida têm que ficar na Terra, em algum lugar que as Santas Escrituras chamam Paraíso, que é como uma escola de instrução ou sala de aula, por assim dizer, para as almas. . . Se alguém for puro de coração e santo de mente e mais prático na percepção, ascenderá, através dessas mansões" (refere-se a estágios ou etapas) "que os gregos chamam esferas, e que as Escrituras chamam

céus, ao Reino dos Céus, em algum lugar no ar... Seguirá assim a Aquele que ingressou nos céus, Jesus, o Filho de Deus, quem disse: 'Onde eu estivera, estejais vós também'." Refere-se a esta diversidade de lugares quando diz: 'Na casa de meu Pai há muitas moradas' " (Orígenes, *Sobre o princípio*, 2, 6):

Os grandes pensadores primitivos não identificam o Paraíso com o Céu; o Paraíso era uma etapa intermediária, o lugar de aprendizagem onde as almas dos que eram aptos se preparavam para terem acesso à presença de Deus.

(4) Não creio que a palavra Paraíso tenha conservado, no pensamento cristão posterior, este sentido de um lugar intermediário entre a Terra e o céu. Chegou a ser sinônimo de "céu", a imediata presença e glória de Deus. Quando pensamos na palavra "paraíso" nossa mente deve lembrar imediatamente as palavras que Jesus dirigiu ao ladrão penitente que foi crucificado junto com ele: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23:43). Aqui estamos na presença de mistérios diante dos quais seria irreverente e blasfemo dogmatizar. Acaso não nos deve ser suficiente como definição a que descreve o paraíso, ou o céu, como a vida na permanente presença e companhia de nosso Senhor? Se tão-somente aceitarmos as palavras de Jesus, o paraíso, segundo o que Ele disse, é a vida com Cristo.

A CARTA A ESMIRNA

ESMIRNA – A COROA DA ÁSIA

Apocalipse 2:8 11

Embora era inevitável que Éfeso fosse a primeira na lista das sete Igrejas, é natural que Esmirna, sua grande rival, apareça na segunda. Entre todas as cidades da Ásia Menor, Esmirna era a mais bela. Era chamada, naquela época, o ornamento, a coroa ou a flor da Ásia. Luciano disse que era a mais bela de todas as cidades da Jônia. Aristides,

que cantou a glória de Esmirna, falou de "sua graça, que se estende por todo mundo como um arco íris... seu brilho, que permeia todo lugar sobre a Terra e alcança também o céu, como o brilho das armaduras de bronze no poema de Homero." Nenhuma outra cidade antiga poderia ter competido com Esmirna em beleza. Somava-se à sua beleza o fato que o zéfiro, suave e fresca brisa do oeste, soprava sempre em suas ruas. "O vento zéfiro", diz Aristides, "sempre sopra por toda a cidade, e a torna tão arejada como um jardim de árvores frondosas". Este vento a submetia a apenas uma desvantagem: Os desperdícios da cidade eram jogados no mar e o vento do oeste tendia a devolvê-los a suas costas em vez de afastá-los delas.

Esmirna estava situada numa magnífica posição, no fim do caminho que unia a Lídia com a Frígia, alcançando além destas regiões o longínquo Este. Por aqui afluía rumo à costa toda a produção e tráfico do rico vale do Hermus. Era inevitável que Esmirna fosse uma grande cidade comercial. Estava situada na parte mais profunda de um espaçoso mas amplo golfo, que terminava num porto bem protegido por prolongações rochosas, no próprio coração da cidade. Era o mais seguro e o mais conveniente de todos os portos; tinha a vantagem de poder ser fechado mediante uma cadeia em tempos de guerra. As moedas de Esmirna, conforme era de esperar, tinham a gravura de um barco preparado para fazer-se ao mar.

O cenário panorâmico da cidade era igualmente belo. Começava no porto; atravessava os últimos e insinuados contrafortes de algumas montanhas e culminava em Pagos, uma elevação coberta de templos e bordejada por casas famosas. Estas eram as residências de famílias enriquecidas e nobres, as quais rodeavam o monte Pagos e se chamavam "a coroa da cidade" . Mesmo os viajantes modernos utilizam o termo ao falar da cidade como "um lugar de realeza, coroado de torres". Aristides a comparava com uma magnífica e gigantesca estátua cujos pés estavam no mar, suas pernas e ventre nas planícies vizinhas à costa, o tronco nas primeiros ondulações montanhosas e a cabeça, coroada de magníficos

edifícios, no monte Pagos. O próprio autor elogiou a Esmirna, dizendo que era "uma flor de tamanha beleza como o Sol e a Terra jamais tinham mostrado aos homens".

Sua história tinha muito a ver com a beleza que a adornava, porque era uma das poucas cidades do mundo que respondia a um esforço de planejamento urbanístico. Tinha sido fundada como colônia grega pelo ano 1000 a.C. No ano 600 foi invadida pelos lídios que a destruíram por completo. Durante quatrocentos anos Esmirna não foi uma cidade, mas um agrupamento de pequenos povoados. Em torno do ano 200 a.C. Lisímaco a havia reconstruído, pensando na cidade como um todo unificado. Possuía ruas amplas, direitas e bem pavimentadas. Estrabão tem palavras de elogio para as ruas de Esmirna, e menciona os grandes quarteirões retangulares em que se agrupavam os edifícios. A mais famosa de todas as ruas era a do Ouro, que começava no templo de Zeus e terminava no de Cibele. Atravessava, por assim dizer, os pés de Pagos. Se os edifícios que rodeavam a Pagos eram a coroa de Esmirna, a Rua do Ouro era seu colar.

Aqui temos uma coisa interessante e significativa, algo que nos demonstra o cuidado e o conhecimento detalhado com que João escreveu as cartas do Cristo ressuscitado às sete Igrejas. O Cristo ressuscitado é chamado “que esteve morto e tornou a viver”. Esta expressão não era mais que um eco da experiência da própria cidade de Esmirna. Tinha vivido durante quatrocentos anos e careceu de vida como cidade e Lisímaco havia tornado a construí-la.

Mas Esmirna tinha outros méritos além de sua beleza. Era uma cidade livre. Sabia muito bem o significado da lealdade e a fidelidade. De todas as cidades orientais tinha sido a mais fiel a Roma. Muito antes que Roma fosse a senhora indisputada do mundo antigo, Esmirna tinha lançado sua sorte com ela, e sua fidelidade nunca pereceu. Cícero tinha chamado a Esmirna "nossa aliada mais antiga e fiel". Na campanha contra Mitrídates, no Longínquo Oriente, as coisas não tinham saído muito bem para os romanos. E quando as tropas imperiais estavam

sofrendo fome e frio, os habitantes de Esmirna até tiraram a roupa que levavam sobre si para enviar à frente de batalha.

Tal era a fidelidade de Esmirna que já no ano 195 a.C. tinha sido a primeira cidade em erigir um templo à deusa Roma. E quando, no ano 26 de nossa era, as cidades da Ásia Menor competiam pelo privilégio de ser autorizadas a honrar o imperador Tibério, erigindo um templo dedicado a seu espírito divino, Esmirna tinha sido a escolhida, tendo precedência ainda sobre Éfeso. A fidelidade de Esmirna a Roma era famosa em todo o mundo antigo.

Mas Esmirna não era grande somente por sua beleza, seu potencial comercial e sua importância política e religiosa; também era um lugar onde florescia a cultura e o conhecimento e as artes eram tidas em grande estima. Apolônio de Tiana havia ensinado aos habitantes de Esmirna a grande verdade de que somente a qualidade humana de seus cidadãos podia fazer com que uma cidade fosse grande. "Ainda que Esmirna seja a cidade mais bela sob o Sol, e tenha se apoderado do mar, e possua as fontes do zéfiro, é muito maior o encanto de possuir uma coroa de grandes homens que uma coroa de pórticos, pinturas e jóias de ouro muito acima do que pode encontrar-se em qualquer outro lugar do mundo. Porque os edifícios podem ver-se somente no lugar onde estão convocados, mas os homens podem mover-se de um lugar a outro, e serem vistos e falar-se deles em todos lados, e fazem com que sua cidade seja tão grande como a amplitude dos países aonde possam levá-los seus passos."

Por isso Esmirna tinha um estágio onde todos os anos se celebravam jogos atléticos famosos em todo mundo; uma magnífica biblioteca pública; um odeão, onde se interpretava música; um teatro que era o maior de toda a Ásia Menor. Em particular, Esmirna era uma das cidades que pretendia ter sido o berço de Homero; tinha um edifício recordativo chamado o Homerión e tinha cunhado a cabeça de Homero em suas moedas. Esta pretensão era disputada por outras cidades, e em realidade não se sabe onde nasceu o poeta cego. Pode prever-se que uma

cidade como Esmirna teria também uma magnífica arquitetura. E certamente estava coberta de templos: tinha-os dedicados a Cibele, Zeus, Apolo, Nêmesis, Afrodite e Esculápio. Em Esmirna residia todo o esplendor da cultura pagã em suas expressões mais elevadas e a religião pagã em toda sua magnificência.

Esmirna possuía uma dose maior que o comum de algo que era característico de todas as cidades gregas. Mommsen diz que a Ásia Menor era um "paraíso da vaidade municipal"; e Esmirna, entre todas as cidades livres da época, era notória pela rivalidade com que defendia seu prestígio local. Todos queriam exaltar a Esmirna e, ao mesmo tempo, subir, eles próprios ao degrau mais alto da hierarquia política local. Não deixa de ter sentido que no cabeçalho de sua carta João diga que Cristo é "o primeiro e o último". Em comparação com sua glória todas as distinções terrestres não são mais que uma ridícula vaidade, vazias e carentes de valor. A luta por chegar a ter o primeiro lugar nas coisas do mundo empalidece e perde importância quando vistas à luz das glórias eternas.

Resta mencionar uma característica de Esmirna que aparece na carta e que teve conseqüências muito sérias para os cristãos que viviam nela. Em Esmirna os judeus eram especialmente numerosos e influentes (versículo 9). Encontramos, por exemplo, que em certa ocasião contribuíram com 10.000 denários para o embelezamento da cidade. Possamos estar seguros que em Esmirna os judeus eram particularmente hostis aos seguidores de Jesus, porque eram de seu próprio número e dos pagãos que tivessem podido interessar-se no judaísmo, que a Igreja obtinha a maioria de seus convertidos. Os judeus fizeram tudo o que puderam para prejudicar à igreja e para convencer às autoridades romanas de que devia perseguir-lhe De maneira que bem podemos concluir esta apresentação da cidade com o relato do martírio mais famoso que teve lugar nela.

Policarpo era bispo de Esmirna, e foi martirizado no sábado 23 de fevereiro de 155. Nesses dias eram celebrados os jogos públicos e a

cidade estava repleta de visitantes. Era uma multidão exaltada. Repentinamente alguém gritou: "Morram os ateus, busquemos Policarpo." Policarpo poderia ter-se escondido, mas teve uma visão, num sonho, na qual viu incendiar o travesseiro onde apoiava sua cabeça. Havia dito a seus discípulos, então: "Tenho que morrer queimado."

Um jovem escravo, que sabia o lugar onde se encontrava, foi torturado até falar. Então foram prendê-lo. Ordenou que todos os homens que tinham vindo para levá-lo fossem alimentados e atendidos enquanto ele, durante uma hora, dedicava-se à oração. Nem sequer o chefe da polícia tinha desejos de ver Policarpo morrer, porque muitos amavam. Durante a breve viagem à cidade rogou-lhe que acessasse a confessar que César era o Senhor, para evitar desse modo o martírio. Mas Policarpo não quis ouvir tal sugestão, porque para ele o único Senhor era Jesus Cristo.

Quando o introduziram à arena do circo, ouviu-se uma voz do céu que disse: "Seja forte, Policarpo, aja como um homem." O procônsul lhe propôs que escolhesse entre a morte ou amaldiçoar o nome de Cristo e oferecer um sacrifício de incenso a César. "Durante oitenta e seis anos o servi", disse Policarpo, "e Ele nunca me traiu. Como posso blasfemar o nome de meu Rei, que me salvou?" O procônsul o ameaçou queimando vivo e Policarpo lhe replicou: "Ameaça-me com um fogo que queima durante um pouco de tempo e em seguida se extingue, porque não conhece o fogo que espera os ímpios no juízo vindouro e na condenação eterna. Que esperas? Faz o que tens pensado fazer." Em que pese os conselhos de seus perseguidores, Policarpo não foi convencido.

A multidão, então, equilibrou-se sobre eles, carregando vigas de madeira dos estaleiros e dos banheiros. Até os juízes, em que pese que estavam quebrando a lei que lhes proíbe carregar vultos no dia de sábado, estavam entre os primeiros a trazerem madeira para construir a pira de Policarpo. Quando estavam por atá-lo ao poste, Policarpo lhes disse: "Deixem-me como estou, porque Aquele que me dará força para suportar o fogo me permitirá permanecer imóvel sem a segurança de

seus pregos." De maneira que o deixaram sem atá-lo e acenderam o fogo. Policarpo então orou com grande voz:

"Ó Deus e Senhor todo-poderoso, Pai de seu bendito e bem-amado filho Jesus Cristo, através do qual recebemos o conhecimento pleno de Ti, Deus dos anjos e dos poderes e de toda a criação e de toda a família dos justos que vivem em tua presença! Louvo-te por me haver concedido este dia e hora para poder sofrer em teu serviço, contando-me no número de suas mártires, compartilhando a taça de teu Cristo. E te louvo por me dar deste modo parte, também, na ressurreição à vida eterna, tanto da alma como do corpo, na imortalidade do Espírito Santo. Concede-me ser recebido hoje em tua presença, junto com todos eles, como sacrifício rico e aceitável a Ti, tal como aquele que Tu, Deus de toda verdade, em quem não há mentira alguma, havia preparado de antemão e manifestado aos homens. Por isso também te louvo por todas as coisas. Bendigo-te e te louvo e te glorifico através do eterno e celestial Sumo Sacerdote Jesus Cristo, teu Filho amado, por quem te seja a glória com Ele e com o Espírito Santo, agora e na idade vindoura. Amém."

Até aqui são os fatos. A história prossegue, no domínio da lenda. Segundo esta, as chamas fizeram uma espécie de habitação em torno de Policarpo e não o tocaram. O verdugo, então, vendo que as chamas não o queimavam, atravessou-o com sua espada e conseguiu matá-lo. "E quando fez isto, saiu de seu peito uma pomba, e muito sangue, que apagou o fogo, e toda a multidão se maravilhou de que fosse tão grande a diferença entre os incrédulos e os escolhidos. Foi deste modo que Policarpo morreu em Esmirna, mártir da fé, fiel até a morte.

Não deve ter sido fácil ser cristão em Esmirna. E, entretanto, a carta aos cristãos em Esmirna é uma das únicas duas, no Apocalipse, onde não encontramos mais que louvores, sem mescla alguma de recriminações.

ESMIRNA – A PROVA

Apocalipse 2:8-11 (continuação)

A Igreja em Esmirna estava atravessando um momento de prova e o futuro imediato era ainda mais sombrio.

Há três coisas nesta carta com relação a esta prova.

(1) É *tribulação*. Já vimos que esta palavra, no idioma original, o grego do Novo Testamento, significava simplesmente a sensação do que é apertado por um peso ou força. A pressão dos acontecimentos pesava sobre a Igreja de Esmirna, e a força das circunstâncias procurava obrigá-la a que abandonasse sua fé.

(2) É *pobreza*. No Novo Testamento a pobreza e a fé em Cristo estão intimamente relacionadas. "Bem-aventurados os pobres", diz Jesus (Lucas 6:20). Tiago diz que Deus escolhe os pobres deste mundo para que sejam ricos na fé (Tiago 2:5).

Devemos tomar nota da palavra que se usa neste caso. Em grego há duas palavras que designam o pobre. Uma, a que se usa aqui, é *ptojia*. A outra é *penia*. Esta define a condição do homem que deve trabalhar com suas mãos para ganhar o sustento. A primeira, pelo contrário, denota a destituição total. Em outras palavras, *penia* é o homem que carece do supérfluo, *ptojia* o que não tem nem sequer o essencial.

A pobreza dos cristãos devia-se a duas razões. Devia-se a que a maioria dentre eles pertencia às classes mais baixas da sociedade, e muitos deles eram escravos. O abismo entre os estratos sociais mais baixos e os mais altos não é coisa nova. No mundo antigo era ainda maior que em nossa época. Estas cartas foram escritas a Igrejas asiáticas, mas sabemos que nessa mesma época em Roma os classes sociais mais baixas literalmente morriam de fome quando os ventos contrários atrasavam os carregamentos de cereais provenientes de Alexandria e fazia-se impossível distribuir a farinha gratuita que recebiam como único meio de sustento. Os primeiros cristãos sabiam o que é a pobreza absoluta.

Mas havia outra razão para que os cristãos fossem pobres. Ocorria muito freqüentemente, naquela época, que as casas dos cristãos eram saqueadas por multidões avivadas. Assim, ficavam sem recursos de tudo o que poderiam ter. Não era coisa fácil ser cristão nos tempos de João, na cidade de Esmirna ou em qualquer outro lugar do mundo antigo.

(3) Em terceiro lugar, o *cárcere*. João prevê um encarceramento de dez dias. Esta cifra não se deve interpretar literalmente. Segundo o costume antigo ao falar de "dez dias" fazia-se referência a um período curto de tempo. Esta profecia, portanto, é ao mesmo tempo uma ameaça e uma promessa. Virão dias mais difíceis e os crentes serão encarcerados por sua fé; entretanto, ainda que dura, a prova não demorará muito em ser superada. Devem destacar-se duas coisas.

Primeiro, foi desta maneira, exatamente, como sucedeu. Ser cristão era contra a lei, mas as perseguições não foram muito prolongadas nem contínuas. Durante longos espaços de tempo, os cristãos eram deixados em paz. Inesperadamente, entretanto, um governador de província podia pensar que era necessário "ajustar os parafusos", ou as multidões lançar uma "caça" de cristãos — então estalava a tormenta e descia sobre a Igreja a perseguição. Ser cristão era estar submetido a uma constante incerteza.

Em segundo, lugar, ir ao cárcere pode nos parecer algo não muito terrível . De toda maneira, é melhor que a morte. Mas no mundo antigo o cárcere não era mais que uma sala de espera do sepulcro. O Estado não se preocupava com a sorte dos presos. A forma mais comum de terminar uma condenação era morrendo de fome, peste ou esgotamento.

ESMIRNA – A CAUSA DOS PROBLEMAS

Apocalipse 2:8-11 (continuação)

Os instigadores das perseguições eram os judeus. Era deles que provinham as calúnias. Em repetidas ocasiões, nos Atos dos Apóstolos, vemos como os judeus convenciam as autoridades para que tomassem medidas contra os pregadores cristãos. Sucedeu em Antioquia (Atos 13:50), em Icônio (Atos 14:2, 5), em Listra (Atos 14:19) e em Tessalônica (Atos 17:5).

A história do que sucedeu em Antioquia é um bom exemplo de como agiam os judeus. Em Atos diz que os judeus conseguiram comover

um grupo de mulheres honoráveis e aos principais homens da cidade (Atos 13:50). Em torno da sinagoga se reuniam, habitualmente, muitos homens e mulheres "temerosos de Deus". Estes eram gentios que embora criam em Deus não estavam dispostos a aceitar o judaísmo até suas últimas conseqüências nem desejavam tornar-se prosélitos; eram atraídos pela pregação sobre um só Deus em lugar das teorias pagãs sobre muitos deuses, e em especial a pureza da ética judia, em comparação com a lenidade e a luxúria que, em matéria sexual, era comum entre os pagãos. Eram especialmente as mulheres as que se sentiam atraídas ao judaísmo, por estas razões. Muito freqüentemente estas mulheres eram de alta posição social, esposas de magistrados e governadores, e era mediante estas que os judeus influíam sobre as autoridades para que perseguissem os cristãos. Os judeus dispunham de molas — que certamente eram muito efetivas — para fazer com que as autoridades romanas tomassem medidas contra a Igreja.

João chama os judeus de "a sinagoga de Satanás". Aqui João está usando uma expressão que era muito comum entre os judeus, ainda que nele assume o significado inverso. Quando os judeus se reuniam gostavam de autodenominar-se "a assembléia do Senhor" (Números 16:3; 20:4; 31:16). A palavra "sinagoga" significa literalmente "reunião", "assembléia"' ou "congregação". É como se João estivesse dizendo: "Vocês se chamam a Assembléia de Deus quando, em realidade, não são senão uma assembléia de Satanás, o Diabo."

Em certa oportunidade João Wesley replicou a uns homens que estavam apresentando uma imagem crua, cruel e selvagem de Deus. "Seu Deus é meu diabo." É terrível quando uma religião converte-se em instrumento do mal, da crueldade ou da selvageria.

Nos dias da Revolução Francesa Madame Roland pronunciou suas palavras famosas: "Liberdade, que crimes se cometem em teu nome!"

Houve tempos trágicos nos quais poderia ser dito o mesmo com relação à religião.

Quais eram as calúnias que se levantavam contra os cristãos? Havia seis calúnias que eram moeda corrente em todo o mundo antigo:

(1) Baseando-se nas palavras da comunhão — *isto é o meu corpo, isto é o meu sangue* — corria a história de que os cristãos eram canibais.

(2) Porque os cristãos chamavam *ágape* a suas ceias fraternais (onde se celebrava a Eucaristia), e essa palavra em grego significa "amor", dizia-se que os cristãos praticavam orgias de luxúria desatada e terrível imoralidade.

(3) Sendo um fato que o cristianismo muitas vezes dividia as famílias quando alguns de seus membros se convertiam e outros seguiam sendo pagãos, acusava-se a Igreja de ameaçar a estrutura familiar e interferir nas relações entre maridos e esposas, pais e filhos, etc.

(4) Os pagãos acusavam os cristãos de ateísmo porque não podiam compreender um culto no qual não havia imagens da divindade que se honrava, como em seus templos.

(5) Os cristãos eram acusados de ser cidadãos desleais e potenciais revolucionários, visto que negavam-se a dizer "César é o Senhor".

(6) Os cristãos eram acusados de serem incendiários, porque profetizavam o fim do mundo numa grande conflagração cósmica com fogo.

Não era difícil para as pessoas maliciosas disseminarem rumores perigosos e calúnias infamantes com relação à Igreja.

ESMIRNA – OS TÍTULOS DE CRISTO E SUAS EXIGÊNCIAS

Apocalipse 2:8-11 (continuação)

Vimos que a Igreja em Esmirna estava lutando contra dificuldades e que a ameaçavam dificuldades ainda maiores no futuro imediato. É porque o autor tem isto em mente que a carta começa com a menção dos títulos atribuídos a Cristo, nos quais ele nos sugere quais são as coisas que Cristo pode oferecer aos que se vêem frente a uma situação similar à que viviam os cristãos em Esmirna.

(1) Cristo é o primeiro e o último. No Antigo Testamento este título pertence a Deus. Isaías ouviu Deus dizer. “Eu sou o primeiro e Eu sou o último” (Isaías 44:6; 48:12). Este título tem dois aspectos. Para o cristão é uma magnífica promessa. Seja o que for que aconteça do primeiro dia da vida até o último, com toda a colorida variedade de experiências que podem suceder, sejam boas ou más, o Cristo ressuscitado está conosco. Temos sua palavra de que Ele estará conosco sempre, até o fim do mundo. A quem temeremos, então? Quem poderá nos assustar?

Mas para os pagãos de Esmirna estas mesmas palavras são uma advertência. Amavam a sua cidade. Chamavam-na a primeira da Ásia e estavam dispostos a discutir com qualquer pessoa sua qualidade de principal. Viviam num mundo pequeno de vaidade provinciana, no qual todos competiam para ser melhores que os demais e ascender um degrau acima dos outros. Todos queriam ocupar os primeiros lugares e se esforçavam para obtê-los. Mas o Cristo ressuscitado diz "Eu sou o primeiro e o último". Aqui se põe fim a todo orgulho humano. Junto à glória de Cristo todos os nossos títulos ficam reduzidos ao ridículo, carecem de importância real.

Quando o imperador Juliano fracassou em seu intento de fazer retroceder a trás a história, eliminando o cristianismo e restaurando a religião pagã, e quando seus esforços lhe custaram a vida, exclamou, antes de morrer: "Não era para mim expulsar a Cristo do lugar mais destacado." O posto de preeminência pertence Àquele o que é o primeiro e o último; junto a Ele todas as nossas glórias humanas não são mais que vaidade.

(2) Cristo é aquele que esteve morto e tornou a viver. Neste versículo os tempos dos verbos são de primeiríssima importância. A palavra grega que traduzimos "esteve" é *genomenos*, que pode traduzir-se, com maior fidelidade, "chegou a estar". Descreve um episódio, uma experiência transitiva, algo que sucedeu a alguém. Quando Cristo esteve morto, para Ele a morte foi uma experiência transitiva, um episódio de sua vida. Experimentou a morte e a venceu, e já não esteve mais morto.

Quanto à palavra “tornou a viver”, devemos notar que se trata de um verbo no tempo passado (em aoristo no grego), que descreve uma ação já realizada de maneira completa. A tradução correta seria "voltou à vida de uma vez por todas". Faz-se referência, é obvio, ao evento da ressurreição. O Cristo ressuscitado é Aquele que experimentou a morte, passou através da morte, e saiu da morte; voltou a viver, triunfante, pela ressurreição, e está vivo para sempre jamais. Aqui também há dois aspectos, mas desta vez ambos são para que o cristão tome nota deles.

(a) O Cristo ressuscitado tem a experiência do pior que a vida nos pode oferecer. Sofreu a agonia e a agonia de uma cruz. Não importa o que suceda aos cristãos de Esmirna, Cristo tinha vivido ainda pior. Jesus Cristo pode nos ajudar porque Ele conhece as maiores amarguras da vida, e ainda tem experiência da morte. Nada nos pode suceder que não tenha sucedido, e ainda pior, a Ele.

(b) O Cristo ressuscitado conquistou o pior que a vida pode nos oferecer. Triunfou sobre a dor, triunfou sobre a cruz, triunfou sobre a morte. Não nos oferece algo que Ele mesmo não tenha conquistado em sua própria experiência e vida. E o que nos oferece é o caminho para uma vida vitoriosa.

Mas nesta passagem também há uma exigência, e a exigência nos pede lealdade. A exigência do Cristo ressuscitado é que seu povo lhe seja fiel até a morte, fiel mesmo quanto a própria vida seja o preço dessa fidelidade. A lealdade era uma virtude que os habitantes de Esmirna conheciam muito bem, porque sua cidade tinha comprometido seu destino com Roma e se manteve leal, até em épocas quando a grandeza de Roma não era mais que uma remota possibilidade. Nas horas boas e nas horas más manteve-se fiel a seu compromisso inicial. Não há nada neste mundo que possa ocupar o lugar da lealdade. Se todas as outras boas qualidades Que pode ter a vida fossem postas num pires da balança, e a lealdade, sozinha, no outro, a lealdade moveria o fiel da balança a seu favor.

R. L. Stevenson rogava a Deus que "na diversidade de minha fortuna, até que chegue a atravessar os portais da morte, sejamos leais e nos amemos mutuamente".

O Cristo ressuscitado nos faz grandes ofertas e uma grande exigência. E é somente na fortaleza e na coragem que nos oferece que podemos satisfazer a lealdade que pede de nós.

ESMIRNA - A RECOMPENSA PROMETIDA

Apocalipse 2:8-11 (continuação)

Jesus Cristo não deverá nada a ninguém; Ele dá a recompensa de nossa lealdade. Ele não deixará de vir em seu momento oportuno. Nesta passagem mencionam-se duas recompensas.

(1) Há a coroa de vida. No Novo Testamento menciona-se a coroa de vida em várias oportunidades. Aqui e em Tiago 1:12 trata-se da coroa de *vida*. Paulo fala da coroa da justiça (2 Timóteo 4:8), e da coroa de alegria (1 Tessalonicenses 2:19). Pedro fala da coroa de glória (1 Pedro 5:4). Paulo estabelece um contraste entre a coroa eterna do cristão e a coroa perecível de louro que era o prêmio dos vencedores nos jogos atléticos (1 Coríntios 9:25) e Pedro fala de uma coroa de glória que nunca perde seu brilho (1 Pedro 5:4).

O "de" que aparece em cada uma destas expressões refere-se ao material de que estão feitas as coroas. Menciona-se, então, uma coroa que é feita de glória, de justiça, de beleza, de vida. Ganhar a coroa da justiça, da glória, da vida, é ser coroado de justiça, de glória, de vida. Devemos entender bem a idéia que há por trás desta palavra "coroa". Em grego há duas palavras para dizer "coroa". Uma é *diadema,* que é a coroa real, e a outra é *stefanos,* uma palavra que em geral se relaciona com momentos de alegria e vitória. Vejamos quais são as distintas classes de *stefanoi* (este é o plural de *stefanos)* que se conheciam na antigüidade.

(a) A primeira que vem à mente é a coroa que recebiam os vencedores nos jogos atléticos. Esmirna celebrava anualmente jogos que

eram famosos em toda a Ásia. Como nos Jogos Olímpicos (que eram os mais famosos de todos) a retribuição dos vencedores era uma coroa de louro. O cristão pode ganhar a coroa de louro da vitória na luta da vida. Pode correr a carreira da vida e estar seguro de que no final dela será coroado o atleta vitoriosa de Cristo.

(b) Quando alguém executava de maneira eficiente e fiel a tarefa de magistrado, ao terminar seu tempo de serviço era-lhe outorgada uma coroa. A coroa era a recompensa pela fidelidade no cumprimento de uma tarefa. Aquele que serve fielmente a Cristo e a seu próximo ao longo de toda uma vida de discipulado, receberá sua coroa.

(c) No mundo pagão era costume de usar coroas e arranjos de flores nas festas e banquetes. A coroa era um símbolo da alegria festiva. Ao terminar a vida, quando o cristão foi leal, terá a alegria de participar do banquete celestial como hóspede e convidado de Deus.

(d) Os adoradores pagãos tinham o costume de pôr na cabeça uma coroa quando iam ao templo de seus deuses. A coroa era uma forma de assinalar o fato de que se ia comparecer perante Deus. Ao terminar sua vida o cristão que tenha sido fiel terá a alegria de comparecer perante a presença de Deus.

(e) Por último, alguns eruditos pensaram que nesta menção de uma coroa, faz-se referência ao halo ou auréola que rodeia os seres divinos e os santos nas representações pictóricas. Se fosse assim, o significado é que os cristãos, se forem fiéis a seu chamado, serão coroados com a vida que pertence exclusivamente a Deus. Tal como dissesse João: “Seremos semelhantes a Ele, porque haveremos de vê-lo como Ele é” (1 João 3:2).

É possível que nesta vida a lealdade a Cristo também ponha sobre a cabeça do cristão uma coroa de espinhos, mas na vida vindoura não há dúvida que levará a coroa de glória.

(2) Cipriano usa duas grandes expressões para descrever os que são fiéis até a morte. Diz que são "ilustres, com a nobreza de um bom nome" e "a coorte de mantos brancos entre os soldados de Cristo". Os fiéis recebem outra promessa: Não serão danificados pela segunda morte. "A

segunda morte" é uma frase misteriosa que em todo o Novo Testamento somente aparece no livro do Apocalipse (20:6, 14; 21:8). Os rabinos usavam essa mesma frase quando referiam-se "à segunda morte que morrerão os ímpios no outro mundo". Esta frase tem duas origens.

(a) Entre os judeus os saduceus criam que depois da morte não havia absolutamente nada; os epicureus, entre os gregos, sustentavam a mesma doutrina. Encontramos tais conceitos inclusive no Antigo Testamento, porque o cético livro do Eclesiastes é obra de um saduceu. "Melhor é cão vivo que leão morto" (Eclesiastes 9:4-5). Para os saduceus e os epicureus a morte era a aniquilação total, a obliteração, a extinção, o fim último mais além do qual não havia absolutamente nada. Para o judeu ortodoxo isto era muito fácil, pois significava dizer que o crente fiel e o incrédulo teriam o mesmo fim (Eclesiastes 2:15,16; 9:2). Portanto, chegaram a sustentar que havia algo assim como duas mortes — a morte física, que devem atravessar todos os homens, e uma segunda morte, depois da morte física que era o juízo divino.

(b) Tudo isto está intimamente relacionado com as idéias que estudávamos quando falamos da palavra "paraíso" (2:7). Vimos que muitos judeus e alguns pensadores cristãos primitivos criam que havia um estado intermediário por aquele que passavam todos os homens, no qual esperavam até o dia do juízo. Se as coisas sucedessem assim, poderia falar-se literalmente de duas mortes: a física e a outra, que sofreriam somente os que fossem condenados no tribunal de Deus.

Ninguém pode falar com total confiança com relação a estas coisas. Mas quando João diz que os fiéis não serão danificados pela segunda morte, dizia exatamente o mesmo que Paulo quando afirmava que não há nada, na vida ou na morte, que possa nos separar do amor de Deus em Jesus Cristo. O crente fiel está seguro na vida e na morte (Romanos 8:38-39).

A CARTA A PÉRGAMO

PÉRGAMO – O TRONO DE SATANÁS

Apocalipse 2:12-17

Pérgamo ocupava um lugar muito especial na Ásia. Não estava colocada junto às grandes rotas, como Éfeso ou Esmirna; mas era a maior de todas as cidades asiáticas do ponto de vista da história. Estrabão a chamou uma cidade ilustre e segundo Plínio era a "mais famosa de todas as cidades da Ásia". A razão era que, para a época em que João escreveu esta carta, Pérgamo tinha sido capital da Ásia durante quase quatrocentos anos. Por volta do ano 282 a.C. foi designada capital do reino selêucida, uma das divisões do império que Alexandre Magno deixou ao morrer. Foi capital desse reino até o ano 133 A.C. Esse foi o ano da morte de Átalo III. Em seu testamento este soberano legou seu reino a Roma. Com o território do reino selêucida Roma formou a província da Ásia, e Pérgamo seguiu sendo a capital. Sempre há algo de especial nas cidades capitais e Pérgamo tinha desfrutado dessa distinção durante quase 400 anos.

Sua localização geográfica fazia com que Pérgamo fosse ainda mais impressionante. Estava construída sobre uma elevada colina cônica que dominava o vale do rio Caico; desde sua parte mais alta podia ver-se o Mediterrâneo, a 25 quilômetros de distância.

William Ramsay, um erudito e viajante contemporâneo, descreve-a da seguinte maneira: "Dá a impressão de uma cidade real, como nenhuma outra das cidades da Ásia Menor. É sede de autoridades. Sua colina rochosa, tão enorme, acima da planície do Caico, tão orgulhosa, tão proprietária de si mesma..." A história e as honras rodeavam a Pérgamo. Estabeleçamos quais eram suas principais características.

(1) Pérgamo nunca pôde obter a grandeza comercial de Éfeso ou Esmirna, mas era um centro cultural que ultrapassava essas outras duas cidades. Era famosa por sua biblioteca, que continha não menos de

200.000 pergaminhos. No mundo antigo somente a superava a biblioteca de Alexandria. É interessante assinalar que a palavra "pergaminho" deriva do nome da cidade, Pérgamo. Durante muitos séculos o papiro foi usado como material de escritura. O papiro era uma substância que se fazia com a polpa de um arbusto aquático que cresce em grandes quantidades às margens do Nilo. Extraía-se o miolo desta planta, que era alisada e prensada de modo a formar folhas, que por sua vez eram polidas numa de suas superfícies. O resultado era um material muito parecido ao papel "madeira" ou de "Manila", que se usava quase universalmente para escrever. No terceiro século antes de Cristo um rei de Pérgamo, que se chamava Eumenes, quis tornar a biblioteca de sua capital a mais importante do mundo. A fim de fazê-lo convenceu ao Aristófanes de Bizâncio, que era bibliotecário em Alexandria, para que fosse assumir a biblioteca de Pérgamo. Ptolomeu, rei do Egito, incomodou-se tanto por este "roubo" que ditou um embargo sobre os envios de papiro com destino a Pérgamo. Diante desta situação os estudiosos de Pérgamo inventaram o pergaminho, que se faz com couro alisado e encerado para que se possa escrever sobre sua superfície. Em realidade, o pergaminho é um material muito mais adequado para a escritura, e ainda que durante muitos séculos o papiro seguiu sendo usado, com o correr do tempo seria totalmente substituído pelo pergaminho. Pérgamo, então, glorificava-se em seus conhecimentos e sua cultura.

(2) Pérgamo era um dos centros religiosos mais importantes do mundo antigo. Havia nessa cidade dois santuários famosos. Na carta do Cristo ressuscitado a Pérgamo, este diz que a Igreja dessa cidade está localizada no lugar onde encontra-se o trono de Satanás". Esta referência denota, sem dúvida, algo que para a Igreja Cristã era particularmente mau e hostil para a fé. Alguns creram encontrar nestas palavras uma referência ao esplendor religioso pagão da cidade de Pérgamo. Vejamos, pois, quais eram os santuários mais famosos desta cidade, e se servirem para nos explicar o significado daquela frase.

(a) Pérgamo considerava-se defensora e custódia do estilo de vida grego e da adoração aos deuses pagãos dessa cultura. Pelo ano 240 a. C. os habitantes de Pérgamo haviam ganho uma grande vitória contra os invasores gálatas ou galos, povos considerados "bárbaros" ou selvagens. Foi graças a essa vitória que se conseguiu deter a penetração dos gálatas. Em memória do evento levantou-se um grande altar dedicado a Zeus. Foi erigido em frente do templo de Atenas, sobre o montículo cônico que dominava a cidade, a 250 metros de altura. Tinha o altar de 14 metros de altura, e estava localizado numa saliente rochosa da colina. Seu aspecto era o de um grande trono ou cadeira, sobre um dos lado da colina; e durante todo o dia, todos os dias do ano, elevava-se desde esse "trono" a fumaça dos sacrifícios o que nele se ofereciam a Zeus. Em sua base, esculpida na pedra, havia um dos mais maravilhosos baixos-relevos que o homem jamais tenha visto: a representação num friso da Batalha dos Gigantes, na qual os deuses gregos triunfam sobre os gigantes, divindades atribuídas aos bárbaros. Sugeriu-se que esse altar é o que no Apocalipse se denomina "o trono de Satanás". A posição desse monumento tornava impossível a qualquer visitante ou habitante de Pérgamo esquecer a deusa Atenas e o deus Zeus. Mas, por outro lado, é difícil que um autor cristão tivesse perdido o tempo em atacar o culto destas divindades, porque pelo tempo em que apareceu a Igreja a religião pagã já era um anacronismo, uma sobrevivência apenas do passado.

(b) Pérgamo estava relacionada de maneira especial com o culto de Esculápio até o ponto que a este o estava acostumado a chamar "o deus pergaminho". Quando Galeno cita os juramentos mais comuns de sua época, menciona a Ártemis de Éfeso, Apolo de Delfos e Esculápio de Pérgamo. Esculápio era o deus curandeiro; na antigüidade suas templos sempre estavam perto dos hospitais. Havia muita gente, proveniente de todas as partes do mundo, que chegava a Pérgamo buscando a cura para suas doenças no templo de Esculápio.

R. H. Charles apelidou a Pérgamo "o Lourdes da antigüidade". As curas eram realizadas em parte pelos sacerdotes e em parte pelos

médicos. Galeno, que só foi superado como médico por Hipócrates, era natural de Pérgamo. Mas muitas vezes a saúde se atribuía à intervenção milagrosa e direta do próprio Esculápio. Pôde haver alguma razão para que os cristãos se sentissem movidos a chamar "trono de Satanás" ao templo de Esculápio em Pérgamo? Pôde haver duas razões.

Em primeiro lugar, o título mais famoso de Esculápio era "salvador". É possível que os cristãos tenham experimentado um calafrio de horror ao sentir que outro, fora de Cristo, recebia um título de salvador do mundo que só pertencia a Ele.

Em segundo lugar, o emblema de Esculápio era uma serpente (que ainda se costuma usar como símbolo da medicina). É possível que qualquer judeu ou qualquer cristão interpretasse como satânico um culto que usava a serpente como emblema distintivo.

Mas esta explicação não é totalmente satisfatória. Sugeriu-se que os cristãos veriam com consideração um lugar onde as gente vinham buscando ser curadas de suas enfermidades — e muitas vezes o eram — antes que com indignação e ira. O culto de Esculápio sem dúvida não é uma base suficiente para chamar Pérgamo de "trono de Satanás".

(3) Pérgamo era o centro administrativo da província da Ásia, Em que pese a grandeza de Éfeso, Pérgamo retinha as funções de cidade capital. Isso significa que Pérgamo era o centro asiático do culto a César. O problema do culto a César era, em poucas palavras, o seguinte: Roma precisava encontrar um elemento que unificasse a grande diversidade cultural e política que a caracterizava. Para muitos povos, o governo romano tinha significado uma bênção de paz e ordem, prosperidade e justiça.

A maioria dos habitantes das províncias se sentiam inclinados a ver algo de divino no espírito de Roma; por isso, há muito tempo — vimos que em Esmirna desde 195 A. C — começaram a levantar-se templos dedicados à deusa Roma. O espírito de Roma estava encarnado num homem, o imperador; foi por esta associação que se deificou a pessoa do imperador e começaram a levantar-se templos dedicados a seu culto.

Este culto não foi imposto pelas autoridades, mas sim a maioria das vezes era o próprio povo que tomava a iniciativa. As cidades de província disputavam o título de *Neokoros* (que significa literalmente "guarda templo").

As autoridades romanas viram na difusão do culto ao imperador esse elemento de unidade que buscavam. Foi deste modo que chegou a estabelecer-se a obrigação de ir-se uma vez por ano ao templo de César, queimar perante seu altar um pingo de incenso e dizer: "César é o Senhor". Fazendo isto o cidadão recebia um certificado por escrito mediante o qual podia testemunhar que tinha completado sua obrigação.

Há duas coisas que devem destacar-se. Em primeiro lugar, este era um ato de lealdade política mais que uma profissão de fé religiosa. Em segundo lugar, Roma nunca planejou fazer com que este culto fosse exclusivo. Tendo completado sua obrigação cívica no templo do César, o cidadão podia adorar o resto do ano no templo onde melhor lhe parecesse, sempre que sua religião não fosse ofensiva à ordem ou à decência. Mas nenhum cristão poderia aceitar a obrigação de dizer "César é o Senhor", porque para ele havia somente um Senhor, Jesus Cristo. O governo romano foi incapaz de compreender este ponto de vista, e os cristãos eram considerados cidadãos desleais e perigosos revolucionários. Por isso foram proscritos e perseguidos.

O culto a César estava organizado em torno de um centro provincial, semelhante ao prebistério ou a diocese. Pérgamo era o centro do culto a César na província da Ásia. Foi a primeira de todas as cidades asiáticas (antes de Esmirna, inclusive) que teve, desde o ano 29 a.C., um templo dedicado a César. Isto significava que os cristãos de Pérgamo viviam sob uma constante ameaça de morte. Nunca sabiam quando cairia sobre eles a espada. Sem dúvida é por isso que Pérgamo se denomina "trono de Satanás". Era o lugar onde se obrigava os homens a dar o nome de "Senhor" a César. Para um cristão não havia nada que fosse mais demoníaco e satânico que isso.

Também existe a explicação que encontramos no princípio da carta a Pérgamo. No cabeçalho chama-se a Cristo ressuscitado "aquele que tem a espada aguda de dois gumes". Segundo a lei romana os governadores estavam divididos em duas categorias: os que tinham o *jus gladii* (a lei da espada) e os que não o tinham. Os que possuíam o poder da espada tinham direito de morte ou vida sobre sua província; sua palavra era lei suficiente para que qualquer homem fosse executado na hora. Do ponto de vista humano, o procônsul, que governava desde a cidade de Pérgamo, na Ásia, possuía o *jus gladii*, o direito da espada, e em qualquer momento podia fazer uso de sua prerrogativa contra os cristãos. A carta começa dizendo que os cristãos não devem esquecer que tal última palavra, entretanto, sempre a tem Cristo, que possui a espada afiada em seus dois gumes. O poder de Roma podia ser satanicamente aterrador; mas o poder do Senhor Ressuscitado era muito mais tremendo ainda.

PÉRGAMO – UM COMPROMISSO MUITO DIFÍCIL

Apocalipse 2:12-17 (continuação)

Ser cristão em Pérgamo significava enfrentar o que pode chamar-se, como o teria feito Cromwell, "um compromisso muito difícil".

Já vimos que em Pérgamo se concentrava a religião pagã. Adorava-se a Atenas e a Zeus, com seu magnífico altar que dominava a cidade; adorava-se a Esculápio, vindo até seu templo uma multidão de doentes dos quatro ventos; e sobretudo, em Pérgamo era onde mais exigente fazia-se o culto a César, que pendia sobre as cabeças dos cristãos como uma espada que a qualquer momento podia cair e executar sua ira.

Por isso o Cristo ressuscitado diz aos cristãos de Pérgamo, “Conheço o lugar em que habitas”. A palavra “habitar” significa ter lugar de residência fixo num lugar. É muito estranho que se use esta palavra para referir-se ao lugar onde os cristãos vivem no mundo. Em geral utiliza-se o termo grego *paroikein* que significa estar de passagem,

residir de maneira temporária. Pedro, em sua Carta, escreve aos "estrangeiros" e os que "estão de passagem" nas províncias da Ásia. É muito mais natural pensar que os cristãos são residentes temporários, em qualquer lugar onde se encontrem no mundo. Mas os cristãos de Pérgamo têm sua residência permanente, pelo menos do ponto de vista do mundo, na cidade de Pérgamo; e Pérgamo é o lugar onde está o trono de Satanás, o lugar onde o governo de Satanás é mais forte, onde Satanás exerce maior autoridade. É ali onde os cristãos de Pérgamo devem ficar, gostem ou não gostem. Estão ali e não podem ir a outro lado.

Aqui há algo muito importante. O princípio da vida cristã não é escapar mas sim conquistar. É fácil que pensemos, às vezes, que nos seria muito mais fácil ser cristãos em outro lugar, em outros povos, sob circunstâncias diversas; mas o dever do cristão é não evitar as dificuldades, mas dar testemunho de Cristo onde a vida o colocou.

Ouvimos em certa ocasião a história de uma moça que se tinha convertido numa campanha evangelística. Seu primeiro passo foi deixar seu trabalho no periódico secular onde trabalhava e tomar um novo trabalho num pequeno periódico cristão, onde sempre estava rodeada por crentes. É curioso que o primeiro efeito de sua conversão tenha sido escapar. Quanto mais difícil seja ser cristão numa situação e circunstâncias específicas, maior é a obrigação de ficar nesse lugar. Os cristãos de Pérgamo tinham que ser discípulos de Cristo no lugar onde estava o trono de Satanás, e ali era sua obrigação ficar. Se nos primeiros tempos os cristãos escapassem toda vez que encontrassem dificuldades demasiado grandes para viver sua fé, não se tivesse podido ganhar todo um mundo para Cristo.

Por outro lado, os cristãos de Pérgamo demonstraram que era possível ser cristão sob as piores circunstâncias. Mesmo quando pesava sobre eles a ameaça do martírio, não se amedrontaram nem iniciaram a retirada. Sabemos muito pouco sobre Antipas; uma lenda, citada por Tertuliano, diz que morreu ao ser colocado dentro de um touro de bronze e ser aceso o fogo por baixo para que assasse. Mas há algo no texto

original, em grego, que é muito difícil de traduzir ao português. O Cristo ressuscitado chama o Antipas "meu *martus* fiel". Para nós, a palavra *martus* significa "mártir". Mas em grego *martus* quer dizer comumente "testemunha". Para os cristãos primitivos ser testemunha e ser mártir eram a mesma coisa. O testemunho significava muito freqüentemente martírio. O cristão dos primeiros tempos sabia muito bem que ao aceitar a fé se converteu, automaticamente, em réu de morte.

Aqui há algo para que nos envergonhemos. Há muitos que estão sempre dispostos a exibir seu cristianismo entre cristãos; mas assim que o círculo que os rodeia é formado preponderantemente por incrédulos, dissimulam seu cristianismo, para não serem ridicularizados, para não receberem zombaria ou desprezo. O cristão deve lembrar que ser testemunha também significa ser mártir, e que não é estranho que ao dar testemunho de Cristo se deva enfrentar também o sofrimento e até a morte.

Mas deve notar-se ainda outra coisa. O Cristo ressuscitado chama a Antipas "meu *martus* fiel". Deste modo lhe outorga o mesmo título com que Ele é distinguido. Em Apocalipse 1:5 e 3:14 Jesus Cristo recebe o título de "testemunha fiel"; Jesus Cristo outorga sua próprio honra e nome a todos os que lhe são fiéis. É muito fácil ser cristão quando isso não ocasiona problemas sérios; mas a maior glória corresponde ao homem, à mulher, que aceitam o fato de que o testemunho e o martírio muitas vezes andam de mãos dadas.

PÉRGAMO – A CONDENAÇÃO DO ERRO

Apocalipse 2:12-17 (continuação)

Em que pese a fidelidade da Igreja em Pérgamo, nela havia aqueles que viviam no erro. Havia aqueles que seguiam os ensinos de Balaão e a doutrina dos nicolaítas. Já vimos quem eram estes hereges quando estudamos a carta a Éfeso, e voltaremos a nos ocupar deles quando explicarmos a carta a Tiatira. Bastará no momento dizer que segundo os

nicolaítas não havia nada mau em que os cristãos se adaptassem aos costumes do mundo, e portanto recomendavam seguir uma política de prudente compromisso quando se tratava das práticas e a moral da sociedade pagã.

O homem que não está preparado para ser diferente não deve sequer dar o primeiro passo no caminho do discipulado cristão. A palavra mais comum que se usa no Novo Testamento para designar os crentes é *hagios*; em várias oportunidades assinalamos que o significado fundamental deste termo é "separado" e "distinto". O Templo é *hagios* porque é diferente a todos os outros edifícios; o Sabath é *hagios* porque é diferente de todos os outros dias; Deus é o supremo *hagios* porque em sua infinita santidade e pureza é totalmente diferente de todos os outros seres; e o cristão é *hagios* porque é diferente dos demais.

Devemos entender muito claramente o que significa esta diferença, porque contém um paradoxo. Paulo exorta os coríntios a ser diferentes: “Saí do meio deles”, diz-lhes (2 Coríntios 6:17). Esta diferença com relação ao mundo não significa que o cristão deve isolar-se e viver separado do mundo, nem significa que se deva desprezar, odiar ou ter em menos conta o mundo.

É o mesmo Paulo quem diz à mesma igreja: “Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (1 Coríntios 9:22). Paulo afirmava que ele era capaz de dar-se bem com qualquer. Mas — e aqui está a diferença — se dava bem com todos para poder ganhar alguns. Não se tratava de baixar o cristianismo até seu nível; era questão de elevar a outros até o nível do cristianismo. O erro dos nicolaítas era tentar rebaixar a vida cristã ao nível da vida dos pagãos antes que elevar o mundo de sua época ao nível do cristianismo. Em outras palavras, sua política ara o arranjo, e sua motivação terminantemente evitar os reações negativas que não estavam dispostos a sofrer.

O Cristo ressuscitado diz que virá e pelejará contra eles. Note-se que não diz "pelejarei contra vós". A ira de Cristo não se dirige contra a

totalidade da Igreja em Pérgamo, mas sim contra aqueles que estavam seduzindo, levando pelo mau caminho e tentando a Igreja. Com relação aos seduzidos, aos que tinham sido tirados do caminho correto, aqueles que tinham sido ofendidos mais que cometer, ofensa, não sinta mais que piedade. A ira de Cristo é mortífera para os que fizeram outros caírem.

Jesus Cristo diz que virá e pelejará contra os tentadores com "a espada de minha boca". O Cristo da espada é uma idéia surpreendente. Pensando em muitos conquistadores e comparando-os com Jesus um poeta escreveu:

> Então todos aqueles desapareceram da cena
> Como sombras vacilantes sobre um espelho;
> E conquistando século após século ao longo da história
> Veio Cristo, sem espada, montando um asno.

O que significa, então, esta referência à espada da boca de Cristo? O autor de Hebreus fala da Palavra de Deus que é mais afiada que uma espada de dois gumes (Hebreus 4:12). E Paulo fala que "a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus (Efésios 6:17). A espada de Cristo é sua palavra. Nas palavras de Cristo o pecador encontra a convicção de seu pecado; nela qualquer homem é confrontado com a verdade e obrigado a reconhecer seu fracasso ao tentar conhecer e viver a verdade. Na palavra de Cristo há um convite para ir a Deus; convence o pecador de seu pecado e o convida à redenção: nunca o condena irremediavelmente.

Na palavra de Cristo temos a segurança da salvação; ela convence o pecador de seu pecado, leva-o até a cruz e lhe outorga a segurança de que não há outro nome sob o Sol, de todos os que foram dados ao homem, mediante o qual possa ser salvo, exceto o nome de Jesus (Atos 4:12). A conquista que faz Cristo é seu poder para ganhar os homens para o amor de Deus.

PÉRGAMO – O PÃO DO CÉU

Apocalipse 2:12-17 (continuação)

Nesta carta o Cristo ressuscitado promete duas coisas ao homem que sair vitorioso. Promete-lhe participação no maná escondido. Esta é uma concepção judia que tem dois aspectos.

(1) Quando os filhos de Israel não tiveram o que comer no deserto, Deus lhes enviou o maná (Êxodo 16:11-15). Quando cessou a necessidade de receber o maná, não passou, entretanto, à memória que os judeus guardaram desse dom de Deus. Uma vaso de maná foi guardado na arca da Aliança e colocada frente ao Deus no Santíssimo do tabernáculo e no Templo (Êxodo 16:33-34; Hebreus 9:4).

O templo que tinha construído Salomão foi destruído no sexto século a.C; a lenda conta que, ao suceder aquele desastre, Jeremias escondeu o vaso do maná numa greta do Monte Sinai. Os rabinos diziam que ao vir o Messias o vaso seria recuperado. Portanto, para um judeu comer "do maná escondido" significava desfrutar das bênçãos da era messiânica. Jesus era o Messias, e portanto para o cristão, comer do maná escondido significava ingressar na bem-aventurança do Novo Mundo que faria irrupção ao instalar o Reino, quando Jesus abriria os tesouros de sua riqueza aos que lhe pertenciam.

(2) Mas é possível encontrar um significado mais amplo. Com relação ao maná diz-se: “Este é o pão que o SENHOR vos deu para comer” (Êxodo 16:15). É denominado “trigo do céu” (Salmo 78:24) e “pão dos anjos” (Salmo 78:25). Em nosso texto "maná" pode significar "alimento celestial". Se este fosse o caso, João estaria dizendo, "neste mundo vocês não podem participar dos banquetes pagãos; não podem sentar-se a comer carne que fez parte de um sacrifício dedicado a ídolos. Talvez vocês pensem que estão perdendo muito, e que lhes é exigido demasiado. Mas se neste mundo vocês se abstêm dessas festas corrompidas, virá o dia quando vocês participarão de uma festa nos céus, onde se alimentarão de pão celestial". O Cristo ressuscitado estaria

dizendo, então, que é preciso abster-se das seduções deste mundo se se quer participar nas bênçãos do céu.

(3) Há ainda outra interpretação possível. Alguns sugeriram que o maná escondido é o pão de Deus que se oferece ao cristão no sacramento da Santa Ceia. João nos conta que os judeus haviam dito a Jesus que seus pais tinham recebido maná do céu e assim foram alimentados. A isso Jesus respondeu que somente Deus podia dar o verdadeiro pão do céu; e então afirmou, com grande ousadia: "Eu sou o pão da vida". (João 6:31-35). Se o maná escondido e o pão da vida são o mesmo, o maná escondido não é somente o pão do sacramento mas sim Jesus Cristo mesmo em pessoa, que é o pão da vida, e aqui temos uma promessa de Jesus Cristo: que Ele mesmo se dará aos que lhe sejam fiéis.

PÉRGAMO – A PEDRINHA BRANCA E O NOME NOVO

Apocalipse 2:12-17 (continuação)

A última promessa do Jesus ressuscitado aos fiéis em Pérgamo é que lhes dará uma pedrinha branca com um nome novo escrito nela. Esta é uma passagem do qual há infinitas interpretações. Veremos algumas delas, porque cada uma tem algo a acrescentar à nossa compreensão desta linda imagem. No mundo antigo uma pedra branca podia significar muitas coisas distintas.

(1) Segundo uma lenda rabínica ao cair o maná do céu também caíam pedras preciosas. A pedrinha branca, neste caso, representaria os preciosos dons de Deus a seu povo.

(2) No mundo antigo usavam-se ábacos feitos com pedras de cores. Assim, os cristãos são reconhecidos entre a multidão.

(3) Nos tribunais antigos usavam-se pedrinhas brancas e negras para registrar o veredicto dos jurados. Uma vez que o promotor e o defensor tinham desenvolvido suas argumentações, o jurado expressava seu veredicto colocando pedras brancas ou negras, segundo fosse inocente ou culpado, numa urna. A sentença de inocente correspondia a

uma maioria de pedras brancas, a de culpado a uma maioria de pedras negras. A pedra branca, então, significa inocência. Aqui significaria que o cristão fiel é declarado inocente no tribunal celestial, pelos méritos de Cristo.

(4) Na antigüidade usava-se um objeto chamado *tessera*. Era um pequeno tablete de madeira, metal ou pedra, sobre a qual ia uma inscrição especial. A possessão de uma *tessera* conferia a seu possuidor algum privilégio especial. Três destas *tesserae* têm um interesse especial para nós.

(a) Em Roma as grandes "casas" (famílias) tinham seus "clientes". Os "clientes" eram pessoas que recebiam alimentos e vestido das famílias mais ricas. Todas as manhãs iam à casa de seu benfeitor e lhes era dado comida e dinheiro para o dia. Os "clientes" em geral tinham uma *tessera* que os identificava como merecedores desses presentes. Isto significaria que o cristão possui o direito e o privilégio de receber gratuitamente de Cristo o dom da vida.

(b) Uma das maiores honras que podiam obter-se no mundo antigo era ganhar uma vitória nos jogos atléticos. Os vencedores em geral recebiam uma *tessera* que creditava sua qualidade de tais e que lhes permitia livre acesso aos jogos, espetáculos e diversões públicas. Isto significaria que o cristão é o atleta vitorioso de Cristo que recebe seu prêmio e participa da honra e glória de seu Senhor.

(c) Os grandes gladiadores eram os heróis mais admirados por Roma. Em geral o gladiador devia pelejar até que algum contendor o matasse. Mas se algum gladiador tinha ganho honras especiais e sua carreira tinha sido particularmente brilhante, ao envelhecer era excetuado da obrigação de seguir pelejando, permitindo-se que se aposentasse com honras. Tais homens recebiam uma *tessera* que tinha escritas as letras SP, iniciais que em latim significam: "homem cujo valor foi provado além de toda dúvida possível". Isto significaria que o cristão fiel é como um gladiador que, tendo provado sua coragem na batalha da vida, pode desfrutar do descanso que Cristo lhe concede, com honras.

(5) Na antigüidade os dias especialmente felizes e bem-sucedidos se denominavam "dias brancos".

Plutarco conta que quando Péricles estava sitiando Samos sabia que o cerco seria longo; não queria que seu exército perdesse o entusiasmo; por isso, dividiu-o em oito setores: todos os dias as oito divisões de seu exército tiravam a sorte; uma das sortes era uma pedra branca. A parte do exército que tinha tirado a pedra branca estava excetuada de serviço e podia divertir-se à vontade. A partir desse episódio é que chegou a denominar-se os dias felizes como "dias brancos" (Plutarco, *Vida, de Péricles*, 64).

Plínio, numa carta que escreve a um amigo, diz que nesse dia teve a alegria de ouvir a dois magníficos defensores nos tribunais, homens jovens, em cujas mãos estava seguro o futuro da oratória romana. E adiciona que esse fato tinha significado que esse dia ficava para ele marcado *cândido cálculo*, com a mais branca das pedrinhas (Plínio, Caria, 6. 11). Os trácios costumavam guardar uma urna em suas casas na qual depositavam uma pedra branca por cada dia feliz que tinham vivido, e uma pedra preta para cada dia infeliz; ao morrer contavam as pedras brancas e as pretas, e segundo a preponderância de umas ou outras dizia-se que o homem tinha tido uma vida feliz ou triste. Isto significaria que graças a Jesus Cristo o cristão fiel pode ser feliz e desfrutar da vida, uma alegria que nada nem ninguém poderá lhe tirar (João 16:22).

(6) Seguindo esta linha de interpretações há uma possibilidade mais, que talvez seja a correta. Um dos costumes mais generalizados no mundo antigo era levar consigo algum amuleto ou encantamento. Podia ser feito de prata ou ouro, ou com alguma pedra preciosa, um diamante. O mais comum, entretanto, era que fosse um canto rodado, sobre o qual se escrevia o nome de um deus. Conhecer o nome de um deus era ter um poder especial sobre ele, poder chamá-lo no momento em que se necessitava sua ajuda. Pensava-se que este tipo de amuleto era muito mais poderoso se somente seu possuidor sabia o nome que tinha escrito. O mais provável é que João esteja dizendo: "Seus amigos pagãos — e o

mesmo faziam vocês quando eram pagãos — portam amuletos e encantamentos com inscrições supersticiosas neles. Pensam que esses amuletos lhes trazem boa sorte e segurança. Vocês não necessitam tal coisa, porque conhecem o nome do único Deus verdadeiro e isso lhes é suficiente para estarem sempre seguros, na vida ou na morte. O pagão colocava sua confiança num amuleto supersticioso; o cristão tem sua confiança no nome de Deus.

PÉRGAMO – REBATIZADA POR DEUS

Apocalipse 2:12-17 (continuação)

É possível que tenhamos que buscar o significado do novo nome e da pedra branca numa direção completamente diferente.

As palavras *branco* e *novo* são características de Apocalipse. R. H. Charles disse que no Apocalipse o branco é a cor do céu. A palavra que se usa não descreve uma brancura opaca, mas sim uma brancura que brilha, cintila e vibra, como a neve quando recebe de cheio os raios do Sol. Representa o que somente podemos identificar com a brancura nívea e vibrante da pureza celestial. É deste modo que no Apocalipse nos deparamos com as vestimentas brancas (3:5), túnicas brancas (7:9), linho branco (19:8, 14) e o grande trono branco de Deus (20:11). O branco, então, é a cor do céu.

Por outro lado, em grego há duas palavras para dizer "novo". Uma coisa pode ser *neos*, que significa novo no que respeita ao tempo; pode tratar-se de um novo objeto de um tipo ou características bem conhecidas a muito tempo. Por outro, existe *kainos*, que significa novo não somente com relação ao tempo mas também em qualidade. Uma coisa *kainos* não somente é de feitura recente, mas sim nada igual foi feito antes. Introduz na experiência humana algo totalmente desconhecido. É deste modo que no Apocalipse temos uma nova Jerusalém (3:12), uma nova canção (5:9), novos céus e nova terra. Diz-se, fazendo uso desta palavra, que

Deus faz novas todas as coisas (21:5). Tendo em conta estas observações, sugeriram-se duas linhas de pensamento.

Sugeriu-se que a pedra branca é o crente; que o Cristo ressuscitado está prometendo aos que forem fiéis um novo eu, uma nova vida, um novo caráter, purificado de todos os pecados e manchas desta Terra, que brilhe com a mesma pureza do céu. A pedra branca, neste caso, seria o crente fiel, recriado e feito novo.

Quanto ao novo nome — uma das características do Antigo Testamento é que quando um personagem adquire uma função ou nível diferente em geral lhe é dado um novo nome. É assim que Abrão torna-se Abraão quando lhe é feita a promessa de que há que ser pai de muitas nações, e quando ele adquire, por assim dizer, um novo papel no plano da salvação (Gênesis 17:5). Depois da luta em Peniel, Jacó torna-se Israel, que significa príncipe de Deus, porque tinha prevalecido com Deus (Gênesis 32:28). Isaías ouve uma promessa de Deus à nação de Israel: "As nações verão a tua justiça, e todos os reis, a tua glória; e serás chamada por um nome novo, que a boca do SENHOR designará" (Isaías 62:2).

Este costume de pôr um novo nome à pessoa que muda de nível ou papel era conhecido também pelos pagãos. O nome do primeiro imperador romano era Octavio; mas quando se tornou imperador foi rebatizado como Augusto. O novo nome assinalava a natureza de sua nova função: agora era único, sobre-humano, mais que um homem.

Há uma superstição muito curiosa, que se relaciona com este costume, que estava muito difundido nas zonas camponesas da Terra Santa. Quando alguém estava doente e corria perigo de morte, muitas vezes seu nome era mudado, dando-se a alguém que tivesse vivido uma vida muito longa e santa, como se o fato de ter um nome novo o convertesse numa pessoa nova, sobre a qual a doença perdesse o poder.

Neste caso, então, Cristo promete um novo papel e nível aos que lhe são fiéis; concede-lhes entrar em sua glória, sentar-se em seu trono e converter-se em reis e sacerdotes seus.

Esta interpretação é muito interessante. Sugere que a pedra branca significa que Jesus Cristo dá a todos os que lhe são fiéis um novo eu e um novo caráter; e sugere que o nome novo significa um novo caráter. Sugere que o homem novo significa um novo *status* de honra e glória, que assumem todos os que se mantiveram leais a Cristo quando termina esta vida e começa a outra.

Resta dizer, entretanto, que por mais atrativa que nos possa parecer esta última interpretação, é muito mais provável a que relaciona o significado da pedrinha e o nome novo com a prática de usar amuletos de pedra branca com um nome divino inscrito em sua superfície.

A CARTA A TIATIRA

TIATIRA – O PERIGO DO COMPROMISSO

Apocalipse 2:18-29

A mais longa das sete cartas é a que se dirige à menos importante das sete cidades. Plínio sustenta que Tiatira era uma cidade sem importância. Entretanto, como veremos, o problema que Tiatira enfrentava e o perigo que corriam os cristãos nela era idênticos com os que a Igreja devia enfrentar em todas as cidades da Ásia.

Tiatira estava localizada no longo vale que conecta entre si os vales dos rios Hermus e Caico. Na atualidade é sulcada por uma linha ferroviária. A importância de Tiatira era sua posição geográfica.

(1) Tiatira estava no caminho que unia a Pérgamo com Sardes, e que seguia até Filadélfia e Laodicéia, numa rota por onde podia chegar-se até Esmirna e Bizâncio. Era o caminho por onde viajava o correio imperial; por esse caminho se transportava todo o intercâmbio comercial entre a Europa e Ásia. Portanto, e acima de tudo, Tiatira era uma cidade comercial importante.

(2) Do ponto de vista estratégico a importância de Tiatira era que fechava o acesso a Pérgamo, e Pérgamo era a capital da província. As

primeiras notícias que temos de Tiatira nos descrevem isso como uma guarnição fortificada, onde servia uma companhia de soldados macedônios, cujo cometido era proteger a Pérgamo. Mas Tiatira não podia suportar um sítio prolongado. Estava convocada num vale aberto e aprazível, onde não havia colinas ou penhascos que pudessem fortificar-se. Tudo o que Tiatira podia fazer era atrasar o avanço das tropas inimigas e dar tempo a Pérgamo para preparar suas defesas. Tiatira era, portanto, do ponto de vista estratégico, uma cidade de fronteira muito importante.

(3) Tiatira não tinha nenhum significado religioso especial. Não era centro da adoração de César nem havia nela templos gregos de algum significado especial. Seu deus local era o herói militar Tirimno, que aparece nas moedas antigas montando a cavalo e armado com uma tocha e um pau. A única coisa fora do comum com relação a Tiatira, do ponto de vista religioso, era que nela funcionava um santuário de adivinhação (oráculo), presidido por uma sacerdotisa conhecida com o título de Sambate. A Igreja de Tiatira não enfrentava um perigo especial de perseguições.

(4) Qual era, então, o perigo e a ameaça em Tiatira? Tiatira é a cidade, entre as sete, com relação à qual sabemos menos coisas; é muito difícil, então, reconstruir a situação. A única coisa que sabemos positivamente era que funcionava como um importante centro comercial. Era, em especial, o centro da indústria do tingido e do comércio de tecidos de lã. Lídia, a vendedora de púrpura, provinha de Tiatira (Atos 16:14).

Sabemos, a partir de inscrições que se encontraram, que Tiatira era a sede de várias guildas de comércio importantes. Estas guildas eram uniões ou sindicatos de pessoas que trabalhavam num mesmo ramo da indústria ou o comércio e tinham objetivos tanto de mútua proteção e benefício como de tipo social e recreativo. Em Tiatira havia guildas de operários da lã, do couro, do linho e do bronze, de modistas, de tintureiros, de oleiros, de padeiros e de traficantes de escravos. Por este

lado, devia encontrar-se o problema da Igreja em Tiatira. Negar-se a integrar uma dessas guildas devia ser, naquela época como negar-se a integrar o sindicato do ofício em que a pessoa trabalha. Significaria, supomos, perder toda esperança de prosperar no comércio ou na indústria. Que razões podia ter um cristão para negar-se a fazer parte da guilda que correspondia a seu ofício?

Havia duas características das guildas que podiam resultar inconvenientes para os cristãos. Em primeiro lugar celebravam periodicamente banquetes. Estes banquetes, como era habitual, tinham lugar nos templos pagãos. Mesmo se fossem feitos numa casa particular, iniciavam-se e concluíam com algum tipo de ato religioso formal, e a carne que se consumia neles era sempre carne que tinha sido sacrificada aos ídolos. Podia um cristão participar de uma comida com estas características? Em segundo lugar, estes banquetes eram, em geral, ocasião para atos licenciosos e bebedeiras. Podia um cristão estar presente em celebrações sociais deste tipo?

Este era o problema de Tiatira. Não havia ameaça de perseguição; o perigo estava dentro da Igreja. Na Igreja havia cristãos que se perguntavam por que um crente não podia pertencer à guilda de seu ofício, e por que devia sacrificar seus interesses comerciais ao negar-se a fazer parte do sindicato que lhe correspondia. Os que se perguntavam estas coisas muito possivelmente argumentassem que o cristão era sempre defendido pelo Espírito Santo e pela presença de Cristo, e que precisamente por isso não fazia nada mau ao participar nas celebrações sociais convocadas pelas guildas. Em outras palavras, em Tiatira havia um movimento bastante forte, presidido por uma mulher que no Apocalipse se chama Jezabel, que sustentava a necessidade de entrar em compromissos com o mundo e com as normas de moralidade mundanas, a fim de não arriscar o êxito dos negócios e a prosperidade material. A resposta do Cristo ressuscitado é inequívoca. O cristão não pode ter nada a ver com tais coisas.

O problema de Igreja em Tiatira era um problema universal. É um problema que ainda seguimos tendo hoje: Pode o cristão comprometer-se com o mundo, e se puder, até que ponto deve fazê-lo?

TIATIRA – O ESTADO DA IGREJA EM TIATIRA

Apocalipse 2:18-29 (continuação)

R. H. Charles assinala que a mais longa das sete cartas é dirigida à menos importante das sete cidades; mas o problema e o perigo que ameaçavam e Igreja em Tiatira não são de pouca monta.

Das sete cartas, a carta a Tiatira é a mais enigmática. Nosso problema é que possuímos muito pouca informação sobre Tiatira e sobre o pano de fundo da Igreja que havia nessa cidade. No caso das outras cidades, sabemos bastante sobre o pano de fundo das cartas e nos põe em condições de ver o que podia estar sucedendo nas Igrejas. Mas no caso de Tiatira dispomos de tão pouca informação que ninguém poderia atrever-se a dizer que tem a chave para interpretar a carta.

Deparamo-nos com quatro perguntas. Qual era, em realidade, a situação da Igreja nessa cidade? Quem era essa mulher, Jezabel, aparentemente o centro do problema? Quais eram em realidade seus ensinos? O que significam as promessas que a Igreja recebe em Tiatira?

Primeiro procuraremos responder à pergunta: Qual era realmente a situação da igreja em Tiatira?

A carta começa com uma descrição do Cristo ressuscitado que contém uma ameaça. Seus olhos como labaredas de fogo e seus pés como bronze polido. A descrição é tirada de Daniel 10:6, onde um mensageiro angélico tem “os seus olhos, como tochas de fogo, os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido.” Em tudo isto há algo de espanto, terror e reverência. Os olhos chamejantes significam pelo menos duas coisas: em primeiro lugar, a ira acesa do Cristo ressuscitado em face do pecado; em segundo lugar, a tremenda e arrepiante penetração desse olhar que nos descobre de todo disfarce e

entra até revelar nossos segredos mais íntimos. Quanto aos pés de bronze, significam sem dúvida o poder inflexível, incomovível e invencível do Cristo que esteve morto e agora vive. Uma mensagem que começa desta maneira sem dúvida não terá nada de tranqüilizador e consolador.

Mas a carta continua, surpreendentemente, em termos de elevadíssimo louvor. A Igreja em Tiatira é felicitada por seu amor, lealdade no serviço e fiel paciência. Deve notar-se como estas grandes virtudes aparecem em casais. O serviço é um resultado do amor, a paciência é o produto da lealdade. Há algumas coisas, pelo menos, nas quais a Igreja em Tiatira melhorou desde os dias de seus começos.

Depois temos a condenação dessa mulher Jezabel, de suas atitudes e de seus ensinos. Não se pode evitar chegar à conclusão de que Jezabel tinha uma grande influência.

A conclusão necessária pareceria ser a seguinte: Na superfície, a Igreja em Tiatira parecia forte e florescente. Qualquer estranho que a visitasse ficaria impressionado por sua vitalidade e energia, por sua aparente liberalidade e por sua paciência. Entretanto, havia algo essencial que lhe faltava: em seu coração mesmo havia uma fissura.

Aqui temos uma advertência. Uma Igreja cheia de gente, um verdadeiro favo de energia, uma dínamo de atividade, não é necessariamente uma verdadeira Igreja. É muito fácil encher de gente uma Igreja quando os fiéis vêm para ser entretidos e não para ser instruídos, para ser tranqüilizados e justificados em vez de ser desafiados, confrontados com a realidade de seus pecados e com a oferta da salvação. Uma Igreja pode chegar a estar cheia de energia. Pode ser que essa Igreja não descanse em suas múltiplas atividades, mas nessa abundância de energia, entretanto, pode ter perdido o centro de sua vida. Em vez de ser uma congregação cristã conseguiu converter-se num clube bem-sucedido. A situação da Igreja em Tiatira deve nos levar a pensar.

TIATIRA – A FONTE DO ERRO

Apocalipse 2:18-29 (continuação)

O problema de Tiatira girava em torno de uma mulher a quem na carta chama-se Jezabel. Quem era esta mulher? Ofereceram-se várias respostas.

(1) Começaremos com uma resposta que é muito interessante, ainda que duvidemos muito que seja a correta. A versão Almeida Atualizada “essa mulher, Jezabel”. Em realidade o texto original poderia traduzir-se (segundo alguns manuscritos) "sua mulher Jezabel". No princípio víamos que o anjo de cada Igreja podia ser o bispo que a presidia. Se esta carta está dirigida ao bispo da Igreja em Tiatira, esta possível tradução significaria que a causa de todo o problema era a esposa do bispo. Este detalhe seria uma chama de informação muito interessante sobre a vida dos cristãos na Igreja Primitiva. Não seria a última vez em que as esposas dos dirigentes são causa de problemas numa congregação. Mas, por diversas razões, é melhor rejeitar esta interpretação, visto que a diferença no texto grego que nos obrigaria a traduzir da maneira variante não é sustentada nos melhores manuscritos.

(2) Já dissemos que uma das distinções de Tiatira era ter uma mulher que adivinhava o futuro, cujo título era Sambate. Os gregos utilizavam muito este tipo de adivinhação. O oráculo de Delfos, por exemplo, tinha chegado a ser famoso no mundo inteiro. É possível que a pitonisa de Tiatira fosse judia, pois os judeus se dedicavam muito freqüentemente a este oficio de adivinhação, como os ciganos na atualidade. Há alguns que crêem que Jezabel era a Sambate de Tiatira, e que sua influência sobre a Igreja cristã dessa cidade chegou a ser muito perigosa. É perfeitamente possível que uma pitonisa, especialmente se fosse judia, tratasse de machucar a Igreja. Mas cremos que esta interpretação deve rejeitar-se, porque Jezabel, fosse quem fosse, era evidentemente membro da Igreja.

(3) Há alguns que, sem fundamento algum, identificaram a Jezabel com Lídia, a vendedora de púrpura de Tiatira, a quem Paulo conheceu e converteu em Filipos. Aqueles que sustentam esta teoria dizem que Lídia deve ter voltado a Tiatira, tornando-se ali numa influência dominadora e corruptora. Esta interpretação deve ser totalmente rejeitada, pois não é mais que uma calúnia com relação a Lídia.

(4) A única conclusão razoável é dizer que não temos idéia de quem pode ser esta mulher Jezabel, ainda que possamos descrever a classe de pessoa que era.

Não é surpreendente que pretendesse ser profetisa. É verdade que Paulo não aceitava que as mulheres falassem na Igreja (I Cor. 14:34). Mas também é verdade que tanto no Antigo como no Novo Testamento encontramos mulheres que desempenham este ofício. No Antigo Testamento temos Miriam (Êxodo 15:20), Débora (Juízes 4:4), Hulda (2 Reis 22:14); e no Novo Testamento temos Ana (Lucas 2:36) e as quatro virgens, filhas de Filipe (Atos 21:9). Era perfeitamente possível que uma mulher chegasse a ser profetisa na Igreja.

Esta mulher é chamada *Jezabel*. Portanto, seu caráter deve descobrir-se na personalidade da possuidora original deste nome, que aqui se aplica a ela como apelido. Há poucas mulheres que tenham adquirido uma reputação de perversidade tão notória como Jezabel. Era a filha de Etbaal, rei de Sidom, e a esposa de Acabe (I Reis 16:31). Quando veio de Sidom trouxe consigo seus deuses, e fez com que Acabe e seu povo adorassem a Baal. Ela não queria eliminar o culto ao Senhor. Mas os profetas de Jeová teriam que aceitar que, além de seu Deus, se adorasse o deus de Sidom. Mandou matar os profetas do Senhor, então, por seu exclusivismo, e sustentava, em sua própria mesa, a quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal (I Reis 18:13,19). Era o gênio maligno de Acabe; em particular foi a responsável pelo assassinato do Nabote, o dono da vinha cuja propriedade Acabe cobiçava (I Reis 21). Seu nome chegou a ser sinônimo de "prostituição e bruxaria" (2 Reis 9:22). Era

uma mulher notoriamente imoral, que seduziu a Acabe e a Israel para que se separassem do culto do verdadeiro Deus.

Tudo isto deve significar que a Jezabel de Tiatira era uma mulher má e corruptora que exercia sua influência para apartar a Igreja de sua pureza de vida e a adoração do verdadeiro Deus. Deve entender-se entretanto, que seu propósito não era destruir a Igreja, mas sim introduzir nela novas práticas que, a longo prazo, terminariam em destruí-la. Jezabel deve ter sido uma dessas pessoas que querem modificar o cristianismo para que se adapte a sua própria modalidade e que se crêem capazes de melhorar os ensinos de Jesus Cristo.

TIATIRA – OS ENSINOS DE JEZABEL (1)

Apocalipse 2:18-29 (continuação)

Acusa-se a esta mulher, Jezabel, de ensinar duas coisas: Que os cristãos podiam cometer fornicações e que podiam comer carne que tinha sido oferecida aos ídolos.

Tomemos primeiro o segundo destes dois ensinos, porque podemos estar mais seguros do que significa. Um dos grandes problemas da Igreja naquela época era a carne que tinha sido oferecida aos ídolos. Os cristãos eram confrontados em sua vida cotidiana. Quando alguém oferecia um sacrifício num templo grego, somente uma parte muito pequena da carne era queimada no altar. Às vezes, só eram queimados uns poucos cabelos cortados da frente do animal. Os sacerdotes recebiam uma parte da carne, como sua remuneração, e o ofertante levava o resto. Com a carne que recebia o ofertante podia fazer duas coisas: celebrar uma festa dentro do recinto do templo, a qual convidava a seus amigos (o prato principal do banquete era a carne). A maioria das festas e banquetes celebravam-se nos templos. O convite em geral dizia: "Convido-o a comer comigo na mesa de nosso Senhor Serapis". Se não queria celebrar um banquete no templo, podia levar a carne para sua casa e usá-la ali para seu próprio consumo, ou para algum festejo familiar.

Este era o problema dos cristãos: Podia um crente em Jesus Cristo assistir a um banquete num templo pagão? Podia, fora no templo ou em qualquer outro lugar, participar de uma comida cuja carne tinha sido sacrificada em honra de algum ídolo? Paulo se ocupa deste problema em 1 Coríntios capítulos 8 a 10.

Devemos lembrar que na antigüidade cria-se intensamente na existência real de demônios; para os cristãos, os deuses pagãos eram demônios; uma das formas mais fáceis para entrar no corpo de um homem e possuí-lo era que o demônio pousasse na comida de sua vítima. A carne sacrificada num templo pagão era comida que tinha sido oferecida, para seu uso, a um demônio. Podia o cristão comer essa carne? Podia sentar-se num banquete sabendo que se ia oferecer essa carne a um ídolo? Mesmo tendo a Cristo dentro de si como o mais poderoso antídoto contra toda coisa daninha, era correto que, ao participar dessas celebrações, aparecesse diante de outros como alguém que favorecia e aprovasse esse tipo de práticas, para ele nada menos que a adoração de falsos deuses que em realidade eram demônios?

O problema se complicava pois até no açougue era muito provável que a carne tivesse sido previamente oferecida a algum deus pagão. Os sacerdotes dos templos pagãos não poderiam comer eles próprios toda a carne dos sacrifícios que faziam. O restante o vendiam aos açougueiros, em geral era a carne de melhor qualidade. O que podia fazer o cristão em tal caso? Tudo isto nos pode parecer um problema muito remoto. Mas para os cristãos na época antiga, era uma realidade que tinham que enfrentar todos os dias de sua vida.

A Igreja não tinha dúvida com relação a qual era o dever do cristão verdadeiro. A abstenção de tudo que tivesse sido consagrada a um ídolo foi uma das condições que os pagãos aceitaram (de parte dos judeus) para merecer o direito de ingressar na Igreja (Atos 15:29). A Igreja sabia que os cristãos não deviam nem sequer tocar em coisas que tinham sido contaminadas desse modo.

A proibição com relação à carne que tinha sido oferecida aos ídolos tinha uma conseqüência de consideráveis alcances. Equivalia, na prática, a que o cristão ficava cortado de toda participação na vida social dos não crentes. Se o cristão devia abster-se de participar de qualquer coisa que tivesse sido dedicada a um ídolo, não havia virtualmente função social pagã, e especialmente festa ou banquete, em que pudesse participar.

Isto, por sua vez, tinha outra conseqüência, que, como vimos, provavelmente constituía o pano de fundo do problema em Tiatira. Na antigüidade todos os ofícios e profissões estavam organizados em guildas. Estas guildas celebravam freqüentes reuniões sociais, que em geral consistiam em banquetes. Estes banquetes eram, pelo menos em parte, uma cerimônia religiosa. O mais comum era que se celebrassem em templos; começavam, sempre, com uma libação oferecida a algum deus e a comida era, é obvio, carne que tinha sido sacrificada. A posição oficial da Igreja era que o cristão não podia assistir a tais celebrações. Isto significava muito mais que perder uma oportunidade de divertir-se. Para um comerciante equivalia ao suicídio comercial. Se era um artesão, sua carreira estava condenada ao fracasso, pois não podia pertencer à guilda se não assistia a suas festas. Não somente lhe era difícil, mas provavelmente impossível continuar nos negócios ou no exercício de sua profissão.

Aqui, então, é onde Jezabel exerce sua influência. Seu ensino era que os crentes em Jesus Cristo não têm necessidade de eliminar-se deste modo da vida social; ensinava que não havia razão válida para que se abstivessem de participar nas atividades da guilda; ninguém tinha a obrigação de suicidar-se profissionalmente por ser cristão; não havia mal algum — ensinava — em aceitar os costumes e as modalidades do mundo. A Igreja — dizia — deve acomodar-se ao mundo, chegar a um compromisso com o mundo. E aqui, para ela, não se tratava de uma questão de princípios, mas sim da necessidade de proteger interesses comerciais. Para Jezabel se havia um conflito entre os interesses comerciais e as normas cristãs, deve-se abandonar a observância destas

últimas, e isto não constitui para ela, uma traição a Cristo. Jezabel era uma dessas pessoas que amam sua própria prosperidade e dinheiro mais que a Igreja, e para quem as exigências do êxito comercial são mais importantes que as exigências de Deus.

TIATIRA – OS ENSINOS DE JEZABEL (2)

Apocalipse 2:18-29 (continuação)

A segunda parte do ensino de Jezabel não é tão clara. Diz-se que ensinava a cometer fornicação (v. 20); é exortada a arrepender-se de suas fornicações (v. 21); seus amantes e seus filhos são ameaçados junto com ela (vv. 22-23). A pergunta é a seguinte: Deve tomar-se literalmente esta referência à fornicação, ou no sentido metafórico que é freqüente nas Escrituras? Refere-se à imoralidade sexual ou à infidelidade espiritual a Deus?

(1) Não há dúvida que nas Escrituras a infidelidade a Deus se expressa em termos de fornicação e adultério. Israel é a esposa de Deus (Isaías 54:5; Jeremias 3:20); no Novo Testamento a Igreja é a esposa de Cristo (2 Cor. 11:1-2; Efésios 5:24-28). Em repetidas oportunidades, portanto, acusa-se a Israel de cometer adultério com outros deuses (Êxodo 34:15-16; Deuteronômio 31:16r Salmo 73:27; Oséias 9:1). No Novo Testamento, a época que é infiel a Jesus Cristo é uma "geração má e adúltera" (Mateus 13:39; 16:4; Marcos 8:38). Acaso é isso o que se quer dizer aqui? É a fornicação que inculcava o ensino de Jezabel infidelidade espiritual a Jesus Cristo? Significa a adoração de deuses pagãos, ou pelo menos alguma forma de compromisso com esse culto? Se este é o significado, "os que adulteram com ela" seriam os que flertam, por assim dizer, com essa classe de ensino, e seus filhos os que adotaram seu ensino e o seguem.

Esta interpretação não é de maneira alguma impossível. A tendência do paganismo era adquirir novos deuses. A religião pagã muito poucas vezes era exclusivista; quase nunca obrigava a adorar a um só deus.

Tendia a pensar que devia haver algum elemento de verdade em todas as religiões e que, portanto, o mais prudente era oferecer adoração a todos os deuses, pelo benefício que cada um pudesse contribuir. Todas as casas romanas tinham seu *lararium*, um pequeno templo familiar, onde se guardavam as imagens das *lareiras*, duas ou três divindades menores próprias da família. No *lararium* de Alexandre Severo, um dos imperadores, tinha imagens de Apolônio, Cristo, Abraão, Orfeu, e "outras pelo estilo".

É possível que o ensino de Jezabel fosse que não era necessário ser muito exclusivos na adoração de Cristo, e sobretudo, que não era necessário negar-se a dizer "César é o Senhor" e queimar um pingo de incenso em seu altar. Possivelmente dissesse que não prejudicava o verdadeiro crente aceitar as formalidades rituais e cerimoniais do culto pagão. Se os cristãos fossem um pouco menos fanáticos nessas coisas seria fácil ganhar alguns pagãos a mais para Cristo e poupariam muitos problemas. Mas se a Igreja Cristã tivesse adotado esse ensino o cristianismo se tornaria outra das muitas religiões de que estava cheio o Império Romano. Os cristãos não sustentam que Jesus Cristo é um dos salvadores, nem sequer o principal deles, mas sim é o único.

(2) Devemos entender, então, que Jezabel não ensinava a fornicação física, mas sim a fornicação espiritual que é a infidelidade a Jesus Cristo? Há uma coisa na carta que nos impede de aceitar plenamente este ponto de vista. Lemos que os seguidores de Jezabel pretendiam conhecer "as *coisas profundas* de Satanás" (versículo 24). Alguns eruditos pensam que estas palavras são as que o Cristo ressuscitado usa pejorativamente para descrever a falsa doutrina. O verdadeiro cristão conhece o que Paulo chama “as coisas profundas de Deus” (1 Coríntios 2:10, TB). Jezabel e seus seguidores conhecem, pelo contrário, as coisas profundas de Satanás. Mas esta interpretação não serve, assim que a carta diz: “como eles dizem, as coisas profundas de Satanás”.

Esta é certamente uma referência a certas doutrinas que não eram pouco freqüentes entre os hereges. Alguns sustentavam que era um dever

experimentar todo tipo de pecado. O que se pretendia era deixar que o corpo fundasse no pecado, para que a alma e o espírito pudessem manter-se livres de desejos e necessidades pecaminosas. Diziam que o homem que nunca tinha experimentado o prazer não tinha mérito algum quando se abstinha dele; que se não conhecia a luxúria, abandoná-la não era virtude; a verdadeira conquista era viver até o excesso no pecado, sem permitir que o pecado ganhasse a alma. A indulgência no prazer, portanto, era benéfica para a alma. Os que conheciam as coisas profundas de Satanás eram os que se tinham submerso no pecado, a fim de experimentá-lo. Jezabel talvez ensinasse que pecar era um dever para os cristãos.

Nesse caso, o que podemos dizer? Creio que daqui todos os cabos se ligam entre si e não é necessário que escolhamos uma das duas interpretações. O mais provável é que Jezabel ensinasse que o cristão deve acomodar-se ao mundo, que não devia rejeitar com rigidez as práticas mundanas. Ensinava que o cristão não tinha necessidade alguma de abster-se das práticas habituais nos círculos dirigentes da indústria e do comércio; que o cristão não tinha por que insistir em níveis superiores de ética e moralidade. Queria, em outras palavras, que os cristãos transigissem com o mundo. Ensinava à Igreja uma infidelidade espiritual que sem dúvida também resultaria em infidelidades físicas. A misericórdia de Deus quis que os ensinos de Jezabel não se convertessem em doutrina oficial da Igreja. Se tal coisa tivesse sucedido, se sucedesse alguma vez no futuro, o cristianismo não seria mais que uma forma culta, amável, de paganismo. Com relação a isto Paulo disse: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente” (Romanos 12:2, TB). E Jesus deu seu juízo definitivo sobre este assunto quando afirmou: “Ninguém pode servir a dois senhores ... Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mateus 6:24). A velha opção ainda continua sendo válida: “Escolhei hoje a quem sirvais” (Josué 24:15; Deuteronômio 30:19).

TIATIRA – PROMESSAS E AMEAÇAS

Apocalipse 2:18-29 (continuação)

A Carta a Tiatira conclui com uma série de grandes ameaças e grandes promessas. Jezabel tinha ultrapassado os limites da paciência divina. Se não se arrepender imediatamente será jogada em um leito de enfermidade, e seus amantes e seus filhos seguirão a mesma sorte. Isto demonstrará, a eles e a todos os outros, que o Cristo ressuscitado verdadeiramente "esquadrinha a mente e o coração". Esta frase está tomada de Jeremias 11:20. Em Jeremias a prerrogativa de esquadrinhar os pensamentos mais íntimos do homem pertence a Deus. Mas no Apocalipse as prerrogativas de Deus, como vimos freqüentemente, converteram-se em prerrogativas de Cristo.

Ao dizer que o Cristo ressuscitado esquadrinha "a mente e o coração" afirma-se que conhece os sentimentos e os pensamentos mais ocultos. Esta é uma idéia muito interessante. Quando começamos a estudar esta epístola, dizíamos que para qualquer pessoa que viesse de fora a Igreja de Tiatira pareceria uma congregação cheia de vida e energia, fértil em toda classe de boas obras. Sem dúvida os que prosperavam em seus negócios por ter entrado em compromisso com o mundo eram muito generosos em suas ofertas. Os que assistiam aos banquetes de comerciantes e de artesãos deviam, ao mesmo tempo, contribuir com somas apreciáveis de dinheiro aos pedidos em favor dos pobres. Pareciam cristãos verdadeiros. Jezabel deve ter tido o aspecto de uma mulher piedosa e de bom caráter. Deve ter sido capaz de falar de uma maneira atrativa. Toda sua personalidade deve ter sido capaz de convidar a avaliação dos demais. Mas o Cristo ressuscitado pode ver mais além do disfarce exterior. Ele sabe se o arrependimento é autêntico ou não. Sabe se ficaram reservas frente a Deus, se a fé for autêntica e verdadeira entrega total ou não. Talvez Jezabel tenha podido enganar aos homens, mas não pode enganar a Ele.

Então, aos que forrem verdadeiramente fiéis é feita uma dupla promessa.

(1) A primeira parte da promessa provém do Salmo 2:8-9: “Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão. Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro.” Na fé e no ensino do judaísmo este era um salmo messiânico, que descrevia o triunfo do Messias em seu Dia. É bem evidente que o salmista pensava primordialmente num Messias guerreiro que esmagaria os pagãos e estenderia o poder de Israel até os limites da Terra. Mas há algo que devemos lembrar. Este salmo foi um dos textos inspiradores do movimento missionário para as Igrejas. Muitos missionários pediram a Deus que se cumprisse neles e em seu ministério a promessa “Pede-me, e eu te darei as nações por herança.” O salmo parece ser uma promessa de conquistas militares, mas à luz de Cristo se converteu na promessa do Evangelho para todos os homens.

(2) A segunda parte da promessa fala da estrela da manhã. As palavras são muito belas, soam como poesia. Mas qual é seu significado? Ofereceram-se quatro interpretações prováveis.

(a) Foi interpretada como a promessa da primeira ressurreição. Do mesmo modo como a estrela da manhã aparece ao terminar a noite, o cristão seria o primeiro em ressuscitar depois da noite da morte.

(b) Foi interpretada como a derrota de Lúcifer. Lúcifer é o diabo; era um anjo que por seu orgulho se rebelou contra Deus e foi arrojado do céu (Isaías 14:12). O nome Lúcifer significa "aquele que traz a luz"; Lúcifer é o nome da estrela da manhã. Se fosse deste modo a promessa implicaria numa vitória total sobre Satanás e o pecado. Satanás não será capaz de mudar o verdadeiro cristão.

(c) Ligou-se esta passagem a Daniel 12:3. Ali a promessa é “Os sábios, pois, resplandecerão como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas, sempre e eternamente.” Se se aceitar esta interpretação a estrela da manhã seria a

glória com que serão honrados os justos e os que capacitaram a outros para transitar pelos caminhos da justiça.

(d) Todas estas interpretações são muito belas, e provavelmente formem parte do significado da imagem. Mas podemos estar quase seguros que a interpretação correta é a seguinte: O próprio Apocalipse chama "estrela matutina" ao próprio Jesus Cristo (22:16). A promessa da estrela da manhã aos que forem fiéis não é nada menos que a promessa da possessão do próprio Cristo em pessoa. Se o cristão for fiel, quando sua vida sobre esta Terra termine, possuirá a Cristo, para não perdê-lo jamais.

Apocalipse 3

A carta a Sardes
Sardes, esplendor no passado, decadência no presente - 3:1-6
Sardes, a morte em vida - 3:1-6 (cont.)
Sardes, uma igreja sem vida - 3:1-6 (cont.)
Sardes, sê vigilante! - 3:1-6 (cont.)
Sardes, os imperativos do Senhor ressuscitado - 3:1-6 (cont.)
Sardes, o remanescente fiel - 3:1-6 (cont.)
Sardes, a tríplice promessa - 3:1-6 (cont.)
A carta a Filadélfia
Filadélfia, uma cidade digna de louvor - 3:7-13
Filadélfia, títulos e declarações - 3:7-13 (cont.)
Filadélfia, a porta aberta - 3:7-13 (cont.)
Filadélfia, os herdeiros da promessa - 3:7-13 (cont.)
Filadélfia, os que guardam são guardados - 3:7-13 (cont.)
Filadélfia, promessa e advertência - 3:7-13 (cont.)
Filadélfia, muitas promessas - 3:7-13 (cont.)
A carta a Laodicéia
Laodicéia, a igreja condenada - 3:14-22
Laodicéia, as afirmações de Cristo - 3:14-22
Laodicéia, nem uma coisa nem outra - 3:14-22

Laodicéia, a riqueza que é pobreza - 3:14-22 (cont.)
Laodicéia, o castigo do amor - 3:14-22 (cont.)
Laodicéia, o Cristo que bate na porta - 3:14-22 (cont.)
Laodicéia, isto se refere a ti - 3:14-22

A CARTA A SARDES

SARDES – ESPLENDOR NO PASSADO, DECADÊNCIA NO PRESENTE

Apocalipse 3:1-6

Sir W. M. Ramsay disse que em nenhum outro lugar pode encontrar um contraste tão melancólico entre o esplendor passado e a decadência. Sardes era uma cidade degenerada. Vejamos sua história, porque a carta à Igreja em Sardes está escrita tendo em mente essa história.

Setecentos anos antes que se escrevesse a Carta a Sardes, esta localidade era uma das cidades mais magníficas do mundo. Desde Sardes governava o rei de Lídia, com esplendor oriental sobre seu vasto império. Na época do Apocalipse, Sardes era uma cidade oriental, hostil ao mundo helênico e temeroso de tudo o que fosse grego. Esquilo, o grande dramaturgo grego, escreveu com relação a Sardes: "Os que habitam perto de Tmolus juraram destruir o jugo helênico."

Sardes estava localizada no meio da planície do rio Hermus. Ao norte dessa planície ergue-se a longa cordilheira do monte Tmolus; desde essa cordilheira se apartam uma série de cadeias menores, como esporões, cada uma das quais abrange uma estreita meseta. Sobre um destes esporões, a quinhentos metros de altura, levantava-se a Sardes original. É evidente que essa posição convertia Sardes numa praça militar virtualmente inexpugnável. Os lados da meseta eram suavemente escarpados; somente podia penetrar-se em Sardes pelo lugar onde a meseta se unia à cadeia de Tmolus. Mas ainda por esta passagem o ingresso era difícil e íngreme. Tem-se dito que Sardes se elevava como

uma enorme torre de vigia sobre o vale do Hermus. Chegou o momento quando o espaço de que dispunha a cidade em sua meseta foi muito estreito para a expansão de suas edificações. Sardes seguiu crescendo, então, sobre o sopé da meseta. O nome de Sardes (*Sardeis* em grego) é uma palavra plural, porque em realidade tratava-se de duas cidades, a cidade sobre a meseta e a cidade no vale abaixo da meseta.

A riqueza de Sardes era legendária. Pela cidade fluía o rio Pactolus, que segundo se dizia arrastava sementes de ouro, nos tempos antigos. Um dos reis mais importantes desta cidade foi Creso, cujo nome ainda subsiste no provérbio "Rico como Creso". Foi com ele que o esplendor e a riqueza de Sardes chegaram a seu zênite, e foi com ele, também, que Sardes se precipitou ao desastre.

Não faltaram advertências a Creso sobre o destino que esperava a sua cidade. Sólon, o mais sábio de todos os gregos, veio a visitá-lo. Mostrou-lhe a riqueza, o esplendor, a magnificência e o luxo. Viu a confiança cega de Creso e de seu povo na permanência eterna de seu poder; mas Sólon também viu o abrandamento, a degeneração e a lassidão que se iam apoderando dos cidadãos dessa magnífica capital. E foi então que Sólon pronunciou perante Creso umas palavras que se converteram em famosas: "Não digas de ninguém que é feliz até que não tenha morrido." Sólon conhecia muito bem as alternativas da vida e a variação das sortes dos homens, algo que Creso tinha esquecido.

Creso embarcou numa guerra contra Ciro, da Pérsia, que foi o fim da grandeza de Sardes. Aqui, novamente, voltou a receber claras advertências, mas negou-se a ouvi-las. Para chegar até o lugar onde se encontravam os exércitos do Ciro devia atravessar o rio Halis. Buscou o conselho do famoso oráculo do Delfos, e este mandou dizer-lhe: "Se cruzares o rio Halis, destruirás um grande império." Creso interpretou este pronunciamento do oráculo como a promessa de seu triunfo sobre o império dos persas. Nunca lhe ocorreu que em realidade lhe anunciavam o fim de seu próprio império.

Cruzou o Halis e travou a batalha. Sua derrota foi total. Não o preocupou muito, porque cria que retirando-se à inexpugnável cidadela de Sardes podia resistir indefinidamente, recuperar suas forças e voltar a atacar em melhores condições. Quando Ciro iniciou o cerco de Sardes, Creso e seu povo não trabalharam em excesso. Ciro esperou quatorze dias; então ofereceu uma recompensa especial a qualquer um que encontrasse uma entrada à cidade fortificada, A rocha sobre a que estava construída a cidade era de pedra branda. Era, em realidade, como um conglomerado de barro seco. Podia ser muito facilmente perfurada. Hoje, a meseta se converteu numa rocha escarpada tão magra que, segundo Ramsay, "aquele que se anime a percorrer seu bordo deve ter a cabeça bem serena". Por essa circunstância geológica, sobre os borde da meseta havia gretas e covas.

Um soldado de Mardis, que se chamava Hieroeades, tinha estado observando as defesas da cidade e por acaso tinha visto que de um dos soldados que vigiavam o muro lhe tinha caído o casco para fora, e que com facilidade tinha podido descer para buscá-lo, Hieroeades deu-se conta, então, que nesse lugar devia haver uma greta pela qual qualquer homem ágil podia escalar os muros da cidade e penetrar nela. Naquela mesma noite tentou a escalada, junto com um destacamento de tropas persas. Quando chegaram à parte mais alta do muro descobriram que nem sequer havia um guarda noturno para dar a voz de alarme. Os cidadãos de Sardes se criam tão seguros que nem sequer tiveram a idéia de montar guarda de noite. Foi deste modo que Sardes caiu. Uma cidade com uma história como esta sabia muito bem o que queria dizer o Cristo ressuscitado quando lhe recomenda: “Sê vigilante.”

Foi deste modo, então, que Sardes caiu em mãos dos persas, porque seus defensores criam que era muito poderosa para necessitar vigilância, Produziram-se, depois, alguns intentos fúteis de rebelião; mas Ciro seguiu inflexivelmente seu plano. Este consistia em proibir a todo habitante de Sardes a possessão de armas de guerra. Ordenou-lhes, além disso, que não usassem mais sandálias, mas botas (a vestimenta usual do

ator de teatro, naqueles tempos). Obrigou a que nas escolas se ensinasse a música, o canto e a dança. Sardes já tinha sido debilitada por sua riqueza. Não pôde suportar este novo pendente rumo à degeneração total de seu espírito guerreiro. Todo vestígio de coragem desapareceu de seus habitantes e chegou a converter-se, muito em breve, numa cidade totalmente corrompida pelo prazer e a vida fácil.

Durante dois séculos Sardes desapareceu da história, sob a dominação persa. Quando Alexandre Magno chegou com seus exércitos até ela, Sardes se rendeu sem opor resistência, e converteu-se numa cidade de cultura grega. E então a história voltou a repetir-se. Ao morrer Alexandre houve vários pretendentes à sucessão de seu trono. Antíoco, que era o governador da região onde se encontrava Sardes, travou uma guerra contra seu rival Aqueo. Aqueo buscou refúgio na inexpugnável Sardes. Durante um ano inteiro Antíoco pôs sítio à cidade. E então outro soldado, desta vez chamado Lagoras, repetiu a façanha de Hieroeades. Durante a noite, com um grupo de homens valentes, escalou os muros da cidade. Os habitantes de Sardes tinham esquecido a lição. Não havia guardas nas partes mais altas das defesas, e mais uma vez Sardes caiu em mãos de seus inimigos por não ter estado em guarda.

Com o correr do tempo chegariam também os romanos. Sardes ainda seguia sendo uma cidade rica. Era o centro do comércio de lã. Alguns sustentam que a arte do tingido da lã foi descoberto em Sardes. No ano 17 de nossa era, a região sofreu um terremoto e Sardes ficou totalmente destruída. O imperador Tibério, então, para facilitar sua reconstrução, libertou-a do pagamento de tributos durante cinco anos e doou, de seu tesouro pessoal, a soma de dez milhões de sestércios (quase um milhão de dólares) como fundo de ajuda. Sardes voltou a ser construída, então, pelo caminho fácil.

Quando João escreveu sua carta, Sardes era uma cidade rica, mas totalmente degenerada. A antiga cidadela não era mais que um monumento do passado no alto da meseta. Os cidadãos de Sardes, numa época bons lutadores e guerreiros, tinham sido abrandados pelo prazer e

a sedução de uma vida fácil: duas vezes tinham perdido sua cidade em mãos de inimigos porque eram muito ociosos para montar guarda de noite.

Nessa atmosfera generalizada de degeneração e decadência a própria Igreja cristã em Sardes tinha perdido sua vitalidade e seu poder, parecia-se mais a um cadáver que a uma Igreja viva. A Igreja em Sardes era uma Igreja degenerada numa cidade degenerada.

SARDES – A MORTE EM VIDA

Apocalipse 3:1-6 (continuação)

Na introdução a esta carta, o Cristo ressuscitado é descrito de duas maneiras.

(1) É aquele que tem os sete espíritos de Deus. Já nos tínhamos encontrado com esta frase estranha em Apocalipse 1:4. Seu significado pode ter dois aspectos:

(a) Denota o Espírito Santo, em seu sétuplo dom, uma idéia que se fundamenta em Isaías 11:2. O sétuplo dom é a sétupla manifestação do Espírito Santo.

(b) Denota o Espírito em sua sétupla atuação. Há sete Igrejas na Ásia, e entretanto em cada uma delas o Espírito opera na plenitude de sua presença e poder. Em cada uma delas sua presença é igualmente plena e completa. Os sete espíritos significam, então, a universalidade da presença do Espírito Santo.

(2) É aquele que tem as sete estrelas. As estrelas representam as Igrejas e seus anjos. A Igreja é de Jesus Cristo. Ele é aquele que tem, possui, é dono da Igreja. Em muitas oportunidades e lugares as fomes agem como se a Igreja lhes pertencesse, como se tivessem direito de administrar e governar a Igreja para acomodá-la a seus próprios objetivos ou interesses. Mas a Igreja, e cada uma das congregações que estão nela, pertence a Jesus Cristo e todos os que estão na Igreja são seus servos. No que respeita a qualquer decisão relacionada com ela, em sua

totalidade ou em qualquer de suas partes, o fator decisivo não deve ser jamais o que querem os homens que a Igreja faça, mas sim qual é a vontade de Jesus Cristo, seu Senhor, Amo e Proprietário.

A terrível acusação que se levanta contra a Igreja em Sardes é que mesmo quando goza de uma boa reputação por sua atividade, no fundo está morta. O Novo Testamento relaciona muito freqüentemente o pecado com a morte. Nas Epístolas Pastorais lemos: "A que se entrega aos prazeres, mesmo viva, está morta" (1 Timóteo 5:6). O Filho Pródigo, quando volta à casa de seu pai, é aquele que estava morto e agora vive (Lucas 15:24). Os cristãos de Roma, por serem homens e mulheres que aceitaram a Jesus Cristo como seu Salvador, são vivos entre os mortos (Romanos 6:13). Paulo diz que seus conversos, antes de terem conhecido o Evangelho, estavam mortos em suas transgressões e pecados (Efésios 2:1,5). O efeito do pecado é uma espécie de morte.

(1) O pecado é a morte da vontade. Se alguém aceitar o convite do pecado, chega muito em breve ao momento quando é incapaz de aceitar qualquer outro convite. Os hábitos vão deitando raízes nele, até que já não pode abandoná-los, por mais forte que seja seu desejo de fazê-lo. A indulgência vai apoderando-se dele até que não tem forças para viver de outra maneira, ainda que odeie seu comportamento. Chega-se ao ponto, como observava Sêneca, de que alguém odeie e ame seus pecados ao mesmo tempo. É um estado no qual o homem é, definitivamente, escravo do pecado. Há poucos de nós que não tenhamos experimentado a força de um mau hábito. É tão grande o poder do pecado que termina sempre invariavelmente matando a vontade.

(2) O pecado é a morte dos sentimentos. O processo de converter-se em escravo do pecado não se produz da noite à manhã. A primeira vez que um homem peca, ele o faz com vacilações e dúvidas. Pensa que isso não deve voltar a suceder outra vez. Mas chega o momento, se continua fazendo o que sabe que é incorreto, quando as vacilações e dúvidas já não o detêm, pois nem sequer as experimenta. Antes, teria ficado horrorizado ver-se a si mesmo nessa situação. Agora, o faz sem temores,

sem remorsos, com toda naturalidade. O pecado, como diz Burns, "petrifica os sentimentos". A tragédia do pecado é que mata o mais elevado e superior do homem.

(3) O pecado é a morte da beleza: pode tomar as coisas mais belas e transformá-las em feias. Como conseqüência do pecado o desejo pelas coisas mais altas pode transformar-se na ambição de poder; o desejo de servir pode chegar a ser a vontade torcida de dominar a outros com favores; o amor e o desejo que deste emana, convertem-se em luxúria. O pecado mata a beleza da vida.

É somente *mediante* a graça de Deus que podemos escapar à morte do pecado, ressuscitar dessa morte, mesmo quando o pecado nos tenha totalmente prisioneiros em suas garras.

SARDES – UMA IGREJA SEM VIDA

Apocalipse 3:1-6 (continuação)

A morte da igreja em Sardes teve um efeito muito estranho.

(1) Não havia heresias que ameaçassem a Igreja em Sardes. Não há indicação alguma da presencia em Sardes de falsas doutrinas, ou da influência de mestres com idéias contrárias ao Evangelho. A Igreja em Sardes era muito ociosa intelectualmente para dar-se ao trabalho de pensar. A heresia sempre é o produto de uma mente que busca e investiga, é, em realidade, um sinal de vitalidade e inteligência; indica, pelo menos, que há aqueles que tentaram pensar as coisas por sua própria conta. A heresia em geral é o acento desequilibrado de um aspecto da verdade.

Se sublinhamos muito a divindade de Jesus Cristo, caímos no docetismo, uma heresia segundo a qual a humanidade de nosso Senhor teria sido só aparente. Se acentuamos muito a humanidade, pelo contrário, Jesus Cristo converte-se numa figura heróica, no melhor dos homens bons. Se acentuarmos muito a Lei, caímos no legalismo que mata o espírito; se acentuamos muito a graça caímos no antinomianismo,

segundo o qual não importa pecar, pois a graça é o suficientemente poderosa para contrabalançar qualquer pecado.

Mas o fato subsiste de que a heresia é uma característica do homem e da Igreja que não se conforma com uma fé de segunda mão, com uma irrefletida aceitação da ortodoxia. Não esteve pior que o do crente que aceita cada ponto e vírgula da doutrina porque é muito ocioso para pensar as coisas por si mesmo. Talvez seja melhor o herege, que sustenta sua fé com todo o coração, que o crente capaz de aceitar a doutrina mas que, no fundo, não se interessa em buscar a verdade.

(2) A Igreja em Sardes ria era incomodada pelos ataques de fora. Não a ameaçavam os ataques de paganismo, ou a perseguição, ou a calúnia e vitupério dos judeus. A verdade era que a Igreja em Sardes já tinha deixado de ter importância para as pessoas. Até tal ponto carecia de vida que não valia a pena atacá-la. Não era perseguida ou caluniada porque era inútil perder o tempo opondo-se a ela. As Epístolas Pastorais descrevem os que se apartaram da verdadeira fé, dizendo que possuem uma espécie de piedade, mas que negaram o poder de onde esta provém (2 Timóteo 3:5).

Tal como Moffatt traduziu esta passagem: "Ainda que conservem uma forma de religião, não a vivem como um poder capaz de transformar suas vidas". Phillips, outro tradutor em linguagem popular (em inglês), diz na mesma passagem: "Mantêm a fachada da religião, mas sua conduta nega que esta sirva para algo."

Quando uma Igreja perdeu sua força vital já não vale a pena atacá-la. Uma Igreja verdadeiramente viva será a consciência acusadora da comunidade, e por isso mesmo haverá muitos que quererão silenciá-la. Jesus disse: “Ai de vós, quando todos vos louvarem!” (Lucas 6:26). Há gente cuja inimizade é melhor que seu louvor. Uma Igreja que anuncia e vive uma mensagem positiva será sempre uma Igreja que suscitará oposição. A Igreja e o mundo se enfrentam numa guerra sem quartel. Uma Igreja que se acomodou ao mundo até o ponto que o mundo não encontra nada para criticá-la é uma Igreja morta.

A Igreja que entrou na letargia que não produz sequer uma heresia é uma Igreja mentalmente morta; e a igreja que não vive de maneira desafiante, até o ponto de não despertar oposição no mundo que a rodeia, está morta em seu testemunho de Jesus Cristo.

SARDES – SÊ VIGILANTE!

Apocalipse 3:1-6 (continuação)

Se algo tiver que resgatar-se da ruína iminente que ameaça a Igreja em Sardes, os cristãos dessa cidade devem começar a montar guarda. Devem despertar de sua letargia mortal e estar vigilantes. Não há mandamento que apareça com maior freqüência no Novo Testamento que o de ser vigilantes.

(1) A vigilância deveria ser uma atitude constante da vida cristã. “Já é hora de vos despertardes do sono”, diz Paulo (Romanos 13:11). E também: “Sede vigilantes, permanecei firmes na fé” (1 Coríntios 16:13). Segundo se tem dito, "A constante vigilância é o preço da liberdade", e pode ampliar-se este provérbio afirmando: "A vigilância eterna é o preço da salvação".

(2) O cristão deve estar vigilante contra as armadilhas do demônio (1 Pedro 5:8). A cidade de Sardes conhecia, em sua história, o perigo que corre uma guarnição quando seu guarda não vigia constantemente. O cristão está sendo atacado todo o tempo pelos poderes que buscam separá-lo de sua lealdade a Cristo e do caminho do bem. Em geral estes ataques são sutis e disfarçados. Portanto, a gente sempre deve estar em guarda.

(3) O cristão deve estar vigilante contra a tentação. Disse Jesus: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação” (Mateus 26:41). A tentação espera os momentos em que não estamos em guarda, e então ataca. Um momento de paixão pode nos fazer descuidar nosso autocontrole. Uma fraqueza transitiva da vontade pode nos fazer vacilar no propósito de não ter nada que ver com o mal. A fadiga, a tristeza, o

esgotamento, podem reduzir nosso poder de resistência. Um momento de exagerada confiança em nós mesmos pode converter-se num momento de ruína. Na vida cristã deve-se vigiar o ataque da tentação cada vez com maior cuidado.

(4) Em repetidas ocasiões o Novo Testamento exorta os cristãos a esperar vigilantes a vinda do Senhor. “Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor”. “O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai!” (Mateus 24:42-43; Marcos 13:37). Paulo acrescenta: “Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios” (1 Tessalonicenses 5:6). Nenhum homem sabe quando será o momento em que a eternidade invadirá o tempo. "O último dia, diz Agostinho, "é um segredo, para que cada dia vigiemos". Devemos viver cada dia de nossas vidas como se fosse o último.

(5) O cristão deve estar vigilante contra os falsos ensinos e os falsos mestres. No último discurso de Paulo aos anciãos de Éfeso, adverte-os de que lobos rapaces vão invadir o rebanho, de fora, e que de dentro se levantarão homens ímpios que falarão coisas perversas. "Portanto", diz-lhes, "estejam vigilantes" (Atos 20:29-31).

(6) E o cristão não deve esquecer que assim como ele monta guarda por Jesus Cristo, Jesus Cristo o está guardando. O Cristo ressuscitado diz: "Não achei tuas obras perfeitas diante de Deus." Aqui nos saem ao encontro duas grandes verdades.

(a) Cristo espera algo de nós. Muito freqüentemente vemos Cristo como Aquele que nos dá coisas; esperamos que Ele nos dê poder, ajuda, apoio, consolação. Mas não devemos esquecer nunca que Ele espera nosso amor, nossa lealdade e nosso serviço. O cristianismo nunca deve conceber-se como uma relação unilateral na qual nós recebemos tudo e nunca damos nada. Cristo espera de nós o serviço e o amor que possamos lhe oferecer.

(b) O que devemos fazer é o que está ao alcance de nossa mão. Há um dito em inglês, muito antigo e muito verdadeiro: "O senão é o que estamos obrigados a fazer, o destino o que podemos fazer." O cristão não

crê num senão iniludível, mas sim crê num destino, que pode aceitar ou rejeitar. Cristo espera algo de cada um de nós; há algo que cada um de nós pode fazer por Ele.

SARDES – OS IMPERATIVOS DO SENHOR RESSUSCITADO

Apocalipse 3:1-6 (continuação)

No verso 3 desta passagem encontramos uma série de imperativos.

(1) O Cristo ressuscitado diz: “Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido.” Neste caso a exortação está (no idioma grego do original) em presente imperativo, e significa: "Segue lembrando, lembra cada dia, nunca te permitas esquecer..."

O Cristo ressuscitado está dizendo aos letárgicos cristãos de Sardes que devem lembrar o entusiasmo e emoção que experimentaram ao ouvirem o evangelho pela primeira vez. É um fato da vida que certas coisas afiam a memória que está fraca.

Quando voltamos a visitar a tumba de um ser querido, o lugar volta a nos trazer em toda sua acuidade o sentimento de tristeza e dor que um dia experimentamos. Quando voltamos para um lugar onde vivemos uma experiência muito profunda, a visão das coisas que nos rodeiam reacende em nós o deleite ou a amargura que nos invadiram naquela circunstância. Os sentimentos voltam para nós com uma intensidade que o tempo tinha conseguido aplacar. Várias vezes, ao longo de sua vida, o cristão deve voltar a pôr-se de pé diante da Cruz, para lembrar com toda clareza o que Deus tem feito por ele.

(2) O Cristo ressuscitado diz “Arrepende-te...” Neste caso o verbo é um aoristo imperativo, que descreve, em grego, uma ação completada. Na vida cristã deve haver um momento decisivo, quando fazemos a opção de deixar atrás todas as coisas velhas e começar um novo caminho. Trata-se de uma crise fundamental na vida, o corte definitivo de um estilo de vida e a decisão firme de iniciar uma vida nova. É uma meia-volta completa, graças a qual iniciamos nossa marcha com Cristo e

não seguimos escapando dEle. Todo ser humano deve dar-se conta que o cristianismo não é hábito ou empecilho, mas sim a conseqüência de uma decisão consciente e crítica.

(3) O Cristo ressuscitado diz: “Guarda-o...” (o que tens recebido e ouvido). Aqui voltamos ao presente imperativo, que indica uma ação continuada. Significa: "Nunca deixe de observar, de guardar os mandamentos do evangelho; guarda-os e observa-os diariamente; transita pelo caminho cristão cada minuto de sua existência." Esta é uma advertência contra o que poderíamos chamar "cristianismo espasmódico". Muitos de nós somos cristãos um dia e não cristãos no dia seguinte. Muitos de nós somos capazes da maior nobreza um dia, e da maior deslealdade no dia seguinte. Podemos agir com uma bondade quase sacrifical num momento, mas depois seremos brutalmente egoístas. O mandamento do Cristo ressuscitado é que perseverantemente, dia a dia, guardemos e observemos os mandamentos e as exigências do evangelho.

(4) Por último, temos o mandamento de ser vigilantes. Há um antigo ditado latino que reza: "Os deuses caminham com seus pés envoltos em lã." Aproximam-se de nós, quer dizer, sem que nos tenhamos dado conta de sua proximidade, surpreendem-nos com sua presença. Num momento inesperado, sem que tenhamos podido prevê-lo, encontramo-nos um dia frente a frente com a eternidade. Mas isto não nos poderá suceder se cada dia de nossa vida o vivemos à sombra da eternidade, se cada dia de nossa vida o vivemos na presença e companhia de Jesus Cristo. Aquele que anda com sua mão na dEle, não poderá ser tomado de surpresa por sua vinda em glória.

SARDES – O REMANESCENTE FIEL

Apocalipse 3:1-6 (continuação)

No versículo 4 brilha, através das trevas, um raio de esperança. Até em Sardes há um remanescente fiel. Deus, em sua misericórdia, busca

com mais afã os bons que os maus. Quando Abraão está intercedendo perante Deus por Sodoma, diz-lhe: "Longe de ti exterminar o justo com o pecador" (Gênesis 18:25). Deus busca com paciência, até encontrar um remanescente fiel. Na antiga história dos reis de Israel, somente Aías foi perdoado, entre todos os filhos de Jeroboão, porque nele se encontrou uma atitude positiva para com o Deus de Israel (1 Reis 14:13). Deus nunca deixa de buscar seu remanescente fiel, nunca chegam a confundir-se, no olhar de Deus, os bons e os maus, mesmo quando estejam muito mesclados.

Com relação aos fiéis diz-se que são os que "não mancharam suas vestimentas". Tiago fala com respeito e admiração do homem que conseguiu permanecer "sem mancha do mundo" (Tiago 1:27). Há duas imagens possíveis nesta idéia.

(1) No mundo pagão se permitia o ingresso ao templo das pessoas que viessem com a roupa suja ou manchada. Para os pagãos esta era uma formalidade externa. Mas também pode descrever o homem que manteve limpa sua alma de pecado e portanto pode penetrar sem envergonhar-se na presença de Deus.

(2) Swete pensa que o vestido branco representa a profissão que o crente fez no momento do batismo; e que manter tal vestimenta sem mancha significa não ter quebrantado os votos batismais. Deve lembrar-se que naquela época o batismo era batismo de adultos, e que ao ser batizado o novo membro da Igreja assumia pessoalmente e de maneira espontânea um compromisso com Jesus Cristo.

É provável que esta seja a interpretação correta, porque o costume era vestir o batizado, depois que saía da água, com uma túnica branca nova e sem manchas, que simbolizava a purificação de sua vida. O homem que sabe ser fiel a seu compromisso, ouvirá a Deus algum dia, dizendo-lhe: "Muito bem!"

Para os que foram fiéis a promessa é que andarão com Deus. O pano de fundo destas palavras é duplo também.

(a) É possível que haja um pano de fundo pagão. Na corte dos reis persas os favoritos do soberano recebiam o privilégio de caminhar, com o rei pelos jardins reais. Além disso, eram chamados "os companheiros do jardim". Os que foram fiéis a Deus caminharão com Deus, algum dia, pelo Jardim do Paraíso.

(b) Pode ser que haja uma referência e alusão à antiga história de Enoque. Com relação a Enoque diz-se: “Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si” (Gênesis 5:22, 24). Enoque andou com Deus na Terra, e seguiu em sua companhia nos lugares celestiais. O homem que está perto de Deus na terra, ao morrer não pode senão entrar numa relação ainda mais íntima e direta com Ele.

SARDES – A TRÍPLICE PROMESSA

Apocalipse 3:1-6 (continuação)

A tríplice promessa para todos os que foram fiéis é a seguinte:

(1) Serão vestidos com uma túnica branca. Já se tem lido no Evangelho que os justos "resplandecerão como o Sol no reino de seu Pai" (Mateus 13:43); o próprio Deus, segundo o salmista, estaria "vestido" de luz (Salmo 104:2). O que representa, então, a túnica branca?

(a) No mundo antigo as túnicas brancas eram usadas nos dias de festa e regozijo. “Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça” recomendava o pregador aos que queriam viver contentes (Eclesiastes 9:8). A túnica branca pode representar o fato de que os fiéis serão convidados ao banquete celestial.

(b) No mundo antigo as túnicas brancas representavam a vitória. Quando em Roma se celebrava algum triunfo militar todos os habitantes da cidade vestiam túnicas brancas. A cidade, então, recebia o nome de "cidade branca". As túnicas brancas podem representar, então, a recompensa daqueles que ganharam a vitória e são reconhecidos como vencedores por Deus.

(c) Em toda terra e época o branco é a cor da pureza; neste caso, pode significar aquela pureza cuja recompensa é o privilégio de ver a Deus (Mateus 5:8).

(d) Sugeriu-se que as túnicas brancas podem representar os corpos ressuscitados que os fiéis levarão algum dia. Os que forem fiéis compartilharão a pureza branca da luz que reveste a Deus em pessoa.

Não é necessário que escolhamos entre os diversos significados possíveis das túnicas brancas; podemos pensar que todos estes fazem parte de uma promessa muito grande para esgotar-se numa única forma de bem-aventurança.

(2) Seus nomes não serão apagados do Livro da Vida. O Livro da Vida é uma idéia que freqüentemente aparece na Bíblia. Moisés estava disposto a ser riscado do Livro da Vida se seu sacrifício fosse suficiente para livrar a seu povo das conseqüências do pecado que tinha cometido (Gênesis 32:32-33). O salmista tem a esperança de ver o nome dos ímpios apagados do Livro da Vida (Salmo 69:28). No dia do juízo, serão salvos os que estiverem inscritos no livro (Daniel 12:1). Estão escritos no livro os nomes dos colaboradores fiéis do apóstolo Paulo (Filip. 4:3). Aquele que não tem seu nome escrito no Livro da Vida será lançado no lago de fogo (Apocalipse 20:15). Somente os que estão escritos no Livro do Cordeiro entrarão com Ele na bem-aventurança (Apocalipse 21:27).

Na antigüidade os reis levavam um livro no qual se anotavam os nomes de todos os cidadãos. Se alguém cometia um crime contra o Estado, era apagado do livro, assim como era apagado, normalmente, ao morrer. Que nosso nome esteja escrito no Livro da Vida significa que somos cidadãos fiéis do Reino de Deus.

(3) Jesus Cristo confessará seus nomes diante de seu Pai e dos anjos. A promessa de Jesus é que se alguém confessar seu nome diante dos homens, Ele confessará o nome de sua testemunha diante de Deus; e se alguém o negar diante dos homens, Ele o negará diante de Deus

(Mateus 10:32-33; Lucas 12:8-9). Jesus Cristo será sempre fiel com os que sejam fiéis a Ele.

A CARTA A FILADÉLFIA

FILADÉLFIA – UMA CIDADE DIGNA DE LOUVOR

Apocalipse 3:7-13

Filadélfia era a mais jovem das sete cidades. Tinha sido fundada por colonos provenientes de Pérgamo sob o reinado de Átalo II (entre os anos 159 e 138 a.C).

Philadelphos, significa, em idioma grego, "aquele que ama a seu irmão". Tal era o amor de Átalo por seu irmão Eumenes que tinha o apelido "o *philadelphos"*, e é lembrando esta circunstância que a cidade de Filadélfia recebeu este nome.

Filadélfia foi edificada com um propósito especial. Estava localizada no lugar onde limitam Mísia, Lídia e Frígia. Era uma cidade de fronteira. Mas não se teve a intenção de fazer dela uma cidade militar, porque havia muito pouco perigo nesse sentido. A idéia era convertê-la em missionária da cultura e do idioma grego entre os habitantes da Frígia e Lídia. Tão bem desempenhou Filadélfia sua missão, que lá pelo ano 19 os lídios já tinham esquecido sua própria língua, tendo adotado completamente a cultura e o idioma dos gregos.

Sir W. M. Ramsay diz com relação a Filadélfia, que era "o centro da difusão da língua e das letras gregas numa região pacífica, mediante modos pacíficos de penetração". É a isto que se refere o Cristo ressuscitado quando menciona a porta aberta que está diante de Filadélfia. Fazia três séculos os cidadãos dessa cidade tinham encontrado uma porta aberta para expandir a cultura grega na região circunvizinha; agora lhes tinha chegado a oportunidade de cumprir outra grande missão: a de levar a seres humanos que ainda não a conheciam a grande mensagem do amor de Jesus Cristo.

Mas Filadélfia tinha uma característica que marca sua rastro sobre esta carta. Filadélfia estava localizada à beira de uma grande meseta que se chamava Katakekaumene, (que significa "terra queimada"). Era uma zona onde ainda podiam ver-se os restos de lava e cinza vulcânica de erupções muito antigas. Esta característica tinha suas vantagens. A terra era muito fértil e Filadélfia era o centro de uma região que se dedicava ao cultivo da videira. Era famosa por seus vinhos. Mas tais vantagens tinham seus perigos, e estes perigos haviam marcado a Filadélfia mais que a nenhuma outra cidade de sua época.

No ano 17 tinha sobrevindo um terremoto, que destruiu a Sardes e mais outras 10 cidades. Nas outras cidades o terremoto tinha sido uma experiência de um momento; em Filadélfia, entretanto, os tremores tinham seguido sacudindo a terra durante muitos anos. Estrabão descreve a Filadélfia como a "cidade cheia de abalos sísmicos".

Ocorre freqüentemente que se uma cidade for sacudida uma vez por um grande terremoto, a reação do povo chega a ser de grande heroísmo e valentia; mas se os tremores e terremotos se sucedem intermitentemente durante um longo tempo cada novo movimento sísmico produz pânico na população. E isto é o que sucedia em Filadélfia.

Estrabão descreve a cena. Os tremores se sucediam quase todos os dias. Grandes gretas se abriam nas paredes das casas. Uma boa parte da cidade estava totalmente em ruínas. A maioria da população vivia fora da cidade, em choças, e temiam transitar pelas ruas da cidade pelo perigo de que lhes caísse em cima alguma parede ou pedra. Os que ainda se animavam a viver na cidade eram considerados loucos; passavam boa parte do tempo escorando as paredes e tetos das casas em que habitavam, e todo o tempo deviam interromper suas tarefas e sair ao ar livre, quando começava a tremer. Esta época terrível da cidade nunca foi totalmente esquecida. Seus habitantes todo o tempo se mantinham alertas ao menor movimento da terra, preparados para sair correndo às ruas ou a algum outro espaço descampado. Os habitantes de Filadélfia sabiam

perfeitamente bem quão bela podia ser a promessa de que "nunca mais terão que sair dali..." Essa era, precisamente, a segurança que seus corações mais desejavam.

Mas há mais da história de Filadélfia nesta carta. Quando o grande terremoto destruiu a cidade o imperador Tibério foi tão generoso com Filadélfia como com Sardes. Filadélfia demonstrou sua gratidão ao imperador mudando seu nome pelo de Nova Cesaréia, a Nova Cidade de César. Mais tarde, na época de Vespasiano, a cidade voltou a mudar seu nome, numa nova amostra de gratidão, pelo de Flávia, pois Flávio era o sobrenome do imperador Vespasiano. É verdade que nenhum destes nomes foi usado durante muito tempo, e todo mundo seguiu chamando-a Filadélfia. Mas os habitantes de Filadélfia, de toda maneira, sabiam muito bem o que significava receber um "novo nome". A história de Filadélfia aparece escrita entre as linhas desta carta.

Entre todas as cidades da Ásia, Filadélfia é a que recebe maiores louvores do Cristo ressuscitado. Com o tempo demonstraria ser merecedora de tais louvores.

Em suas épocas posteriores Filadélfia chegaria a ser uma grande cidade. Mas então os invasores turcos e muçulmanos varreram a Ásia Menor. Quando todas as outras cidades tinham caído, Filadélfia ainda seguia em pé. Durante muitos séculos seguiu sendo uma cidade cristã rodeada por muçulmanos, um verdadeiro baluarte do cristianismo que só seria assimilada a mediados do século XIV. Até nossos dias Filadélfia tem seu bispo e uma população cristã de quase mil almas. Com exceção de Esmirna, todas as outras Igrejas cristãs da Ásia, fora a de Filadélfia, estão hoje em ruínas. Até hoje Filadélfia segue mantendo em alto a bandeira da fé cristã.

FILADÉLFIA – TÍTULOS E DECLARAÇÕES

Apocalipse 3:7-13 (continuação)

Na introdução a esta carta o Cristo ressuscitado é nomeado com três grandes títulos, cada um dos quais implica uma tremenda declaração de fé.

(1) É chamado "o Santo". O significado tremendo deste título é que "Santo" é o nome, título e descrição de Deus. "Santo, santo, santo, Senhor dos Exércitos" foi o hino que Isaías ouviu os serafins cantarem (Isaías 6:3). “A quem, pois, me compararеis para que eu lhe seja igual? — diz o Santo” (Isaías 40:25). “Eu sou o SENHOR, o vosso Santo, o Criador de Israel, o vosso Rei” (Isaías 43:15). Em todo o Antigo Testamento Deus é o Santo, e agora este título é atribuído ao Ressuscitado. Devemos lembrar o significado da palavra "santo". Denota, em hebraico e em grego, aquele que está separado, aquele que é diferente. Deus é Santo porque é diferente com relação aos homens: possui como próprias essas qualidades de ser e de existência que os homens jamais poderiam ter por direito, que pertencem somente a Deus. Dizer que Jesus Cristo é Santo equivale nada menos que a dizer que Jesus Cristo compartilha a vida e o ser de Deus.

(2) É chamado "o Verdadeiro". Em grego há duas palavras para dizer "verdadeiro". Uma delas é *alethés*, que significa "verdadeiro" no sentido em que uma afirmação pode ser verdadeira e outra falsa. O que é *alethés* pode crer-se sem vacilações, E a outra é *alethinós*, que significa real ou autêntico, como oposto ao que está vazio, o que não é mais que uma semelhança da realidade, o que é um substituto do real. A palavra que se usa no Apocalipse é a segunda. Jesus é *alethinós*. É autêntico, real. Quando nos defrontamos com Jesus Cristo não nos estamos defrontando com uma sombra ou aparência da verdade, mas com a própria verdade. Não vemos nEle uma imitação da vida, mas com a Verdadeira Vida. NEle não temos um substituto da divindade, mas sim a própria Divindade em pessoa. Ao nos encontrarmos com Jesus Cristo

chega ao fim nossa busca da verdade; os vagos perfis de Deus se convertem em algo do passado; nEle temos a verdade, a realidade, o próprio Deus.

(3) Ele é aquele que tem a chave de Davi, aquele que abre e ninguém pode fechar, aquele que fecha e ninguém pode abrir. Primeiro veremos que a chave é um símbolo de autoridade. A figura de Jesus Cristo que nos pinta esta imagem é a dAquele que possui a autoridade final, a que nada nem ninguém pode questionar.

Mas atrás desta imagem também há uma idéia que encontramos no Antigo Testamento. Ezequias tinha um servo fiel que se chamava Eliaquim. Este Eliaquim tinha as chaves da casa do rei, e era o único que podia abrir a porta para os que desejavam ver o rei. E diz-se de Eliaquim: “Porei sobre o seu ombro a chave da casa de Davi; ele abrirá, e ninguém fechará, fechará, e ninguém abrirá” (Isaías 22:22). Esta é a imagem que João tem em mente. Jesus, e somente Ele, tem plena autoridade para permitir o ingresso à nova Jerusalém, a nova cidade de Davi. Somente Ele pode nos permitir entrar na presença de Deus, tal como o servente fiel da antigüidade tinha as chaves para abrir as portas aos que queriam ver o rei. Tal como se afirma no *Te Deum*: "Abriu o Reino dos Céus a todos os crentes". Ele é o novo e vivo caminho rumo à presencia de Deus. É através de Jesus Cristo que se abre a porta do Reino dos Céus e da presença de Deus; Ele possui a chave que pode abrir ou fechar o acesso ao Céu.

FILADÉLFIA – A PORTA ABERTA

Apocalipse 3:7-13 (continuação)

Antes de entrar no tema da "porta aberta" devemos assinalar que nos versículos 8 e 9 há um problema de pontuação. Nos manuscritos gregos antigos não se usava pontuação alguma e esta teve que ser acrescentada posteriormente. O problema aqui é que a oração “que tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu

nome” pode juntar-se do mesmo modo com o que antecede que com o que segue no texto. Quer dizer, estas palavras podem expressar a razão pela qual a porta ainda continua estando aberta diante dos cristãos de Filadélfia, ou a razão pela qual lhes serão entregues os que pertencem à sinagoga de Satanás. Não podemos ter segurança sobre qual é a conexão correta; ambas são significativas. A tradução da Bíblia ao português a relaciona com as palavras que aparecem antes no texto, e o mesmo faz este Comentário; mas poderiam relacionar-se com igual correção, com as palavras que vêm depois, no versículo 9.

A grande promessa do Cristo ressuscitado aos cristãos de Filadélfia é que colocou diante deles uma porta aberta que ninguém poderá jamais fechar. O que significa esta porta aberta?

(1) Pode ser a porta da oportunidade missionária. Paulo, escrevendo aos coríntios com relação à tarefa que o esperava no futuro, diz: “porque uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu” (1 Coríntios 16:9). Quando Paulo chegou a Trôade, “uma porta se me abriu no Senhor” (2 Coríntios 2:12). Pede aos colossenses que roguem a Deus que se lhe abra uma porta para pregar o evangelho (Colossenses 4:3). Quando Paulo voltou para Antioquia contou como Deus tinha aberto a porta da fé aos gentios (Atos 14:27). Este significado é particularmente apropriado no caso de Filadélfia.

Vimos como Filadélfia era uma cidade de fronteira, que estava convocada no limite entre Lídia, Mísia e Frígia, e como nos tempos antigos fora fundada com a idéia de que fosse uma missionária da cultura grega entre os povos bárbaros de mais além deste limite. Filadélfia estava no caminho que, saindo do porto de Esmirna, atravessava Frígia e alcançava as zonas mais longínquas da Ásia. Era o caminho que seguia o correio imperial, via Pérgamo, Trôade, Tiatira e Sardes. Os grandes exércitos de César viajavam por essa rota. Transitavam-na as caravanas de mercadores. Agora, era uma porta aberta que chamava os missionários cristãos a fim de alcançar as regiões mais longínquas.

Há duas coisas que surgem desta circunstância.

(a) Há uma porta aberta de oportunidade missionária diante de cada cristão. Não há necessidade de viajar a lugares longínquos para cumprir o mandamento de pregar o evangelho. Na própria família, no círculo das amizades mais íntimas, na própria paróquia há aqueles que necessitam de Cristo e a quem pode ser anunciado o evangelho salvador. Usar essa porta é ao mesmo tempo nosso privilégio e nossa oportunidade muito especiais.

(b) No caminho de Cristo a recompensa pelo trabalho bem feito é mais trabalho a fazer. Filadélfia tinha demonstrado sua fidelidade e a recompensa por esta era ter maiores oportunidades para continuar servindo a Cristo. Não é a comodidade do descanso bem merecido, mas sim mais fatiga e trabalhos o que Cristo nos dá como prêmio.

(2) Sugeriu-se que a porta aberta que está diante dos cristãos em Filadélfia é o próprio Jesus Cristo . Jesus disse "Eu sou a porta" (João 10:7, 9). A porta que se abre diante dos cristãos de Filadélfia pode ser o próprio Cristo, como porta que se abre à presença de Deus.

(3) Sugeriu-se que a porta é a porta da comunidade messiânica. Com Jesus Cristo chegou a nova era; foi inaugurado o novo reino de Davi. Do mesmo modo como no antigo reino Eliaquim tinha a chave para abrir a porta que conduzia à presença do rei, assim Jesus Cristo tem as chaves e é Ele mesmo a porta para todos aqueles que desejem entrar na presença de Deus.

(4) Independentemente de todas estas coisas, a porta da oração é uma entrada a Deus que está aberta em todo o tempo a todos os homens. Qualquer pessoa pode entrar pela oração e encontrar-se na presença viva de Deus. E esta é, por certo, uma porta que ninguém jamais poderá fechar e que Jesus Cristo abriu ao dar seguranças aos homens com relação ao amor de Deus o Pai.

Podemos estar seguros que tanto a porta da oportunidade missionária como a porta da oração são vias de ingresso que permanecem sempre abertas para todos os cristãos.

FILADÉLFIA – OS HERDEIROS DA PROMESSA

Apocalipse 3:7-13 (continuação)

No versículo 9 a promessa e profecia do Cristo ressuscitado é que algum dia os judeus, que naquela época caluniavam e perseguiam tenazmente aos cristãos, virão e dobrarão seu joelho diante de Cristo. Este é o eco de uma expectativa muito velha dos judeus que encontramos já no Antigo Testamento.

A promessa aparece em repetidas oportunidades no livro de Isaías. "Também virão a ti, inclinando-se, os filhos dos que te oprimiram; prostrar-se-ão até às plantas dos teus pés todos os que te desdenharam" (Isaías 60:14). "Reis serão os teus aios, e rainhas, as tuas amas; diante de ti se inclinarão com o rosto em terra e lamberão o pó dos teus pés; saberás que eu sou o SENHOR e que os que esperam em mim não serão envergonhados" (Isaías 49:23). Zacarias teve uma visão do dia quando homens de todos os povos e idiomas irão a Jerusalém e "pegarão, sim, na orla da veste de um judeu e lhe dirão: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco" (Zacarias 8:22-23).

A crença dos cristãos era que o povo judeu, ainda como povo, tinha perdido seu lugar no plano divino, e que esse lugar tinha sido transferido à Igreja. O filho de Abraão no sentido que Deus outorgava ao termo, não era somente aquele que podia demonstrar ser descendente direto daquele patriarca, mas sim qualquer homem que fosse capaz de empreender a mesma aventura de fé que ele tinha empreendido (Romanos 9:6-9). A Igreja era o Israel de Deus (Gálatas 6:16). As promessas que Deus tinha feito a Israel tinham sido herdadas pela Igreja. Agora era à Igreja que todos os homens, algum dia, ofereceriam submissa obediência; e entre eles estariam também os judeus. Isto é o inverso de tudo o que os judeus tinham alguma vez esperado; eles esperavam que todos os povos se humilhariam diante deles, mas agora todos os povos se humilhariam, chegado o momento, diante de Jesus Cristo.

Por essa razão a Igreja em Filadélfia devia cuidar para que todos os seus membros fossem fiéis, pelo menos no princípio. Até o momento tinham sido fiéis. Na expressão "guardaste minha palavra e não negaste o meu nome" ambos os verbos estão em tempo aoristo, modo que descreve uma ação completada em algum momento do passado; a idéia é que os cristãos de Filadélfia deveriam ter atravessado por alguma prova, da qual emergiram vitoriosos. Suas forças eram escassas, seus recursos irrisórios; mas se guardassem sua promessa de fidelidade a Cristo veriam algum dia amanhecer o Sol de seu triunfo em Cristo. A fidelidade do cristão deve alimentar-se da visão de um mundo para Cristo, porque esse mundo depende da fidelidade com que cada cristão viva sua fé.

FILADÉLFIA – OS QUE GUARDAM SÃO GUARDADOS

Apocalipse 3:7-13 (continuação)

A promessa de Cristo é que aqueles que saibam guardar serão guardados. “Porque guardaste a palavra ... eu te guardarei”. Jesus Cristo não ficará em dívida com ninguém, e sem lugar a dúvida a lealdade merece uma recompensa.

No versículo 10, a frase que diz "a palavra de minha paciência", é uma expressão fortemente concentrada. Significa que a promessa vai dirigida aos quais tenham praticado a mesma classe de paciência que Jesus viveu na Terra. Quando somos chamados a demonstrar paciência, a paciência de Cristo significa três coisas para nós. Em primeiro lugar, oferece-nos um exemplo. Em segundo lugar, é uma fonte de inspiração. Devemos andar posto nosso olhar nEle, quem, pela alegria que lhe tinha sido prometido suportou a cruz, desprezando toda vergonha (Hebreus 12:1-2). A visão da paciência de Cristo é ao mesmo tempo nosso modelo e inspiração. Mas, além disso, a paciência de Cristo é a garantia de sua identificação conosco quando somos chamados a suportar com paciência algum sofrimento. Ele, por ter sofrido, sendo tentado, é capaz de nos socorrer quando nós somos tentados (Hebreus 2:18). Sabemos que nossa

confiança está posta em alguém que atravessou por nossas mesmas circunstâncias, e que é capaz de ajudar aos que têm que vivê-las.

No versículo 10 voltamos a estar num meio caracteristicamente judeu. Segundo já vimos, os judeus dividiam a história em duas grandes épocas. Há uma idade, a presente ou atual, que é totalmente má e que está totalmente sob a dominação do Diabo; e há outra, a era ou idade por vir, que é totalmente boa e está totalmente sob o domínio de Deus. Entre ambas as idades corre um tempo de terrível desintegração, no qual a idade atual será totalmente destruída, o juízo divino cairá sobre o mundo e os que se oponham a Deus serão esquecidos. É a esta fase da história que João faz referência aqui. Até no momento em que o mundo tal como os homens estão acostumados a conhecê-lo desaba em pedaços, os que forem fiéis a Cristo atravessarão ilesas a destruição para alcançar a glória final.

A promessa do Cristo ressuscitado é que não há nada que possa separar o crente de seu amor. Mesmo quando o tempo cessar e o mundo acabar aquele que for fiel estará seguro, guardado por Cristo.

FILADÉLFIA – PROMESSA E ADVERTÊNCIA

Apocalipse 3: 7-13 (continuação)

No versículo 11 há uma promessa e uma advertência combinadas.

O Cristo ressuscitado diz aqui que vem logo. Já dissemos que no Novo Testamento a vinda de Cristo tem dois significados.

(1) Significa uma advertência para os despreocupados. Jesus mesmo nos contou a parábola do servo ímpio, que pensou que seu senhor nunca viria e se aproveitou de sua ausência para agir de maneira incorreta e perversa. Quando o senhor voltou, de maneira repentina e sem advertência prévia, castigou sua maldade, julgando-o e condenando-o (Mateus 24:48-51). Paulo adverte os tessalonicenses com relação à terrível sorte que espera o desobediente e o incrédulo quando Jesus seja revelado no Céu e se vingue de seus inimigos (2 Tessalonicenses 1:7-9).

Pedro adverte a seus leitores que terão que dar conta de suas ações perante Aquele que vem para julgar os vivos e os mortos (1 Pedro 4:5). No Novo Testamento a idéia da vinda do Senhor serve para advertir aos que pensam que podem fazer o que desejam que o dia do acerto de contas vem, e que portanto sua perspectiva para o futuro é o juízo divino.

(2) Significa uma tranqüilidade para os oprimidos. Tiago recomenda aos destinatários de sua carta que tenham paciência, porque o dia da vinda do Senhor se aproxima (Tiago 5:8). Muito em breve suas penúrias passarão. O autor de Hebreus exorta à paciência, porque aquele que há de vir virá logo, sua vinda não vi demorar (Hebreus 10:37). A idéia é que se os cristãos podem suportar pacientemente um pouco mais, o dia de seu resgate virá, e logo.

De modo que no Novo Testamento usa-se a idéia da vinda de Cristo como uma advertência aos despreocupados e como um consolo para os oprimidos. É verdade que, num sentido literal, Jesus não veio para os que receberam estas palavras de advertência e exortação. O certo, entretanto, é que ninguém sabe quando a eternidade invadirá sua vida e quando Deus o chamará a comparecer perante sua presença; e isto também deve ser uma advertência para os que vivem desatentamente, a se prepararem para encontrar-se com Deus, e um alento para os que sofrem, pois o dia da recompensa aos que forem fiéis está "perto".

Mas aqui há outra advertência. O Cristo ressuscitado recomenda aos cristãos em Filadélfia que se aferrem ao que têm, para que outros não lhes tomem sua coroa (versículo 11). Não se trata de que alguém possa lhes roubar a coroa que eles têm, mas sim Deus pode tirar-lhes assim como as deu, e entregá-la a outro, mais digno de levá-la.

R. C. Trench faz uma lista dos personagens bíblicos que perderam o direito de ocupar o lugar que Deus lhes tinha atribuído, pois outro demonstrou ser mais digno desse privilégio. Jacó passou a ocupar o lugar de Esaú (Gênesis 25:34; 27:36); Rúben, o primeiro filho de Jacó, instável como a água, perdeu o lugar para Judá (Gênesis 49:4, 8). Saul foi substituído por Davi (1 Samuel 16:1, 13). Joabe e Abiatar foram postos

de lado e ocuparam seus lugares Benaia e Zadoque (1 Reis 2:25). Judas deixou de pertencer ao grupo dos apóstolos e seu lugar foi ocupado por Matias (Atos 1:25, 26). Os judeus foram substituídos pelos gentios que creram em Jesus Cristo (Romanos 11:11).

Há uma grande tragédia em tudo isto. Às vezes ocorre na vida que alguém recebe o encargo de desempenhar uma tarefa. Ele foi escolhido com grandes esperanças para a tarefa; mas logo fica evidente que a tarefa fica grande para ele, que não está à altura de sua responsabilidade. Não é digno da confiança que se depositou nele. Não é capaz de elevar-se à altura do desafio que essa tarefa representa. Quando isso ocorre, esse homem é deslocado da missão que devia cumprir, e esta é encomendada a outro. Isto também pode suceder com as tarefas que Deus nos encomenda. Deus tem algo para que cada um de nós fazermos; mas é possível que alguns demonstrem ser incapazes de desempenhar-se em sua responsabilidade; então a tarefa passa à mãos de outro; o primeiro perdeu sua coroa. É verdade que até no fracasso qualquer um pode fazer o necessário para redimir-se — mas isto somente se se lançar, arrependido, nos braços da misericórdia de Cristo. Somente quando andamos bem perto de Cristo podemos cumprir as tarefas Que Deus nos encomendou; e se em nossa tolice fracassamos, somente a graça perdoadora poderá converter esse tropeço em princípio de uma nova glória.

FILADÉLFIA – MUITAS PROMESSAS

Apocalipse 3:7-13 (continuação)

No versículo 12 encontramos as promessas do Cristo ressuscitado aos que permanecem fiéis a Ele; neste caso são muitas promessas, a maioria das quais representam imagens vividas que devem ter sido extremamente significativas para os cristãos em Filadélfia.

(1) O cristão fiel será uma coluna no Templo de Deus. Uma coluna da Igreja é alguém que recebe a honra e o reconhecimento de ser um dos

elementos humanos em que a Igreja se apóia. Pedro, Tiago e João eram as colunas da Igreja em Jerusalém, nos tempos primitivos (Gálatas 2:9). Abraão — diziam os rabinos judeus — era a coluna do mundo. Como uma coluna poderosa, o cristão fiel passa a fazer parte da estrutura arquitetônica da Igreja de Deus.

(2) O cristão fiel "nunca mais sairá dali". É possível que esta expressão mescle partes de pelo menos dois significados.

(a) Pode ser uma promessa de segurança. Já vimos como, durante muitos anos, os habitantes de Filadélfia viveram aterrorizados por constantes terremotos e como quando estes sobrevinham todo mundo tinha que sair correndo para fora, para evitar as paredes e tetos que caíam em cima do desprevenido. Uma vez terminado o terremoto, voltavam para suas casas, mas tinha chegado a dominá-los uma permanente incerteza. Para eles a vida era um constante sair e entrar, num clima de insegurança. A promessa é que com Cristo já não haverá mais saídas. Para o cristão fiel, existe a promessa de uma serenidade sedentária na paz que Jesus Cristo pode dar.

(b) Alguns estudiosos crêem que a promessa aqui, refere-se à firmeza do caráter moral. Nesta vida até os melhores às vezes agem bem, às vezes mal. Experimentamos todo o tempo recaídas no gosto pelas coisas proibidas. Há momentos dos quais estamos envergonhados. Mas aquele que for fiel chegará, em algum momento de sua evolução moral, a ser como uma coluna no Templo de Deus, que ninguém pode tirar de seu lugar, pois terá conquistado o mal e derrotado o tentador, convertendo a bondade e a justiça na atmosfera normal de sua vida. Se este for o significado, a imagem descreveria uma vida de constante serenidade moral, tal como a que conseguiremos viver quando, superadas as lutas deste mundo, desfrutemos de paz na presença de Deus.

(3) Jesus Cristo escreverá sobre o cristão fiel o nome de seu Deus. Há várias imagens que podem estar presentes aqui:

(a) Nas cidades da Ásia Menor, e em Filadélfia entre elas, quando um sacerdote tinha completado suas obrigações profissionais de maneira

fiel durante toda sua vida, os fiéis honravam sua memória, quando morria, erigindo uma nova coluna no templo onde oficiou, escrevendo nela seu nome e o nome de seu pai. Aqui se descreveria o reconhecimento permanente duradouro com que Jesus recompensa a fidelidade em seu serviço.

(b) Pode ser, também, que se faça referência ao costume de marcar ao escravo com o nome de seu dono. Do mesmo modo como o amo põe sua marca sobre o escravo, para demonstrar que este lhe pertence, ou o boiadeiro sua marca sobre os animais que formam parte de seu rebanho, para distingui-lo de outros como deles, Deus porá sua marca sobre os que lhe forem fiéis. Seja qual for a imagem concreta que respalda esta passagem, a verdade é que os fiéis, de uma maneira ou outra, levarão o distintivo inconfundível de que pertencem a Deus.

(c) Também é possível que tenhamos aqui uma imagem do Antigo Testamento. Quando Deus ensinou a Moisés qual devia ser a bênção que Arão e seus filhos pronunciariam sobre o povo de Israel, disse: “Assim, porão o meu nome sobre os filhos de Israel” (Números 6:22-27). Em realidade esta é a mesma imagem, ainda que neste caso numa referência direta ao Antigo Testamento. Israel levava a marca de Deus, para que todos os homens soubessem que pertencia a Ele.

(4) Sobre os cristãos fiéis também se inscreverá o nome da nova Jerusalém, a cidade de Deus. Este é o direito à cidadania na cidade de Deus que receberão os cristãos fiéis. Segundo Ezequiel o nome da cidade de Deus recriada seria: "O Senhor está ali" (Ezequiel 48:35). Os cristãos fiéis serão cidadãos da cidade e do reino onde sempre se há de desfrutar da presença direta e pessoal de Deus.

(5) Cristo escreverá um novo nome sobre os cristãos fiéis. Os habitantes de Filadélfia sabiam muito bem o que era isso de tomar um novo nome. Quando sua cidade foi devastada por um terremoto, no ano 17 d.C, Tibério, o imperador romano, foi muito generoso com eles, enviando-lhes ajuda para a reconstrução e libertando-os da obrigação de pagar impostos durante um certo tempo; como amostra de gratidão

Filadélfia decidiu mudar seu nome pelo de Nova Cesaréia, a Nova Cidade de César; mais tarde, quando receberam novas amostras de bondade por parte de outro imperador, Vespasiano, voltaram a mudar o nome da cidade pelo de Flávia, pois este era o sobrenome de seu benfeitor. Do mesmo modo, Jesus Cristo marcará os que forem fiéis a Ele, com um nome novo; qual será esse nome é inútil sequer tentar imaginá-lo porque nenhum homem pode vir a sabê-lo (Apoc. 19:12). Mas no tempo futuro quando Cristo tiver vencido todos os seus inimigos definitivamente, seus seguidores fiéis levarão a marca distintiva dos que a Ele pertencem e portanto compartilham sua vitória e sua honra.

A CARTA A LAODICÉIA

LAODICÉIA – A IGREJA CONDENADA

Apocalipse 3:14-22

Laodicéia possui a triste distinção de ser a única Igreja com relação à qual o Cristo ressuscitado não pode dizer nada bom.

No mundo antigo havia seis cidades que se chamavam Laodicéia, e a que se menciona no Apocalipse era, para distingui-la das outras, Laodicéia sobre o Licus. Tinha sido fundada cerca do 250 a.C. por Antíoco da Síria, e o nome da cidade era o de seu esposa, Laodicéia. A importância de Laodicéia radicava exclusivamente em sua localização. O caminho que unia Éfeso com Síria era o mais importante de todos os que percorriam a Ásia Menor. Este caminho bordejava a costa, saindo de Éfeso, mas logo se via obrigado a subir até a meseta central, que tinha quase 2.500 m de altura. Fazia-o indo pelo vale do rio Meandro, até chegar ao que conhecemos como As Portas da Frígia. Mais além dessas "portas" encontrava o vale largo onde coincidiam as fronteiras da Frígia, Lídia e Caria. O caminho que subia até esse vale desde o Meandro era de montanha, rochoso e com precipícios de um lado e do outro. As margens do Meandro, desde esse vale, eram intransitáveis, pois as águas se

precipitavam por uma garganta rochosa, muito profunda, esculpida pela erosão nas montanhas.

O caminho, então, fazia um desvio a essa altura, tomando o vale do Licus, outro rio, e subindo por este até a meseta. Nesse vale estava Laodicéia. O caminho penetrava o vale pela porta de Éfeso, do Este, e o abandonava pela porta da Síria, sobre o Oeste. Isto, somente, teria bastado para que Laodicéia fosse um dos grandes centros comerciais e estratégicos do Oriente Médio. Originalmente a cidade tinha sido uma fortaleza. Mas do ponto de vista militar sua grande fraqueza era que toda a água que precisava devia ser trazida desde uns dez quilômetros, por aquedutos subterrâneos, o que era muito perigoso em caso de sítio. Havia outros dois caminhos que passavam pelas portas de Laodicéia. Eram os caminhos que iam desde Pérgamo e o vale do Hermus, até a Pisídia, Panfília e a costa, em Perga, e o caminho que ia caria a Frígia.

Tal como comenta Sir W. M. Ramsay, "somente a paz era necessária para que Laodicéia se convertesse num grande centro comercial e financeiro". E essa paz veio com o domínio romano. Nos dias antigos de incerteza, Laodicéia nunca tinha passado de um povoado, mas quando Roma impôs sua paz no Mediterrâneo, chegou-lhe a grande oportunidade de converter-se no que Plínio qualifica de "uma distinguida cidade".

Laodicéia tinha certas características que deixaram seus sinais na carta que lhe é dirigida.

(1) Era um grande centro de bancos e das finanças. Quando Cícero viajou pelo oriente, foi em Laodicéia que converteu em dinheiro as letras de mudança que levava consigo. Laodicéia era uma das cidades mais ricas do mundo. O ano 61 de nossa era, Laodicéia foi devastada por um terremoto; mas seus cidadãos eram tão ricos e independentes que se negaram a receber ajuda do governo romano e reconstruíram a cidade com seus próprios recursos e esforço. Tácito, o historiador romano, escreve: "Uma das cidades mais famosas da Ásia, Laodicéia, foi demolida nesse ano por um terremoto, e sem nossa ajuda de classe

alguma, recuperou-se mediante seus próprios recursos" (Tácito, *Anais*, 14:27). Não é de maravilhar-se que Laodicéia se glorificasse de ser rica, de possuir grandes fortunas e de não precisar de nada. Era tão rica que nem sequer cria ter necessidade de Deus.

(2) Era um grande centro da indústria do vestido. As ovelhas que pastavam nos arredores de Laodicéia eram famosas no mundo inteiro por sua lã suave, de cor violeta escura. Produzia industrialmente mantos muito baratos. Uma de suas especialidades era uma túnica chamada *trimita*, pela qual alguns chamavam Trimitaria à cidade. Laodicéia estava tão orgulhosa da roupa que fabricava que não podia dar-se conta que a Deus a enfrentava desnuda.

(3) Era um centro médico de importância. Vinte quilômetros a oeste de Laodicéia, entre a cidade e a Porta da Frígia, estava o templo dos Homens-deuses de Caria. Numa época este templo tinha sido o centro comercial, administrativo e social de toda a região. Até começos de nossa era o costume era ter grandes mercados, em datas fixas, nos arredores do templo. Este lugar era o centro de uma importante escola de medicina. Mais tarde, a escola se transferiu à cidade de Laodicéia. Tão famosos eram seus médicos, que os nomes de alguns deles aparecem nas moedas da cidade. Dois deles, por exemplo, chamavam-se Xeusis e Alexandre Filaetes.

Havia duas coisas que contribuíam à fama desta escola de medicina: um ungüento para os olhos e outro para os ouvidos. Seu colírio, que se preparava na forma de pequenos pãezinhos da substância medicinal (*kollurion*, em grego, significa pãozinho) exportava-se de Laodicéia a todos os centros povoados do mundo antigo. Laodicéia tinha tal consciência de suas habilidades médicas no tratamento da vista, que nunca lhe ocorreu pensar que aos olhos de Deus podia ser cega.

As palavras do Cristo ressuscitado respondem de maneira direta à riqueza e às habilidades técnicas que caracterizavam e tornavam Laodicéia famosa, e que a enchiam de tanto orgulho. Este orgulho, precisamente, tinha eliminado a necessidade de Deus na mente e no

coração de muitos de seus cidadãos e, aparentemente, até entre os membros da Igreja.

(4) Devemos agregar um fato mais com relação a Laodicéia. Estava numa região onde abundava a população judia. Tantos eram os judeus que tinham emigrado para com essa região que os rabinos palestinenses tinham um dito contra os que buscavam os vinhos e os banhos de Frígia. O ano 62 a.C. Fraco, governador da província, alarmou-se pela quantidade de dinheiro que os judeus enviavam a Jerusalém em conceito de imposto pelo Templo (uma obrigação de todo membro da comunidade judia mundial). Portanto, proibiu a exportação de dinheiro. Como resultado, num procedimento policial, seqüestrou-se um contrabando de moedas de ouro, em Laodicéia, por um peso de 10 quilogramas, aproximadamente, e outro na Apameia, uma localidade próxima, por um peso de quase 50 quilogramas. Calculando a partir do peso e valor do ouro contrabandeado nestes dois casos, pode chegar-se a estimar que na região viviam pelo menos 7.500 varões judeus, sem contar as mulheres e os meninos. Na cidade de Hierápolis, a uns dez quilômetros de Laodicéia, havia uma "congregação de judeus" que tinha o direito de cobrar multas e impostos e possuía um arquivo de documentação legal onde se guardavam dados sobre toda a população judia da zona. Havia poucas regiões no mundo onde os judeus, fora da Palestina, fossem tão ricos e influentes.

Tal, então, era Laodicéia, a cidade muito rica para preocupar-se por Deus ou sentir alguma necessidade dEle.

LAODICÉIA – AS AFIRMAÇÕES DE CRISTO

Apocalipse 3:14-22 (continuação)

Entre as sete Igrejas da Ásia a de Laodicéia é a que recebe uma condenação mais drástica. Não há palavra de louvor que se mereça, nada nela que possa redimi-la. É interessante notar que em *As constituições apostólicas* (8:46) diz-se que Arquipo foi o primeiro bispo de Laodicéia.

Quando Paulo escreveu à Igreja vizinha em Colossos, dizia: “Também dizei a Arquipo: atenta para o ministério que recebeste no Senhor, para o cumprires” (Colossenses 4:17). Pareceria que Arquipo não cumpria sua responsabilidade e precisava que o apóstolo lhe chamasse a atenção. Isso ocorreu trinta anos antes de ser escrito o Apocalipse. Mas é possível que já nessa hora anterior a podridão se instalou na Igreja de Laodicéia, e que um pastor indigno e um ministério insatisfatório e indigno tinham semeado as sementes da degeneração.

Como em todas as outras cartas, a introdução começa com uma série de grandes títulos que se atribuem a Cristo.

(1) É o Amém. Este é um título muito estranho. Pode ter duas origens.

(a) Em Isaías 65:16 Deus é chamado o Deus da verdade; em hebraico isto se diz "Deus do Amém". A palavra Amém é a que normalmente se pronuncia ao terminar uma declaração ou afirmação solene para garantir e reafirmar a verdade do que se disse. Se diz-se de Deus que é o Deus do Amém, isto significa que pode confiar-se totalmente nEle, que não pode duvidar-se de suas afirmações, que suas promessas são sempre verdadeiras. Nosso texto, então, quereria dizer que Jesus Cristo é Aquele cujas palavras e promessas são verdadeiras além de toda possibilidade de dúvida.

(b) No evangelho de João as afirmações de Jesus muito freqüentemente começam dizendo "Em verdade, em verdade vos digo..." (por exemplo João 1:51, 3:3, 5, 11, etc.). No texto original se lê: "Amém, Amém lhes digo..." É possível que se chame "o Amém" a Jesus Cristo como reminiscência de sua própria maneira de falar. O significado, neste caso, seria o mesmo: Jesus Cristo é Aquele cujas afirmações são verdadeiras, Aquele em cujas promessas pode ter-se uma confiança total.

(2) Ele é a testemunha em quem se pode confiar e que é fiel aos fatos de que testemunha. R. C. Trench assinala, com justiça, que uma boa testemunha deve responder a três condições:

(a) Deve ter visto com seus próprios olhos o que testemunha.

(b) Deve ser totalmente honesto, deve repetir com exatidão o que viu e ouviu.

(c) Deve ter a habilidade de dizer o que viu e ouviu, de maneira que seu testemunho produza a impressão correta nos que o ouvem. Jesus Cristo satisfaz de maneira perfeita estas condições. Pode nos falar com relação a Deus porque veio dEle. Podemos confiar em suas palavras porque é o Amém. É capaz de dizer o que viu porque ninguém jamais falou como Ele. Jesus é a testemunha perfeita das coisas de Deus.

(3) Conforme diz nossa versão, Jesus é o princípio da criação de Deus. Esta é uma expressão com relação à qual devemos tomar cuidado, porque, tal como se traduziu para o português, fica extremamente ambígua. Dizer que Jesus é o princípio da criação pode interpretar-se no sentido de que Ele teria sido a primeira pessoa criada. Mas também pode significar que foi a causa motriz de toda a criação, aquele que começou todo o processo da criação; tal como afirma R. C. Trench, "o princípio dinâmico". Não há dúvida que o segundo é o significado que o autor quis dar à sua expressão. A palavra, em idioma grego, é *arché*. Nos escritos cristãos primitivos encontramos que Satanás foi o *arché* da morte, quer dizer, que a morte tomou dele seu princípio e origem. Também se afirma que Deus é o *arché* de tudo o que existe, ou seja que é em Deus que todas as coisas têm seu princípio e origem.

No Novo Testamento encontramos muito freqüentemente relações entre o Filho de Deus e a criação. João inicia seu Evangelho dizendo que “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (João 1:3). “Nele”, diz Paulo, “foram criadas todas as coisas” (Col. 1:15, 18). A insistência sobre a parte que correspondeu ao Filho na criação deve-se à aparição de hereges segundo a doutrina de quem o mundo não teria sido criado pelo verdadeiro Deus, mas por um deus secundário e falso, o que explicaria a existência do pecado e da morte. O ensino cristão é que este mundo foi criado por Deus, e que o pecado e a morte não se devem a Ele, mas sim à desobediência do

homem. Para o cristão, o Deus da criação e o Deus da redenção são um e o mesmo Deus.

LAODICÉIA – NEM UMA COISA NEM OUTRA

Apocalipse 3:14-22 (continuação)

A condenação de Laodicéia começa com uma imagem de crua vividez. Porque os laodicenses não são nem frios nem quentes possuem essa qualidade nauseabunda que obrigará ao Cristo ressuscitado a vomitá-los de sua boca.

Deve tomar-se nota do significado exato destas palavras. A palavra que se traduz "frio" é *psujros*, e pode significar frio ao ponto de congelamento. O Eclesiástico 43:20 fala do vento frio do norte que pode congelar a superfície da água estancada. A palavra que se traduz "quente" *tsestos*, significa quente até o ponto de ebulição. A palavra que se traduz para morno é *jliaros*. As coisas mornas em geral têm um efeito nauseabundo. A comida quente pode ser apetitosa, assim como a comida fria, mas a comida morna em geral nos revolve o estômago. O mesmo ocorria ao Cristo ressuscitado quando se fazia presente na Igreja em Laodicéia. Isto deve nos fazer pensar.

(1) A atitude que o Cristo ressuscitado condena de maneira sem misericórdia é a indiferença. Tem-se dito que um autor pode escrever uma boa biografia se ama a seu personagem, mas também se o odiar. Mas ninguém pode escrever uma boa biografia se o personagem sobre o qual esta versa lhe é indiferente. Entre todas as coisas a indiferença é a mais difícil de combater. Se alguém experimentar intensos sentimentos numa direção, pode ser convencido de mudar a direção de suas inclinações. Mas se alguém perdeu a capacidade de experimentar sentimentos ardentes, é muito difícil fazer algo com ele. A indiferença é uma espécie de morte gelada, na qual tudo deixou de ter importância. O problema da evangelização na atualidade não é a hostilidade para com o cristianismo; mas seria melhor se este fosse o caso. O problema é que o

cristianismo e a Igreja deixaram que ter importância para as pessoas, que os homens os contemplam com total indiferença, e a indiferença é a mais difícil das barreiras para demolir. Só é possível opor-se à indiferença uma demonstração clara de que o cristianismo é um poder capaz de fortalecer a vida e uma graça capaz de embelezá-la.

(2) A única atitude impossível em face do cristianismo é a neutralidade. Ser neutro com relação a Jesus Cristo é constituir-se num obstáculo para sua obra. Jesus Cristo opera através dos homens; e o homem que é totalmente neutro com relação a Jesus Cristo negou-se a assumir a tarefa que constitui o propósito divino para sua vida. Portanto, não somente não está no caminho mas sim que se interpôs no caminho de Cristo. Aquele que não esteja disposto a ajudar a Cristo é um estorvo para Cristo. Aquele que não se submete a Cristo oferece resistência. Se oferecermos a alguém amor e a resposta é que nosso amor lhe é indiferente ou não se importa com ele, essa pessoa, querendo ou não, frustrou-nos.

(3) Por mais duro que pareça, o significado, desta terrível ameaça do Cristo ressuscitado é que nos será preferível não nos termos iniciado no caminho cristão que ter aceito ao Senhor e Salvador e depois nos abandonarmos a uma prática religiosa convencional, formal e sem significado, aparente mas sem ardor no espírito. É melhor nem sequer nos lançar ao que Trench chama "o grande experimento do evangelho" que aceitá-lo para fazer dele uma religião respeitável e sem convicção profunda. Nenhum líder aceita seguidores que respondam a suas exortações com reservas; nenhum dirigente valoriza a lealdade que com o tempo se converte em indiferença. O fogo do primeiro amor deve seguir ardendo sempre com a mesma força. Há uma afirmação de Jesus que não faz parte de nosso Novo Testamento: "Aquele que está perto de mim está perto do fogo". O modo de manter o calor espiritual é permanecer sempre perto de Cristo.

LAODICÉIA – A RIQUEZA QUE É POBREZA

Apocalipse 3:14-22 (continuação)

A tragédia de Laodicéia era que estava convencida de sua própria riqueza e que era cega com relação à sua verdadeira pobreza. Humanamente falando, e a julgar segundo as pautas da época, ninguém poderia dizer que havia outra cidade mais rica que Laodicéia em toda a Ásia. Espiritualmente falando, e segundo as pautas divinas, o Cristo ressuscitado afirma que não há comunidade mais açoitada pela pobreza que Laodicéia. Laodicéia se vangloriava de três coisas: cada uma destas é tomada, por turno, e mostrada em seu próprio verdadeiro valor.

(1) Laodicéia se orgulhava de sua riqueza financeira. Era o centro bancário da Ásia Menor; era tão rica que quando um terremoto a devastou no ano 61, negou-se a aceitar ajuda para sua reconstrução. Não necessitava nada de ninguém, ou pelo menos pensava isso. O Cristo ressuscitado recomenda que compre ouro que tenha sido refinado no fogo. O ouro provado no fogo demonstra seu autêntico valor; é precisamente com essa imagem que Pedro descreve a fé verdadeira (1 Pedro 1:7). A riqueza pode fazer muitas coisas, mas há coisas que por mais dinheiro que se tenha jamais poderão conseguir-se. A riqueza não pode comprar felicidade; nem pode dar a ninguém um corpo ou uma mente sã; a riqueza não pode consolar quem sofre uma tristeza; a riqueza não pode comprar a amizade verdadeira para aquele que ficou sozinho. Se tudo o que tivermos para enfrentar a vida é nossa riqueza, somos verdadeiramente pobres em recursos. Mas se alguém tem uma fé que foi provada e refinada no crisol do fogo da experiência, não há nada que não seja capaz de enfrentar e é, verdadeiramente, rico como ninguém.

(2) Laodicéia se orgulhava de sua indústria do vestido. A roupa que se fabricava em Laodicéia era famosa no mundo inteiro. Mas — diz o Cristo ressuscitado — Laodicéia está espiritualmente nua. Se quer cobrir sua nudez deve ir a Ele e receber dEle o que somente Ele pode dar. O Cristo ressuscitado fala de "a vergonha da nudez" de Laodicéia. Isto

tinha um significado muito mais forte no mundo antigo que entre nós. Foi deste modo que Hanum tratou os servos de Davi (2 Samuel 10:4). A ameaça contra o Egito é que a Assíria levará nu a seu povo (Isaías 20:4). A advertência de Ezequiel a Israel era que seus inimigos o despiriam de sua roupa (Ezequiel 16:37-39; 23:26-29, veja-se Oséias 2:3,9 e Miquéias 1:8,11). Deus disse Naum que advertisse ao povo desobediente que: "Mostrarei às nações a tua nudez, e aos reinos, as tuas vergonhas" (Naum 3:5). Por outro lado, estar vestido com roupas finas era uma grande honra. Faraó honrou a José vestindo-o com roupa de linho fino (Gênesis 41:42). Daniel é vestido de escarlate por Belsazar (Daniel 5:29). As vestimentas reais estão destinadas àqueles homens que o rei honra (Ester 6:6-11). Quando o filho pródigo retorna, é-lhe posto a melhor das túnicas (Lucas 15:22).

Laodicéia se orgulhava da roupa que fabricava, mas espiritualmente está nua e a nudez é desonra e vergonha. O Cristo ressuscitado a exorta a comprar dEle um vestido branco. O que significa este vestido branco? Pode muito bem representar as coisas belas da vida e o caráter que somente Cristo pode oferecer aos homens. Tem muito pouco sentido que a pessoa adorne o corpo se não tem com o que adornar a alma. Nem todos os vestidos mais finos do mundo poderão embelezar o homem cuja natureza está retorcida e cujo caráter foi afeado. O que o homem possa vestir jamais compensará o que Deus não deu para vestir sua interioridade espiritual.

(3) Laodicéia se orgulhava de seu famoso colírio; exportava-o para todo o mundo como o remédio mais eficaz para as doenças dos olhos. Mas os fatos demonstram que Laodicéia era cega, visto que não via sua pobreza e sua nudez.

R. C. Trench diz: "O princípio de toda emenda verdadeira é nos ver tal como somos."

Laodicéia era muito cega para poder ver-se tal como era. Somente Aquele que é a Luz do Mundo pode limpar nossa vista e nos torna

capazes de ver com clareza. Vê-lo em sua santidade e a nós em nosso pecado é o primeiro passo rumo à salvação.

LAODICÉIA – O CASTIGO DO AMOR

Apocalipse 3:14-22 (continuação)

O ensino do versículo 19 aparece em todas as Escrituras. “Eu repreendo e disciplino a quantos amo.” Há algo muito belo na forma de dizer estas palavras. Trata-se de uma citação de Provérbios 3:12. Mas João ao citar modifica uma palavra. Na Septuaginta a palavra que se traduz "amor" é *agapan; agapan* indica a atitude respeitosa de benevolência e boa vontade que nada nem ninguém pode converter em ódio; mas na citação no lugar de *agapan* diz *filein*. *Filein* é a palavra que representa um amor verdadeiramente tenro e quente. Podemos perceber melhor o significado desta oração se lermos: "É com aqueles que me são mais queridos que exerço a disciplina mais estrita." A Bíblia está cheia dessa disciplina que o amor deve exercer sempre em sua relação com os que ama.

Tomemos primeiro a palavra "repreendo". A palavra grega significa aquela classe de repreensão que obriga necessariamente a reconhecer o erro e corrigi-lo. Segundo Aristóteles trata-se da prova de que as coisas não podem ser de outro modo senão como nós o recomendamos".

O exemplo mais vívido desta classe de repreensão é a forma como Natã enfrenta a Davi com seu pecado, quando Davi tinha arrumado a morte do Urias para poder ficar com sua mulher, Bate-Seba (2 Samuel 12:1-14). Repreender um homem desta maneira não significa envergonhá-lo ou gritar com ele; não quer dizer descarregar sobre ele uma chuva de palavras fortes, por mais justo que isto possa ser; significa falar com o pecador de tal maneira que este não tenha mais remédio que reconhecer o mal que tem feito, admitir seu erro e corrigir sua vida e sua conduta. A repreensão de Deus não é um castigo, mas uma iluminação.

Vejamos, agora, como aparece a idéia de "disciplina" em distintos lugares da Bíblia.

É muito característica no ensino dos Provérbios. “O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo, o disciplina” (Provérbios 13:24; veja-se também 23:13-14; 27:6; 29:15-17; Salmo 94:12; Jó 5:17). “Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo” (1 Coríntios 11:32). “É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige? Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos” (Hebreus 12:7-8).

Segundo R. C. Trench: "O mestre de obra esculpe com muitos golpes de martelo e cinzel as pedras que encontrarão um lugar, finalmente, nos muros da nova Jerusalém... É a uva espremida e não aquela que foi deixada de lado pelos bodegueiros, a que destila o licor mais fino." Um fato da vida é que não há maneira mais segura de arruinar o futuro de um menino que permitir que ele faça o que quiser. É um fato da vida que os melhores atletas e os eruditos mais valiosos são os que recebem o treinamento mais rigoroso e conseguiram adquirir a mais estrita disciplina. A disciplina de Deus não é algo que devamos rejeitar, ou protestar, mas sim algo pelo qual deveríamos nos sentir devotamente agradecidos.

LAODICÉIA – O CRISTO QUE BATE NA PORTA

Apocalipse 3:14-22 (continuação)

No versículo 20 temos uma das imagens mais famosas de Cristo em todo o Novo Testamento "Eis aqui", diz o Cristo ressuscitado, "eu estou à porta e chamo." Esta imagem deriva de duas fontes diferentes.

(1) Tem sido interpretado como uma advertência com relação à iminente vinda de Cristo em glória. O cristão deve ser como o homem que está sempre preparado para abrir a porta quando seu senhor bate

(Lucas 12:36). Quando se produzirem os sinais, o cristão saberá que o fim está perto (Marcos 13:29; Mateus 24:33). O cristão deve viver bem e viver no amor porque sabe que seu juiz está às portas (Tiago 5:9). É evidente que o Novo Testamento usa esta imagem para expressar a iminência da vinda de Cristo. Se esta é a interpretação que se deve atribuir, nossa imagem contém, ao mesmo tempo, uma advertência, e diz aos homens que devem cuidar-se porque Jesus Cristo, o Juiz e Rei de todos os homens, está às portas.

(2) Não podemos dizer que esse primeiro significado é impossível; entretanto, não pareceria ajustar-se ao contexto, porque a atmosfera geral da passagem não é a ameaça ou a advertência mas sim a expressão de um amor ofegante. É muito melhor interpretar esta afirmação de Jesus como uma expressão de amor para com, os homens. Neste sentido devemos buscar a fonte desta passagem nas porções mais tenras do Cântico dos Cânticos, quando o noivo está à porta da habitação de sua amada e pede que o deixe entrar. “Eis a voz do meu amado, que está batendo: Abre-me...” (Cantares 5:2-6). Aqui o amante é Cristo, que bate na porta dos corações dos homens. Nesta imagem percebemos algumas das verdades mais importantes da religião cristã.

(a) Vejamos os rogos de Cristo. Cristo está à porta do coração humano e roga. O único fato verdadeiramente único que o cristianismo contribuiu ao mundo é seu conceito de Deus como Aquele que busca o homem. Não há nenhuma religião que possua esta noção.

Em seu livro *Out of Nazareth* Donald Baillie cita três testemunhas do caráter verdadeiramente único desta surpreendente concepção.

Montefiore, o grande estudioso judeu da Bíblia, disse que "a única coisa que jamais ocorreu aos profetas ou aos rabinos judeus, foi a concepção de um Deus que sai à busca do homem pecador que não estava buscando a Deus e que inclusive se afastou deliberadamente dEle." Era suficiente, para eles; pensar que Deus era misericordioso para aceitar os homens que voltassem a Ele arrependidos; mas superava

totalmente sua fé a possibilidade de que Deus saísse em busca do pecador não arrependido.

O Conselho Nacional Cristão do Japão redigiu um documento no qual tentava estabelecer claramente a diferença entre o cristianismo e outras religiões, e em um dos parágrafos que finalmente foram dados a conhecer, dizia: "A principal diferença é que não é o homem quem busca a Deus mas sim Deus que toma a iniciativa e sai para buscar o homem."

O barão von Hugel, um grande teólogo alemão, gostava muito de repetir umas palavras que São Bernardo dizia sempre a seus monges: "Por mais cedo que vocês se levantem pela manhã para ir rezar na capela ou nas noites mais frias do inverno, creiam que Deus sempre estará acordado antes de vocês , esperando-os; sim, Ele é quem despertou em vocês o seu sonho para que busquem seu rosto."

Aqui temos a imagem do Deus que busca, do Cristo que chama, de Cristo amante que suplica, de Cristo que pede para entrar no coração do homem pecador, até daquele que não quer recebê-lo. Por certo, nenhum amor poderia chegar tão longe.

(b) Vemos qual é a oferta de Cristo. A palavra que se traduz "cear" é muito significativa. Os gregos faziam três refeições por dia. O café da manhã consistia num pedaço de pão seco molhado em vinho. O almoço, ou refeição do meio-dia, em geral não se tomava necessariamente na casa; consistia de algum bocado frio que se consumia ao estilo "piquenique", à beira do caminho ou em alguma colunata ou no lugar da cidade. A refeição da noite, ou jantar, era a principal do dia. Os comensais participavam dela à vontade, tomando tempo para a observação, pois o trabalho do dia já havia terminado; não havia nada para fazer depois e portanto podia dedicar-se todo o tempo que se quisesse à conversa amável entre amigos. A palavra que se usa em nossa passagem é a que designa a ação de participar desta ultima refeição do dia. Cristo participaria da ceia com aqueles que respondessem a seu chamado. Não se tratava de uma comida rápida, de passagem, mas sim

de um momento de íntima fraternidade com Ele, sem apuros nem interrupções.

(3) Vemos a responsabilidade humana. Cristo bate na porta; a gente pode responder a esse chamado ou ignorá-lo. Cristo não entra sem que se abra a porta. Deve ser convidado a fazê-lo. Até no caminho do Emaús "Fez ele menção de passar adiante" (Lucas 24:28). Jesus Cristo nunca nos vai obrigar a que o recebamos ou aceitemos: espera até que nós estamos em condições de pedir-lhe para entrar.

Holman Hunt tinha razão quando ao representar esta cena num quadro que se tornou famoso (intitulado *A luz do mundo*), pintava a porta do coração humano sem maçaneta pelo lado de fora. Somente de dentro ela pode ser aberta.

Tal como afirma R. C. Trench: "Cada homem é o senhor de seu próprio coração; este é sua fortaleza; ele próprio deve abrir suas portas, quando deseja fazê-lo." Possui "a prerrogativa e o privilégio de negar-se a abrir". O homem que se nega a deixar Cristo entrar em seu coração "é cego com relação à sua própria bem-aventurança". É um "miserável vencedor".

Cristo solicita. Cristo oferece. Mas tudo isto será em vão se nós não lhe abrirmos e o convidarmos a entrar.

LAODICÉIA – ISTO SE REFERE A TI

Apocalipse 3:14-22 (continuação)

A promessa do Cristo ressuscitado ao que for vitorioso é que se sentará com Ele em seu próprio trono de vitória. Teremos uma imagem clara e correta se lembrarmos que no Oriente os tronos eram mais como um divã que como uma poltrona. Aquele que for vitorioso na batalha da vida compartilhará o trono do Cristo vitorioso.

Cada uma das Cartas termina com as palavras: "Aquele que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas." Estas palavras cumprem duas funções:

(1) Individualiza a mensagem das cartas. Diz a cada homem que escuta as palavras do Cristo ressuscitado: "Isto se refere a ti." Muito freqüentemente ouvimos a mensagem que nos é transmitida através do pregador e o aplicamos a todos outros mas não a nós. Em nosso foro mais íntimo cremos que as palavras duras não podem referir-se a nós; ou que as promessas são muito belas para aplicar-se a nós. Mas esta frase nos diz, a cada um: "Isto se refere a ti."

(2) Generaliza a mensagem das cartas. Significa que a mensagem das Cartas não está confinado aos membros de cada uma das sete Igrejas da Ásia Menor, faz muitas "centenas de anos. Através destas cartas o Espírito está falando com todos os homens de todas as idades.

Temos lido as cartas cuidadosamente sobre o pano de fundo da situação geográfica e histórica de cada uma das Igrejas e suas respectivas cidades; mas sua mensagem não é somente local e marcado pelo tempo; é uma mensagem eterna. Nestas cartas o Espírito pode nos falar conosco, hoje. Suas críticas nos exigem esquadrinhar nossos próprios corações; suas promessas nos oferecem as possibilidades de levantar nossos próprios ânimos; porque o Cristo que vivia naquela época é o mesmo Cristo que está vivo em todas as idades, inclusive a nossa.

Apocalipse 4

As portas abertas do céu - 4:1
O trono de Deus - 4:2-3
Os vinte e quatro anciãos - 4:4
Ao redor do trono - 4:5-6a
Os quatro seres viventes - 4:6b-8
Os quatro seres viventes - 4:6b-8 (cont.)
O simbolismo dos seres viventes - 4:6b-8 (cont.)
O hino de louvor - 4:6b-8 (cont.)
Deus, Senhor e Criador - 4:9-11

AS PORTAS ABERTAS DO CÉU

Apocalipse 4:1

Nos capítulos 2 e 3 vimos o Cristo ressuscitado que caminhava por no meio de suas Igrejas na Terra. Agora mudamos de cenário e passamos à corte celestial.

Abre-se uma porta no céu para que passe o visionário e profeta. Há duas possibilidades.

(a) Pode ser que se conceba que o visionário já chegou ao céu. Neste caso a porta seria a que permite o acesso à partes mais secreta? e mais sagradas da morada divina.

(b) É muito mais provável que se trate de uma porta entre a Terra e o céu. O pensamento judeu primitivo concebia o céu como uma enorme cúpula sólida que estava colocada sobre uma terra chata e quadrangular. A idéia, então, é que se abre uma porta nessa cúpula para que o vidente possa penetrar para além do céu (físico) ao que se concebia como morada de Deus.

Nos primeiros capítulos do Apocalipse aparecem três portas que são as três portas mais importantes da vida:

(1) A porta da oportunidade. O Cristo ressuscitado diz à Igreja em Filadélfia: "Eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar" (3:8). É a porta da oportunidade gloriosa de levar o evangelho a outras terras. Deus coloca diante de cada homem esta porta da oportunidade para anunciar seu evangelho.

(2) A porta do coração humano. Diz o Cristo ressuscitado: "Eis que estou à porta e bato" (3:20). Esta é a porta que podemos abrir ou deixar fechada. É a porta de cada coração humano, sobre a qual, entretanto, se ouve a chamada da mão atravessada pelos pregos do suplício.

(3) A porta da revelação. "Olhei, e eis uma porta aberta no céu" (4:1, TB). Deus oferece a cada homem a porta que há de conduzi-lo a seu próprio conhecimento e ao conhecimento da vida eterna.

Mais de uma vez o Novo Testamento fala das portas do céu que são abertas; e é de tremenda importância nos dar conta da razão pela qual as portas do céu se abrem, em cada caso.

(1) A abertura para que se possa ver. Isto é, precisamente, o que conta Ezequiel: "Os céus se abriram, e eu vi visões de Deus" (Ezequiel 1:1). Deus envia a visão de sua pessoa e de sua verdade aos que estão buscando-o e esperando-o,

(2) A abertura para que desça o Espírito. Quando Jesus foi batizado por João viu que o céu estava aberto e que o Espírito descendia sobre ele (Marcos 1:10). Quando a mente e o coração de um homem estão fixos no alto, o Espírito de Deus desce sobre ele, saindo a seu encontro. Deus sempre sai ao encontro da mente que o busca, muito antes de que esta tenha feito a metade do caminho.

(3) A abertura para a revelação da glória de Cristo. Jesus prometeu o Natanael que veria abertas as portas do céu, e aos anjos de Deus que desciam e subiam sobre o Filho do Homem (João 1:51). Algum dia os céus hão de abrir-se para manifestar a glória de Cristo; e inevitavelmente esse dia trará alegria aos que o amaram, e surpresa e temor aos que o desprezaram.

O TRONO DE DEUS

Apocalipse 4:2-3

Quando o vidente transpôs a porta que se abria no céu, caiu em estado de êxtase; sentiu-se elevado mais além de si mesmo, acima de si mesmo.

No céu viu um trono, e a Deus sentado sobre esse trono. O trono de Deus é uma imagem comum no Antigo Testamento. O profeta disse: “Eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono” (Isaías 6:1); e o salmista, por seu lado: “Deus reina sobre as nações; Deus se assenta no seu santo trono” (Salmo 47:8). No Apocalipse o trono de Deus menciona-se em todos os capítulos, exceto o 2, o 8 e o 9. O trono de

Deus representa a majestade divina; estamos frente à esmagadora imagem de Deus, o Soberano do Universo; Deus em todo o desdobramento manifesto de seu poder e glória. Quando se perguntou a Haendel como tinha chegado a escrever a magnífica música de *O Messias,* sua resposta foi: "Vi os céus abertos e a Deus sobre seu grande trono branco."

João viu alguém que estava sentado no trono. Aqui há algo muito interessante. João não procura descrever a Deus em termos ou figura humana.

Segundo H. B. Swete: "Evita rigorosamente os detalhes antropomórficos." Descreve a Deus "no brilho de cores como de pedras preciosas", mas nunca menciona aparências ou formas exteriores. A Bíblia vê muitas vezes a Deus como luz. As Epístolas Pastorais dizem que Deus mora na luz inacessível (1 Timóteo 1:16). Muito antes, o salmista já tinha falado de Deus, aquele que se cobre de luz como de uma roupagem (Salmo 104:2).

João vê sua visão em termos da luz que se desprende das pedras preciosas. Não sabemos que pedras eram exatamente, porque os antigos tinham nomes para as distintas gemas que não correspondem totalmente aos nomes modernos. Os três nomes que aparecem aqui são jaspe, cornalina e esmeralda. De uma coisa, pelo menos, podemos estar seguros: Estas pedras representam simbolicamente as mais preciosas de todas as pedras valorizadas por sua beleza radiante.

Platão menciona estas mesmas pedras como representativas das pedras preciosas em geral (Platão, *Pedro,* III E). Estas pedras formavam parte das ricas jóias que ostentavam os reis de Tiro (Ezequiel 28:13); e figuram entre as pedras que usavam os sumos sacerdotes em seu peitoral (Êxodo 28: 17); também estão entre as pedras que servem de fundamento para a Cidade Santa (Apocalipse 21:19). Independentemente de qualquer outro significado, estas pedras representam simbolicamente o mais precioso e custoso que o homem pode conceber ao pensar em riquezas.

O jaspe hoje é uma pedra opaca de muito escassa beleza, mas na antigüidade parece ter sido uma pedra translúcida, cristalina, que desprendia brilhos deslumbrantes ao refletir a luz. Há alguns que crêem ser possível identificá-lo com o que hoje denominamos diamante, e não é totalmente impossível que seja assim. A cornalina era uma pedra vermelho sangre, na qual podiam gravar-se inscrições. A esmeralda é a mesma pedra que hoje conhecemos por esse nome.

Esta imagem da presença de Deus que João pôde perceber foi para ele como o reflexo combinado do deslumbrante diamante, a vermelha cornalina e o verde (uma cor muito mais descansada) da esmeralda. Somente graças à sedativa cor desta última pedra pôde seu olho suportar a visão de tal glória. É bem possível que nesta combinação de pedras haja um simbolismo.

É possível que o jaspe represente a insuportável brancura da pureza de Deus; que a cornalina represente a sanguinolenta ira divina e que a esmeralda represente sua misericórdia, a única coisa que nos torna possível defrontar com a pureza e a justiça de Deus.

OS VINTE E QUATRO ANCIÃOS

Apocalipse 4:4

Entramos, agora, ao estudo de um dessas passagens difíceis que deram tanta fama ao Apocalipse. Trata-se do relato no qual nos saem ao encontro os vinte e quatro anciãos e, depois, as quatro criaturas viventes. Nossa tarefa será tentar identificar estes personagens. Nesta passagem, e em outras similares, exporemos a explicação que nos parece mais provável. Em vários casos as explicações prováveis serão mais de uma, pois do Apocalipse muito poucas vezes pode falar-se com certeza dogmática.

Os vinte e quatro anciãos aparecem freqüentemente no Apocalipse. Resumamos o que sabemos a respeito deles. Estão sentados ao redor do trono, vestidos com túnicas brancas e levam coroas (4:4; 14:3); rendem

homenagem com suas coroas, colocando-as diante do trono (4:10); adoram e louvam continuamente (5:11,14; 7:11; 11:16; 14:3; 19:4); trazem a Deus as orações dos santos (5:6); um deles consola o vidente quando este se sente triste (5:5); um deles age como intérprete de uma das visões (7:13).

Podem destacar-se cinco linhas de interpretação.

(1) No Antigo Testamento há indicações de uma espécie de conselho ou senado que rodeia a Deus. O profeta vê a Deus que está sentado em seu trono e a todas as hostes celestiais de pé, ao redor dEle, à sua direita e à sua esquerda (1 Reis 19:22). Em Jó os filhos de Deus vêm reunir-se com Ele (Jó 1:6; 2:1). Isaías fala de Deus como Aquele que reina em meio de seus anciãos (Isaías 24:23). Na velha história do Jardim do Éden, a acusação é que, tendo comido do fruto da árvore proibida (em uma curiosa expressão posta na boca de Deus) “o homem se tornou como um de nós” (Gênesis 3:22). Era a concepção primitiva que Deus estava rodeado de um conselho ou senado. É possível que a idéia dos anciãos tenha algo a ver com isto.

(2) Quando os judeus estiveram em Babilônia não puderam evitar entrar em contato com o pensamento babilônico. E é possível que tenham incorporado algumas das concepções babilônicas em seu próprio pensamento especialmente quando havia alguma similitude com o que eles já pensavam. Os babilônios tinham vinte e quatro deuses-estrelas, porque a adoração das estrelas e a crença em seu poder fazia parte da religião que praticavam. Sugeriu-se que os vinte e quatro deuses-estrelas dos babilônios se converteram nos vinte e quatro anjos que rodeiam o trono de Deus, e que os anciãos representam estes anjos.

(3) Passamos agora a explicações que nos parecem muito mais prováveis. Em Israel havia tantos sacerdotes que não teriam podido servir no templo todos simultaneamente, de maneira que estavam divididos em 24 turnos conforme o explica o Antigo Testamento (1 Crônicas 24:7-18). Cada um destes turnos tinha seu "presidente", aos quais os denominava "os anciãos" dos sacerdotes. Às vezes também

eram chamados governadores ou príncipes da casa de Deus (1 Crônicas 24:5). Sugeriu-se que os vinte e quatro anciãos representam simbolicamente os vinte e quatro turnos de sacerdotes. Apresentam as orações dos fiéis a Deus (Apocalipse 5:6), uma das funções sacerdotais. Os levitas, do mesmo modo, estavam divididos em vinte e quatro turnos e eram eles os que adoravam a Deus com harpa, saltério e címbalos (1 Crônicas 25:9-31). Os anciãos do Apocalipse também têm harpas (Apocalipse 5:8). De maneira que os vinte e quatro anciãos podem representar o ideal celestial da adoração que os sacerdotes ofereciam a Deus no templo de Jerusalém. Oferecem a Deus a adoração perfeita, da qual a adoração terrestre no Templo não era mais que uma opaca semelhança.

(4) Sugeriu-se que os vinte e quatro anciãos representam os doze patriarcas e os doze apóstolos reunidos. Na cidade santa, a Nova Jerusalém, os nomes dos doze patriarcas estão escritos nas doze portas e os nomes dos apóstolos nas doze pedras fundamentais dos muros. Os patriarcas e os apóstolos são os fundamentos da Igreja, e é possível que os vinte e quatro anciãos os representem.

(5) Pensamos que a explicação mais provável é que os vinte e quatro anciãos representam ao povo fiel de Deus. As túnicas brancas são as vestimentas que se prometem aos fiéis (Apocalipse 3:4) e suas coroas são as que hão de receber os que forem fiéis até a morte (Apocalipse 2:10). Os tronos são os que Jesus promete àqueles que, deixando tudo, o sigam (Mateus 19:27-29). A descrição dos vinte e quatro anciãos se enquadram perfeitamente dentro das promessas atas aos fiéis.

A pergunta, neste caso, seria por que vinte e quatro? Aqui devemos tomar o que dizíamos antes sobre os doze patriarcas e os doze apóstolos. São vinte e quatro porque a Igreja, agora, está composta de judeus e gentios. Originariamente havia doze tribos, e agora é como se essas doze tribos se tivessem multiplicado por dois. O Reino de Deus contém, então, uma dupla medida, e os judeus e os gentios são um.

H. B. Swete afirma que o número vinte e quatro representa a Igreja em sua totalidade. Lembremos que esta é uma visão não do que é mas sim do que será; e os vinte e quatro anciãos representam a Igreja inteira, tal como será algum dia na glória, adorando e louvando a Deus em su própria e viva presença, nos céus.

AO REDOR DO TRONO

Apocalipse 4:5-5a

Aqui João acrescenta mais detalhe à sua extraordinária e formidável imagem do céu. As vozes são como vozes de trovões; os trovões e os relâmpagos se relacionam muito freqüentemente com as manifestações audíveis de Deus. Na visão de Ezequiel há relâmpagos que saem do fogo deslumbrante que rodeia o trono (Ezequiel 1:13). O salmista diz como a voz de trovão de Deus se ouve no céu, e como os relâmpagos iluminam o mundo (Salmo 77:18). Deus envia seus relâmpagos até os limites da Terra (Jó 37:4). Mas o que possivelmente anime mais que outra coisa a imaginação de João é a lembrança da cena ao redor do monte Sinai, quando Deus entregou a Lei a Moisés: "Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões, e relâmpagos, e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial se estremeceu" (Êxodo 19:16). João está usando um imaginário que se relaciona automaticamente com a presença de Deus.

As sete tochas são os sete espíritos de Deus. Já nos encontramos com estes sete espíritos que estão diante do trono de Deus (Apocalipse 1:4; 3:1) e vimos que representam o sétuplo dom do Espírito Santo e a atividade do Espírito em cada uma das sete Igrejas. Devemos assinalar que há eruditos que também vêem uma influência babilônica nesta imagem. Porque para os babilônios os sete planetas também eram divinos e estavam na presença de Deus; seria muito natural equiparar os planetas com sete tochas. A imagem, neste caso, seria de origem babilônica.

O "mar de vidro" exerceu uma estranha fascinação sobre a mente de muitas pessoas. Deve destacar-se que o original grego não diz que diante do trono houvesse um mar de vidro mas sim "algo semelhante a um mar de vidro". O que João viu estava mais além de toda possibilidade humana de descrição, mas que se podia comparar com um mar de vidro.

De onde tira João esta idéia de um "mar de vidro"?

(1) É possível que tenha tido em mente uma concepção que pertence às capas mais antigas de pensamento bíblico. Já vimos que o céu era concebido pelos antigos como uma grande cúpula que se estendia sobre a Terra. Por baixo desta cúpula estava a Terra, acima dela o céu. A história da criação fala das águas que estão debaixo do firmamento e das águas que estão em cima do firmamento (Gênesis 1:7). O salmista clama às águas que estão acima do firmamento para que louvem a Deus (Salmo 148:4). A idéia é que acima do céu, à maneira de piso onde se apoiava a presença de Deus e sua corte celestial, haveria um enorme mar. Sobre este mar estava o trono de Deus. O salmista diz que Deus apóia as vigas de sua morada sobre o mar (Salmo 104:3). É possível que João extraia sua imagem desta velha concepção do céu como um imenso mar sobre o qual Deus estabeleceu o seu trono.

(2) É possível que o tempo passado por João em Patmos seja a origem desta imagem. H. B. Swete sugere que João teria lembrado o reflexo da luz sobre a vasta superfície das águas, "no mar Egeu, tal como se vê nos dias tranqüilos do verão" das alturas da ilha de Patmos, como uma vasta massa de vidro derretido.

(3) Mas há outra possibilidade mais. Segundo o *Corão* (Sul 27) Salomão tinha em seu palácio um piso de vidro que era como um mar. Até tal ponto dava a impressão de ser uma superfície aquosa que quando a rainha de Sabá veio visitá-lo levantou as saias para não as molhar ao aproximar-se do trono. É possível que João pensasse que o trono de Deus estava colocado numa sala com o piso de vidro. Esse era o tipo de luxo de que desfrutavam os mais ricos potentados da Terra.

(4) Há outra possibilidade, mas muito mais remota. João diz que o mar de vidro era como de cristal (*krustallon*); mas *krustallon* em grego também pode significar gelo. A idéia, então, poderia ser a de uma expansão que reverberava e brilhava como um campo de gelo. A idéia é magnífica, mas dificilmente seja autêntica, porque nem João nem seu povo, vivendo na Ásia Menor, podem ter contemplado jamais tal cena

Há três coisas que este belo mar de vidro pode simbolizar.

(1) Sem dúvida se alude ao caráter precioso do material. Na antigüidade o vidro em geral era opaco. Um vidro claro como o cristal era tão precioso como o ouro. Em Jó 28:17 o ouro e o vidro mencionam-se juntos como exemplo de materiais preciosos.

(2) Evidentemente simboliza também a pureza deslumbrante. A luz que refletia este mar de vidro era muito brilhante para que os olhos humanos pudessem contemplá-la. Neste sentido se assemelhava à pureza de Deus.

(3) Também sem dúvida reflete uma distância grande, imensa. O trono de Deus estava se localizado a uma imensa distância, tão longe como o extremo oposto de um mar. Swete fala sobre "a vasta distância que, mesmo no caso de alguém de pé na porta do céu, separava-o do trono de Deus".

Uma das maiores características dos escritos de João é a reverência com que, em que pese ter tido acesso aos lugares celestiais, rechaça toda idéia de familiaridade com Deus. Suas descrições sempre estão concebidas em termos de luminosidade e distância.

OS QUATRO SERES VIVENTES

Apocalipse 4:6b-8

Aqui, ao tratar-se dos quatro seres viventes, encontramo-nos com outro dos problemas de simbolismo no Apocalipse. Os quatro seres viventes aparecem repetidamente no cenário celestial; comecemos, então, reunindo toda a informação que o próprio livro do Apocalipse nos

proporciona sobre eles. Sempre estão perto ou ao redor do trono ou do Cordeiro (4:6; 5:6; 14:3). Têm seis asas e estão cheios de olhos (4:6, 8). Estão constantemente ocupados na adoração e louvor a Deus (4:8; 5:8; 5:14; 7:11; 19:4). Corresponde-lhes executar certos deveres e funções. Promovem a aparição das mais tremendas manifestações da ira divina (6:1; 6:7). Um delas é o que entrega as taças da ira divina (15:7).

Mesmo quando há diferenças substanciais, podemos estar seguros que os antepassados destes quatro seres encontram-se nas visões de Ezequiel. No livro de Ezequiel os quatro seres têm cada um quatro rostos — os rostos de um homem, de um leão, de um boi e de um bezerro. São os que sustentam o firmamento (Ezequiel 1:6,10,22,26). Em Ezequiel a multidão de olhos aparece na visão da roda (Ezequiel 1:18). Em Ezequiel encontramos todos os detalhes da visão do Apocalipse, somente que estão ordenados e localizados de diversas maneiras. Mas, em que pese as diferenças, a semelhança e similitude é evidente.

Em Ezequiel os quatro seres viventes são identificadas com os querubins. (Note-se que em hebraico a terminação *in* denota plural: querubim é o plural de querub e serafin o plural de seraf). Examinemos, então, o Antigo Testamente, e vejamos no que consiste sua imagem dos querubins.

Os querubins eram parte da decoração do Templo de Salomão; eram encontrados no lugar de oração e nas paredes (1 Reis 6:23-20; 2 Crônicas 3:7). Os querubins estavam representados na cortina que dividia o Santo do Santíssimo (Êxodo 26:31). Havia dois querubins em sobre o propiciatório; estavam de tal maneira esculpidos que um estava de frente para o outro e suas asas formavam uma espécie de dossel. (Êxodo 25:18-21). Uma das representações mais freqüentes de Deus é a que o descreve sentado no meio dos querubins. Há orações que se dirigem a Deus descrevendo-o deste modo (2 Reis 19:15; Salmo 80:1; 99:1; Isaías 37:16). Também Deus é representado voando sobre os querubins ou sobre as asas do vento (Salmo 18:12). São querubins os que vigiam o caminho ao Jardim do Éden quando Adão e Eva são expulsos

(Gênesis 3:24). Em livros posteriores, os que se escreveram entre o Antigo e o Novo Testamento, os querubins são os guardiães do trono de Deus (Enoch).

OS QUATRO SERES VIVENTES

Apocalipse 4:6b-8 (continuação)

O que simbolizam, então, estes quatro seres viventes?

(1) São parte da cena e do imaginário celestiais. Não são representações que o autor do Apocalipse tenha inventado. É possível que provenham de fontes babilônicas e que representem os quatro principais signos do zodíaco, ou os quatro ventos, que se originam nos quatro extremos do céu. Mas, de toda maneira, o João que escreveu o Apocalipse, não era consciente destes significados, e usou as figuras simplesmente como parte da descrição do céu a que estava acostumado.

(2) O que pensava João, então, sobre o simbolismo destas quatro figuras? Cremos que Swete é quem nos oferece a explicação correta. Os quatro seres viventes representam tudo o que é nobre, forte, sábio e rápido da natureza. Cada um deles tem a preeminência em sua própria esfera e mundo. O leão é supremo entre os animais selvagens; o boi entre os animais domésticos; a águia é a rainha das aves; o homem é supremo entre todos os seres viventes. O leão é o rei das feras, o mais nobre entre todos os animais selvagens. O boi é a mais resistente e forte dos animais que ajudam o homem. A águia é a mais veloz de todas as aves. O homem é o mais sábio de toda a criação. Quer dizer, as quatro seres viventes representam toda a grandeza, poder e beleza da natureza. Aqui vemos o mundo natural que eleva seu louvor a Deus.

Nos versículos que seguem veremos os vinte e quatro anciãos que louvam a Deus; e quando reunimos as duas imagens, o conjunto significa que Deus está todo o tempo rodeado pelo louvor tanto da natureza como do homem. "A incessante atividade da natureza sob a mão de Deus é um incessante tributo de louvor." A concepção de uma natureza que louva a

Deus aparece repetidas vezes no Antigo Testamento. "Os céus contam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra de suas mãos. Um dia emite palavra a outro dia, e uma noite a outra noite declara sabedoria" (Salmo 19:1-2). “Bendizei ao SENHOR, vós, todas as suas obras, em todos os lugares do seu domínio” (Salmo 103:22). O salmo 148 é uma magnífica convocatória a toda a criação para que se una em louvor a Deus.

Aqui há uma grande e tremenda verdade. A idéia fundamental é que tudo o que neste mundo existe cumprindo a função para a qual foi criado está louvando a Deus. Uma das concepções básicas do estoicismo era que em tudo há uma faísca de Deus; o que dá vida às coisas é precisamente essa faísca divina. "Deus", dizia Sêneca, "está perto de você, está com você, está dentro de você; há um espírito santo que reside dentro de nós."

Conforme assinala Gilbert Murray, os céticos riam disto e pretendiam zombar da idéia: "Deus nos vermes?" — dizia o cético — "Deus nas moscas?" Ao que respondia o estóico: "Por que não? Não pode acaso um verme servir a Deus? Imagina que somente o general é bom soldado? Não pode o mais vil dos soldados rasos pelejar bem e dar sua vida pela vitória? Feliz de você se está servindo a Deus e executando seus propósitos com a mesma fidelidade que um verme. Tudo o que realiza a função para a qual foi criado está, por essa mesma ação, adorando e louvando e rendendo culto a Deus."

Este é um pensamento que abre perante nós um panorama maravilhoso. A atividade mais humilde, menos reconhecida ou manifesta desta idéia pode ser um ato de autêntico culto a Deus. A adoração não é somente a preservação do culto litúrgico, ou as atividades tecnicamente religiosas, ou as empresas de alta intelectualidade. O trabalho e a adoração se convertem numa mesma coisa. O principal fim do homem é glorificar a Deus e desfrutar pelos séculos dos séculos; e o homem cumpre esse propósito quando está no mundo fazendo aquilo para o qual

foi posto nele. E a mesma grande verdade aplica-se a qualquer outro ser vivente. O trabalho bem feito se eleva como um hino de louvor a Deus.

Isto significa que o médico ao fazer sua ronda de visitas, o cientista em seu laboratório, o mestre em sua sala de aula, o músico com seu instrumento, a secretária com seu computador, a dona-de-casa em sua cozinha, todos os que estão fazendo as tarefas que são necessárias para que o mundo siga funcionando, unem-se num grande ato harmônico de louvor. Não somente o culto na Igreja, mas sim cada dia, e em cada dia cada uma das tarefas que se executam deveria ir precedida pelo convite: "Adoremos, louvemos a Deus."

O SIMBOLISMO DOS SERES VIVENTES

Apocalipse 4:6b-8 (continuação)

Não transcorreu muito tempo antes da Igreja Primitiva encontrar um simbolismo bem definido para os quatro seres viventes. Em particular, os quatro seres foram, para ela, símbolo dos quatro evangelhos. Esta concepção encontra-se representada, muito freqüentemente, nos vitrais das Igrejas mais antigas.

A mais anterior das identificações foi a que fez Irineu no ano 170. Disse que as quatro criaturas representavam quatro aspectos da obra de Cristo, os quais, por sua vez, estão representados nos quatro evangelhos.

O *leão* simboliza a poderosa e efetiva obra do Filho de Deus, sua liderança e seu poder soberano. O *bezerro* significa o aspecto sacrificial e sacerdotal de sua obra, porque é um animal que se usava para oferecer sacrifícios. O *homem* simboliza a encarnação, sua vinda como humano. A *águia* representa o dom do Espírito Santo, que sobrevoa a Igreja com suas asas. Por outro lado, João representa "a original, efetiva e gloriosa geração do Filho a partir do Pai", e diz como todas as coisas foram feitas por Ele. João, portanto, está representado pelo *leão*. Lucas começa com a imagem de Zacarias, o sacerdote, e conta como se matou o bezerro engordado para festejar o retorno do filho mais novo (na parábola do

filho pródigo). Lucas representa o aspecto sacerdotal da obra de Cristo e, portanto, está representado pelo *cordeiro*. Mateus começa dando-nos a genealogia, a ascendência humana de Jesus. "Ao longo de todo o evangelho se mantém a imagem de um homem manso e humilde." Mateus é o evangelho da humanidade de Cristo, e portanto está simbolizado pelo *homem*. Marcos começa com uma referência ao Espírito da profecia que desce do alto sobre os homens, quando cita o profeta Isaías. "Isto assinala o aspecto alado do Evangelho." Mostra a Cristo feito homem, que envia seu Espírito divino à Terra, para nos proteger com suas asas; portanto, Marcos está simbolizado pela *águia*.

Irineu segue dizendo que a forma quádrupla dos seres viventes representa também as quatro principais alianças que Deus tem feito com a raça humana. A primeira aliança foi feita com Adão, antes da Terra ser inundada pelo Dilúvio. A segunda aliança foi feita com Noé, depois do Dilúvio. A terceiro consistiu na entrega da Lei a Moisés. A quarta é aquela que renova no nome em Cristo, "elevando e sustentando o homem em suas asas, para que alcance o Reino Celestial".

De maneira que as identificações em Irineu são:
Mateus: o homem Lucas: o boi
Marcos: a águia João: o leão

Mas, conforme o dissemos, há uma grande variedade de identificações, algumas das quais copiamos a seguir:

O esquema do Atanásio era:
Mateus: o homem Marcos: o bezerro
Lucas: o leão João: a águia

O esquema do Atanásio era:
Mateus: o homem Marcos: o leão

Lucas: o boi João: a águia

O esquema de Agostinho era:
Mateus: o leão Marcos: o bezerro
Lucas: o boi João: a águia

Deve destacar-se que em geral a identificação de Agostinho é a mais freqüentemente usada, pois é a que mais se ajusta aos fatos. Mateus está muito bem representado pelo leão, porque nele Jesus é o Leão de Judá, aquele em quem se tornam realidade todas as esperanças e sonhos dos profetas. Marcos corresponde à fome, porque é o Evangelho que mais se aproxima de uma descrição puramente humana da vida de Jesus. Lucas se identifica com o boi, porque representa a Jesus como a oferta sacrificial por toda classe e condição de homem e mulher, em qualquer lugar e época. João está representado na águia, porque entre todas as aves é a que voa mais alto e a única coisa que pode fixar seu olhar no Sol; e João, entre os quatro evangelhos, é aquele que se eleva às zonas mais altas do pensamento humano.

O HINO DE LOUVOR

Apocalipse 4:6b-8 (continuação)
Dia e noite, os seres viventes entoavam sua doxologia de louvor:

> Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso,
> aquele que era, que é e que há de vir.

Aqui nos representa o contínuo cântico de louvor que a natureza eleva a Deus. Segundo tem-se dito: "O homem descansa no Sabbath, e quando dorme, e no final de sua vida, na morte, mas o curso da natureza é um fluxo constante, ininterrupto de adoração." Não há um só momento em que o mundo que Deus fez não esteja louvando a seu Criador.

Deve destacar-se que a doxologia marca três aspectos de Deus.

(1) Louva a Deus por *sua santidade* (comparar com Isaías 6:3). Vimos em repetidas ocasiões que a idéia fundamental do conceito de santidade é a diferença, o estar separado e ser diferente com relação às coisas comuns; ser santo significa pertencer a uma categoria distinta da vida e do ser. Isto vale de maneira suprema com relação a Deus. Deus é diferente. Esta é, precisamente, a razão pela qual nos sentimos movidos à oração, à adoração e ao louvor de Deus. Se Deus fosse como nós, se fosse tão-somente uma pessoa humana desmesuradamente grande e gloriosa, não poderíamos adorá-lo. Conforme disse o poeta: "Como poderia te louvar se pudesse te compreender?" O mistério de Deus, sua diferença com relação a nós, é o que nos move à admiração em sua presença, e ao surpreso amor quando sabemos, além disso, que essa grandeza desce até nós para nos salvar.

(2) Louva *sua onipotência*. Deus é o Onipotente ou Todo-poderoso. As pessoas para quem se escreveu o Apocalipse estavam vivendo sob a ameaça do império Romano; estavam sob a ameaça de um poder que nenhuma nação nem indivíduo tinha podido jamais resistir. Pensem o que pode ter significado para eles saber que atrás de si estava, disposto a defendê-los, nada menos que o Todo-poderoso. O simples fato de nomear a Deus deste modo implica a confiança no triunfo final e a segurança presente do cristão.

(3) Louva a Deus por *sua eternidade*. Os impérios podem levantar-se e cair; Deus dura para sempre. Os homens poderão querer apagar da Terra a fé em Deus; mas ninguém pode apagar a um Deus eterno. Aqui temos a afirmação triunfante de que Deus permanece imutável no meio da oposição e a inimizade dos homens, perante qualquer rebeldia. Os homens e as coisas mortais podem surgir e mais tarde perecer, mas Deus permanece para sempre sem mudar de maneira nenhuma.

DEUS, SENHOR E CRIADOR

Apocalipse 4:9-11

Aqui temos a outra parte do coro de ação de graças. Vimos que os seres viventes representam a natureza em sua magnificência e grandeza; e vimos, também, que os vinte e quatro anciãos representam a Igreja de Cristo na magnitude de seu número e em sua unidade. De maneira que quando as quatro criaturas e os vinte e quatro anciãos se unem no cântico de louvor, o simbolismo indica que toda a natureza e a Igreja cantam juntas a glória de Deus. Há alguns comentadores que encontram dificuldades nesta passagem.

No versículo 8 lemos que o louvor dos seres viventes se eleva sem cessar, dia e noite; nesta passagem, entretanto, a imagem nos descreve momentos separados de adoração, nos quais os anciãos caem sobre seus rostos, vez após vez, para adorar a Deus. Afirmar, conforme o fazem alguns, que nisto há uma contradição, é sem dúvida carecer de imaginação crítica.

João usa aqui uma imagem que era bem conhecida no mundo antigo. Diz que os anciãos oferecem suas coroas frente ao trono de Deus. Nos tempos antigos este era um sinal de submissão total. Quando um rei se rendia a outro rei, lançava sua coroa aos pés do vencedor. Às vezes os romanos levavam junto com seus exércitos uma imagem do Imperador, e quando conseguiam submeter a algum monarca, havia uma cerimônia na qual este devia pôr sua coroa aos pés da imagem do imperador. A descrição de João representa a Deus como o conquistador das almas dos homens; e a Igreja como o grupo dos que se renderam a Deus, os que abdicaram totalmente seu poder em favor dEle, tendo-o aceito, portanto, como Proprietário e Senhor. Não pode haver cristianismo sem submissão.

A doxologia dos anciãos louva a Deus por duas razões:

(1) Deus é Senhor e Deus. Este é outro detalhe que deve ter significado muito para os leitores na época de João, enquanto que para

nós não é tão claro. A frase que diz Senhor e Deus é *Kurios kai theos*, frase que era o título oficial do imperador Domiciano, soberano de Roma. O imperador romano pretendia que todos o reconhecessem como Senhor e Deus. Era porque os cristãos não estavam dispostos a aceitar sua atribuição destes títulos que eram perseguidos e mortos. Chamar a Deus "Senhor e Deus'" era uma triunfante confissão de fé, a afirmação desafiante de que, para o cristão, Deus ocupa o primeiro lugar em todo o universo, e que ninguém pode tirar-lhe.

(2) Deus é o Criador. É mediante o propósito e a vontade de Deus que todas as coisas que são vieram a existir. É bom lembrar que, embora o homem foi adquirindo muitos poderes, não possui o poder para criar. Pode alterar, reordenar, mudar as coisas; pode fazer coisas com materiais já existentes; mas somente Deus pode criar algo a partir do nada. E esta grande verdade significa que tudo o que existe pertence a Deus.

Apocalipse 5

O rolo que está nas mãos de Deus - 5:1
O livro divino do destino - 5:2-4
O Leão de Judá e a Raiz de Davi - 5:5
O Cordeiro - 5:6
Música no céu - 5:7-14
As orações dos santos - 5:8
O cântico novo - 5:9
O cântico dos seres viventes e dos anciãos - 5:10
A canção dos anjos - 5:11-12
O cântico de toda a criação - 5:13-14

O ROLO QUE ESTÁ NAS MÃOS DE DEUS

Apocalipse 5:1

Devemos fazer um esforço por visualizar, sempre e na medida em que possamos, as imagens que João nos desenha.

Primeiro devemos identificar a origem de cada um de seus detalhes. A imagem do rolo sai do livro do profeta Ezequiel: “Então, vi, e eis que certa mão se estendia para mim, e nela se achava o rolo de um livro. Estendeu-o diante de mim, e estava escrito por dentro e por fora; nele, estavam escritas lamentações, suspiros e ais” (Ezequiel 2:9-10). A visão de Ezequiel dá forma e estrutura à visão de João.

Deve notar-se que na mão de Deus havia um rolo e não um livro no sentido que hoje seria convencional. Na antigüidade, até o século II de nossa era, a forma das obras literárias era o rolo e não o livro. O rolo era feito de papiro. Este material se fabricava em folhas de 25 cm. de altura. Quando o texto requeria mais de uma folha, colavam-se as folhas necessárias, horizontalmente, e com elas se formava um rolo de maior ou menor longitude, segundo o caso. O texto se escrevia em colunas de 9 centímetros, com margens de ambos os lados de seis centímetros, aproximadamente, com uma margem superior e inferior de uns seis centímetros e um centímetro de separação entre as colunas. Em cada um dos extremos da longa tira de papiro colava-se um cilindro maciço de madeira, que servia como "esmagador".

Sustentava-se o rolo com a mão esquerda e ia desenrolando com a direita. À medida que era feita a leitura, o papiro ia enrolando-se sobre a direita e desenrolando-se sobre a esquerda. Para termos alguma idéia das dimensões de um rolo de papiro, tenhamos em conta as seguintes estatísticas: II e III João, Judas e Filemom podiam escrever-se numa folha de papiro. Romanos requeria um rolo de 2,74 m.; Marcos, 5,77 m.; João, 7,29 m.; Mateus, 9,12 m.; Lucas e Atos, 9,72 m. O rolo de Apocalipse ocupava um papiro de 4 metros e 56 centímetros. Era um rolo como estes aquele que estava na mão de Deus.

Com relação a este rolo se dizem duas coisas:

(1) Estava escrito *na parte da frente na de atrás*. Dissemos que o rolo era feito de papiro. O papiro era uma substância que se fabricava com a medula de um junco que crescia no Nilo. Extraía-se a medula deste junco e era cortada em tiras muito delgadas. Colocava-se uma

fileira de tiras, em sentido vertical, e ainda por cima desta outra fileira, em sentido horizontal. Esta armação se umedecia com água do Nilo e grude. Uma vez secada, a folha era batida e alisava com pedra-pome. O resultado era um material não muito diferente do papel madeira ou de manilha. Esta descrição sumária basta para percebermos que sobre um lado do papiro as linhas eram horizontais e sobre o outro eram verticais. O primeiro era conhecido com o nome de *reto*. Era mais fácil escrever sobre este lado da folha, onde as linhas do texto corriam no mesmo sentido que as linhas do papel. O lado em que as linhas eram verticais se conhecia como *verso*. Muito poucas vezes era usado para escrever.

Mas o papiro era uma substância muito cara. Era fabricado em diversas qualidades e seu preço podia variar dentre 1 dólar e 2,50 dólares a folha. Por isso, se alguém tinha que escrever um texto muito extenso, em geral utilizava ambos os lados. A folha que também se escrevia na parte de atrás chamava-se *opisthographo* (que significa literalmente "folha escrita sobre o lado de trás"). Quando alguém fazia um opistógrafo demonstrava que tinha muito para comunicar por escrito.

Juvenal fala zombeteiramente de um jovem dramaturgo que passeava com o rolo de uma tragédia que ele tinha escrito, sobre ambos os lados do papiro: Era uma produção de dimensões consideráveis!

O rolo que Deus sustentava em suas mãos estava escrito sobre ambos os lados. Isto significa que seu conteúdo era extenso. Tinha sido necessário utilizar tanto o *reto* como o *verso!* A história que narrada neste rolo é longa e detalhada.

(2) Estava selada com *sete selos*. Isto pode indicar duas coisas:

(a) Quando se terminava de escrever um rolo, ele era atado com uma corda, esta era enrolada e selada com lacre ou cera sobre os nós. Os documentos legais que em geral se selavam com sete selos eram os testamentos; de acordo com a lei romana, era necessário que sete pessoas fossem testemunhas da assinatura de um testamento. Ao terminar de ser escrito os sete selavam o rolo com seus selos, de tal maneira que só se podia abri-lo se os sete estivessem presentes. É possível, então, que. este

rolo contivesse o testamento da vontade divina, suas disposições ou ordenanças com relação à sorte do universo criado.

(b) É muito mais provável que os sete selos representassem a natureza ultra secreta do conteúdo do rolo O conteúdo do rolo é tão secreto, tão preeminente na grande ordem dos conhecimentos que pertencem só a Deus, que é necessário mantê-lo oculto dos olhos curiosos, para o qual é selado sete vezes. No evangelho lemos que a tumba de Jesus foi selada (Mateus 27:66). No evangelho apócrifo de Pedro diz que se puseram sete selos. Foi feito para ter-se a certeza que nenhuma pessoa não autorizada pudesse penetrar nela. O rolo que está nas mãos de Deus, do mesmo modo, está selado sete vezes, para significar que seu conteúdo deve permanecer secreto, pois pertence com exclusividade a Deus.

Na imagem, então, temos um rolo de papiro que está na mão de Deus. Está escrito não somente no *reto,* mas também no *verso,* pois contém um texto muito extenso. Está selado com sete selos porque seu conteúdo refere-se às últimas e definitivas disposições de Deus com relação ao universo, ou porque seu conteúdo é tão secreto que ninguém deve atrever-se a abri-lo.

O LIVRO DIVINO DO DESTINO

Apocalipse 5:2-4

Quando João viu a Deus que tinha o rolo na mão, ouviu a voz de um "anjo forte". Este "anjo forte" volta a aparecer em 10:1 e em 18:21 Neste caso o anjo tinha que ser forte para que o desafio de sua palavra fosse ouvida até os limites do universo. E este desafio era o chamado para que se apresentasse alguém que fosse digno de abrir o livro.

Agora devemos nos perguntar que classe de livro era este. Sem dúvida tratava-se do livro dos decretos divinos; continha um registro antecipado de tudo o que sucederia nos últimos tempos; era, por assim dizer, um livro de história escrito com antecipação. Que tal livro, ou

conjunto de tabletes, existia em algum lado, era uma concepção comum no pensamento judeu. Aparece no Livro de Enoque. Neste livro Uriel, um arcanjo, diz a Enoque, quando este visita os lugares celestiais: "Observa, Enoque, o que está escrito nos tabletes celestiais, lê o que está escrito neles e lembra cada um dos fatos que se descrevem." Então Enoque segue dizendo: "E eu li tudo o que estava escrito nos tabletes celestiais, e observei cuidadosamente tudo o que estes diziam, e entendi tudo o que estava escrito, e li sobre as ações dos homens e sobre os atos dos filhos da carne, até dos que viverão sobre a terra nas mais remotas gerações futuras" (1 Enoque 81:1-2). No mesmo livro Enoque tem uma visão da Cabeça dos Dias que está sentado sobre o trono de sua glória, "e se abriram diante dele os livros dos viventes" (1 Enoque 47:3). Enoque afirma que conhece os mistérios dos santos porque "o Senhor me disse isso e informou, e eu o li nos tabletes celestiais" (1 Enoque 106:19). Sobre estes tabletes leu a história das gerações que ainda estavam por vir (1 Enoque 107:1). De maneira que a idéia é que Deus possui um livro em que tem a história futura escrita.

Quando buscamos interpretar o significado desta idéia, convém lembrar que aqui estamos perante visões e perante uma criação poética. Seria um erro, por tanto, interpretar este texto de maneira literal. Não significa que tudo, até em seus mínimos detalhes, está escrito e fixado desde muito tempo, como se nos encontrássemos na mão de um férreo determinismo, de um inescapável destino segundo o qual, gostemos ou não gostemos, o que deve ser será. Significa, isso sim, que Deus tem um plano para o universo, que seus atos obedecem a um propósito final; que há uma meta e uma consumação à nossa frente e que o plano divino será realizado, a longo prazo, custe o que custar.

Os desígnios de nosso Deus estão se cumprindo,
O Espírito do Senhor não deixa de operar;
Horas e séculos sem cessar ao dia nos levarão
Em que ao mundo a glória de Deus cobrirá
Como as águas cobrem o mar.

Não há ninguém que possa apresentar-se para responder ao desafio do anjo. Ninguém é digno de abrir o rolo. Em sua visão, João vê-se chorando amargamente. Havia duas razões que o moviam a chorar deste modo:

(1) Em 4:1 uma voz lhe tinha feito a promessa: “Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas.” Parecia, agora, Que aquela promessa não poderia cumprir-se, como se o propósito da vinda de João ao céu se frustrou. O vidente chora porque não poderá ver as visões que lhe haviam prometido.

(2) Mas há uma tristeza mais profunda ainda. João deve ter pensado que era triste que não houvesse em todo o universo alguém a quem Deus pudesse revelar os seus mistérios e dar a conhecer os seus propósitos. Isto é verdadeiramente terrível. O mundo estava tão perdido em sua iniqüidade que ninguém era digno de receber a voz de Deus. Muito tempo atrás Amós havia dito: “Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Amós 3:7). Mas agora o mundo vivia na situação trágica que não houvesse ninguém que fosse capaz de receber a visão profética. O mundo estava tão afastado de Deus que ninguém podia receber a mensagem do Criador.

Para João o problema seria resolvido triunfalmente ao aparecer o Cordeiro. Mas não devemos passar por alto que este problema nos apresenta uma grande e desafiante verdade. Deus não pode entregar suas mensagens aos homens a menos que haja homens capazes e dignos de recebê-los. Esta é a própria essência do problema da comunicação. É o problema do mestre, do professor: não pode ensinar a menos que tenha alunos capazes de aprender dele. É o problema do pregador: não pode transmitir à congregação sua experiência da Palavra de Deus se esta não for capaz de ouvi-lo. É o problema eterno do amor: o amor não pode dizer suas verdades nem oferecer seus dons se não haver alguém capaz de receber e aceitar.

O mundo necessita homens e mulheres que se mantenham sensíveis à voz de Deus. Homens e mulheres que estejam sempre dispostos a ouvir: homens e mulheres que não permitam o endurecimento de suas capacidades perceptivas no passo cotidiano da vida, que não cheguem a ser cegos às verdades espirituais; homens e mulheres que não permitam que as vozes diversas e excitantes deste mundo ensurdeçam a voz suave e tênue de Deus. Deus tem uma mensagem para o mundo em cada geração; mas essa mensagem não chegará a seus destinatários a menos que haja alguém que seja capaz de recebê-lo. E cada dia de nossas vidas fazemos o necessário para manter nossos ouvidos abertos a tais comunicações, ou para fechá-los definitivamente.

O LEÃO DE JUDÁ E A RAIZ DE DAVI

Apocalipse 5:5

Aproximamo-nos, agora, a um dos momentos mais grandiosos e dramáticos de todo o Apocalipse: a aparição do Cordeiro no centro da cena. Antes de chegar esse momento há certas coisas que conduzem a ele.

João esteve chorando porque não há ninguém a quem Deus possa revelar seus secretos e propósitos. Vem a ele, então, um dos anciãos, que age neste caso como mensageiro de Cristo, e lhe diz: “Não chores”. Estas são palavras que estiveram na boca de Jesus mais de uma vez durante seus dias na carne. É isso, precisamente, o que Jesus disse à viúva de Naim, quando chorava a morte de seu filho (Lucas 7:13). E é isso mesmo, além disso, o que Jesus disse à família do Jairo, quando lamentavam a seu pequena, que criam morta (Lucas 8:52). A voz reconfortante de Jesus Cristo segue ainda ressoando nos lugares celestiais.

Swete tem um comentário muito interessante com relação a isto. João chorava. Suas lágrimas, entretanto, eram desnecessárias. A dor humana muitas vezes é inútil, porque depende de um conhecimento

insuficiente das verdadeiras circunstâncias. Se tivermos paciência para esperar e confiar, veremos com o tempo que Deus tem sua própria solução para os problemas que nos levam às lágrimas.

O ancião diz a João que há Um que ganhou tal vitória que pode considerá-lo digno de abrir o livro e romper os selos. Esse é Jesus Cristo. O que significa dizer que Jesus Cristo pode abrir o livro e romper os selos? Significa três coisas. Em primeiro lugar, que por causa de sua vitória sobre a morte e sobre todos os poderes do mal, e por causa de sua total obediência e fidelidade a Deus, é capaz de conhecer os segredos divinos, é capaz de *revelar* esses segredos, e é seu dever e privilégio, portanto, *presidir* o desenvolvimento dos acontecimentos que têm que produzir-se e *controlar* o suceder de todas as coisas futuras. Pelo que Jesus fez é, agora, o Senhor da verdade e da história. Agora Ele pode ser chamado por estes dois títulos:

(1) É o Leão *de Judá*. Este título se remonta à bênção final de Jacó a seus filhos, antes de sua morte. Nessa bênção chama a Judá de “leãozinho” (Gênesis 49:9). Se Judá for um “leãozinho” será justo chamar o descendente maior de sua estirpe "o Leão de Judá". É importante lembrar que este título foi um dos títulos messiânicos que se utilizavam na literatura intertestamentária. O 2 Esdras fala da imagem do leão e diz: "Este é o Ungido, quer dizer, o Messias" (2 Esdras 12:31). O poder e força do leão, seu lugar indisputável como rei dos animais, convertem-no num emblema apropriado para representar o Messias onipotente que os judeus esperavam.

{2) É a *Raiz de Davi*. Este título provém de Isaías. Seu livro diz que surgirá uma raiz do tronco de Jessé, que se converterá em insígnia de todo o povo (Isaías 11:1, 10). Jessé era o pai de Davi, e isto significa, então, que Jesus era o Filho de Davi, o Messias prometido.

De maneira que temos aqui dois grandes títulos. São títulos especialmente judeus. Têm sua origem no Antigo Testamento e nas expectativas judias de um Messias. Afirmam que Jesus Cristo executou de maneira triunfal o ofício de Messias, e que portanto é digno de

conhecer e revelar os secretos de Deus e presidir a execução de seus propósitos na história.

O CORDEIRO

Apocalipse 5:6

Este é o momento supremo da visão: o Cordeiro aparece no cenário celestial. Quando tentamos visualizar estas cenas, é possível fazê-lo de duas maneiras. É possível que imaginemos as quatro criaturas formadas em círculo ao redor do trono, os vinte e quatro anciãos num círculo concêntrico mas mais amplo, e o Cordeiro entre os dois círculos; mas também, e isto é o mais provável, que imaginemos o Cordeiro como centro de toda a cena.

A idéia do Cordeiro é uma das mais características do Apocalipse. Em suas páginas chama-se Cordeiro a Jesus Cristo não menos de 29 vezes. Há um detalhe do original em grego que indica aos conhecedores deste idioma que aqui se comunica uma idéia nova, como realmente era. A palavra que João usa para dizer Cordeiro não aparece em nenhum outro lugar do Novo Testamento com referência a Jesus Cristo. Há outras menções de um título similar em outros livros do Novo Testamento. João Batista chama Jesus "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1:29, 36). Pedro diz que o sangue de Cristo é como o sangue de um cordeiro do sacrificial sem defeito nem mancha (1 Pedro 1:19). Em Isaías 53, um texto tão querido para Jesus assim como para a Igreja Primitiva, lemos (v. 7) que o Servo é como um cordeiro que é levado a matadouro. Mas em todos estes casos a palavra, em grego, que significa "cordeiro" é *amnós*, enquanto que o autor do Apocalipse utiliza *arnión*. *Arnión* aparece em Jeremias quando este diz: “Eu era como manso cordeiro, que é levado ao matadouro” (Jeremias 11:19). Ao usar a palavra *arnión*, e ao fazê-lo tão freqüentemente, João está procurando sublinhar o fato de que sua concepção de Jesus Cristo como

"o Cordeiro" é uma nova maneira de entender o significado de seu ministério.

(1) O Cordeiro ainda leva as marcas de ter sido sacrificado. Nos lugares celestiais é possível contemplar a imagem do sacrifício de Cristo. Esta é uma imagem de dor e sofrimento, de humilhação e vergonha, é o sacrifício da cruz, onde o Filho de Deus fez oferta de si mesmo em expiação pelos pecados de todos os homens. Até nos lugares celestiais Jesus Cristo é Aquele que nos amou e cuja morte e vida foram o sacrifício perfeito e suficiente em favor de todos os homens. Mesmo nos lugares celestiais Jesus Cristo é Aquele que nos amou e cuja morte e vida foram o sacrifício perfeito e suficiente em favor de todos os homens.

(2) Mas há outro aspecto desta mesma imagem, que nos apresenta um grande paradoxo. O mesmo Cordeiro, que leva ainda sobre si as marcas do sacrifício, é o Cordeiro com sete chifres e sete olhos.

(a) Os sete chifres representam a onipotência. No Antigo Testamento os chifres significam duas coisas. Em primeiro lugar, são um símbolo de poder que não pode ser resistido. Na bênção de Moisés fala-se dos chifres de José como os de um unicórnio, com os quais reunirá o povo dos limites da terra (Deuteronômio 33:17). Num Salmo se adverte ao ímpio que não deve levantar sua fronte (75:4; veja-se também: 1 Reis 22:11; Zacarias 1:18; 1 Samuel 2:1; Salmo 112:9; Salmo 148:14). Devemos acrescentar um aspecto mais à imagem: nos tempos que correram entre os dois testamentos, os grandes heróis de Israel foram os Macabeus; estes eram grandes guerreiros que salvaram e libertaram sua nação; eram representados, na literatura de sua época, como cordeiros com chifres (1 Enoque 90:9).

Esta é o grande paradoxo: o Cordeiro leva sobre si as marcas do sacrifício; mas ao mesmo tempo está revestido pelo poder de Deus, que nenhum inimigo poderá comover ou quebrar. O Cordeiro tem sete chifres; já vimos que o número sete representa a totalidade e a perfeição; o poder do Cordeiro é perfeito, pleno, completo, mais além de toda possibilidade de resistência ou oposição.

(b) O Cordeiro tem sete olhos, e os olhos são os espíritos enviados a toda a Terra. A imagem tem sua origem em Zacarias. O profeta vê as sete lâmpadas que são “os olhos do SENHOR, que percorrem toda a terra” (4:10). É uma figura estranha e misteriosa; mas representa muito claramente a onisciência divina. De maneira algo crua, é certo, diz que não há lugar da Terra que Deus não veja. Os sete olhos, então, são os sete Espíritos que são enviados até os limites da Terra. Representam a onisciência do Cordeiro, seu conhecimento perfeito e sua presença no meio dos homens.

Esta imagem de Cristo é certamente tremenda. É o cumprimento de todas as esperanças e sonhos de Israel, é o Leão de Judá e a Raiz de Davi. É Aquele cujo sacrifício vale por todos os homens, e que segue levando as marcas de sua morte expiatória até nos lugares celestiais. Mas a tragédia foi transformada em triunfo, a vergonha em glória, e também é Aquele que possui todo o conhecimento e todo o poder, Aquele cujo poder de conquista ninguém pode resistir, Aquele cujo olho penetrante vê tudo.

Há poucas passagens nos Escrituras que mostrem em tão poucas palavras o que Swete chamou "a majestade da humildade" de Jesus Cristo, e que numa só imagem combinem a humilhação de sua morte com a glória de sua vida ressuscitada. Este, entre os poucos, é o mais assinalado.

MÚSICA NO CÉU

Apocalipse 5:7-14

É necessário examinar esta passagem como um todo antes de começar a analisá-la em detalhe. R. H. Charles cita Christian Rossetti, quem haveria dito sobre esta passagem: "O céu se revela à Terra como o berço da música". Temos aqui o maior coro de louvor que o universo jamais ouviu. O louvor vem, por assim dizer, em três ondas sucessivas.

Primeiro, vem o cântico dos quatro seres viventes e dos vinte e quatro anciãos: a natureza e a Igreja combinadas na adoração do Cordeiro. Em segundo lugar, o cântico das miríades de anjos. Ao olhar mais atentamente, João vê, num enorme círculo que rodeia o trono, milhares e milhares de anjos, mais dos que se poderiam contar, que louvam ao Cordeiro. Aqui temos a imagem de todos os habitantes do céu que elevam suas vozes em louvor. Em terceiro lugar, João vê também que todas as criaturas, cada uma desde o seu lugar, até nos mais remotos rincões da criação, cantam ao Cordeiro.

Temos, pois, que o louvor vai passando de círculo em círculo, até se tornar cada vez mais grandioso. É como um grande coro no qual vão entrando uma a una as diferentes parte que o compõem, até que, no final, todas juntas cantam num fortíssimo sem paralelos.

A verdade que se nos comunica é a seguinte: O céu e a Terra e tudo o que estes contêm foram criados para cumprir um único propósito: cantar a glória de Jesus Cristo. O sonho final de Deus é um universo inteiro que louve a Cristo; e é nosso privilégio contribuir com nossas vozes e nossas vidas a este coro universal; porque a concepção divina é tal que sua obra não estará completa enquanto falte, por mais pequena que seja, uma só voz.

AS ORAÇÕES DOS SANTOS

Apocalipse 5:8

A primeira parte do coro de louvor é a canção dos quatro seres viventes e dos vinte e quatro anciãos; segundo já se viu representam tudo o que tem que belo e nobre na natureza e na Igreja universal.

A imagem dos anciãos é interessante. Têm harpas. No Antigo Testamento o harpa era o instrumento com que se cantavam os salmos. “Celebrai o SENHOR com harpa”, diz o salmista (Salmo 33:2; veja-se

também Salmos 98:5 e 147:7). Entre os judeus as harpas representam o louvor.

Mas a segunda imagem dos anciãos é ainda mais interessante., Têm recipientes de ouro, cheios de incenso, e o incenso são as orações de todos os que amam a Deus. A semelhança entre o incenso e a oração também provém dos salmos. “Suba à tua presença a minha oração, como incenso, e seja o erguer de minhas mãos como oferenda vespertina”, diz o salmista (Salmo 141:2): Mas o que é significativo é que se pense aqui na existência de intermediários da oração, a idéia de que as orações dos fiéis possam ser trazidas até a presença de Deus pelo que poderíamos chamar "portadores" celestiais. No pensamento judeu posterior aparece freqüentemente esta idéia da existência no céu de encarregados de mediar as orações do povo fiel. No Testamento de Dan (6:2) lemos: "Aproxima-te de Deus e do anjo que intercede por ti, porque ele é aquele que age de mediador entre Deus e o homem".

O principal dos intermediários é Miguel, "o misericordioso e paciente" (1 Enoch 40:9). Diz-se que todos os dias desce até o quinto céu para recolher as orações dos homens e as levar a Deus (3 Baruque 2). Em Tobias é o arcanjo Rafael aquele que se ocupa de levar a Deus as orações dos homens. Rafael diz a Tobias: "Sou Rafael, um dos sete anjos santos que apresentam a Deus as orações dos santos e que entram e saem de diante da presença do Santo" (Tobias 12:15). Gabriel diz a Enoque: "Juro-te que no céu os anjos têm presente sua lembrança, todo o tempo, na presença do Eterno" (1 Enoque 104:1). Às vezes os encarregados desta mediação são os anjos da guarda; e em algum lugar diz-se literalmente que há certas horas durante o dia quando se abrem as portas do céu para que estes possam levar as orações de seus protegidos (Apocalipse de Paulo 7:10). Às vezes, os encarregados são todos os anjos, ou como são chamados no livro de Enoque, os Vigilantes. As almas clamam por justiça dirigindo-se "aos Santos do Céu" (1 Enoque 9:3). O dever dos Vigilantes do Céu é interceder pelos homens (1 Enoque 15:2). Às vezes, conforme pareceria, os mortos bem-aventurados

compartilham esta responsabilidade. Os anjos e os bem-aventurados que alcançaram seu lugar de repouso eterno intercedem e oram em favor dos mortais (1 Enoque 39:6). A idéia da existência de intermediários celestiais que se dedicam a levar até Deus as orações dos crentes é muito comum, portanto, no pensamento judeu posterior. Há certas afirmações que podem fazer-se com relação a esta crença.

(1) De um certo ponto de vista, é um pensamento consolador. Não estamos sozinhos, por assim dizer, em nossa súplica perante Deus. As hostes celestiais e uma incontável nuvem de testemunhas colaboram conosco em nosso rogo. Nenhuma oração pode ser totalmente ineficaz se tiver como apoio a atividade de todos os anjos e bem-aventurados em Deus.

(2) Desde outro ponto de vista, tal intermediação é totalmente desnecessária. Não necessitamos intermediário algum; diante de nós há uma porta aberta que ninguém pode fechar; para nós há um novo e vivo caminho pelo qual podemos penetrar diretamente até a presença de Deus. Ninguém pode já nos impedir o acesso. Ninguém precisa ser ajudado em suas orações, porque Deus está disposto a ouvir até o mais fraco sussurro do crente.

(3) Toda a linha de pensamento que concebe a existência de seres intermediários surge de uma tendência que já encontramos antes em nosso estudo do Apocalipse. À medida que transcorreram os séculos o judaísmo pôs cada vez mais ênfase na transcendência de Deus, em sua distância e diferença com relação aos homens. Tal era essa distância e diferença que chegaram a pensar que era impossível que houvesse algum tipo de contato direto entre Deus e os homens, e que devia haver agentes celestiais para resolver o abismo infinito que separava Deus de suas criaturas. Este foi, exatamente, o sentimento que Jesus quis eliminar, porque veio para nos dizer que Deus "está mais perto de nós que nossos próprios pés, mais perto ainda que nossa própria respiração". Ele veio para constituir-se num caminho aberto e vivo no qual para qualquer

homem, por mais humilde que seja, há uma porta aberta para entrar a Deus.

É possível que para nós seja reconfortante pensar que no céu há anjos encarregados de aproximar nossas orações a Deus; mas é possível também, e isto seria muito melhor, que sintamos como desnecessária esta ajuda, porque até Deus, graças a Jesus Cristo, podemos chegar cada um de nós sem dificuldade alguma.

O CÂNTICO NOVO

Apocalipse 5:9

A canção que entoaram as quatro criaturas e os vinte e quatro anciãos era um cântico novo. A expressão "cântico novo" aparece muito freqüentemente nos Salmos; sempre se trata de um hino que canta novas manifestações da misericórdia de Deus. “Entoai-lhe novo cântico” diz o salmista (Salmo 33:3). Deus livrou o salmista do poço horripilante e das argilas pantanosas, e pôs em seus lábios um cântico novo para que louvasse a Deus (Salmo 40:3). Mas o paralelo mais próximo no Antigo Testamento o encontramos em Isaías. Aqui Deus declara coisas novas e o profeta convoca os homens para que cantem um cântico novo de louvor a Deus (Isaías 42:9-10). O cântico novo é a conseqüência direta de uma nova criação.

O cântico novo sempre é uma canção de louvor pelas novas misericórdias de Deus; e o cântico será o mais sublime de todos quando louvar a Deus por suas misericórdias em Jesus Cristo.

Uma das características do Apocalipse é que é o livro das coisas novas. Há um nome novo (2:17, 3:12), uma nova Jerusalém (3:12, 21:2), um cântico novo (5:9, 14:3), um céu novo e uma terra nova (21:1), e existe a grande promessa de que Deus faz novas todas as coisas (21:5).

Deve sublinhar-se uma coisa que é extremamente significativa. O grego tem duas palavras para dizer "novo". Uma é *neos*, que significa novo no tempo, mas não necessariamente quanto à qualidade. Uma coisa

neos é a que apareceu ou foi fabricada ou construída recentemente, mas que não é de uma classe ou qualidade nova, pode tratar-se de algo que já existiu em sua mesma classe e qualidade há muito tempo. A outra palavra é *kainos*, que significa de uma qualidade nova. *Kainos* é algo que não somente foi produzido recentemente mas sim, além disso, nunca antes existiu algo que fosse parecido com ele.

A palavra que se usa em nosso texto é *kainos*. Significa que Jesus Cristo traz para a vida uma qualidade que nunca existiu antes. Traz para a vida uma nova alegria, uma nova excitação, um novo poder, uma nova paz. Algo começa a existir em e! mundo e na vida dos cristãos que nunca antes nem depois conheceram os que não são capazes de receber o de Cristo.

É por isso que a qualidade da vida cristã é uma espécie de resplendor que a torna totalmente distinta e nova. Tem-se dito que "o oposto a um mundo cristão é um mundo velho e gasto". A vida cristã autêntica irradia eterna juventude e renovada alegria, porque Deus traz sempre à vida dos crentes em seu Filho essa nova qualidade que somente a fé em Cristo pode criar nos seres humanos.

O CÂNTICO DOS SERES VIVENTES E DOS ANCIÃOS

Apocalipse 5:10

Começaremos copiando a letra deste cântico novo: [Versos 9,10]

> Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque
> foste morto e com o teu sangue compraste para Deus
> os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação
> e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes;
> e reinarão sobre a terra.

O Cordeiro é louvado porque morreu. Neste cântico estão resumidos os gloriosos efeitos para nós da morte de Jesus Cristo.

(1) A morte de Jesus Cristo foi uma morte sacrificial. Isto significa que Jesus Cristo morreu com um propósito. A morte de Jesus Cristo não foi um acidente da história: não foi, sequer, a morte trágica de um homem bom e heróico; tampouco foi um desastre ocasionado pelo pecado e a rebelião dos homens; foi uma morte sacrificial. O propósito de um sacrifício é restaurar as relações quebradas entre Deus e os homens; foi por esta razão e com este objetivo, e com esses resultados, que morreu Jesus Cristo.

(2) A morte de Jesus Cristo foi uma morte emancipadora. Desde o começo até o fim o Novo Testamento está cheio do conceito da libertação do homem que Jesus Cristo obteve. Deu sua vida como preço do resgate de muitos (Marcos 10:45). Redimiu-nos — e redimir quer dizer comprar a liberdade — do jugo da Lei (Gálatas 3:13). Deu-se a si mesmo como pagamento por nós (1 Timóteo 2:6). Somos redimidos não por riqueza humana alguma, mas pelo precioso sangue de Jesus Cristo (1 Pedro 1:19). Jesus Cristo é o Senhor que nos comprou (2 Pedro 2:1). Fomos comprados por preço (1 Coríntios 6:20; 7:23). O Novo Testamento declara repetidamente que resgatar os homens do dilema da escravidão em que o pecado os tinha colocado custou a vida de Jesus Cristo. O Novo Testamento não tem uma doutrina "oficial" de como se conseguiu este efeito, de qual foi o mecanismo da redenção; mas não há dúvida de que ensina a doutrina do resultado libertador da morte de Cristo.

(3) A morte de Jesus Cristo foi de efeitos universais. Foi para os homens e as mulheres de todas as tribos, línguas, povos e raças. Havia uma época quando os judeus podiam dizer que Deus estava interessado somente nos judeus, entre todos os povos da Terra, e que seu desejo era a destruição e negação de todos os outros povos. Mas em Jesus Cristo nos encontramos com um Deus que ama a todos os homens. A morte de Jesus Cristo foi para todos os homens, portanto, e a tarefa da Igreja é anunciar esta boa notícia a todos os homens.

(4) A morte de Jesus Cristo foi uma morte válida. Não morreu porque tinha que morrer absolutamente. Neste cântico se sublinham três aspectos da obra que Jesus Cristo realizou mediante seu morte.

(a) Fez-nos reis. Deu-nos acesso à herança real dos filhos do Rei dos reis. Os homens foram sempre filhos de Deus pela criação; mas agora há uma nova classe de filiação que está ao alcance de todos. A humanidade do homem se reveste agora com a realeza da divindade.

(b) Fez-nos sacerdotes. No mundo antigo o sacerdote, era o único que tinha o direito de aproximar-se a Deus. Quando um judeu entrava no Templo podia atravessar o Pátio dos Gentios, o Pátio das Mulheres e chegar até o Pátio dos Israelitas. Mas tinha o acesso proibido ao Pátio dos Sacerdotes, que rodeava o Santo e o Santíssimo. Mas Jesus Cristo abriu um caminho novo e livre para que todos os homens possam chegar até a presença de Deus. Todos os cristãos são sacerdotes, no sentido que todos temos acesso direto a Deus.

(c) Deu-nos o reinado e o triunfo. Seu povo reinará sobre a Terra. Não se trata de um triunfo material ou de um reinado político. É o segredo de saber viver de maneira vitoriosa sob quaisquer circunstância, "No mundo terão tribulação, mas confiem, eu venci ao mundo" (João 16:33}. Em Cristo há vitória sobre o egoísmo, vitória sobre as circunstâncias e vitórias sobre o pecado.

Quando pensamos no que a morte de Jesus Cristo significa para os homens, não podemos nos maravilhar de que os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos entoassem um cântico de louvor ao Cordeiro.

A CANÇÃO DOS ANJOS

Apocalipse 5:11-12

O coro de louvor agora é tomado pelas inumeráveis hostes de anjos do céu. Num círculo mais amplo, ao redor do trono, além dos seres viventes e os anciãos, estão as hostes angélicas, que agora iniciam seu próprio Cântico. assinalamos em várias oportunidades como João toma

sua linguagem emprestada do Antigo Testamento. Aqui evoca a grande bênção e ação de graças de Davi:

> Agora, estou resolvido a fazer aliança com o SENHOR, Deus de Israel, para que se desvie de nós o ardor da sua ira (2 Crônicas 29:10)

> Bendito és tu, SENHOR, Deus de Israel, nosso pai, de eternidade em eternidade. Teu, SENHOR, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, SENHOR, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos. Riquezas e glória vêm de ti, tu dominas sobre tudo, na tua mão há força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força ... (1 Crônicas 29:10-12).

A ação de graças e o louvor do passado ressoam, agora, no cântico dos anjos.

O hino dos seres viventes e dos anciãos falava da obra de Jesus Cristo mediante seu morte; os anjos, agora, enumeram as posses de Cristo em sua glória. Olhemo-los uma por uma. São sete grandes posses que pertencem ao Senhor ressuscitado.

(1) A ele pertence o poder. Paulo chama Jesus: "Cristo, o poder de Deus" (1 Coríntios 1:24). Este é o fundamento da confiança na efetividade da obra de Cristo. Não é alguém que possa sonhar e nunca chegar a converter seu sonho em realidade. A Ele pertence o poder. Podemos dizer, triunfantes, com relação a Jesus Cristo: "Ele pode!".

(2) A Ele pertencem as riquezas. "Ainda que era rico, por nós fez-se pobre", diz Paulo (2 Coríntios 8:9). O póprio Paulo fala das "inescrutáveis riquezas de Cristo" (Efésios 3:8). Não há promessa que Jesus Cristo faça que não possua os recursos para fazê-la efetiva. Não há pretensão dela que não seja capaz de satisfazer. Não há petição que nós possamos lhe fazer que Ele não esteja em condições de escutar. A Ele pertencem os recursos que são capazes de cumprir qualquer demanda.

(3) A Ele pertence a sabedoria. Paulo chama Jesus Cristo "a sabedoria de Deus" (1 Coríntios 1:24). Jesus Cristo possui a sabedoria

necessária para conhecer os segredos de Deus. Possui a sabedoria para conhecer o caminho, o modo de vida mais adequado segundo os propósitos de nosso Criador. NEle estão o conhecimento divino de Deus e o conhecimento prático de como solucionar os problemas da vida.

(4) A Ele pertence a força. Cristo é capaz de desarmar os poderes do mal, Ele é Aquele que pode derrocar a Satanás (Lucas 11:22). Não há situação da que Ele não possa sair triunfante. Sua força é suficiente para vencer a todos os poderes que lhe opuserem resistência.

(5) A Ele pertence a honra. Chegará o dia quando tudo joelho se dobrará diante dEle, e toda língua confessará que Ele é o Senhor (Filipenses 2:11). Estará entronizado no coração de todos os homens. Uma das coisas estranhas é que em nossos dias até os que não são cristãos confessam que nos ensinos de Cristo está a única esperança para o mundo em que vivemos.

(6) A Ele pertence a glória. Conforme diz João: "Vimos sua glória, glória como do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (João 1:14). A glória pertence por direito próprio a Deus e somente a Deus. Dizer que Jesus Cristo possui a glória equivale a dizer que é divino, e que compartilha os privilégios e direitos de Deus.

(7) A Ele pertence o louvor. Esta é a culminação inevitável de tudo o que antecede. Jesus Cristo possui todas estas coisas, e todas e cada uma delas Ele as emprega para servir aos homens por quem viveu e morreu. Não se aferra a suas posses, não as usa para seu próprio beneficio mas sim as derrama no serviço dos homens. E, portanto, elevam-se para com Ele os louvores de todos os redimidos, sua gratidão por tudo o que ele tem feito por eles. É a única coisa que podemos dar a Ele, que possui tudo, a nós mesmos que somente possuímos a Ele.

O CÂNTICO DE TODA A CRIAÇÃO

Apocalipse 5:13-14

Agora o coro se amplia até o ponto de não poder ser maior, porque alcança até os limites do universo, abrangendo à totalidade de tudo o que é criado. O mundo inteiro se eleva num só cântico prazeroso de louvor ao Cordeiro. Devemos notar um detalhe muito significativo. Neste cântico de louvor Deus e o Cordeiro são reunidos. Ambos o recebem, ambos o compartilham. Nada poderia mostrar melhor a sublimidade da concepção que João tinha de Jesus Cristo. No louvor da criação Deus e Jesus Cristo são postos lado a lado.

Na canção em si há duas coisas que merecem ser sublinhadas.

As criaturas que estão no céu somam seu louvor. Quem são estas? Deram-se várias respostas a esta pergunta, e cada uma tem algo de belo que agregar ao quadro total. Sugeriu-se que se faria referência, deste modo, às aves que sulcam o céu; o canto das aves é, por si mesmo, um cântico de louvor. Sugeriu-se, também, que estas criaturas seriam o Sol, a Lua e as estrelas; os corpos celestiais, em seu constante brilho, dia e noite, são sem dúvida um cântico de louvor a Deus, o Criador. Sugeriu-se, também, que nesta frase se inclui toda criatura possível que habitam os céus: os quatro seres viventes, os vinte e quatro anciãos, os anjos e toda outra criatura celestial. Possivelmente o melhor seja não fazer um esforço por delimitar o conteúdo desta frase: deixemo-la aberta para que inclua e contenha tudo.

As criaturas que estão debaixo da terra também adicionam seu louvor. Isto pode significar somente os mortos que estão no Hades. Estamos perante uma concepção totalmente nova. A idéia do Antigo Testamento é que os mortos, os que baixaram ao fosso, os que sobrevivem pela metade no Sheol, estão totalmente separados de Deus e dos homens, vivendo uma existência cinza, fantasmal, sombria. "Porque na morte não há memória de ti; no Sheol, quem te louvará?" (Salmo 6:5; veja-se também Salmo 30:9, 88:10-12 e Isaías 38:18). Aqui, no

Apocalipse, temos uma visão que apaga toda essa tristeza. Nem sequer os mortos estão para além do Reinado de Jesus Cristo. Mesmo além da morte se eleva o coro que canta seu louvor.

A imagem que nos apresenta esta passagem é a do universo inteiro que se une num cântico de louvor a Deus e Jesus Cristo. Nas Escrituras encontramos imagens muito belas do louvor a Deus pela natureza. Temos, por exemplo, o Salmo 148, no Antigo Testamento. Mas a mais nobre de todas as canções de louvor está em um dos livros apócrifos. No Antigo Testamento em grego há um agregado ao livro de Daniel. Chama-se "o Cântico dos Três Jovens", cantado por Ananias, Azarias e Misael, que são os nomes gregos de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, antes de entrar na fornalha ardente. É um dos poemas mais belos no mundo, e citaremos *por extenso* a parte em que convocam à natureza a louvar a Deus [Dan. 3:57-88, Bíblia de Jerusalém]:

> Vós, todas as obras do Senhor, bendizei o Senhor:
> louvai-o e exaltai-o para sempre.
> Anjos do Senhor, bendizei o Senhor:
> louvai-o e exaltai-o para sempre!
> Ó céus bendizei o Senhor:
> louvai-o e exaltai-o para sempre!
> E vós, todas as águas acima dos céus, bendizei o Senhor:
> louvai-o e exaltai-o para sempre!
> Vós, todas as potências todas do Senhor, bendizei o Senhor:
> louvai-o e exaltai-o para sempre!
> Sol e Lua, bendizei o Senhor:
> louvai-o e exaltai-o para sempre!
> Estrelas do céu, bendizei o Senhor:
> louvai-o e exaltai-o para sempre!
> Todas as chuvas e orvalhos, bendizei o Senhor:
> louvai-o e exaltai-o para sempre!
> Todos os ventos , bendizei o Senhor:
> louvai-o e exaltai-o para sempre!
> Fogo e calor, bendizei o Senhor:
> louvai-o e exaltai-o para sempre!

Frio e ardor, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Orvalhos e aguaceiros, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Gelo e frio, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Geadas e neves, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Noites e dias, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Luz e trevas, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Relâmpagos e nuvens, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Que a terra bendiga o Senhor:
que ela o louve e o exalte para sempre!
E vós, montanhas e colinas, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Tudo o que germina sobre a terra, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Vós, ó fontes, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Mares e rios, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Grandes peixes e tudo o que se move nas águas, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Vós, todos os pássaros do céu, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Todos os animais selvagens e domésticos, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
E vós, ó filhos dos homens, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Tu, Israel, bendize o Senhor:
louva-o e exalta-o para sempre!
Vós, sacerdotes do Senhor, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Vós, servos do Senhor, bendizei o Senhor:

louvai-o e exaltai-o para sempre!
Vós, espíritos e almas dos justos, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
Vós, santos e humildes de coração, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!
E vós, Ananias, Azarias, Misael, bendizei o Senhor:
louvai-o e exaltai-o para sempre!

Em muito íntimo paralelo com estas palavras está o hino que conhecemos como Cântico de São Francisco [*Cântico Novo* (Methopress, Buenos Aires), tradução de José Míguez Bonino.]:

Ó criaturas do Senhor, cantai com melodiosa voz.
Louvai-o, aleluia.
Ó ardente Sol com seu fulgor, ó Lua de suave esplendor.
Louvai-o, louvai-o. Aleluia, aleluia, aleluia.
Ó vento veloz, potente avalanche, nuvens do claro céu azul.
Louvai-o, aleluia.
Ó suave e dourado amanhecer; teu manto noturno ao estender.
Louvai-o, louvai-o. Aleluia, aleluia, aleluia.
Ó fontes de água de cristal, a vosso criador cantai.
Louvai-o, aleluia.
Ó fogo, eleva teu louvor. Tu, que nos dá luz e calor,
Louvai-o, louvai-o. Aleluia, aleluia, aleluia.
Ó pródiga terra maternal, que frutos brindas sem cessar:
Louvai-o, aleluia.
Ó rica colheita, bela flor, exaltai o Criador.
Louvai-o, louvai-o. Aleluia, aleluia, aleluia.
Ó homens de tenro coração que paz buscais e dais amor:
Louvai-o, aleluia.
Ó vós que sofreis de tristeza cruel, vossa dor confiai a ele.
Louvai-o, louvai-o. Aleluia, aleluia, aleluia.
Ó morte, tão doce e sem temor para os que seguem o Salvador:
Louvai-o, aleluia.
Rumo ao lar nos levas, tu que nos preparas o Rei Jesus.
Louvai-o, louvai-o. Aleluia, aleluia, aleluia.

Com humildade e com amor cantai a inteira criação:
Louvai-o, aleluia.
Ao Pai, ao Filho Redentor, e ao Eterno Consolador.
Louvai-o, louvai-o. Aleluia, aleluia, aleluia.

A visão de João era um cântico de louvor que se elevava desde toda a criação, entoando a glória de Deus e do Cordeiro.

Apocalipse 6

A abertura dos selos
Os quatro cavalos e seus cavaleiros - 6:1-8
O cavalo branco da conquista - 6:1-2
O cavalo vermelho das lutas civis - 6:3-4
O cavalo preto da fome - 6:5-6
O cavalo amarelo da peste e da morte - 6:7-8
As almas dos mártires - 6:9-11
A pergunta dos mártires - 6:9-11 (cont.)
A comoção universal - 6:12-14
O tempo do terror - 6:15-17

A ABERTURA DOS SELOS

Entramos agora na seção na qual se abrem, um a um, os selos do rolo. À medida que isto sucede, a história vai desdobrando-se perante os olhos de João.

Ao estudar esta seção devemos lembrar um fato geral que é importante para poder compreendê-la. Tal como se viu várias vezes, os judeus dividiam o tempo em duas idades. Uma era "a idade presente" ou "atual", entregue totalmente ao domínio do mal, totalmente pervertida, além de toda possibilidade de redenção. A outra, "a era por vir" ou "futura", que é a idade dourada de Deus. Entre as duas eras sucederia um terrível período de juízo e destruição total. Ao aproximar-se esse período

os terrores da história seriam cada vez maiores e mais pavorosos. Estes terrores são os sinais da proximidade do fim. Esta é a época da história que João vê em suas visões. Revelam-lhe, em outras palavras, as coisas que hão que suceder no processo de dissolução do mundo atual, prévio ao advento do novo mundo de Deus.

Antes de começar o estudo detalhado desta seção deve-se mencionar um aspecto geral com relação à nossa tradução do texto. Na primeira seção das visões, 6:1-8, a versão Almeida Revista e Corrigida comete um reiterado erro. Conforme lemos, cada uma das quatro criaturas diria: "Vem e vê!" (vv. 1, 3, 5, 7). Nos melhores manuscritos gregos não figura a palavra "vê". Diz, somente "Vem!". Não se trata de um convite para que João vá e veja, mas sim o chamado a cada um dos cavalos e seus respectivos cavaleiros para que façam seu ingresso, por turno, no cenário da história. Os quatro seres viventes, que são os querubins que rodeiam o trono, desempenham o rol de convocar os atores do drama final para que ingressem e joguem seu papel.

OS QUATRO CAVALOS E SEUS CAVALEIROS

Apocalipse 6:1-8

Antes de empreendermos na interpretação detalhada desta visão, devem destacar-se dois pontos iniciais que são importantes.

(1) Deve notar-se qual é a origem da visão. Encontramo-lo em Zacarias 6:1-8. Nessa visão Zacarias vê quatro cavalos; e esses cavalos são deixados em liberdade na Terra para executar a vingança contra Babilônia e Egito e todas as outras nações que oprimiram o povo de Deus. Os cavalos são "São os quatro ventos do céu, que saem donde estavam perante o Senhor de toda a terra." (Zacarias 6:5). Os quatro cavalos de Zacarias representam os quatro poderosos ventos que Deus está a ponto de desatar sobre a terra para semear a destruição. São os agentes da ira e vingança de Deus sobre os homens. É nesta imagem que devemos buscar a origem da visão que João teve. Como de costume,

João não conserva idênticos todos os detalhes; a antiga visão assume, para ele, uma nova forma. Mas é importante lembrar que o princípio fundamental é o mesmo. Em João os cavalos e seus cavaleiros são, também, agentes da ira vingadora de Deus.

(2) Devemos explicar o método de interpretação que usaremos, tanto neste como em outras passagens, mais adiante. Os quatro cavalos e seus cavaleiros representam as quatro grandes forças destruidoras que serão enviadas contra o mundo, pela santa ira de Deus, no tempo que precede o fim. Mas, deve notar-se que João descreve a atuação destas forças em termos de certos acontecimentos que bem podiam estar sucedendo em sua própria época. João vivia numa época quando a vida era um caos; o mundo parecia estar desintegrando-se e a Terra parecia estar cheia de terrores e horrores. É em termos destes horrores já existentes e conhecidos para ele que João descreve os horrores do fim futuro. Os cavalos e seus cavaleiros são forças de destruição e agentes da ira divina; havia, entretanto, acontecimentos da época em que vivia João que este tem em mente quando descreve a ação das quatro forças destruidoras. Para João estes acontecimentos eram sinais e arquétipos da destruição que se produziria antes do fim.

Nosso método, portanto, consistirá em definir, primeiro, a força destrutiva que cada um destes cavalos representa e então, se for possível, encontrar circunstâncias e atos da história contemporânea a João que exemplifiquem a destruição por vir. Também veremos, à medida que avance nosso estudo, que em mais de um caso João se vale de imagens e idéias que eram moeda corrente entre os autores apocalípticos de sua época.

O CAVALO BRANCO DA CONQUISTA

Apocalipse 6:1-2

Ao abrir-se cada tino dos sete selos, um novo terror se equilibra sobre a terra. O primeiro terror está representado por um cavalo branco e

seu cavaleiro. O que significam este cavalo branco e seu cavaleiro? Ofereceram-se duas explicações, uma das quais é evidentemente, errônea.

(1) Sugeriu-se que o cavaleiro do cavalo branco não é outro senão o Cristo vitorioso em pessoa. Extrai-se esta conclusão porque alguns comentadores relacionam esta visão com a que se encontra em Apocalipse 19:11-12, onde aparece também um cavalo branco cujo cavaleiro é chamado Fiel e Verdadeiro, que está coroado com várias coroas e que é o Cristo vitorioso. Deve notar-se, entretanto, que a coroa que aparece nesta passagem é diferente da de Apocalipse 19. Aqui a coroa é, em grego, uma *stefanos,* ou seja a coroa do vencedor. Em Apocalipse 19 a coroa é uma *diadema,* a coroa real.

A passagem que estamos estudando fala de desastres e horrores; qualquer imagem do Cristo ressuscitado estaria fora de lugar neste contexto. Esta visão não antecipa a vinda do Cristo vitorioso mas sim o princípio dos terrores que Deus em sua ira descarregará sobre o mundo *antes* dessa vinda.

(2) É bem evidente que o cavalo branco e seu cavaleiro representam a conquista guerreira. Quando um general romano celebrava um triunfo, quer dizer, quando desfilava com seus exércitos pelas ruas de Roma, seu carro de batalha era arrastado por cavalos brancos, porque estes eram o símbolo da vitória. O cavalo branco representa o militarismo triunfante e a ambição de conquista que era — e em alguns casos ainda continua sendo — uma das características de um império grande e ambicioso.

Mas, segundo tem-se dito na introdução a esta passagem, João viu suas predições do futuro com imagens do presente que seus leitores eram capazes de reconhecer. O cavaleiro do cavalo branco tem um arco em sua mão. No Antigo Testamento o arco sempre simboliza o poderio militar. Ao sofrer Babilônia sua derrota definitiva, seus homens armados são feitos prisioneiros e seus arcos — quer dizer, seu poderio militar — são destruídos (Jeremias 51:56). Deus rompe o arco e quebra a lança e queima no fogo os carros de guerra: quer dizer, é um Deus que nenhum

poder militar humano poderia resistir (Salmo 46:9). Mas, além disso, há aqui uma imagem que qualquer romano e qualquer habitante da Ásia reconheceria imediatamente. Os únicos inimigos que os romanos temiam na Ásia eram os partos. Este povo vivia na mais remota fronteira oriental do Império e perseguiam todo o tempo aos romanos.

No ano 62 ocorreu um fato sem precedentes. Um exército romano teve que render-se a Vologeses, o rei dos partos. Muito poucas vezes as armas imperiais tinham sofrido tal vergonha e ignomínia. Os partos tinham o costume de montar cavalos brancos e, além disso, eram os mais famosos arqueiros do mundo antigo. Os arqueiros partos eram o terror dos exércitos romanos e de todos os súditos do império. Tinham conseguido conquistar os próprios conquistadores.

De maneira que o cavalo branco e seu cavaleiro representam o militarismo e a conquista.

Aqui há algo que aos homens tem custado muito reconhecer e aprender. A conquista militar foi descrita muitas vezes de maneira romântica e atrativa; mas uma conquista militar é sempre uma tragédia. Quando Eurípides queria representar a guerra, em suas peças teatrais, não punha no cenário exércitos mas sim uma mulher anciã vestida de farrapos que levava pela mão um menino que chorava a morte de seu pai.

Durante a guerra civil espanhola um jornalista relatou como, de maneira repentina, deu-se conta de qual era o significado da guerra. Estava numa cidade espanhola na qual os lados opostos travavam guerrilhas. Viu que um menino caminhava pela rua e deu-se conta que estava perdido, que tinha medo. Sua cara mostrava um gesto de surpresa e terror. Arrastava um brinquedo que tinha perdido seus rodas. Repentinamente soou um disparo de rifle. O menino caiu de bruços. Estava morto. Isto é a guerra. O primeiro entre os terrores de um tempo terrível está representado, na visão de João, por um cavalo branco cujo cavaleiro leva um arco na mão: é a tragédia da conquista militar.

O CAVALO VERMELHO DAS LUTAS CIVIS

Apocalipse 6:3-4

A função do segundo cavalo e seu cavaleiro é tirar a paz da Terra. Este cavalo e seu cavaleiro representam as lutas civis, essa guerra destrutiva que significa a inimizade entre os concidadãos num caos de trágica destruição. Há dois panos de fundo que podem nos interessar.

(1) João vivia numa época na qual os conflitos intestinos estavam rasgando o mundo. Nos trinta anos que precederam o reinado de Herodes o Grande, entre os anos 67 e 37 a. C, somente na Palestina não menos de 100.000 homens perderam a vida em revoluções e levantamentos falidos. No ano 61, na Inglaterra, explodiu a rebelião encabeçada pela rainha Bodicea. Os romanos esmagaram a rebelião, que custou a vida de 150.000 homens e levou ao suicídio a heróica rainha. O cavalo vermelho da guerra civil e a revolução sangrenta andava verdadeiramente solto pelo mundo em que João vivia.

(2) Nas imagens judias do fim do tempo, os últimos dias do mundo tal como os homens o conheciam, um dos elementos essenciais é a total desintegração das relações humanas. O irmão pelejará contra o irmão, o vizinho contra o vizinho, cada cidade se levantará contra outras cidades e cada reino contra outros reinos (Isaías 19:2). A mão de cada homem se levantará para ofender o seu próximo (Zacarias 14:13). Do amanhecer até o pôr-do-sol estarão matando-se (Enoque 100:12). O amigo guerreará contra o amigo; os amigos se atacarão repentinamente e sem motivo algum (4 Esdras 5:9, 6:24). Os homens se odiarão e se provocarão mutuamente à briga. Alguns cairão na batalha, outros morrerão de angústia e outros serão destruídos pelos seus (2 Baruque 70:2-8). A inveja aparecerá nos que foram altruístas e desinteressados, a paixão nos que foram pacíficos. Muitos irão às nuvens e injuriarão a outros e incitarão a outros a derramarem sangue. Enfim todos perecerão conjuntamente (2 Baruque 48:37).

A visão do fim do tempo era uma visão de uma época quando todas as relações humanas se desintegrariam, convertendo ao mundo num caldeirão de amargo ódio.

Ainda continua sendo verdade que a nação onde há ódio e conflito entre os concidadãos, entre as classes sociais, onde a ambição competitiva provoca ódio e desejo egoísta faz com que uns prejudiquem a outros, é uma nação que está condenada. E um mundo no qual as nações lutam entre si, está, sem dúvida, aproximando-se no fim de sua história.

O CAVALO PRETO DA FOME

Apocalipse 6:5-6

Compreenderemos melhor a idéia que há por atrás desta passagem, se lembrarmos que João não nos está dando uma descrição do fim, mas sim dos acontecimentos que precederão e prepararão o fim. O cavalo preto e seu cavaleiro representam a fome; trata-se de uma fome muito séria e capaz de causar grandes sofrimentos, mas não o suficientemente séria para matar. Há trigo, mas tem um preço proibitivo; e o vinho e o azeite não são afetados pela escassez.

Os três principais produtos agrícolas da Palestina eram o trigo, o vinho e o azeite; são estes três os que sempre se mencionam quando se fala do que a terra produz. (Deuteronômio 7:13, 11:14,.28:51, Oséias 2:8, 22). O cavaleiro que cavalga sobre o cavalo preto tem em sua mão uma balança. No Antigo Testamento a expressão "comer o pão pesado" é sinônimo de grande escassez. Em Levítico Deus ameaça a seu povo rebelde fazendo-o comer o pão pesado (Levítico 26:26). A mesma ameaça volta a aparecer no livro de Ezequiel (4:16).

Não é anormal que haja vinho e azeite enquanto falta o trigo. A videira e as oliveiras são plantas com raízes muito mais profundas que o trigo e podem resistir uma seca capaz de aniquilar as plantas de cereal. Quando Jacó manda os seus filhos buscarem trigo no Egito, no tempo de

José, em que pese a persistente seca, é capaz de enviar com eles um presente "dos melhores frutos da terra" (Gênesis 43:11). Mas se escassear o trigo mas abundar o azeite e o vinho, o povo passa fome, enquanto que dispõe do que normalmente é um luxo.

Sabemos dos alcance da escassez graças à voz que se eleva dentre os quatro seres viventes. Uma medida de trigo ou três medidas de cevada custavam um denário. A medida era um *choinix*, o equivalente aproximado de um decímetro cúbico ou um litro. Em várias oportunidades encontramos referências que estabelecem esta "medida" como a ração diária normal de um homem. O denário equivale a 10 centavos de dólar. Era o pagamento que recebia o operário por uma jornada completa de trabalho. Normalmente com um denário podiam ser comprados entre oito e dezesseis medidas de trigo, e quase o dobro de cevada, porque esta era muito mais barata. De maneira que a visão de João prevê a chegada de um dia quando tudo o que um homem é capaz de ganhar num dia de trabalho deverá gastá-lo em comprar o estritamente necessário para continuar vivendo, sem que fique para satisfazer suas outras necessidades nem lhe sobre para dar de comer a sua esposa ou a seus filhos, no caso de ser um homem casado e com família. Se em vez de trigo compra cevada, talvez possa alimentar os seus, mas não sobra dinheiro para comprar outras coisas. A situação que se descreve é tal que nela apenas se pode subsistir, num estado de semi-inanição.

Vimos que João, em que pese estar descrevendo as circunstâncias que precederão o fim, o faz em termos que possam ser familiares a seus leitores. Houve terríveis fomes na época de Nero, que afetaram somente os pobres e nunca os mais ricos. Em certa ocasião chegou a Roma um barco proveniente de Alexandria. O povo da cidade, faminto, creu que a carga era de cereal, porque Alexandria era a origem habitual desse produto. Desesperado, assaltou o barco, para descobrir, só então, que a carga era de areia especial importada do Egito para cobrir o piso do circo onde tinham que celebrar-se combate entre gladiadores.

Mas é especialmente durante o reinado de Domiciano que esta passagem encontra ecos surpreendentes, na mesma época em que João escreveu seu livro. Nessa época se produziu, precisamente, uma superprodução de vinho e, ao mesmo tempo, escassez de cereais. Domiciano tomou a drástica medida de obrigar a destruir a metade das vinhas, nas províncias, para que pudessem semear-se mais cereais. Os habitantes da Ásia, a província onde João vivia, chegaram quase ao ponto de rebelar-se contra a ordem imperial, porque o vinho era sua principal fonte de lucro. Ao enfrentar esta resistência por parte dos asiáticos, Domiciano cancelou seu decreto e chegou até a castigar os que, tendo-o obedecido, tivessem destruído seus vinhedos. Este é um caso no qual, em que pese a escassez de trigo chegou a proibir-se a interferência na produção de vinho e de azeite.

De maneira que temos a imagem de uma fome na qual o luxo continua sendo possível. Sempre há algo que funciona muito mal quando alguns podem ter muito e outros têm muito pouco, quando alguns vivem rodeados de luxo e outros passam miséria. A sociedade onde tais injustiças são permitidas, está em franca decadência e corre de maneira acelerada para com sua ruína final. Quando os que têm perderam seu sentido de responsabilidade pelos que não têm, o desastre é iminente.

Há um detalhe muito interessante que alguns sugeriram que se pode deduzir desta passagem. A voz que anuncia os preços do trigo e da cevada provém dentre os quatro seres viventes. Já dissemos que estas quatro criaturas muito possivelmente representem o que tem de mais nobre na natureza. É possível, então, que tenhamos aqui um protesto, posto nos lábios da própria natureza, pela situação de desequilíbrio que há entre os homens. A tragédia da vida quase sempre foi que a natureza produz suficiente e mais que suficiente, mas que há muitos que nunca recebem os benefícios dessa abundância.

A injustiça quase sempre está na distribuição das riquezas. João, então, está-nos dizendo, em sua linguagem simbólica, que a própria natureza protesta por esta injustiça, pois seus dons são usados de maneira

egoísta e irresponsável quando os que se beneficiam são uns poucos que vivem no luxo, enquanto a maioria padece miséria e escassez. A própria estrutura da terra protesta contra o total egoísmo das minorias irresponsáveis que são capazes de sacrificar o bem-estar geral em favor de seu vício pelo luxo.

O CAVALO AMARELO DA PESTE E DA MORTE

Apocalipse 6:7-8

Ao nos aproximarmos desta passagem devemos lembrar, mais uma vez, que não nos descreve o fim em si, mas os sinais que precedem o fim. É por isso que somente uma quarta parte da Terra é afetada pela peste. Serão tempos terríveis, mas não os tempos da destruição final e total. Em que pese ser horrível, a tribulação não irá além de certos limites, de maneira que a vida não desapareça totalmente da face da Terra.

A imagem é sombria. O cavalo, segundo nossa tradução, é amarelo. Em realidade, em grego diz *chloros*, que significa lívido, a cor no rosto da pessoa que recebeu uma impressão apavorante. Uma complicação mais aparece pelo uso da palavra morte, *tánatos*, num duplo sentido. *Tánatos* significa tanto morte como peste. No v. 10 deve traduzir-se por "morte", e no v. 11 por "peste".

João escreveu numa época quando as pestes e a morte verdadeiramente devastavam o mundo. Neste caso, entretanto, as imagens ele não as extrai de sua própria experiência mas do Antigo Testamento. Nesta parte da Bíblia muito freqüentemente fala-se de "os quatro juízos terríveis". Ezequiel escuta a Deus anunciando o dia quando enviará sobre Jerusalém seus "quatro juízos terríveis" (Ezequiel 14:21): a espada, a fome, a invasão de bestas daninhas e a peste. Em Levítico há uma passagem na qual se descrevem os castigos que Deus enviará sobre o povo por causa de suas desobediências. As feras roubarão seus filhos e destruirão seus gados, diminuindo seu número. A espada vingará suas

transgressões da Aliança. Quando se juntarem em suas cidades a praga fará estragos entre eles.

Quebrará o caule do trigo e comerão mas nunca chegarão a sentir-se satisfeitos (Levítico 26:21-26). João está usando, aqui, as imagens tradicionais do que sucede quando Deus descarrega sua ira sobre o povo desobediente.

Por trás se declara a verdade indubitável de que nenhum homem e nenhuma nação podem escapar às conseqüências de seus pecados.

AS ALMAS DOS MÁRTIRES

Apocalipse 6:9-11

Ao romper o quinto selo João tem a visão das almas dos mártires que morreram por sua fé.

Jesus falou com clareza sobre o sofrimento e o martírio que seus seguidores deveriam suportar: “Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome” (Mateus 24:9, 10; Marcos 13: 9-13; Lucas 21:12, 18; veja-se também João 16:2). O seguidor de Jesus Cristo não poderá queixar-se de não ter recebido claras advertências sobre o que se podia esperar que sucedesse por causa de sua fé.

Aqui, então, temos a imagem das almas dos mártires. A idéia de um altar no céu aparece mais de uma vez no Apocalipse (8:5, 14:18). Não é uma idéia totalmente nova. Quando se fizeram os móveis e adornos do Tabernáculo, seguiu-se desenhos que Deus possuía e que deu a conhecer aos artesãos (Êxodo 25:9, 40; Números 8:4; Hebreus 8:5, 9:23). Os que escreveram sobre o Tabernáculo ou o Templo e os objetos que estes continham estavam convencidos de que no céu já existiam seus respectivos modelos. Sendo assim, não seria difícil pensar que segundo estes autores, no céu havia um altar.

As almas dos que tinham sofrido o martírio estão debaixo do altar. A imagem está tomada diretamente do ritual de sacrifícios do templo.

Para um judeu, a parte mais sagrada do sacrifício era o sangue; pensava-se que o sangue era a vida; a vida pertencia a Deus e a nenhum outro (Levítico 17:11.-14). Por isso mesmo, a oferta do sangue estava rodeada de especificações muito detalhadas e especiais...

"Também daquele sangue porá o sacerdote ... todo o restante do sangue do novilho derramará à base do altar do holocausto, que está à porta da tenda da congregação" (Levítico 4:7). Quer dizer, o sangue, a vida, oferece-se à base altar.

Daqui podemos tirar o significado de nosso texto em Apocalipse. As almas dos mártires estão debaixo do altar. Quer dizer, o sangre-vida dos mártires foi derramado como oferta e sacrifício a Deus. Paulo também expressa esta idéia da oferta da vida dos mártires como sacrifício a Deus. Diz que ele desfrutará se chegar a ser dedicado como em sacrifício (Filipenses 2:17). Está preparado para ser "oferecido por aspersão de sacrifício" (2 Timóteo 4:6). Na época dos Macabeus os judeus tiveram que suportar terríveis sofrimentos por causa de sua fé. Houve uma mãe cujos sete filhos foram ameaçados de morte por causa de suas inflexíveis convicções religiosas. Ela os estimulou a não ceder; lembrou-lhes como Abraão não se tinha negado a oferecer a Isaque em sacrifício. Disse-lhes que quando chegassem à glória deviam aproximar-se de Abraão e dizer que embora ele tinha construído um altar de sacrifício, sua mãe tinha edificado sete.

No judaísmo posterior dizia-se que o arcanjo Miguel era o encarregado de sacrificar, num altar no céu, as almas dos justos e dos que tinham sido estudantes assíduos da Lei. Quando Inácio de Antioquia dirigia-se a Roma para ser cremado vivo, sua oração foi pedir a Deus que o encontrasse um sacrifício digno.

Aqui encontramos uma grande e consoladora verdade. Quando um homem bom morre por amor à verdade, pode parecer uma tragédia e um desastre. Pode parecer um extravagante desperdício de uma vida útil. Pode parecer a obra de homens ímpios e perversos. Pode parecer todas estas coisas juntas. Mas qualquer vida que se entregue na defesa da

justiça, da verdade e de Deus é muito mais que tudo isto: é um sacrifício e oferta apresentada a Deus e aceita por Ele.

A PERGUNTA DOS MÁRTIRES

Apocalipse 6:9-11 (continuação)

Há três coisas, nesta seção, que devem destacar-se.

(1) Aqui temos a pergunta eterna dos justos que sofrem: "Até quando?" Foi o lamento e a pergunta do salmista: Até quando se permitirá aos pagãos afligir e oprimir e perseguir os justos de Deus? Até quando se permitirá que os pagãos torturem aos crentes perguntando-lhes onde está Deus e o que está fazendo? (Salmo 79:5-10). Deve lembrar-se que quando os crentes se faziam estas perguntas, estavam confundidos pela aparente inatividade de Deus, mas não duvidavam que Deus finalmente agiria e reivindicaria o justo.

(2) Aqui temos, além disso, uma imagem que é muito facilmente criticável. Os justos queriam ver com seus próprios olhos o castigo dos iníquos. Uma das coisas que pode ser difícil de aceitarmos é que parte da alegria do céu possa ser contemplar os sofrimentos dos condenados no inferno. Na *Assunção de Moisés* um autor judeu (10:10) ouve a seguinte promessa, proveniente de Deus:

> E olharás do alto e verás os teus inimigos no Geena.
> E os reconhecerás e te alegrarás.
> E dará graças a teu Criador e confessarás o seu nome.

Anos mais tarde Tertuliano (*Sobre os espetáculos*, 30) escarnecia-se dos pagãos e de seu amor pelos espetáculos dizendo que os cristãos desfrutariam de um espetáculo superior quando chegassem ao céu e vissem seus perseguidores pagãos retorcendo-se de dor no inferno.

> Vocês gostam de presenciar espetáculo; esperem e então verão o maior de todos os espetáculos, o juízo final e eterno do universo, Como me admirarei, como rirei e me alegrarei, quando vir a tantos monarcas

orgulhosos, que pretendem ser deuses, gemendo nos abismos mais profundos das trevas; e a outros tantos magistrados que perseguiram o Nome do Senhor, derretendo-se em chamas muito mais potentes que as chamas com que eles queimaram os cristãos; e a outros tantos eruditos confundidos, avermelhando o calor do fogo, junto com seus confundidos alunos; e a outros tantos poetas tremendo perante o tribunal, não de Minos, mas de Cristo; e a outros tantos comediantes, representando seu melhor papel de dor, ao ser este real em suas próprias carnes; e a outros tantos bailarinos, contorcendo-se no suplício eterno!

É muito fácil escandalizar-se pelo espírito de vingança que animava a alguém capaz de escrever estas coisas. Mas devemos lembrar as coisas que estes homens tiveram que suportar. Devemos lembrar a agonia das piras crematórias, a arena das feras selvagens e famintas, os refinamentos de sádica tortura que sofreram. É muito fácil para uma geração de crentes que nunca precisou resistir até a morte, opinar que tais expressões estão fora de lugar nos lábios de um cristão. Somente teremos o direito de criticá-los no dia que nós também tenhamos que atravessar pela mesma agonia.

(3) Por outro lado, aqui encontramos outra idéia judia. Os mártires devem descansar em paz durante um pouco mais de tempo, até que seja completado o número dos que devem sofrer o martírio. Os judeus sustentavam que o drama da história deve desenvolver-se íntegro antes que sobrevenha o fim. Deus não moverá um dedo até que não se cumpra a cifra por Ele mesmo determinada de martírios (4 Esdras 4:36). Há uma certa quantidade de justos que devem ser oferecidos em sacrifício (Enoque 47:4). O Messias não virá até que tenham nascido todas as almas que devem nascer. A mesma idéia encontra eco na oração fúnebre do Livro de Oração Comum, da Igreja Anglicana, na parte que diz: "Apraza-te completar logo o número de teus escolhidos, para que se cumpra, então, a vinda de seu Reino". A noção é curiosa. Mas atrás dela está a idéia de que toda a história está nas mãos de Deus, e que nela e

através dela Deus está realizando seus desígnios, até a culminação de todo o processo com o cumprimento de seu plano de amor e salvação.

A COMOÇÃO UNIVERSAL

Apocalipse 6:12-14

João usa, nesta passagem, imagens que eram bem conhecidas de seus leitores judeus. Os judeus sempre tinham pensado no fim da história como um momento quando o universo seria sacudido e se produziria uma onda cósmica de destruição e cataclismo. Na imagem aparecem cinco elementos, que podem ilustrar-se abundantemente com exemplos do Antigo Testamento e dos livros que se escreveram entre o Antigo e o Novo Testamento.

(1) O *terremoto*. Ao vir o Senhor a terra tremerá (Amós 8:8). Haverá um grande sacudimento em Israel (Ezequiel 38:19). A terra se sacudirá e os céus tremerão (Joel 2:10). Deus sacudirá os céus, a terra seca e o mar (Ageu 2:6). A terra tremerá e será sacudida até seus limites; as montanhas cairão (Assunção de Moisés 10:4). A terra se abrirá e das gretas sairá fogo (4 Esdras 5:8). Quem se livrar da guerra morrerá no terremoto; e quem se livrar do terremoto morrerá no fogo; e quem se livrar do fogo morrerá na fome (2 Baruque 70:8). Antes de nascer o novo mundo de Deus, a velha terra será arrasada por uma onda de destruição, segundo as expectativas dos videntes hebreus.

(2) O *escurecimento do Sol e da Lua*. O Sol se porá ao meio-dia, e no meio da luz diurna a Terra será invadida pelas trevas da noite (Amós 8:8). As estrelas não brilharão, o Sol se escurecerá e a Lua não derramará seu resplendor sobre a Terra (Isaías 13:13). Deus cobrirá o céu com um pano de trevas, fará com que seu vestido seja uma túnica de silício (Isaías 50:3). Deus escurecerá as estrelas e cobrirá o Sol com uma nuvem (Ezequiel 32:7). O Sol se tornará em trevas, a Lua será ficará como sangue (Joel 2:31). Os raios do Sol se romperão e sua luz se converterá em trevas; a Lua não dará sua luz e se converterá em sangue; o círculo

das estrelas será quebrado (Assunção de Moisés 10:4, 5). O Sol escurecerá e a Lua não dará a sua luz (Mateus 24:29; Marcos 13:24; Lucas 23:45). No tempo final, conforme viam os videntes em suas visões, a terra seria coberta por horripilantes trevas.

(3) A *queda das estrelas*. Para o judeu esta idéia era particularmente terrível. Segundo sua visão do universo, a ordem do céu era a mera prova e garantia da incomovível fidelidade de Deus. Se desaparecia a regularidade dos céus, nada mais restava, exceto o caos. O anjo pede a Enoque que olhe os céus, e como neles as estrelas nunca mudam de órbita, nem transgridem a ordem que se lhes assinalou (Enoque 2:1). Enoque viu as habitações do Sol e da Lua, e como estes saem e voltam a entrar, sem terem mudado suas órbitas, sem ter-lhes agregado nada nem tirado nada (Enoque 41:5). Para o judeu o cúmulo do caos era um mundo no qual as estrelas abandonam suas órbitas para cair sobre a Terra. Mas no tempo final as hostes celestiais serão dissolvidas, e as estrelas cairão como as folhas caem da videira, ou o figo da figueira (Isaías 34:4). As estrelas cairão dos céus, e os poderes dos céus serão abalados (Mateus 24:29). O firmamento cairá sobre o mar, e uma catarata de fogo reduzirá o céu e as estrelas ao estado de uma massa fundida (Oráculos Sibilinos 3:83). As estrelas transgredirão suas ordens e mudarão suas órbitas (Enoque 80:5-6). Mudarão as saídas das estrelas (4 Esdras 4:5). Os tempos finais serão tão terríveis que neles até os objetos mais regulares e firmes do universo ingressarão na desordem e no caos.

(4) O *enrolamento do céu*. A imagem que temos nesta passagem é a de um rolo que se mantém aberto. Este rolo se racha pela metade e volta a enrolar-se sobre seus dois extremos, como ocorre com qualquer papel que, tendo estado durante muito tempo enrolado, se for novamente desenrolado. Deus sacudirá os céus (Isaías 13:3). Os céus se enrolarão como um rolo de papiro (Isaías 34:4). Serão mudados, como a pessoa muda uma veste, e serão dobrados (Salmo 102:25 26). No tempo final o firmamento se rachará pela metade.

(5) Os *movimentos das montanhas e das ilhas no mar*. As montanhas tremerão e as colinas mudarão de lugar (Jeremias 4:24). As montanhas serão sacudidas e as colinas derreterão (Naum 1:5). João viu um tempo no qual as coisas mais sólidas seriam sacudidas, e quando até as ilhas rochosas, como Patmos, seriam levantadas de seus fundamentos.

De tudo isto se pode ver que, mesmo quando estas imagens nos possam parecer estranhas, não há nelas nada que não tenha sido tomado das descrições do fim dos tempos que encontramos no Antigo Testamento ou nos livros que se escreveram no período intertestamentário. Não devemos pensar que estas imagens devem interpretar-se de maneira literal. O que importa nelas é que os profetas, os videntes e João escolhem os eventos mais apavorantes que podem conceber-se e os reúnem numa mesma cena, terror sobre terror, caos sobre caos, para nos descrever o que concebem como a situação do fim da história. Hoje, com o aumento de nossos conhecimentos científicos, poderíamos descrever estes mesmos terrores de maneira diferente, mesmo quando talvez nossa descrição coincidiria, em grande parte e de maneira estranha, com a que nos faz João. Mas não é a imagem que importa, em realidade. O que importa é o terror que se vai apoderar da Terra, segundo as visões dos profetas judeus e de João, quando Deus invada a Terra no momento prévio enfim.

O TEMPO DO TERROR

Apocalipse 6:15-17

Tal como João viu em sua visão, o fim do tempo seria um período de terror universal. Aqui, novamente, podemos comprovar que João está trabalhando com imagens que eram bem conhecidas dos leitores habituais do Antigo Testamento e dos escritos do judaísmo posterior. Quando viesse o Dia do Senhor os homens teriam medo; sofreriam de dores como a mulher que está de parto; uns aos outros manifestariam sua surpresa (Isaías 13:6, 8). Nessa época, mesmo o homem forte choraria

com amargura (Sofonias 1:14). Os habitantes da terra tremerão (Joel 2:1). Seriam aterrorizados pelo medo; não ficaria lugar onde esconder-se nem aonde fugir; os filhos da Terra tremerão e serão sacudidos (Enoque 102:1-3). Deus virá para ser testemunha contra seu povo pecador (Miquéias 1:1-4). Deus será como o fogo do refinador de metais (Malaquias 3:1-3). O Dia do Senhor é grande e terrível, e quem poderá suportar? (Joel 2:11). Os homens pedirão às montanhas que os cubram e aos montes que caiam sobre eles (Oséias 10:8), palavras que Jesus citou em seu caminho rumo à cruz (Lucas 23:30).

Esta passagem diz duas coisas significativas com relação a este terror.

(1) É um terror universal. O versículo 7 fala sobre os reis, os capitães, os poderosos, os ricos, os fortes, os escravos e os homens livres. Assinalou-se que estas sete palavras abrangem a totalidade da urdidura da sociedade humana. Ninguém está excetuado do juízo de Deus. Os grandes e poderosos podem muito bem ser os governadores romanos que perseguem a igreja; os capitães são as autoridades militares. Entretanto, por maior e poderoso que seja um governador, por mais tremendo que seja seu poder, deverá submeter-se ao juízo de Deus. Por mais rico que seja um homem, por mais forte que seja, estará sujeito ao juízo de Deus. Alguns podem crer-se livre, mas, todos estão sob a direção e o controle de Deus. Talvez seja um escravo, que se crê sem importância alguma, e que precisamente por sua insignificância pensa que não será levado em conta no dia do juízo. Este versículo declara de maneira inconfundível que toda a sociedade humana, dos mais elevados até os mais humildes, está submetida ao juízo de Deus e sujeita a seu temor.

(2) Em sua visão do dia do Senhor, João vê a muitos que buscam algum lugar para ocultar-se. Aqui temos a grande verdade de que o primeiro instinto do pecado é esconder-se. No Jardim do Paraíso Adão e Eva a primeira coisa que fizeram depois de ter pecado foi esconder-se (Gênesis 3:8).

H. B. Swete diz: "O maior temor dos pecadores não é a morte mas sim a manifestação plena da presença de Deus". O mais terrível do pecado, é que transforma o homem num fugitivo de Deus; e o mais maravilhoso da obra de Jesus Cristo é que coloca o homem numa relação com Deus na qual o pecador já não precisa fugir ou esconder-se porque sabe que pode lançar-se nos braços do amor e misericórdia de Deus.

(3) Notaremos um último detalhe. Aquilo do qual fogem os homens é a *ira do Cordeiro*. Aqui temos o paradoxo. Não é fácil relacionar o Cordeiro com a ira; o Cordeiro em geral representa a bondade e a suavidade. Mas aqui se estabelece o fato extraordinário de que a ira de Deus é a ira do amor. A ira de Deus não é a ira destrutiva do ódio, que se propôs arrebentar e destruir, mas sim a ira do amor, que mesmo em sua ira age para salvar, para remediar e para redimir aos que ama.

Apocalipse 7

O resgate e a recompensa - 7:1-3
Os ventos de Deus - 7:1-3 (cont.)
O Deus vivo - 7:1-3 (cont.)
O selo de Deus - 7:4-8
A quantidade dos fiéis - 7:4-8 (cont.)
A glória dos mártires - 7:9-10
O louvor dos anjos - 7:11-12
Os que são lavados de seus pecados - 7:13-14
O sangue de Jesus Cristo - 7:13-14 (cont.)
Os santos que lavaram suas vestiduras no sangue do Cordeiro - 7:13-14 (cont.)
O sacrifício de Cristo e sua apropriação por parte do homem - 7:13-14 (cont.)
O serviço na glória - 7:15
A alegria dos bem-aventurados - 7:16-17
O Pastor divino - 7:16-17 (cont.)

O RESGATE E A RECOMPENSA

Apocalipse 7:1-3

Antes de iniciar o tratamento detalhado deste capítulo, será conveniente desdobrar em sua totalidade a imagem que nos apresenta.

João está vendo o que sucederá nos últimos e mais terríveis dias da história. Em particular, sua visão dá a conhecer a grande tribulação que há de sobrevir. Nos últimos dias se produzirá uma grande tribulação, tal como jamais se viu na terra desde o começo dos tempos (Mateus 24:21; Marcos 13:19). Nesta tribulação por vir se produzirá o ataque final de todo mal e poder demoníaco, e a final devastação, desolação e destruição da Terra. É a fim de cumprir seu rol nesta devastação que os ventos estão esperando, contidos ainda durante um pouco de tempo. Antes que venha este tempo de terror e devastação, os fiéis têm que ser marcados com o selo de Deus, a fim de poder sobreviver os terrores do fim. Isto não significa que ficarão excetuados do terror; não se diz que se os resgatará dos perigos, mas devem atravessar a salvo as tribulações. Sofrerão, mas não serão parte da destruição total que devastará a terra..

A imagem que João nos descreve é terrível; mesmo se os fiéis consigam sobreviver, deverão, entretanto, sofrer a grande tribulação. E esta é a perspectiva que pode fazer tremer ainda ao mais valente.

Por isso, no versículo 9 os alcances da visão de João se estendem para além de seus primeiros limites; vê os fiéis depois da grande tribulação, uma vez que esta passou, depois que eles a atravessaram a salvo. E os encontra inundados de uma paz perfeita, de uma alegria perfeita, na total satisfação que oferece ao crente a presença de Deus. Os últimos tempos eles o poderão enfrentar com horrores inexprimíveis, mas quando tiverem atravessado este período entrarão numa alegria do mesmo modo inenarrável.

De maneira que há três elementos nesta imagem:

(1) Há uma advertência. Vem o último tempo de tribulação, sem paralelos, inconcebível para a mente humana; e vem logo.

(2) Há uma segurança. Nesse tempo de destruição os fiéis sofrerão terrivelmente, mas sobreviverão ilesos, porque estão selados com o selo de Deus.

(3) Há uma promessa. Quando tiverem atravessado esse tempo, chegarão à bem-aventurança e beatitude na qual já não haverá mais tristeza nem dor, e só se experimentará, pelos séculos dos séculos, a paz e a eterna alegria.

Trata-se, pois, de uma mensagem alentadora para os que esperam uma época terrível e inescapável, além da qual está a bem-aventurança na presença de Deus.

OS VENTOS DE DEUS

Apocalipse 7:1-3 (continuação)

Toda esta visão está expressa em termos e segundo concepções que eram comuns nos dias em que João escreveu. A Terra é plana e quadrangular; em seus quatro extremos há quatro anjos que estão esperando sua vez para desatar os ventos da destruição, quando receberem a voz de ordem para fazê-lo. Naqueles dias não se sabia que a Terra em realidade é uma esfera; pensavam que sua forma era quadrada, que era plana e que repousava sobre as águas. Isaías, por exemplo, fala de reunir os dispersos de Israel dos quatro extremos da Terra (Isaías 11:12). Em Ezequiel o fim alcança os quatro extremos da Terra (Ezequiel 7:2). Não podemos pretender encontrar concepções científicas modernas numa época tão anterior à nossa, quando nossos meios de conhecimento não existiam. A imagem que temos aqui é a de uma Terra chata com quatro ângulos em seus extremos, como os quatro ângulos de um quadrado.

Uma das crenças antigas era que os ventos que sopravam do Norte, do Sul, do Este e do Oeste eram ventos bons e favoráveis, enquanto que os outros ventos, que sopravam em diagonal (do Sudeste, por exemplo, ou do Noroeste) eram daninhos. É por isso que os anjos estão nos quatro

extremos da Terra. Estão a ponto de desatar os ventos que sopram em diagonal. Também era comum crer que as forças da natureza estavam a cargo e sob a administração de anjos. Assim, por exemplo, lemos a respeito do anjo do fogo (Apocalipse 14:18) e do anjo das águas (Apocalipse 16:5). Estes eram chamados "anjos servidores". Pertenciam à ordem mais baixa dos anjos, porque suas obrigações os mantinham sempre em seus lugares de serviço e portanto não podiam observar o Sabbath, ou dia de repouso. Dizia-se que os judeus piedosos que observavam rigorosamente o descanso sabático pertenciam a uma categoria superior à ordem destes anjos.

Aqui se pede aos anjos servidores dos ventos que contenham sua fúria até terminar a tarefa de selar todos os crentes fiéis. Esta idéia tem mais de um eco na literatura judia. Em Enoque os anjos das águas sabem conter as águas, a pedido de Deus, até que Noé termine a construção do arca e possa escapar (Enoque 66: 1-2). Em 2 Baruque os anjos das tochas acesas são obrigados a conter o fogo, durante o saque de Jerusalém pelos babilônios, até que se tenham podido ocultar num lugar seguro os copos sagrados do Templo (2 Baruque 6:4). Mais de uma vez vemos conter-se a fúria das forças destrutivas até que os fiéis estejam em bom refúgio.

Uma das idéias interessantes e pitorescas do Antigo Testamento é que os ventos são servos e agentes de Deus. É especialmente assim com relação ao siroco, o vento quente do Sudeste, que sopra seu ar quente como o ar que sai da boca de um forno, destruindo e secando toda a vegetação. Em Zacarias encontramos a imagem dos carros dos ventos que se dispersam depois de terem estado diante do Senhor da Terra (Zacarias 6:1-5). Naum fala do Senhor que faz seu caminho no vento como torvelinho (o siroco, precisamente) do Sul (Zacarias 9:14). Os ventos são a carruagem de Deus (Jeremias 4:13). Deus vem com seus carros como um torvelinho (Isaías 66:15). O vento é a respiração de Deus (Jó 37:9-10). O vento é capaz de partir montanhas (1 Reis 19:11), secar o pasto (Isaías 40:7, 24), os cursos de água, dos rios e do mar (Naum 1:4, Salmo 18:15).

Tão terrível era o efeito do siroco que mereceu seu lugar na descrição dos últimos dias. Um dos terrores que precederia o fim era uma terrível tormenta. Deus destruiria a seus inimigos com esse vento (Salmo 93:13). O Dia do Senhor seria um dia de vento como torvelinho (Amós 1:4). O torvelinho de Deus é um produto de sua fúria, e cai sobre a cabeça dos ímpios (Jeremias 23:19; 30:23). O vento do Senhor, o siroco, virá do deserto e destruirá a fertilidade da terra (Oséias 13:15). Deus enviará seus quatro ventos sobre Elão e esparramará a seu povo (Jeremias 49:36).

Aqui temos algo que para muitos será difícil de entender. O habitante das cidades e até o camponês das zonas temperadas não conhece o terror do vento. Mas aqui há algo mais, de maiores conseqüências e muito mais característico do modo judeu de pensamento. Foi dito da seguinte maneira: Os judeus não conheciam nem reconheciam a existência de causas secundárias. Nós dizemos que há certas condições atmosféricas e meteorológicas, certas alterações na pressão do ar, certas configurações topográficas que causam determinados efeitos climáticos. Os judeus sempre atribuíam os fenômenos naturais à ação direta de Deus. Nós explicamos a chuva, o vento, os raios e os trovões, recorrendo a suas causas científicas; o judeu dizia, simplesmente, que Deus enviava a chuva, que Deus fazia com que os ventos soprassem, que Deus fazia rugir os trovões e enviava, para preceder seu som, seus raios. No pensamento judeu tudo se atribuía à ação direta de Deus; nós tendemos a atribuir os fenômenos naturais a causas secundárias.

Os povos antigos viviam num mundo que estava cheio de Deus; viam a mão de Deus em todas as coisas; sua ação era a causa direta de tudo o que sucedia a seu redor. Sem dúvida ambos os pontos de vista, o antigo e o nosso, são corretos; porque nós seguimos crendo, é obvio, que é Deus aquele que age através das leis com que ordenou e governa seu universo.

O DEUS VIVO

Apocalipse 7:1-3 (continuação)

Antes que a grande tribulação açoite a Terra, os fiéis crentes devem ser marcados com o selo de Deus. Há duas coisas importantes que se devem destacar aqui.

(1) O anjo que traz o selo vem do lugar no horizonte onde sai o Sol, o Este. Todos os detalhes das imagens que nos descreve João significam algo. Há duas coisas que pode significar o lugar de proveniência do anjo que traz o selo.

(a) É pelo Este que se eleva o Sol, o principal doador da luz e da vida no universo; o anjo pode representar a luz e a vida que Deus dá a seu povo até em tempos de tribulação, quando a morte e a destruição andam soltas.

(b) É possível que João evoque um detalhe da história do nascimento de Jesus. Neste relato os reis do Oriente vêm a Palestina buscando o rei que nasceu, porque, segundo sua própria expressão, "Vimos a sua estrela no Oriente" (Mateus 2:2). É natural que o anjo do selo provenha do mesmo lugar de onde saiu a estrela que anunciava o nascimento do Salvador.

(2) O anjo tem o selo que pertence ao Deus vivo. "O Deus vivo" é uma frase favorita dos escritores bíblicos. Quando a usam, há certas coisas que esta expressão evoca neles.

(a) Pensam no Deus vivo em oposição aos deuses mortos dos pagãos. Isaías tem uma passagem no qual se escarnece ironicamente e de maneira sublime dos pagãos e de seus deuses mortos, deuses que foram fabricados por suas próprias mãos. Descreve a imagem de um pagão que está fazendo um deus (Isaías 44:9-17). O deus está feito com madeira; parte desta é usada como lenha para o fogo, depois de ter esculpido a imagem, com ela se esquenta, cozinha seu pão e asa sua carne. Que contraste entre essa parte de madeira esculpida e o Deus vivo

de Israel! Os deuses pagãos estão mortos e foram criados pelos homens; nosso Deus está vivo e é o criador de todas as coisas.

(b) A idéia do Deus vivo usa-se a modo de consolo. Em meio de suas lutas, Josué lembra a seu povo que com eles está o Deus vivo e que por ser assim saberá mostrar seu poder na vitória contra seus inimigos (Josué 3:10). Quando o crente enfrenta uma situação difícil, quando tem em suas mãos uma tarefa que requeira mais que todo o esforço que ele pode contribuir, o Deus vivo está com ele, acompanha-o e o socorre.

(c) Só no Deus vivo pode obter una-se satisfação plena. É pelo Deus vivo que a alma do salmista sofre, ofegante (Salmo 42:2). O homem nunca pode encontrar uma satisfação total nas coisas e, em última análise, um ídolo é uma coisa. Só o pode satisfazer a relação de amizade, camaradagem e amor com uma pessoa. Sua satisfação maior é a que pode obter na relação com o Deus vivo.

(d) Os escritores bíblicos sublinham o privilégio que significa conhecer e pertencer ao Deus vivo. Oséias lembra ao povo de Israel que num tempo não eram um povo, mas que graças à misericórdia divina se converteram em filhos do Deus vivo (Oséias 1:10). Nosso privilégio é poder desfrutar da amizade, a comunhão, a ajuda, o poder e a presença do Deus vivo.

(e) Na idéia do Deus vivo há, ao mesmo tempo, uma promessa e uma ameaça. 2 Reis narra de maneira muito vívida como o grande rei Senaqueribe enviou seu representante Rabsaqué ao rei Ezequias para lhe comunicar que seu propósito era apagar da face da Terra ao povo de Israel. Humanamente falando o pequeno reino do Judá não tinha possibilidades de sobreviver se o poderio de Assíria se precipitasse sobre ele. Mas junto a Israel estava o Deus vivo, e o Deus vivo era uma ameaça para a impiedade de Assíria e uma promessa para a fidelidade de Israel (2 Reis 18:17-37). Na idéia do Deus vivo há uma ameaça para o homem que ignora a Deus, e uma promessa para aquele que tem posta sua confiança nEle.

O SELO DE DEUS

Apocalipse 7:4-8

Os que têm que atravessar a grande tribulação sem ser aniquilados por ela são selados sobre suas frentes. A origem desta imagem é, muito possivelmente, Ezequiel 9. Em Ezequiel, antes que comece a matança final, o homem que tem o tinteiro imprime uma escritura na fronte dos fiéis e os vingadores recebem a ordem de não tocar nos que estejam deste modo assinalados (Ezequiel 9:1-7).

A idéia do selo real era muito significativa no Oriente. Os reis orientais levavam um anel-selo com o qual autenticavam os documentos que contavam com sua autorização e marcavam tudo o que pertencia a sua propriedade pessoal. O selo era o sinal de autenticação, a garantia da autoridade real. Quando Faraó designou José para ser seu representante e primeiro-ministro, entregou-lhe seu anel-selo para significar que podia agir por autoridade delegada em nome do soberano (Gênesis 41:42). Do mesmo modo, Assuero deu seu selo a Hamã, primeiro, e depois, quando as tramóias do Hamã foram reveladas a Mordecai (Ester 3:10, 8:2). A pedra com que se encerrou a Daniel na cova dos leões foi selada (Daniel 6:17), assim como a pedra com que os judeus pretenderam assegurar a entrada à tumba de Jesus (Mateus 27:66).

Mais freqüentemente, um selo indicava procedência ou possessão. O comerciante selava o fardo com suas mercadorias para indicar que lhe pertencia; o dono de uma vinha selava as jarras de seu vinho, para indicar que provinham dela e contavam com sua garantia de qualidade. De maneira que quando estes homens eram selados, queria indicar que pertenciam a Deus e estavam sob o seu poder e autoridade.

Na Igreja Primitiva esta imagem do selo se relacionava especialmente com duas coisas.

(a) Relacionava-se com o batismo. O batismo se descrevia muito freqüentemente como um selo. Era como se, ao ser batizada, a pessoa

passasse a possuir em seu corpo uma marca que o distinguia como possessão de Deus.

(b) Paulo fala várias vezes do selo que o cristão recebe ao ser-lhe enviado o Espírito Santo. A posse do Espírito Santo, em outras palavras, era a prova e garantia de que o crente pertencia verdadeiramente a Deus. O Espírito dá sabedoria e conhecimento, guia e poder em tal medida e modo que aqueles que o possuem ficam assinalados entre os homens como homens e mulheres de Deus. O verdadeiro cristão está marcado com o selo do Espírito, que o capacita em sabedoria e poder, a fim de que enfrente a vida de maneira em que os outros não podem fazer.

A QUANTIDADE DOS FIÉIS

Apocalipse 7:4-8 (continuação)

Há várias observações que podem apontar-se aqui, que nos ajudarão a interpretar melhor esta passagem.

(1) Com relação ao número 144.000 podem dizer-se duas coisas.

(a) É bem evidente que o número não representa a todos os fiéis de todas as gerações de crentes. Os 144.000 são os que seriam selados na época de João para que sobrevivessem à grande tribulação pela que estavam a ponto de atravessar. Em seu devido momento, como veremos no versículo 9, estes se integrariam à grande massa extraída de todas as nações e de todos os povos da Terra. Estes 144.000 são, então, os que serão preservados através dos sofrimentos e tribulações que João via como iminentes, em sua época e lugar.

(b) O número 144.000 não é uma limitação, pois representa a cifra completa e perfeita dos crentes em Jesus Cristo. Está concebida a partir da multiplicação de 12 por 12, o quadrado perfeito, que por sua vez é multiplicado por 1.000 para que seja ainda mais inclusivo e completa. Longe de ser uma quantidade limitante e excludente, este número é, no imaginário judeu, a quantidade que inclui tudo, que é perfeita em seu conteúdo e completa. Isto não quer dizer que a quantidade dos que se

salvarão será muito reduzida, mas sim precisamente o oposto: que nenhum dos salvos, e seu número será imenso, carecerá da proteção de Deus no momento da prova.

(2) A enumeração em termos das doze tribos de Israel não deve interpretar-se no sentido de que os redimidos são somente judeus. Uma das idéias fundamentais do Novo Testamento é que a Igreja é o verdadeiro Israel, e que o Israel étnico perdeu suas prerrogativas e privilégios, tendo sido estes outorgados à Igreja. Paulo escreve o seguinte: "Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus" (Romanos 2:28-29). "Nem todos os nem todos os de Israel são, de fato, israelitas" (Romanos 9:6, veja-se também 7). Se alguém for de Cristo, pertence à semente de Abraão e é o herdeiro de sua promessa (Gálatas 3:29). A Igreja é o Israel de Deus (Gálatas 6:16). Os cristãos são a verdadeira circuncisão, os que adoram a Deus em espírito, os que se alegram em Cristo Jesus, e os que não têm sua confiança posta na carne (Filipenses 3:3). Mesmo se esta passagem menciona as doze tribos de Israel, a referência é à Igreja de Deus, que é o novo Israel, o Israel de Deus.

(3) Seria um erro dar um significado especial à ordem em que se mencionam as doze tribos, porque as listas das tribos, conforme as encontramos no Antigo Testamento e em outras fontes, variam muito em suas ordens. Mas há duas coisas que se sobressaem,

(a) Judá vem primeiro, tendo suplantado a Rúben, que era o filho mais velho de Jacó. Isto se explica de maneira muito fácil: era da tribo do Judá que nasceu o Messias.

(b) Muito mais interessante é a omissão de Dã. Mas também há uma explicação para esta peculiaridade. No Antigo Testamento Dã nunca ocupa um lugar destacado, e em vários lugares é relacionado com a idolatria. No discurso de Jacó a seus filhos em seu leito de morte Dã é comparado a uma serpente (Gênesis 49:17). Em Juízes os filhos de Dã

têm uma imagem esculpida a qual rendem culto (Juízes 18:30). Os bezerros de ouro foram erigidos em Betel e em Dã (1 Reis 12:29). No imaginário rabínico Dã representava a apostasia idolátrica. Mas ainda temos mais. Há um dito muito curioso em Jeremias 8:16: “Desde Dã se ouve o resfolegar dos seus cavalos; toda a terra treme à voz dos rinchos dos seus garanhões; e vêm e devoram a terra e a sua abundância, a cidade e os que habitam nela.” Este versículo foi interpretado como uma referência à vinda do Anticristo, a futura encarnação do mal; e se chegou a crer entre os rabinos judeus que o Anticristo seria da semente de Dã. Hipólito diz (*Sobre o Anticristo* 14): "Tal como o Cristo nasceu da tribo do Judá, o Anticristo nascerá da tribo de Dã. É por isso que Dã é omitido nesta lista, a qual chega até o número 12 graças à inclusão de Manassés, que em geral figura como filho de José."

A GLÓRIA DOS MÁRTIRES

Apocalipse 7:9-10

Aqui temos o começo da visão da bem-aventurança futura dos mártires.

(1) Nesta passagem encontramos estímulo espiritual. Tal como João vê a história futura, espera aos crentes uma época de prova e terror tal como o mundo jamais viu. Ninguém poderá escapar dela. Sem fuga possível, todos se verão envoltos neste período de tribulação. João sustenta, perante tal perspectiva, que se forem capazes de suportar até o fim, a glória futura valerá por todo o sofrimento. Para dizê-lo de maneira terminante, João sustenta que a longo prazo vale a pena aceitar tudo o que implique, em termos de sofrimento, o martírio que os cristãos deverão suportar como preço de sua fidelidade. Deus nunca ficará em dívida com ninguém, Ele saberá retribuir aos quais sofrerem por sua causa e em seu serviço.

(2) O número dos mártires é maior que qualquer capacidade de contar. Esta expressão pode ser um eco da promessa que Deus fez a

Abraão sobre a quantidade inumerável de seus descendentes (Gênesis 15:5 e Gênesis 32:12). Chegado o fim, a promessa que feita ao patriarca se cumprirá, porque o número dos membros do verdadeiro Israel, o Israel de Deus, será maior que qualquer cálculo humano possível.

(3) João usa aqui uma de suas frases favoritas. Diz que os fiéis de Deus provirão de todas as raças, tribos, povos e línguas (veja-se Apocalipse 5:9; 11:9; 13:7; 14:6; 17:15).

Swete, ao referir-se a esta expressão, pensa que João tomou como modelo "A multidão poliglota e cosmopolita que se amontoava habitualmente nos mercados ou nos cais dos portos nas cidades da Ásia Menor". Qualquer evangelista teria sentido queimar o coração ao contemplar essas multidões que necessitavam a mensagem de Cristo. Aqui temos a promessa de que algum dia a multidão de línguas e raças diversas será um só rebanho sob Nosso Senhor Jesus Cristo, o Grande Pastor. Temos aqui a visão de um mundo para Cristo, tal como a visão de qualquer evangelista fervoroso.

(4) Os fiéis chegam à presença de Deus e do Cordeiro como vencedores. Não aparecem fatigados, castigados e andrajosos, mas sim como conquistadores e vencedores. A túnica branca é símbolo da vitória: os generais romanos celebravam suas vitórias vestidos de branco. A palma é outro símbolo da vitória. Quando graças ao poder dos Macabeus, Jerusalém foi limpa da contaminação que nela tinha introduzido Antíoco Epifânio, o povo voltou a entrar na cidade com ramos de palmeira, cantando salmos (2 Macabeus 10:7). Para o cristão que resiste até o fim, a finalidade é a vitória.

(5) As vozes dos fiéis triunfantes atribuem a salvação a Deus. É Deus quem os conduziu através das provas e tribulações; foi seu poder que os sustentou e é sua glória e vitória a que agora compartilham e recebem. Deus é seu grande salvador, o grande libertador e o grande redentor de seu povo. E a libertação que Deus oferece é a maior de todas as libertações; porque não é a libertação da fuga, mas a libertação da conquista. Não é a libertação que o faz escapar de um dos problemas,

mas a libertação que o leva alguém a atravessar triunfante qualquer situação difícil. Não faz com que a vida seja mais fácil, mas por certo, que seja mais gloriosa. Não faz parte da esperança cristã a visão de uma vida livre de toda tristeza, dor ou conflito; a esperança do cristão é que na fé de seu Senhor e Salvador poderá suportar qualquer tipo de tristeza ou dor, permanecendo erguido perante os conflitos e atravessando vitorioso qualquer luta, até ser coroado pela glória no final.

O LOUVOR DOS ANJOS

Apocalipse 7:11-12

A imagem nos desenha grandes círculos concêntricos, formados pelos habitantes do céu. No círculo exterior, o mais amplo, estão todos os anjos. Mais perto do trono estão os vinte e quatro anciãos, e mais perto ainda os quatro seres viventes. Diante do trono estão os mártires, vestidos com suas túnicas brancas. Os mártires acabam de entoar seu cântico de louvor a Deus, e os anjos tomam seu turno, respondendo antifonalmente "Amém", "Que assim seja", às palavras dos mártires. Então seguem com seu próprio cântico de louvor. Cada uma das palavras que pronunciam é significativa; cada uma das sílabas de cada uma de suas palavras está carregada com a grandiosidade do ser de Deus.

Atribuem a Deus a bênção, e certamente tudo o que existe deve bendizer constantemente a Deus por sua bondade e sua benignidade na criação, na redenção e na providência com que sustenta sua obra. Deus criou, Deus redimiu. Deus para sempre jamais cuida de seu povo. Como o disse um grande santo: "Tu nos tens feito e somos teus: Tu nos redimiste e somos, portanto, duplamente teus". A criação inteira de Deus sem dúvida há de bendizer a Deus por todo o tempo.

Atribuem a Deus a glória. Trata-se do Rei dos reis e do Senhor dos senhores; a Ele, portanto, deve ser dada toda a glória. Os homens nunca devem esquecer a majestade de Deus. Deus é nosso Pai, Deus é Amor; mas a paternidade e o amor nunca devem ser concebidos de maneira

sentimental, barata; porque a Deus devem tributar a adoração e a glória que lhe pertencem por direito próprio.

Atribuem a Deus a sabedoria. Deus é a fonte de toda sabedoria e a origem de toda verdade. Deus é o doador do conhecimento. Os homens buscam sabedoria, mas há apenas dois caminhos para encontrá-la: Mediante a busca infatigável de suas mentes e mediante a paciente espera da revelação direta de parte de Deus. Ambos os caminhos são igualmente importantes. Em ambos os caminhos para encontrar a sabedoria deve haver a determinação de buscá-la. E também deve haver tempo para ouvir e esperar.

Oferecem a Deus ação de graças. Ele é o criador do mundo e o sustentador constante de tudo o que há no mundo. O cântico do salmista foi: "Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios" (Salmo 103:2). Shakespeare disse que ainda mais doloroso que o dente de uma serpente era ter um filho ingrato. Devemos cuidar sempre para não sermos culpados do mais horrível pecado de todos, o mais feio, o pecado da ingratidão.

Atribuem a Deus a honra. Deus é Deus e portanto deve ser adorado. É possível que às vezes, inconscientemente, pensemos que possível usar a Deus, como alguém a quem sempre podemos pedir coisas, como alguém a quem sempre podemos ir com nossas necessidades e desejos não cumpridos. Convém-nos, por isso, lembrar sempre que a Deus devemos adorá-lo, que nos devemos humilhar perante Ele, ajoelhando-nos, e em lugar de lhe elevar nossos pedidos oferecer-nos a nós mesmos a Ele, com tudo o que somos e tudo o que temos.

Atribuem a Deus o poder. O braço de Deus nunca se encurta e seu poder jamais decresce. O mais maravilhoso é que o poder de Deus usa-se para manifestar seu amor para com os homens. Deus não é impotente; Deus realiza seus propósitos ao longo das idades, e quando terminar o tempo se cumprirá sua vontade, finalmente, e terá vindo seu Reino.

Atribuem a Deus a força. O problema da vida é encontrar as forças necessárias para viver, para cumprir as tarefas com que a vida nos

depara; força para responder de maneira adaptada às exigências de nossas responsabilidades. Esta força poderá encontrar-se em Deus, porque o cristão é aquele que deve dizer, "Sairei, revestido da força do Senhor".

Não há exercício mais benéfico na vida de devoção que meditar sobre o louvor dos anjos e, à medida que o fazemos, apropriar-nos de suas palavras, de seus conceitos, para fazer desse louvor nosso próprio cântico espiritual.

OS QUE SÃO LAVADOS DE SEUS PECADOS

Apocalipse 7:13-14

Antes de entrar em tratamento detalhado desta passagem deve assinalar-se uma coisa. João está convencido de que ele e os seus vivem no fim dos tempos. Ele recebeu o dom de ver mais além de "a grande tribulação", e o que vê é a glória que terá que seguir ao terrível momento da prova. Não nos fala, portanto, de uma grande tribulação, em geral, mas especificamente da grande tribulação que precederá o fim, aquela tribulação da qual Jesus Cristo mesmo falou quando disse que sobreviria "naqueles tempos" uma aflição tal como o mundo jamais viu desde o começo da criação até o presente, nem jamais verá (veja-se Marcos 13:19 e Mateus 24:21).

João não está escrevendo em termos gerais; ele o faz para alimentar a coragem e a capacidade de resistência dos cristãos em face de uma situação difícil que para ele é iminente. Hoje muitas vezes lemos esta passagem como se se referisse à "tribulação", em geral. Neste sentido encontramos que sua mensagem é muito consoladora. E não erramos, porque as promessas de Deus são válidas em qualquer situação e tempo. Mas nos convém lembrar que quando foram escritas estas palavras referiam-se à situação muito concreta que enfrentavam os cristãos na Ásia Menor durante o século I de nossa era.

Nesta passagem encontramos duas idéias que são muito freqüentes na Bíblia. Ocupar-nos-emos de ambas separadamente, primeiro, para reuni-las depois e ver o que podem significar em seu conjunto.

A grande multidão dos bem-aventurados está vestida com túnicas brancas. A Bíblia fala em vários lugares de túnicas brancas e de túnicas sujas ou manchadas. No mundo antigo a imagem saía muito naturalmente da vida diária das pessoas. Todo mundo sabia que era proibido entrar num templo ou aproximar-se de qualquer maneira a algum deus se a pessoa tinha a roupa manchada. A imagem adquiria ainda mais força para os cristãos, porque quando eram batizados (por imersão) eram vestidos, depois de ter sido levantados da água, com uma túnica branca. Esta roupa representava a nova vida do crente e "sujá-la" significa, simbolicamente, não ser fiel aos votos batismais.

Isaías diz: “Todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia” (Isaías 64:6). Zacarias vê que o sumo sacerdote Josué está vestido com roupa suja e ouve a voz de Deus que diz: “Tirai-lhe as vestes sujas ... Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniqüidade e te vestirei de finos trajes” (Zacarias 3:1-5). Quando Moisés dispõe os preparativos para que o povo receba a Lei, ordena-lhes santificar-se e lavar sua roupa (Êxodo 19:10, 14). O salmista pede a Deus que o limpe de suas iniqüidades, que o purifique com hissopo, que o lave até ficar mais branco que a neve (Salmo 51:1-7). O profeta recebe a promessa de que os pecados como escarlate serão embranquecidos como a neve, e os como o carmesim serão como a lã (Isaías 1:18). Paulo lembra a seus paroquianos em Corinto que foram lavados e santificados (1 Coríntios 6:11).

Temos aqui, então, uma imagem que aparece em todas as Escrituras. Trata-se da imagem do homem que sujou e contaminou suas vestes com o pecado e que foi limpo e purificado pelo poder, pela misericórdia e pela graça de Deus. É de suma importância lembrar que Deus não apenas perdoa ao que tem suas vestimentas sujas mas também Ele as lava. A promessa do amor e a graça divinos não somente significa

o perdão dos pecados do passado mas também a pureza de vida no futuro.

O SANGUE DE JESUS CRISTO

Apocalipse 7:13-14 (continuação)

Esta passagem fala do sangue do Cordeiro. Há muito sobre o sangue de Jesus Cristo no Novo Testamento. Quando lemos ou escutamos repetir esta expressão devemos tomar cuidado para lhe dar seu verdadeiro e pleno significado. Para nós a palavra sangre em geral vai associada com a idéia de morte ou, pelo menos, de violência. E é verdade que quando falamos do sangue de Jesus Cristo estamos falando de sua morte. Mas devemos lembrar que os hebreus identificavam o sangue com a vida. É por isso que nenhum judeu ortodoxo, até nossos dias, comeria carne que possa ter seu sangue derramado (Gênesis 9:4). O sangue é a vida e a vida pertence a Deus; o sangue, portanto, deve sempre ser oferecido a Deus em sacrifício. É muito natural que o sangue se identificou com a vida. Quando um homem é ferido à medida que derrama seu sangue vai-se escapando a vida. Mas devemos lembrar que quando o Novo Testamento fala do sangue de Jesus Cristo, não fala apenas de sua morte, mas de sua vida e morte; significa tudo o que Cristo fez em sua vida e em sua morte por nós e por todos os homens. Não podemos separar a vida e a morte de Cristo vão de mãos dadas; a morte perderia seu valor se não estivesse precedida pela vida que Ele viveu. A expressão "o sangue de Cristo" significa tudo o que Cristo fez por nós em sua vida e em sua morte. Com isto em mente, vejamos o que diz o Novo Testamento sobre o sangue de Jesus Cristo.

É o sangue de Jesus Cristo que nos limpa de todo pecado (1 João 1:7). É o sangue de Cristo a que faz propiciação por nós (Romanos 3:25). Mediante ele somos justificados (Romanos 5:9). Mediante ele temos a redenção (Efésios 1:7). O sangue de Cristo nos redime como o sangue de um cordeiro sem mancha nem defeito (1 Pedro 1:19). É mediante seu

sangre que temos paz com Deus (Colossenses 1:20). Além disso, limpa nossa consciência de toda obra morta para que possamos servir ao Deus vivo (Hebreus 9:14).

Aqui temos quatro idéias. A primeira é a principal, e dela se deduzem as outras três.

(1) A principal idéia se baseia no conceito de *sacrifício*. O sacrifício tem como propósito, essencialmente, restaurar uma relação quebrada ou interrompida com Deus. Deus dá a Lei ao homem; o homem quebranta a Lei; o quebrantamento da Lei por parte do homem prejudica suas relações com Deus; o sacrifício tem como propósito expiar a ação humana que transgrediu a Lei de Deus e assim restaurar as relações entre o homem e Deus. Tudo isto significa que a grande obra de Jesus Cristo em sua vida e em sua morte foi restaurar as relações quebradas entre os homens e Deus. Foi a reconciliação do homem com Deus. Foi fazer possível que o homem volte para uma relação íntima e ininterrupta com Deus.

(2) Esta obra de Cristo tem que ver *com o passado*. Obtém para o homem o perdão de seus pecados passados. De uma só vez elimina o castigo e quebra o poder que o pecado tem sobre o homem.

(3) Esta obra de Cristo tem que ver *com o presente*. Coloca o homem numa nova relação de paz com Deus. Concede ao homem no presente, aqui e agora, em que pese seu pecado e fracasso, a possibilidade de uma nova e íntima relação com Deus, da qual tenha desaparecido o temor, na qual o amor seja o laço que agora o une com seu Criador.

(4) Esta obra de Cristo tem que ver *com o futuro*. Purifica e liberta o homem do poder do mal, e o torna capaz de servir a Deus em justiça. A obra de Cristo não tem só o efeito negativo de resgatar o homem das conseqüências de sua vida passada, mas o efeito positivo de capacitá-lo a viver uma vida nova no tempo por vir.

O sangue de Cristo representa tudo o que Jesus Cristo fez e é, simboliza sua vida e sua morte, mediante a qual somos libertados das

conseqüências de nossa vida passada, dotados no presente com uma paz que está além de toda capacidade de compreensão humana e equipados com uma vida nova para os dias por vir.

OS SANTOS QUE LAVARAM SUAS VESTIDURAS NO SANGUE DO CORDEIRO

Apocalipse 7:13-14 (continuação)

Unamos agora as duas idéias que temos exposto separadamente. Os bem-aventurados lavaram suas túnicas, embranquecendo-as no sangue do Cordeiro. Em primeiro lugar tratemos de expressar, da maneira mais singela possível, qual é o significado desta concepção.

Os bem-aventurados lavaram suas vestiduras, as quais agora estão brancas. As vestiduras brancas representam sempre duas coisas. Significam pureza, a vida que foi limpa das manchas do pecado passado, da infecção do pecado atual e do ataque possível do pecado no futuro. Significa, além disso, vitória, a vida que venceu a todos os poderes do mal, o caráter que encontrou o segredo e o poder de uma vida vitoriosa. De maneira que isto significa que os bem-aventurados descobriram o segredo da pureza e o segredo da vitória em tudo o que Jesus Cristo fez por eles em sua vida e em sua morte.

Mas, agora, busquemos ver o significado da expressão "no sangue do Cordeiro". Há duas possibilidades.

(1) A frase pode significar "no poder do sangue do Cordeiro" ou "pelo preço do sangue do Cordeiro". Deste modo, tratar-se-ia de uma maneira vívida de dizer que essa pureza e essa vitória foram obtidas mediante o poder e ao custo de tudo o que Jesus fez pelos homens em sua vida e em sua morte.

(2) Mas é possível, e mais provável, que a imagem deva ser interpretada de maneira literal. Par nós esta imagem pode ser estranha e truculenta; pode chegar, inclusive, a nos ser repulsiva. É paradoxal, ao mesmo tempo, pensar que as vestiduras podem tornar-se brancas quando

lavadas em sangue. Mas isto não era nem desagradável nem estranho para as pessoas a quem João dirigia seu livro. Era uma imagem que para a maioria fazia parte de sua experiência.

A grande força religiosa nos dias de João eram as religiões dos mistérios. Estas eram religiões dramáticas, que mediante cerimônias muito comovedoras ofereciam aos homens a experiência do novo nascimento e a esperança da vida eterna. A mais famosa destas religiões era o mitraísmo, ou seja o culto cujo centro era a adoração do deus Mitra.

O mitraísmo tinha fiéis em todo mundo antigo. Era a religião favorita dos soldados romanos. Até na Grã-Bretanha encontram-se ruínas de capelas onde os romanos praticavam o culto desta divindade. A cerimônia mais sagrada do mitraísmo era o *taurobolium*, ou seja o banho com o sangue de um touro.

O poeta cristão Prudêncio descreve esta cerimônia com as seguintes palavras:

"Cavava-se um fosso, sobre o qual se erigia uma plataforma a qual, por sua vez, era perfurada com buracos. Sobre a plataforma se sacrificava um touro. Debaixo da plataforma, no fosso, ajoelhava-se o fiel que devia ser iniciado. O sangue do touro sacrificado caía, pelos buracos, sobre o fiel que estava ajoelhado abaixo. Toda sua cabeça e sua roupa se empapavam no sangue do touro. Quando estava molhado, o fiel voltava a cabeça para com um lado e outro, e para trás, para que o sangue do touro fluísse sobre seus lábios seus pálpebras, suas orelhas e narizes. Empapava sua língua no sangue, sendo este um ato sacramental. Aquele que atravessava esta cerimônia tinha a segurança de haver "renascido pela eternidade".

Este ato ritual era bem conhecido por todos na época de João, e é possível que ao escrever o Apocalipse este tenha pensado que o cristão, como o iniciado de Mitra, tinha sido lavado pelo sangue que Jesus Cristo derramou.

Tudo isto nos pode parecer desagradável. Mas o que importa não é a imagem em si, mas a verdade que está por trás da imagem. E a grande, preciosa e imutável verdade é que mediante a vida e a morte de Jesus Cristo, mediante o sangue de Jesus Cristo, o cristão recebe em sua vida essa pureza e essa vitória que nunca poderia obter por si mesmo, que somente Jesus Cristo pode dar.

O SACRIFÍCIO DE CRISTO E SUA APROPRIAÇÃO POR PARTE DO HOMEM

Apocalipse 7:13-14 (continuação)

Resta uma coisa, nesta passagem, que devemos assinalar de maneira especial, pois é de primeiríssima importância. Diz-se com relação aos bem-aventurados que eles "lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro".

Aqui se nos manifesta, de maneira simbólica, qual é a parte do homem em sua própria salvação. Os bem-aventurados lavaram eles próprios seus túnicas. Quer dizer, a redenção humana é uma ação que Cristo executa, porque é Ele quem derrama o sangue e faz o sacrifício; mas o efeito não se recebe de maneira passiva; o homem deve apropriar-se dele. O homem deve, ele próprio, segundo a imagem de João, lavar sua roupa no sangue do Cordeiro. Os meios da purificação estão ali, mas o homem deve usá-los. Pode ser que alguém tenha ao seu dispor tudo o que necessita para limpar sua roupa, mas este conjunto de meios não serve nem cumpre seu propósito até que a pessoa em questão se decide a usá-lo.

Como pode o homem, então, valer do sacrifício de Cristo?

Ele o faz mediante o arrependimento. Deve começar com uma piedosa tristeza pelos pecados que cometeu, e um desejo de todo coração de emendar sua vida. Isto pode fazê-lo graças à fé. Deve crer de todo o coração que Jesus Cristo viveu e morreu por nós, os homens, por nossa salvação, e que o sacrifício de Cristo é o suficientemente poderoso para

salvar. Também pode fazê-lo mediante os meios da graça. As Escrituras despertarão nele o arrependimento, renovarão sua fé e acenderão o amor de Deus em seu coração; a oração o manterá perto de Cristo dia a dia e robustecerá sua relação pessoal com Ele; os sacramentos serão canais pelos quais, na fé, fluirá para ele a graça renovadora. Também pode fazê-lo mediante a cotidiana lealdade e vigilância e vida com e por Jesus Cristo.

O sacrifício de Cristo foi feito no passado. Para usar a imagem de João, o sangue já foi derramado. Mas resta ao homem apropriar-se hoje desse sacrifício e de seus benefícios, deve lavar sua vestidura no sangue, para que fique branca, e somente então Jesus Cristo verá os resultados de sua obra surtir efeito, e se sentirá satisfeito pelo que fez.

O SERVIÇO NA GLÓRIA

Apocalipse 7:15

Os que tenham sido fiéis terão acesso à presença de Deus. Jesus disse: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus” (Mateus 5:8). Aquele que tiver sido fiel a Deus na Terra terá direito de entrada à presença de Deus no mundo vindouro.

Aqui há um fato muito significativo que está oculto. A tarefa de servir a Deus dia e noite era parte da responsabilidade dos levitas e dos sacerdotes (I Crônicas 9:33). Agora a cumprem os que estão diante do trono de Deus, nesta visão, que como vimos provêm de todas as raças, línguas, nações e povos. Esta é uma verdadeira revolução. No templo da Jerusalém terrestre nenhum gentio podia entrar para além do Pátio dos Gentios. Transgredir esta proibição teria significado a pena de morte. O israelita podia atravessar o Pátio das Mulheres e chegar até o Pátio dos Israelitas. Mas a partir dali já não tinha direito de acesso. Nenhum leigo podia entrar no Pátio dos Sacerdotes. Mas no Templo Celestial já não se faz questão de judeus ou gentios; o caminho à presença de Deus está aberto às pessoas de toda raça, língua, nação ou povo. Já não existem

limitações para os que não pertencem ao sacerdócio profissional. Todos os fiéis têm direito de ingressar até a simples presença de Deus. No céu não há barreiras. As distinções de raça e de nível social ou profissional já não existem; qualquer alma fiel pode chegar a Deus sem obstáculos. Temos a imagem do universalismo do céu.

Há outro fato que, do mesmo modo, deve ler-se nas entrelinhas. A palavra em grego, que significa "estender o tabernáculo" (ou "armar a carpa") é *skenoun*, que provém de *skene* (carpa, tenda). É a mesma palavra que usa João quando diz que o Verbo se fez carne e habitou entre nós (João 1:14). Quando os judeus escutavam esta palavra em grego, imediatamente a associavam com outra palavra de seu próprio idioma que embora não está relacionada com relação ao significado, soa de maneira bastante parecida. Esta palavra era *shekiná*, que significa a presença visível da glória de Deus. Em geral essa presença tinha a forma de uma nuvem resplandecente que emitia luz. Foi assim quando Deus entregou a Moisés os Dez Mandamentos que a shekiná cobriu o Monte Sinai durante sete dias (Êxodo 24:16-18). O mesmo ocorreu com o Tabernáculo. A glória do Senhor encheu o Tabernáculo quando sua nuvem o cobriu. Moisés não pôde entrar no Tabernáculo porque este estava cheio da glória de Deus. Foi essa a nuvem que guiou Israel pelo deserto dia a dia, e a coluna de fogo que o guiou de noite (Êxodo 40:34-38). Quando Salomão dedicou o Templo de Jerusalém a mesma nuvem desceu sobre o Santíssimo, e os Sacerdotes não puderam entrar nele até que a *shekiná* se retirou (2 Crônicas 7:1-3).

De modo que a palavra *skenoun* sempre fazia os judeus pensarem na *shekiná*. Dizer que Deus estendia seu Tabernáculo em algum lugar queria dizer, para eles, que a glória de Deus estava presente ali.

À medida que passou o tempo os judeus começaram a pensar que Deus era uma realidade cada vez mais remota. Chegaram a pensar que não era correto dizer que Deus, de algum modo, estava presente no mundo; fazê-lo implicava usar uma terminologia muito humana. Por isso substituíram a presença pessoal de Deus pela nuvem que ocultava sua

glória, a *shekiná*. Quando em algumas passagens bíblicas se lia que Deus estava presente em algum lugar (por exemplo, em Gênesis 28:16), os rabinos diziam "a *shekiná* está em tal e qual lugar".

De maneira que nenhum judeu ao ouvir a palavra *skenoun*, que aparece no versículo 15, deixaria de pensar na *shekiná;* e para ele o verdadeiro significado da passagem, então, seria que Deus enviará sua glória para cobrir os bem-aventurados, que estes servirão ao Senhor e viverão eternamente iluminados pelo brilho e a radiação da glória divina.

Também pode ser deste modo na Terra. Aquele que trabalha pelo Senhor e dá testemunho de maneira fiel conta permanentemente com a proteção da glória divina, que cobrindo-o confirma o valor do que Ele fez; toda obra feita em nome do Senhor está rodeada da *shekiná*, da glória divina.

A ALEGRIA DOS BEM-AVENTURADOS

Apocalipse 7:16-17

Poderia muito bem dizer-se que para muitos estes são os dois versículos que constituem a razão de ser do Apocalipse.

Seria impossível contar a quantidade de pessoas que encontraram consolo nesta passagem nos momentos de luto ou ao confrontar a morte.

Aqui encontrados uma promessa espiritual. É a promessa da satisfação final de toda fome e sede da alma. É uma promessa que aparece repetidas vezes no Novo Testamento e especialmente nas palavras de Jesus: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mateus 5:6). Jesus disse: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (João 6:35). “Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (João 4:14). Jesus disse: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba” (João 7:37). Em Jesus Cristo está a satisfação de toda fome ou sede que possa experimentar a alma humana. Deus nos

fez para si — segundo disse Santo Agostinho — e nossos corações estarão inquietos até que não descansem nEle.

Mas talvez convenha que não espiritualizemos totalmente esta passagem e sua promessa. Nos dias da Igreja Primitiva muitos dos membros da igreja eram escravos. Sabiam o que significava estar mal alimentados e com fome todo o tempo. Sabiam o que era ter sede. Sabiam o que significava estar sob um Sol abrasador enquanto trabalhavam, sem poder buscar sombra para descansar. Sem dúvida, para eles o céu devia ser um lugar onde não se sofresse de fome e sede e onde o Sol não os torturasse. O maior desta promessa é que nela alguém pode tomar a parte que mais lhe cabe e ficar com ela. É a promessa de que em Cristo está o fim da fome do mundo, da dor do mundo, do sofrimento do mundo. As dores do corpo, do coração e da alma sã curadas por Ele

Vale a pena lembrar que João, por assim dizer, não "inventou" esta passagem, mas sim a encontrou nas palavras do profeta Isaías. Isaías ouviu que Deus prometia, a seu povo: “Não terão fome nem sede, a calma nem o sol os afligirá; porque o que deles se compadece os guiará e os conduzirá aos mananciais das águas” (Isaías 49:10). Este é um exemplo perfeito de um velho sonho humano, que já aparece formulado no Antigo Testamento, que encontra seu cumprimento em Jesus Cristo.

O PASTOR DIVINO

Apocalipse 7:16-17 (continuação)

Aqui temos a promessa do cuidado que o Pastor Divino brindará a seu rebanho.

A imagem do Bom Pastor deleita tanto o Antigo como o Novo Testamento. O mais querido de todos os salmos começa dizendo: "O Senhor é meu pastor" (Salmo 23:1, veja-se também Salmo 80:1. Isaías 40:11, Ezequiel 34:23, 37:24). Jesus tomou para si o título de pastor. "Eu sou o Bom Pastor", diz em João 10:11 14 (veja-se também 1 Pedro 2:25 e Hebreus 13:20).

A imagem é muito bela em qualquer época ou geração; mas era mais significativa na Palestina nos tempos antigos, pelo que pode ser para os que hoje nasceram e vivem em cidades modernas. Judéia era uma espécie de meseta estreita bordejada por zonas bastante perigosas. Apenas se tinha uns poucos quilômetros de um a outro extremo. Sobre um dos bordes estavam os precipícios e desfiladeiros rochosos por onde se podia descer rumo ao Mar Morto; sobre o outro os precipícios que terminavam na região selvagem de Sefelá. Não tinha alambrados nem cercas e o pastor tinha que vigiar todo o tempo a seu rebanho, e especialmente a ovelha que se separava do montão.

Sir George Adam Smith compara ao pastor palestinense com os pastores que qualquer de nós pode ter visto, no Ocidente:

"Nós em geral deixamos que as ovelhas se virem sozinhas. Não lembro ter visto no Oriente um rebanho que não tivesse o seu pastor. Numa zona como a palestinense, onde o pasto está disperso por uma vastidão sem cercados, cheia de armadilhas para o animal desprevenido, mesmo em nossos dias freqüentada pelas feras, que se perde imperceptivelmente no deserto, o pastor, e o caráter que todo pastor deve ter, são imprescindíveis. Em alguma meseta desértica de certa altura, onde as hienas chiam de noite, não é estranho encontrá-lo, vigiando, capaz de penetrar com seus olhos as trevas, armado com seu cajado, no qual se apóia, vigiando a suas ovelhas, cada uma delas em seu coração. Por isso não é difícil dar-se conta como na Judéia os pastores chegaram a ocupar um lugar bem destacado na história; por que deram seu nome aos reis e por que se converteram em símbolos da Providência: porque Jesus Cristo tomou o pastor como tipo e imagem do sacrifício impetuoso de si mesmo."

Aqui temos as duas grandes funções do Pastor Divino. Conduz o seu povo às fontes de água viva (veja-se Salmo 23:2 e 36:9). Sem água o rebanho pereceria e na Palestina os poços eram poucos e estavam muito longe uns de outros. Que o Pastor Divino guie a fontes de água viva quer dizer que nos dá aquelas coisas sem as quais a vida seria impossível.

Além disso, seca as lágrimas de todo olho. Ao mesmo tempo que alimenta nossos corpos, reconforta nossas almas; porque sem a presença, o consolo e a ajuda de Deus as tristezas da vida seriam insuportáveis. Sem seu poder haveria tempos nos quais não poderíamos seguir vivendo.

O Pastor Divino nos oferece alimento para nossos corpos e consolo para nossos corações. Com Jesus Cristo como pastor nada nos poderia suceder que não sejamos capazes de suportar.

Apocalipse 8

O silêncio e o trovão da oração - 8:1-5
Os sete anjos com as trombetas - 8:2-6
Os elementos desatados - 8:7-12
O vôo da águia - 8:13

O SILÊNCIO E O TROVÃO DA ORAÇÃO

Apocalipse 8:1-5

Antes de começar a análise detalhada desta passagem deve notar-se um elemento importante de sua ordem É evidente que o versículo 2, onde se fala dos sete anjos com as sete trombetas, está fora do lugar que lhe corresponde. No lugar onde o encontramos na atualidade interrompe o sentido da passagem. Deveria encontrar-se imediatamente antes do versículo 7. É bem possível que se trate do erro de algum copista ou escriba antigo e se deve transferir-lo ao lugar que lhe corresponde, ou seja entre o versículo 6 e o 7.

Esta passagem começa com um silêncio intensamente dramático, no céu, que dura uma meia hora aproximadamente. A ausência total de ruído é muito mais impressionante que o estalar dos trovões e o relampejo dos raios. Este silêncio pode ter dois significados.

(1) Pode tratar-se de um momento de descanso na narração, um momento preparatório para as revelações comovedoras que seguirão

depois. Pode ser um momento de expectativa antes que se descarregue sobre o leitor a onda de revelações que vêm a seguir.

(2) Mas é possível que esta idéia de uma pausa de silêncio tenha um sentido muito mais belo. As orações dos santos estão a ponto de ser elevadas a Deus; é possível que João pensasse que quando os santos oram, todo o céu faz silêncio para que os possa escutar. Como afirma R. H. Charles: "As necessidades dos santos significam muito mais, para Deus, que toda a salmodia dos céus." A idéia é magnífica. Silencia-se a música celestial, até o trovão da revelação deixa de fazer-se ouvir, para que Deus possa ouvir ainda o sussurro da oração mais humilde de seu povo.

Aqui a imagem se divide em duas metades. Na primeira metade o anjo oferece a Deus as orações dos santos. O anjo não recebe nome. Os judeus pensavam que o arcanjo Gabriel fazia chegar a Deus as orações de Israel; também havia um anjo sem nome, a quem às vezes se chamava o Anjo da Paz, cuja missão era cuidar para que Israel não sofresse além de sua capacidade de resistir e que intercedia por Israel e por todos os justos.

O anjo está de pé diante do altar. O altar aparece freqüentemente no Apocalipse quando se descreve o céu (6:9; 9:13; 14:18; 16:17). Este altar não pode ser o altar das ofertas queimadas, porque no céu não se fazem sacrifícios de animais. Deve tratar-se, então, do altar do incenso. Este altar estava localizado no Santo, à entrada do Santíssimo (Levítico 16:12; Números 16:46). Era feito de ouro e em seus quatro extremos tinha chifres. Os sacrifícios de incenso se faziam antes do primeiro sacrifício do dia e depois do último. Era como se as ofertas e sacrifícios do povo se elevassem a Deus envoltas num envelope de incenso perfumado.

Aqui temos a idéia de que a oração é um sacrifício que se oferece a Deus; as orações dos santos são oferecidas no altar e, junto com os outros sacrifícios, ascendem a Deus envoltas no perfume do incenso. É possível que não haja outro sacrifício que o homem possa oferecer a

Deus. Talvez seja tão pobre que não possa trazer nada para pôr sobre o altar; talvez esteja tão manchado pelo pecado que nada do que pode trazer seja apto para oferecer-se a Deus; mas todo o tempo, em qualquer situação, o homem pode oferecer sua oração humilde, agradecida e cheia de confiança. E há mãos angélicas que estão esperando para elevar nossas orações a Deus,

O mesmo anjo toma o incensário, o enche de carvões que saca do altar e o atira contra o solo. Este é o prelúdio do trovão e do terremoto que são a introdução aos terrores maiores. A imagem provém da visão de Ezequiel, na qual o homem que está vestido com a túnica de linho toma carvões acesos dentre os querubins e as esparrama sobre a cidade (Ezequiel 10:2); e também se aproxima da visão de Isaías, quando seus lábios são tocados (e purificados) pelas brasas acesas tiradas do altar (Isaías 6:6).

Mas aqui temos algo novo. As brasas do incensário são a introdução de novos terrores e novos ais.

H. B. Swete o interpreta da seguinte maneira: "As orações dos santos são devolvidas à Terra na ira divina." A idéia de João é que as orações dos santos provocam a Deus para a vingança reivindicativa contra os que maltrataram e perseguiram a seu povo fiel, os que foram seus inimigos e os inimigos do povo de Deus.

A imagem tem duas direções. Por um lado as orações dos santos se elevam a Deus como incenso, levadas por mãos angélicas; por outro lado, as orações dos santos desatam a vingança de Deus sobre seus inimigos. Podemos pensar que a oração que pede vingança é uma oração fora de lugar nos lábios de um cristão, mas antes de emitir nosso juízo ou criticar o autor do Apocalipse devemos lembrar a agonia de perseguição que a igreja deve ter suportado na época quando este livro foi escrito.

OS SETE ANJOS COM AS TROMBETAS

Apocalipse 8:2-6

Aqui João vê sete anjos que estão de pé frente a Deus. Estes anjos, que se chamavam "anjos da presença" são em realidade os arcanjos. Seus nomes próprios eram Uriel, Rafael, Raguel, Miguel, Sariel, Gabriel e Remiel (Tobias 12:15).

Seu título de "anjos da presença" significa duas coisas, Primeiro, significa que desfrutavam de uma honra especial. Nos reinos orientais somente os súditos mais queridos por seu soberano tinham direito a estar permanentemente em sua presença. Ser um cortesão da presença, como eram chamados, era uma honra muito especial Segundo, havia mais que a honra em jogo. Apesar disso, estar em tal situação significava um privilégio, ao mesmo tempo eram os cortesãos da presença os que sempre estavam à disposição do rei para ser enviados a cumprir seus comissione. Tanto Elias como Eliseu falaram do “o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou” (1 Reis 17:1: 18:15: 2 Reis 3:14: 5:16). Esta frase em realidade significa: "O Senhor Deus de Israel, de quem eu sou servo."

Na ordem celestial de coisas a maior honra é estar preparado todo o tempo para ser enviado por Deus a cumprir suas ordens; e é esta a honra que possuíam os "anjos da presença".

Os sete anjos tinham sete trombetas. Nas visões do Antigo e do Novo Testamento as trombetas sempre são o símbolo das intervenções de Deus na história. Todas estas imagens, e há várias que podem citar-se, têm sua origem na cena perto do Sinai, quando o povo recebeu a Lei. Segundo a tradição mais antiga, o monte Sinai se cobriu de nuvens, ressoaram ao seu redor trovões e brilharam centelhas e se ouviu o som de trombetas fortíssimas (Êxodo 19:16, 19). Este som de trombetas converteu-se a partir daquele então num elemento indispensável das imagens sobre o Dia do Senhor, quando Deus invadiria o tempo e a história. Nesse dia soará a grande trombeta e os exilados de Israel serão

deste modo convocados a retornar a Sião (Isaías 27:13; veja-se também Joel 2:1: Sofonias 1:16 e Zacarias 9:14).

A imagem segue aparecendo nas visões neotestamentárias do dia final, como é lógico ao tratar-se dos autores destes livros, de judeus que pensavam em termos judeus. Paulo, por exemplo, fala do dia quando ressoará a trombeta e o corruptível será vestido de incorruptibilidade (1 Coríntios 15:52-53; veja-se também 1 Tessalonicenses 4:16). Mateus havia do som da trombeta que reunirá aos escolhidos (Mateus 24:31).

Seria um erro interpretar esta imagem de modo literal e esperar que Deus toque uma trombeta. Entretanto, há uma verdade simbólica encerrada nesta imagem. Um toque de trombeta pode representar três coisas.

(1) Pode ser um som de alarme. Pode despertar do sonho e nos advertir de perigos. Deus sempre nos adverte sobre os perigos que nos ameaçam

(2) Pode ser a fanfarra que anuncia a chegada do Rei. É um símbolo apropriado para representar a entrada na história do Senhor da Eternidade.

(3) Pode ser um chamado à luta, à batalha. E Deus sempre está chamando seu povo para lutar contra as forças da mentira e a falsidade, como soldados do Rei dos reis.

OS ELEMENTOS DESATADOS

Apocalipse 8:7-12

A imagem que temos aqui descreve as forças elementares da natureza desatadas em toda a magnitude de sua fúria, como juízo de Deus sobre o mundo. A cada toque da trombeta há uma parte do mundo que é atacada; a destruição, entretanto, é parcial, não total, porque ainda não estamos no fim. Este é o prelúdio do fim. Primeiro a destruição ataca a terra seca (v. 7), depois o mar (vv. 8 e 9, depois os rios de água doce e as fontes (vv. 10-11); depois os corpos celestes (v. 12). A

onda de destruição ataca, por sua vez, cada uma das partes do universo criado.

Devemos assinalar de onde tira João as imagens de sua descrição do juízo. Em sua grande maioria encontramos a fonte no livro de Êxodo, quando ali nos narram as pragas que açoitaram o Egito quando o Faraó negava-se a permitir que o povo judeu saísse ao deserto para adorar a Deus.

Na imagem de João a terra seca é atacada com saraiva e fogo misturado com sangue. Em Êxodo 9:24 lemos como o Egito foi açoitado com saraiva misturada com fogo, de uma destrutibilidade incrível. A esta evocação João acrescenta o sangue, pensando talvez no dia quando a Lua será convertida em sangue, segundo o profeta Joel (2:34). Na imagem de João uma terça parte do mar se torna em sangue, e morrem todos os peixes. No Êxodo, quando Moisés tocou as águas do Nilo com sua vara, estas se tornaram em sangue e morreram os peixes (Êxodo 7:20-21). Na visão que tem Sofonias do evento Dia do Senhor, a ameaça divina é, entra outras coisas, que consumirá os peixes do mar (1:3). Não há um paralelo da estrela acesa que cai, mas sim da transformação da água em absinto.

O absinto é o nome genérico de um tipo de plantas que se conhecem, também, como artemísia; sua característica é a amargura de seu gosto; não são plantas venenosas, ainda que possam ocasionar mal-estar, mas os israelitas, sobretudo, sentiam um especial desgosto por sua amargura. O absinto é o fruto da idolatria (Deuteronômio 29:17-18). Uma das ameaças de Deus no livro de Jeremias é que se dará de comer absinto ao povo judeu (Jeremias 9:14-15; 23:15). A amargura do absinto sempre representou a amargura do juízo para o impenitente.

Segundo João uma terça parte das luzes celestiais se apaga. Uma das pragas de Êxodo foram as trevas que cobriram totalmente a Terra (Êxodo 10:21-23).

Não é impossível, além disso, que no caso destas imagens, João extraia algumas idéias de acontecimentos que ele mesmo tenha presenciado ou que outros lhe tenham contado.

Em vários países do Mediterrâneo circulam lendas sobre chuvas como de sangue. Uma destas se teria produzido se teria produzido no Sul da Itália no ano 1901. A explicação deste fenômeno é que os ventos do Saara recolhem uma areia muito fina, de cor vermelha, que abunda em certas partes desse deserto. Esta é levada pelo vento e descarregada sobre a terra novamente junto com a chuva, a qual adquire, desse modo, uma tonalidade avermelhada parecida com a do sangue. É possível que João tenha presenciado este tipo de chuva, ou que tenha recebido relatório sobre ela.

Também é mencionada uma massa chamejante que se precipita no mar. Talvez se trate de uma erupção vulcânica. Houve uma erupção do Vesúvio no ano 79 de nossa era, que dizimou a população de Nápoles. A lava ardente chegou até o mar.

Muito poucos anos depois João escreveu seu livro, e não seria estranho que recolha nele o testemunho vivido daquela calamidade. O Mar Egeu tem muitas ilhas de origem vulcânica e há vulcões por baixo da superfície das águas. Estrabão, o geógrafo grego, diz que houve uma erupção perto de Patmos no ano 196 a.C, da qual resultou a formação de uma nova ilha, Palaia Kaumena. É possível que estes episódios tenham estado presentes na mente de João.

De modo que nesta visão João descreve como Deus usa as forças elementares da natureza para advertir os homens sobre a proximidade do fim.

O VÔO DA ÁGUIA

Apocalipse 8:13

Esta é uma das pausas na narração, que o autor de Apocalipse sabe usar de maneira tão efetiva. Quando os três últimos anjos fizerem ressoar

suas trombetas, atacarão a Terra três pragas terríveis. Mas antes de desatar-se essa devastação final temos uma pausa preparatória.

Nesta pausa o vidente vê uma águia. É bem possível que o original queira dizer "uma águia solitária". Esta águia voa no lugar onde o Sol encontra-se no zênite, quando é meio-dia. A cena é horripilante. O céu vazio e uma águia solitária que voa em meio de sua expansão oca, como presságio da terrível destruição que terá que vir.

A imagem não é nova, como geralmente ocorre no Apocalipse. Em 2 Baruque quando o autor viu as visões e as registrou por escrito, quer enviar aos judeus exilados em Babilônia. Chama então uma águia e lhe diz: "O Altíssimo fez de ti a mais elevada de todas as aves. Vai, não desças para descansar, não aninhes no caminho, não poses em nenhuma árvore até atravessar as águas do Eufrates e ter chegado ao povo que mora ali. Lança neles, então, esta epístola" (2 Baruque 77:21-22).

Não devemos interpretar literalmente esta imagem. Seu simbolismo é que Deus usa os elementos naturais para enviar suas advertências aos homens, que fala ao homem através do mundo que Ele criou.

Apocalipse 9

A abertura do abismo - 9:1-2
Os gafanhotos do abismo - 9:3-12
Os gafanhotos demoníacos - 9:3-12 (cont.)
Os cavaleiros da vingança - 9:13-21

A ABERTURA DO ABISMO

Apocalipse 9:1-2

A descrição dos terrores do fim vai aumentando em tensão e intensidade. Agora os terrores ultrapassam o âmbito do natural: já não se trata das calamidades que são capazes de produzir as forças naturais desatadas: são terrores demoníacos. Se abrirá o abismo e males sobre-humanos, demoníacos, serão desatados sobre a Terra.

A imagem nos será mais clara se lembrarmos que para João as estrelas não são corpos inertes no espaço, mas seres dotados de vida. Esta concepção aparece no livro de Enoque, onde lemos sobre estrelas desobedientes e vagabundas que são maças de pés e mãos e jogadas no abismo (Enoque 86:1; 88:1). Para os judeus as estrelas eram seres semidivinos, que por sua desobediência podiam transformar-se em demoníacos, maus e hostis a Deus e aos homens.

Também temos aqui a imagem do abismo. No Apocalipse este é um conceito que aparece com relativa freqüência. Trata-se, basicamente, do lugar onde se castiga, até o momento do juízo, aos anjos caídos, os demônios, a besta e o falso profeta de Satanás (9:1-2, 11: 11:7; 20:1, 3). O lugar do castigo definitivo é o lago de lava ardente (20:10, 14-15). Para completar a imagem digamos que a Geena, que não se menciona no Apocalipse, é o lugar onde os homens ímpios sofrem seu castigo. É bem evidente que os terrores que atacarão a Terra são mais que humanos, são demoníacos. Os poderes do mal estão a ponto de ser desatados para que façam o pior de que são capazes.

Esta idéia do abismo sofreu uma certa evolução. No princípio era o lugar onde estavam aprisionadas as águas: Na história da criação as águas primitivas rodeiam a Terra, e Deus as separa criando no meio delas o firmamento (Gênesis 1:6-7). Segundo esta concepção o abismo é o lugar onde as águas, que poderiam invadir a Terra, são contidas pelo poder de Deus, formando uma espécie de grande mar subterrâneo.

O segundo passo transformou o abismo no lugar onde moravam os inimigos de Deus, mesmo quando nem sequer ali estavam fora de seu poder e controle (Amós 9:3; Isaías 51:9; Salmo 74:13). No abismo estavam escondidos ou confinados os poderes inimigos de Deus.

O próximo passo foi conceber o abismo como uma grande greta da terra sólida. Esta idéia nós a encontramos em Isaías 24:21-22, onde as hostes celestiais desobedientes e os reis da Terra são feitos prisioneiros nesse abismo.

Este é o tipo de imaginação na qual os terrores se multiplicam. As descrições mais detalhadas do abismo encontramos no livro de Enoque, que influiu muito no pensamento teológico entre o Antigo e o Novo Testamento. Em seu livro, o abismo era a morada ou prisão dos anjos caídos, os anjos que vieram à Terra e seduziram a mulheres mortais, os anjos que ensinaram os homens a adorar a demônios e ídolos em lugar do verdadeiro Deus (Gênesis 6:1-4). As descrições do abismo são truculentas. Carecia de firmamento e de solo; não tinha água nem aves; era um lugar desolado e estéril, o limite da Terra e do céu (Enoque 18:12-16). Era um lugar caótico. Havia nele fogo que queimava lançando chamas, e um escarpado cuja profundidade era maior que qualquer capacidade humana de medi-lo (Enoque 21:1-10).

Nenhuma destas coisas deve interpretar-se literalmente. São o mais terrível que a imaginação daquela época podia conceber. A idéia é que nesse terrível tempo de devastação, cuja iminência o vidente anuncia, os terrores não são naturais, nem deste mundo, mas sim são demoníacos, vêm do abismo, onde foram aprisionados os anjos caídos, as estrelas malditas, os espíritos do mal. Os elementos mais negativos de todo o universo desfrutarão, durante um tempo, de sua última oportunidade para executar sua temível e espantosa tarefa.

OS GAFANHOTOS DO ABISMO

Apocalipse 9:3-12

Saindo da fumaça que se produziu ao abrir-se o grande abismo, invadiu a terra um terrível bando de gafanhotos. A devastação que podem causar os gafanhotos e o terror que significam é incrível. Em todo o Antigo Testamento os gafanhotos são um símbolo de destruição; a descrição mais vívida desta praga encontra-se nos dois primeiros capítulos de Joel; é destes dois capítulos que João extrai parte de seus materiais. Os gafanhotos fazem as videiras ficarem complexamente sem folhas nem brotos; comem as cascas dos árvores; o campo é devastado e

todo o trigo desaparece em suas bocas vorazes; todas as árvores morrem; o gados morre de fome porque não fica nada para comer (Joel 1:7-12). São como um povo poderoso e guerreiro, em seu vôo escurecem o céu; são tão destrutivos como o fogo e nada pode escapar a seu dano; são como cavalos, correm como carros de guerra, fazendo um ruído semelhante às chamas quando devoram o pasto seco; partem formando filas, como um poderoso exército; escalam as montanhas, sobem pelas paredes das casas, entram nelas pelas janelas; a própria terra treme perante sua presença (Joel 2:1-11). Os dois capítulos de Joel devessem ler-se em sua totalidade e postos lado a lado com a descrição que encontramos no Apocalipse.

G. R. Driver, em seu comentário sobre Joel na *Cambridge Bible for Schools and Colleges* reuniu informação sobre os gafanhotos nas notas ao texto e num apêndice especial; demonstra, deste modo, que as palavras de Joel e as do Apocalipse, não são de maneira alguma exageradas.

Os gafanhotos se criam nos lugares desérticos e invadem as zonas férteis em busca de alimento. Podem ter 6 centímetros de comprimento e entre os extremos de suas asas estendidas chegam a medir até 10 ou 15 centímetros. São da mesma família do grilo. Viajam de colunas de uns trinta metros de frente e até oito quilômetros de comprimento. Quando aparecem voando, estas formações de gafanhotos podem chegar a escurecer a luz do Sol, até o ponto que não possa ver-se através delas edifícios localizados a 50 metros de distância. Cobrem a terra com uma nuvem de trevas.

A destruição que causam está além de toda credibilidade. Quando abandonam uma região, não fica sequer uma fibra de pasto, as árvores foram cortadas até de suas cascas; a terra parece que foi incendiada e semeada com cinza. Parece que em vez de gafanhotos se assentou sobre a terra um fogo acalorado; não há nada vivo que se livre do ataque dos gafanhotos. Sua destrutibilidade pode apreciar-se melhor ao lembrar que em 1866 uma praga de gafanhotos invadiu a Argélia e tão grande foi a

devastação que 200.000 pessoas morreram de fome nas semanas subseqüentes por falta de alimentos.

O som de seus milhões de asas foi descrito de diversas maneiras. Alguns afirmam que é como o barulho da água pela roda do moinho, ou como o som de uma catarata. Quando os milhões de gafanhotos que formam uma bando se assentam na terra o som de suas mandíbulas ao mastigar a vegetação foi descrito como o de um incêndio de campo. Quando caminham, partindo, o ruído que fazem é como o de uma chuva muito forte num bosque.

Notou-se muitas vezes que a cabeça de um gafanhoto é quase uma reprodução em miniatura da cabeça de um cavalo. É por isso que em italiano "gafanhoto" diz-se *cavaletta*, e em alemão *Heupferd*.

Quando avançam o fazem de maneira ordenada e inexorável, como um exército que responde às ordens de seus generais. Para detê-los, camponeses cavam trincheiras, acendem fogos e até disparam tiros de canhão; mas é impossível frear seu avanço; são incontíveis. Deixam uma desolação total em sua passagem.

É verdade que não há calamidade pior no mundo que uma invasão de gafanhotos. E é esta devastação terrível que João anuncia, ainda que os gafanhotos que saem do abismo são completamente diferentes de qualquer inseto terrestre.

OS GAFANHOTOS DEMONÍACOS

Apocalipse 9:3-12 (continuação)

O hebraico possui várias palavras para designar o gafanhoto, nome que denotam a destrutibilidade e o poder devastador do inseto. Ele o chama *gazam*, que significa "cortador", assinalando o modo como o gafanhoto poda toda a vegetação que encontra em sua passagem; chama-o *arbel*, que significa "a que inunda", fazendo referência a enorme quantidade de gafanhotos que participam de cada invasão; chama-o *hasil*, que significa "a que acaba com as coisas" e descreve a devastação

que um bando de gafanhotos pode ocasionar; chama-o *solam*, que significa "engolidor" ou "aniquilador"; chama-o *hargol*, que significa "o que galopa", descrevendo a rapidez com que é capaz de avançar quando caminha sobre a terra; chama-o *tzelatzel*, que significa "o cruciador", descrevendo o som que faz. Mas, conforme se tem dito, os gafanhotos que saíram do abismo não eram como os gafanhotos terrestres.

Não atacarão a vegetação. De fato, é-lhes proibido explicitamente fazê-lo (v. 4); seu ataque deverá dirigir-se contra os homens que não estão selados com a marca de Deus.

O gafanhoto comum significa a devastação total da vegetação, mas não ataca o homem; mas os gafanhotos infernais têm um aguilhão como o dos escorpiões. O escorpião era uma das pragas da Palestina. Sua forma é similar à de um gafanhoto marinha pequeno. Tem pinças como as da gafanhoto marinho, com as quais se agarra à sua vítima. Tem uma cauda longa que se dobra acima do corpo e da cabeça; no extremo da cauda tem um aguilhão curvo; é com este aguilhão que os escorpiões lançam seu golpe, pois ao fincar-se na carne da vítima segrega um veneno que pode ser mortal. O escorpião na Palestina pode medir até 15 centímetros de comprimento; é encontrado nas gretas das rochas e debaixo das pedras. Os que acampam nessas regiões devem ter a precaução de levantar cada uma das pedras do lugar onde projetam levantar suas tendas, para terem certeza que não escondem escorpiões: A picada do escorpião é muito mais grave que a de uma vespa. Nem sempre é fatal, mas pode chegar a matar. Os gafanhotos infernais têm, além de sua destrutibilidade como gafanhotos, e poder dos escorpiões. Combinam os elementos de duas pragas que separadamente são terríveis.

O ataque dos gafanhotos infernais durará cinco meses. A explicação mais provável desta cifra é que o lapso da vida de um gafanhoto, desde seu estado larval até a plenitude de sua formação adulta, é de cinco meses. É como fosse dito que a terra é entregue ao arbítrio dos gafanhotos durante uma geração destes.

Tais serão os sofrimentos que produzirão os gafanhotos, que os homens vão querer morrer, mas não poderão fazê-lo. Jó fala da miséria daqueles que desejam a morte mas esta não lhes vem (Jó 3:21), e Jeremias fala do dia quando os homens preferirão a morte à vida (Jeremias 8:3).

Um escritor latino, Cornélio Galo, diz: "Pior que qualquer ferida é querer morrer e não poder fazê-lo." Tal será a condição dos homens sobre a Terra que verão a morte como um alívio.

O rei dos gafanhotos chama-se, em hebraico, Abadom, e em grego Apoliom. Abadom significa "destruição"; aparece muito freqüentemente na frase "morte e destruição" ou "inferno e destruição" (Jó 26:6; 28:22; 31:12; Salmo 88:11; Provérbios 15:11, 27:20). Apoliom é o particípio presente do verbo grego que significa "destruir". Significa "O Destruidor". É justo que o rei dos gafanhotos infernais se chame "O Destruidor".

OS CAVALEIROS DA VINGANÇA

Apocalipse 9:13-21

O horror da cena aumenta. Os gafanhotos demoníacos estavam autorizados a danificar, mas não a matar; mas agora vêm os batalhões da cavalaria demoníaca para aniquilar um terço da raça humana.

Esta é uma passagem cujo imaginário é muito misterioso e ninguém jamais foi capaz de explicar plenamente todos os seus detalhes.

Ninguém sabe com exatidão o que eram os quatro anjos encadeados ao rio Eufrates. Somente podemos dizer o que sabemos de fato e o que adivinhamos. O Eufrates era a fronteira ideal do território de Israel. Aparece na promessa que Deus faz a Abraão, quando lhe diz que seu território irá do Nilo até o Eufrates (Gênesis 15:18). Os anjos, portanto, provêm de terras distantes, desconhecidas e hostis, desde essas mesmas regiões que os assírios e os babilônios ocupavam antes de descer em ondas invasoras destrutivas sobre Israel. De maneira que os anjos estão

encadeados (contidos) no lugar de onde vem o desastre para Israel, até dos tempos mais antigos.

Por outro lado, no livro de Enoque encontramos freqüentemente anjos que se descrevem como "os anjos do castigo". Estes tinham como cometido desatar sobre o povo, no momento determinado por Deus, a ira e os castigos divinos. Sem dúvida estes quatro anjos fazem parte do grupo dos Anjos do Castigo.

A tudo isto devemos agregar um dado mais. Vimos como em mais de uma oportunidade as imagens de João estão coloridas por circunstâncias históricas concretas. Os guerreiros mais terríveis e temidos no mundo antigo eram a cavalaria dos partos; e os partos viviam além do Eufrates. É possível que João visualize o ataque da cavalaria parta sobre a humanidade.

Mas os horrores são sobre-humanos. Os cavaleiros que integram esta força de ataque são 200.000.000, um número que indica a impossibilidade de contar as hostes do terror, como tampouco é possível contar os carros de guerra de Deus (Salmo 68:17). Pareceriam estar armados com fogo, porque a cor de seus elmos é como o vermelho de um forno aceso, azul como a fumaça que se eleva de um incêndio e amarelo como o enxofre que se queima eternamente no abismo infernal. Os cavalos têm cabeças como de leões e caudas como de serpentes: sua respiração lança fogo, fumaça e enxofre, acrescentando isso à destruição; suas caudas-serpentes mordem e envenenam. A conseqüência é que um terço da raça humana morre.

Seria natural pensar que os dois terços restantes poderiam repensar em face do destino que sofre o terço exterminado. Mas não ocorre deste modo: os homens continuam adorando a seus ídolos e aos demônios que habitam neles; e continuam em seus caminhos de maldade. Os escritores bíblicos criam que a adoração de ídolos era nada menos que a adoração de demônios e do próprio Diabo; e que tal tipo de culto devia resultar, necessariamente, em práticas más e imorais.

Apocalipse 10

A revelação inefável - 10:1-4
O anúncio divino do fim - 10:5-7
A alegria e a tristeza do mensageiro de Deus - 10:8-11

A REVELAÇÃO INEFÁVEL

Apocalipse 10:1-4

A porção do Apocalipse entre 10:1 e 11:14 é uma espécie de interlúdio entre o som da sexta e a sétima trombetas. A sexta trombeta já tocou, mas a sétima não o fará até 11:15. As coisas que sucedem entre estes dois chamados de atenção são terríveis.

O anjo poderoso que aparece nesta passagem vem diretamente da presença de Deus e do Cristo ressuscitado. Sabemo-lo pelos termos de sua descrição. Está vestido com uma nuvem; as nuvens são os carros de Deus (Salmo 104:3). Tem um arco íris sobre sua cabeça; o arco-íris é parte da decoração do trono de Deus no céu (Ezequiel 1:28). O arco-íris produz o resplendor do rosto do anjo através da nuvem. O rosto do anjo é como o Sol. Deste mesmo modo se descreve o rosto de Jesus no monte da transfiguração (Mateus 17:2). A voz do anjo é como o rugido de um leão; a voz de Deus é comparada, muitas vezes, com a voz de um leão (Joel 3:16; Oséias 11:10; Amós 3:8). Como podemos ver, a descrição desta criatura é, em parte, a descrição de Deus e de Jesus Cristo. Este anjo vem diretamente da presença de Deus. Alguns intérpretes crêem que não é outro senão o Cristo glorificado em pessoa.

O anjo tem um pé sobre a terra e outro sobre o mar. Este detalhe demonstra o tamanho gigantesco e o poder do anjo, porque a terra e o mar representam a totalidade do universo criado. Também demonstra que o poder de Deus é tão firme sobre o mar como sobre a terra. Em sua mão o anjo tem um pequeno rolo, aberto e desenrolado. Isto quer dizer que está transmitindo a João uma revelação limitada sobre um período de tempo muito breve. Quando a voz do anjo falou ressoaram os sete

trovões. Os sete trovões são muito provavelmente uma referência às sete vozes de Deus que aparecem no Salmo 29 como descrição poética da voz divina.

Como é natural, quando João viu o anjo e escutou sua voz, preparou-se para registrar o que tinha ouvido. Mas desta vez foi proibido de escrever. Quer dizer, recebeu uma revelação que, no momento, não deve comunicar a outros homens. Às vezes recebemos revelações que não devem ser transmitidas. A mesma idéia encontramos em 2 Coríntios 12:4, quando Paulo diz ter sido transportado ao sétimo céu e ter ouvido vozes ali cuja mensagem é inefável. Não é necessário que especulemos sobre qual pode ter sido o conteúdo desta revelação. Simplesmente devemos registrar que em sua relação com Deus João recebeu revelações cuja natureza era tal que não deviam ser transmitidas, que não podiam expressar-se em termos humanos, que não podia comunicar a outros. Deus muitas vezes nos diz muito mais do que nós podemos dizer, ou mais do que outros poderão entender ou aceitar.

O ANÚNCIO DIVINO DO FIM

Apocalipse 10:5-7

O anjo agora faz um anúncio, e o confirma com um juramento. Qual é este anúncio? Às vezes o anúncio se interpretou no sentido de "O tempo deixará de ser", ou seja, o tempo, tal como nós o conhecemos, a história, chega a seu fim, e está para começar a eternidade. É muito mais provável que signifique que resta muito pouco tempo ou que já não sobra tempo, que já não haverá demoras nem dilações. O Anticristo está a ponto de fazer sua entrada em cena com todo o seu terror destrutivo. Tal como o autor de Hebreus afirma: “Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará” (Hebreus 10:37). Chegou o momento quando deve revelar-se o homem de pecado (2 Tessalonicenses 2:3). E agora a cena está a ponto de iniciar.

Quando isto suceder terá concluído o mistério de Deus. Esta expressão significa que o propósito de Deus para a história, seu plano de salvação, terá sido totalmente realizado e revelado. Há muitas coisas na vida que são difíceis e ininteligíveis. O mal anda solto e não se pode explicar a razão de sua autorização para agir. Mas, segundo João, é possível vê-lo, haverá uma confrontação final. Nesta confrontação Deus e o Anticristo, o bem e o mal, se enfrentarão. E ali há de ser ganha a vitória final: todas as perguntas terão resposta, os problemas solução e os maus vindicação.

Nesta imagem terrível e estranha a verdade que se nos comunica é que a história avança rumo ao inevitável triunfo de Deus, e que, mesmo quando o mal possa parecer-nos florescente, não é possível que, no balanço final, saia triunfador.

A ALEGRIA E A TRISTEZA DO MENSAGEIRO DE DEUS

Apocalipse 10:8-11

Antes de começar o tratamento detalhado desta passagem, é necessário que tomemos nota de uma coisa. Duas vezes diz-se ao vidente que tome o rolo. Não lhe é alcançado; mesmo quando ele pede ao anjo que o dê a ele, a resposta que recebe é que ele o deve pegar. Este detalhe é significativo. A revelação de Deus nunca é imposta aos homens; o homem deve tomá-la. O mensageiro de Deus deve estar disposto a obter a revelação que logo transmitirá. Não é um recruta, que desempenha a contragosto sua missão, mas sim um voluntário..

Não pode haver dúvida com relação à origem desta visão. Provém da experiência de Ezequiel, que recebeu a ordem de comer o rolo, e que encherá com ele o seu estômago (Ezequiel 3:1,3). Em ambas as imagens a idéia é a mesma. O mensageiro de Deus deve assimilar a mensagem, deve digeri-la, deve levá-la à sua vida e ser mais íntimos, a mensagem de Deus deve tornar-se parte de sua própria humanidade.

A doçura do rolo de papiro é uma idéia que aparece várias vezes na Bíblia. Para o salmista os juízos dê Deus são mais doces que o mel e o favo de mel (Salmo 19:10; cf. também Salmo 119:103). Talvez tenha seu eco num agradável costume pedagógico dos judeus. Quando um menino estava aprendendo o alfabeto, ele o escrevia sobre um tablete de farinha e mel. O mestre, então, ensinava ao menino o valor fonético de cada signo. Quando o menino era capaz de repetir os sons das letras era-lhe permitido comê-los uma por uma, à medida que as lembrava de modo correto. Assim o alfabeto era como mel em sua boca. Quando o profeta e o salmista falam das palavras e os juízos de Deus, dizendo que são mais doces que o mel, é bem possível que estejam lembrando este costume.

Mas João acrescenta outra idéia. Para ele o rolo era doce e amargo ao mesmo tempo. Com esta idéia quer nos dizer o seguinte. A mensagem de Deus pode ser ao mesmo tempo doce e amarga para o servo de Deus que deve transmiti-la. É doce porque é um privilégio receber uma mensagem de Deus e ser eleito para agir como seu mensageiro. Mas a mensagem em si pode ser uma advertência de ameaças, uma antecipação da condenação; portanto a mensagem é amarga. Para João era um privilégio ter sido admitido ao conhecimento dos segredos celestiais e receber uma mensagem de parte de Deus. Mas era uma experiência amarga ter que predizer os tempos de terror, até se no final dessas tribulações a vitória esperava os crentes. A doçura e a amargura estão mescladas na responsabilidade de todo mensageiro de Deus.

O Anticristo

Nas passagens do Apocalipse que estudaremos a seguir várias vezes nos virá ao encontro a figura do Anticristo. Trata-se de uma imagem que exerceu estranha fascinação sobre a mente dos homens. Foram muitas as especulações, as teorias fantásticas e as idéias com relação ao Anticristo. Será conveniente, portanto, reunir o material de que dispomos sobre este tema e buscar integrá-lo num todo coerente.

Podemos começar afirmando em termos gerais que o Anticristo representa as forças do universo que estão contra Deus. Do mesmo modo, o Cristo é o Santo e o Rei Ungido de Deus; o Anticristo é o que não é santo, o Rei de todo mal. Do mesmo modo, como o Cristo, o Messias, é a encarnação de Deus e da bondade, o Anticristo é a encarnação do Diabo e do mal. Do mesmo modo, como Cristo é o campeão e defensor de Deus, o Anticristo é o campeão e defensor de tudo o que opõe-se a Deus.

A idéia de que haja uma força oposta a Deus não é nova. O Anticristo tem seus predecessores e antecessores muito antes de ele fazer sua aparição em cena, no Novo Testamento; e nos ajudará a fazer uma percorrida superficial destas imagens mais antigas, porque sem dúvida quase todas elas tiveram algum tipo de influência sobre a representação do Anticristo que encontramos no Novo Testamento.

(1) Os babilônios tinham um mito sobre a criação do mundo, que compartilhavam com todos os povos semitas e que os judeus devem ter conhecido. Este mito narrava a história da criação como a luta entre o Marduk, o criador, e Tiamat, o dragão, que representa o caos original. Marduk é a força da ordem e da criação, Tiamat é o caos e a desordem, contra os quais Marduk tem que lutar e a quem deve dominar antes que a criação seja possível. A tradição sustentava que esta luta entre Deus e o caos, por assim dizer, repetir-se-ia pouco antes do fim do mundo. Esta antiga crença da luta entre Deus e o dragão do caos tem expressão em certas passagens do Antigo Testamento e serve para nos explicar algumas de suas passagens mais obscuras. Isaías fala do dia quando Deus matará o Leviatã, a serpente retorcida, o dragão que está no mar (Isaías 27:1). No pensamento judeu esta imagem do velho dragão do caos tomou o nome de Raabe. Isaías diz: “Não és tu aquele que cortou em pedaços a Raabe e feriu o dragão?” (Isaías 51:9). Quando o salmista enumera os triunfos de Deus, diz que também fará menção de Raabe (Salmo 87:4, veja-se 89:10). Sendo esta uma concepção que está nas

origens da idéia do Anticristo, não deve resultar estranho que o dragão volte a aparecer em Apocalipse 12:9.

(2) Também está presente a idéia de Belial. Belial, no Antigo Testamento, aparece freqüentemente como símbolo do mal. O homem ou a mulher maus são chamados, respectivamente, filho ou filha de Belial. Os filhos ímpios de Eli são filhos de Belial (1 Samuel 2:12). Quando Ana está orando no templo, pedindo a Deus que a abençoe com um filho, Eli crê que está bêbada, mas ela lhe diz que não é uma filha do Belial (1 Samuel 1:16; veja-se também 1 Samuel 25:17,25; 2 Samuel 16:7; 1 Reis 21:10, 13; 2 Crônicas 13:7). Há dúvida com relação ao significado exato da palavra "Belial". Tem-se interpretado como "príncipe do ar", "ruína sem acordo possível" e "carente de todo valor".

No período intertestamentário, Belial chegou a ser considerado chefe de todos os diabos e demônios. No Novo Testamento a palavra aparece uma só vez, em 2 Coríntios 6:15. Aqui Belial é usado como a antítese de Cristo. É possível que a idéia provenha, ao menos em parte, da religião persa, com a qual os judeus devem ter entrado em contato. Os persas consideravam que o universo criado era o campo de batalha onde se livrava a luta entre o Ormuz, o deus da luz, e Arimã, o deus das trevas. Aqui também encontramos a idéia de uma força no mundo que se opõe a Deus e luta contra Ele.

(3) Em certo sentido o Anticristo por definição é Satanás, o diabo. Às vezes se identifica Satanás com Lúcifer, o filho da manhã, o anjo que se rebelou contra Deus no céu e foi lançado no inferno (Isaías 14:12). É fácil encontrar exemplos de atuações de Satanás — a palavra significa "o Adversário" — que procuraram transtornar os planos divinos, porque sua natureza é precisamente esta. Por exemplo, a história de quando Satanás convence a Davi de que tome um censo de seu povo, em direta desobediência da ordem divina que lhe proibia fazê-lo (1 Crônicas 21:1). Mas embora Satanás seja o oponente direto de Deus em várias circunstâncias, há uma diferença. Satanás continua sendo um anjo, ainda

que seja um anjo caído, enquanto que o Anticristo é uma imagem visível, sobre a Terra, na qual se encarnou a essência do mal.

(4) O desenvolvimento da idéia do Messias fez inevitável, num certo sentido, que também se desenvolvesse, de maneira paralela, a idéia do Anticristo. O Messias é o Ungido de Deus; é inevitável que o Messias encontre oposição na Terra; e é muito provável também que essa oposição se cristalize e concentre num personagem supremo, encarnação do mal. Devemos lembrar que a palavra Messias e a palavra Cristo significam exatamente o mesmo. Ambas as palavras, em hebraico e em grego respectivamente, significam "o Ungido". Em qualquer lugar que haja um Cristo haverá necessariamente um Anticristo, pelo menos enquanto exista o pecado na Terra e a inimizade e oposição contra Deus.

(5) No Antigo Testamento há várias descrições da batalha final entre Deus e as forças de oposição a Deus reunidas em seu conjunto para travar o combate decisivo. Este conceito, por exemplo, aparece na luta entre Gogue e Magogue (Ezequiel 38), ou na imagem da destruição dos destruidores de Jerusalém (Zacarias 14).

Mas, para os judeus da época imediatamente anterior ao princípio de nossa era, a culminação das manifestações do mal se relacionava com um terrível episódio de sua própria história. Este episódio se comemora na descrição que encontramos em Daniel 8:9-12, do chifre pequeno que se exaltou a si mesmo e se rebelou contra o próprio céu, e que conseguiu deter os sacrifícios diários e até derrubar o templo.

O chifre pequeno é Antíoco Epifânio da Síria, que planejou introduzir na Palestina os costumes, o idioma, a cultura e a religião gregas, porque se considerava missionário da civilização helênica. Os judeus resistiram. Antíoco Epifânio invadiu a Palestina e capturou Jerusalém. Segundo os relatos da época 80.000 judeus morreram ou foram vendidos como escravos. Circuncidar um menino ou possuir uma cópia da Lei era um delito que merecia a pena de morte. Nunca houve na história um intento tão coerente de tirar de um povo seu fé e religião tradicionais. Profanou o Templo e no Santíssimo instalou um altar do

Zeus Olímpico. Nesse altar sacrificou um porco. Converteu as habitações do Templo, onde se guardavam os copos sagrados, em prostíbulos públicos. Finalmente a valentia dos Macabeus conseguiu reconquistar a cidade e expulsar a Antíoco. Mas para os judeus o nome de Antíoco seguiu sendo a representação mais clara do mal. É o pequeno chifre blasfemo de Daniel, é o que mais se parece com o Anticristo na história.

Podemos perceber que a imagem do Anticristo já foi tomando forma no Antigo Testamento. A encarnação do mal, o supremo inimigo de Deus, já aparecem em suas páginas.

Vejamos, agora, como aparece a idéia do Anticristo no Novo Testamento.

(1) Há poucas menções à idéia de um Anticristo nos evangelhos sinóticos. A única referência está nos capítulos que predizem o fim e anunciam seus sinais. Nestes Jesus anuncia a vinda de falsos cristos e falsos profetas, aos quais seus seguidores não devem escutar (Mateus 24:23,44; Marcos 13:6,22; Lucas 21:8). No Quarto Evangelho, a idéia é similar (João 5:43). A idéia do Anticristo, nestas referências, tem que ver com um mestre cujos ensinos serão falsos, e que procurará apartar os homens da verdadeira fé e da verdadeira lealdade a Jesus Cristo. Em outras palavras, trata-se de um problema de heresia. Este conceito volta a aparecer, mais adiante, em outros lugares do Novo Testamento.

(2) Uma das principais representações do Anticristo é a do "Homem do Pecado" em 2 Tessalonicenses 2. É evidente, pela forma em que escreve, que Paulo está lembrando aos tessalonicenses ensinos que eles ouviram dele pessoalmente (2 Tessalonicenses 2:5). Segundo o quadro que Paulo pinta primeiro, vai produzi-se uma onda generalizada de afastamento; então virá o Homem do Pecado; se exaltará acima do próprio Deus e reclamará para si a adoração que só Deus merece; operará sinais e milagres mentirosos que enganarão a muitos. No momento em que Paulo está escrevendo, há algo que mantém preso o Homem de Pecado e retarda sua manifestação, ou seja a manifestação final do mal (2 Tessalonicenses 2:7). É muito provável que Paulo se

refira ao Império Romano. Para Paulo o Império Romano é a força de coesão que evita a volta do mundo ao caos, que neste caso será o caos final. O Anticristo, nesta referência, é uma pessoa que encarna e concentra a própria essência do mal. Isto se relaciona com a idéia do Belial, que tínhamos encontrado no Antigo Testamento, e com o conflito entre a luz e as trevas, na concepção persa do mundo. Nesta passagem o Anticristo evidentemente foi personificado.

(3) A idéia do Anticristo aparece nas cartas de João. É nestas onde encontramos a palavra "Anticristo" pela primeira vez. O Anticristo virá nos últimos tempos; quando João escreve já vieram muitos anticristos; portanto, diz João, sabemos que estamos vivendo nos últimos tempos (1 João 2:18). Aquele que nega ao Pai e ao Filho é o Anticristo (1 João 2:22). Em particular, é o Anticristo quem nega que Jesus Cristo veio na carne (1 João 4:3; 2 João 7). A suprema característica do Anticristo é a negação da realidade da encarnação.

Aqui, novamente, a principal idéia é que o Anticristo representa a heresia. O Anticristo é o espírito de falsidade que aparta os homens da fé verdadeira e os leva a professar concepções errôneas, que constituem a ruína da fé cristã.

(4) Mas é no Apocalipse onde aparece a representação mais completa do Anticristo. Não temos, entretanto, uma única imagem, nem esta, que seja simples. O Anticristo assume várias formas.

(a) Em 11:7 temos a imagem de uma besta que vem do abismo para matar as duas testemunhas em Jerusalém, que reinará durante quarenta e dois meses. A imagem do Anticristo que temos nesta descrição é a de um personagem infernal que terá um poder terrível e destrutivo, mas limitado no tempo. Nesta representação do Anticristo há uma certa relação com o personagem histórico de Antíoco Epifânio, o chifre pequeno de Daniel. É provavelmente desta referência histórica que provém o período de 42 meses, três anos e meio, porque esse foi, precisamente, o período que durou o poder de Antíoco Epifânio sobre os judeus.

(b) No capítulo 12 temos a imagem do grande dragão vermelho, que persegue a mulher vestida de Sol, a mulher que está prestes a dar à luz um filho. O dragão é finalmente derrotado e expulso do céu. Neste caso, o dragão se identifica com a velha serpente do demônio (12:9). Toda a história tem evidentemente uma relação próxima com as velhas lendas sobre o dragão e o caos que são inimigos de Deus.

(c) No capítulo 13 temos a imagem da besta com sete cabeças e dez chifres, que vem do mar, e a outra besta, com dois chifres, que vem da Terra. Neste caso a idéia que João tem em mente é a da selvageria e abominação do culto a César, tal como o impôs em sua época; e neste caso o Anticristo é aquele que dá origem à perseguição dos cristãos. Aqui a idéia não é a de um poder sedutor que esparrama a falsidade e convence a muitos de heresia, mas sim a de um poder terrível, cruel, perseguidor, que planejou a destruição total de Cristo e de sua Igreja.

(d) Em 17:3 aparece a imagem de uma besta cor escarlate, que tem sete cabeças e dez chifres, sobre a qual está montada a mulher que se chama Babilônia. Também diz que as sete cabeças são as sete colinas sobre as quais a mulher se assenta. No Apocalipse Babilônia simboliza Roma, que como sabemos estava construída sobre sete colinas. É bem evidente que nesta imagem o símbolo refere-se a Roma. O Anticristo, então, é o poder perseguidor de Roma que se lançou contra a Igreja.

É importante que notemos uma mudança que se produz aqui. Como vimos, para Paulo, quando escreveu a segunda carta aos Tessalonicenses, Roma é o poder ordenador que evita a vinda do Anticristo. Em Romanos 13:1-7 Paulo diz que o Estado foi ordenado por Deus, e exorta aos cristãos a serem bons cidadãos, leais a seu soberano. Em 1 Pedro 2:13-17 a ordem para os cristãos é submeter-se ao governo do Estado, temer a Deus e honrar ao Rei. No Apocalipse entramos num clima totalmente diferente. Roma é o Anticristo, a grande inimiga da Igreja, a grande opositora de Deus e a grande aliada do diabo. Os tempos mudaram, a perseguição se desatou com toda sua fúria; Roma se converteu, para João, no Anticristo.

(5) Notaremos um último elemento na imagem do Anticristo. Com a antiga idéia judia de um poder antidivino e com a idéia cristã de um poder que era a encarnação do mal, do mesmo modo como Jesus tinha sido a encarnação do bem, mescla-se uma concepção que provém do mundo grego-romano. O pior dos imperadores romanos naquela época foi Nero. Era considerado — não somente entre os cristãos — como o pior monstro de iniqüidade. Nero se suicidou no ano 68 e todo o império romano pôde respirar aliviado.

Mas quase imediatamente surgiu uma nova idéia. Esta idéia era que Nero em realidade não tinha morrido, que por sua maldade era imortal e que estava na Parcia, esperando junto com as temíveis hordas da cavalaria desse reino para desatar o terror e causar a destruição total da terra civilizada. Esta idéia recebeu o nome de *Nero redivivus*, ou seja o mito de Nero ressuscitado. No mundo antigo este mito contava com adeptos até vinte anos depois da morte de Nero. Para os cristãos Nero representava o mal reconcentrado. Foi ele quem acusou os cristãos de terem incendiado a Roma. Foi ele quem iniciou as perseguições. Ele foi quem inventou os piores métodos de tortura e execução. Era um demônio de crueldade inconcebível. Muitos cristãos criam no mito do Nero ressuscitado e freqüentemente — como veremos no Apocalipse — descreviam a vinda do Anticristo em termos equivalentes com os da volta de Nero, o ímpio.

Apocalipse 11

A visão das coisas por vir – 11:1-19
A medição do templo - 11:1-2
As dimensões do terror - 11:1-2 (cont.)
As duas testemunhas - 11:3-6
A morte salvífica dos duas testemunhas - 11:7-13
O prognóstico das coisas por vir - 11:14-19

A VISÃO DAS COISAS POR VIR

Apocalipse 11:1-19

Convém ver primeiro este capítulo como uma totalidade, antes de tentar analisá-lo em detalhe. Tem-se dito que este é o capítulo mais difícil e ao mesmo tempo o mais importante do Apocalipse. Sua dificuldade é evidente. Contém sérios problemas de interpretação sobre cuja solução ninguém pode ter a palavra definitiva. Sua importância radica no fato de que contém um resumo deliberado do resto do livro. O vidente comeu o livrinho, assimilou em sua mente e coração a mensagem da verdade de Deus. Agora o põe por escrito, mas não ainda em detalhe mas em seus grandes esboços. Tão certo está com relação ao curso dos acontecimentos futuros, que a partir do versículo 11 deste capítulo muda o tempo de sua narração. Fala das coisas que pertencem ao futuro como se estivessem já no passado. Cabe lembrar este detalhe, pois mesmo quando lermos, vejamos que certos acontecimentos que se descrevem em tempo passado, sempre se trata de atos que ainda estão no futuro. Resumamos o esquema deste capítulo que é, também o esquema do resto do livro.

(1) Versículos 1-2. Aqui temos a imagem da medição do Templo. Como veremos, a ação de medir é muito similar, por seu valor simbólico, à de selar; mede-se para proteger a coisa medida no em que os poderes demoníacos descem sobre a Terra.

(2) Versículos 3-6. Aqui está a pregação dos duas testemunhas, que são os arautos do fim.

(3) Versículos 7-10. Aqui está a primeira aparição do Anticristo, na forma de uma besta que vem do abismo, e a vitória temporária da Besta que resulta na morte das duas testemunhas.

(4) Versículos 11-15. Aqui temos a ressurreição das duas testemunhas e o conseqüente arrependimento e conversão dos judeus.

(5) Versículos 14-19. Por último, temos a primeira visão do triunfo final de Cristo, os mil primeiros anos de seu reinado, a sublevação final

das nações, a derrota das nações, o juízo dos mortos e o estabelecimento definitivo e final do Reino de Deus e de seu Ungido.

Estes são os fatos que neste capítulo são relatados em forma resumida. Estes mesmos eventos são o material do resto da obra.

Agora examinaremos detalhadamente este capítulo.

A MEDIÇÃO DO TEMPLO

Apocalipse 11:1-2

O vidente recebe um metro (para medir) e uma vara. A palavra que se traduz por metro significa, literalmente, cano. Havia, naquela época, um cano similar ao bambu que crescia nos rios ou sobre as margens dos rios e podia chegar a ter de dois a três metros de altura. Os judeus estavam acostumados a usar esses canos como varas para medir. A vara é, em realidade, uma unidade métrica dos judeus que equivalia a seis côvados. O côvado é a medida que há entre a ponta do cotovelo e a ponta do dedo maior, 17 ou 18 polegadas atuais. A vara judia tinha nove côvados.

A imagem da medição aparece freqüentemente nas visões dos profetas. Encontramo-la em Ezequiel, Zacarias e Amós (Ezequiel 40:3,6; Zacarias 2:1; Amos 7:7-9).

Qual era o propósito da medição? As medidas eram tomadas por distintas razões e propósitos. Media-se um edifício para restaurá-lo; tomavam-se as medidas de um terreno quando se queria construir sobre ele um edifico. Também se media, entretanto, antes de destruir ou demolir. Neste caso não temos nenhum destes dois significados, mas que se mede para preservar. O que foi medido há de ser conservado. A medição, então, é como o selado em 7:2-3. Tanto o selado como a medição têm como propósito assegurar a proteção dos fiéis de Deus durante o império dos terrores demoníacos que descerão sobre a Terra.

O vidente recebe ordem para medir o Templo. Mas omitirá, em sua medição, a do Pátio exterior, que foi entregue aos gentios. O Templo de

Jerusalém estava dividido em quatro pátios, que rodeavam, por assim dizer, o Santíssimo. Estava o Pátio dos Gentios no qual podiam penetrar os que não fossem membros do povo judeu. Para além deste pátio lhes estava proibido s passagem, sob pena de morte. Entre este pátio e o seguinte havia uma balaustrada sobre a qual se afixavam letreiros em vários idiomas com a advertência de não transgredir esse limite. O Pátio seguinte era o das mulheres. Até ali podiam penetrar as mulheres judias. O próximo era o Pátio dos Israelitas. Para além deste pátio não podiam passar os homens judeus que não fossem sacerdotes. Por último estava o Pátio dos Sacerdotes, no qual se encontrava o Altar das Ofertas Queimadas, que era de bronze, e o Altar do Incenso, que era de ouro. No centro deste Pátio estava o Santo, e em seu interior o Santíssimo. No Santíssimo só podia entrar o sumo sacerdote uma vez por ano.

Na cena que se nos descreve o vidente deve medir o Templo. Aqui há uma dificuldade que só se esclarece quando compreendemos a situação. A dificuldade é que o Apocalipse foi escrito no ano 90, aproximadamente, e o Templo de Jerusalém tinha sido destruído no ano 70. Como, então, podia medir um edifício que já não existia?

Nesta passagem João está usando, para seus próprios fins, um episódio que já foi relatado em textos anteriores a ele. É muito provável que esta porção do Apocalipse, em sua forma original, tenha sido escrito no ano 70, durante o sítio de Jerusalém, mas antes da tomada da cidade e da destruição do Templo. Durante este sítio o partido político dos judeus que não aceitaram jamais a derrota era o dos zelotes. Estavam dispostos a morrer até o último homem e isso é o que fizeram. Quando caíram as muralhas da cidade os zelotes se retiraram ao Templo para ali fazer a última defesa desesperada. É possível que nesse momento os profetas que alentavam a este grupo hajam dito: "Coragem! Os invasores gentios poderão entrar no Pátio exterior, pisoteá-lo e profaná-lo. Mas jamais poderão penetrar nos Pátios interiores. Deus nunca o permitirá." Esta esperança e sonho não se viu confirmada pelos fatos; os zelotes morreram e o Templo foi demolido. Mas originalmente a medição das

partes interiores do Templo e o abandono do Pátio dos Gentios representam a esperança dos zelotes para os últimos dias.

João toma esta imagem e a espiritualiza por completo. Quando fala do Templo não está pensando no edifício que se levantava em Jerusalém. Fazia mais de vinte anos que esse edifício não existia. Para ele o Templo é a Igreja Cristã, o novo Povo de Deus. Esta é uma imagem que nos sai ao encontro em várias passagens do Antigo e Novo Testamento. Os cristãos são pedras vivas, incorporadas numa casa espiritual (1 Pedro 2:5). A Igreja é fundada sobre os apóstolos e os profetas. Jesus Cristo é a pedra angular; a Igreja de Deus está crescendo até constituir-se no novo e santo Templo de Deus (Efésios 2:20-21; veja-se também 1 Coríntios 3:16; 2 Coríntios 6:16).

Em todas estas passagens o Templo é uma comunidade humana, o Povo de Deus. E o mesmo sucede no texto que estamos estudando. A medição do Templo equivale simbolicamente ao selar dos santos crentes. No momento da prova mais terrível, estes serão protegidos e preservados. Mas outros, os que espiritualmente são gentios, os que estão fora da Igreja, estão condenados à destruição.

AS DIMENSÕES DO TERROR

Apocalipse 11:1-2 (continuação)

A duração do terror, neste caso, seria de 42 meses. O tempo da pregação das duas testemunhas seria de 1260 dias. Seus corpos insepultos estariam jogados na rua durante três dias e meio. Encontramo-nos em todos estes casos com uma cifra simbólica que volta a ocorrer em repetidas oportunidades (veja-se 13:5; 12:6). O mesmo sucede, por outro lado, ainda que sob uma forma distinta, em 12:14, onde se fala de um tempo, tempos e meio tempo. É uma frase famosa, que tem suas origens em Daniel (7:25; 17:7). A primeiro coisa que temos que nos perguntar é qual é o significado da frase; a segunda, quais as suas origens.

O significado da frase é três anos e meio. Isto é o que somam os 42 meses e os 1260 dias, segundo a maneira judia de contar o tempo. Um tempo, tempos, e meio tempo significam um ano, dois anos e meio ano. Este é o significado literal, é obvio. Devemos ter em conta que tanto a palavra "tempo" como a palavra "ano" devem ler-se simbolicamente pois possuem, na mente do autor, um significado alegórico.

A origem da frase encontramos no pior período da história judia. Em torno do ano 168 a.C., Antíoco Epifânio era rei da Síria. Considerava-se um missionário da cultura grega. Por isso, ele decidiu introduzir o idioma grego e a cultura e a religião gregos entre os judeus. Encontrou a resistência mais violenta e teimosa que se possa imaginar. O problema se complicou pelo fato de que a Palestina está localizada exatamente entre a Síria e o Egito, inimigos mortais naquele então. Antíoco Epifânio sabia perfeitamente bem que os judeus, desesperado-se pelo que lhes estava sucedendo, podiam recorrer ao Egito por proteção e ajuda. Portanto decidiu acelerar sua missão usando a força quando não podia influir mediante a persuasão. Na atuação de Antíoco Epifânio temos o exemplo mais claro do esforço de um homem por eliminar a religião e a cultura de um povo. Invadiu Jerusalém. Quase 80.000 judeus morreram ou foram levados como escravos ao cativeiro. Possuir uma cópia da Lei era um crime capital. A circuncisão de um menino era castigado com a morte. profanou-se o Templo. Levantou-se, no Santíssimo, um altar de Zeus Olímpico. Sobre esse altar se sacrificou um porco. Nas dependências do Santo, onde se guardavam os objetos sagrados de uso cultual, instalou-se um prostíbulo público, onde trabalhavam prostitutas sagradas. A resistência foi tenaz; a lista dos mártires é imensa. escolheram morrer e morreram aos milhares. Este processo foi detido, finalmente, pelo levantamento do valente Judas Macabeu e seus seguidores.

Judas e seus soldados lutaram pelo método das guerrilhas. Finalmente Antíoco foi expulso e o Templo foi reconsagrado ao culto de Deus. Este período, quando o Templo esteve sob a autoridade de Antíoco

Epifânio e sofreu abomináveis contaminações que o profanaram, durou entre junho de 168 a. C. até dezembro de 165 a. C. Até hoje os judeus celebram a Festa do Hannukah, que comemora a restauração e limpeza do templo. Quer dizer, este tempo de terror durou quase exatamente três anos e meio. Foi durante este período que se escreveu o livro de Daniel. Neste livro aparece pela primeira vez a expressão que João volta a usar no Apocalipse. Para os judeus a frase equivale a um período de terror, sofrimento, aflição, martírio e morte.

Este é, então, o significado do período de três anos e meio, e da frase um tempo, tempos e meio tempo.

AS DUAS TESTEMUNHAS

Apocalipse 11:3-6

Uma das crenças dos judeus é que Deus enviaria um mensageiro especial antes do Dia do Senhor. (Malaquias 3:1). Para Malaquias este mensageiro seria Elias (4:5). Em nossa passagem temos a vinda dos dois mensageiros de Deus.

Estes mensageiros têm a missão de profetizar. Profetizarão durante 1.260 dias, ou seja três anos e meio, o tempo que se associa com o terror e a destruição que hão de vir. Sua mensagem será sombria, porque estão vestidas de pano de saco. Será uma mensagem de condenação; ouvi-la será uma tortura e o povo ficará contente quando morrerem (v. 10).

Quem são estas duas testemunhas? Quais são os personagens que João tem em mente?

(1) Alguns eruditos interpretaram a passagem de maneira totalmente alegórica. Vêem nas duas testemunhas a Lei e os Profetas, ou o Antigo e o Novo Testamento. Ou crêem que é uma forma de representar a Igreja. Jesus disse a seus discípulos que deviam dar testemunho, de dois em dois, em Jerusalém, em Judéia, na Samaria e até aos confins da terra (Atos 1:8). Os que explicam o significado dos duas testemunhas como uma referência à Igreja encontram o sentido do

número dois em Deuteronômio 19:15, onde se diz que se alguém for acusado de um delito deverá contar-se com duas testemunhas para condená-lo. Mas a imagem dá estas duas testemunhas é tão clara e definida que muito provavelmente a interpretação alegórica não seja a mais adaptada. Convém, pois, buscar personagens reais aos quais esta passagem possa referir-se.

(2) Interpretou-se que os duas testemunhas são Enoque e Elias. Segundo a tradição, Enoque e Elias seriam os dois únicos personagens do Antigo Testamento que não morreram. A Enoque Deus "o tomou para si" (Gênesis 5:24) e Elias foi elevado ao céu num tornado (2 Reis 2:11). Tertuliano registra uma crença popular segundo a qual os dois estariam vivos no céu para dar morte ao Anticristo quando este aparecesse sobre a Terra (*Sobre a Alma* 50).

(3) É muito mais provável que os duas testemunhas sejam Moisés e Elias. Moisés era o legislador supremo, e Elias era o maior dos profetas. As duas figuras mais importantes da religião judia agiriam, então, como mensageiros de Deus nos tempos prévios ao fim. Os dois mesmos personagens aparecem, junto com Jesus, no Monte da Transfiguração (Marcos 9:4). Por outro lado os detalhes da descrição se ajustam às características de Elias e Moisés.

Diz-se que têm poder para transformar a água em sangue e açoitar a terra com toda classe de pragas (v. 6). Isto é precisamente o que fez Moisés quando Deus ordenou que libertasse o seu povo do Egito (Êxodo 7:14-18), Diz-se que de suas bocas sai fogo e que podem matar com esse fogo a seus inimigos, e que têm poder para deter a chuva. Isso foi o que fez Elias com a companhia de soldados que foi enviada para capturá-lo (2 Reis 1:9-10), e quando profetizou a Acabe uma longa seca (1 Reis 17:1). Já vimos que um dos sinais da proximidade do Reino era, segundo a tradição judia, a volta de Elias, que anunciaria a vinda do Cristo. E não seria difícil interpretar a profecia de Deuteronômio 18:18 (que Deus levantaria um profeta como Moisés) como um anúncio da volta de

Moisés em pessoa. A melhor interpretação, então, é considerar que os duas testemunhas são Moisés e Elias.

A MORTE SALVÍFICA DAS DUAS TESTEMUNHAS

Apocalipse 11:7-13

As testemunhas pregarão durante o tempo que lhes foi atribuído, e então virá do abismo o Anticristo. O Anticristo assassinará cruelmente as duas testemunhas.

Tudo isto sucederá em Jerusalém, a cidade Santa. Mas Jerusalém é chamada aqui com os nomes terríveis de Sodoma e Egito. Muito tempo antes Isaías já tinha chamado aos dirigentes de Jerusalém com o nome de "príncipes de Sodoma" e ao povo dessa cidade, "povo de Gomorra" (Isaías 1:9-10). Sodoma e Gomorra são símbolos do pecado, são as cidades que não souberam demonstrar hospitalidade ao estrangeiro visitante (veja-se a história de Gênesis 19:4-11) e que tinham escravizado a seus benfeitores (Sabedoria 19:14-15). A perversidade de Jerusalém já tinha crucificado a Jesus Cristo. Agora, nos dias por vir, presenciaria com alegria a morte das duas testemunhas.

Tal seria o ódio dos jerosolimitanos para com as duas testemunhas, que seus cadáveres ficariam insepultos na rua durante três dias e meio. Segundo a concepção judia, uma das piores ações era não dar sepultura aos cadáveres. Quando os pagãos atacaram o povo de Deus, uma das maiores tragédias foi que não tinha restado ninguém para sepultar os judeus mortos (Salmo 79:3). A ameaça contra o profeta desobediente, ameaça que depois se cumpriria, foi que seu corpo não seria sepultado na tumba de seus pais (1 Reis 13:22). Mas, muito pior ainda, tal seria o ódio e a maldade do povo, que a morte das testemunhas teria que celebrar-se como um fato festivo.

Não obstante, este não é o fim. Depois de três dias e meio (o mesmo período novamente) o espírito voltaria para as duas testemunhas e estas se levantariam e ficariam de pé. À vista de todos, além disso, seriam

chamados o céu, reproduzindo, deste modo, a assunção de Elias no redemoinho e no carro de fogo (2 Reis 2:11).

Para adicionar terror à cena, João diz que nesse momento se produzirá um terremoto que destruirá uma décima parte da cidade, matando a 7.000 pessoas. O resultado de todos estes sinais foi a conversão dos que os haviam presenciado. Os que sobreviveram à prova deram glória a Deus. Quer dizer, arrependeram-se de seus maus caminhos, converteram-se a Deus, porque esta é a única maneira autêntica de glorificá-lo.

O grande interesse desta passagem é constatar que os incrédulos foram ganhos pela morte sacrifical das duas testemunhas e por sua reivindicação. Volta a repetir a história da Cruz e da Ressurreição. Não se pode conquistar o mal e ganhar as almas dos homens pela força. Este efeito será obtido apenas pela aceitação voluntária do sofrimento no nome de Cristo e a paciente esperança na reivindicação final.

O PROGNÓSTICO DAS COISAS POR VIR

Apocalipse 11:14-19

A principal dificuldade desta passagem é que descreve a vitória final quando ainda falta meio livro para terminar o drama dos últimos dias. Na introdução geral a este capítulo já assinalamos como se esclarece esta dificuldade. Esta parte do capítulo 11 é um resumo do que virá mais adiante em detalhe. Os acontecimentos previstos são os seguintes:

(1) A vitória mediante a qual os reinos deste mundo se tornam os reinos do Senhor e de seu Ungido. Em primeiro lugar está a vitória, que é o princípio do reinado eterno do Cristo. Trata-se, realmente, de uma citação do Salmo 2, versículo 2, e significa que o Reino Messiânico começou. Ao presenciar a vitória os 24 anciãos, quer dizer, a totalidade da Igreja, irrompe num cântico de ação de graças.

(2) Esta vitória conduz ao momento quando Deus assume sua autoridade suprema (v. 17). Quer dizer, leva ao reinado milenário de Deus. O Milênio é um período de mil anos de paz e prosperidade.

(3) Mas ao terminar o milênio se produzirá o ataque final de todas as forças hostis a Deus (v. 18). Então os poderes do mal seriam final e totalmente derrotados. A seguir desta derrota viria o juízo final.

É importante compreender que as coisas que se descrevam nesta visão ainda não sucederam. São, em realidade, a substância resumida do que encontraremos no resto do livro. Trata-se, pois, de um resumo que antecipa as coisas que ainda estão por produzir-se.

No versículo 19 voltamos ao presente. É um versículo difícil. Trata-se de uma visão do Templo Celestial aberto e da arca da Aliança no meio dele.

O que significa isto? Há duas coisas que devem destacar-se.

(1) O Templo está aberto; mas não apenas isso, mas também pode ver-se a arca da Aliança. A arca da Aliança estava localizada no Santíssimo, um lugar que nenhuma pessoa comum podia ver, no qual o Sumo sacerdote, inclusive, só entrava uma vez por ano, no Dia da Expiação. Nesta visão temos, então, a abertura do Templo e do Santíssimo. Somente pode significar uma coisa: agora a glória de Deus há que manifestar-se em toda sua plenitude. O segredo deve ser revelado, o que ninguém viu jamais deve mostrar-se a todos os homens. A glória de Deus explodirá sobre a humanidade inteira.

(2) Por que temos aqui esta referência especial à Arca da Aliança? Trata-se de lembrar a Aliança que existe entre Deus e seu povo. Originalmente esta aliança tinha sido convencionado com o povo de Israel; mas a Nova Aliança é a de Jesus Cristo com todos os homens de todas as nações que o amem e creiam nEle. Isto significa que na plena manifestação de sua glória, na destruição de seus inimigos, Deus lembrará sua Aliança e será fiel a ela. Sejam quais forem os terrores e a destruição que sobrevirá, Deus não romperá a Aliança que o une aos seus, nem falsificará suas promessas.

De maneira que estamos diante da plena manifestação da glória de Deus, que significa uma apavorante ameaça para os inimigos de Deus mas uma promessa consoladora para os que estão incluídos na Aliança.

Apocalipse 12

A mulher grávida - 12:1-2
O ódio do dragão - 12:3-4
O rapto do menino - 12:5
A fuga ao deserto - 12:6
Satanás, o inimigo de Deus - 12:7-9
O cântico dos mártires gloriosos - 12:10-12
O ataque do dragão - 12:13-17

A MULHER GRÁVIDA

Apocalipse 12:1-2

João teve uma visão extraordinária, que se lhe apresentou diante dos olhos como um quadro no céu. Também aqui encontramos o mesmo método de composição que já constatamos em outras passagens: os detalhes da visão provêm de diversas fontes. A mulher está vestida de Sol; a Lua é o ponto de apoio para seus pés; tem uma coroa de doze estrelas. O salmista diz com relação a Deus que se cobre de luz como com uma vestimenta (Salmo 104:2). Nos Cantares o amante diz que sua amada é tão clara como a Lua e tão clara como o Sol (Cantares 6:9). De maneira que pelo menos uma parte da visão que João teve provém do Antigo Testamento. Mas ele acrescentou de sua própria colheita algo que todos os pagãos da Ásia Menor eram capazes de reconhecer como parte da antiga representação babilônica da divindade. Muito freqüentemente representavam a seus deuses com uma coroa na qual eram representados os doze signos do zodíaco. É como se João tivesse tomado todos os símbolos da divindade e da beleza que conhecia e os tivesse reunido nesta descrição.

A mulher está dando a luz. Quem é ela? Nossa chave para poder responder a esta pergunta é o fato indubitável de que o filho que vai ter é o Cristo, o Messias. Isto aparece com suficiente clareza na descrição do menino no versículo 5. Ali é dito que está destinado a governar as nações com uma vara de ferro. Esta é uma citação do Salmo 2:9 e uma das descrições freqüentes do Messias. A mulher, então, é a mãe do Cristo. Com esta elucidação, então, podemos dizer com quem tem que identificar-lhe

(1) Se a mulher for a "mãe" do Messias o mais direto e óbvio seria pensar que se trata de Maria. Mas esta mulher é tão evidentemente sobre-humana que dificilmente possa identificar-se com um personagem histórico.

(2) A perseguição da mulher pelo dragão sugere a possibilidade de que aquela possa identificar-se com a Igreja cristã. Neste caso a dificuldade é que a Igreja dificilmente possa ser chamada "mãe do Messias

(3) No Antigo Testamento o Povo Eleito, o que poderíamos denominar o Israel ideal, é chamado muitas vezes a desposada, noiva ou esposa de Deus (Isaías 54:5; Jeremias 3:6-10; Oséias 2:19-20). No Apocalipse lemos sobre a festa das bodas do Cordeiro e da Esposa do Cordeiro (Apocalipse 19:7; 21:9; veja-se também 2 Coríntios 11:2).

Esta última interpretação nos oferece um caminho que aparentemente estamos em condições de transitar. Foi do Povo Escolhido, do Israel Ideal, a Comunidade de Deus, que nasceu Jesus Cristo, em seu aspecto humano. Essa comunidade de Deus inclui a todos os que Ele escolheu, tanto antes de Cristo vir ao mundo como depois. A mulher representa a essa Comunidade Ideal dos Escolhidos. Foi dessa comunidade que proveio o Cristo e é também essa comunidade a que devia sofrer os males mais terríveis em mãos de um mundo hostil. Podemos afirmar que a mulher é a Igreja, se quando dissermos "Igreja" pensamos na comunidade do povo de Deus em todas as idades.

Nesta passagem aprendemos três grandes coisas com relação a esta comunidade de Deus, a igreja. Em primeiro lugar, que é dela que provém Cristo; foi usada por Deus para realizar este seu grande propósito, foi criada, em realidade, com este propósito em mente. E é dela que Cristo vem, até nossos dias, para aqueles que não o conhecem. Em segundo lugar, há forças do mal, espirituais e humanas, que planejaram a destruição da Comunidade de Deus; as forças demoníacas do mundo, e até os homens que não conhecem a Deus como um Pai amante, veriam com alegria a destruição da Igreja de Deus e do Messias. Em terceiro lugar, por forte que seja a oposição que a confronte, por mais dolorosos que sejam seus sofrimentos, a Comunidade de Deus está sob a proteção de Deus e, por isso, nunca poderá ser destruída totalmente.

O ÓDIO DO DRAGÃO

Apocalipse 12:3-4

Aqui temos a imagem do grande dragão vermelho, da cor das chamas. Em nosso estudo sobre os antecedentes do Anticristo vimos que os povos orientais entendiam a criação como uma luta entre o dragão do caos e o Deus da luz e da ordem. No templo de Marduk, o deus criador, em Babilônia encontra-se uma imagem da serpente de vermelho cintilante que representa o derrotado dragão do caos. Não pode restar dúvida que seja dali que João extrai sua imagem: encontrou-a nas concepções mais antigas da humanidade, que faziam parte da herança religiosa de todos os povos orientais. O dragão aparece em muitas formas no Antigo Testamento. É chamado Raabe em Isaías 51:9, Leviatã no Salmo 74:12-14 ou em Isaías 27:1 (Deus castigará com sua espada a Leviatã no dia do juízo), Beemote em Jó 40:15-24. O dragão que é o arquiinimigo de Deus faz parte do pano de fundo religioso de quase todos os povos do Oriente Médio. A relação entre o dragão e o mar, sempre íntima, explica o rio de águas que o dragão emite em Apocalipse para cobrir a mulher (v. 15).

O dragão tem sete cabeças e dez chifres. Isto simboliza seu terrível poder. Tem sete diademas reais, que também simbolizam seu poder, esta vez sobre os reinos deste mundo opostos ao Reino de Deus. A imagem do dragão que varre as estrelas do céu com sua cauda provém de Daniel (3:10), onde o chifre pequeno é capaz de arrojar as estrelas ao chão e pisoteá-las. A cena dramática do dragão que espreita, à espera que o menino nasça, para devorá-lo, provém de Jeremias (51:34) onde Nabucodonosor devora a Israel como um dragão.

H. B. Swete encontra nesta imagem o simbolismo de uma verdade eterna com relação à situação humana. Na situação humana, tal como a história cristã a interpreta, há duas figuras que ocupam o centro da cena. Uma é o homem, criatura caída, envolta no pecado, sempre sob o ataque dos poderes do mal, mas sempre lutando para nascer a uma nova e superior forma de vida. A outra é o poderio do mal, que busca em cada momento, à espreita, sua oportunidade para cumprir seus nefastos desígnios, que sempre faz tudo o que pode para frustrar o anelo de superação do homem. E esta luta teve sua culminação na cruz.

O RAPTO DO MENINO

Apocalipse 12:5

O menino que a mulher deu à luz estava destinado a governar as nações com uma vara de ferro. Tal como se viu, esta é uma citação do Salmo 2:9, que sempre foi interpretado como uma visão antecipada da missão do Messias. O menino, portanto, é o Messias.

Quando o menino nasce é resgatado da ameaça do dragão mediante seu rapto ao céu, onde encontra proteção no trono de Deus. É interessante assinalar que a mesma palavra que se usa para dizer que o menino é arrebatado ao céu é a que se usa em 1 Tessalonicenses 4:17 para descrever como os cristãos serão arrebatados para sair ao encontro do Senhor nos ares. Paulo também usa a mesma palavra quando diz como ele mesmo foi arrebatado ao terceiro céu, em 2 Coríntios 12:2.

Em certo sentido esta passagem é muito enigmática. Tal como o vimos sua referência é Jesus Cristo, o Messias; e tal como João relata a história, em poucas palavras temos um resumo da vida do Messias desde seu nascimento até sua ascensão. O rapto celestial deve ser uma referência à Ascensão. Segundo Atos, Jesus foi "elevado às alturas" (Atos 1:9). O estranho é que se omite completamente a vida terrestre de Jesus. Esta omissão deve-se a duas coisas.

Em primeiro lugar, João não está interessado, neste momento, em outra coisa que não seja nos dizer como Jesus Cristo foi libertado de todos os poderes hostis que o atacaram, e que essa libertação deve atribuir-se exclusivamente à ação direta e o poder de Deus. Aqui só lhe interessa remarcar a intervenção triunfante de Deus a favor de seu Filho e Messias.

Em segundo lugar, em todo o Apocalipse o interesse de João não se concentra tanto no Jesus de carne e osso que fatigou os caminhos da Palestina e viveu na Galiléia, mas no Cristo exaltado e vitorioso. Jesus Cristo não foi arrebatado ao céu somente, mas sim para ocupar um lugar no Trono de Deus. O interesse de João não é voltar a nos contar a história dos dias que Jesus passou na terra, mas sim nos retratar a imagem do Cristo ressuscitado, que é capaz de resgatar e salvar a seu povo em tempos de desgraça.

A FUGA AO DESERTO

Apocalipse 12:6

A mulher escapa do ataque do dragão fugindo ao deserto. Graças à ajuda de Deus pôde encontrar refúgio num lugar que estava preparado para ela, onde continuou recebendo alimento.

Não há dúvida que João ao escrever isto teve em mente várias imagens. Uma é a história da fuga do profeta Elias ao Querite, onde foi alimentado pelos corvos (1 Reis 17:1-7); e a de sua segunda fuga, ao deserto, quando escapa da perseguição de Jezabel, onde há um anjo que

o alimenta (1 Reis 19:1-8). A outra é a história da fuga ao Egito de Maria e José, quando estes arrebatam a seu filho da fúria de Herodes (Mateus 2:13). Mas há dois incidentes, em particular, que influem sobre João.

(1) Nos tempos de Antíoco Epifânio, quando a prática da religião judia era castigada com a morte, muitos, desejosos de buscar a justiça e adquirir juízo foram ao deserto e habitaram ali (1 Macabeus 2:29). A história de Israel mostra momentos em que o Povo de Deus deve retirar-se ao deserto e habitar ali, num lugar preparado por Deus para ele.

(2) Mas houve uma ocasião que está muito mais perto da história da Igreja. Jerusalém foi destruída pelos romanos no ano 70 de nossa era. Os anos anteriores a este desastre foram um período terrível de derramamento de sangue e revoltas; durante este período qualquer que tivesse olhos para ver e uma mente clara para pensar poderia prever o que estava a ponto de produzir-se.

O historiador Eusébio de Cesaréia diz que durante esta época, antes de produzir-se o desastre final, a Igreja em Jerusalém foi advertida mediante uma profecia do que ocorreria com Jerusalém, e recebeu a ordem, da parte de Deus, de cruzar o Jordão, internar-se em Peréia e refugiar-se numa cidade chamada Pella (*História Eclesiástica*, 3:5). Esta circunstância aparece referida nas palavras de Jesus a seus discípulos sobre as últimas coisas: quando se produzissem os sinais do fim, os cristãos deviam fugir às montanhas (Marcos 13:14). E isto é, exatamente, o que fizeram.

Quando João escreveu esta passagem pensava, então, em todos os momentos quando os crentes deveram fugir, sob a guia divina, para escapar aos terrores da perseguição.

H. B. Swete vê um elemento simbólico nesta passagem. A Igreja tem que fugir ao deserto e o deserto é um lugar solitário. Para os cristãos primitivos a vida era uma circunstância solitária. Encontravam-se isolados, em meio de um mundo pagão. Reuniam-se uma vez por semana, durante o dia do Senhor, mas o resto da semana sua vida era uma vida de testemunho isolado. Há momentos quando o testemunho da

Igreja será, por necessidade, um testemunho solitário. Mas até na solidão dos homens o crente conta com a companhia de Deus,

Os mil e duzentos e sessenta dias são outra vez o período normal das calamidades, os três anos e meio, o tempo, os tempos e a metade do tempo que remonta à época quando Antíoco Epifânio profanou o Templo de Jerusalém em seu intento de fazer desaparecer a religião judia.

SATANÁS, O INIMIGO DE DEUS

Apocalipse 12:7-9

Aqui temos a descrição da guerra no céu entre o Dragão, a Serpente Antiga, o Diabo, Satanás — todos estes termos descrevem ao ser maligno por excelência — e Miguel com seus anjos. A idéia é que a fúria do dragão era tal que seguiu ao Messias até o próprio céu, onde lhe saíram ao encontro Miguel e suas legiões, os quais conseguiram lançá-lo de volta ao abismo. É conveniente que neste ponto reunamos a informação que se pode encontrar na Bíblia sobre Satanás, o Diabo. Uma das primeiras comprovações é que na Bíblia há mais de uma linha de tradição. Em outras palavras, a imagem bíblica do Diabo é bastante complicada.

(1) Há nas Escrituras o eco de uma antiga tradição sobre uma guerra que se teria travado no céu. Segundo esta história Satanás teria sido um anjo tão ambicioso para querer ser maior que Deus. Concebeu, assim, a idéia impossível de colocar seu trono mais alto que o trono divino (2 Enoque 29:4-5). O resultado de sua ambição foi ser expulso do céu. Os babilônios tinham uma história similar com relação a Ishtar, que era o luzeiro da manhã. Há pelo menos uma referência direta, no Antigo Testamento, a esta tradição. Em Isaías 14:12 lemos: “Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva!” O pecado que ocasionou a rebeldia e, de maneira indireta, a queda do céu, foi o orgulho. É possível que 1 Timóteo 3:6 seja uma referência ao mesmo episódio. Aconselha-se aqui ao pregador que evite o orgulho se não quiser sofrer a mesma

condenação que o Diabo. Segundo esta história, então, Satanás teria iniciado sua carreira, rebelando-se contra Deus no céu. A mesma história diz que quando Satanás foi expulso do céu foi condenado a habitar no ar, e por isso às vezes encontramos que é chamado “príncipe da potestade do ar” (Efésios 2:2).

(2) Há uma linha de pensamento bem forte e definida no Antigo Testamento segundo a qual Satanás continua sendo um anjo que obedece as ordens de Deus e tem acesso à sua presença. Em Jó Satanás aparece entre os filhos de Deus e pode entrar e sair da presença de Deus (Jó 1:6-9; 2:1-6). Em Zacarias, Satanás também está na presença de Deus (Zacarias 3:1-2). Esta concepção de Satanás é diferente, mas é uma das principais das que se manifestam no Antigo Testamento.

A fim de compreender esta concepção de Satanás devemos começar compreendendo qual é o significado da palavra "Satanás". No princípio esta palavra não era um nome próprio nem possuía um significado negativo. Queria dizer simplesmente "o adversário". O anjo do Senhor que se interpôs no caminho de Balaão para impedi-lo que realizasse suas más intenções era um satanás, um adversário (Números 22:22). Os filisteus temiam que Davi se transformasse em seu satanás, seu adversário (1 Samuel 29:4).

A palavra Satanás, então, como nome próprio, significa "o" Adversário. No Antigo Testamento Satanás era o anjo que agia como promotor na corte celestial. Era o Adversário ou Inimigo dos homens. Assim é como Satanás acusa a Jó, sugerindo que sua piedade é simplesmente interesse pelo que Deus pode lhe conceder, e que se perdesse o que tem e sofresse calamidades sua fé desapareceria (Jó 1:12). Satanás recebe autorização de Deus para usar toda classe de armas, menos a morte, a fim de provar a fé de Jó (Jó 2:1-6). Em Zacarias, Satanás é o acusador de Josué, o sumo sacerdote (Zac. 3:1-2). No Salmo 109:6, onde a Almeida Revista e Corrigida diz “Satanás esteja à sua direita” deveria traduzir-se "Que o acusador (fiscal) traga-os para juízo".

De modo que no Antigo Testamento Satanás tem um lugar atribuído no propósito divino. Quando um homem deve comparecer perante a presença de Deus para ser julgado, Satanás é o anjo que o acusa, que diz dele todas as coisas que podem ajudar a condená-lo. Miguel, por outro lado, era o advogado defensor, cuja tarefa era contribuir com testemunhos a favor do acusado por Satanás. No período intertestamentário aparecem mais de um satanás, e há um arcanjo cuja missão era impedir que os satãs pudessem chegar perante o trono de Deus para acusar aos que habitavam sobre a terra (1 Enoque 40:6).

No Antigo Testamento, então, Satanás estava sujeito à autoridade divina e agia dentro da jurisdição de Deus.

(3) Mas agora chegamos a uma terceira etapa, que constatamos no Novo Testamento. No Antigo Testamento nunca se menciona o Diabo, ainda que às vezes aparecem demônios ou diabos; no Novo Testamento Satanás converte-se no Diabo. A palavra "diabo" em grego é *diabolos*, termo cujo significado literal é "aquele que calunia". Não há uma linha divisória muito infranqueável entre ser o promotor da acusação contra os homens e inventar acusações falsas para conseguir condenações, ou seduzir e tentar os homens para que incorram em ações que dêem lugar às acusações. De maneira que no Novo Testamento Satanás converte-se, não no acusador, mas no sedutor, aquele que prova e afasta os homens do caminho reto. No relato das tentações de Jesus se empregam os três nomes de maneira indiscriminada. A fonte de mal é Satanás (Mateus 4:10; Lucas 4:8; Marcos 1:13); Demônio (Mateus 4:1, 5, 8, 11; Lucas 4:2, 3, 5, 6, 13) e o tentador (Mateus 4:3). Satanás se converteu em algo mais que o acusador dos homens, é seu inimigo. Converteu-se em algo mais que o promotor da Corte de Justiça celestial; agora é um obstáculo aos propósitos de Deus.

A partir desta realidade, no relato neotestamentário encontramos a Satanás envolto em certos projetos nefastos. É o sedutor que faz pecar. Pretende seduzir a Jesus para que caia em tentação. É ele quem inspira em Judas o horrendo plano da traição e o ajuda a executá-lo (João 13:2;

13:27; Lucas 22:3). É ele quem se empenha em fazer Pedro cair (Lucas 22:31). É ele quem convence a Ananias de que cometa o pecado de guardar o dinheiro da propriedade que tinha vendido (Atos 5:3). Está disposto a empregar todas as suas ciladas (Efésios 6:11) e toda maquinação possível (2 Coríntios 2:11) a fim de alcançar seus objetivos. Satanás é a causa da enfermidade e a dor (Lucas 13:16; Atos 10:38; 2 Coríntios 12:7). Obstaculiza a tarefa evangelizadora ao semear o joio que afogará a boa semente (Mateus 13:39) e ao arrancar a semente da palavra do coração dos homens antes de que possa arraigar (Marcos 4:15; Lucas 8:12).

Assim, Satanás transforma-se em inimigo de Deus e do homem, no ímpio por excelência, pois talvez deveríamos traduzir a oração do Senhor com estas palavras: "Livra-nos do Ímpio" (Mateus 6:13).

Pode-se chamá-lo o príncipe deste mundo (João 12:31; 14:30; 16:11) pois, ao ter sido expulso do céu, exerceu sua má influência entre os homens. É identificado com a serpente, a partir do relato da queda em Gênesis 3.

(4) O mais curioso de tudo isto é que ao analisar-se a história de Satanás, qualquer que seja a versão que utilizemos, comprovamos que em realidade é uma tragédia. Numa das versões, Satanás é o anjo da luz. Num momento foi o maior dos anjos, mas seu orgulho o incitou a superar a Deus e foi preciso ser expulso do céu. Em outra versão, Satanás era um servo de Deus e obedecia seu juízo, mas perverteu seu serviço, convertendo-o por ocasião de pecado. Satanás é o exemplo máximo da tragédia que consiste em que o melhor se converta no pior. Tinha a possibilidade de ser o primeiro cidadão do céu e transformou-se no príncipe do inferno. Poderia ter chegado a ser o maior dos servos de Deus e transformou-se em seu mais acérrimo inimigo. Satanás é o melhor exemplo de um tipo de orgulho, que deseja fazer as coisas segundo sua própria vontade antes que obedecer à vontade de Deus.

O CÂNTICO DOS MÁRTIRES GLORIOSOS

Apocalipse 12:10-12

Estes versículos nos descrevem o cântico dos mártires glorificados quando Satanás é lançado fora do céu.

(1) Satanás aparece como o acusador por excelência. Na imagem judia do céu que prevaleceu no período intertestamentário, Satanás é o acusador, aquele que se opunha às almas dos homens, e Miguel o defensor. A imagem de Satanás como o acusador eterno do homem contém uma verdade e um simbolismo eternos.

Segundo as palavras do H. B. Swete, Satanás é "o crítico cínico de toda obra de Deus." E segundo a expressão de Renan, é o crítico malévolo de toda a criação."

Também se tem dito que Satanás representa a vigília do mal contra o bem. Há um poder no mundo que se propõe fazer naufragar todo bem, que está disposto a manchar e sujar inclusive a própria pureza com sua mão degenerada. Entre os próprios homens estamos acostumado a ver pessoas cujas mentes estão tão deformadas e retorcidas que vêem o mal em toda ação, arruínam as obras mais belas, imputam com todo cinismo as motivações mais vis aos gestos mais elevados. Assim é Satanás.

Por outro lado, o pano de fundo histórico da época quando se escreveu o Apocalipse dá maior eloqüência e sentido a esta imagem de Satanás. Era a era do *delator*, o informante, era um período governado por tiranos e havia os que faziam carreira da denúncia. Constantemente se prendia, torturava e matava as pessoas porque alguém as tinha delatado. Estes informantes pagos eram muito conhecidos durante esse período do império. Alguns anos antes, Tácito tinha escrito: "Quem carecia de inimigos era traído por seus amigos." O mundo antigo sabia muito bem como eram os acusadores malignos, cínicos e venais.

(2) De maneira que esta imagem nos mostra o que poderíamos denominar a limpeza do céu. Satanás, o acusador pervertido, é banido

para sempre. Deus e seu Ungido reinam sem rivais. Essa é a razão pela qual os mártires glorificados entoam seu hino de triunfo.

Os mártires são aqueles que venceram a Satanás. Vejamos o que quer dizer esta expressão.

(a) O martírio é, por si mesmo, uma vitória sobre Satanás. O mártir, esse homem que preferiu sofrer antes que negar sua fé ou claudicar só uma milésima parte de sua lealdade, é alguém que demonstrou ser superior a qualquer tentação de Satanás, a suas ameaças e até a sua violência. Eis aqui uma verdade muito profunda: cada vez que escolhemos o bem poderíamos ter escolhido o mal, cada vez que optamos por sofrer antes que trair nossa fé, vencemos a Satanás.

(b) A vitória dos mártires se obtém mediante o sangue do Cordeiro. Esta afirmação contém duas verdades. Em primeiro lugar, na cruz e por meio da ressurreição, Jesus conquistou e derrotou para sempre tudo o que o pecado e o mal pudessem lhe fazer. Confrontou-se totalmente com o mal e o venceu. Aqueles que lhe têm confiado sua vida compartilham esta vitória. Aqueles que são um com Cristo compartilham seu triunfo sobre o mal, cuja prova irrefutável é a ressurreição. Em segundo lugar, mediante a morte de Jesus Cristo na cruz fez-se um sacrifício pelo pecado; quer dizer, por meio desse sacrifício fica perdoado o pecado. Quando o homem aceita, pela fé, o que Cristo fez por ele, seus pecados são lavados; o que estava escrito contra si é riscado, os pecados são perdoados. E *uma vez que está perdoado, não se pode acusá-lo de nada*. O perdão da cruz deixa a Satanás, o acusador, sem acusação para formular.

(c) Mais ainda, os mártires triunfam porque reconheceram e aceitaram e viveram o grande princípio do Evangelho. Não tiveram tal amor por suas vidas para preferirem a morte. Não pensaram que a vida era mais importante que a lealdade. “Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna” (João 12:25). Este princípio percorre todo o evangelho (Mateus 10:39; 16:25; Marcos 8:35; Lucas 9:24: 17:33). No que respeita a nós, não se trata de morrer pela fé. Trata-se de pôr a lealdade para com Jesus Cristo antes que a segurança e o caminho fácil.

(3) A passagem finaliza com a idéia de que Satanás é lançado fora do céu e desce à Terra. Seu poder no céu ficou destroçado mas ainda o exerce sobre a Terra. E na terra ronda com fúria porque sabe que tem o tempo contado e que seu fim está escrito inexoravelmente. De maneira que a conclusão destes versículos indica que, em última instância, Satanás está vencido, não tem futuro, foi lançado do céu e tudo o que resta é um período limitado de tempo durante o qual pode espreitar com ira na terra antes de seu fim último. E agora João seguirá nos falando das ciladas finais e tremendas de Satanás em seus últimos estertores.

O ATAQUE DO DRAGÃO

Apocalipse 12:13-17

Ao ser lançado do céu e descer à Terra, o dragão, ou seja o Demônio, atacou a mulher que tinha dado à luz ao filho varão. Já vimos que a mulher representa o povo de Deus, a igreja no sentido mais amplo do povo eleito por Deus, do qual surgiu o Ungido.

De maneira que aqui há certo simbolismo. O dragão pode machucar o filho machucando à mãe. De maneira que ofender à Igreja significa ofender a Jesus Cristo. Quando Paulo se defrontou com Cristo no caminho a Damasco, as palavras que foram: "Saulo, Saulo, por que *me* persegues?" (Atos 9:4). Até esse momento a ira e a perseguição de Paulo se dirigiam contra a *Igreja*. Nestas palavras, o Cristo ressuscitado estabelece com toda clareza que a perseguição contra sua Igreja dirige-se contra Ele próprio. Quando ofendemos, machucamos e privamos a Igreja da ajuda que lhe poderíamos brindar, em realidade estamos machucando e privando dessa ajuda a Jesus Cristo. Do mesmo modo, quando servimos à Igreja, servimos e ajudamos ao próprio Jesus Cristo.

Já vimos que a fuga da mulher ao deserto (versículo 6) provém da fuga da Igreja a Pella, sobre a margem oposta do Jordão, antes da destruição final de Jerusalém. Não obstante, na fuga da mulher e o

ataque do dragão, João emprega outras duas imagens, muito conhecidas para quem tinham lido o Antigo Testamento.

A mulher escapou nas duas asas da grande águia. No Antigo Testamento as asas da águia representam os braços protetores de Deus. “Tendes visto”, Disse Deus a Israel, “o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim” (Êxodo 19:4; veja-se também Deuteronômio 32:11-12 e Isaías 40:31). Segundo Hipólito, por outro lado, as asas de águia seriam o símbolo de "os dois braços sagrados de Cristo exposto na cruz".

A segunda imagem é a dos rios de água que a serpente lança. Vimos que nas imagens antigas o dragão do caos provinha do mar e por isso é bastante natural relacionar os rios com o dragão. Entretanto, aqui também temos outra imagem do Antigo Testamento. Nele, os juízos, as tribulações e as perseguições se comparam com rios caudalosos. “Todas as tuas ondas e vagas passaram sobre mim” (Salmo 42:7; Salmo 32:6; Salmo 124:4; Isaías 43:2). O emprego que faz João da imagem do dragão que arroja água pode ser grotesco, mas procede de uma idéia que o Antigo Testamento conhecia muito bem e usava com freqüência.

O capítulo termina com outras duas imagens.

Quando o dragão ou a serpente arrojou os rios de água a Terra os engoliu e salvou a mulher. Não é difícil saber de onde extraiu João esta imagem. Na Ásia Menor era costume suceder com freqüência que os rios fossem tragados pela areia durante algum trecho para voltar a reaparecer alguns quilômetros mais adiante. Havia um exemplo deste fenômeno perto de Colossos, uma região que João devia conhecer muito bem. Sabia que a terra podia engolir rios. Entretanto, apesar de que seja bastante fácil adivinhar de onde vem a imagem, não é tão simples descobrir o seu significado. A terra engoliu o rio e a mulher se salvou; é provável que o simbolismo seja o seguinte. A natureza ajuda o homem fiel e leal a Jesus Cristo. O universo o favorece. Em última instância, o mundo e a natureza não se empenham em destruir o homem mas em promover seu bem. De maneira que a imagem significa que na hora de

mais necessidade, a natureza mesma irá em ajuda do homem. Como assinalou o historiador Froude, é verdade que uma ordem moral impera no mundo e que, em última instância, os bons saem favorecidos e os injustos recebem seu castigo.

Por último, no versículo 17 João apresenta a imagem do dragão em luta contra o resto da família da mulher, aqueles que guardam os mandamentos de Deus e são fiéis a seu testemunho, quer dizer, com o resto da Igreja. Esta imagem assinala com toda clareza a expansão da perseguição à Igreja. João pensa, em primeiro lugar, na Ásia Menor, onde se encontram seus próprias Igrejas, mas a perseguição que tem em mente afligirá a totalidade da igreja num futuro imediato.

Devemos voltar a lembrar que, tal como o via João, Satanás está travando suas últimas batalhas sobre a Terra; as convulsões de sua agonia afetarão a toda a família da Igreja que se verá inundada no sofrimento da perseguição.

Apocalipse 13

O poder da besta - 13:1-18
O diabo e a besta - 13:1-5
Insulto a Deus - 13:6-9
Perigo terrestre e segurança divina - 13:6-9 (cont.)
As únicas armas do cristão - 13:10
O poder da segunda besta - 13:11-17
A marca da besta - 13:11-17 (cont.)
O número da besta - 13:18

O PODER DA BESTA

Apocalipse 13:1-18

Será mais simples analisar este capítulo em sua totalidade antes de empreender seu estudo detalhado. Isso é especialmente necessário visto que se trata do capítulo central e essencial do livro.

O sentido geral do capítulo é o seguinte: Vimos que no capítulo anterior Satanás foi arrojado do céu. De maneira que vem à Terra e o faz com ira e fúria. Sabe que seu tempo é escasso e durante o período limitado que tem se propõe fazer tanto mal e dano quanto lhe seja possível. A fim de provocar esse dano na Terra delega seu poder às duas bestas que são as figuras centrais deste capítulo. Esta duas bestas são os agentes e os instrumentos por meio dos quais Satanás exerce seu poder maléfico. De maneira que nossa primeira tarefa será a identificação das bestas.

A primeira besta, que sai do mar, representa o Império Romano. Para João, o Império Romano era o epítome do mal e o poder satânico. Descreve à besta em termos que provêm de *Daniel*.

Em Daniel 7:3-7 há uma visão de quatro bestas que emergem do mar. Estas bestas simbolizam os três grandes impérios que regeram o mundo e o império que governava na época quando se escreveu Daniel. A besta semelhante a um leão com asas de águia representa a Babilônia. A besta semelhante a um urso representa a Média. A que se assemelha a um leopardo com quatro asas simboliza a Pérsia. E a quarta grande besta representa o império de Alexandre Magno. Tal como o autor do livro de Daniel via estes impérios, eram tão selvagens, cruéis e desumanos que a única forma de representá-los com certo realismo era comparando-os com figuras bestiais. Era muito compreensível que qualquer escritor judeu voltasse para esta representação dos impérios bestiais quando desejasse encontrar uma imagem para simbolizar o poder político demoníaco que em sua época ameaçava o povo de Deus.

Devemos assinalar que a imagem de João no Apocalipse reúne numa besta as características das quatro anteriores. A primeira besta deste capítulo é como um leopardo com patas de urso e boca de leão. Isso significa que para João o Império Romano era tão diabólico e tremendo que resumia todos os horrores dos impérios que o tinham precedido. Era como a soma total de todo mal.

Esta besta tem *sete cabeças* e *dez chifres*. Estas cabeças e chifres representam os governantes e os imperadores de Roma. Da época de Augusto, primeiro imperador romano, até o Apocalipse, houve sete imperadores. A lista, com as datas correspondentes a cada um deles, é a seguinte: Tibério 14-37 d.C, Calígula 37-41; Cláudio 41-54; Nero 55-68; Vespasiano 69-79; Tito 79-81; Domiciano 81-96. Estes sete imperadores são as sete cabeças da besta. Além disso, afirma-se que tem *dez* chifres. A explicação desta imagem é a seguinte: Depois da morte de Nero se produziu um breve período de caos quase total. Em dezoito meses três homens distintos ocuparam o poder imperial: Galba, Oto e Vitélio. No total, seus reinados duraram menos de dois anos. Por essa razão, João não os inclui em seu registro das sete cabeças mas sim os inclui entre os dez chifres, pois foram imperadores durante períodos breves. De maneira que as sete cabeças e os dez chifres da besta representam aqueles homens que governaram o Império Romano da época de Augusto até o momento da composição do Apocalipse.

Por outro lado, João afirma que sobre as cabeças da besta havia um *nome de blasfêmia*. Este nome é o título que adotavam os imperadores. Todos os imperadores recebiam o nome de *divus* ou *sebastos* que significa *divino*. Com muita freqüência até se lhes outorgava o nome de Deus *ou Filho de Deus*. Nero gravou em suas moedas o título de *Salvador do Mundo*. O fato de que qualquer homem se chamasse a si mesmo divino, recebesse o título de "Deus" ou "Filho de Deus", que adotasse o título de "Salvador do Mundo" era um insulto blasfemo a Deus. Os últimos imperadores apropriaram como título a palavra latina *dominus* ou seu equivalente grego *kurios*. Ambos os termos significam *Senhor*. No Antigo Testamento aparecem como o título Deus e no Novo Testamento são um título próprio de Jesus Cristo. Estes são os nomes de blasfêmia, o título blasfemo escrito sobre as cabeças da besta.

O MAL SATÂNICO DO CULTO AO IMPERADOR

Neste momento devemos nos fazer a seguinte pergunta: Que elementos havia no Império Romano e em seus imperadores que o convertiam em algo tão absolutamente diabólico para João? A resposta está na gradual introdução do culto universal e obrigatório a César. À medida que passava o tempo, os imperadores romanos foram oficialmente considerados como deuses e se obrigou a todo cidadão do império a lhes render culto ou morrer. Era absolutamente fundamental compreender como surgiu, como cresceu e como chegou a ser obrigatório este culto do imperador a fim de compreender o pano de fundo do Apocalipse.

O fato mais surpreendente é que o culto ao imperador não foi imposto pelas autoridades mas sim surgiu do próprio povo. Em sua época de esplendor o Império Romano aparecia perante seus súditos como divino. Roma não obteve todo seu império pela força das conquistas. Houve casos concretos de reis que estavam dispostos a entregar os seus domínios a Roma, pois os benefícios que oferecia o Império eram muito valiosos. Quando os romanos se encarregavam de um país, chegava a justiça. A justiça romana, imparcial, substituía o governo caprichoso e freqüentemente sangrento de tiranos egoístas e absolutamente imprevisíveis. Desapareciam os bandos de malfeitores dos caminhos e dos piratas do mar. A *Pax Romana* era algo que o mundo jamais tinha visto antes e pelo qual se sentia profundamente agradecido. A vida do povo experimentava uma nova justiça e uma flamejante segurança.

E. J. Goodspeed o expressou deste modo: "O cidadão submetido ao governo de Roma encontrava-se numa posição que lhe permitia fazer seus negócios, alimentar a sua família, enviar sua correspondência e empreender suas viagens com segurança graças à mão dura de Roma."

O resultado de tudo isso foi que o povo começou a pensar no que poderíamos denominar o "Espírito" de Roma. Não era difícil dar o passo

seguinte: atribuir à deusa Roma o poder benéfico do império. Assim foi como já no ano 195 a.C. se erigiu o primeiro templo à deusa Roma em Esmirna, Ásia Menor. Não foi o governo de Roma quem suscitou nem impôs este novo culto. Foi a gratidão espontânea dos cidadãos para com os benefícios que Roma outorgava.

A segunda etapa se cumpriu mais de cento e cinqüenta anos depois. Era quase inevitável que se produzisse. Os corações e as mentes dos homens necessitam símbolos. Quem simbolizava a Roma? Quem encarnava e personalizava o espírito de Roma, a divindade de Roma? Não havia dúvida alguma: o imperador. Assim foi como se começou a vê-lo como um personagem divino. O primeiro templo construído à divindade do imperador levantou-se em Pérgamo no ano 29 a.C. Tinha começado o culto a César.

Antes de continuar, façamos uma pausa para assinalar que no princípio deste culto, para os imperadores foi um fato embaraçoso. Sentiam profundas dúvidas a respeito de se deviam aceitá-lo ou não. Começaram por limitá-lo com severidade. Foi restrito às províncias. A atitude imperante era que o culto a César podia permitir-se aos asiáticos e pessoas semelhantes que eram emotivas e algo histéricas, mas que era completamente inadequado para os cidadãos romanos sérios e sensatos. Por outro lado, a construção dos templos à divindade do César devia contar com uma permissão especial que não se outorgava com facilidade. Augusto lamentava todo este assunto. Cláudio e Tibério consideravam "ofensivo" que qualquer homem fosse tratado como um deus. Calígula, que era mais que meio louco, tomou sua divindade muito a sério, mas Nero, Vespasiano e Tito não lhe deram maior importância.

Entretanto, algo se havia posto a andar e não se poderia deter. O culto a César se estendeu com regularidade até cobrir todo o Império. E nesse momento, o governo de Roma percebeu o seu valor. A necessidade fundamental do império era um princípio unificador. Suas fronteiras se estendiam do Eufrates até a Grã-Bretanha, do Danúbio até o norte da África. Incluía povos de todas as raças, línguas, tradições e costumes.

Como se podia amalgamá-los? Não há dúvida de que a religião é uma grande influência unificadora. Pessoas das mais diversas nacionalidades, raças, culturas e cores de pele se reúnem sob o signo comum do cristianismo. Nenhuma das religiões antigas podia chegar a tornar-se universal, *mas o culto a César sim podia fazê-lo*. Ali estava a influência e o laço unificador que Roma necessitava, como o expressa Mommsen, o culto a César converteu-se em "a pedra de toque da política imperial".

Assim, deu-se o passo final. *O culto a César torno-se obrigatório para todo cidadão romano*. Isso sucedeu na época de Domiciano, quem exigiu que se lhe desse o título de "Senhor e Deus". Seus decretos imperiais começavam com esta fórmula: "Nosso Senhor e Deus Domiciano ordena." Construiu-se uma organização mundial e todo cidadão romano tinha a obrigação de queimar uma medida de incenso todos os anos à divindade do César e dizer: "César é o Senhor." Cada província tinha os funcionários e sacerdotes necessários para conformar uma diocese ou presbitério para o culto a César. Uma vez que a pessoa tinha rendido seu culto anual solicitavam um certificado como prova disso.

O texto do pedido e do certificado, dos quais temos cópias na atualidade, é o seguinte:

Aos que foram designados para presidir os sacrifícios, de parte do Inares Aqueo, da localidade do Teoxenis, junto com seus filhos Aias e Fira, aqueles que vivem na localidade de Teladelfia. Sempre oferecemos sacrifícios aos deuses e agora, em sua presença e segundo as normas vigentes, oferecemos sacrifícios e libações e provado as coisas sagradas e lhes solicitamos que nos dêem um certificado no qual conste que cumprimos.

O certificado diz:

Nós, os representantes do Imperador, Sereno e Hermas, os vimos oferecer sacrifício.

De maneira que o culto o César tornou-se universal e obrigatório e ninguém podia contar sequer com o direito de cidadania se carecia deste certificado.

É necessário assinalar alguns dados. Em primeiro lugar, percebe-se com toda clareza que este problema do culto a César era uma questão mais política que religiosa. O ato de culto era uma garantia de lealdade política. Quem se negava a render culto demonstrava ser um cidadão desleal e despreocupado. Em segundo lugar, por mais estranho que pareça, o governo de Roma era tolerante em extremo. Não tinha a menor intenção de transformar o culto a César em exclusivo. Uma vez que o cidadão tinha completado o seu ato de homenagem a César podia adorar ao deus que quisesse, sempre que seu culto não estivesse em luta com a decência e a ordem pública.

Este foi justamente o ponto onde chocaram o cristianismo e Roma. Não se podia obrigar a nenhum cristão a dizer: "César é o Senhor". Seu unido credo era "Jesus Cristo é o Senhor". Nada nem ninguém podia obrigá-lo a outorgar o título de "Senhor" a algum outro ser do céu ou da Terra. De maneira que o cristão se defrontava-se com a seguinte alternativa: dizer "César é o Senhor" ou morrer. O governo romano não considerava hereges ou ateus os cristãos; via-os como revolucionários perigosos que se negavam a jurar lealdade ao império. Como resultado disso, todo cristão se convertia automaticamente numa pessoa que estava fora da lei. É verdade que nem sempre se produziram perseguições efetivas, mas sempre pendiam sobre suas cabeças como uma espada de Dâmocles. O cristão enfrentava a opção "César ou Cristo".

De maneira que aqui temos a explicação da segunda besta que aparece neste capítulo, a besta da terra. A primeira besta é o Império Romano. A segunda besta, a da terra, exerce todo o poder da primeira. É a organização do culto a César, a organização provincial de magistrados e sacerdotes para introduzir o culto a César. É a estrutura que oferecia ao cristão a opção de dizer "César é o Senhor" ou morrer.

Assim se esclarece nossa imagem. A besta do mar é o Império romano com seu poder demoníaco. A besta da terra é a organização do culto a César que impunha a perseguição e a morte a todo cristão fiel. Estas duas bestas selvagens, o poder de Roma e a organização do culto a César lançaram seu ataque combinado sobre os cristãos. Não houve nenhuma nação que pudesse vencer o poderio de Roma. Que esperança restava aos cristãos, pobres, indefesos, sem influências, quando o poder de Roma se levantava contra eles?

A CABEÇA FERIDA E CURADA

Neste capítulo há um tema recorrente que devemos tratar a fim de esclarecer seu pano de fundo. Uma das sete cabeças foi ferida de morte e curada (versículo 3). Esta cabeça está acima das demais e recebe o maior culto (versículos 12 e 14). Este é o mal maior e o inimigo mais encarniçado de Cristo.

Já vimos que as sete cabeças da besta representam os sete imperadores romanos. Uma cabeça ferida de morte e curada simboliza, então, a um imperador ferido ou morto que ressuscitou. Isto simboliza uma crença muito enraizada no pensamento da última metade do século, tanto entre os pagãos como entre os cristãos. Trata-se da lenda do *Nero redivivus* ou Nero ressuscitado.

Em outras palavras, a essência da lenda é a seguinte. Nero era um monstro de iniqüidade. Quando morreu, no ano 68 d.C, o povo dançava pelas ruas. Entretanto, pouco a pouco foi surgindo a lenda de que em realidade não tinha morrido, que tinha ido a Parcia, no Longínquo Oriente, e que retornaria à cabeça das temidas hostes da cavalaria parta retomando seu poder. A idéia era que, de algum modo, Nero era imortal em sua maldade. Os romanos não podiam livrar-se desta noção e no ano 80 surgiu um falso pretendente ao império que afirmava desde a Parcia, ser Nero. Faltou-lhe muito pouco para convencer os partos de que invadissem a Europa sob sua liderança. Os cristãos uniram esta lenda de

Nero ressuscitado à do Anticristo e identificaram a ambos os personagens.

Nos *Oráculos Sibilinos* lemos sobre as expectativas dos últimos dias a respeito da chegada de um rei de Babilônia, odiado por todos, um rei temível e desumano cujos antecessores tinham sido abomináveis (5.143-148). Desde o Oriente viria um matricida que estenderia a ruína no mundo (5.361-364). Alguém que ousou manchar-se com o assassinato de sua mãe chegará desde o Oriente (4.119-122). Um exilado de Roma com um milhar de espadas virá de além do Eufrates (4.137-139).

Se fizermos uma breve referência à vida e à personalidade de Nero explicitaremos esta idéia de Nero ressuscitado, o Anticristo, a cabeça ferida e curada. Só quando nos damos conta do que foi Nero compreendemos por que sua volta podia ver-se como a vinda do Anticristo.

Não houve homem algum que começasse sua vida com piores antecedentes que Nero. Seu pai foi Cneo Domício Enobarbo, um homem famoso por sua perversidade. Tinha matado a um liberto simplesmente porque se negou a tomar mais vinho com ele. Tinha atropelado deliberadamente a um menino na via Ápia com seu carro. Numa briga no fórum tinha tirado de órbita um olho de um cavaleiro romano, finalmente tinha morrido de hidropisia, causada justamente por sua vida dissipada. Sua mãe foi Agripina, uma das mulheres mais temíveis da história. Quando Enobarbo soube que sua mulher esperava um filho afirmou com o maior cinismo que dele e Agripina só poderia sair um monstro abominável. Quando Nero tinha três anos, o imperador Calígula expulsou Agripina do Império. Nero ficou sob o cuidado de sua tia Lépida, quem confiou sua educação a dois escravos friáveis. Um deles era barbeiro e o outro bailarino.

O imperador Cláudio fez retornar a Agripina de seu exílio. Agora tinha uma só ambição: transformar Nero em imperador. Os astrólogos e os oráculos advertiram a Agripina que se alguma vez seu filho se

negasse a ser imperador isso só lhe significaria desgraças para ela. Sua resposta foi: "Não importa que me mate, o importante é que reine."

Agripina dedicou-se à sua tarefa com toda a paixão e as intrigas próprias de seu tormentoso caráter. O imperador Cláudio tinha dois filhos, Otávia e Britânico, mas Agripina o convenceu de que adotasse a Nero quando este tinha onze anos. Também conseguiu persuadir a Cláudio de que se casasse com ela apesar de ser seu tio. Logo chamou o famoso filósofo Sêneca e ao grande soldado Afrânio Burro para que fossem os tutores de seu filho. Britânico, o herdeiro, foi cedendo terreno e Nero aparecia cada vez com maior freqüência no primeiro plano.

O casamento durou cinco anos, mas Cláudio demorava muito a morrer. Agripina decidiu matá-lo com um prato de cogumelos venenosos. Como estes demorassem para surtir efeito, enquanto o imperador estava em coma, acelerou sua morte mediante uma pena envenenada que introduziu em sua garganta. Imediatamente depois da morte de Cláudio, Nero ocupou seu lugar como imperador, com a anuência do exército, que foi subornado para que o aceitasse.

Logo se produziu uma situação curiosa. Durante os próximos cinco anos Roma teve o melhor de seus governos. Nero estava muito ocupado pintando, fazendo esculturas, música e teatro; era um *diletante* em todo o sentido da palavra. Os que regiam o império eram o sábio Sêneca e Burro, cuja probidade era indiscutível.

Mais adiante começaram a suceder outras coisas. Nero deixou de ser um *diletante* da cultura e se envolveu numa carreira de crimes lascivos. Percorria as ruas pelas noites, acompanhado por outros jovens como ele, e atacava a quantos lhe saíam ao passo. Sucederiam coisas piores. Assassinou Britânico por ser este um possível rival.

Não havia rapazes nem moças a salvo de sua luxúria. Era um homossexual manifesto. Casou em público com um jovem chamado Esporo e percorreu as ruas de Roma num carruagem matrimonial. Logo levou o jovem à Grécia em viagem de bodas, onde descobriu que já estava "casado" com um liberto chamado Doriporo. Depois tomou como

amante a Popea Sabina, esposa do Oto, seu melhor amigo, e a matou a chutes quando soube que estava grávida.

Sentia paixão por tudo que fosse extravagante e obtinha dinheiro de onde fosse. A corte imperial era um antro de assassinatos, imoralidade, crimes e roubos.

Uma das paixões de Nero eram os edifícios. No ano 64 de nossa era Roma padeceu um grande incêndio. Durou uma semana e ninguém duvidou de que Nero fosse o causador. Tampouco se duvida de que tenha evitado qualquer esforço por deter o sinistro. Acendeu a cidade com toda premeditação para poder atribuir a honra de voltar a construí-la. Entretanto, o povo sabia muito bem quem era o responsável pelo incêndio. Nesse momento, Nero jogou a culpa de tudo nos cristãos. E assim foi como começou a mais sádica das perseguições. Fazia coser os cristãos dentro da pele de animais selvagens e logo lançava a seus cães de caça atrás deles. Os fazia meter em bolsas cheias de pedras e os jogava ao Tibre. Fazia-os lubrificar com breu e logo lhes prendia fogo, vivos, para usá-los como tochas nos jardins do palácio.

A voragem de maldade foi aumentando. Sêneca viu-se obrigado a suicidar-se. Burro foi envenenado por Nero. Qualquer que irritasse o imperador no mínimo que fosse era assassinado.

Agripina fez alguns esforços para controlá-lo e como resultado disso, o imperador a considerou sua inimiga. Fez reiterados intentos de assassiná-la. Deu-lhe veneno, fez cair sobre ela o teto da casa onde vivia, enviou-a ao mar num barco que devia naufragar. Por fim enviou a seu liberto Aniceto para que a matasse a punhaladas. Quando entrou em seu dormitório e Agripina viu a adaga, despiu-se e disse: "Apunhala-me no ventre, pois concebeu a Nero."

O fim devia chegar. Primeiro foi Julho Vindex, que se rebelou em Gália; seguiu-o Galba na Espanha. Por último o senado reuniu toda a sua coragem e declarou a Nero inimigo público. Nero se suicidou na vila de um liberto chamada Faón.

Não é possível que a história conte com muitos casos de iniqüidade tão flagrante. Como dissemos antes, quando o povo ficou sabendo da morte de Nero, dançava pelas ruas. E logo surgiu a lenda de que Nero não tinha morrido, que tinha ido a Parcia e que voltaria.

Esta é a cabeça da besta ferida e curada. O Anticristo que esperava João era Nero ressuscitado.

Este é o pano de fundo do capítulo que devemos analisar. A besta do mar é o poder demoníaco de Roma. A besta da terra é a organização encarregada de impor o culto a César e, como conseqüência disso, provocar a morte dos cristãos. A cabeça ferida e curada é Nero, o monstro de iniqüidade, cuja volta se esperava como encarnação da maldade do Demônio.

O DIABO E A BESTA

Apocalipse 13:1-5

Comecemos por um resumo dos dados que mencionamos no capítulo introdutório. A besta é o império Romano com seu poder satânico. As sete cabeças são os sete imperadores durante cujos reinos o culto a César transformou-se numa força poderosa. As dez cabeças são estes sete imperadores junto com outros três governantes que só reinaram durante um total de dezoito meses no período de caos que se seguiu por ocasião da morte de Nero. A cabeça ferida e curada representa a idéia do Nero redivivo, que esperava na Parcia o momento de atacar a Roma para recuperar o poder. De maneira que esta imagem apresenta o império Romano como uma besta semelhante a um leopardo com patas de urso e boca de leão.

Como assinalamos antes, isto indica uma grande mudança na atitude para com Roma. Paulo só tinha recebido ajuda do governo de Roma Em mais de uma oportunidade, a intervenção das autoridades romanas e o fato de que era cidadão romano o tinha salvo da ira dos judeus. Tinha sucedido assim em Filipe (Atos 16), em Corinto (Atos 18),

em Éfeso (Atos 19) e em Jerusalém (Atos 21 e 22). Paulo considerava que toda autoridade existia de parte de Deus e que os cristãos deviam obedecê-la com consciência (Romanos 13:1-6). Nas epístolas pastorais se afirma que se deve orar pelos reis e por todos os que têm autoridade (1 Timóteo 2:1). Em 1 Pedro se ordena ser um bom cidadão, submeter-se aos governadores, temer a Deus e honrar o imperador (1 Pedro 2:13-17). Em 2 Tessalonicenses 2:6-7 o mais correto é interpretar que a força que detém a iniqüidade e evita que o mundo caia no caos é o império Romano. No Apocalipse as coisas são diferentes. surgiu o culto a César. Os imperadores se atribuem nomes blasfemos, "divino", "Filho de Deus", "Salvador". "Senhor". O poderio de Roma se arma para abolir a fé cristã. Roma converteu-se em agente e instrumento do demônio.

H. B. Swete vê na descrição da besta um símbolo do poderio de Roma. O Império exerce uma vigilância felina, manifesta a astúcia e a crueldade do leopardo, sempre preparado para saltar sobre sua presa. Conta com o poder e a força demolidores do urso que pode afogar a sua vítima com um abraço. É como o leão, cujo rugido aterra ao rebanho e lhes fala de morte e destruição. Tal como o interpreta H. B. Swete, o simbolismo se adapta à situação de Roma em seu ataque contra a Igreja cristã.

No versículo 4 encontramos uma paródia lúgubre e horrenda. "Quem como a besta?" é uma paródia da grande pergunta “Ó SENHOR, quem é como tu entre os deuses?” (Êxodo 15:11).

H. B. Swete assinala o terreno no qual prevalece a besta. "Quem poderá lutar contra ela?" Sua grandeza não radica na moral mas na mera força bruta. Qualquer império que se baseia sobre a força bruta e não sobre a grandeza moral é um império contrário a Deus. A afirmação de que a besta falava grandes coisas e blasfêmias (versículo 5) vem da descrição que se encontra em Daniel. Ao falar do chifre pequeno diz que dizia coisas orgulhosas e arrogantes contra Deus (Daniel 7:8, 20).

Nesta seção, assim como no resto do capítulo, notamos uma grande verdade. Satanás sempre está buscando instrumentos para empregar

neste mundo. Assim como Deus busca mãos para empregar, Satanás faz o mesmo. Neste mundo, todo homem e toda nação podem fazer a mesma opção: ser instrumentos de Satanás ou de Deus.

INSULTO A DEUS

Apocalipse 13:6-9

O versículo seis apresenta dificuldades. Diz que a besta abriu sua boca para proferir blasfêmias contra Deus, para insultar seu tabernáculo, seu nome e os que habitam no céu.

Podemos interpretar estas palavras em dois sentidos.

1. Pode-se tomar num sentido muito general. Pode significar que o poder do império e a instituição do culto a César é uma blasfêmia contra Deus e sua morada, o céu, e contra os que habitam nele, quer dizer, os anjos. Se desejamos aprofundar podemos analisar mais a fundo a palavra que se emprega para dizer "tabernáculo". O termo grego é *skene* que significa "tenda, tabernáculo ou morada". Agora, apesar de não ter nenhuma relação com ela, a palavra grega *skene* sempre lembrava aos judeus o termo hebraico *shekiná*, que significa "a glória de Deus". Ambos os termos são tão parecidos que os judeus sempre relacionam o *tabernáculo* de Deus com sua *glória*. De maneira que pode ser que João diga que toda a conduta do Império Romano e em especial a instituição do culto a César é um insulto à glória de Deus, coisa que, por outro lado, é certo.

2. Não obstante pode-se tomar a passagem num sentido mais restringido. A besta é o Império Romano. Pode ser que João pensasse em *todas* as formas, não só as que correspondiam a sua época mas em todas as formas em que Roma tinha insultado a Deus e sua morada. Quando analisávamos a atitude dos imperadores romanos para com o culto a César vimos que a maioria sentia-se incomodado por ele; somente Calígula, que reinou entre os anos 37 e 41 de nossa era, creu em sua própria divindade. Calígula era bastante anormal. Sofria de epilepsia e

era louco. Afirmava que era deus, que se deviam construir altares em todo o império para honrá-lo e que todo mundo devia lhe render culto.

Calígula deu um passo que nenhum outro imperador se animou a dar. Os judeus sempre tinham sido excetuados de render culto a César. Os romanos sabiam muito bem que nada arrancaria os judeus de seu culto ao Deus único e, portanto, concederam-lhes o privilégio especial de observar sua própria religião e adorar a Deus a seu modo. Isto está intimamente ligado ao fato que os judeus eram o único povo dentro do império que estava excetuado do serviço militar devido à sua obediência estrita às leis sobre a comida e sobre o sábado. Todo isso fazia impossível incorporá-los ao exército romano. Calígula. entretanto se negou a aceitar os direitos dos judeus. Foi ainda mais longe, insistiu em que se pusesse sua imagem no tabernáculo do templo de Jerusalém. Não é difícil imaginar a reação dos judeus. Estavam dispostos a padecer o extermínio antes que aceitar semelhante profanação do lugar sagrado (Josefo, *Antiguidades dos judeus* 18:8). Foi uma grande sorte Calígula morrer antes de pôr em prática seu projeto, pois teria significado a iniciação de uma das guerras mais sangrentas da história. Não seria nada difícil que João pensasse neste incidente aberrante do passado ao falar dos insultos proferidos pela besta contra o tabernáculo de Deus.

PERIGO TERRESTRE E SEGURANÇA DIVINA

Apocalipse 13:6-9 (continuação)

Foi permitido que a besta vencesse todos aqueles cujos nomes não estavam escritos no livro da vida. O livro da vida aparece com freqüência no Apocalipse (2:7,11,17, 29; 3:6,13,22). A idéia é a seguinte. No mundo antigo os governantes tinham listas dos cidadãos de seus reinos. Enquanto alguém vivesse e fosse um bom cidadão seu nome mantinha-se nas listas. Quando morria ou perdia seus direitos como cidadão, o nome era apagado. O Livro da Vida é o registro dos nomes daqueles que pertencem ao Reino de Deus.

O versículo 8 apresenta um problema de tradução. A versão grega oferece duas possibilidades. “Aqueles cujos nomes desde o princípio do mundo não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto.” (Trad. Brasil.; cf. B.J.) ou “Aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.” (Almeida Atualizada; cf. Nova Versão Internacional)

1. A primeira tradução é paralela à que aparece em Apocalipse 17:8. Nesse caso, não há problemas. Tem muita semelhança com Efésios 1:4, onde Paulo afirma que Deus nos escolheu em Jesus Cristo antes do princípio do mundo. O sentido seria que Deus escolheu os seus desde o começo do tempo e nada, na vida ou na morte, no tempo ou na eternidade, nada do que possa fazer o demônio ou o Império Romano poderão tirá-los da mão de Deus. Esta é a versão que apresentam as últimas traduções.

2. A segunda tradução refere-se a Jesus Cristo como o Cordeiro que foi imolado desde o começo do mundo. Teríamos algo muito semelhante ao que aparece em 1 Pedro 1:19-20, onde Pedro afirma que Jesus e seu sacrifício foram ordenados antes do começo do mundo. Os judeus criam que o arcanjo Miguel tinha sido criado antes do princípio do mundo, como mediador entre Israel e Deus. Segundo outra tradição apócrifa, Moisés teria sido criado antes do princípio do mundo, para agir como mediador da aliança entre Deus e Israel. De maneira que, no pensamento judeu não seria surpreendente ler que Jesus tinha sido criado antes do princípio do mundo para ser o Salvador e o Redentor da humanidade.

Em ambas as traduções encontramos duas verdades muito valiosas. A primeira afirma que Deus conhece seus filhos desde antes da criação e que nada pode tirá-los de seu cuidado e de sua mão. A segunda significaria que o amor redentor de Deus é ainda mais antigo que seu poder criador; seu propósito redentor é anterior à criação; seu amor redentor, revelado em Jesus Cristo, remonta-se até antes do começo do tempo.

A segunda tradução é a que apresenta a versão Almeida Revista e Atualizada. Ambas são belas e verdadeiras, mas se devemos escolher ficaremos com a primeira, pois isso é o que repete João em Apocalipse 17:8.

AS ÚNICAS ARMAS DO CRISTÃO

Apocalipse 13:10

À primeira vista, a interpretação desta passagem é difícil.

Contém duas citações. A primeira corresponde a Jeremias 15:2, onde o profeta é chamado para dizer ao povo que aqueles que devem ir à morte, irão à morte; que aqueles que devam ir à espada, irão à espada; que aqueles que a fome, irão a fome e que aqueles que a cativeiro, assim o farão. A idéia é que não se pode evitar o desígnio de Deus. O que Deus decidiu é o que devem fazer os homens. Logo o versículo cita as palavras de Jesus tal como aparecem em Mateus 26:52. Quando a multidão chega ao Jardim do Getsêmani para prender Jesus, Pedro desembainha sua espada para defender ao Mestre; mas Jesus lhe diz: "Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão." O que significam as palavras deste versículo? Há três elementos.

(1) O homem deve aceitar o que Deus ordenou para ele. Se nos tempos tremendos de perseguição, a fé cristã implica o cativeiro, o cristão deve aceitá-lo sem queixas nem hesitações. De maneira que a primeira afirmação é que o cristão deve aceitar tudo o que implica o fato de ser um discípulo de Jesus. Já lhe advertiu que ser cristão implica tomar uma cruz, ser odiado até pelos seres mais queridos, juízos, açoite, prisão, morte.

(2) Em segundo lugar, este versículo afirma que ao cristianismo nunca pode defender-se pela força. O homem que toma a espada, morre por ela. O evangelho do amor jamais pode defender-se com métodos violentos. Sempre devemos lembrar que quando o governo romano

começou as perseguições haveria cem mil cristãos no Império; entretanto, jamais lhes ocorreu empregar a força para resistir. Esta é uma verdade que continua sendo válida: a justiça nunca pode defender-se com injustiças. Quando o cristianismo começa a defender-se com a força, deixa de ser cristianismo. É um paradoxo intolerável defender o evangelho do amor de Deus empregando a violência dos homens.

(3) Entretanto, o cristão conta com suas armas, a paciência e a fé. A palavra que se traduz como paciência é *hupomone*, que não significa limitar-se a suportar as coisas passivamente. Significa aceitar com valentia o pior que pode oferecer a vida e convertê-lo em glória. O termo que se traduz por fé ou lealdade é a palavra grega *pistis*. Refere-se a essa fidelidade que jamais titubeará em sua devoção absoluta ao Mestre e Senhor.

O cristão deve aceitar o que implica o fato de sê-lo. Jamais pode defender a fé do amor com o arma da força bruta. Deve triunfar em sua batalha contra o mundo apresentando a todos os homens a paciência e a fé que o temor ou a honra dos homens não poderão jamais comover.

O PODER DA SEGUNDA BESTA

Apocalipse 13:11-17

Esta passagem trata da segunda besta, a que vem da terra. Já vimos no material introdutório que se trata da organização estabelecida para propagar o culto a César e impô-lo ao longo do Império. Fazem-se algumas afirmações a respeito deste poder.

(1) Executa sinais e maravilhas, como fazer descer fogo do céu e fazer a imagem da besta falar. Em todas as partes havia imagens e estátuas do imperador, em cuja presença se celebrava o culto oficial. Todos os sacerdotes das religiões antigas sabiam como fazer sinais e maravilhas e como fazer falar com uma imagem. Empregavam-se todos os artifícios e os truques do ofício para surpreender e esmagar. O faraó

tinha seus magos, na época de Moisés, e o sacerdócio imperial tinha seus peritos ventríloquos e demais.

Todo isso exercia um poder enganador e sedutor ao mesmo tempo. No versículo 11 nos encontramos com uma frase curiosa. afirma-se que esta besta tem dois chifres semelhantes aos de um cordeiro. De maneira que se trata de uma triste zombaria ao Cordeiro, no sentido que lhe davam os cristãos. Mas também se afirma que fala como *um dragão*. É possível que a frase dissesse que falava *como uma serpente*. Nesse caso, faria referência à serpente que seduziu a Eva no Paraíso. A serpente convenceu a Eva que comesse o fruto proibido, dizendo-lhe que era bom e belo e que a faria sábia. O sacerdócio imperial podia empregar técnicas de sedução. Poderiam dizer: "Vejam o que Roma fez por vocês, vejam a paz e a prosperidade de que desfrutam. Alguma vez conheceram um benfeitor maior que o imperador? Sem dúvida, por gratidão, podem oferecer-lhe este ato formal de culto." Tudo isto podia apresentar-se como algo muito convincente. Uma das tentações mais sutis radica em que sempre existem argumentos muito sólidos para afirmar que a Igreja deve pactuar com o mundo. Cada vez que a Igreja pactua com o mundo converte-se ao mundo e deixa de ser a Igreja, traindo deste modo a Cristo.

(2) Esta besta faz matar a todos aqueles que se negam a lhe render culto. Assim o estabelecia a lei, em realidade. Se um cristão negava-se a adorar a César merecia a morte. Nem sempre se cumpria a condenação, mas aquele que não tinha a marca da besta não podia vender nem comprar. Quer dizer, se alguém se negava a adorar o imperador, perdia seu emprego, seu negócio era boicotado, exerciam-se pressões econômicas sobre ele, de maneira tal que, ainda que se perdoasse sua vida, ficava economicamente arruinado. O mundo sabe como pressionar os quais não aceitam seus valores. Pode suceder ainda hoje que o cristão deva optar entre o êxito material e a lealdade a Jesus Cristo.

A MARCA DA BESTA

Apocalipse 13:11-17 (continuação)

Aqueles que tinham adorado a César segundo as leis vigentes tinham sobre si *a marca da besta*. Esta marca estava na mão direita ou na fronte. Não há dúvida a respeito do origem desta imagem. Esta é outra das zombarias a um costume sagrado entre os judeus. Quando o judeu orava usava *filactérios* sobre o braço esquerdo e sobre a fronte. Os filactérios eram pequenas caixas de couro com rolos de pergaminhos onde estavam inscritos as seguintes passagens: Êxodo 13:1-10; 13:11-16; Deuteronômio 6:4-9; 11:13-21. Quem usava estes filactérios demonstrava ser um judeu devoto. A marca da besta era uma brincadeira espantosa a este costume sagrado dos judeus.

Qual era a marca da besta? A palavra é *charagma* e pode provir de mais de um costume sagrado.

(1) Às vezes os escravos domésticos eram destacados com a marca de seu dono. Entretanto, em geral era costume praticar esta marca só se tinham escapado ou tinham cometido uma falta grave. Esta marca recebia o nome de *estigma*. Até o dia de hoje falamos do *estigma* que implica uma ação desonrosa. Se a marca se relacionar com isto significa que aqueles que rendem culto são os escravos, quer dizer, que pertencem à besta.

(2) Às vezes os soldados se marcavam com o nome de algum chefe por quem sentiam grande respeito. Em certo sentido, é o equivalente ao costume moderno de tatuar o corpo com a imagem ou o nome de uma pessoa muito querida. Se relacionarmos a marca com isto significa que aqueles que rende culto à besta são seus fiéis seguidores.

(3) Todo contrato de compra ou venda tinha um *charagma*, um selo. Sobre este selo estava inscrito o nome do imperador reinante e a data. O selo imperial era o sinal de um contrato que se tinha celebrado e tinha sido aceito. Se conectarmos a marca com este dado, significará que aqueles que adoram a besta aceitam sua lei e autoridade.

(4) Todo o dinheiro tinha gravada a cabeça do imperador e uma inscrição com seu nome, para demonstrar que lhe pertencia. Se a marca se relacionar com isto, também significa que aqueles que a possui pertencem à besta.

(5) A marca da besta pode relacionar-se com o costume que mencionamos na introdução a este capítulo. Depois de ter queimado a medida de incenso e depois render culto ao César os cidadãos recebiam um certificado onde constava que tinha completo com a lei. Esse certificado era uma espécie de seguro contra a perseguição e a morte e dava o direito de comercializar.

A marca da besta pode ser o certificado de culto que o cristão só podia obter se renegava de sua fé e de seu Senhor. Quando tinha o certificado na mão era catalogado como adorador de César e negador de Cristo.

O NÚMERO DA BESTA

Apocalipse 13:18

Este versículo diz que o número da besta é seiscentos e sessenta e seis. É muito provável que se tenham feito mais esforços para decifrar esta passagem que os dedicados a qualquer outro versículo das Escrituras.

Quem é esta besta diabólica. demoníaca, cujo símbolo é o número seiscentos e sessenta e seis? Devemos lembrar que os povos antigos careciam de cifras e empregavam as letras do alfabeto para escrever os números. A letra A é o 1, a letra B é o 2 e assim sucessivamente. Sendo assim, toda palavra e em especial, todo nome próprio, também pode ser um número. As letras não só indicam o nome em questão mas também se lhes dá seu valor numérico também pode-se obter uma soma em cifras.

Deissmann cita um caso no qual deu-se um uso romântico do valor numérico das letras. Um apaixonado escreveu sobre as paredes de

Pompéia: "Amo a aquela cujo número é 545. Desse modo oculto e ao mesmo tempo, identificou a sua amada.

As interpretações com relação ao número 666 são infinitas. Visto que é o nome da besta, todos se empenham em adaptá-lo ao nome de seu mais acérrimo inimigo. Assim é como se chegou a afirmar que se trata do Papa, de John Knox, Martinho Lutero, Napoleão e muitos outros.

Em realidade é interessante e gracioso comprovar o que pode obter o engenho ao ocupar-se deste número.

O doutor Kepler nos dá um exemplo do que se fez durante a Segunda guerra mundial com o número em questão.

Se A = 100, B = 101, C = 102, D = 103 e assim sucessivamente podemos chegar ao seguinte resultado:

H = 107
I = 108
T = 119
L = 111
E = 104
R = 117
e a soma dá 666

Vimos, desde o começo, que o Apocalipse está escrito em código. O iniciado compreenderá a mensagem com clareza mas quem não esteja no segredo ficará confundido. É muito evidente que se terá especial cuidado com relação ao secreto do código ao chegar a este número. Simboliza o maior inimigo da igreja, a encarnação do mal e o demônio. É inegável que se guardará o segredo com o maior zelo. O que é estranho é que a chave para compreender este número deve ter-se perdido muito cedo pois nem sequer um estudioso como Irineu, que viveu no século dois a conhecia e só pôde fazer conjeturas. Já mencionamos algumas destas conjeturas. Irineu sugeriu que podia referir-se no nome Euantas. Segundo os números gregos séria assim: E = 5; U = 400; A = 1; N = 50;

T (a letra grega *theta*) = 9; A = 1; S = 200. O resultado da soma é 666. Não obstante, Irineu não soube dizer quem era Euantas, e a única coisa que fez foi substituir uma incógnita por outra

Outra sugestão muito comum foi que a palavra era *Lateinos* escrito em letras gregas. L = 30; A = 1; T = 300; E = 5; I = 10; N = 50; O = 70; S = 200. A soma dá 666. Podia-se supor que Lateinos significava latino e podia simbolizar o Império Romano.

Outra conjetura foi que a palavra era *Teitan* também escrito em caracteres gregos. Tal palavra podia ter dois significados. Em primeiro lugar, na mitologia grega os Titanes eram aqueles que se rebelou contra Deus. Em segundo lugar, o nome da família da Vespasiana, Tito e Domiciano era Tito e pode ser que se os tenha chamado Titanes.

Segundo outra versão, trata-se da palavra *arnoume*. Pode ser que se trate de uma forma do termo grego *arnoumai* que significa: "Eu nego". Nesse caso, a palavra representaria a negação do nome de Cristo.

Nenhuma destas conjeturas é muito convincente. O próprio capítulo é que nos dá a melhor chave. Aí menciona-se mais de uma vez a cabeça ferida e curada. Essa é a cabeça que logo será adorada. E a besta se ocupará de estender e impor o culto a essa mesma cabeça. Já vimos que essa cabeça é um símbolo da lenda segundo a qual Nero ressuscitaria e voltaria com poder e terror. De maneira que podemos aceitar o suposto de que o número tem alguma relação com Nero. Se tomamos o nome de Nero e lhe damos suas equivalências numéricas, obteremos o seguinte resultado:

N 50
E 6
R 500
O 60
N 50

O total é 666. É interessante assinalar que em hebraico as letras de Nero César também dão como resultado 666.

Não restam muitas dúvidas de que o número da besta represente a Nero. João prediz a chegada do Anticristo sob a forma de Nero, a encarnação de todo mal, que volta para este mundo.

Apocalipse 14

Os que são do Pai - 14:1
O cântico que só aqueles que pertencem a Deus podem aprender - 14:2-3
A mais bela flor - 14:4a
A imitação de Cristo - 14:4b-5
O chamado para adorar a Deus - 14:6-7
A queda de Babilônia - 14:8
A condenação do homem que nega a seu Senhor - 14:9-12
O descanso da alma fiel - 14:13
A colheita do juízo - 14:14-20

OS QUE SÃO DO PAI

Apocalipse 14:1

A visão seguinte começa com o Cordeiro triunfante sobre o monte Sião. Acompanhavam-no os cento e quarenta e quatro mil que encontramos no Já refletimos refletido sobre o sentido destas marcas, mas devemos voltar ao tema. No mundo antigo, as marcas podiam representar cinco coisas diferentes.

(1) Podiam significar *propriedade*. Costumava-se marcar o escravo com a marca de seu dono, tal como hoje se faz com as vacas ou as ovelhas. Os que acompanham o Cordeiro pertencem a Deus,

(2) Podem referir-se à *lealdade*. O soldado estava acostumado a marcar sua mão com o nome do general a quem respeitava e a quem estava disposto a seguir até a morte. Os que acompanham ao Cordeiro são quão veteranos demonstraram sua lealdade.

(3) Podem representar *segurança*. Existe uma carta muito estranha, escrita num papiro do terceiro ou quarto século. Um filho escreve a seu pai, Apolo. São épocas de perigo e pai e filho estão separados. O filho envia suas saudações e bons desejos e prossegue: "Já lhes falei que minha dor por sua ausência e meu temor de que algo tremendo lhes suceda e que não encontremos seu corpo. Na verdade sempre quis lhes dizer que em vista da insegurança imperante desejava *estampar uma marca* sobre seu corpo" (P. Oxy, 680). O grupo que acompanha ao Cordeiro está marcado, como medida de segurança, na vida e Robertson Smith cita um exemplo curioso a respeito. Os grandes xeques árabes tinham clientes e súditos humildes que dependiam de sua generosidade e boa vontade. Com freqüência marcavam estas pessoas com a mesma marca que usavam para seus camelos. Com isso indicavam que esses súditos dependiam deles. Os que acompanham ao Cordeiro são aqueles que depende por completo de seu amor e sua graça.

(5) Podem significar *precaução*. No mundo antigo era muito comum que os discípulos de um deus fossem marcados com o sinal desse deus. Às vezes tratava-se de um procedimento muito doloroso. Plutarco nos relata que depois da total derrota dos atenienses em Sicília, os sicilianos tomaram aos prisioneiros e os queimaram na fronte com a marca de um cavalo ao galope que era o emblema de Sicília (Plutarco, *Nicias* 29). A marca era um sinal de possessão e sujeição absolutas. Em 3 Macabeus se diz que Ptolomeu IV do Egito ordenou que "devia degradar-se a todos os judeus ao grau mais baixo e à condição de escravos. Aqueles que dissesse algo contra a medida deviam ser levados pela força e mortos, e quando fossem registrados deviam ser marcados com um sinal no corpo, com a folha de hera, que é o emblema de Baco" (3 Macabeus 2:28-29).

Algumas destas alternativas implicam degradação e crueldade. Tenha-se em mente, entretanto, que há outras possibilidades menos negativas. Os sírios sempre tatuavam o punho ou o pescoço com o sinal de seu deus. Não obstante, há um caso mais importante de sinalização.

Heródoto (2.113) diz que havia um templo de Heracles na entrada do Nilo, na Canopia. Tal templo tinha direito de asilo. Qualquer criminoso, escravo ou liberto que chegasse a ele estava livre de perseguições e vinganças. Era marcado com certos sinais sagrados como símbolo de que se tinha entregue ao deus e que já ninguém poderia tocá-lo.

Aqueles que estão com o Cordeiro são aqueles que se entregaram à misericórdia de Deus em Jesus Cristo e estão a salvo para sempre.

Enfrentamo-nos com costumes muito antigos. Entretanto, há uma verdade imutável. Aqueles que pertencem a Deus têm sua marca, até em nossos dias. Como o expressou H. B. Swete, "Têm um caráter que corresponde à mente de Deus e consagram sua vida a servi-lo."

O CÂNTICO QUE SÓ AQUELES QUE PERTENCEM A DEUS PODEM APRENDER

Apocalipse 14:2-3

Esta passagem começa com uma descrição da voz de Deus e é uma descrição maravilhosa. João afirma três coisas a respeito da voz de Deus.

(1) Era como o som de muitas águas. Isto nos lembra o poder da voz de Deus, pois não há outro poder semelhante ao estrondo das ondas sobre os rochas. É um poder que pode despedaçar as maiores obras dos homens.

(2) É como a voz de um grande trovão. Aqui nos lembra o caráter *inconfundível* de sua voz. Ninguém pode deixar de escutar o som do trovão. Encontramo-nos com algo que insiste em ser ouvido, o único som que o homem não pode deixar de ouvir.

(3) Era como o som de muitos harpistas que tocavam suas harpas. Isso nos lembra o *melodioso* da voz de Deus. Não há nada semelhante ao poder que tem a música para acalmar e tranqüilizar o coração aflito. Foi a música de Davi o que levou um momento de paz à mente confundida de Saul. A voz de Deus tem o poder do escolho das ondas, o caráter inconfundível do trovão ensurdecedor mas também a doce suavidade da música que calma o coração.

Aqueles que acompanhavam o Cordeiro cantavam um cântico que só eles podiam aprender. Esta é uma verdade que percorre toda a vida. A fim de aprender certas coisas deve-se ter uma determinada personalidade. Os acompanhantes do Cordeiro podiam aprender o cântico novo porque tinham vivido certas experiências.

(a) Tinham sofrido e padecido. Tinham passado por grandes tribulações, pois eram os mártires de Cristo. Há certas coisas que só se aprendem mediante a dor. Alguém levou os poetas dizerem: "Aprendemos sofrendo o que ensinamos com o canto." A dor gera uma serenidade um estado de graça, uma fé incomovível, uma relação íntima com Deus que não se obtêm de nenhum outro modo. Pode provocar amargura e ressentimento, mas também pode suscitar a fé, a paz e um cântico novo.

(b) Tinham vivido em lealdade. É evidente que, à medida que passem os anos, o líder se aproximará cada vez mais a seus seguidores leais e eles a ele. Então poderá lhes abrir o seu coração e lhes ensinar coisas que o discípulo infiel ou passageiro jamais poderá ouvir.

(c) Há outra forma de dizer que os que acompanham o Cordeiro tinham crescido espiritualmente. Qualquer mestre pode ensinar coisas mais difíceis e importantes ao estudante amadurecido que ao principiante. Jesus Cristo pode revelar mais tesouros de sabedoria e conhecimento àqueles que crescem no dia a dia. A tragédia de muitos é o cristianismo estático no qual não há nenhum crescimento. O cristão deve aproximar-se cada vez mais a Cristo e, ao fazê-lo, aprenderá o cântico que só aqueles que acompanham o Cordeiro podem cantar.

A MAIS BELA FLOR

Apocalipse 14:4a

Tomamos a metade deste versículo, pois é um dos mais difíceis de todo o Apocalipse e é fundamental compreender seu significado. É uma descrição daqueles que são as flores mais belas da vida cristã, daqueles

que acompanham o Cordeiro. A pergunta que se nos expõe é a seguinte: O que quer dizer? Descreve a pureza sem mancha daqueles que acompanham o Cordeiro, mas em que consiste essa pureza? Pode ter três sentidos. Como se trata de significados muito incertos os expressamos em forma de pergunta.

(1) Descreve àqueles que se mantiveram puros do adultério físico? Descreve os quais se mantiveram castos, honrosos e puros nas relações sexuais? É muito difícil que tal seja o sentido das palavras, pois não só descreve a estas pessoas como *puros* mas também como *virgens*. Quer dizer que se trata de gente que jamais manteve relações sexuais.

(2) Acaso descreve os que se mantiveram livres do adultério espiritual, quer dizer, de toda deslealdade a Jesus Cristo e não adoraram a ídolos ou falsos deuses? Visto que Israel era a noiva de Cristo, o Antigo Testamento costumava falar da infidelidade a Deus como se se tratasse de um adultério. Encontramos muitas descrições do povo de Israel nas quais se afirma que fornicam com os deuses estranhos (Êxodo 34:15; Deuteronômio 31:16; Juízes 2:17; 8:27,33; Oséias 9:1). É difícil que esta seja a explicação da passagem, pois não tem as características de uma metáfora. É-nos apresentado como algo que deve tomar-se, em certo sentido, ao pé da letra.

(3) Refere-se àqueles que se mantiveram celibatários? A homens e mulheres que nunca se casaram e renunciaram a toda relação física com o sexo oposto?

É importante responder a esta pergunta porque não há dúvida de que não demoraria para chegar a época quando a Igreja glorificou o celibato e a virgindade. Isso foi acompanhado por certa subestimação do casamento e a afirmação de que só aqueles que renunciavam a ele por completo, podiam ter acesso à vida cristã superior. Era uma atitude muito comum entre os hereges.

Os gnósticos sustentavam que "o casamento e a reprodução vêm de Satanás."

Taciano afirmava que "o casamento é corrupção e fornicação."

Marciano fundou Igrejas para os celibatários e proibiu a entrada a outros.

Um dos mais importantes pais da Igreja, Orígenes, castrou-se voluntariamente a fim de assegurar sua virgindade perpétua.

Não passou muito tempo antes de que os pregadores cristãos mais entusiastas insistissem que o cristianismo implicava no celibato e na virgindade. Nos *Atos de Paulo e Tecla,* Demas acusa a Paulo de "privar aos jovens de esposas e às jovens de maridos, dizendo que a única forma de assegurar sua ressurreição é mantendo-se castos." É obvio que se trata de um livro apócrifo, mas esse é o ensino que se põe na boca de Paulo.

Existe um relatório de um juízo romano (Ruinart, *Atos dos mártires*, de 27 de abril de 304) no qual se descreve os cristãos como "pessoas que influem sobre as mulheres tolas e lhes dizem que não devem casar-se e as convencem para que adotem uma castidade insólita." Esse é exatamente o espírito que originou os monastérios, os conventos e as monjas e aquele que estabeleceu que todo o relacionado com o sexo e o corpo era mau.

Seja qual fosse a conclusão a que cheguemos com relação a esta passagem, tais afirmações não têm nada que ver com o ensino do Novo Testamento. Jesus exaltou o casamento e disse que por ele o homem deixava a sua família e se unia de maneira tão íntima à sua esposa que os dois se tornavam uma só carne. Também advertiu que o que Deus tinha unido não podia ser separado por nenhum homem (Mateus 19:4-6). Isto demonstra de maneira incontrovertível que o casamento é uma instituição divina. Em seus ensinos fundamentais, Paulo exaltou o casamento. Compara a relação de Cristo com sua Igreja à que existe entre o homem e sua esposa (Efésios 5:22-33). O autor de Hebreus afirma: "Honroso seja entre todos o casamento" (Hebreus 13:4). Os ensinos do Novo Testamento não justificam a doutrina do celibato.

O que diremos, então, com respeito, a esta passagem? Se a tivermos que tratar honestamente, resta pouca dúvida que encomenda em termos não ambíguos tanto o celibato como a virgindade, e que põe num

segundo plano o casamento. Que explicação temos para isto? Há duas explicações possíveis.

(a) É perfeitamente possível que o autor do Apocalipse tenha crido na superioridade do celibato e da virgindade, e que queria exaltá-los. É muito provável que tenha escrito por volta do ano 90, e por aquela época a tendência ao ascetismo já tinha entrado na Igreja. Neste caso o autor do Apocalipse prega uma doutrina que não conta com a aprovação do resto do Novo Testamento, e em suas palavras encontramos, dentro do Novo Testamento, a primeira manifestação dessa heresia que, posteriormente, poria em segundo lugar de importância ao casamento, com relação ao celibato, por razões religiosas. Nesse caso deveríamos deixar esta passagem de lado, porque provado com a pauta do que ensina o resto do Novo Testamento, não apresenta de maneira correta a ética cristã.

(b) Mas há outra interpretação possível. Ocorria freqüentemente que quando os copistas reproduziam o texto bíblico acrescentavam, à margem, suas notas e comentários. Podemos supor que um copista posterior ao texto original, mas numa época muito anterior, tenha querido dar sua opinião com relação ao que eram os 144.000. Este copista vivia na época quando já se exaltava o celibato e a virgindade na Igreja. Então acrescentou, à margem, "Estes são os que nunca se contaminaram com mulheres, permanecendo virgens". Que um escriba sustentara esta opinião não é estranho, pois em sua grande maioria eram monges. Quando este manuscrito cotado se voltou a copiar, o comentário foi incorporado ao texto.

Era muito freqüente que ocorresse tal coisa. Isto significaria que a primeira parte do v. 4 não foi escrito por João e não representa seu pensamento, mas sim é um comentário de algum escriba, incorporado por erro como parte do texto.

Nós preferimos esta segunda explicação; mas seja qual for a explicação que aceitemos, estamos obrigados a reconhecer que a

exaltação do celibato e da virgindade não é um ensino que apareça no Novo Testamento, exceto nesta passagem.

A IMITAÇÃO DE CRISTO

Apocalipse 14:4b-5

Aqui temos uma descrição do grupo que acompanha o Cordeiro, sobre a qual não pode haver discussão nem controvérsia..

Os que acompanham o Cordeiro são aqueles que o seguem em qualquer lugar que Ele vá. A definição mais simples do que significa ser cristão é "aqueles que seguem a Jesus". Um dos mandamentos que encontramos com maior freqüência nos lábios de Jesus é "Segue-Me!". Isso foi o que disse a Filipe (João 1:43) e a Mateus (Marcos 2:14); também o escutou do Mestre o jovem rico (Marcos 10:21) e aquele discípulo de quem não sabemos o nome (Lucas 9:59). Quando Pedro lhe perguntou o que sucederia com João, Jesus lhe respondeu que deixasse de preocupar-se pelo que sucederia com os outros, e que ele se concentrasse em segui-lo (João 21:19-22). Deixou-nos um exemplo — diz Pedro — para que sigamos os seus passos (1 Pedro 2:21).

A vida cristã, essencialmente, é a constante imitação de Jesus Cristo.

João diz três coisas com relação aos que andam com o Cordeiro.

(1) Diz que são um sacrifício feito a Deus e ao Cordeiro. A palavra que se usa para dizer "sacrifício" representa, em realidade, a oferta dos primeiros frutos de cada colheita. Os primeiros frutos eram o melhor de cada colheita. Eram o antegozo e o símbolo do que viria depois; ofertá-los era consagrar a Deus, simbolicamente, a colheita inteira. O cristão, em outras palavras, é o melhor que se pode oferecer-se a Deus; cada cristão é uma antecipação daquele dia quando todo mundo esteja dedicado a Deus; o cristão é o homem que dedicou toda sua vida a Deus e seu serviço.

(2) Diz que em sua boca não se encontrou falsidade. Esta expressão aparece em repetidas ocasiões nas Escrituras. O salmista afirma, "Bem-aventurado o homem a quem o SENHOR não atribui iniqüidade e em cujo espírito não há dolo" (Salmo 32:2, veja-se também Isaías 53:9, Sofonias 3:13). Pedro aplica esta idéia a Jesus: "O qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca" (1 Pedro 2:22). Isto é algo que podemos entender perfeitamente bem. Nós também cremos que a falta de sinceridade e a hipocrisia são defeitos de caráter muito insuportáveis. Nós também queremos que nossos amigos sejam sinceros e honestos. Não temos tempo para atender às declarações cheias de dobras e ocultações, nem nos interessam as falsas promessas de amizade e amor. Do mesmo modo como nós queremos ter amigos que sejam sinceros, o mesmo ocorre com Jesus.

(3) Diz que não têm mancha nem defeito. A palavra que traduzimos "sem mancha" ou "sem defeito" era característica da linguagem sacrifical. Descrevia o animal que não tinha marcas, deformações ou qualquer outro tipo de defeito que o tornasse inadequado para o sacrifício. É muito freqüente o uso desta palavra com relação aos cristãos (Efésios 1:4; Colossenses 1:22; Efésios 5:27; 1 Pedro 1:19). Nós recebemos a vida para fazer dela um dom, um sacrifício, uma oferta a Deus. E o que se oferece a Deus deve necessariamente ser perfeito.

A seguir temos a visão dos três anjos. Um anjo chama à adoração do verdadeiro Deus (versículos 6 e 7). Outro anjo antecipa a queda de Roma (versículo 8). E o outro anjo anuncia o juízo e a destruição dos que foram infiéis à sua fé e adoraram a besta (versículos 9-12). Tomemos cada uma destas visões separadamente.

O CHAMADO PARA ADORAR A DEUS

Apocalipse 14:6-7

O primeiro anjo vem com um convite para que todos os homens adorem a Deus.

Devemos lembrar que um dos sinais que precederão o fim é a pregação do Evangelho do Reino a todas as nações (Mateus 24:14). Aqui temos o cumprimento dessa profecia. O anjo anuncia a mensagem do Evangelho a todos os homens de todas as raças, línguas e cores de pele. A Terra tem sua última oportunidade para aceitar ou rejeitar a Cristo.

O anjo vem com o evangelho eterno. O que significa, neste contexto, a palavra "eterno"? Pode significar que o evangelho é válido desde a eternidade, que até num mundo que se precipita desbocado para seu desastre final, cada uma das palavras do Evangelho segue tendo vigência e sendo verdadeira. Também pode significar que o evangelho existiu da eternidade. Paulo, na Doxologia que encontramos em Romanos, diz que Jesus Cristo é a revelação de um mistério que se guardou como secreto desde que começou o mundo (Romanos 16:25). Pode ser "eterno" porque o evangelho representa o propósito eterno de Deus para o homem. Pode significar que é o evangelho no qual se fala das coisas eternas, que seu conteúdo não tem que ver com o que é temporário e passageiro mas com as verdades e realidades da eternidade.

Pode parecer estranho que o anjo que traz o evangelho seja seguido imediatamente pelos anjos da condenação. Mas o Evangelho possui, necessariamente, a qualidade de uma espada de dois gumes. São boas novas para quem o aceita e o recebe e se submete a ele; mas é juízo para quem o rejeitam, desobedecem-no e escarnecem dele. E a condenação dos que rejeitam o Evangelho é maior ainda precisamente pela oportunidade que lhes foi dado de aceitá-lo.

As palavras do anjo são muito interessantes. São um chamado à reverência e a adoração, ao temor de Deus, Criador e Sustentador de todas as coisas que existem. Esta mensagem não especificamente cristã; é a base e a matéria prima de uma religião. Corresponde exatamente com a mensagem que Paulo e Barnabé trouxeram aos habitantes de Listra, quando disseram que deviam apartar-se das vaidades e adorar ao verdadeiro Deus, o Criador de todas as coisas (Atos 14:15).

H. Swete fala, neste caso, de "um chamado à consciência ingênua do paganismo, incapaz, no momento, de receber outro tipo de pregação". É o chamado às criaturas de Deus para que tragam à lembrança o seu Criador, e para que vejam o Criador nas maravilhas do mundo que Ele fez. A religião deve começar com o reconhecimento de que Deus é nosso Criador e que nós fomos feitos por Ele. A religião deve começar pelo mundo, e consistir em dar-se conta que o mundo foi feito por Deus. Somente quando o homem percebe que é uma criatura na presença do Criador é que toma consciência de seu pecaminosidade e da necessidade que tem de um Salvador. A mensagem do anjo é mensagem elementar de toda pregação religiosa, a matéria-prima da fé em Deus, aquilo pelo qual toda religião tem que começar.

A QUEDA DE BABILÔNIA

Apocalipse 14:8

Esta é a profecia da condenação de Roma. Em todo o Apocalipse Roma é chamada "Babilônia". Esta descrição de Roma era bastante comum na época intertestamentária. O autor de 2 Baruque começa seu pronunciamento contra Roma dizendo: "Eu, Baruque, digo isto contra ti, Babilônia" (2 Baruque 11:1) Nos tempos antigos Babilônia tinha sido, para os profetas a própria encarnação do poder, do luxo, da lascívia e do pecado; para os cristãos primitivos Babilônia tinha renascido no luxo e na imoralidade de Roma.

A queda de Babilônia em mãos do Ciro o Persa tinha sido um dos eventos mais comovedores da história antiga. As palavras que o Apocalipse usa ecoam das palavras dos antigos profetas sobre Babilônia: “Caiu, caiu Babilônia; e todas as imagens de escultura dos seus deuses jazem despedaçadas por terra” (Isaías 21:9: veja-se Jeremias 51:8).

Diz-se que Babilônia fez beber a todas as nações do vinho da ira de sua fornicação. Nessa expressão se mesclaram duas imagens e conceitos do Antigo Testamento. Em Jeremias 51:7 diz-se com relação a

Babilônia: “A Babilônia era um copo de ouro na mão do SENHOR, o qual embriagava a toda a terra; do seu vinho beberam as nações”. A idéia é que o poder e a influência de Babilônia foram forças corruptoras e sedutoras, que arrastaram a muitos homens a uma insana imoralidade. O pano de fundo da imagem é a arte de sedução da prostituta, que arrasta os homens à imoralidade, ao adultério e à fornicação, embebedando-os com vinho, intoxicando-os para que não possam resisti-la. Roma agiu da mesma maneira. foi como uma bela prostituta, que seduziu o mundo inteiro. A outra imagem, muito freqüente no Antigo Testamento, é a da taça da ira de Deus (veja-se Jó 21:20; Salmo 75:8; Isaías 51:17; Jeremias 25:15).

Fundem-se duas imagens, então. Em primeiro lugar a de Roma como uma grande prostituta que seduz os homens, embriagando-os, eliminando primeiro toda fibra moral; em segundo lugar a da taça da ira de Deus, que o pecador deve beber até a última gota. Podemos parafrasear o Apocalipse dizendo que Babilônia fez com que as nações bebessem o vinho que seduz os homens à fornicação, e que causa como conseqüência que também devam beber, depois, e até a última gota, a taça da fúria e da ira de Deus.

Atrás destas idéias está o conceito permanentemente válido de que o homem ou a nação cuja influência é má, que afrouxa as ataduras da moral, que consegue tornar o vício atrativo, tornar fácil o pecado e difícil a virtude, não escapará nunca à ira vingadora de Deus.

A CONDENAÇÃO DO HOMEM QUE NEGA A SEU SENHOR

Apocalipse 14:9-12

Já se observou sobre o poder da besta, e da marca que ela tratará de impor sobre os homens. Agora a advertência vai dirigida em torno dos que não sejam capazes de suportar esse tempo de prova e durante ele manter-se fiéis.

É significativo que esta seja a advertência mais drástica. Entre as condenações, segundo o Apocalipse, a pior é a do apóstata. A razão é que na época de João a Igreja lutava com todas as forças por sua só sobrevivência. Se a Igreja ia seguir existindo, cada cristão, individualmente, devia estar disposto a suportar o sofrimento e a prova, a prisão e a morte. Se os cristãos cediam, a Igreja morreria. É precisamente porque tanto dependia da fidelidade de cada membro da Igreja que a condenação com que se ameaçava o apóstata é tão terrível. Em nosso tempo e época não se trata de ser fiel até a morte mas sim de ser fiel durante a vida. Cada cristão continua sendo chave para a sobrevivência do cristianismo, mas sua função já não consiste em proteger a fé sendo fiel a ela até diante da ameaça de morte, mas sim destacar seu significado para o homem contemporâneo vivendo segundo seus ditados a existência cotidiana.

A condenação do apóstata é concebida em termos das mais terríveis situações de juízo que jamais tenha visto a terra: o juízo de Sodoma e Gomorra. Segundo Gênesis a fumaça que se produziu ao incendiar-se essas duas cidades se elevou ao céu como a fumaça de um forno (Gênesis 19:28). João ecoa as palavras de Isaías quando descreve o dia da vingança do Senhor (Isaías 34:8-10). A sorte que espera o apóstata é em realidade terrível.

Voltamos a assinalar aqui uma característica que já tínhamos remarcado anteriormente. Os ímpios serão destruídos na presença dos anjos e do Santo Cordeiro. Como tem-se dito, parte da bem-aventurança do céu era poder contemplar os sofrimentos do inferno (4 Esdras 7:36; Enoque 48:9; 27:2-3). Quando Crisóstomo exorta Olimpias para que se mantenha fiel, diz-lhe que, chegado o momento, poderá ver como Deus tortura os seus perseguidores, do mesmo modo como Lázaro, do seio de Abraão, pôde ver o tortura nas chamas que Divas sofria.

Este tipo de concepção pode nos parecer desagradável. Podemos chegar a condená-lo por estar abaixo da altura de uma atitude autenticamente cristã. Mas não temos o direito de falar se não sofremos

as mesmas pressões que os cristãos na Igreja primitiva. Muitas vezes os pagãos tinham contemplado com regozijo os sofrimentos dos cristãos na areia do circo. Os cristãos esperavam ansiosamente o dia quando se inverteriam os papéis, e quando os santos e as hostes celestiais fossem os espectadores e as vítimas seus perseguidores terrestres. Os crentes naqueles tempos terríveis viviam alimentados pela esperança de que algum dia a justiça divina ajustaria o balanço das injustiças terrestres.

O DESCANSO DA ALMA FIEL

Apocalipse 14:13

Depois das terríveis profecias sobre os terrores que virão, e depois das terríveis advertências que se dirigem aos que agem com falsidade, vem a promessa. Estas são as palavras de estimulo, estas são as promessas para os que permanecem fiéis.

“Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor”. A idéia de "morrer no Senhor" aparece mais de uma vez no Novo Testamento. Paulo fala dos mortos em Cristo (1 Tessalonicenses 4:16), e dos que dormiram em Cristo (1 Coríntios 15:18). O significado destas frases é "aqueles que chegam no fim de suas vidas sendo um com Cristo". Fazia-se todo o esforço para separar os crentes de Cristo. A Igreja vivia numa época quando todo tipo de coisas terríveis procuravam forçar os cristãos a abandonar a seu Senhor e a deixar de lado sua lealdade a Ele; mas a grande e suprema felicidade estava reservada para os que se mantivessem fiéis a Cristo até o fim de suas vidas, unidos indissoluvelmente a Ele, inseparáveis do Senhor, Mestre e Salvador que tanto amavam.

É prometido descanso aos fiéis. Descansarão de suas lutas. O descanso nunca é tão precioso como quando foi ganho trabalhando, mesmo com sofrimento e dor. Nunca é tão doce como depois da tarefa exaustiva.

Alistair Maclean conta de uma mulher escocesa que, devido às circunstâncias da vida foi reduzida a viver nas condições miseráveis de um tugúrio. Quando se ia visitá-la e se fazia solidário com ela, destacando a injustiça que a tinha levado a essa situação, sua resposta invariavelmente era: "Deus emendará todo erro que se possa ter cometido e eu voltarei a ver as flores do campo". Não pode haver dúvida com relação à eterna bem-aventurança e alegria dos que cheguem ao fim de suas vidas unidos com Cristo. Quanto mais dura tenha sido a batalha, mais dilacerante a dor, mais duros os trabalhos, mais excelso será a alegria e mais sublime a bem-aventurança.

“Suas obras os acompanham”. À primeira vista pareceria que o autor do Apocalipse estivesse pregando a doutrina da salvação pelas obras. Mas devemos ver cuidadosamente o que João quer dizer com estas palavras. Quando fala das obras dos Efésios refere-se a sua paciência e sofrimento (2:2); quando se trata das obras dos cristãos em Tiatira, refere-se a seu amor, seu serviço e sua fé (2:19). As "obras" para João nunca são o cumprimento legalista das ordenanças divinas, mas sim um tipo especial de caráter. Em realidade está dizendo: "Quando vocês deixarem esta terra tudo o que poderão levar consigo é o seu caráter, o que vocês são. Se chegarem ao fim de suas vidas em união com Cristo, seu caráter terá sido provado e purificado como o ouro, refletirá em mais de uma maneira a glória que provém dEle, porque terão vivido com Ele. E podem levar ao outro mundo um caráter autenticamente cristão, receberão lá toda a bem-aventurança." Quando fala de obras João não se refere a um balanço positivo de ações meritórias, mas sim a uma vida na qual Jesus Cristo tenha estado presente de maneira ininterrupta.

A COLHEITA DO JUÍZO

Apocalipse 14:14-20

A última visão deste capitulo é uma visão de juízo que se descreve em imagens bem conhecidas do pensamento judeu antigo.

Começa com a descrição do rosto vitorioso de um que é como um Filho de Homem. Esta imagem provém de Daniel 7:13-14. De modo que aqui temos o Cristo vitorioso, representado por esta imagem, que vem para julgar.

A seguir se descreve o juízo, mediante duas metáforas que já apareceram em outros lugares das Escrituras.

O juízo é como uma colheita. Quando Joel quis dizer que o juízo viria logo, disse: "Lançai a foice, porque está madura a seara" (Joel 3:13). É similar à expressão de Jesus com relação aos frutos amadurecidos e os preparativos para a colheita em Marcos 4:29. Na parábola do trigo e o joio volta a aparecer a mesma imagem (Mateus 13:24-30; 37-43). A colheita é a imagem exata do juízo, porque é na colheita que se recolhem os frutos e tudo o que não serve se joga fora ou se queima.

Por outro lado, o juízo se representa mediante a imagem do lagar ou prensa para fabricar vinho. Na Palestina os lagares estavam formados por duas cubas conectados entre si mediante um canal. As cubas se esculpiam na rocha ou se construíam com tijolos. As uvas se colocavam na cuba superior. Ali eram pisoteadas e o suco fluía rumo à cuba inferior. É muito freqüente no Antigo Testamento a comparação do juízo com o pisado das uvas (Lamentações 1:15; Isaías 63:3).

Aqui, então, temos uma representação do juízo mediante duas imagens familiares, a da colheita e a do lagar. A isto se acrescenta outra imagem mais. O lagar será convocado fora da cidade. A cidade é Jerusalém. Tanto no Antigo Testamento como no Novo e nos escritos intertestamentários havia uma linha de pensamento segundo a qual os gentios seriam trazidos a Jerusalém para comparecer perante o trono do Juiz Divino. Joel descreve a todas as nações reunidas no vale de Josafá para serem julgadas (Joel 3:2, 12; veja-se também Zacarias 14:1-4). Esta mesma noção encontramos no Apocalipse. O juízo final de toda a Terra deve ter lugar nas subúrbios de Jerusalém.

Há duas coisas difíceis nesta passagem. Em primeiro lugar o ceifeiro é alguém "como um Filho de Homem". Mas também há um anjo que colheita. É bem possível que o Filho do Homem seja Jesus Cristo ressuscitado e vitorioso, que recolhe a colheita de seu próprio povo. O anjo com a foice afiada na mão, pelo contrário, recolheria a colheita daqueles que estão destinados para o juízo. O Senhor ressuscitado, então, colhe os que estão destinados para a salvação, enquanto que o anjo colhe os condenados.

Em segundo lugar, diz-se que o sangue sobe até os freios dos cavalos, estendendo-se sobre uma superfície de 1.600 estádios. Ninguém encontrou uma explicação satisfatória deste simbolismo. Mil e seiscentos estádios são quase exatamente a distância entre a fronteira norte e a fronteira sul da Palestina. Isto significaria que a maré do juízo subirá até abranger a totalidade da terra santa. Neste caso a imagem descreveria, de maneira simbólica, a inclusividade do juízo.

Temos aqui, então, imagens que simbolizam o juízo. São ações da vida cotidiana: a colheita e a fabricação do vinho. O juízo terá lugar nas subúrbios de Jerusalém, ali onde, segundo se sustentava, os gentios seriam reunidos no final. O Cristo ressuscitado recolhe pessoalmente os seus, para levá-los com Ele à glória. O anjo da vingança divina recolhe os que estão destinados para a condenação, para que sejam julgados. O juízo é tão completo que, de fato, cobre a totalidade da terra.

Apocalipse 15

Os vencedores com Cristo - 15:1-2
O cântico dos vencedores com Cristo - 15:3-4
O cântico dos vencedores com Cristo - 15:3-4 (cont.)
Os anjos vingadores - 15:5-7
A glória inacessível - 15:8

OS VENCEDORES COM CRISTO

Apocalipse 15:1-2

Poderia ter-se pensado que João se deteria depois de ter falado da colheita e do trapiche do juízo. Mas ainda fica muito que ele sabe e deve nos dizer. Ainda deve falar dos horrores últimos, do reino dos santos durante mil anos e da conflagração final, que precederá à bem-aventurança eterna. João amontoará horror sobre horror. Falou das sete trombetas. Agora se referirá à vazão dos sete taças da ira de Deus. Esta ordem é típica da forma em que escreviam os autores apocalípticos. Tendiam a construir seus livros ordenando os materiais em grupos de sete e de três. Os três grupos de sete que encontramos em Apocalipse representam, na mente do escritor apocalíptico, a totalidade e a perfeição.

A cena se localiza no céu. Antes de nos falar dos sete anjos que sustentam em suas mãos os sete copos da ira, João descreve os que sofreram martírio por Cristo. Estão de pé, junto ao mar de vidro. Já vimos este mar de vidro em 4:6. Aqui se acrescenta um detalhe. O vidro está misturado com fogo. Esta diferença com relação à descrição anterior é muito natural, dadas as circunstâncias. Trata-se, aqui, de uma passagem de juízo, e o fogo, nas Escrituras, representa simbolicamente o juízo divino (veja-se Êxodo 9:24, Mateus 3:12; Hebreus 12:29).

Toda a cena está iluminada com a luz macabra do fogo do juízo.

Muito em breve nos falará a respeito do Cântico de Moisés. Trata-se do cântico que Moisés entoou quando os filhos de Israel atravessaram triunfantes o Mar Vermelho. Do mesmo modo, segundo H. B. Swete, os mártires atravessaram o mar de seus sofrimentos e chegaram à margem do mar de vidro que se encontra no céu. Esta é a imagem do Israel espiritual, o Israel de Deus, que reproduz uma cena da história do Israel étnico.

Diz-se que os mártires saíram vitoriosos e conquistadores de sua luta contra as forças do Anticristo. Tal afirmação é muito significativa

pelo paradoxal. Os mártires morreram, e morreram das maneiras mais selvagens, cruéis e agonizantes que se possam imaginar. Entretanto, é dito que saíram vencedores. Sua vitória consiste, precisamente, no fato de que tenham morrido. Se tivessem conservado sua vida sendo infiéis à fé teriam sido derrotados. Várias vezes os registros da Igreja Primitiva descrevem o dia do martírio como um dia de vitória. Na crônica do martírio de Santa Perpétua lemos: "Amanheceu o dia de sua vitória. E caminharam da prisão até o anfiteatro como se fossem partindo ao céu, felizes, com seus rostos serenos". Pode suceder, freqüentemente, que a morte seja uma vitória maior que continuar vivendo, a vida deve às vezes interpretar-se como uma derrota. Jesus diz: “Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á” (Mateus 16:25). A verdadeira vitória não é viver de maneira segura, fugir dos conflitos, preservar a vida graças à prudência e os cuidados. A verdadeira vitória é enfrentar o pior que o mal possa nos fazer e chegado o caso, se for necessário, manter nossa fidelidade até a morte. "Que Deus te negue a paz", disse Unamuno, o místico espanhol, "e dê a glória".

O CÂNTICO DOS VENCEDORES COM CRISTO

Apocalipse 15:3-4

Os mártires vitoriosos cantam dois cânticos. Cantam o cântico do Cordeiro, que como já vimos é a canção que somente eles podem conhecer e aprender (14:3) e cantam o Cântico de Moisés, o servo de Deus. Este hino é aquele que Moisés cantou em sua celebração do triunfo, depois do cruzamento do Mar Vermelho. Encontramos este cântico em Êxodo 15:1-19: “O SENHOR é a minha força e o meu cântico; ele me foi por salvação... O SENHOR reinará por todo o sempre”. Este cântico de Moisés estava gravado na memória do povo judeu. Cantava-se no serviço vespertino dos sábados nas sinagogas. Em todo serviço religioso judeu a recitação do Shema, o credo de Israel, era seguida sempre por dois cânticos. Ainda continua sendo assim. Um

destes refere-se precisamente ao cântico de Moisés: "Verdadeiramente Tu és Jeová, nosso Deus e o Deus de nossos pais, nosso Rei e o Rei de nossos pais, nosso Salvador e o Salvador de nossos pais, nosso Criador, a Rocha de nossa salvação, nossa Ajuda e nosso Libertador. Teu nome é desde sempre e para sempre, não há outro Deus além de ti. Aqueles que foram libertados cantaram um cântico novo ao teu Nome junto à margem do Mar. Juntos louvaram e reconheceram que Tu és o Rei. E disseram Jeová reinará, e seu Reino não terá fim. Bendito seja o Senhor que salvou a Israel."

A canção de Moisés rememora a maior libertação na história do povo de Israel, e os mártires vitoriosos, que atravessaram o mar da perseguição para chegar vitoriosos até as margens do céu, cantam, precisamente, essa canção.

Mas os mártires têm também seu cântico novo, sua própria canção de louvor. Há duas coisas que sobressaem nesta canção dos mártires.

(1) Compõe-se quase totalmente de citações do Antigo Testamento. A seguir copiaremos as palavras de cada uma das partes do cântico tal como aparece no Apocalipse, e depois as referências do Antigo Testamento que cada porção evoca.

Grandes e admiráveis são as tuas obras... (Salmo 92:5; Salmo 111:2; Salmo 98:1; Salmo 139:14).

Justos e verdadeiros são os teus caminhos... (Salmo 145:17).

Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? (Salmo 86:9).

Pois só tu és santo... (1 Samuel 2:2, Salmo 22:3; Salmo 111:9).

Todas as nações virão e adorarão diante de ti... (Salmo 86:9). *Os teus juízos foram manifestos...* (Salmo 98:2).

É numa passagem como esta que podemos nos dar conta do profundo conhecimento do Antigo Testamento que João possuía. Quando os mártires buscaram palavras para louvar a Deus por sua bondade e sua magnificência foi nas Escrituras que as encontraram.

O CÂNTICO DOS VENCEDORES COM CRISTO

Apocalipse 15:3-4 (continuação)

(2) Há outra coisa nesta canção dos mártires triunfantes que surpreenderá a qualquer pessoa. Não encontramos nela nem uma só palavra que se refira à sua vitória ou ao que eles fizeram. Não há uma só menção de seu triunfo. Desde o começo até o fim do cântico é, em sua totalidade, um louvor lírico da magnificência de Deus.

O céu é um lugar onde os homens são capazes de esquecer-se de si mesmos, de seus logros, conquistas e vitórias, e de lembrar somente a Deus.

R. H. Charles o diz de uma maneira muito bela: "Na perfeita visão de Deus o eu fica totalmente esquecido".

H. B. Swete complementa: "Na presença de Deus os mártires se esquecem de si mesmos, seus pensamentos são absorvidos pelas novas maravilhas que os rodeiam, a glória de Deus e a visão do esquema universal da história, no qual seus próprios sofrimentos não são nada mais que uma parte infinitesimal. Todo o destino, tal qual o forjou Deus em seu desígnio, está agora aberto perante sua vista. Começam, então, a dar-se conta de qual é o resultado final do grande drama da história. Portanto ouvimos a doxologia com que respondem a sua primeira visão de Deus e de suas obras."

No céu veremos os grandes propósitos eternos de Deus e também a parte que nos tocou desempenhar neles. Perceberemos nossa pequenez na presença da grandeza divina. No céu a grandeza de Deus nos será manifestada de maneira plena. Por fim, lembraremos que não há nada de importância, exceto Deus. O céu é precisamente céu porque nele, por fim, nosso eu e a importância que nos atribuímos, perdem-se na presença da grandeza da glória de Deus.

OS ANJOS VINGADORES

Apocalipse 15:5-7

À medida que esta cena se desenvolve, João vê o que chama de Tabernáculo do testemunho. O Tabernáculo do testemunho é um nome que encontramos várias vezes no Antigo Testamento para referir-se ao Tabernáculo ou tenda que Israel construiu no deserto (Números 9:15, 17:7, 18:12). É evidente, portanto, que João, nesta imagem, não vê o Templo de Jerusalém, mas sim o antigo Tabernáculo de Israel no deserto.

É deste Tabernáculo que saem os sete anjos vingadores. Qual é o significado simbólico desta procissão de anjos que saem do Tabernáculo? O que é o que colocam no centro do lugar Santo, dentro do Tabernáculo? No lugar Santo estava a arca da Aliança, um arca ou baú onde se guardavam as Tábuas da Lei, a essência dos mandamentos que Deus tinha dado ao povo de Israel no deserto. Em outras palavras, estes anjos saem do lugar onde descansa a Lei de Deus. Saem, portanto, para demonstrar como funciona essa lei. Saem para demonstrar mediante a vingança divina que nenhum homem ou nação pode desafiar impunemente a vontade de Deus. Vêm do lugar onde se conserva a Lei de Deus, na arca, porque reivindicarão essa Lei na Terra, demonstrando que não se pode desobedecê-la.

Estão vestidos com uma vestimenta brilhante e cingidos com um cinto de ouro no peito.

A vestimenta dos anjos simboliza três coisas:

(a) Vestem os hábitos sacerdotais. A vestimenta de linho branco e o cinturão de ouro que lhes cinge o peito é a roupa que distingue ao sumo sacerdote. O sumo sacerdote é algo assim como o principal representante de Deus perante os homens. Estes anjos vêm ao mundo como representantes da ira vingadora de Deus.

(b) Vestem a roupa que distingue os reis. Príncipes e reis, em Israel, usavam esta mesma classe de vestimenta. Estes anjos descem sobre os homens com o poder do Rei dos reis da Terra.

(c) O brilho que se desprende da vestimenta é característico dos habitantes do céu. O homem jovem que estava na tumba de Jesus no dia de Páscoa estava vestido com uma longa túnica branca (Marcos 16:5; Mateus 28:3). Os anjos são habitantes do céu, que vêm à Terra para executar os decretos de Deus:

Um dos quatro seres viventes entrega as taças da ira de Deus. Quando analisávamos a imagem dos quatro seres viventes, a primeira vez que os vimos aparecer em cena, em 4:7, vimos que o primeira era como um leão, o segundo como um boi, o terceiro como um homem e o quarto como uma águia. Vimos, do mesmo modo, que embora representam simbolicamente aos querubins, é bem possível que simbolizem tudo o que tem de forte, valente, sábio e rápido na natureza e no mundo. É justo, portanto, que um destes seres entregue aos anjos as taças da ira divina, que produzirão desastres no mundo; o simbolismo desta imagem pode muito bem ser que a natureza fica nas mãos de Deus para cumprir os seus propósitos.

A GLÓRIA INACESSÍVEL

Apocalipse 15:8

Que a glória de Deus seja representada por uma nuvem de fumaça é uma imagem freqüente no Antigo Testamento. Na visão que Isaías teve da santidade divina, todo o Templo se encheu com a fumaça da glória (Isaías 6:4).

Também aparece no Antigo Testamento a idéia de que ninguém pode aproximar-se à fumaça que cobre a glória de Deus. Sucede tanto no tabernáculo do deserto como no Templo (Êxodo 40:34-35; 1 Reis 8:10-11).

Encontramos, aqui, uma dupla idéia. Por um lado, está o conceito de que os propósitos de Deus muitas vezes serão, necessariamente obscuros para os homens. Nenhum homem pode penetrar a mente de Deus; por outro lado, temos a idéia de que a santidade e a glória de Deus são tais que o homem não pode aproximar-se delas por direito próprio.

Mas R. H. Charles vê ainda mais nesta passagem. Ninguém pode vir ao Templo até que as sete pragas tenham sido completadas. O templo permanecerá fechado até que as pragas tenham completado seu propósito de juízo. Para Charles isto significa que nenhum rogo nem oração humana pode deter o juízo de Deus. A justiça de Deus é vingar as injustiças dos homens, e não há nada que se possa fazer para deter esse inexorável juízo, ou para desviá-lo, até que se tenha completado seu propósito.

Apocalipse 16

As sete taças da ira de Deus - 16:1-21
Os terrores que Deus envia - 16:1-11
As hordas que vêm do Oriente - 16:12
Os espíritos imundos como rãs - 16:13-16
O falso profeta - 16:13-16 (cont.)
Armagedom - 16:13-16 (cont.)
A natureza guerreira - 16:17-21

AS SETE TAÇAS DA IRA DE DEUS

Apocalipse 16

Será melhor que leiamos o capítulo 16 em sua totalidade antes de começar seu estudo detalhado.

Aqui temos a descrição das últimas e mais terríveis pragas. Estas têm relação com duas coisas. Evocam as dez pragas do Egito, por um lado, e por outro são a repetição das pragas que se desataram ao ressoarem as sete trombetas em Apocalipse 8-11. Vale a pena copiar as

listas das três séries de calamidades, para que percebamos as semelhanças.

Primeiro, então, temos as dez pragas do Egito, quando Moisés enfrentou o Faraó com a ira de Deus, quando o Faraó não permitia que o povo de Israel saísse do Egito.

(1) As águas tornam-se em sangue (Êxodo 7:20-25).
(2) As rãs (8:5-14).
(3) Os piolhos (8:16-18).
(4) As moscas (8:20-24).
(5) A peste nos animais (9:3-6).
(6) As úlceras (9:8-11).
(7) A chuva de pedras [saraiva] (9:22-26).
(8) Os gafanhotos (10:12-19).
(9) As trevas (10:21-23).
(10) A matança dos primogênitos (12:29-30).

Em segundo lugar, temos as pragas que sucederam ao ressoar das trombetas.

(1) Enxofre, fogo e sangue que seca uma terça parte das árvores e o pasto (Apocalipse 8:7).

(2) A montanha chamejante que é lançada no mar, fazendo que uma terça parte de este se converta em sangue. (8:8).

(3) A queda da estrela no mar chamada Absinto, que envenena e torna amargas as águas (8:10-11).

(4) A eliminação de uma terça parte do Sol, da Lua e das estrelas, que produzem grandes trevas em toda a Terra (8:12).

(5) A vinda da estrela que abre as portas do abismo, de onde saem fumaça e os terríveis gafanhotos demoníacos (9: 1-12).

(6) São soltos os quatro anjos que estão encadeados no Eufrates, o qual produz a vinda, do este, da cavalaria demoníaca (9:13-21).

(7) O anúncio da vitória final de Deus e da rebelião das nações contra Ele (11:15)

Em terceiro lugar, temos os horrores anunciados neste capítulo:

(1) Os homens se cobrem de chagas ulcerosas (Apocalipse 16:2).

(2) O mar torna-se em sangue como de um homem morto (16:3).

(3) Os rios e as fontes tornam-se em sangue. (16:4).

(4) O Sol esquenta até queimar e secar todas as coisas sobre a Terra (16:8).

(5) As trevas cobrem o reino da besta e este agoniza (16:10).

(6) O Eufrates se seca e abre-se um caminho para que os reis do Oriente invadam o Ocidente. (16:12).

(7) A contaminação da atmosfera, acompanhada por outros terríveis fenômenos naturais: trovões, terremotos, raios e enxofre (16:17-19).

Quando comparamos estas três listas nos damos conta que têm bastante em comum: o enxofre, as trevas, as águas que se tornam em sangue, as chagas ulcerosas, a vinda de hordas invasoras desde além do Eufrates. Mas nas duas listas do Apocalipse há uma diferença muito significativa: os primeiros terrores, que seguem às trombetas da destruição, são sempre calamidades limitadas: somente um terço da vegetação, por exemplo, tem que secar-se. Nos terrores que seguem ao derramamento das taças da ira, a destruição dos inimigos de Deus é completa.

Nesta última série de terrores João parece ter reunido todos os elementos pavorosos de todas as outras descrições anteriores dos efeitos da ira de Deus, numa terrível avalanche de desastres.

OS TERRORES QUE DEUS ENVIA

Apocalipse 16:1-11

A voz que ressoa do Templo é a voz de Deus. É Deus, pessoalmente, que envia a seus mensageiros angélicos para que descarreguem seus terrores sobre os homens.

O primeiro terror é uma praga de chagas malignas, ulcerosas. A palavra é a mesma que descreve a enfermidade que afetou os egípcios na

sexta praga de Moisés (Êxodo 9:8-11): o mal que a desobediência castiga (Deuteronômio 28:35); as chagas dos torturados (Jó 2:7).

O segundo terror é a transformação das águas do mar em sangue: esta praga e a que vem a seguir lembram a praga do Egito quando as águas do Nilo se converteram em sangue (Êxodo 7:17-21). É possível que o pensamento de um mar de sangre seja um dos detalhes que João concebeu em Patmos. Mais de uma vez deve ter contemplado o mar como uma enorme tonel de sangue, no momento quando o Sol poente arroja seus últimos raios avermelhados.

Segundo o pensamento hebreu, todas as forças naturais, o vento, o Sol, a chuva, as águas, têm seu anjo que os governa. Estes anjos eram os servos que ministravam a Deus, sua corte celestial, e tinham sido nomeados por Deus para desempenhar-se como encarregados dos distintos aspectos da Natureza no universo inteiro. Pode pensar-se que o anjo das águas não deve ter estado contente ao ver que seu domínio se transformava em sangue; mas até ele admite a justiça da ação divina. A referência do versículo 6 são casos concretos de perseguição no Império Romano. Os que foram dedicados a Deus são os membros da Igreja Cristã; os profetas não são os do Antigo Testamento mas sim os da Igreja (1 Coríntios 12:28; Atos 13:1; Efésios 4:11). Os profetas eram dirigentes da Igreja, e assim que tais eram os primeiros em sofrer em qualquer perseguição. O castigo tremendo dos que perseguiram aos líderes e aos membros da Igreja Cristã é que desaparecerá para eles a água de toda a Terra e terão para beber somente sangue.

No versículo 7 ouvimos a voz do altar. Esta, ao ser ouvida, pronuncia o louvor pela justiça dos juízos de Deus. A voz do altar pode ser uma referência a duas coisas. Pode ser a voz do anjo do altar, porque o altar também tinha seu anjo. Ou pode tratar-se do seguinte: O altar celestial é o lugar onde se oferecem tanto as orações dos crentes como as vidas dos mártires sacrificados por sua fidelidade a Deus; e a voz do altar pode ser a voz da Igreja perseguida e sofredora, que ora a Deus, louvando sua justiça.

O quarto terror é a queimação do mundo pelo Sol reaquecido; o quinto é a vinda de espessas trevas, uma reminiscência das trevas que cobriram o Egito (Êxodo 10:-21-23).

Nos versículos 9, 11 e 21 encontramos uma espécie de estribilho que percorre todo o capítulo. O homem sobre quem caem estes terrores, amaldiçoa a Deus, arroja suas insultos contra Ele, blasfema, mas não se arrepende. Trata-se de seres insensíveis tanto diante da bondade como ao juízo (Romanos 11:22). A bondade de Deus os tinha deixado impassíveis nos dias quando sua misericórdia os enchia de dons; a severidade de Deus não os alcança, tampouco, nos dias quando são acossados pelos terrores do juízo. A imagem é estranha. Trata-se de homens que conhecem a Deus, que não têm dúvida de sua existência, que vêem a mão de Deus nos atos e circunstâncias da história, e que entretanto preferem andar por seus próprios caminhos. Nada que Deus possa fazer com eles, nas manifestações de seu amor ou nas manifestações de sua ira os comoverá ou conseguirá fazer com que se submetam.

Devemos nos perguntar se nós não somos um pouco como esses homens. Não duvidamos que Deus exista; sabemos que Deus está interessado em nós e no mundo que Ele fez; conhecemos a bondade de Deus e sabemos que nossos pecados serão castigados; e entretanto, sabendo tudo isto, várias vezes preferimos fazer as coisas à nossa maneira, desobedecemos a Deus. A tragédia do mundo não é que os homens não conheçam a Deus; mas sim, conhecendo-o, preferem desobedecer os seus mandatos.

AS HORDAS QUE VÊM DO ORIENTE

Apocalipse 16:12

Este versículo representa a imagem do rio Eufrates secando-se, com o qual se abre um caminho para que as hordas provenientes do Oriente invadam o Ocidente.

Uma das características curiosas do Antigo Testamento é a quantidade de vezes em que a secagem das águas representa simbolicamente o poder de Deus. Foi deste modo com o Mar Vermelho quando o povo de Israel devia atravessá-lo (Êxodo 14:21). O mesmo ocorreu quando foi necessário que Israel cruzasse o Jordão (Josué 3:17). Em Jeremias temos a ameaça de que Deus há de secar as fontes e os rios (Jeremias 51:36, veja-se também Zacarias 10:11). Aqui a ação de Deus consiste em secar o rio Eufrates, para que as hordas do Oriente possam atravessá-lo, para invadir o Ocidente.

É possível que João aqui esteja lembrando um incidente famoso da história. Heródoto diz que quando Ciro, o persa, tomou de assalto Babilônia (Heródoto 1.191), ele o fez graças a que pôde secar o rio Eufrates. O rio corre atravessando a cidade de Babilônia.

Quando Ciro chegou aos muros da cidade as defesas eram tão formidáveis que lhe pareceu impossível capturá-la. O plano que Ciro concebeu foi brilhante. Deixou uma parte de seu exército para sitiar a cidade e com a outra remontou o curso do rio. Mediante uma obra de engenharia estupenda conseguiu que o Eufrates desviasse sua corrente e se esvaziasse, temporariamente, num lago. O nível das águas, corrente abaixo, desceu bruscamente. O canal que entrava na cidade converteu-se num caminho seco. Ao longo deste caminho, como é natural, havia um espaço aberto nas defesas. Por esse lugar se praticou o assalto da cidade e Babilônia caiu nas mãos dos persas. A história tinha pelo menos um exemplo de como ao secar um rio fica aberto o caminho para a entrada dos invasores.

João usa uma imagem que estava gravada na mente de seus contemporâneos. Os maiores inimigos de Roma, a única nação cujo poder os exércitos romanos temiam, eram os partos, que viviam para além do Eufrates. A cavalaria dos partos era famosa em todo mundo pela ferocidade de seus soldados. A imagem dos exércitos partos descendo sobre Roma pelo leito do Eufrates era capaz de infundir terror em todos os habitantes do império. Por outro lado, a lenda queria que fosse na

Parcia onde se refugiou Nero depois de ter ressuscitado. Dali Nero voltaria sobre Roma para seguir exercendo sua maldade. Era do outro lado do Eufrates que se esperava a invasão do Anticristo.

O horror desta imagem era capaz de impressionar tanto os pagãos como aos cristãos.

OS ESPÍRITOS IMUNDOS COMO RÃS

Apocalipse 16:13-16

Estes quatro versículos estão cheios de problemas e dificuldades que devem solucionar-se antes que seu significado seja o suficientemente claro para nós.

Os espíritos imundos que têm forma de rã saem da boca do dragão, da besta, do falso profeta. Em primeiro lugar nos ocuparemos dos espíritos imundos.

No original há uma espécie de trocadilho. Os espíritos imundos saem da boca das forças do mal. A boca é o órgão da fala, e a palavra é uma das armas mais poderosas no mundo. Espírito, em grego, diz-se *pneuma*. Esta palavra também significa alento ou respiração. Dizer que da boca de alguém sai um espírito imundo pode ler-se em grego também como se se dissesse que esse alguém tem mau alento. Se queríamos modernizar esta passagem estaríamos perfeitamente autorizados a traduzir, como o faz H. B. Swete, que a besta "exalava más influências no alento de sua boca". Suas palavras e seus ensinos eram maus, contrários a Deus, entre as nações e os indivíduos.

Depois diz-se que estes espíritos ou más influências eram como rãs. Compreenderemos o sentido desta referência partindo desde várias direções, pois todos os significados podem muito bem estar incluídos no que João quis nos dizer.

(1) As rãs estão relacionadas com as pragas. Uma das pragas do Egito era a invasão de rãs (Êxodo 8:5-11; veja-se também Salmo 78:45 e Salmo 105:30).

(2) As rãs são animais imundos. Ainda que não sejam mencionadas explicitamente, estão incluídas na definição que encontramos em Levítico 11:10. As rãs representam uma influência maligna.

(3) As rãs eram famosas por seu contínuo coaxar sem sentido. "A rã", diz Agostinho, "é a mais loquaz das vaidades" (*Homilia sobre o Salmo 77:27*). O som que fazem as rãs representa a palavra inútil e carente de significado.

(4) No zoroastrismo, a religião dos Persas, a rã é a responsável por todas as pragas e o agente de Arimã, o poder das trevas, em sua luta contra Ormuz, o deus da luz. É bem possível que João conhecesse esta tradição persa.

De maneira que as rãs saem da boca do dragão, da besta, do falso profeta. Isto pode querer dizer que suas palavras eram como uma praga, que eram imundas, que eram palavras vazias de significado verdadeiro e que eram aliadas dos poderes das trevas. Tudo isto está na imagem dos espíritos que eram como rãs.

O FALSO PROFETA

Apocalipse 16:13-16 (continuação)

Nosso próximo problema é identificar ao falso profeta. O dragão é Satanás, o Diabo (12:3,9). A besta é o Império Romano, com seu culto o César, e já a vimos aparecer em 13:1. Mas esta é a primeira vez que surge em cena o falso profeta. Visto que não nos é explicado nada a respeito dele, podemos supor que para João seus leitores deviam ser capazes de identificá-lo sem maiores dificuldades Era alguém que eles conheciam muito bem.

O povo de Deus tinha recebido reiteradas advertências com relação à eventual aparição deste falso profeta. No Antigo Testamento se proíbe aos crentes escutar as palavras do falso profeta, por mais poderosos que sejam os seus sinais (Deut. 13:1-5). Uma das obrigações do Sinédrio era provar os profetas e sancionar os que fossem provados serem falsos,

condenando-os a morte. Foi dito aos cristãos que apareceriam falsos cristos e falsos profetas, que fariam sinais maravilhosos e procurariam enganar e seduzir o povo de Cristo (Marcos 13:22).

Segundo Swete o nome "falso profeta" cobriria toda uma classe de personagens: "os vendedores de maravilhas mágicas, os impostores religiosos, os fanáticos, todos os que interpretam de maneira errônea a mensagem divina. A verdadeira religião não pode ter piores inimigos, nem Satanás melhores aliados". De maneira que tanto o Antigo como o Novo Testamento esperam a aparição de falsos profetas.

Quem é, então, o falso profeta do Apocalipse? É aqui mencionado, em 19:20 e em 20:10. Se juntarmos estas duas passagens teremos a chave para compreender sua identidade. Em 19:20 o falso profeta aparece junto com a besta; era alguém que tinha feito sinais maravilhosos diante da besta, enganando aqueles que estavam marcados com o número da besta, fazendo-os adorar a imagem. Em 13:13-14 temos uma descrição da segunda besta, a que vem da terra; diz-se que esta segunda besta faz coisas maravilhosas, e que é capaz de enganar aos mortais, por seu poder para fazer milagres diante da besta.

As obras do falso profeta e as da segunda besta são idênticas. Sobre esta base buscaremos a identificar o falso profeta com a segunda besta. Neste caso, quem é a segunda besta, a que provém da terra? Já vimos que esta segunda besta pode identificar-se com o governo provincial, com todo o aparelho de sacerdotes, magistrados e empregados públicos que desenvolveram e impuseram a adoração do imperador. O falso profeta representa a organização que pretendia obrigar os cristãos a abraçar o culto do imperador e abandonar a adoração do verdadeiro Deus e de Jesus Cristo, seu filho.

Aquele que procura introduzir a adoração de outros deuses, aquele que se propôs impor um arranjo com o poder do Estado ou com o mundo, aquele que tenta seduzir aos crentes para que se apartem da adoração do verdadeiro Deus, é sempre um falso profeta.

ARMAGEDOM

Apocalipse 16:13-16 (continuação)

Nesta passagem também há um problema que devemos resolver. Os espíritos maus e imundos percorrem a Terra e arrastam os reis a fazerem a guerra. A concepção de um conflito final entre Deus e as forças do mal é uma idéia muito antiga. Encontramo-la no Salmo 2:2: “s reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido...”

A batalha terá lugar em Armagedom. A palavra está composta de duas partes: Ar e Magedon. Em realidade ela deveria ser escrita Armagedom.

Magedon é provavelmente uma forma tardia do nome Megido. Esta cidade estava na cidade de Esdraelón. Esdraelón era uma expansão plana na rota que unia o Egito a Damasco. Dos tempos mais antigos até a época de Napoleão foi um dos principais campos de batalha da humanidade. Foi em Esdraelón que Baraque e Débora derrotaram a Sísera (Juízes 5:19-21); onde Azarias morreu ferido pelas flechas de Jeú (2 Reis 9:27); onde o bom Josias foi morto numa batalha contra faraó Neco (2 Reis 23:29-30), tragédia que os judeus nunca esqueceram (Zacarias 12:11). Megido e a planície do Esdraelón tinham sido o cenário de muitas batalhas decisivas na história do Oriente Médio, e era muito natural pensar que seria, também, o lugar da última e decisiva batalha entre Deus e as forças do mal.

Há outras duas possibilidades que devem mencionar-se antes de abandonar o tema. Gunkel pensava que seu significado devia traçar-se até a história babilônica da grande batalha entre Marduk, o criador, e Tiamat, o antigo poder do caos. Para este erudito a referência, nesta passagem, tinha que ver com a lenda babilônica, e representaria o último combate da guerra entre as forças da criação e as do caos. Mas é pouco provável que João conhecesse esta história.

A palavra Armagedom exerceu um estranho atrativo sobre muitos intérpretes das Escrituras, e especialmente entre os mais excêntricos. Creio que o mais sóbrio é interpretá-la como uma referência ao lugar onde se travaram as batalhas mais importantes da história judia. João antecipa um último combate, o decisivo, entre Deus e seus inimigos; é muito natural que pensasse que esse combate se livraria nas cercanias do Megido.

A NATUREZA GUERREIRA

Apocalipse 16:17-21

A sétimo taça é lançada no ar. H. B. Swete assinala que se trata "do ar que todos os homens respiram". Se o ar se contaminar, a própria força da vida humana está contaminada. A natureza está em guerra contra o homem. E isso é o que sucede. Produz-se um tremendo trovão e um terremoto. O primeiro século é famoso por seus terremotos. Mas João tem o cuidado de observar que por mais terríveis que tenham sido os terremotos que açoitaram a humanidade, este superará toda catástrofe sísmica conhecida.

A grande cidade, a grande Babilônia, ou seja Roma, parte-se em três. Deus não se esquece de Roma. Roma cria que Deus a tinha esquecido, que podia agir como quisesse impunemente; mas agora Deus se lembra de Roma e seu pecado, seu destino está selado. Os moinhos de Deus moem devagar, mas em última instância não há forma de evitar seus juízos.

O terremoto afunda as ilhas e nivela as montanhas. A última catástrofe é uma saraiva cujas pedras chegam a pesar um talento. Esta é outra das características recorrentes das manifestações da ira de Deus. Uma devastadora saraiva faz parte das pragas que açoitaram o Egito (Êxodo 9:24). Os inimigos de Israel são exterminados com saraiva (Josué 10:11). Isaías antecipa a queda de saraiva como parte do juízo de Deus (Isaías 28:2; veja-se também Ezequiel 38:11).

O último copo da ira divina enfrenta à natureza com o homem. Não é necessário que interpretemos estas imagens de maneira literal, mas há um sentido simbólico no qual sua mensagem é inescapável: Se o homem pecar contra Deus toda a natureza, o universo inteiro, torna-se em seu inimigo.

A descrição das sete taças da ira de Deus termina com o estribilho que se repetiu em todo o capítulo. Os homens que sofrem estas calamidades continuam sem arrepender-se, destemidos perante a demonstração do poder divino, incapazes de ser comovidos por seu amor. Uma das verdades mais tremendas é que nem Deus, com todo seu poder, pode tomar de assalto a cidadela do coração humano, porque o próprio Deus deu aos homens a terrível responsabilidade de ser capazes de fechar seus corações.

Os capítulos 17 e 18 narram a queda de Babilônia, quer dizer, a queda de Roma. O capítulo 17 é um dos mais difíceis do Apocalipse. Cremos que a melhor maneira de estudá-lo é começar lendo a totalidade do capítulo depois de fazer algumas identificações gerais, das que depende todo o significado de seu conteúdo. Deste modo poderemos perceber a linha de pensamento simbólico que o percorre. Incorreremos em certas repetições mas numa seção como esta as repetições são necessárias.

Apocalipse 17

A queda de Roma - 17:1-18
A cidade que se transformou numa prostituta - 17:1-2
A visão no deserto - 17:3
A grande prostituta - 17:4-5
Bêbada com o sangue dos santos e dos mártires - 17:6
A reencarnação do mal - 17:7-11
Os propósitos humanos e os propósitos divinos - 17:12-18

A QUEDA DE ROMA

Apocalipse 17:1-18

Antes de entrar no tratamento detalhado deste capítulo, então, procuraremos identificar algumas das imagens mais importantes que aqui aparecem. As duas imagens principais são a mulher e a besta. Primeiro, vamos tratar de compreender o significado destes dois personagens simbólicos.

A MULHER QUE CAVALGA SOBRE A BESTA

A mulher é Babilônia, quer dizer, é Roma. Há uma dificuldade que se expõe no princípio do capítulo, mas pode ser esclarecida de maneira imediata. Afirma-se que a mulher está assentada sobre "muitas águas" (v. 1). Esta é uma imagem de Roma representada mediante o simbolismo que corresponde a Babilônia, segundo os ditos dos antigos profetas de Israel. Em Jeremias 51:13 faz-se referência a Babilônia, precisamente, como uma cidade "assentada sobre muitas águas".

No caso da Babilônia histórica esta afirmação é fiel à real convocação da cidade. O rio Eufrates atravessava a cidade; esta, por outro lado, era o centro de um sistema de canais de irrigação que cobriam uma superfície muito extensa. Na antigüidade a maneira mais exata de descrever a Babilônia era dizendo que estava sentada sobre muitas águas. Quando esta expressão se tira de seu contexto original e é aplicada para descrever a Roma deixa de ter sentido.

Mais adiante, no versículo 15, João percebe este problema e dá às águas uma nova interpretação simbólica. As águas seriam, então, as nações, povos e línguas sobre os quais Roma governa. Esta expressão, por sua vez, também tem origem no Antigo Testamento. Quando Isaías antecipa a invasão da Palestina pela Assíria, diz: “O Senhor fará vir sobre eles as águas do Eufrates, fortes e impetuosas, isto é, o rei da Assíria, com toda a sua glória; águas que encherão o leito dos rios e

transbordarão por todas as suas ribanceiras. Penetrarão em Judá, inundando-o, e, passando por ele, chegarão até ao pescoço; as alas estendidas do seu exército cobrirão a largura da tua terra...” (Isaías 8:7-8). Jeremias usa a mesma imagem para anunciar uma invasão (Jeremias 47:2). A imagem de uma nação como inundação de marés de água está à mão para que João tome emprestada e a aplique a Roma, como modo de reinterpretar a antiga definição de Babilônia, "cidade sentada sobre muitas águas", ainda que esta não significava muito quando era transferida à outra capital imperial, Roma, poderosa nos tempos de João.

No versículo 4 lemos que a mulher está vestida de púrpura e de escarlata, e coberta de toda classe de ornamentos. Este é um símbolo da riqueza e o luxo de Roma; também simboliza o uso prostituído que se dava a essas riquezas. Estamos diante da imagem da grande prostituta, vestida com suas melhores roupas, carregada com suas melhores jóias, preparada para seduzir os homens e induzi-los a seu imoral comércio.

No versículo 4 diz que a mulher tem em sua mão um cálice de ouro cheio de abominações. Esta imagem também provém das expressões condenatórias com relação à antiga Babilônia no Antigo Testamento: “A Babilônia era um copo de ouro na mão do SENHOR, o qual embriagava a toda a terra; do seu vinho beberam as nações” (Jeremias 51:7). João, portanto, afirma que, em sua época, Roma sustenta entre suas mãos essa taça de sedução que estendeu a imoralidade a todas as nações.

A mulher tem um nome escrito em sua fronte (v. 5). Esta é uma referência ao costume romano de que as prostitutas levassem uma cinta na fronte onde estava escrito o seu nome. O nome na fronte era uma espécie de marca registrada ou distintivo das mulheres que praticavam esse triste ofício. Trata-se, em nosso caso, de um detalhe mais que se acrescenta à imagem de Roma como o poder de sedução que arrasta a todas as nações ao pecado.

No versículo 6 é dito que a mulher está bêbada com o sangue dos crentes que sofreram martírio. Esta é uma referência às perseguições dos cristãos no Império Romano. Mas faz mais que assinalar a Roma como a

grande perseguidora dos fiéis de Deus. Roma está bêbada com o sangue dos mártires. Deste modo se afirmam duas coisas. Em primeiro lugar, a carnificina saciou nela um macabro apetite. Em segundo lugar, o sangue dos mártires foi para ela como o vinho para os bêbados. A perseguição dos cristãos, segundo João a entendia, não era uma necessária aplicação da lei do Império, que se impunha com desgosto e tristeza; Roma experimentava satisfação sádica ao derramar o sangue dos cristãos, bebia-o com satisfação, com gosto, servia-se dele com o mesmo deleite com que o bebedor tem pelo vinho.

No versículo 16 lemos que Roma será destruída pela invasão de dez reis. Falaremos disto com maior detalhe quando estudarmos o simbolismo da besta. É-nos suficiente aqui antecipar que se anuncia, deste modo, a destruição do poder imperial romano pelo levantamento dos reis das nações submetidas. É como dizer que a grande prostituta será finalmente destruída por seus amantes, que se levantarão contra ela.

A BESTA

Muito mais difícil é determinar o significado da besta, especialmente porque este não permanece fixo e sempre o mesmo. A besta possui uma série de significados inter-relacionados, cujo ponto de união é que todos têm que ver de uma maneira ou de outra com Roma e seu império. Reunamos a evidência a partir do que diz o texto.

(1) A mulher está sentada sobre a besta, a qual, por sua vez, está cheia de nomes blasfemos que são todos insultos a Deus (v. 3). Se a mulher é Roma, e se estiver sentada sobre a besta, a besta é, evidentemente, o império Romano. Está cheia de nomes blasfemos. Isto inclui duas coisas. Em primeiro lugar, é uma referência à multidão de deuses que se adoravam em Roma. Os nomes e títulos de todas estas supostas divindades que recebiam culto em Roma eram um insulto a Deus, porque negavam seu poder e autoridade únicos e absolutos. Ninguém tem direito no nome de Deus exceto o próprio Deus. Em

segundo lugar, a referência tem que ver, também, com os títulos do Imperador. Era chamado *Sebastos* ou *Augustus*, que significa "aquele que deve ser reverenciado". A reverência pertence por direito somente a Deus. O imperador era chamado *divus* ou *theos*, que em latim e grego, respectivamente, significam "divino". O adjetivo "divino" pertence somente a Deus. Muitos dos imperadores foram chamados *Soter*, que significa "salvador". Este título somente pode atribuir-se a Jesus Cristo. O título mais comum dos imperadores era *dominus* ou *kurios*, que significam "Senhor", o nome de Deus.

(2) A besta tem sete cabeças e dez chifres (v. 30). Aqui se repete o que se diz sobre a besta em 13:1. Logo voltaremos a ver o que significam as cabeças e os chifres aqui.

(3) A besta era, agora não é, e será (v. 8). Isto deve referir-se a 13:3, 12, 14, onde lemos sobre a cabeça que estava ferida de morte que reviveu e que voltará. É uma referência muito clara à lenda de *Nero redivivus*, Nero ressuscitado, que sempre está presente na mente de João. Já explicamos o conteúdo desta lenda. Temos, então, que a besta representa a Nero, o qual se associa inseparavelmente com a idéia do Anticristo, a encarnação em forma humana do mal e do pecado que há de vir sobre o mundo, e que representa tudo o que existe contrário a Deus no Universo.

(4) A besta tem sete cabeças. Estas cabeças podem explicar-se de duas maneiras:

(a) No versículo 9 as sete cabeças representam as sete colinas sobre as quais Roma estava edificada. Novamente temos outro indício para identificar a besta com Roma e seu poder imperial.

(b) A segunda identificação, entretanto, é uma das adivinhações do Apocalipse. Encontramo-la nos versículos 10 e 11.

Quando estávamos tratando de desenredar o significado da besta que encontramos no capítulo 13, vimos que as cabeças da besta eram os imperadores de Roma. A cabeça que tinha uma ferida de morte mas tinha

revivido era Nero, que teria ressuscitado e estaria esperando entre os partos para retornar. Esta interpretação nos dará a chave.

Tomemos a passagem parte por parte.

Caíram cinco. O Império Romano começou com Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero. Estes, então, são os cinco que caíram. Já vimos que, depois da morte de Nero, houve dois anos de caos, nos quais se sucederam como imperadores Galba, Oto e Vitélio. Estes em realidade não podem ser considerados imperadores no verdadeiro sentido do termo; portanto não são incluídos nas listas.

Um existe. Este deve ser Vespasiano, o imperador que voltou a instaurar a ordem em Roma, depois do caos produzido pela morte de Nero. Reinou entre os anos 69 e 79.

O outro ainda não chegou... Vespasiano, foi sucedido por Tito, que reinou somente durante dois anos (79-81).

A besta, que era e não é, também é ele, o oitavo rei. Isto somente pode significar que João esperava que o imperador que sucederia a Tito devia ser Nero redivivo, o Anticristo. É a encarnação do mal: nele a luxúria e degeneração se consumam. Quem é o imperador que sucedeu a Tito? Foi Domiciano, que reinava na época em que João viveu.

Pode identificar-se a Domiciano com a força maléfica que personificava o mito de Nero redivivo?

Voltemos à vida de Domiciano escrita por Suetônio, o historiador romano. Devemos lembrar que Suetônio não era cristão. Domiciano, segundo Suetônio. produzia terror e ainda pânico entre seus súditos. "Desde o começo de seu reinado a imagem que nos apresenta é bastante terrível." "Costumava passar horas a sós, em suas habitações privadas, ocupado na distração de caçar moscas e atravessá-las com uma agulha muito fina."

Qualquer psicólogo descobriria na personalidade de Domiciano um bom caso para o estudo da patologia mental humana. Era ciumento até a loucura e suspeitava de tudo e de todos. Manteve relações homossexuais com um ator chamado Paris. Um dos discípulos de Paris era muito

parecido com ele, e muito mais jovem. Não era desatinado supor que Paris podia ser seu pai. Domiciano mandou assassinar o rapaz. Hermógenes. um historiador, escreveu um livro que não agradou a Domiciano. Não somente Hermógenes mas também o escriba que tinha copiado o livro foram justiçados, o segundo numa cruz.

Os senadores eram assassinados a torto e a direito. Salustio Lúculo foi mandado matar simplesmente porque tinha inventado um novo tipo de lança e lhe pôs seu nome, "lúcula". Domiciano ressuscitou a antiga tradição, abandonada há muito tempo, de atar pelo pescoço a suas vítimas nuas numa bifurcação, e as espancar até a morte.

Nas províncias estalou uma guerra civil. Suetônio prossegue seu relato: "Depois da vitória se tornou ainda mais cruel. A fim de encontrar os conspiradores que ainda seguiam escondidos, torturou a muitos dos membros do partido opositor, mediante uma nova forma de interrogatório: Queimava-lhes os órgãos sexuais e a alguns cortava as mãos". Estas coisas não são agradável matéria de leitura, mas servem para nos descrever a personalidade de Domiciano.

Domiciano começava todos os seus decretos e pronunciamentos oficiais com a frase "Nosso Senhor e Deus Domiciano ordena..." Em pouco tempo essa era a única forma permitida de dirigir-se a ele ao se falar com ele. Domiciano morreu assassinado em 18 de setembro de 96, em circunstâncias extremamente truculentas.

Acrescentaremos um detalhe mais. Domiciano foi o primeiro imperador que impôs a obrigatoriedade do culto à sua pessoa. Foi, portanto, aquele que desatou a maré das perseguições contra a Igreja Cristã.

É bem possível que João visse em Domiciano uma reencarnação de Nero. Muitos outros, contemporâneos opinavam o mesmo. Na época de seu império, precisamente, Juvenal, o humorista latino, afirmou que "Roma está governada por um Nero pelado" (Domiciano o era). Por sua temeridade Juvenal foi condenado ao ostracismo e em seu exílio mandado assassinar. Tertuliano chamou Domiciano "um homem com a

crueldade de um Nero" e um "sub-Nero", veredicto que repete Eusébio. Domiciano verdadeiramente merecia ser considerado como um novo Nero.

A dificuldade está em que a forma de apresentar sua lista dos imperadores faz pensar que o autor vive na época de Vespasiano. O imperador que existe, segundo nosso cálculo, seria Vespasiano. Nós sabemos que João, em realidade, viveu na época de Domiciano. Há duas possibilidades que possam explicar esta defasagem temporária. É possível que João tenha escrito esta visão numa época anterior à composição do livro, e que depois tenha pensado conveniente incluí-la nele, pelo fato de que veio a ser dolorosamente profética. Mas também pode ser que esta passagem foi escrita na época de Domiciano, valendo-se o autor do recurso muito freqüente de remontar-se no tempo, para escrever, desde a perspectiva de anos anteriores, sobre o curso dramático da história.

Seja como for que expliquemos este detalhe, estamos em condições de interpretar a visão corretamente se compreendermos que, para João, Domiciano representava a reencarnação, por assim dizer, de Nero, a suprema manifestação da maldade e a corrupção que significava Roma. Não é necessário que digamos, então, que João identificava a Domiciano com o Anticristo.

Fica um último problema de identificação, muito menos suscetível de uma definição precisa que todos os anteriores. Nos versículos 12-17 mencionam-se dez chifres e dez reis. Estes ainda não receberam seu grande poder. Quando receberem seu poder sucederão duas coisas: todos, unanimemente, cederão seu poder à besta. Junto com ela, então, se levantarão contra a prostituta, farão a guerra contra o Cordeiro e serão finalmente derrotados e destruídos.

A interpretação mais provável é que estes dez reis são os sátrapas ou líderes das hordas partas, que farão causa comum com Nero redivivo, que lutarão sob o seu comando uma batalha em que Roma será destruída

e na qual o Cordeiro conseguirá impor seu domínio sobre toda força hostil capaz de enfrentá-lo no Universo.

A CIDADE QUE SE TRANSFORMOU NUMA PROSTITUTA

Apocalipse 17:12

Nestes dois versículos Roma é descrita como a Grande Prostituta. Mais de uma vez, no Antigo Testamento, as cidades imorais, ímpias, pagãs e desobedientes são descritas como prostitutas. É assim como Naum fala de Nínive, quando se refere a suas muitas prostituições (Naum 3:4). Isaías usa a mesma imagem para descrever a Tiro (Isaías 23:16-17). Jerusalém, de cidade santa e fiel converteu-se em prostituta, segundo o lamento de Isaías (Isaías 1:21). O mesmo lemos em Ezequiel 16:16.

A expressão pode soar estranha aos ouvidos modernos. Pode, inclusive, ser desagradável. Mas o simbolismo que encerra é muito significativo.

(1) Respaldam-na as outras imagens de Deus como amante de seu povo e da nação judaica e da Igreja como esposa de Cristo. Primasio, o antigo comentarista latino, afirma que Roma transformou-se numa prostituta porque "abandonou a seu Criador e se prostituiu com demônios". Por trás desta interpretação deve ler-se que quando abandonamos a Deus, quando lhe voltamos as costas e damos a outro o lugar de primazia que lhe corresponde em nossas vidas, não se trata tanto de um pecado contra a lei mas sim de um pecado contra o amor. É infidelidade. Não se concebe a Deus como o juiz e o legislador, nem sequer como o Rei ou o Senhor, mas sim como o Amante.

(2) Há outra idéia neste simbolismo. Beckwith sugere que Roma é chamada "a grande prostituta" porque é uma atração rumo à imoralidade e a impiedade". O pecado da prostituta não é só que ela mesma peque, mas sim deliberadamente convida, seduz e atrai outros ao pecado. Deus

nunca perdoará a falta do indivíduo ou a nação que facilita o pecado aos outros, ou que seduz outros ao pecado.

A convicção que respalda esta passagem é que as nações participaram nas idolatrias e nos vícios de Roma porque ela os ensinou a pecar, e que é por isso que sua condenação é tão absoluta e completa.

A VISÃO NO DESERTO

Apocalipse 17:3

João diz que foi levado pelo Espírito a um lugar desértico. O profeta é um homem que vive no Espírito (ver Ezeq. 3:14, 8:3, 11:24). Não se trata somente de que o Espírito possa mover um homem fisicamente de um lugar a outro, mas sim, quando se vive no Espírito, seus horizontes se ampliam; vive no tempo, mas é um espectador da eternidade. Pode contemplar terras distantes, que se encontram muito longe no tempo e no espaço. Os profetas eram capazes de ver as correntes da história no longínquo futuro que espera a humanidade, precisamente porque viviam no Espírito.

João foi levado a um deserto para ver esta visão. Um dos temas recorrentes das Escrituras é que os grandes homens de Deus têm suas visões no deserto. Foi nos limites do deserto que Moisés se encontrou com Deus (Êxodo 3:1). Foi depois de ter viajado durante todo um dia, entrando no deserto, que Elias teve seu encontro com Deus e recuperou sua fé e seu valor (1 Reis 19:4). Foi no deserto que João Batista alcançou sua maturidade de homem e recebeu sua mensagem de parte de Deus (Lucas 1:80). Diz-se que Francisco de Assis gostava das montanhas; quando desejava recuperar sua fortaleza espiritual subia à cúpula de alguma montanha, onde recuperava seu vivência mística. Foi ao deserto que Jesus se dirigiu para dar forma final a seu projeto de vida, antes de começar seu ministério entre os homens e o caminho que o conduziria a sua morte (Mateus 4:1).

É possível que não haja a suficiente calma e silêncio em nossas vidas como para que possamos receber a mensagem que Deus deseja nos enviar.

A GRANDE PROSTITUTA

Apocalipse 17:4-5

Estes versículos nos oferecem uma vívida descrição da grande prostituta. Está vestida com púrpura e escarlate, as cores da realeza, as cores do luxo e do esplendor. Está ornamentada com ouro, pedras preciosas e pérolas. Tem uma taça de ouro, da qual dá a beber a seus amantes. Leva em sua fronte o distintivo das mulheres que se dedicam à prostituição, com seu nome escrito nela. Este nome é um "mistério". A palavra grega *mysterion* não significa, necessariamente, algo abstruso e misterioso; o mistério é algo ininteligível para aquele que não foi iniciado, mas que pode ser compreendido com clareza uma vez conhecido o código. O mistério, neste caso, é que o nome Babilônia significa, em realidade, Roma. O que somente sabem os cristãos é que esta história, em que se usa o nome de Babilônia, é em realidade a história de Roma.

De onde tira João esta descrição tão vívida de uma prostituta?

(1) É possível que conhecesse as prostitutas sagradas da Ásia Menor. Uma das características peculiares das religiões pagãs antigas era que em seus templos trabalhavam prostitutas consideradas "sagradas". Num certo sentido eram "sacerdotisas". O templo de Afrodite, em Corinto, tinha 1.000 prostitutas. Praticar o ato sexual com estas mulheres era considerado como um ato de culto, um homenagem à força vital do sexo, do nascimento, da vida e da morte. Toda cidade asiática ou grega tinha centenas destas mulheres.

(2) É possível que João tenha conhecido e tivesse en mente a mais famosa de todas as imperatrizes romanas. Seu nome era Messalina e era a esposa do imbecil Cláudio; conta-se dela que durante as noites visitava

os prostíbulos públicos e praticava lá a prostituição, fazendo-se passar por uma mulher qualquer. A idéia é terrível. Mas quando a própria imperatriz é capaz de dedicar-se a tais misteres, pode nos parecer estranho que João conceba a Roma como uma grande prostituta?

A taça da prostituta está cheia de abominações e coisas imundas. Para que não se pense que este é o veredicto de um cristão de mente estreita, lembremos que o famoso historiador romano Tácito chamou Roma "O lugar para onde flui, de todo o mundo, toda sorte de coisas atrozes e vergonhosas, tornando-se nela populares." Sêneca, o grande filósofo romano, chamou Roma "um sarnento esgoto" A imagem que João descreve de Roma não é exagerada; em realidade, é modesta se a compara com algumas das descrições que encontramos nos próprios autores romanos. Esta é a civilização onde se impôs, pouco a pouco, o cristianismo; foi dessa lascívia que muitos passaram à pureza e a castidade. Podemos falar, certamente, do milagre e o triunfo da Cruz.

BÊBADA COM O SANGUE DOS SANTOS E DOS MÁRTIRES

Apocalipse 17:6

Como assinalamos na Introdução Geral a este capítulo, é muito significativo o modo em que João descreve a perseguição romana. Diz que Roma está bêbada com o sangue dos santos e dos mártires. A implicação é que Roma não perseguiu os cristãos porque esta fosse uma triste necessidade de sua política imperial, mas sim experimentava um prazer maligno ao dar caça aos crentes, apanhá-los, e assassiná-los.

João, sem lugar a dúvida, está pensando na perseguição que teve lugar sob Nero. Essa perseguição se iniciou com o grande incêndio de Roma, que queimou toda a cidade durante uma semana. Os romanos sabiam que o incêndio não se tinha iniciado de maneira acidental; também sabiam que se impediu o trabalho dos que procuraram apagá-lo; quando se extinguia por si só, voltava-se a acendê-lo, deliberadamente. E todos sabiam que o instigador era o próprio Nero, o imperador, que

tendo veleidades de construtor tinha mandado incendiar Roma para consagrar-se voltando a levantá-la.

Em tais circunstâncias, Nero teve necessidade de encontrar um bode emissário para que as suspeitas não se concentrassem nele. O bode emissário foram os cristãos. Mas não conseguiu eliminar as suspeitas dirigidas contra sua pessoa, porque todos sabiam que os cristãos estavam pagando pelo crime de Nero. Esta foi a primeira grande perseguição e, em mais de um sentido, a mais selvagem de todas.

Citaremos a descrição que Tácito, o historiador romano, faz deste episódio, e a citaremos em extenso porque é um das poucas passagens de literatura pagã onde aparece o nome de Cristo (Tácito, *Anais,* 15:44):

Todos os esforços humanos, as ofertas do imperador (Nero) e a propiciação dos deuses não puderam eliminar a sinistra crença de que a conflagração tinha sido o resultado de uma ordem. Em conseqüência, para desfazer-se dos falatórios, Nero pôs a culpa e infligiu as mais deliciosas torturas sobre uma classe que todos odiavam por suas abominações, aqueles aos quais o povo chamava "cristãos". Cristo, de cujo nome este grupo deriva seu título, sofreu a tristeza capital durante o reinado de Tibério, em mãos de um de nossos procuradores, Pôncio Pilatos. Uma avessa superstição se difundiu depois de sua morte, não somente na Judéia, onde teve origem, mas sim até em Roma, onde todas as coisas horríveis e vergonhosas de todas as partes do mundo encontram seu centro e se popularizam. Em conseqüência, ordenou-se a detenção de todos os que reconhecessem sua pertença a esta seita; recebidas informações, uma imensa multidão foi condenada, nem tanto por ter incendiado a cidade, mas por ódio à humanidade. Suas mortes foram rodeadas de toda classe de zombarias. Envoltos nas peles de bestas selvagens, eram rasgados por cães de caça e morriam, ou eram cravados em cruzes, ou eram condenados à fogueira e morriam queimados, para servir como iluminação noturna, quando as luzes do dia tinham extinguido... Portanto, mesmo quando se tratava de criminosos que mereciam um castigo exemplar e instrutivo, levantou-se entre muitos um sentimento de compaixão, porque conforme opinaram não era pelo bem público, senão para satisfazer a crueldade de um indivíduo, que todos estes foram destruídos.

Tácito não era simpatizante do cristianismo. Mas dá testemunho, de toda maneira, de que na época de Nero Roma estava bêbada com o sangue dos mártires. As acusações que João levanta contra Roma não são imaginárias.

A REENCARNAÇÃO DO MAL

Apocalipse 17:7-11

Na introdução a este capítulo já vimos que muito provavelmente João está-se projetando ao passado, e escreve como se fosse contemporâneo de Vespasiano. Os *cinco que caíram* são Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero; *aquele que existe*, Vespasiano; aquele *ainda não chegou* e durará pouco tempo é Tito; *aquele que era e não é*, e *será*, que equivale à cabeça ferida de morte e restaurada, Nero redivivo, é Domiciano, um homem de crueldade selvagem. Por trás de todo este imaginário há três verdades permanentes e sempre válidas:

(1) Todo homem deixa neste mundo algo que continua depois de sua morte. Neste caso, Nero trouxe para o mundo uma crueldade desumana, que seguiu vivendo mesmo depois de sua morte. Volta a emergir com Domiciano, o novo Nero. Todos deixamos algo no mundo ao morrer. Pode ser uma memória e influência positivas, que servirão de ajuda para muitos bons esforços no futuro; pode ser uma influência negativa, que produzirá perturbações em muitas gerações depois que nós tenhamos desaparecido. Não somente transmitimos a nossos herdeiros nossas características físicas; também legamos nossas características espirituais e morais. Todo homem é um elo na cadeia da vida; cada um deve se esforçar para ser um bom elo. A vida de cada ser humano aponta para algo; devemos procurar que nossas vidas apontem para o bem e para Deus.

(2) No versículo 8 lemos que aqueles que não têm seus nomes escritos no Livro da Vida serão arrastados pela vinda do mau. Sempre haverá aqueles que se deslumbram ao contemplar um exemplo de

maldade. Nenhum homem de mal teria seguidores e imitadores se não houvesse os que podem sentir-se atraídos pelo mal e pelo que o mal pode fazer. A única maneira de evitar a fascinação do mal é mantendo nosso olhar fixo em Jesus Cristo. Quando o fazemos, o mal se nos apresenta tal como é, despido de todo seu atrativo corrupto e prostituído.

(3) No versículo 11 lemos que a besta está encaminhada rumo à destruição. Por maiores que possam ser os triunfos, do mal, este tem semeadas em si as sementes de sua própria destruição. Quem se tenha aliado com o mal escolheu, necessariamente, o lado perdedor.

OS PROPÓSITOS HUMANOS E OS PROPÓSITOS DIVINOS

Apocalipse 17:12-18

Esta passagem fala dos dez reis que estão representados pelos dez chifres. Quais possam ser estes reis não o sabemos com segurança. Mas é possível que sejam os sátrapas e autoridades delegadas dos partos, que Nero, o Anticristo, dirigirá contra Roma. É possível, também, que representem todos os poderes, de diversas ordem, que finalmente se voltarão contra Roma.

Há várias coisas que devem destacar-se nesta passagem.

(1) No versículo 14 lemos que estes poderes estão em guerra contra o Cordeiro, mas que o Cordeiro os destrói. Também lemos que os escolhidos participam da vitória do Cordeiro. Uma das grandes concepções judias era que os santos e os mártires combateriam na batalha final que Deus há de travar contra as forças do mal, e participariam, também, no triunfo final divino. "Os pecadores", afirma Enoque, "serão entregues nas mãos dos justos" (Enoque 91:12). No livro da Sabedoria de Salomão encontramos a mesma promessa: "Tendo suportado um pequeno castigo, receberão enormes bens, porque Deus os julgou e os encontrou dignos dEle. Como oro no forno foram provados, e os aceitou como oferta queimada inteira. E no tempo de sua visitação brilharão e como faíscas num incêndio, saltarão para todos lados.

Julgarão as nações e terão domínio sobre os povos" (Sabedoria 3:5-8). Sem dúvida esta verdade estava presente nas mentes de Tiago e João quando foram pedir lhe que lhes reservasse lugares a sua direita e sua esquerda quando viesse a seu Reino (Mateus 20:21; Marcos 10:37).

O pensamento judeu tinha dois níveis: um de grande nobreza, outro que deve considerar-se subcristão. O aspecto subcristão desta idéia é a sede de vingança que implica. Mas quem poderia culpar os que padeceram perseguições de desejar com anelo muito profundo o dia quando as sortes sejam invertidas, na eternidade? A idéia nobre, por outro lado, é que os santos e os mártires serão instrumentos nas mãos de Cristo, que o ajudarão a conquistar seu triunfo, que participarão desse triunfo e que compartilharão sua glória. Isto vale também para nós: Sempre depois da cruz vem a coroa.

(2) O versículo 10 apresenta os dez chifres levantando-se contra a prostituta. Se rebelarão violentamente contra a que foi seu amante. As duas coisas que farão provêm do Antigo Testamento. Devorarão sua carne. No Antigo Testamento esta ação sempre se atribui ao inimigo mais poderoso e selvagem (Salmo 27:2, Miquéias 3:3). Além disso, queimá-la-ão numa fogueira. No Antigo Testamento este é o castigo pelos pecados mais terríveis (veja-se Levítico 20:14, 21:14). A grande prostituta será castigada com a tristeza que corresponde à mulher que se prostituiu sabendo.

Deve notar-se que são precisamente os amantes da prostituta os que se levantam contra ela. O mal leva em si mesmo uma semente de divisionismo; destrói a fraternidade; os aliados no mal se dividirão, eventualmente, e se destruirão a si mesmos.

(3) Nos versículos 12 e 13 lemos que os dez reis agem de comum acordo com a besta. No versículo 17 lemos que Deus foi quem pôs este propósito em seus corações, para que se cumprissem suas palavras. Isto pode nos parecer muito estranho. Os poderes maléficos pensavam que estavam executando seu próprio desígnio. Entretanto, estavam cumprindo os propósitos de Deus.

R. H. Charles diz: "Até a ira dos homens está feita para louvor de Deus". A verdade por trás destas afirmações é que Deus nunca perde seu controle sobre os homens. Até os que se rebelam contra Ele estão cumprindo sua vontade, ao iniciar-se eles mesmos no caminho de sua destruição. Até o homem que pensa que se libertou de Deus está sob a sua mão. Numa última análise, Deus sempre opera em todas as coisas para o bem.

Apocalipse 18

A condenação de Roma - 18:1-3
Sai dela! - 18:4-5
A condenação de Roma - 18:6-8
A lamentação dos reis - 18:9-10
A lamentação dos mercadores - 18:11-16
A lamentação dos mercadores - 18:11-16 (cont.)
A lamentação dos capitães de navios - 18:17-19
Alegria em meio das lamentações - 18:20
A desolação final - 18:21-24

A CONDENAÇÃO DE ROMA

Apocalipse 18:1-3

Neste capítulo encontramos uma forma de literatura profética que aparece muito freqüentemente no Antigo Testamento. Trata-se do que poderíamos chamar um "Cântico de Condenação". É, neste caso, o Cântico da Condenação de Roma. Encontramos paralelos no Antigo Testamento em Isaías 13:19-22, 34:11-15; Jeremias 50:39 e 51:37 e Sofonias 2:13-15. Em que pese dedicar-se à penosa antecipação de catástrofes estas passagens são da mais elevada poesia, pois representam de maneira vívida paixões muito profundas do coração humano. É a poesia que podem compor os que, estando numa situação desesperada, só esperam que Deus os vingue, castigando a seus opressores. É verdade

que aqui estamos muito longe da doutrina cristã do perdão; mas estamos muito perto, entretanto, dos autênticos batimentos do coração humano.

Em nossa passagem o anjo que está encarregado de transmitir a mensagem da condenação é uma figura especialmente grandiosa. Vem revestido da mesma luz com que Deus se cobre, como roupagem. Sem dúvida João estava pensando em Ezequiel 43:1-2.

H. B. Swete escreve, com relação a este anjo "Tão recentemente esteve na presença de Deus, que arrasta consigo uma esteira de luz, com a qual ilumina as trevas crescentes da Terra." Os que vêm da presença de Deus trazem consigo uma porção de sua luz.

Deve notar-se que João está tão seguro da queda de Roma que fala dela como se já tivesse sucedido. É para ele um fato completado, em que pese que, em realidade ainda deve produzir-se no futuro.

Assinalaremos outro ponto. Sem dúvida a parte mais dramática e vívida da descrição são os demônios que rondam as ruínas. Estes são os deuses pagãos que foram destronados e privados de seus altares, que rondam pelas ruínas da cidade onde foram adorados, desconsolados por ter perdido um poder que outrora fora supremo.

SAI DELA!

Apocalipse 18:4-5

Os cristãos são chamados a sair de Roma antes que chegue o dia de sua destruição; são exortados a romper sua relação com ela, para não compartilhar seu pecado e desse modo livrar-se de sua condenação.

H. B. Swete assinala que este chamado para sair está presente ao longo de toda a história do povo judeu. Deus sempre está chamando seu povo para que rompa suas relações com o pecado, para que saia e forme filas junto a seu Deus e para seu Deus.

No próprio início da história do povo judeu se ouviu esse chamado: foram essas as palavras que Abraão recebeu (Gênesis 12:1). Foi o chamado que Ló recebeu antes da destruição de Sodoma e Gomorra

(Gênesis 19:12-14). Moisés escutou as mesmas palavras nos dias do pecado de Coré, Datam e Abirão (Números 16:23-26). Isaías exorta o povo de Deus a abandonar Babilônia e Caldéia (Isaías 48:20). O mesmo se lê em Jeremias (Jeremias 50:8, 51:6, 45). Paulo, no Novo Testamento, transmite a mesma mensagem aos coríntios (2 Coríntios 6:14-15). Em sua epístola a Timóteo (veja-se também 1 Timóteo 5:22).

Swete assinala, como acerto, que este chamado para sair de Roma não implica um momento definido no tempo. Tem que ver, antes, "com uma certa atitude, distante, proprietária de si mesma, no meio do ruído ensurdecedor do mundo". Descreve, assim, a separação do mundo que deve caracterizar os cristãos. Como assinalou-se, a palavra que mais freqüentemente designa os cristãos no Novo Testamento é "santo", que significa separado, diferente com relação ao mundo. O cristão não deve conformar-se com o mundo mas sim ser transformado (Romanos 12:2). O cristão é um homem que escolheu servir a Deus. Não se trata, entretanto, de retirar-se fisicamente do mundo; trata-se de viver no mundo mas de maneira diferente, nova.

Edwin Robertson conta como a fé evangélica se expande em nações como o Brasil. Um evangélico deve cumprir as tarefas próprias de seu ofício na casa de um estranho. Depois que terminou de fazer seu trabalho o dono de casa, invariavelmente, pergunta-lhe: "Por que você é diferente? O que faz com que você seja diferente dos demais?" Nesse momento o crente dá testemunho de sua fé. A diferença de sua vida e caráter redundam, assim, em mais um converso.

O chamado para sair de Babilônia segue ressoando ainda, e convoca a cada cristão à santidade.

A CONDENAÇÃO DE ROMA

Apocalipse 18:6-8

Esta é uma passagem que fala em termos de castigo e vingança. Deve notar-se, entretanto, que a instrução de executar a vingança sobre

Roma não é dirigida aos humanos. Não se trata de incitar os cristãos, por exemplo, ou aos que Roma oprimia, para levantar-se numa revolta sangrenta e tomar a vingança em suas próprias mãos. O instrumento será um anjo, o meio divino de executar a justiça. A vingança é de Deus. Aqui há duas verdades que devemos lembrar sempre.

(1) Há na vida uma lei estabelecida segundo a qual tudo o que um homem semeie, isso colherá. No próprio Sermão da Montanha encontramos uma formulação desta lei: "Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também" (Mateus 7:2). A exigência de pagar o dobro provém da tradição judia segundo a qual todo aquele que foi responsável por uma perda ou dano perante um terceiro deve pagar o dobro do que tinha tirado (Êxodo 22:4, 7, 9). Encontramos expressões similares no Antigo Testamento com relação a diversas cidades pagãs (Salmo 137:8, Jeremias 50:29). Não há escapatória: o castigo segue-se ao pecado, especialmente quando o pecado veio acompanhado de uma atitude cruel, arrogante e pouco compreensiva para com outros. Não se trata, entretanto, de uma legislação cruel, vingativa e áspera, mas sim da expressão da grande verdade segundo a qual cada ser humano vive, por si mesmo, seu próprio juízo e condenação. O que demos a outros o receberemos, eventualmente, de parte de Deus. É possível que alguém seja um pecador em termos humanos, mas se tiver sido humilde e bondoso, sua atitude cobrirá uma multidão dos que se chamam pecados.

(2) Encontramo-nos diante de uma austera verdade de que toda arrogância chegará, inevitavelmente, ao dia de sua humilhação. O principal pecado de Roma foi o orgulho, a idéia de que podia subsistir para sempre sem Deus, a idéia de que estava segura, de que tinha tantas riquezas e tanto poder que nada nem ninguém podia tocá-la, de que podia ir adiante, em qualquer situação, graças a seus imensos recursos. João fala de Roma em termos que extrai do Antigo Testamento. Refere-se a ela como os profetas se referiram a Babilônia (Isaías 47:7-9). Não há nada na vida que provoque tanta justiça o juízo como a arrogância e a

auto-suficiência, tanto no Antigo Testamento (Isaías 3:16-17, Ezequiel 27:3), como em João.

Há um pecado que os gregos chamavam *hybris*. *Hybris* é a arrogância que nasce da riqueza e a prosperidade e o êxito, que fazem os homens sentirem que não necessitam de Deus, que eliminam a Deus da vida. O castigo para esse pecado é o aniquilamento e a humilhação supremas. Antes de cada queda sempre houve orgulho.

A LAMENTAÇÃO DOS REIS

Apocalipse 18:9-10

No resto deste capítulo temos as lamentações dedicadas a Roma, ou seja as elegias ou cânticos fúnebres dos parentes de Roma. A primeira é a lamentação dos reis (9-10), segue a dos mercadores (11-16) e finalmente temos a dos armadores de barcos e os marinheiros (17-19). Várias vezes, neste capítulo, se nos descreve a grandeza, o luxo, a riqueza e o poder de Roma. Os primeiros em cantar sua elegia, são os reis vassalos de Roma, aos quais Roma ensinou a participar de seu luxo, sua sofisticação e seu pecado.

Podemos nos perguntar se as palavras de João se justificam verdadeiramente, ou se estamos diante de um fanático puritano que alvoroça com suas palavras sem ter, em realidade, razões de peso.

Se queremos encontrar uma descrição de fonte romana das práticas e da vida que se usavam em Roma podemos recorrer a livros tais como *Roman Society from Nero to Marcus Aurelius* (A sociedade romana entre Nero e Marco Aurélio), de Samuel Dill, *Roman Life and Manners* (A vida e os estilos romanos), do Ludwig Friedlander, e especialmente as *Sátiras*, de Juvenal, ou *As vidas dos Césares*, de Suetônio, e os escritos de Tácito. Estas três últimas fontes são romanas e seus autores foram homens sérios que, eles mesmos, sentiam-se horrorizados pela licença e o esbanjamento de sua própria sociedade. Se nos referirmos, então, a estes livros, descobriremos que João não era de maneira alguma um

fanático excêntrico. Porque nada do que se dissesse com relação a Roma poderia ser um exagero.

Há um dito no Talmude segundo o qual quando se repartiu a riqueza no mundo nove medidas couberam a Roma e uma ao resto dos homens. Um renomado erudito sustenta que em nossa época somos meninos em matéria de alegrias carnais, em comparação com os antigos; outro assinalou que nossos luxos mais extravagantes são pobreza se forem comparados com a pródiga magnificência da antiga Roma.

Vivia-se numa espécie de competição desesperada pela ostentação e o luxo. Tem-se dito com relação à Calígula que lutou, acima de todas as coisas, para conseguir aquilo que os demais consideravam impossível". "O desejo do incrível" era uma das características mais assinaladas de Nero. Dill afirma: "O senador que pagava pouco aluguel, ou que transitava pela Via Ápia ou a Via Flaminia com um cortejo pobre, convertia-se num homem apontado que, imediatamente, perdia seu prestígio social".

Durante o primeiro século o mundo inteiro arrojava suas riquezas no regaço de Roma. Tal como assinalou Dill: "A longa paz, a segurança dos mares, a liberdade de comércio, tinha transformado Roma no lugar onde se podiam obter as coisas mais deliciosas, provenientes de todas as latitudes, das Ilhas Britânicas até o Ganges". Plínio fala de uma refeição na qual os sucessivos pratos estavam confeccionados com comestíveis provenientes de diversas regiões, entre elas Índia, Egito, Cirene e Creta. Juvenal fala dos mares cheios de grandes navios que vinham de todas as latitudes para satisfazer o apetite morboso de extravagâncias.

Aristides, o famoso orador, tem entre seus discursos uma passagem na qual afirma, como conclusão de uma longa lista de países e produtos: "Se há algo que não se pode encontrar em Roma é porque não existe". Nessa época as importações que provinham da Índia (especiarias, perfume e substâncias aromáticas), totalizavam o equivalente de 1.500.000 dólares por ano, e as jóias, tecidos e sedas que se traziam da Arábia e China chegavam a somar 2.500.000 dólares por ano.

O dinheiro que possuíam alguns dos líderes romanos, e aquele que gastavam era fabuloso. Um dos libertos de Nero podia considerar na miséria o homem que tinha uma fortuna de 1.800.000 dólares. Apicio gastou 2.400.000 dólares em banquetes e se suicidou quando restavam apenas 250.000 dólares, porque não poderia seguir vivendo com tão pouco dinheiro. Calígula gastou, num dia, 240.000 dólares, e num ano uma soma próxima aos 48.000.000. Nero sustentava que a única utilidade do dinheiro era a possibilidade de esbanjá-lo, e em poucos anos liquidou sua fortuna de 40.000.000 de dólares. Deu um banquete no qual somente as rosas egípcias com que se adornaram as mesas custaram 75.000 dólares.

Deixemos que Suetônio nos fale de seus imperadores, lembrando que este não é um pregador cristão que anuncia o juízo mas sim um historiador romano. Com relação à Calígula escreve: "Sua extravagância superou a todas as prodigalidades de todos os tempos, tanto em engenho como em criatividade. Criou novas formas de banhos e toda classe de variedades antinaturais de comida e bebida. Banhava-se em perfumes quentes ou frios, bebia pérolas de grande preço dissolvidas em vinagre, colocava diante de seus hóspedes carnes e pães recobertos de ouro". Construiu galeras cujas quilhas levavam pérolas incrustadas. Com relação a Nero, Suetônio diz que obrigava a seus cortesãos a convidá-lo a banquetes cujos custos nunca estiveram abaixo dos 45.000 dólares." "Nunca tornava a vestir a mesma roupa que tinha usado em ocasiões anteriores. Jogava aos dados por 5.000 dólares o ponto. Pescava com uma rede de ouro, cujas tiras eram de púrpura e escarlate. Nunca viajou com menos de 1.000 carruagens, e todas suas mulas estavam calçadas com ferraduras de prata.

Vimos que Calígula tinha o costume de beber pérolas dissolvidas em vinagre. Esta era uma forma de ostentação relativamente comum. Diz-se que Cleópatra numa oportunidade engoliu uma pérola, dissolvida em vinagre, que custava 180.000 dólares. Valério Máximo numa de suas festas, pôs uma pérola na taça de cada um de seus convidados e ele

mesmo dissolveu e bebeu a pérola do aro da Metalia, que lhe havia flanco um milhão de sestércios.

Era uma época de extraordinária glutonaria. Alguns pratos consistiam em massas de miolos de pavão, ou de línguas de vaga-lumes. Vitélio, que foi imperador durante menos de um ano, gastou 18.000.000 de dólares somente em comida. Suetônio relata que seu prato favorito era uma mescla de "fígados de lúcio, miolos de faisão e de pavão, línguas de flamingo e leite de piranha, que seus capitães traziam até sua mesa dos quatro extremos do Império..."

Petrônio descreve a cena de um banquete que ofereceu Trimaco. "Um prato representava os doze signos do zodíaco... Outro era um javali gigante, com cestas cheias de carnes doces carregadas em suas presas. Um enorme caçador barbudo atravessou seu lado com uma faca e da ferida fluiu uma corrente de tordos, que foram habilmente capturados em redes enquanto voavam por toda a habitação. Quase ao terminar o banquete os hóspedes se surpreenderam por uns ruídos estranhos que se escutavam no céu raso, fazendo tremer o edifício inteiro. Quando levantaram os olhares o céu raso se abriu e desceu lentamente uma grande bandeja ovalada sobre a qual havia uma imagem do Príapo que levava todo tipo de frutas e geléias."

Nestas festas ofereciam-se habitualmente presentes aos convidados. Num banquete que Lúcio Vero ofereceu, os presentes para seus convidados lhe custaram 150.000 dólares.

Até o sóbrio e austero Domiciano gastou o equivalente de 5.200.000 dólares em chapear em ouro o céu raso de um templo no Capitólio.

Teremos a oportunidade de ver mais detalhes com relação ao extravagante luxo em que Roma vivia quando examinarmos a passagem que vem a seguir, onde faremos a lista das mercadorias que os comerciantes traziam habitualmente a Roma. Mas já podemos nos dar conta que na época em que João escreveu, uma espécie extravagante de loucura se apoderou dos donos do Império Romano, tal que é muito

difícil encontrar algum paralelo na história. A condenação que ouvimos João pronunciar não são as palavras de um extravagante asceta cristão; os moralistas pagãos de Roma fizeram as mesmas críticas.

A LAMENTAÇÃO DOS MERCADORES

Apocalipse 18:11-16

O lamento dos reis e o dos mercadores devem ser lidos junto com a elegia a Tiro que se encontra em Ezequiel 26 e 27. Há muitos elementos em comum entre estas duas passagens.

A lamentação dos mercadores é totalmente egoísta. Toda sua tristeza tem que ver com o mercado que perdem. É significativo que tanto os reis como os comerciantes olham de longe. Não estiram sua mão para ajudar a Roma em sua última agonia; nunca estiveram ligados a ela por laços de amor; a única razão de sua relação com ela era o luxo que Roma consumia e a oportunidade de fazer lucros que isto significava para eles.

Aprenderemos mais a respeito dos luxos de Roma se olharmos detalhadamente os tipos de mercadorias mencionados nesta passagem.

Na época quando João escrevia uma das modas de Roma era a prataria. A prata vinha principalmente de Cartagena, na Espanha, onde 40.000 homens trabalhavam nas minas de prata. Fontes, pratos, copos, cestos, fruteiras, estatuetas, serviços de mesa completos, todos de prata maciça, era um dos negócios mais seguros no mercado Romano. Lúcio Crasso tinha comprado uma coleção de bandejas que lhe custou 120 dólares por libra de prata. Um general acostumado aos rigores da campanha como Pompeu Paulino, tinha um jogo de prata que pesava 12.000 libras (5.000 Kg.), o qual o acompanhava sempre em suas campanhas, e que, eventualmente, foi tomado como despojo pelos germanos depois de uma derrota. Plínio diz que as mulheres somente se banhavam em tinas de prata, que os soldados comuns tinham espadas com punhos de prata e que até as mulheres mais pobres usavam escravas ou braceletes de prata. Os espelhos dos escravos eram desse mesmo

material. Durante a Saturnalia, a festividade que caía na mesma data do Natal, quando se acostumava fazer presentes, em geral se davam de presente colheres de prata e outros objetos similares, sendo mais pesados e custosos à medida que maior era a riqueza do dadivoso. Roma era uma cidade de prata.

Também se apreciavam, apaixonadamente, as pedras preciosas e as pérolas. Foi durante as conquistas de Alexandre o Grande que os pedras preciosas foram introduzidas no Ocidente. Plínio afirmava que a fascinação de uma gema deve-se a que nela toda a sublimidade da natureza está presente num objeto de dimensões limitadas; diz também que a admiração pelas gemas cresceu até chegar a transformar-se numa paixão universal.

Em ordem de preferências, as pedras mais apreciadas eram os diamantes (que provinham em sua maioria da Scintia), os berilos e as opalas (que se utilizavam para ornamento das mulheres), e o sardônico (com o qual se faziam anéis de selo). Uma das crenças curiosas da antigüidade era que as pedras preciosas possuíam qualidades medicinais. Sustentava-se que o ametista podia curar a bebedeira. Seu nome, precisamente, deriva da palavra "bêbado" (*methuskein*) precedida pela partícula negativa "a". O jaspe ou pedra do sangue, era tida como curativa das hemorragias. O jaspe verde, segundo cria-se, era bom para a fertilidade. O diamante curava o delírio e neutralizava os efeitos de quase qualquer veneno. Uma peça de âmbar pendurada do pescoço podia curar a febre e outros males.

Mas os romanos apreciavam as pérolas acima de qualquer outra pedra preciosa. Como vimos, costumava-se dissolvê-las em vinho e bebê-las. Júlio César deu de presente a Servilla uma pérola que lhe custou 150.000 dólares. Plínio diz ter visto a Lolia Paulina, uma das esposas de Calígula, com um ornamento feito de pérolas e esmeraldas que cobria sua cabeça, pescoço e peito, que custava aproximadamente 900.000 dólares. As jóias de Roma eram famosas no mundo inteiro.

A LAMENTAÇÃO DOS MERCADORES

Apocalipse 18:11-16 (continuação)

O linho fino chegava principalmente do Egito. Era o tecido com que se vestiam os sacerdotes e os reis. Custava muito dinheiro. A túnica de um sacerdote, por exemplo, podia chegar a pagar-se entre 100 e 150 dólares. Somente as pessoas muito ricas podiam usar roupa deste tipo. Lembremos que Divas, o homem rico da parábola, estava vestido com púrpura e linho fino (Lucas 16:19).

A púrpura provinha principalmente de Fenícia. O nome "fenícia" provavelmente provenha de *"foinos,* que significa vermelho como o sangue". Conhecia-se os fenícios como "os homens da púrpura", pois eles eram os que comercializavam esta mercadoria no mundo inteiro. A púrpura antiga era muito mais vermelha que a atual. Era a cor real, a vestimenta que simbolizava riqueza. A substância com que se tingia a púrpura extraía-se de um molusco chamado múrex. Cada animal dava uma só gota de tintura; o molusco devia ser aberto imediatamente depois de pescado, porque a púrpura extraía-se de uma pequena veia que se seca quando o múrex morre. Uma libra de lã tinta com púrpura custava 120 dólares. Um colete de púrpura podia custar 140 dólares. Plínio diz que em Roma, em seu tempo, "havia uma verdadeira paixão pela púrpura".

A seda é muito comum em nossos dias, mas na Roma do Apocalipse virtualmente não tinha preço. Devia ser trazida da China, Era tão cara que uma libra de seda se vendia por uma libra de ouro. Durante o reinado de Tibério se ditou uma lei proibindo que se utilizassem pratos e bandejas de ouro "e que os homens se vestissem com roupa de seda" (Tácito, *Anais* 2.23). A seda era tão preciosa como o ouro.

O escarlate, do mesmo modo que a púrpura, era uma tintura muito buscada. Quando pensamos nestas tinturas devemos lembrar que outro dos aprimoramentos de Roma era cobrir os divãs onde se comia com capas babilônicas. Cada uma destas capas podia custar 15.000 dólares. Nero tinha algumas que haviam custado até 89.000 dólares.

Entre todas as madeiras finas uma das mais interessantes é a *thuia articulata*, que se trazia da região do Atlas, no norte da África. Emanava um aroma muito agradável. As nervuras às vezes formavam desenhos parecidos com as caudas dos perus reais, ou às peles dos tigres ou das panteras. Era usada especialmente para fazer mesas. Mas era uma madeira muito escassa, pois a árvore que a produz é geralmente pequena. As mesas feitas desta madeira podiam custar entre 8.500 e 35.000 dólares. Sêneca, primeiro ministro de Nero, tinha trezentas mesas desta madeira, com pés de mármore.

O marfim também era muito usado para decoração, especialmente nas casas daqueles que queriam ostentar sua riqueza. Com o marfim se esculpiam esculturas, ou punhos de espadas, o incrustava na madeira das cadeiras cerimoniais, nas portas e em outros móveis.

Juvenal, ao falar de riquezas, diz: "Hoje nenhum homem rico sente prazer em sua comida — seus melhores pratos carecem de gosto, seus perfumes e suas rosas cheiram a podre — se as bandejas em que se servem não descansam sobre um enorme leopardo de marfim encravado". Os romanos mais ricos até tinham pratos feitos de marfim.

As estatuetas de bronze de Corinto eram famosas em todo mundo e muito caras. O ferro se trazia do Mar Negro ou da Espanha. O mármore se usou em Babilônia como material de construção durante muito tempo. Não assim em Roma, a princípio. Mas Augusto se vangloriava de que ao iniciar seu reinado, Roma era de tijolos e ao terminá-la era de mármore. Chegou a instalar-se um escritório, chamada o *ratio marmorum*, cujo cometido era buscar mármore em todo mundo e trazê-lo a Roma para decorar os edifícios públicos.

As especiarias aromáticas eram muito caras, pois era preciso importar da Índia e Zanzibar. A canela custava 135 dólares a libra.

A palavra que se traduz em nossa versão por "especiarias aromáticas", entretanto, é *amomón*, que era um ungüento ou perfume que se punha no cabelo, ou se usava como azeite nos ritos funerários.

No Antigo Testamento o incenso tinha um uso quase exclusivamente religioso, como acompanhamento dos sacrifícios no Templo. Em Roma era usado para perfumar as habitações antes e depois dos banquetes.

Na antigüidade tomava-se vinho quase universalmente, mas a bebedeira era considerada uma falta grave. Em geral o vinho se diluía com água, duas partes de vinho em cinco partes de água. Fabricava-se extraindo o suco das uvas, que também costumado beber-se como vinho não fermentado. O suco da uva também era usado para fabricar uma gelatina com a qual se acrescentava corpo e sabor aos vinhos mais fracos. O resto do suco colocava-se em vasos, onde ficava destampado para que fermentasse durante nove dias. Depois deste período se fechavam as jarras, que somente tornavam a abrir-se uma vez por mês, até que o vinho estivesse no ponto. Os escravos recebiam uma boa quantidade de vinho, como parte de suas rações diárias. Era bastante barato

A mirra era a resina de um arbusto que crescia no Yemen e no norte da África. Era usado em medicina como adstringente, estimulante e anti-séptico. Além disso, era usado como perfume e para propósitos rituais. Também servia para o embalsamamento de cadáveres.

O olíbano era outra resina, a que exsuda uma árvore do gênero Boswelia. Fazia-se uma incisão na casca da árvore, e se lhe tirava uma parte de casca por baixo da incisão. A resina que emanava deste corte formava bolinhas de diversos tamanhos. Era usada para perfumar o corpo, para adoçar e dar gosto ao vinho, como azeite para as lâmpadas e como incenso sacrifical

As carruagens que se mencionam aqui não eram carros de corrida ou de guerra, mas sim carruagens de quatro rodas que se utilizavam para o transporte particular de pessoas. Os aristocratas romanos par o general atravessavam a cidade em carruagens deste tipo chapeados em prata.

A lista termina com a menção dos escravos e as almas humanas. É interessante que a palavra que em nossa Bíblia se traduz "escravo" é

soma, que significa em realidade "corpo". O mercado de escravos chamava-se *somatémporos*, termo que significa literalmente "lugar onde se vendem corpos". A idéia do autor é que os escravos eram vendidos a seus donos em corpo e alma; não se reconhecia maior humanidade ao escravo que ao gado.

É impossível que nós compreendamos até que ponto a civilização romana estava baseada na escravidão. Havia mais de sessenta milhões de escravos no Império. Não era pouco comum que algumas pessoas tivessem trezentos ou quatrocentos escravos. "Usa seus escravos como os membros de seu corpo", recomendava um autor romano, "cada um para seu próprio fim". Cada artesanato, ação ou função tinha seus escravos especializados. Havia, é obvio, os que executavam as tarefas domésticas. Estes estavam subdivididos numa classificação bem detalhada. Havia escravos para levar as tochas, para levar lanternas, para carregar beliches, para ajudar na rua, para cuidar a roupa de rua, etc. Havia escravos que agiam como escribas e como taquígrafos, e também escravos que se ocupavam da investigação prévia à composição de um livro ou tratado. Havia escravos que se chamavam "catálogos" cuja obrigação era lembrar a seu senhor os nomes de seus clientes, amigos e conhecidos. Também havia escravos encarregados de advertir a seu senhor quando chegavam as horas das refeições ou as horas de dormir. Havia escravos que caminhavam diante de seus senhores e devolviam as saudações dos conhecidos quando o senhor estava muito cansado ou enfastiado para fazê-lo ele mesmo. Se alguém era rico mas ignorante, e encontrava impossível lembrar-se de nada, comprava uma equipe de escravos que dirigia todos os seus assuntos. Havia escravos que memorizavam a Homero, a Ovídio, a Hesíodo e a cada um dos poetas famosos. Seu dever era estar de pé junto a seu senhor enquanto comia e lhe proporcionar citações adaptadas segundo o tema da conversação. Outros escravos eram comprados por sua beleza, para deleitar a vista dos comensais durante as festas. Os hóspedes podiam limpar as mãos nestes escravos, que também tinham a obrigação de submeter-se a qualquer tipo

obscenidade que se queria praticar com eles. Estes escravos podiam custar entre 2.400 e 4.800 dólares, e quase todos eram da Ásia Menor ou de Alexandria. Também havia um mercado para os disformes ("homens sem tíbias, com os braços curtos, com três olhos, com a cabeça pontiaguda, anões, gigantes, idiotas, hermafroditas..."). Muitas das deformações provocavam-se artificialmente.

É muito triste uma cultura na qual os seres humanos são usados, seus corpos e suas almas, para o entretenimento, a diversão ou o serviço imoral dos demais.

Este era o mundo que os comerciantes choravam. Lamentavam a perda de seu mercado e do dinheiro que nele teriam podido ganhar. Esta era a Roma que João ameaçava com o juízo divino, e sem dúvida tinha razão ao fazê-lo. Porque uma sociedade que se funda no luxo, na ostentação, no orgulho, na desconsideração e na opressão sem dúvida está condenada, até do ponto de vista humano, à total destruição e decadência.

A LAMENTAÇÃO DOS CAPITÃES DE NAVIOS

Apocalipse 18:17-19

A primeira lamentação foi a dos reis, a segunda a dos mercadores. Agora temos a lamentação dos armadores e capitães de navios. João se inspira na descrição que Ezequiel fez da queda de Tiro (Ezeq. 27:28-30).

Roma não era uma cidade portuária, mas tinha seu porto, na Ostia. Através desse porto afluía à cidade toda a riqueza do mundo. Vinham perfumes, jóias e especiarias da Índia, sedas da China, âmbar do Báltico, prata e ferro da Espanha, pérolas de Bretanha, canela da África, tudo isto, e muito mais, era trazido dos limites da Terra para satisfazer a sede de luxo de Roma.

É muito natural que os donos de frotas, os capitães de naves e seus marinheiros lamentassem pela destruição de Roma, visto que ao desaparecer a cidade perderiam seu trabalho.

Há algo muito patético em todas estas lamentações. Em cada caso o pranto não é por Roma; não se trata de uma genuína tristeza pela desgraça de alguém para com quem se experimenta simpatia. Cada um destes lamentos é pelo que os chorões estão perdendo eles mesmos; não sentem pena pela sorte de Roma mas sim a medida em que esta os afeta e prejudica. Uma das leis da vida é que se colocamos nossa felicidade nas coisas materiais, se pomos nosso olhar na acumulação de riquezas e luxos, de ouro e prata, perdemos de vista o mais importante que a vida pode nos oferecer: A oportunidade de amar e ser amados, a amizade e a camaradagem de nossos semelhantes. Se pensamos somente no que podemos tirar dos outros, eles só pensarão no que podem tirar de nós. Adorar as coisas e desentender-se das pessoas, ou considerar as pessoas como coisas que se podem usar-se, vai nos levar à maior de todas as tragédias.

ALEGRIA EM MEIO DAS LAMENTAÇÕES

Apocalipse 18:20

Em meio das lamentações se levanta uma voz de alegria, a voz daqueles que se alegram ao presenciar a vingança sobre os inimigos de Deus e seus próprios perseguidores. Esta é uma nota que encontramos mais de uma vez nas Escrituras (Deuteronômio 32:43, Jeremias 51:48).

Estamos muito longe, aqui, do perdão dos inimigos e de orar por aqueles que nos desprezam e perseguem. Mas devemos lembrar duas coisas. Os homens que escreveram palavras como estas tinham sofrido tremendamente; seja qual for nossa reação ao ouvir estas palavras vingativas, devemos lembrar que se trata, contudo, da voz da fé. O autor cria firmemente que ninguém está do lado perdedor se estiver do lado de Deus. Sabiam com segurança que chegaria o dia do triunfo e da reivindicação divinos.

Em segundo lugar, devemos lembrar que nestas palavras há muito pouca amargura a nível pessoal. Os inimigos, que serão destruídos, não

são considerados inimigos pessoais mas sim inimigos de Deus. Não se trata de um ódio pessoal; trata-se, antes, de uma total, consagração à santidade divina, a qual, tal como eles o entendiam, devia vingar sua honra ofendida manifestando-se em ira vingadora.

E, entretanto, também deve lembrar-se que este não é o caminho da excelência que Jesus nos ensinou. Uma vez disseram a Abraão Lincoln que sua atitude para com os seus inimigos era muito suave e que sua obrigação era destruí-los. Lincoln respondeu: "Não destruo acaso a meus inimigos quando os converto em amigos?" A verdadeira atitude cristã não é o desejo de destruir os inimigos de Deus, mas sim a vontade de torná-los seus amigos. O cristão somente pode buscar destruir a inimizade, e não pela força mas sim mediante o poder do amor, o poder desse amor que valeu a Cristo sua vitória.

A DESOLAÇÃO FINAL

Apocalipse 18:21-24

Aqui temos a descrição da destruição definitiva e total de Roma.

Começa com uma ação simbólica. Um anjo forte toma uma pedra de moinho e a joga no mar. O mar se fecha sobre a pedra, como se esta jamais tivesse existido. Do mesmo modo será apagada Roma. Esta imagem João a recolheu da descrição que Jeremias faz, no Antigo Testamento, da destruição de Babilônia (Jeremias 51:63-64). Estrabão disse, anos mais tarde, que a destruição de Babilônia tinha sido tão total que ninguém se atreveria a dizer que o deserto em que se tinha convertida sua antiga convocação tinha sido, um dia, uma grande cidade. Roma tem que ser desolada, devastada, aniquilada.

Nunca mais se ouvirá nela o ruído do regozijo. O mesmo anunciou Ezequiel com relação a Tiro (Ezequiel 26:13). Os harpistas e os histriões cantavam, em geral, nas ocasiões festivas; a flauta usava-se tanto nos funerais como nas festividades religiosas; as trombetas ressoavam nos

jogos atléticos e nos concertos; mas agora toda a música silenciará para sempre jamais.

Nunca mais se ouvirá o ruído dos artesãos dedicados a seus respectivos artesanatos. O ruído do martelo sobre o metal, o da serra contra a madeira silenciarão para sempre.

Nunca mais se ouvirá o ruído das atividades domésticas. A moenda era feita pelas mulheres na cozinha. Trabalhava-se com duas pedras circulares, uma em cima da outra. O trigo era introduzido por um buraco praticado na pedra de acima. Era moído ao raspar as duas pedras entre si e a farinha saía por baixo. O chiar da pedra contra a pedra, que era um dos sons habituais em todas as casas, nunca voltará a escutar-se.

Nunca mais se acenderão as luzes das ruas, ou as luzes das casas. O que sobrar das ruas se converterá numa boca de lobo. Cessará o amável costume de deixar uma luz na entrada das casas para dar as boas-vindas aos visitantes.

Nunca mais se ouvirá o barulho das festas de bodas, porque até o amor desaparecerá de Roma. Jeremias utilizou a mesma imagem para referir-se à destruição de Babilônia (Jeremias 25:10, 7:34, 16:9).

Roma deverá transformar-se numa triste e silenciosa desolação.

E este castigo cairá sobre ela por razões bem definidas.

Virá porque seus comerciantes eram os maiores da Terra; virá porque Roma adorava o luxo e a ostentação, porque vivia de maneira incontrolada e não encontrava prazer nas coisas do espírito.

Virá porque fez desencaminhar os homens com suas bruxarias. Naum chamou Nínive “mestra de feitiçarias” (Naum 3:4). Roma flertou com os poderes das trevas para envilecer o mundo.

Virá porque Roma é culpada de ter derramado sangue de inocentes. Ezequiel condena a Atiro por ser uma cidade "sangrenta" (Ezequiel 24:6). Em Roma pereceram os mártires e a perseguição que se iniciou nela cobrou suas vítimas em todo o mundo.

Está perto o dia da rendição de contas. As ruas buliçosas serão lugares silenciosos como uma tumba; de toda a riqueza acumulada por

Roma não ficará nada; as luzes se escurecerão e reinarão as trevas; não haverá alegria. Este é o destino de uma civilização que se construiu sem Deus.

Antes de começar o estudo detalhado dos últimos quatro capítulos do Apocalipse, convém que antecipemos o esquema que se desenvolve nestes e a sucessão dos acontecimentos que antecipam.

Começam com o regozijo universal pela destruição de Babilônia, a grande rameira, o poder de Roma (19:1-10). Segue com a aparição do cavalo branco, sobre o qual vem montado aquele que é Fiel e Verdadeiro (19:11-13). A seguir se reúnem todos os poderes que são hostis ao Cristo vencedor (19:19). Estas forças oponentes são totalmente destruídas, a besta e o falso profeta são lançados no lago de fogo, e o resto é exterminado (19:20-21).

O capítulo 20 começa com o encadeamento do Diabo no abismo durante 1.000 anos (20:1-3). A seguir ressuscitam os mártires, para reinar com Cristo durante esse mesmo período. Mas os outros mortos ainda não ressuscitam (20 4-6). No final dos 1.000 anos Satanás é posto em liberdade durante um pouco de tempo; trava-se o ultimo conflito entre Cristo e seus inimigos e os inimigos de Deus, os quais são destruídos. Satanás é lançado para sempre no lago de fogo e enxofre (20:7-10). Então vem a ressurreição geral e o juízo de todos os homens (20:11-14). Por último, temos a descrição do Novo Céu e a Nova Terra, da Nova Jerusalém, que substituirá todas as coisas que foram aniquiladas (21:1—22:5).

Estes, então, são os últimos acontecimentos da história, que conduzem à bem-aventurança final dos que se consagraram e se dedicaram a Deus com fidelidade, à destruição dos poderes do mal e dos inimigos de Deus e a bem-aventurada recriação de um mundo novo, destinado a substituir ao velho.

Apocalipse 19

O *Te Deum* dos anjos - 19:1-2
O *Te Deum* da natureza e da Igreja - 19:3-5
O *Te Deum* dos redimidos - 19:6-8
O Todo-poderoso e seu reino - 19:6-8 (cont.)
A única adoração - 19:9-10a
O espírito da profecia - 19:10b
O Cristo conquistador - 19:11
O nome que ninguém conhecia - 19:12
A palavra de Deus em ação - 19:13
A ira vingadora - 19:14-16
A condenação dos inimigos de Deus - 19:17-21

O TE DEUM DOS ANJOS

Apocalipse 19:1-2

Na descrição da destruição total de Babilônia, quer dizer, de Roma, chegamos às palavras “Exultai sobre ela, ó céus, e vós, santos, apóstolos e profetas, porque Deus contra ela julgou a vossa causa” (18:20). Aqui, no princípio deste capítulo, temos a alegria que se pedia naquele versículo.

Esta alegria começa com o grito de uma vasta multidão no céu. Já encontramos duas multidões no céu. Tínhamos a multidão dos mártires (7:9) e a grande multidão das hostes angélicas (12:22). A grande multidão que se alegra aqui é provavelmente a multidão dos anjos. O louvor dos mártires e os santos virá nos versículos 6-8. Este é o cântico dos anjos, os primeiros em entoar o Te *Deum* da louvor e a gratidão a Deus.

Este cântico de louvor e ação de graças começa com a palavra "Aleluia" (halleluyah). Esta é uma palavra muito freqüente no vocabulário religioso. É interessante, portanto, assinalar que as únicas quatro vezes que aparece nas Escrituras estão neste capítulo do

Apocalipse. Do mesmo modo como "Hosana", é uma das poucas palavras hebraicas que passaram a fazer parte do vocabulário religioso universal. É provável que se tenha chegado a usá-la com tanta freqüência, até pelos membros mais simples da Igreja, porque fazia parte da resposta congregacional no serviço da Páscoa de Ressurreição.

A palavra Aleluia significa, literalmente, "louvai ao Senhor". Deriva de duas palavras hebraicas, *hallelu* (louvai) e *Yah* (Senhor). Ainda que apareça aqui somente em sua forma original, temo-la em outros lugares da Bíblia em diversas traduções. É, por exemplo, a primeira palavra dos Salmos 106, 111, 112, 113, 117, 135, 146, 147, 148, 149, 150. A série dos salmos que vai entre o 113 e o 118 chamava-se *Hallel*, que significa "o louvor", e eram parte da educação escolar primária de todo menino hebreu. No Antigo Testamento, então, temos muitas vezes esta expressão, traduzida ao português como "Louvai ao Senhor". Mas nesta passagem temos a forma original hebraica, transliterada ao grego.

Deus é louvado porque a Ele pertencem a salvação, a glória e o poder. Cada um destes três grandes atributos de Deus deve despertar no homem uma resposta, e estas três respostas, em seu conjunto, formam o verdadeiro louvor. A salvação de Deus deve despertar no homem uma resposta de gratidão. A glória deve despertar no homem uma resposta de reverência. O poder, que Deus exerce sempre em termos de seu amor, deve despertar no homem uma resposta de confiança. A gratidão, a reverência e a confiança, estes três são os elementos de todo louvor verdadeiro.

Louva-se a Deus desta maneira porque praticou seu juízo, justo e verdadeiro, sobre a grande rameira. O juízo é a conseqüência inevitável do pecado. T. S. Kepler comenta: "Não se pode quebrantar a lei moral, do mesmo modo como tampouco se pode quebrantar a lei da gravidade; todas as nossas ações, boas ou más, são meras exemplificações de seu funcionamento."

Diz-se que os juízos de Deus são justos e verdadeiros. Deus é o único cujos juízos podem ser perfeitos, por três razões. Em primeiro lugar, somente Deus pode penetrar nos pensamentos mais íntimos do homem; somente a Deus estão abertos, não só nossas ações, mas também nossos sentimentos, pensamentos e intenções. Em segundo lugar, somente Deus possui a pureza que é capaz de julgar sem preconceito, sem parcialidade. Só a perfeita bondade pode julgar de maneira perfeitamente reta. Em terceiro lugar, somente Deus possui a sabedoria para encontrar o veredicto exato e o poder para levá-lo a prática. O juízo de Deus é perfeito.

A grande rameira é julgada porque corrompeu o mundo. O pior de todos os pecados é ensinar outros a pecar, ou fazer com que o pecado seja fácil para os outros. O juízo de Deus sobre Roma, tal como João o entendeu, era inevitável e severo, porque Roma tinha seduzido os homens a se esquecerem de Deus e adorarem falsos deuses. Devemos rogar a Deus que nos perdoe, sobretudo, o pecado que ensinamos a outros fazerem, porque essa será a principal causa contra nós no juízo.

Há mais outra razão do louvor. O juízo com que Deus julga a Babilônia, a Roma é a prova e garantia de que Deus não se esqueceu de seu povo. Os perseguidores, os torturadores, os atormentadores, não escaparam nem saíram livres. Em última instância, Deus nunca abandona os seus.

O TE DEUM DA NATUREZA E DA IGREJA

Apocalipse 19:3-5

As hostes angélicas cantam um segundo Aleluia. Louvam a Deus porque a fumaça do incêndio de Babilônia sobe ao céu pelos séculos dos séculos. Quer dizer, a destruição de Roma é total e definitiva, nunca mais tornará a erguer-se de suas ruínas. A imagem da fumaça que se levanta das ruínas provém da descrição que o profeta Isaías faz da destruição de

Edom (Isaías 34:9-10). João retoma a palavra profética do Antigo Testamento e faz dela sua própria voz.

A seguir vem a segunda quebra de onda de louvor. É o louvor dos vinte e quatro anciãos e dos quatro seres viventes. Os vinte e quatro anciãos apareceram reiteradas vezes nas visões anteriores (4:4, 10: 5:6, 11, 14: 7:11; 11:16; 14:3). Os quatro seres viventes também apareceram em diversas circunstâncias (4:6-9; 5:6-14; 6:1-7; 7:11; 14: 3: 15:7). Vimos que os vinte e quatro anciãos representam de maneira conjunta os doze patriarcas e os doze apóstolos. Simbolizam, portanto, a totalidade da Igreja. Os quatro seres viventes, que são, respectivamente, o leão, o boi, o homem e a águia, evocam duas idéias. Simbolizam tudo o que tem de valente, forte, sábio e rápido na natureza; e são os querubins. Uma canção de louvor que entoam os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes é o *Te Deum* da Igreja inteira e da Natureza em sua totalidade. Novamente, a Natureza e a Igreja se unem para louvar a Deus.

A voz que vem do trono deve entender-se como a de um dos querubins. “Louvai o nosso Deus”, diz essa voz, “vós, todos os seus servos, e vós que o temeis.” Mais uma vez João encontra seu modelo nas palavras do Antigo Testamento, porque esta é uma citação do Salmo 135:1,20.

Há dois grupos de pessoas que são convocados a louvar a Deus. No Apocalipse há dois grupos de pessoas que recebem de maneira privilegiada o título de "servos de Deus". Estes são os profetas (10:7, 11:18; 12:6) e os mártires (7:3; 19:2). Em primeiro lugar, então, este é o louvor dos profetas e dos mártires, que deram testemunho de Deus com sua palavra e com suas vidas. Em segundo lugar, estão os pequenos e os grandes.

H. B. Swete afirma que esta expressão abrange os cristãos de todas as capacidades intelectuais e condições sociais, em todos os diversos momentos de seu progresso na vida da fé"

Trata-se, então, de um chamado universal à adoração de Deus, inspirado em seus atos de poder na história, em sua intervenção

definitiva para salvar a Igreja, o seu povo. É como se se dissesse: "Chegou o vosso momento de triunfo! Tendes sofrido, mas agora é vossa a vingança! Louvado seja Deus!"

O TE DEUM DOS REDIMIDOS

Apocalipse 19:6-8

O último cântico de louvor é o que entoa a hoste dos redimidos. João se esforça, buscando semelhanças que descrevam seu som. É, segundo H. B. Swete, "como o murmúrio de uma imensa congregação, como o rugido de uma catarata, como o ressoar do trovão".

Mais uma vez, João encontra sua inspiração nas palavras das Escrituras. Tem em mente duas coisas. Lembra, em primeiro lugar, o Salmo 97:1: “Reina o SENHOR. Regozije-se a terra, alegrem-se as muitas ilhas.” Em segundo lugar diz: “Alegremo-nos, exultemos.” Há somente um lugar, além de este, em todo o Novo Testamento, onde estes dois verbos aparecem juntos (os verbos gregos *hairein* e *agallian*). Jesus os menciona juntos ao fazer suas promessas aos cristãos que serão perseguidos: “Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus” (Mateus 5:12). É como se a multidão dos redimidos devolvesse a Jesus suas palavras em forma de louvor, porque suas promessas aos perseguidos se cumpriram de maneira superabundante.

A seguir temos a imagem das Bodas do Cordeiro com sua Esposa. As Bodas representam a união total e definitiva entre Cristo e a Igreja. R. H. Charles diz, de maneira muito bela, que o simbolismo das bodas "denota o caráter íntimo e indissolúvel da comunhão de Cristo com a comunidade que Ele comprou com seu sangue", uma comunhão que "primeiro obteve em sua plenitude a hoste dos mártires".

A concepção da relação entre Deus e seu povo nos termos de um casamento data do Antigo Testamento. Em várias oportunidades os profetas de Israel falam do povo eleito como Esposa de Deus (Oséias 2:19-20; Isaías 54:5; Jeremias 3:14; ver o capítulo inteiro em Ezequiel 16).

O mesmo simbolismo reaparece nos Evangelhos, percorrendo-os em sua totalidade. Lemos neles a respeito da festa de bodas (Mateus 22:2); da câmara nupcial e das vestimentas especiais de bodas (Mateus 22:10-11); dos filhos da câmara nupcial (Marcos 2:19); do noivo (Marcos 2:19, Mateus 25:1); dos amigos do noivo (João 3:29). Paulo fala do compromisso entre a Igreja e Cristo (2 Coríntios 11:2). Para o apóstolo, a relação entre Cristo e a igreja é o modelo da relação que deve existir entre os maridos (Efésios 5:21-33).

Na atualidade esta pode nos parecer uma comparação muito estranha. Mas conserva, entretanto, certas grandes verdades. Em todo casamento deve haver quatro coisas para que seja real, e estas quatro coisas também devem fazer parte de nossa relação com Jesus Cristo:

(1) Deve haver *amor*. Toda a relação se baseia no amor. Um casamento sem amor é uma contradição de termos.

(2) Deve haver *intima comunhão*. Tão íntima é a comunhão entre o marido e a esposa que é muito natural que se tornem uma só carne. A relação entre Cristo e o cristão deve ser a relação mais íntima de todas.

(3) Deve haver *alegria*. Não há nada como a alegria de amar e ser amado. Se a fé em Cristo não traz alegria, não serve absolutamente.

(4) Deve haver *fidelidade*. Nenhum casamento é um verdadeiro casamento, nem pode durar muito, sem fidelidade; o cristão deve ser tão fiel a Jesus Cristo como Jesus Cristo é fiel a ele.

O TODO-PODEROSO E SEU REINO

Apocalipse 19:6-8 (continuação)

Deus é o Todo-poderoso. A palavra é *pantokrátor*, que significa literalmente "aquele que controla todas as coisas", "aquele que tem todas as coisas em seu mamo", Aquele cujo poder dirige e guia todas as coisas. O mais significativo com respeito a esta palavra é que aparece somente dez vezes em todo o Novo Testamento: uma numa citação do Antigo Testamento, em 2 Coríntios 6:18; as outras nove no Apocalipse (1:8; 4:8;

1:17; 15:3; 17:7,14; 19:6,15; 21:22). Em outras palavras, este é um título de Deus peculiar e característico do Apocalipse.

Não houve momento na história quando as forças que se somavam e combinavam contra a Igreja fossem tão poderosas como quando se escreveu o Apocalipse; a Igreja enfrentava nada menos que o poder do Império Romano. Não houve tampouco momento na história quando os cristãos foram chamados a suportar tantos sofrimentos, ou a viver, como nesse então, constantemente perante a perspectiva mais ou menos iminente de uma morte violenta. E é, entretanto, nessa mesma época quando João chama *pantokrátor* a Deus, quando pensa nele como Aquele em cuja mão e poder estão todas as coisas. João nunca imaginou que Deus tinha perdido o controle da situação.

Nesta atitude há fé e há confiança; e a idéia central desta passagem é que essa fé e confiança se verão, finalmente, justificadas. Pareceria que o mal trunfa, mas a última palavra sempre a tem Deus.

Podemos notar um detalhe mais sobre esta passagem. A Igreja, a Esposa de Cristo, está vestida com linho fino, branco, puro e brilhante. Há um contraste entre a cor desta vestimenta e o vermelho escarlate da grande prostituta. O linho branco representa as boas obras do povo consagrado a Deus. Isto significa dizer que a esposa de Cristo está vestida com a pureza e consagração de seu caráter.

A ÚNICA ADORAÇÃO

Apocalipse 19:9-10a

Esta passagem refere-se à festa de bodas do Cordeiro. Por trás de tal concepção podemos encontrar uma velha idéia hebraica. Os judeus tinham entre suas tradições a idéia de um banquete messiânico. Criam que quando viesse o Messias, o povo de Deus, seria convidado, por assim dizê-lo, a um grande banquete messiânico. Isaías diz que Deus está preparando para seu povo uma festa com as melhores carnes e vinhos (Isaías 25:6). Jesus diz que muitos virão do Norte e do Sul para sentar-se

à mesa com os patriarcas, no Reino de Deus (Mateus 8:11). A palavra que se usa para dizer "sentar-se" é a que significa reclinar-se à mesa, segundo o costume dos antigos. A imagem é a de todos os homens preparando-se para participar do grande banquete messiânico de Deus. Quando Jesus se sentou com seus discípulos para participar da última Ceia, disse que não voltaria a beber vinho até que o tomasse no Reino de seu Pai (Mateus 26:29). Jesus antecipava o banquete messiânico no Reino de Deus.

É bem possível que a idéia da festa de bodas do Cordeiro tenha sua origem na velha tradição judaica do banquete messiânico. A imagem é muito singela; não deve interpretar-se literalmente, no sentido de um banquete onde se comerão alimentos materiais e se tomarão bebidas. Diz-nos, simplesmente e de maneira muito bela, que no Reino todos os homens desfrutarão da abundância das riquezas divinas.

Mas esta passagem nos apresenta um fato que chegou a ser de fundamental importância na adoração da Igreja. A reação instintiva de João foi cair de joelhos e adorar o anjo; mas o anjo proíbe que ele faça isso. Nenhum anjo deve ser adorado, porque os anjos não são mais que conservos dos homens. A adoração deve tributar-se a Deus, e somente a Ele. Quando João diz isto, está proibindo o culto aos anjos; esta era uma proibição muito necessária na Igreja primitiva, porque já havia, naquele então, a tendência a oferecer culto aos anjos. E essa tendência nunca desapareceu totalmente. Era, por outro lado, inevitável.

(1) Em certos círculos do judaísmo os anjos tinham um lugar muito importante. Rafael diz a Tobias que ele era o anjo que fazia chegar a Deus suas orações (Tobias 13:12-15).

No *Testamento de Dan* (6:2) o anjo que intercede pelos homens aparece mencionado por nome, e diz-se dele, também, que era o intermediário entre Deus e os homens.

No *Testamento de Levi* (5:5) Miguel é o anjo que intercede por Israel. No quarto século de nossa era, rabino Jehuda ensinava que não se devia orar em aramaico porque os anjos não entendiam esse idioma. A

presença desta tendência entre os judeus vê-se confirmada pelas reiteradas ocasiões em que outros rabinos afirmavam que as orações deviam dirigir-se diretamente a Deus e não aos anjos Miguel ou Gabriel.

Quando os judeus se convertiam ao cristianismo, às vezes traziam consigo sua especial reverência pelos anjos; por essa razão muitos cristãos começaram a pensar que se necessitava de algum intermediário especial para relacionar-se com Deus, que Deus estava muito longe do homem, por ser muito santo, para que pudesse haver uma relação direta entre ambos. Daí que os anjos passassem a ocupar um lugar de proeminência no culto.

(2) Quando um grego ingressava na Igreja, provinha de um mundo no qual a adoração dos anjos era um perigo evidente. Em primeiro lugar, os gregos criam em muitos deuses — Zeus, Hera, Apolo, Afrodite e todos os outros, não seriam em realidade anjos? Não era muito mais fácil conservar os antigos deuses sob a forma de anjos, antes que eliminá-los totalmente? Em segundo lugar, os gregos criam que os deuses não se interessavam diretamente neste mundo e nos homens. O contato dos deuses com este mundo era mediante *daimons*, demônios, os agentes dos deuses para o controle das forças naturais e dos homens. Não era fácil, também, que os *daimons* se convertessem em anjos e lhes fosse prestado culto? A visão do mundo dos gregos, assim como também, por outro lado, a dos judeus, predispunha os cristãos a tributar culto aos anjos.

João afirma, nesta passagem, que os anjos não são mais que servos de Deus; que não devem ser adorados, que somente Deus deve receber nosso culto. Deve rejeitar-se totalmente todo intermediário entre Deus e os homens que não seja Jesus Cristo. É possível que todas essas idéias estivessem inspiradas numa grande reverência para com Deus, num profundo sentido de sua santidade. Mas esta reverência e respeito para com Deus está mal inspirada. É melhor não crer nos anjos que permitir que os anjos usurpem o lugar de Jesus Cristo, quem disse: "Eu sou o Caminho" e é, verdadeiramente, o único caminho para Deus.

O ESPÍRITO DA PROFECIA

Apocalipse 19:10b

O testemunho de Jesus é o espírito da profecia.

Tomamos esta oração separadamente porque é muito importante e, ao mesmo tempo, muito ambígua.

A ambigüidade surge do fato que "o testemunho de Jesus" pode significar duas coisas.

(1) Pode significar o testemunho que os cristãos dão de Jesus Cristo. É neste sentido que o interpreta Swete. Diz: "A possessão do espírito profético, que faz de alguém um verdadeiro profeta, demonstra-se numa vida de testemunho de Jesus, que perpetua seu testemunho do Pai e de si mesmo." O verdadeiro profeta, o homem que verdadeiramente possui o espírito da profecia, é o homem cujas palavras e vida dão testemunho de Jesus, e que portanto transmite e perpetua o testemunho a respeito de Deus que deu Jesus durante seu ministério na Terra.

(2) Mas esta frase pode significar, também, o testemunho que dá Jesus Cristo aos homens. Se tomarmos a frase neste sentido, significará que ninguém pode falar profeticamente aos homens antes de ter ouvido a Jesus Cristo; que a mensagem de todo profeta autêntico é uma mensagem que ele, primeiro, recebeu de Jesus Cristo; ninguém pode dar testemunho aos outros homens antes de ter recebido, primeiro, o testemunho de Jesus Cristo. Tem-se dito com relação a um grande pregador: "Primeiro ouvia a Deus, depois falava com os homens."

É bem possível que João tivesse em mente os dois significados, como era comum nos escritores gregos. Isto significa que não devemos escolher um deles, mas sim ficamos com os dois. Se fizermos isto, poderemos definir o verdadeiro profeta como o homem que recebeu de Cristo a mensagem que traz para os homens, sendo sua vida e suas palavras um testemunho vivo de Jesus Cristo.

O CRISTO CONQUISTADOR

Apocalipse 19:11

Este és um dos momentos mais dramáticos do Apocalipse. João descreve a aparição do Cristo conquistador e triunfante. Há três coisas com relação a Cristo na cena que João viu:

(1) João vê a Cristo como um rei vitorioso, que castiga e aniquila a seus inimigos. É, segundo H. B. Swete, "um comandante real, seguido por uma rutilante companhia". Esta é uma imagem de pano de fundo essencialmente judaica. Os sonhos e fantasias dos judeus estavam cheios das imagens de um Messias vitorioso e conquistador, que conduziria o povo de Deus até a vitória e destruiria totalmente os seus inimigos. Nos Salmos de Salomão, por exemplo, lemos:

> Olha, Senhor, e levanta diante deles o seu rei, o Filho de Davi,
> Nesse tempo que tu sabes, ó Deus, para que reine sobre Israel, seu servo.
> Veste-o com seu poder, para que possa destruir os governantes injustos,
> E para que purifique Jerusalém das nações que a pisoteiam até destruí-la.
> Sábio, justo, que expulse os injustos da herança,
> Que destrua o orgulho do pecador como um copo de olaria,
> Com uma vara de ferro destruirá, despedaçará a sua substância,
> Destruirá as nações ímpias com a palavra de sua boca;
> Quando ele as repreender, as nações fugirão de sua presença,
> Reprovará os pecadores pelos pensamentos de seus corações.
> (*Salmos de Salomão* 17:23-27)

A seguinte é a representação rabínica do Messias: "Quão belo é o rei Messias, que está a ponto de levantar-se no reino do Judá. Ele cingiu seus lombos e sairá à guerra contra aqueles que o aborrecem; reis e príncipes serão exterminados; fará com que os rios se tornem vermelhos pelo sangue dos que ele matará... sua roupa estará empapada com o sangue dos pecadores..."

O cavalo branco simboliza o conquistador, porque era sobre um cavalo branco que os generais romanos desfilavam após suas vitórias.

É conveniente lembrar que o pano de fundo desta imagem é a expectativa judia do futuro, e que pouco tem que ver com a imagem do Cristo humilde e manso que encontramos nos evangelhos.

(2) Seu nome é Fiel e Verdadeiro. Isto, pelo contrário, é válido para todos os tempos.

Cristo é aqui descrito mediante duas palavras.

(a) É *fiel*. A palavra é *pistós*, que significa alguém em quem se pode depositar uma confiança absoluta. Cristo é alguém cuja fidelidade o homem pode lançar sua vida.

(b) É *verdadeiro*. A palavra é *alethinós*. Esta palavra tem dois significados. Significa verdadeiro no sentido de que Cristo é aquele que traz aos homens a verdade, e que nunca há falsidade alguma no que Ele diz. Em Jesus Cristo e em suas palavras encontramos a verdade absoluta. Mas há outra conotação na palavra *alethinós.* Não somente significa "veraz", mas também, genuíno, autêntico, real, em oposição a tudo o que é irreal, falso. Em Jesus Cristo nos encontramos com a realidade. Ao virmos a Ele acabaram-se para nós as sombras e os substitutos, encontramos uma vida verdadeira, real, tal como a vida autenticamente é.

(3) Julga os injustos e guerreia contra eles. Aqui novamente, João encontra suas palavras no testemunho profético do Antigo Testamento, onde se diz com relação ao Rei escolhido por Deus: “Julgará com justiça os pobres” (Isaías 11:4). Na época de João se sabia perfeitamente bem o que era a perversão da justiça. Na Ásia Menor até os tribunais dos procônsules podiam dirigir-se com subornos. A má administração da justiça era universal. As guerras se produziam pela ambição e a tirania, antes que em defesa da justiça. Mas quando vier o Cristo conquistador, seus juízos serão justos e exercerá seu poder com equanimidade.

O NOME QUE NINGUÉM CONHECIA

Apocalipse 19:12

Aqui começa a descrição do Cristo conquistador.

Seus olhos são uma chama de fogo. Já encontramos esta descrição em 1:14 e 2:18. Esta imagem representa o poder consumidor do Cristo vitorioso.

Sobre sua cabeça leva muitas coroas. Neste caso a palavra traduzida "coroa" é, em grego, *diadema*. A *diadema* é a coroa real, enquanto que o *stefanos* é a coroa dos vencedores. Levar várias coroas na cabeça pode nos parecer uma imagem estranha. Mas era relativamente comum nos tempos de João. Os monarcas usavam uma coroa por cada uma das nações que tinham conquistado. Por exemplo, quando Ptolomeu entrou em Antioquia levava postas duas coroas, porque era soberano do Egito (1 Macabeus 11:13) e da Ásia (a mesma citação). O Cristo vencedor é soberano de todos os reinos da Terra, e por isso leva muitas coroas.

Tem um nome que somente Ele conhece. Qual é este nome? Não podemos estar totalmente seguros.

(1) Sugeriu-se que pode ser *kurios*, Senhor. Em Filipenses 2:9-11 lemos que Deus deu a Jesus Cristo um nome que está acima de todo nome, e este nome é, certamente, o de Senhor.

(2) Sugeriu-se que o nome pode ser YHVH. Este era o nome que os judeus davam a Deus. Na escritura hebraica não existem vogais. O leitor deve saber quais são as vogais que correspondem a cada palavra, e pronunciá-las mesmo quando não estejam escritas. Ninguém sabe com exatidão quais eram as vogais do nome de Deus, YHVH. Nós em geral dizemos Jeová, mas esta vocalização em realidade toma emprestadas as vogais da palavra *Adonai*, que significa Senhor, o termo que os judeus empregavam para referir-se a Deus sem pronunciar o seu nome.

O nome de Deus não era pronunciado ao ler, por ser considerado muito sagrado para que pudesse passar pelos lábios de um ser humano. Por isso, quando aparecia num texto se lia "Adonai". As letras YHVH se

chamam "o tetragrama sagrado" ou "as quatro letras sagradas". Muitos eruditos pensam que a pronúncia correta é Iavé, ou Yahveh. É possível que o nome desconhecido seja o verdadeiro nome de Deus, que nenhum homem sabe pronunciar.

(3) É possível que se trate de um nome que somente poderá revelar-se no momento final da união entre Cristo e sua Igreja.

Na *Ascensão de Isaías* temos o dito: "Não poderá suportar seu nome até que não tenha ascendido fora de seu corpo" (9:5). Havia uma tradição entre os judeus segundo a qual ninguém podia conhecer verdadeiramente o nome de Deus enquanto permanecesse na carne.

(4) É possível que tenhamos aqui um vestígio do antigo costume mágico de crer que sabendo o nome de alguém possuímos poder sobre sua pessoa, podendo, deste modo, obrigá-lo a agir segundo a nossa vontade. Em duas histórias do Antigo Testamento, a luta de Jacó em Peniel (Gênesis 32:19) e a aparição de um mensageiro angélico a Gideão (Juízes 13:18), os visitantes divinos se negam a revelar seus nomes. Uma das idéias mais antigas na humanidade era que conhecendo o nome de Deus se possuía poder sobre Ele. O nome de Deus, portanto, devia permanecer sempre no segredo mais absoluto.

(5) É possível que nunca cheguemos a saber qual é o simbolismo deste nome secreto. H. B. Swete concebeu uma idéia muito bela e verdadeira. A idéia é que nenhum ser criado pode conhecer plenamente a Jesus Cristo; que em sua essência e ser mais profundo sempre há algo que, para nós, ficará no âmbito do misterioso, para além de nossa capacidade de compreensão. Podemos conhecer seus atributos, podemos receber seus benefícios, mas sua essência para nós será sempre um mistério. "Em que pese as ajudas dogmáticas que oferece a Igreja, a mente humana não consegue captar totalmente o significado profundo da natureza de Cristo, de sua Pessoa. Sua Pessoa é tal que foge a todo esforço da mente humana por chegar a abrangê-lo. Somente o Filho de Deus pode compreender plenamente o mistério de seu próprio ser."

Este nome desconhecido pode representar, então, o mistério último que encerra a pessoa de Jesus Cristo, o mistério daquele a quem só podemos oferecer nossa adoração.

A PALAVRA DE DEUS EM AÇÃO

Apocalipse 19:13

Aqui temos outras duas imagens do Cristo guerreiro.

(1) Está vestido com uma túnica empapada em sangue. O sangue, neste caso, não é a sua; não é o sangue do Cordeiro, mas sim a de seus inimigos. Tal como R. B. Charles afirma: "É essencial lembrar que o Líder Celestial não é aqui o imolado mas sim o imolador."

Como é seu costume, João aqui toma a sua imagem do Antigo Testamento. Desta vez evoca a terrível descrição de Isaías 63:1-3, onde o profeta imagina a aparência de Deus quando retorna de ter destruído ao Edom. A imagem do Cristo guerreiro e triunfador é horrenda: Está empapado no sangue dos que matou. Mais uma vez devemos notar que a imagem é muito mais claramente judia que cristã. Este é o Messias aguardado pela apocalíptica judia e não o que Jesus quis ser.

(2) Seu nome é Palavra de Deus. Não se trata aqui da mesma idéia que no primeiro capítulo do Quarto Evangelho. A idéia de "Palavra de Deus", neste caso, é puramente judia. Para o judeu comum a Palavra não era um mero som. A Palavra fazia coisas.

Segundo o doutor John Paterson em seu livro *The Book that is Alive* (O livro vivo): "A Palavra falada, em hebraico, era temível. Não se tratava de um som lançado sem propósito definido pelos lábios de alguma pessoa descuidada. Era uma unidade de energia carregada de poder. E esse poder podia ser para o bem ou para o mal." Podemos vê-lo, por exemplo, na antiga história de como Jacó conseguiu roubar a seu irmão Esaú a bênção de Isaque (Gênesis 27). A bênção não podia ser retirada uma vez que tinha sido pronunciado; a palavra proferida permanecia e agia por seu próprio poder e energia.

Se pode ser assim com relação às palavras humanas, quanto mais não será com a Palavra divina. É mediante sua palavra que Deus cria os céus e a Terra. "Deus disse" é o *leitmotiv* no relato da criação (Gênesis 1:3,6,9,14,26). A palavra de Deus, diz Jeremias, é como o martelo capaz de quebrar em pedaços uma pedra (Jeremias 23:29).

Em *Sabedoria de Salomão* há uma descrição das pragas do Egito, e em particular da praga da matança dos primogênitos egípcios. Nessa descrição a ordem de executar a matança é cumprida pela Palavra de Deus (Sabedoria de Salomão 18:15-16). A idéia também aparece em Hebreus 4:12: “A palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes.”

Quando João chama o Cristo guerreiro como "Palavra de Deus" quer dizer que nEle temos todo o poder da Palavra de Deus desdobrada na ação criadora e destruidora, a palavra de misericórdia e a palavra de juízo. Tudo o que Deus disse, prometido ou ameaçado, encarna-se em Cristo. Nele se cumpre toda Palavra de Deus.

A IRA VINGADORA

Apocalipse 19:14-16

Aqui temos mais detalhes da descrição do Cristo guerreiro.

Leva consigo os exércitos celestiais. Esta imagem pode comparar-se com o relato da atitude de Jesus quando foi detido, e disse que se tivesse pedido, doze legiões de anjos teria vindo para defendê-lo (Mateus 26:53). Os exércitos celestiais são as hostes de anjos.

De sua boca sai uma espada de dois gumes. Esta imagem já a vimos em 1:16. Há duas passagens do Antigo Testamento que encontram seu eco nesta imagem, Isaías 11:4 e Salmo 2:9. João aqui recolhe todas as coisas terríveis que se dizem no Antigo Testamento com relação ao Messias conquistador e guerreiro e as atribui ao Cristo ressuscitado. Mais uma vez lembremos que estas imagens respondem à mentalidade judia.

O Cristo guerreiro pisará no lagar do vinho da ira de Deus. Um lagar consistia de dois tonéis esculpidos na pedra. No tonel superior se colocavam as uvas, que eram pisoteadas. O suco que saía delas caía por um canal, também esculpido na pedra, que dava ao segundo tonel, num nível inferior. O Cristo guerreiro está pisando nas uvas para produzir o vinho da ira de Deus, que os inimigos do Altíssimo beberão para sua condenação.

A parte mais difícil desta passagem está no significado simbólico da inscrição "Rei dos reis e Senhor dos senhores". Sugeriu-se que este título estava bordado em sua vestimenta e inscrito no punho de sua espada. Sugeriu-se, também, que o título estava bordado na orla de sua capa de general, porque esse era o lugar onde seria mais fácil lê-lo ao montar a cavalo. Também havia o costume de gravar os títulos dos personagens que se representavam mediante estatua sobre a coxa, e neste caso o nome estaria esculpido, ou tatuado, sobre a coxa descoberta. É muito difícil decidir qual é a referência exata. De toda maneira, o que diz literalmente é que o título estava escrito de maneira que todos pudessem lê-lo, e portanto a interpretação mais provável é que estivesse escrito, de algum modo, no bordo de sua túnica ou capa. De toda maneira, este título o assinala e destaca como o maior de todos os senhores e de todos os governantes, o único verdadeiramente divino, o Rei do Universo.

A CONDENAÇÃO DOS INIMIGOS DE DEUS

Apocalipse 19:17-21

A imagem que João nos apresenta aqui é, novamente, obscura e terrível. Ali onde estão reunidos os abutres deve haver, certamente, cadáveres (Mateus 24:28). No Apocalipse se lança um convite a todas as aves de rapina da Terra para que devam desfrutar de um banquete macabro com a carne dos que foram justiçados. Convém lembrar que aqui também a imagem provém diretamente do Antigo Testamento. Encontramo-la na descrição que faz Ezequiel das forças de Gogue e

Magogue (Ezequiel 39:17-20). A descrição está muito mais na linha do apocalíptico judeu que do evangelho cristão.

Encontramos o mesmo imaginário que no capítulo 13. A besta é Nero que voltou a viver. O falso profeta representa a organização provincial que administrava e propagava o culto do César. Os que têm a marca da besta são os que renderam culto no santuário de César, havendo-o admitido, deste modo, como sua divindade, os reis da Terra e seus exércitos são as hordas de partos, que Nero dirige contra Roma e contra o mundo.

De maneira que se reúnem todas as forças que são hostis a Deus. Todos são lançados no lago de fogo. Seus partidários são justiçados, para esperar no Sheol o juízo final. O drama cósmico está a ponto de concluir. Ainda não se assinalou qual será o destino de Satanás, mas este detalhe virá em seguida.

Visto que este capítulo é muito importante, podendo-se considerá-lo o documento fundador do milenialismo, será melhor que nos ocupemos dele em sua totalidade, para vê-lo, depois, em detalhe.

Apocalipse 20

O reinado de mil anos de Cristo e dos santos - 20:1-15
A prisão de Satanás - 20:1-3
O privilégio do juízo - 20:4-5
Os privilégios das testemunhas de Cristo - 20:6
A luta final - 20:7-10
O juízo final - 20:11-15
O juízo final - 20:11-15 (cont.)

O REINADO DE MIL ANOS DE CRISTO E DOS SANTOS

Apocalipse 20

Como dizíamos, este capítulo do Apocalipse é o documento fundador do milenialismo. A palavra milênio significa um período de mil

anos. Também é costume a chamar quiliasmo, pela forma de dizer mil em grego *(hilios*). De maneira sumária, digamos que segundo a forma mais comum de milenialismo, antes do fim Jesus Cristo remará sobre todo o mundo durante um período de mil anos; somente depois do milênio se produzirá o fim definitivo, a última batalha contra o mal, a destruição geral dos ímpios, a ressurreição geral, o juízo final e a consumação final de todas as coisas.

Podemos assinalar dois fatos. Em primeiro lugar, esta era uma crença muito comum na Igreja Primitiva. Em segundo lugar, este é o único lugar do Novo Testamento onde é ensinado. A imagem que temos nesta passagem é que, em primeiro lugar, o Diabo será encadeado no abismo, para ficar ali durante mil anos. Então os que foram martirizados por serem cristãos, e os que confessaram o nome de Cristo perante os homens, serão ressuscitados. Mas o resto dos humanos, inclusive dos cristãos, não ressuscitará ainda. Durante mil anos Cristo e seus santos reinarão sobre toda a Terra.

Depois deste milênio o Diabo voltará a ser libertado. Seguirá a última luta entre as forças do bem e as do mal, e a ressurreição geral de todos os homens. O Diabo será derrotado definitivamente e será lançado no lago de fogo. Seus seguidores serão incinerados com fogo que cairá do céu. Os que tiverem os seus nomes escritos no Livro da Vida entrarão na bem-aventurança; os que não tiverem os seus nomes escritos no Livro da Vida, serão arrojados também no lago de fogo.

Já dissemos que esta doutrina não aparece em nenhum outro lugar do Novo Testamento. Qual é sua origem? Era uma doutrina comumente aceita na Igreja Primitiva. Era-o muito mais, entretanto, nos setores do cristianismo que eram de origem judia. Aqui temos nossa chave. A origem desta doutrina não é especificamente cristã, mas sim deve buscar-se em certas crenças judias com relação à era messiânica, que eram correntes entre os judeus em torno do ano 100 de nossa era.

Quais seriam, então, estas crenças?

As crenças judias com relação ao caráter e a forma do Reino Messiânico são uma corrente de idéias que sofreu mudanças constantemente. O fundamento era a fé na vinda do Messias, que estabeleceria seu Reino na Terra. Nesse Reino e nova era a nação judia teria um lugar de supremacia sobre as demais nações. À medida que transcorreu o tempo, entretanto, introduziu-se um novo conceito nesta crença.

No princípio supunha-se que o Reino do Messias seria eterno, que duraria para sempre. O Reino estabelecido por Deus quebrantaria os outros reinos, mas ele mesmo jamais seria quebrantado (Daniel 2:44). Seria um domínio eterno (Daniel 7:14-27). Além disso, nestas concepções primitivas a idéia era que o Reino se estabeleceria nesta Terra.

Mas, a partir do século I a.C. se produziu uma mudança. A mudança teve sua origem num pessimismo cada vez maior com relação às possibilidades deste mundo. Chegou-se a crer que este mundo era tão profunda e incuravelmente mau que o Reino de Deus não poderia nunca vir a ele; deste modo se chegou a pensar que o Messias reinaria neste mundo durante um tempo limitado, e que depois deste reino viria o fim, a consumação final. Por exemplo, no *Apocalipse de Baruque* as forças do mal serão derrotadas, virá e1 Reino do Messias, que durará até que este mundo de corrupção chegue a seu fim (2 Baruque 40:3). Uma das partes do livro de Enoque interpreta a história como uma série de "semanas". Durante sete semanas o mundo será tal como é (são sete semanas, em outras palavras, de história passada). A oitava semana será a semana dos justos, quando a espada estará na mão dos justos e os pecadores serão entregues à sua ira vingadora. Nessa oitava semana se construirá a casa de Deus. Na nona semana o mal é anotado no livro de Deus, para ser destruído totalmente no fim e os justos prosperarão. Na décima semana virá o juízo; então, por fim, se produzirá o tempo eterno da bondade divina (Enoque 93:3-10).

Havia muita discussão entre os rabinos com relação à duração exata do Reino Messiânico. Alguns falavam de 40 anos, mas também havia os que opinavam que duraria 100, 600, 1.000, 2.000 e até 7.000 anos.

Devemos levar em conta especialmente duas opiniões. Em 4 Esdras Deus diz: "Meu Filho, o Messias, será revelado, junto com todos os que estão com ele, e desfrutará com os sobreviventes durante 400 anos. E depois destes anos meu Filho, o Messias, morrerá, e tudo em que há alento humano. Então o mundo será devolvido ao silêncio primitivo durante sete dias, como no primeiro princípio, pois não ficará homem com vida." Depois deste silêncio começa a nova era (4 Esdras 7:28-29).

Esta passagem é a única na qual, além de estabelecer um período limitado para o Reino do Messias se antecipa, além disso, a morte do Messias. O período de 400 anos surge de duas passagens do Antigo Testamento. Em Gênesis 15:13 Deus diz a Abraão que o período da aflição de Israel durará 400 anos. No Salmo 90:15 lemos uma oração na qual o salmista pede que Deus alegre a Israel, segundo os anos em que o afligiu. O período de bem-aventurança, como o período da aflição, seria de 400 anos.

Muito mais comum era sustentar que a duração da história corresponderia com a duração da criação. Afirmava-se que levou 6.000 anos para criar o mundo, pois segundo o salmista mil anos equivalem a um dia para Deus (Salmo 90:4; 2 Pedro 3:8). Cada dia da criação seriam 1.000 anos da Terra. O Messias viria durante o sexto milênio. O sétimo milênio seria seu reinado, e corresponderia ao sábado da criação. É a partir deste cálculo que se atribui uma duração de 1.000 anos ao Reino messiânico.

Ainda que a era messiânica se concebia como um reinado da justiça, as bênçãos que receberiam os crentes eram bênçãos de caráter material. As colheitas seriam muito abundantes e o rendimento das videiras incrivelmente frutífero (2 Baruque 29:5-6). Não haveria mais doenças nem mortes acidentais, as feras seriam amigas dos homens e as mulheres dariam à luz sem dor (2 Baruque 73).

Aqui, então, temos o pano de fundo da idéia do milênio. Os judeus já tinham chegado a pensar no Reino do Messias como uma medida limitada de tempo, que seria o triunfo da justiça e dos justos e uma época de maravilhosas bênçãos materiais e espirituais para os homens.

A partir da passagem do Apocalipse que estamos estudando, a doutrina do milênio chegou a ser muito popular na Igreja, ainda que deva reconhecer-se que nunca a aceitou de maneira universal.

Para Justino Mártir, o milênio era uma parte importante da doutrina cristã ortodoxa, mas reconhecia que havia bons cristãos que não a aceitavam: "Eu e outros cristãos, que somos impecáveis na retidão de nossa profissão de fé, estamos seguros que haverá uma ressurreição dos mortos, e um reino de mil anos em Jerusalém, que será aumentada, embelezada e adornada, conforme anunciam o profeta Ezequiel e o profeta Isaías e outros" (*Diálogo com Tritón*, 80).

Irineu (*Contra as heresias*, 5:32) também sustentava firmemente que haveria um reino de mil anos na Terra. Uma das razões que se invocavam a favor desta crença era que, tendo os mártires sofrido nesta Terra, era justo que desfrutassem nela a bem-aventurança divina. Tertuliano também insistia no Milênio.

Papias, um escritor do segundo século, que recolheu muitos materiais históricos interessantes sobre a Igreja Primitiva e os Evangelhos, afirmava que Jesus tinha ensinado a doutrina do Milênio, e transmite, sustentando que se trata de palavras que haveria dito Jesus, o seguinte dito:

"Virá o dia quando as videiras terão 10.000 brotos, e cada broto terá 10.000 ramos, e cada ramo 10.000 sarmentos, e em cada sarmento crescerão 10.000 cachos, e cada cacho terá 10.000 uvas, e cada uva, quando for triturada, renderá 25 medidas de vinho. E quando qualquer dos santos puser a sua mão sobre um dos cachos para cortá-lo, os outros cachos lhe gritarão: "Eu sou melhor cacho que esse, me recolha a mim, abençoa ao Senhor bebendo meu vinho. Do mesmo modo cada caule de trigo terá 10.000 cabeças, e cada cabeça 10.000 grãos, e cada grão dará 10.000 libras da melhor farinha, brilhante e limpa, e todas as outras frutas,

sementes e pastos, produzirão em proporções similares, e todos os animais, usando estes frutos que a terra produzirá, se tornarão aprazíveis e harmoniosos, e obedecerão ao homem em toda forma de sujeição."

Papias sustenta que estas são palavras de Jesus, mas como pode ver-se em realidade trata-se de uma adaptação das palavras de 2 Baruque às que fizemos referência.

Muitos cristãos, até na época primitiva, não aceitaram a doutrina do milênio como parte da fé ortodoxa. Eusébio, por exemplo, rechaça o testemunho de Papias, dizendo. "Imagino que tais idéias obteve-as por ter lido mal os registros apostólicos, não percebendo que muitas de suas afirmações eram de caráter místico, visto que falavam em imagens. Porque Papias parece ter sido de muito limitada entendedora. (Eusébio, *História Eclesiástica* 3:38)

Uma das coisas que desacreditou a idéia do Milênio foi o fato de que se prestava a interpretações materialistas, segundo as quais a bem-aventurança consistia tanto em bênçãos materiais como espirituais. Eusébio conta de um grande teólogo, cujo nome era Dionísio, que teve que discutir no Egito com um objeto grandemente querido e respeitado por seus fiéis, que ensinava "um milênio de luxo corpóreo nesta Terra" (Eusébio, *História Eclesiástica*, 7:24).

Cerinto, um herege, ensinou que o milênio seria um período de desejos, prazeres e festas de bodas, "onde se daria satisfação ao estômago e às paixões sexuais, comendo, bebendo e casando-se" (Eusébio, *História Eclesiástica*, 3:28).

Jerônimo falou depreciativamente de "esses meios judeus que esperam a descida do céu de uma Jerusalém feita de ouro e pedras preciosas, e um reino futuro de mil anos, no qual todas as nações servirão a Israel" (*Comentário sobre Isaías* 60:1). É evidente que alguns queriam transformar o milênio numa espécie de paraíso muçulmano.

Dois dos maiores pensadores da Igreja reprovaram as associações materialistas do milênio. Orígenes condenou os que esperavam prazeres físicos e abundância material no milênio. Os santos comerão, mas será o

pão da vida; beberão mas será a taça da sabedoria (*Sobre os princípios*, 2.11.2,3). Entretanto, quem desferiu o golpe de morte ao milenialismo foi Agostinho. Numa época ele mesmo tinha sido milenialista, ainda que sua esperança era de bênçãos e riquezas espirituais.

H. B. Swete resume a posição de Agostinho dizendo: "Tinha aprendido a entender o cativeiro de Satanás como o cumprimento da profecia de Jesus sobre o homem forte que submete a outro homem forte, ainda que menos forte que ele (Marcos 3:27; Lucas 11:22); o lapso de mil anos como aquele que transcorreria entre o primeiro Advento e o conflito final; o reino dos santos como o curso total do reinado celestial; o juízo que receberiam como a retenção e a libertação dos pecados dos pecadores; a primeira ressurreição como a participação espiritual na ressurreição de Cristo, que é a porção de todos os crentes" (Agostinho, *A cidade de Deus*, 20:7). Agostinho se negou a interpretar o Milênio em termos cruamente literais e espiritualizou a idéia.

O milenialismo não morreu na Igreja. Há muitos cristãos que ainda crêem firmemente nele. Mas devemos assinalar que nunca foi uma doutrina universalmente aceita por toda a Igreja, e que esta passagem em Apocalipse é a única, em todo o Novo Testamento, onde é mencionado, sendo seu pano de fundo preponderantemente judeu. As interpretações literais do milênio sempre tenderam a cair em excessos materialistas. Não seria injusto dizer que esta doutrina foi descartada pela corrente principal do pensamento cristão, e que seus sustentadores contemporâneos são grupos muitas vezes excêntricos.

A PRISÃO DE SATANÁS

Apocalipse 20:1-3

O abismo era uma vasta caverna subterrânea que estava debaixo da terra, lugar onde os pecadores esperavam o momento do juízo, depois de mortos. Chegava-se a ele por um túnel ou greta da casca terrestre. É esta

a entrada do abismo que o anjo fecha para evitar que o Diabo volte para a terra.

Deve notar-se que é precisamente sua prisão com cadeias neste abismo que os demônios temiam mais que qualquer outra coisa. Na história do endemoninhado gadareno o pedido dos demônios a Jesus é que não lhes ordene abandonar sua vítima e ir ao abismo (Lucas 8:31).

A entrada da greta é selada para que o prisioneiro fique bem assegurado, do mesmo modo como a tumba de Jesus foi selada para assegurar-se de que não pudesse sair dela (Mateus 27:66).

O Demônio ficará no abismo durante mil anos. Até a forma em que se usa a palavra "mil' nas Escrituras constitui uma clara advertência de que não deve ser interpretada de maneira literal. No Salmo 50:10 diz-se que o ganho de mil colinas pertence a Deus; e em Jó 9:3 diz-se que nenhum homem pode responder nem sequer a uma entre mil das perguntas que Deus lhe pode fazer. Evidentemente "mil" usa-se para descrever uma cifra muito alta, uma grande quantidade de vezes ou um lapso longo. Somente esta advertência deveria bastar para que ao interpretar-se esta passagem não sejamos muito literais.

Ao finalizar o período de mil anos o Diabo será posto em liberdade durante um tempo breve. Qual é o simbolismo deste detalhe? Qual é a verdade permanente que encerra?

H. B. Swete sugere que a razão para que o Diabo seja posto novamente em liberdade é a seguinte: Num período de paz e prosperidade, numa época quando, por assim dizer, não há oposição alguma, pode suceder muito facilmente que a pessoa aceite a fé sem pensar muito, como um mero convencionalismo ou coisa que se dá por sentada. A libertação do Diabo significa um novo período de prova para os cristãos, e há momentos da vida quando uma situação de prova é essencial para a preservação da fé.

O PRIVILÉGIO DO JUÍZO

Apocalipse 20:4-5

Esta imagem tende a confirmar a idéia de que no mundo vindouro se inverterão os papéis. Os que pensaram, neste mundo, que eram juízes dos cristãos, se verão então, julgados

Na primeira ressurreição somente se levantarão os que sofreram e morreram pela fé, se nos atermos a esta descrição. A ressurreição geral não terá lugar até o fim do período de mil anos em que Cristo reinará sobre toda a Terra. Os que demonstraram possuir uma lealdade especial para com Cristo são titulares de um privilégio especial.

Os beneficiários deste privilégio pertencem a duas categorias. Em primeiro lugar, todos os que foram martirizados por sua lealdade a Cristo. A palavra que se usa para dizer "foram mortos" é o termo grego que significa ser decapitado com uma tocha. Trata-se da forma mais violenta, cruel e crua de execução. São, então, os que literalmente foram fiéis até a morte. Em segundo lugar, os que não adoraram à besta e não receberam sua marca sobre suas frontes. H. B. Swete crê que se trata, neste caso, de todos os que, embora não tendo sofrido martírio, estiveram submetidos a outras classes de tortura e sofrimento pelo fato de serem crentes, como poderiam ser prisão, reprovação, boicote, perda de bens materiais, dificuldades familiares e em suas relações pessoais por causa de sua fidelidade a Cristo.

Na Igreja antiga, na época das perseguições, empregavam-se dois termos: os mártires e os confessores. Os primeiros eram os foram mortos por sua fé, os segundos os que sofreram toda classe de torturas, menos a morte. Tanto aquele que morre por Cristo como aquele que vive por Ele terá sua recompensa.

Os que foram leais a Cristo receberão o privilégio do juízo. Esta é uma idéia que aparece várias vezes no Novo Testamento. Jesus disse que voltaria para sentar-se no trono de sua glória, e que seus doze apóstolos se sentariam em doze tronos para julgar, conjuntamente com Ele, as doze

tribos de Israel (Mateus 19:28). Paulo lembra aos coríntios que o destino dos crentes é julgar o mundo (1 Coríntios 6:2).

OS PRIVILÉGIOS DAS TESTEMUNHAS DE CRISTO

Apocalipse 20:6

O versículo 6 descreve os privilégios dos cristãos que foram fiéis a Cristo, mesmo quando a lealdade foi extremamente custosa. São três:

(1) Para eles a morte foi definitivamente derrotada. A segunda morte não tem poder sobre eles. A morte não pode machucar os que consagraram a vida a Cristo; sendo uma mesma coisa com Ele, compartilham sua ressurreição e seu triunfo sobre a morte. A morte física já não encerra para eles temor algum, porque não é mais que uma entrada na vida eterna.

(2) Serão sacerdotes de Deus e de Cristo. O termo latino que significa "sacerdote" é *pontifex*, que significa "construtor de pontes". O sacerdote é aquele que constrói uma ponte entre Deus e os homens. Mais ainda: O sacerdote, segundo criam os judeus, é o único homem que tem direito de ter acesso direto à presença de Deus. É uma espécie de correio ou pessoal de conexão entre Deus e os homens. Este grande privilégio dos que se mantiveram fiéis a Cristo é, portanto, duplo. Possuem para si o direito perpétuo de livre ingresso à presença de Deus; e podem desfrutar do privilégio maior de todos, o de levar a Jesus Cristo a outros e apresentar-lhe para que o conheçam.

(3) Reinarão com Cristo. Recebem em suas próprias vidas a realeza de Cristo. Até o homem mais comum é um rei em Cristo.

A LUTA FINAL

Apocalipse 20:7-10

Ao terminarem os mil anos o Demônio será libertado e se apresentará o combate final entre o bem e o mal. Ao ser posto em

liberdade, Satanás não aprendeu a lição. Continua sendo o grande enganador dos homens. Continua com seus planos no ponto onde os deixou antes de sua condenação. Reunirá as nações para atacar a Deus com todas as forças do mal.

O ataque final de todas as nações contra Jerusalém é uma das idéias mais freqüentes do imaginário apocalíptico. Nós o encontramos em Daniel 11 e em Zacarias 14:1-11.

Os Oráculos Sibilinos (3.663-672) contam como todos os reis das nações saem com suas tropas e se reúnem, para serem destruídos pelo poder de Deus.

Mas aqui encontramos uma idéia que se gravou muito fundo na imaginação judia, ainda que não sabemos quais são as razões. Trata-se dos personagens Gogue e Magogue. Encontramo-los pela primeira vez em Ezequiel 38 e 39. Ali, Gogue, da terra do Magogue, o principal dos príncipes de Meseque e de Tubal, há de lançar um terrível ataque contra Israel e será derrotado. É possível que esta seja uma referência aos citas, uma nação invasora e guerreira que todos os homens temiam.

Com o correr do tempo Gogue e Magogue passaram a simbolizar, no pensamento judeu, tudo o que está contra Deus. Os rabinos ensinavam que Gogue e Magogue reuniriam suas forças para atacar Jerusalém, mas que cairiam pela mão do Messias. A tradição rabínica antecipa uma conversação entre Gogue, Magogue, e o Messias. O Messias lhes pergunta por que vieram, e eles lhe respondem "viemos para lutar contra o Senhor e seu Ungido". Quando João introduz em seu relato a Gogue e Magogue quer simbolizar tudo o que representa no mundo a oposição violenta a Deus que será, em que pese sua bravura e poder, totalmente aniquilada.

Os exércitos hostis, sob a liderança do Diabo, vêm até o acampamento do Povo de Deus e a cidade amada, Jerusalém; os exércitos inimigos são consumidos diretamente pelo fogo que desce do céu. O Diabo é lançado ao lago de lava e enxofre, para compartilhar ali

a sorte que já tinham sofrido a besta e o falso profeta. O triunfo de Deus é completo.

O JUÍZO FINAL

Apocalipse 20:11-15

E agora vem o juízo final. Deus, o Juiz, está em seu grande trono branco. O trono branco simboliza a intocável pureza de Deus.

É possível que alguns encontrem um problema aqui. A concepção de quase todo o Novo Testamento é que Jesus desempenha o papel de juiz. Em João 5:22 o próprio Jesus diz que o Pai não julga os homens, mas sim encomenda o juízo a seu Filho. Na Parábola sobre o juízo em Mateus 25:31-48 Jesus separa os bodes das ovelhas. No discurso de Paulo em Atenas, este afirma que Deus preparou um dia quando julgará os homens mediante Jesus (Atos 17:31). Em 2 Timóteo 4:1 Jesus está por vir para julgar aos vivos e aos mortos.

Há duas respostas a esta aparente dificuldade.

Em primeiro lugar, a unidade do Pai e o Filho é tão estreita que não há problema algum se certas ações se atribuírem a um ou a outro dos dois. Paulo faz o mesmo. Em Romanos 14:10 diz-se que os homens comparecerão diante do trono do juízo de Deus. Mas em 2 Coríntios 5:10 escreve que todos estaremos diante do trono do juízo de Cristo. Ambas as afirmações significam a mesma coisa. O Pai e o Filho são até tal ponto uma mesma coisa que pode dizer-se de um o que se afirma com relação ao outro.

Em segundo lugar, uma das razões que podem fazer com que o juiz, no Apocalipse de João, seja Deus, é seu pano de fundo judeu; para um judeu nada poderia diminuir a majestosa solidão do Onipotente sentado em seu trono como Juiz dos homens. Para o judeu, mesmo depois de converter-se ao cristianismo, Deus está sozinho e nada se equipara; a única coisa normal, nesse caso, é que o Juiz Supremo seja Deus em pessoa.

Tal como temos a história em João, o juízo começa com o desaparecimento deste mundo. A Terra e o céu se evaporam diante da presença de Deus. João está pensando em termos de imagens que aparecem no Antigo Testamento. Deus põe os alicerces da Terra, e os céus são obra de sua mão. Entretanto, a Terra e o céu perecerão, envelhecerão como a roupa, e Deus terá que mudá-los (Salmo 102:25-27). Eles se desvanecerão como se fossem fumaça (Isaías 51:6). Passarão (Marcos 13:31). Tudo se derreterá (1 Pedro 3:10). A nova humanidade terá como entorno um mundo recriado; o novo homem em Cristo terá um novo mundo em Cristo e estará colocado na ordem que Deus deseja.

O JUÍZO FINAL

Apocalipse 20:11-15 (continuação)

A seguir se descreve o juízo da humanidade.

É o juízo tanto dos grandes como dos pequenos. A vítima está junto ao procônsul, diante do trono de Deus; ninguém é tão pouco importante como para não receber, a justiça que lhe corresponde. O tribunal divino é o grande nivelador dos homens.

Aqui se mencionam dois tipos de livros. Primeiro vem o livro que contém as ações dos homens. Esta é uma idéia que aparece várias vezes nas Escrituras (Daniel 7:10, veja-se Enoque 90:20; 2 Baruque 24:1; 4 Esdras 6:20).

A concepção é bem simples. Há no céu um livro onde se registram todas as ações dos homens. Deus é aquele que se ocupa de levar esse livro. O simbolismo significa que no curso de nossa vida estamos escrevendo a história de nosso triunfo ou fracasso aos olhos de Deus, a história de nosso destino, uma espécie de prontuário e inquérito que nos provocará honra ou vergonha o dia do Juízo. Não é tanto Deus quem nos julga e sim nós mesmos, pela maneira em que tenhamos escolhido viver nossas vidas.

O segundo livro é o Livro da Vida. O Livro da Vida também aparece nas Escrituras. Nele estão escritos os nomes dos justos. Veja-se Êxodo 32:32; Salmo 69:28; Isaías 4:3; Filipenses 4:3 e em Apocalipse 3:5 e 13:8. Todo governante, na antigüidade, tinha um livro onde escrevia os nomes de todos os cidadãos fiéis de seu reino. O nome era apagado, é obvio, quando a pessoa morria. Os que têm seus nomes escritos no Livro da Vida são os cidadãos ativos e fiéis do Reino de Deus.

No momento do juízo afirma-se que o mar devolverá os seus mortos. A idéia nesta afirmação é dupla. Em primeiro lugar, no mundo antigo se dava muita importância ao enterro dos cadáveres. O pior que podia suceder a qualquer pessoa era que seu corpo não fosse corretamente enterrado depois de morto. Se alguém não era sepultado, seu espírito se convertia numa espécie de fantasma perambulante, sem lugar na Terra ou no céu. É obvio que os que morriam no mar não podiam ser enterrados. João quer dizer que até os que não puderam ser enterrados aparecerão perante o trono do juízo divino.

Em segundo lugar, H. B. Swete faz uma interpretação em termos mais gerais: "Os acidentes da morte não impedirão a ninguém de comparecer diante de seu Juiz." Ninguém perderá seu prêmio ou escapará a seu castigo por ter morrido de uma maneira ou de outra, porque a totalidade do universo, terra mar, estão nas mãos de Deus.

Por último, a Morte e o Hades são lançados no lago de fogo. Tal como lemos em H. B. Swete, esses monstros vorazes que tragaram a tantos seres humanos, serão finalmente tragados eles mesmos. Os homens cujos nomes não estão inscritos no Livro da Vida serão lançados no lago de fogo, junto com o Diabo, seu mestre. Mas para aqueles que figuram no registro dos fiéis filhos de Deus, a morte será vencida para sempre jamais, já não existe.

Apocalipse 21

A nova criação - 21:1
A Nova Jerusalém - 21:2
A Nova Jerusalém - 21:2 (cont.)
Comunhão com Deus - 21:3-4
Comunhão com Deus - 21:3-4 (cont.)
Todas as coisas novas - 21:5-6
A glória e a vergonha - 21:7-8
A cidade de Deus - 21:9-27
O emissário da visão - 21:9-10
A luz da cidade - 21:11
A muralha e as portas da cidade - 21:12
As portas da cidade - 21:13
A medição da cidade - 21:15-17
As pedras preciosas da cidade - 21:18-21
A presença de Deus - 21:22-23
A terra inteira é de Deus - 21:24-27
Aceitação e rejeição - 21:24-27 (cont.)

A NOVA CRIAÇÃO

Apocalipse 21:1

João viu a visão da ruína e castigo dos ímpios. Agora lhe corresponde ser testemunha da bem-aventurança dos salvos.

O sonho de um novo céu e uma nova Terra tem fundas raízes na mentalidade hebraica. Nós a encontramos nos profetas (Isaías 65:17; em Isaías 66:22 se descreve uma vida de permanente louvor e adoração de Deus numa nova Terra e em novos céus, que serão obra de Deus). Aparece também, com força, nos pensadores intertestamentários. Segundo a promessa de Deus a Enoque: "Transformarei o céu e o converterei numa eterna bênção e luz" (Enoque 45:4). A nova criação será eterna (Enoque 72:1). O primeiro céu passará e aparecerá o novo: a

luz do novo céu será sete vezes mais forte que no primeiro (Enoque 91:16). O Todo-poderoso destruirá este mundo para recriá-lo de novo (2 Baruque 32:6). Deus renovará sua criação (4 Esdras 7:75).

A imagem podemos encontrar em diversos lugares. Os elementos que a compõem são similares. A tristeza será esquecida; os pecados se desvanecerão; não haverá mais trevas; a temporalidade se transformará em eternidade. Esta crença dá testemunho de três coisas. Dá testemunho dos anelos eternos que aninham no coração do homem. Por mais que o homem tenha neste mundo, sempre quererá ter mais. Também dá testemunho da intensa noção do próprio pecado que o homem possui. Instintivamente, sabe que precisa ser mudado, que sua vida tal como a vive não pode ser tudo o que Deus quis para ele ao criá-lo, que necessita desesperadamente o que só pode conceber-se em termos de uma nova criação. E dá testemunho da fé do homem em Deus. Os homens que sonharam com um novo mundo criam que Deus não deixaria este mundo em seu estado de corrupção e pecado; criam que, havendo-o criado, também o recriaria, mesmo quando por culpa do homem a dor, o sofrimento, a morte e o pecado corromperam sua primeira criação.

Nesta visão da bem-aventurança futura temos uma das expressões mais famosas do Apocalipse: “E o mar já não existe”. Esta idéia possui um pano de fundo duplo.

(1) Apóia-se nas grandes idéias mitológicas que eram comuns na época de João e que compartilhavam a maioria dos povos do Oriente. Já vimos que na história babilônica das origens, a criação é uma longa luta entre Marduk, o Deus da ordem e da criação, e Tiamat, o antigo dragão do caos. O mar é sempre o inimigo de Marduk. Os egípcios viam no mar um poder capaz de tragar as águas do Nilo, deixando as terras de cultivo seca e estéreis por falta de água para regar. Em todos os mitos e lendas antigas o mar é sempre um inimigo do homem, hostil e perigoso, o lugar onde se guarneciam as forças do caos e da destruição.

(2) Mas também tem um pano de fundo muito mais humano. Os povos antigos odiavam o mar. Na época de João já se viajou por quase

todos os mares conhecidos. Mas os povos antigos temiam e odiavam o mar. Não possuíam a bússola e, portanto, na medida do possível se limitavam a navegar margeando a costa, evitando internar-se no alto mar. É só na época moderna que encontramos povos com uma definida vocação blusa de marinheiro.

Matthew Arnold falou em certa ocasião do "estranho, salobro mar". O Dr. Johnson disse que ninguém, tendo a oportunidade de escolher entre o cárcere e o mar, escolheria o segundo.

Há uma velha história de um marinheiro que cansado de pelejar contra as vicissitudes de sua profissão, decidiu internar-se em terra firme, levando no ombro um remo. Caminhou e caminhou até chegar a um lugar onde, por ser desconhecido o mar ao povo, intrigados lhe perguntaram o que era esse instrumento que levava sobre o ombro. E foi nesse lugar que decidiu ficar.

Os *Oráculos Sibilinos* dizem que nos últimos tempos o mar se secará (5.447). A *Ascensão de Moisés* diz que o mar voltará para o abismo (10:6). Nos sonhos dos judeus o fim do mar é o fim de um poder e força hostil a Deus e aos homens.

A NOVA JERUSALÉM

Apocalipse 21:2

Aqui encontramos outro sonho dos judeus, que nunca morreu totalmente e até em nossos dias está vivo em seus corações: o da restauração e recriação de Jerusalém, a cidade santa. Este sonho possui, também, um duplo pano de fundo.

(1) Tem, por um lado, um pano de fundo essencialmente grego. Uma das grandes contribuições gregas ao mundo das idéias filosóficas foi a doutrina platônica das formas. Platão sustentava que num mundo invisível existiam as formas perfeitas ou idéias de tudo o que há na Terra; todas as coisas que há na Terra seriam, nesse caso, nada mais que cópias ou sombras dessas realidades celestiais. Esse mundo invisível

seria o que poderíamos chamar um mundo ideal, no qual tudo existe em sua forma perfeita. Se se levar a sério esta doutrina, existiria uma Jerusalém celestial, perfeita, ideal, da qual a Jerusalém terrestre não é mais que uma cópia imperfeita. É nisso que pensa Paulo quando fala da "Jerusalém lá de cima" (Gálatas 4:26), e é isso o que tem em mente o autor de Hebreus quando fala da Jerusalém celestial (Hebreus 12:22).

Este modo de pensamento deixou sua marca sobre os sonhos e visões dos judeus com relação à era messiânica, no período intertestamentário. Lemos que na era messiânica aparecerá na Terra, de maneira visível, a Jerusalém invisível (4 Esdras 7:26). O autor de 4 Esdras recebeu uma visão dessa Jerusalém perfeita e ideal, na medida em que os olhos humanos podem contemplar a glória das realidades celestiais (4 Esdras 10:44-59). Em 2 Baruque diz que Deus fez a Jerusalém celestial entes de fazer o Paraíso, e que Adão a viu antes de pecar; também a viram em visões Abraão e Moisés, no Monte Sinai; está, agora, na presença de Deus (2 Baruque 4:2-6).

Quando João fala da Jerusalém celestial que desce do céu, está usando idéias que são perfeitamente conhecidas por todos os que, em sua época, criam na realidade de um mundo invisível onde todas as coisas existiam em formas perfeitas e ideais.

Esta concepção de idéias preexistentes ou de formas perfeitas e celestiais poderá nos parecer muito difícil. Mas devemos reconhecer que por trás desta concepção há uma grande verdade, a verdade de que o ideal é real. O ideal existe na realidade. Nossos sonhos têm uma existência real. Também implica que o ideal está nas mãos de Deus, e que é seu dom; que Deus é a fonte de todos os grandes ideais, pois estes provêm dEle. O ideal poderá não ser alcançado jamais, mas, porque é real, não constitui uma frustração, mas sim um constante desafio que se não se puder conquistar-se neste mundo poderá, de algum modo, ser obtido num mundo futuro.

A NOVA JERUSALÉM

Apocalipse 21:2 (continuação)

(2) O segundo pano de fundo da concepção de uma nova Jerusalém é completamente judia. O sonho de uma nova Jerusalém esteve e ainda está no simples coração da fé judia. Na oração que se faz na sinagoga, o judeu contemporâneo segue pedindo a Deus.

> E retorna à tua cidade, Jerusalém, com compaixão, e mora nela, como prometeste; reconstrói-a com urgência em nossos dias, que sua estrutura seja imperecível; e estabelece nela com urgência o trono de Davi. Bendito sejas, Senhor, construtor de Jerusalém.

Quando lemos a visão que João teve da Nova Jerusalém descobrimos que, em realidade, repete, usa e aumenta muitos dos sonhos com relação à Nova Jerusalém que tiveram os profetas de Israel. Se lemos cuidadosamente passagens como Isaías 60:11-22, Ageu 2;7-9 ou Ezequiel 40 a 48 (especialmente 48:31-35), perceberemos claramente até que ponto o Antigo Testamento tem um eco bem claro e definido no Apocalipse de João.

O tema aparece reiteradas vezes, também, na literatura que se escreveu no período entre os dois Testamentos. Veja-se Oráculos Sibilinos 5:420-427:

> A cidade que Deus ama, ele a fez mais radiante que as estrelas e o sol e a lua; e a estabeleceu como jóia do mundo, e fez um Templo maravilhosamente glorioso em seu Santuário, de enormes dimensões, com uma elevadíssima torre que chegava a tocar as nuvens, visível a todos os homens, de tal maneira que todos os fiéis e justos do Senhor pudessem ver a glória do Deus invisível, visão de deleite.

Ou também Tobias 13:16-18 [BJ]:

As portas de Jerusalém serão construídas
com safiras e esmeraldas,
e todas as tuas muralhas, com pedras preciosas;
as torres de Jerusalém serão construídas com ouro,
e com ouro puro as suas fortificações.
As praças de Jerusalém serão calçadas
com rubis e pedras de Ofir;
as portas de Jerusalém
entoarão cânticos de alegria;
e todas as suas casas cantarão: Aleluia!

É fácil dar-se conta que o sonho de uma nova Jerusalém é um sonho constante; e é fácil também perceber que João reuniu, com amor, os detalhes mais belos de todas as visões anteriores a ele: as pedras preciosas, os edifícios e muros de ouro puro, as portas sempre abertas, a luz de Deus que torna desnecessário o Sol ou a Lua, a vinda das nações com seus dons. Todas estas são visões que outros viram antes dele, e ele as reúne em sua belíssima descrição da Nova Jerusalém.

Nisto temos um claro testemunho de fé. Mesmo quando Jerusalém tinha sido ocupada e destruída por completo, os judeus nunca perderam a fé em que Deus a reconstruiria, muito mais bela que antes. É verdade que expressaram suas esperanças em termos materialistas, falando de ouro, pedras preciosas, prosperidade e abundância. Mas estes não são mais que símbolos da verdade espiritual que respalda a fé desses homens: que a bem-aventurança espera, segura, a todos os que são fiéis a Deus.

COMUNHÃO COM DEUS

Apocalipse 21:3-4

Aqui temos a promessa da comunhão com Deus, à qual são acrescentadas todas os seus preciosos resultados. A voz é de um dos anjos da Presença.

Deus construirá o seu tabernáculo com os homens. A palavra tabernáculo (em grego *skene*) significava originalmente tenda ou carpa Mas no pensamento teológico judeu este termo tinha chegado a perder por completo sua conotação de moradia provisória ou desmontável. Há duas idéias principais que merecem ser sublinhadas.

(1) Trata-se do Tabernáculo que os judeus levantavam no deserto enquanto viajavam à terra prometida. Este tabernáculo era, é obvio, uma tenda ou carpa. O tabernáculo era o lugar da presença de Deus no meio de seu povo. Aqui, então, nos é dito que Deus fez-se presente no meio dos homens para sempre jamais. Neste mundo, e em meio das experiências que nos traz a vida cotidiana, a presença de Deus conosco é espasmódica, transitiva, difícil de conseguir. Está, por assim dizer, submetida aos vaivéns tanto de nossa própria espiritualidade como das condições que cria a realidade que nos rodeia. Mas no céu a presença de Deus será permanente.

(2) Há duas palavras que não têm nada a ver uma com a outra quanto a seu significado ou origem, mas que soam de maneira bastante parecida segundo suas respectivas pronúncias. No pensamento cristão primitivo estas duas palavras estiveram intimamente relacionadas. Uma dessas palavras era *skene*, que significava tenda, carpa ou, diretamente, o Tabernáculo. A outra era o termo hebraico *shequiná*, que significa "glória". Pela semelhança nos sons, nenhum judeu ou cristão poderia deixar de pensar na glória de Deus quando se falava do tabernáculo. Dizer que Deus fará o seu Tabernáculo com os homens, portanto, equivalia a dizer que a glória de Deus morará entre os homens. Nos tempos antigos a *shekiná* era uma espécie de nuvem luminosa que vinha e ia embora. Lemos, por exemplo, que essa nuvem apareceu quando Salomão dedicou o Templo de Jerusalém (1 Reis 8:10-11). No tempo vindouro a glória de Deus não será uma nuvem transitiva e misteriosa, mas sim uma presença real e visível de Deus no meio dos homens, que virá para ficar e não desaparecer jamais.

COMUNHÃO COM DEUS

Apocalipse 21:3-4 (continuação)

A promessa de Deus a Israel é que será seu povo e Ele seu Deus. Esta promessa tem ecos em todo o Antigo Testamento: Levítico 26:11-12; Jeremias 31:33; Ezequiel 37:12. A mais elevada expressão desta promessa a encontramos nas místicas palavras de Cantares (6:3), quando se descreve uma relação na qual verdadeiramente Deus e o crente possam dizer: "Eu sou de meu amado, e meu amado é meu."

Esta comunhão com Deus, na idade dourada, vai acompanhada de certas coisas. Desaparecerão as lágrimas, a dor e o pranto. Este também foi um dos sonhos dos profetas de Israel: Isaías 35:10; 65:19. Também desaparecerá a morte. Os profetas anteciparam, do mesmo modo, esta maravilhosa realidade: Isaías 25:8.

Trata-se, então, de uma promessa para o futuro. Não chegamos ainda a essa era quando desaparecerá toda dor, quando não haverá lágrimas e quando a morte não terá mais poder. Mas até neste mundo é verdade que os que choram são bem-aventurados, porque encontram consolação, e que a morte é tragada na vitória de Cristo para todos os que o conhecem e compartilham sua comunhão, a comunhão com seus sofrimentos e o poder de sua ressurreição (Mateus 5:4; Filipenses 3:10).

TODAS AS COISAS NOVAS

Apocalipse 21:5-6

Aqui, pela primeira vez no Apocalipse, fala Deus em pessoa. Deus é o Deus capaz de fazer novas todas as coisas. Estamos na atmosfera das visões dos antigos profetas de Israel: Isaías 43:18-19. Segundo o testemunho do apóstolo Paulo, se alguém estiver em Cristo "nova criatura é" (2 Coríntios 5:17). Deus é o Deus que pode tomar um homem e recriá-lo, que pode tomar a vida e fazê-la de novo e que, segundo a visão de João, um dia tomará o mundo inteiro e voltará a criá-lo, novo,

para que nele vivam os santos cujas vidas são novas pela obra de sua atividade renovadora.

Não é Deus mas o Anjo da Presença quem ordena a João que escreva. Estas palavras devem ser recolhidas e registradas. São palavras verdadeiras e nelas pode pôr-se toda a confiança . Tal como afirma H. B. Swete: "São palavras tão verdadeiras como tremendas."

“Eu sou o Alfa e o Ômega”, diz Deus a João, “o princípio e o fim”. Já encontramos esta mesma expressão aplicada ao Cristo ressuscitado em Apocalipse 1:8. João aqui volta a ouvir a mesma voz que ouviram os profetas antigos de Israel. "Eu sou o primeiro e o último..." (Isaías 44:6). Alfa é a primeira letra do alfabeto grego, e ômega a última. Mas João amplia o significado desta expressão. Deus é "o princípio e o fim".

A palavra que traduzimos "princípio" é *arché* e não significa simplesmente primeiro no tempo, algo que ocupa o primeiro lugar numa série. Significa primeiro no sentido de fonte ou origem de todas as coisas. Significa que Deus é a fonte ou origem de onde todas as coisas extraem seu ser; significa que todas as coisas têm seu nascimento, seu princípio, sua criação, seu chegar a ser em Deus e por Deus. A palavra que traduzimos "fim" é *telos,* e não significa simplesmente fim no tempo, a última das coisas que se enumeram numa série. *Telos* significa meta, consumação, propósito final, aquilo no qual todas as coisas chegam a realizar plenamente seu propósito ou se consumam. João diz que toda a vida começa com Deus e termina com Deus. O homem vem de Deus e vai para Deus. Paulo expressou o mesmo, talvez num tom mais filosófico, quando disse: “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas” (Romanos 11:36) e quando falou de “Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos” (Efésios 4:6). Para todos os homens Deus é a fonte do ser, de onde todos começam, e a meta final rumo à qual todos vão inevitavelmente

Séria impossível dizer algo mais magnífico com relação a Deus. À primeira vista esta afirmação pareceria levar a Deus até uma distância e transcendência tal que para Ele nós não seriamos mais que como moscas

no vidro de uma janela. Mas o que lemos imediatamente a seguir? “Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida”. Toda a grandeza de Deus dá-se e usa em benefício do homem. “Deus amou o mundo de tal maneira que deu...” (João 3:16).

O esplendor de Deus usa-se para satisfazer a sede da alma ofegante. Deus usa sua grandeza para dar e o dom mediante o qual satisfaz o anelo do coração humano não é outro, nem menor, que Ele mesmo em pessoa.

A GLÓRIA E A VERGONHA

Apocalipse 21:7-8

A bem-aventurança não é para todos; a bem-aventurança é somente para o vencedor, para aquele que continua sendo fiel quando tudo busca separá-lo de sua lealdade, para aquele que se mantém puro quando tudo tenta sujá-lo.

Para o homem que seja capaz de agir deste modo, está reservada a maior de todas as promessas: "Eu serei seu Deus e ele será meu filho." Esta promessa, em termos muito similares foi feita a três personagens do Antigo Testamento. Em primeiro lugar, recebeu-a Abraão: “Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações ... para ser o teu Deus...” (Gênesis 17:7). Em segundo lugar, recebeu-a aquele que herdaria o trono de Davi: “Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho” (2 Samuel 7:14). Em terceiro lugar, recebe-a o personagem a quem se refere-se um salmo que a maioria dos eruditos interpretam como messiânico: “Fá-lo-ei, por isso, meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra” (Salmo 89:27).

Em tudo isto encontramos algo tremendo. A promessa de Deus aqui está dirigida a todos os que triunfarem na prova, a todos os que nas boas ou nas más continuem sendo fiéis a Ele e à bondade. É a mesma promessa que recebeu Abraão, o fundador da nação hebréia; Davi para seu filho, Salomão, sendo Davi o homem que teve um coração perfeito

aos olhos de Deus, e o Messias. Não há honras maiores no universo que os honras que Deus rende aos que se mantêm fiéis ao seu amor.

Mas também figuram os condenados.

Os **covardes** são os que preferiram o conforto e a segurança em lugar da fidelidade a Cristo, e que no dia da prova tiveram medo ou vergonha de mostrar a quem pertenciam e a quem serviam.

Os **incrédulos** são os que deixaram de aceitar o evangelho, os que em suas vidas demonstram que de verdade nunca foram capazes de crer.

Os **abomináveis** são os que permitiram que as abominações do mundo os contaminem além de toda possibilidade de limpeza. João escrevia em Éfeso. O filósofo mais famoso que Éfeso produziu foi Heráclito. Era conhecido como o filósofo chorão, porque segundo sua própria palavra, não poderia deixar de chorar todo o tempo pelo envilecimento do ser humano que se podia ver em Éfeso. Os abomináveis são os que deixaram que a maldade do mundo os envileça, manche-os, contamine-os, infecte-os e, finalmente, tinja-os totalmente, havendo-os impregnado e saturado totalmente.

Os **homicidas** podem muito bem ser aqueles que nas perseguições mataram a cristãos.

Os **fornicários** são os que viveram vidas imorais. O mundo antigo era imoral. E até tal ponto era imoral que Paulo observa que se alguém deseja evitar o contato com a fornicação deve retirar-se totalmente do mundo (1 Coríntios 5:10). É possível que o mundo seja lasso em suas normas de moral; o cristão jamais poderia sê-lo. Éfeso estava cheio de feiticeiros. A magia, a astrologia, os encantamentos formavam parte de todas as esferas da vida no mundo antigo. Atos 19:19 conta como, ao ouvir a pregação de Cristo, os magos e feiticeiros queimaram seus livros.

Os **idólatras** eram todos os que adoravam os ídolos e os falsos deuses dos quais estava cheio o mundo antigo.

Os **mentirosos** são os que não têm dito a verdade, os que não foram sinceros, os que agiram com falsidade, tanto em suas palavras como em seus silêncios.

A deslealdade, a imoralidade, a superstição, a adoração de falsos deuses, a insinceridade: estas são as coisas que merecem a condenação por parte de Deus.

A CIDADE DE DEUS

Apocalipse 21:9-27

Será conveniente que leiamos a descrição da Nova Jerusalém em sua totalidade antes de entrar em sua análise detalhada.

O EMISSÁRIO DA VISÃO

Apocalipse 21:9-10

A personalidade do emissário da visão da Jerusalém celestial pode nos produzir surpresa. Trata-se de um dos anjos que sustentavam em suas mãos os copos da ira de Deus; quando nos encontramos pela primeira vez com este mesmo mensageiro divino, era ele quem trazia a visão da destruição de Babilônia, a grande rameira.

É extraordinário que em 17:1 o convite do anjo seja: "Vem, mostrar-te-ei o julgamento da grande meretriz ..."" Mas em 21:9 suas palavras dizem: "Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro." O mesmo anjo traz a mensagem da condenação e a mensagem da bem-aventurança.

Ninguém pode dizer com certeza que coisas representam os diferentes simbolismos que encontramos neste capitulo. Cada intérprete extrairá diferentes verdades. João deve ter significado algo especial ao fazer com que o mesmo anjo seja emissário de mensagens tão díspares. Quis dizer que os mensageiros angélicos se dirigem a cumprir as ordens de Deus, quaisquer que sejam sua tarefas? Se forem encarregados de transmitir uma mensagem de condenação, eles a transmitem sem questionamentos. Se forem encarregados de uma promessa de bem-aventurança, também cumprem sua responsabilidade, com idêntica e

perfeita obediência. É possível que João aqui nos queira demonstrar que o servo de Deus não escolhe sua tarefa, e que deve fazer com obediência e boa disposição tudo o que Deus lhe ordenar. Deve falar com clareza e coragem, seja qual for a mensagem que se lhe encarregou transmitir

O anjo — diz João — o levou em Espírito a uma grande e elevada montanha. É deste modo, também, que Ezequiel descreve sua experiência (Ezequiel 40:2). H. B. Swete assinala que seria errôneo interpretar esta imagem de maneira literal; a ascensão representa a elevação do espírito humano até esse nível no qual é capaz de ver as visões e ouvir as palavras que Deus quer lhe revelar.

A LUZ DA CIDADE

Apocalipse 21:11

Aqui temos uma dificuldade de tradução. A palavra grega que se usa para dizer "luz" é *foster*. A palavra que em geral significa "luz" em grego é *fos*. *Foster* designa as luzes do céu, o Sol, a Lua e as estrelas. Aparece, por exemplo, na história da Criação (Gênesis 1:14). Significa que a fonte da luz que iluminava a cidade santa era algo assim como uma pedra preciosa? Ou significa que a luminosidade que envolvia a Nova Jerusalém era como as radiações do jaspe, que era uma pedra cristalina de cor verde intensa?

Pensamos que a palavra deve descrever o brilho ou radiação que envolvia a cidade. Diz-se depois, de maneira explícita, que a cidade não necessitava da Lua ou do Sol, porque Deus era sua luz. Esta luz, então, não denota o que poderíamos chamar o Sol da Nova Jerusalém, mas sim uma certa qualidade de luminosidade, que brilhava em todos os lugares, envolvendo-a.

Qual é o simbolismo desta imagem?

H. B. Swete encontra um indício em Filipenses 3:15. Ali Paulo diz aos cristãos de Filipos que devem brilhar como luzes no mundo. A cidade de Deus está habitada por milhares e milhares de santos, e é bem

possível que seja o resplendor de sua santidade aquele que envolva a cidade santa de tal luminosidade ubíqua.

A MURALHA E AS PORTAS DA CIDADE

Apocalipse 21:12

A cidade está cercada por uma enorme muralha. Aqui João novamente evoca as visões proféticas da Jerusalém recriada (Isaías 26:1; Zacarias 2:5). A interpretação mais simples da muralha é que deveria ser chamada a invencível defesa da fé". A fé é o muro que assegura aos santos de Deus contra os ataques do mundo, a carne e o Diabo.

Na muralha há doze portas, e sobre as portas estão escritos os nomes das doze tribos de Israel. A palavra que se usa para dizer "porta" é interessante. Não se trata do termo comum, *pulé*, mas temos *pulón*. *Pulón* podia significar duas coisas. As casas grandes estavam construídas ao redor de um pátio espaçoso. A casa dava sobre a rua mediante uma porta praticada na parede, que estava precedida por um amplo vestíbulo. Esta seria a idéia aqui. *Pulón* também pode significar a torre que está em cima da porta numa cidade. Também podemos pensar nesta imagem.

Há duas coisas mais que devemos notar:

(1) As portas são doze. Este número representa, sem dúvida, a universalidade da Igreja. Há doze caminhos que conduzem à cidade de Deus. Não há um só caminho, mas doze. Há mais de um modo de chegar ao Reino de Deus ou, como afirma um poeta, "há tantos caminhos para as estrelas como homens entusiasmados em subir até elas". Nenhuma Igreja tem o direito de pretender o monopólio de ser a única rota de acesso a Deus. As portas de entrada para Deus são muitas, e cada homem pode buscar a sua.

(2) Sobre as portas estão escritos os nomes das doze tribos de Israel. Isto também representa a continuidade da Igreja. O Deus que se revelou aos patriarcas é o mesmo Deus que, de maneira mais completa, revelou-se em Jesus Cristo. O Deus do Antigo Testamento é o Deus do Novo

Testamento. Desde o começo até o fim há uma linha ininterrupta de revelação que culmina em Jesus Cristo.

AS PORTAS DA CIDADE

Apocalipse 21:13

Segundo a visão de João cada um dos lados da cidade tem três portas. Esta descrição, em parte, é a mesma que encontramos em Ezequiel 48:30-35. O que outra coisa pode ter João querido simbolizar mediante esta ordem da universalidade da Igreja não poderíamos sabê-lo. Há uma interpretação, entretanto, que dificilmente tenha estado na mente de João para que, por ser muito bela e consoladora, vale a pena lembrar.

Três das portas estão a Leste. O Leste é o lugar onde nasce o Sol, e é do Leste que vem o dia. Estas três portas podem representar, então, os caminhos a Deus que transitam aqueles que conhecem a Jesus Cristo desde os primeiros anos de vida e o aceitam primeiro como seu amigo; depois, na adolescência, como seu herói e guia, e chegados à idade adulta como seu Senhor.

Três das portas estão ao Norte. O Norte é uma região fria. Estas três portas podem representar os caminhos de acesso a Deus que transitam aqueles que chegam a conhecê-lo pelo frio exercício de sua racionalidade e inteligência, os que chegaram à fé pela lógica e o pensamento, os que conheceram a Deus mais com suas mentes que com seus corações

Três das portas estão ao Sul. O Sul é a região cálida, onde o vento é suave e o clima agradável. Estas três portas do Sul podem representar o caminho dos que chegam a Deus pelas emoções de seu coração, aqueles que se sentiram comovidos pelo evangelho, ainda que não tenham visto razões, aqueles que acesos de amor ao contemplar a cruz correram para Cristo sem pensar duas vezes.

E três das portas estão a Oeste. O Oeste é a região onde morre o dia, onde fica o Sol. Estas portas podem representar o caminho para Cristo

dos que conheceram o Evangelho na última porção de sua vida, na velhice, quando já tinham avançado muito longe no caminho de seus dias.

É muito difícil que João tenha pensado em tudo isto. Mas nada nos proíbe que nós vejamos nesta disposição das portas um novo simbolismo. E sem dúvida é reconfortante saber que há muitos caminhos e muitas vias de acesso para ingressar no Reino dos Céus, e muitos momentos e situações na vida que são apropriados para o encontro com Deus.

A MEDIÇÃO DA CIDADE

Apocalipse 21:15-17

Esta imagem do homem que mede a cidade João a toma de Ezequiel 40:3. Devemos assinalar duas coisas com relação à medição da Cidade Santa.

(1) Em primeiro lugar, a forma da cidade. A cidade era de forma cúbica. Era bastante freqüente que as cidades fossem construídas na forma de um quadrado: tanto Babilônia como Nínive tinham esta forma. Mas a Cidade Santa não era somente quadrada, mas também cúbica. A altura era idêntica à longitude e à largura. Isto é muito significativo. No mundo antigo o cubo era o símbolo da perfeição. Tanto Platão como Aristóteles observam que na Grécia chamava-se cúbicos aos homens perfeitos (Platão, *Protágoras* 339); (Aristóteles, *Etica a Nicómaco* 1. 10. 11: Retórica 3.11). Para os gregos o cubo perfeito era a forma perfeita.

O mesmo pensavam os judeus. O altar das ofertas queimadas, o altar do incenso e o peitoral dos sumos sacerdotes eram de forma cúbica (Êxodo 27:1; 30:2; 28:16). A forma cúbica aparece varias vezes nas visões que Ezequiel tem da nova Jerusalém e o novo Templo (Ezequiel 41:21; 43:16; 45:2; 48:20). Mas, acima de tudo, é importante que no Templo de Salomão o Santíssimo fosse um cubo perfeito (1 Reis 6:20).

Não pode haver dúvida com relação ao simbolismo que João quer utilizar. A nova Jerusalém é o Santíssimo, a totalidade desta cidade é a morada de Deus: nas ruas da Nova Jerusalém Deus está presente de maneira tão plena e perfeita como no Santíssimo do Templo da antiga Jerusalém.

(2) Devem ser destacadas as dimensões da cidade. Cada lado da cidade mede 12.000 estádios. Isto equivale, em medidas modernas, a 990 km, sendo a área total da cidade, nesse caso, 980.100 km". Os sonhos rabínicos da Jerusalém recriada eram o suficientemente espaçosos. Dizia-se que a nova Jerusalém se estenderia desde Damasco até o limite Sul da Palestina, cobrindo toda a terra santa. Mas uma cidade de 980.100 km quadrados quase chegaria de Londres até Nova Iorque, acima do Atlântico. Esta magnitude implica um simbolismo. Não se trata apenas de representar uma dimensão inimaginável. O que João quer dizer é que na Nova Jerusalém haveria lugar para todos. Há suficiente espaço nela como para que todos os que querem habitá-la possam fazê-lo. Os homens tendem a limitar as dimensões das Igrejas, eliminando delas os que, em seu conceito, não merecem pertencer a elas, ou não estão de acordo com seu modo de administração ou governo. Na Igreja terrestre é muito freqüente que haja tão pouco lugar para estar dentro dela que muitos devam ficar fora. Na Jerusalém celestial há tanto espaço que ninguém precisa ser expulso.

É muito estranho, entretanto, que as dimensões da muralha sejam tão reduzidas. A parede da nova Jerusalém tem 144 côvados de altura. Isto não é muito alto. A parede que rodeava a Babilônia media 300 pés de altura e o pórtico do Templo de Salomão media 180 pés, uma dimensão aproximada do côvado. Não há proporção entre as dimensões da cidade e a altura da muralha. Aqui também temos um simbolismo. Os muros da Nova Jerusalém não tinham como objetivo defender a cidade, porque todos os seres hostis, espirituais ou humanos, tinham sido eliminados ou lançados no lago de fogo e enxofre. Sua única utilidade era delimitar a extensão da cidade. E o fato de que seja tão pequena em

altura assinala que esta delimitação não era, depois de tudo, muito importante. A delimitação é insignificante se for comparada com a amplitude. Deus, em sua cidade santa, está muito mais interessado em incluir a todos os nomes que em excluir a alguns. A igreja deve imitá-lo.

AS PEDRAS PRECIOSAS DA CIDADE

Apocalipse 21:18-21

A cidade em si era de ouro puro, tão puro que parecia cristal transparente. É possível que João esteja acentuando aqui uma característica da Jerusalém terrestre, que ele deve ter conhecido. Josefo descreve o templo de Herodes da seguinte maneira:

"A frente deste edifício não carecia de nada capaz de despertar a surpresa e maravilha dos homens; porque estava recoberto com pranchas de ouro de grande peso; e ao brilhar os primeiros raios do Sol refletiam a luz com tal esplendor que aqueles que a olhava deviam apartar seus olhos dela, tal como o tivessem feito ao olhar diretamente o Sol. Mas à distância os viajantes viam este Templo como uma montanha coberta de neve, porque as partes que não estavam recobertas com ouro se pintaram do branco mais puro" (Flávio Josefo, *As Guerras dos Judeus* 5.5.6).

É bem possível que João visse no Templo de Herodes uma pálida semelhança da Nova Jerusalém.

A seguir João fala dos alicerces da cidade. A cidade tinha doze fundamentos. Na abertura das doze portas havia doze enormes pedras fundamentais. Aqui, novamente, é possível que João pensasse nas enormes pedras que fundavam os muros do Templo de Jerusalém. Na mesma passagem que citamos, Josefo fala das pedras que fundavam o templo, que tinham cada uma 25 metros por 3 metros por 3,50 metros. No versículo 14 João já disse que nestas pedras fundamentais estão escritos os nomes dos doze apóstolos. Os apóstolos foram tanto os

primeiros seguidores de Jesus como seus embaixadores ao mundo e podem ser considerados literalmente, os fundamentos da Igreja.

Na Cidade de Deus estas pedras fundamentais eram pedras preciosas de tremendas dimensões. Procuraremos identificá-las uma por uma e descrever suas características.

O **jaspe** não é a pedra que na atualidade se conhece com esse nome. Agora o jaspe é opaco, mas na antigüidade era uma pedra translúcida, de tonalidade esverdeada, capaz de refletir a luz.

A **safira** aparece no Antigo Testamento como a pedra com que estava pavimentado o caminho de Deus (Êxodo 24:10) Não se trata, tampouco, da safira atual. Plínio a descreve como azul celeste com manchas douradas. É muito provável que seja a pedra que hoje se chama lápis-lazúli.

A **calcedônia** era um silicato de cobre azulado, que abundava nas cercanias da Calcedônia e também se conhecia com o nome dessa cidade Arrojava reflexos, como o verde no pescoço dá as pombas, e na cauda dos perus reais.

A **esmeralda** é idêntica à esmeralda moderna, que segundo Plínio é a mais verde de todas as pedras.

O **sardônio** a que se refere esta descrição tinha o aspecto do ônix branco como jaspe com vermelho e marrom. Era usado, especialmente, para a confecção de medalhões.

O **sárdio** ou "cornalina" tomava seu nome da cidade de Sardes. Era de cor vermelha escura e se podia esculpi-lo ou usá-lo como suporte para outras pedras.

O **crisólito** é uma pedra preciosa da cor do ouro (Aurélio).

O **berilo** é como uma esmeralda. As melhores pedras de berilo eram azul marinho ou verde-mar.

O **topázio** era uma pedra transparente de cor verde-dourada, muito estimada pelos hebreus. Jó fala do topázio da Etiópia (Jó 28:19).

O **crisópraso** é uma variedade de calcedônia verde-clara (Aurélio)

O **jacinto** equivale à safira moderna.

A **ametista** era similar ao jacinto, mas mais brilhante.

Possuem estas pedras algum simbolismo?

(1) Pode destacar-se que oito delas são as mesmas que estão no peitoral do sumo sacerdote judeu (Êxodo 28:17). É possível que João tenha tomado esse peitoral como modelo.

(2) É possível que a única intenção de João seja sublinhar o esplendor da cidade, afirmando que nela até as pedras dos alicerces eram pedras preciosas.

(3) Há uma possibilidade interessante que deve mencionar-se. No Oriente era muito comum crer que os deuses tinham uma cidade nos céus, e nela viviam. O Sol, a Lua e as estrelas eram suas luzes. A Via Láctea era a avenida central da cidade dos deuses. Havia doze portas, pelas quais as estrelas entravam e saíam para cumprir suas tarefas. Relacionado com esta cidade dos deuses estava o zodíaco. O zodíaco descreve as partes do céu que o Sol atravessa em seu curso. O estranho é que os distintos signos do zodíaco tinham cada um uma pedra preciosa que lhe correspondia, e estas eram exatamente as doze pedras que João menciona em sua descrição da Nova Jerusalém. É possível que João concebesse a cidade de Deus como a consumação e cumprimento da velha idéia de uma "cidade dos deuses". Deste modo estaria dizendo a seus leitores orientais: "Aqui está, finalmente, a cidade com que vocês sonharam sempre."

Mas há algo curioso. A ordem em que João menciona as pedras preciosas é exatamente o inverso aos 12 signos do zodíaco. É muito difícil saber qual pode ser o simbolismo desta inversão, ainda que talvez seja a forma que tem João de assinalar a diferença entre a mítica cidade dos deuses e sua Cidade de Deus.

A idéia mais fantástica de toda esta descrição é a que concebe as portas como feitas cada uma de uma grande pérola. Na antigüidade as pérolas eram, entre todas as pedras preciosas, as mais valiosas. Qualquer mercador teria empregado toda sua vida em buscar a pérola de grande

preço, e ao encontrá-la teria vendido todas as suas posses para adquiri-la (Mateus 13:46).

Já dissemos que Júlio César deu de presente a Servilia uma pérola que custava 150.000 dólares. Que as portas sejam de pérola constitui um simbolismo de inimaginável beleza e de incalculável esplendor.

A PRESENÇA DE DEUS

Apocalipse 21:22-23

No versículo 22 João introduz uma característica única da Cidade de Deus. Nela não há templo. Quando lembramos quão precioso era o Templo para os judeus, o fato de não haver templo na Jerusalém celestial resulta tanto mais surpreendente.

Já assinalamos que a cidade tinha a forma de um cubo perfeito, sendo idêntica em suas quatro dimensões. Deste modo se simboliza que a cidade inteira era o Santíssimo.

Em outras palavras, a cidade não necessita Templo porque nela Deus e o Cordeiro estão presentes todo o tempo e de maneira perfeita. Depois de tudo, um Templo é um lugar separado dos outros lugares para que nele os homens possam encontrar-se com Deus. Mas na Cidade de Deus não é necessário ter um lugar separado, porque nunca faltava nem diminuía a presença de Deus e de Jesus Cristo.

O simbolismo neste detalhe é bem claro. Onde está Deus, está a Igreja. Onde Cristo está presente, está a igreja. Nas palavras da velha fórmula latina: *Ubi Christus, ibi ecclesia*. Os edifícios não são a Igreja, a liturgia não é a Igreja, nenhuma forma de governo eclesiástico é a Igreja; nenhum método para a ordenação dos ministros é a Igreja, a única coisa que faz com que a Igreja seja a Igreja é a presença de Deus e de Jesus Cristo no meio dela. Sem tal presença, não pode haver nem há Igreja possível. E se Deus e Cristo estão presentes, qualquer grupo humano é a igreja, não importa o que digam outros.

Por outro lado, a Cidade de Deus não necessita luz criada, porque Deus, a luz não criada, estava no meio dela. "Em tua luz veremos a luz", disse o profeta (Isaías 60:19-20). A grande verdade neste caso é que somente quando vemos as coisas à luz de Deus vemos as coisas tal qual são. Pode nos parecer que certas coisas são muito importantes, como por exemplo a ambição, as riquezas, o prestígio ou o dinheiro. Mas à luz de Deus todas estas perdem valor e importância. Certos prazeres e costumes sociais que poderiam nos parecer permissíveis, vistos à luz de Deus são práticas perigosas. E, finalmente, coisas que em seu momento nos pareceram dificuldades, durezas, dores, disciplina, impopularidade e perseguição, quando as vemos na luz de Deus revelam toda sua glória.

Deus é certamente a luz daqueles que dedicaram sua vida a Ele.

A TERRA INTEIRA É DE DEUS

Apocalipse 21:24 27

Uma passagem como esta nos autoriza — e até nos obriga — a corrigir a apreciação errônea que poderíamos ter tido do pensamento hebreu. A imagem aqui descreve todas as nações vindo a Deus e trazendo seus dons e honras. Em outras palavras, temos aqui a imagem da salvação universal oferecida a toda a Terra, de toda a Terra aceitando prazerosa ao único e verdadeiro Deus. Diz-se freqüentemente que os judeus só esperavam a destruição dos gentios. E é verdade que encontramos na tradição judia declarações como "Deus criou os gentios para serem combustível do fogo no inferno". É verdade que havia uma corrente do pensamento judeu que desejava a destruição e o aniquilamento ou a escravidão das nações pagãs; mas nos convém lembrar que também havia tendências opostas, e que os principais profetas de Israel esperavam que Deus reunisse, finalmente, a todas as nações, e que todos os homens aprendessem a amar e servir a Deus. Vale a pena reunir estas passagens, sobretudo porque, além disso, estimulam-nos a tomar a sério a tarefa missionária da Igreja.

Isaías descreve a imagem do dia quando todas as nações subirão até o Monte Sião para serem doutrinadas na Lei e aprenderem a caminhar pelos caminhos de Deus (Isaías 2:2-4). Deus levantará uma insígnia que tem que servir como ponto de reunião de todas as nações (Isaías 11:12). O privilégio de Israel será servir como luz dos gentios (Isaías 49:6). As ilhas (o mais remoto da Terra) confiarão em Deus e na força de seu braço (Isaías 51:5). Nações que nunca conheceram a Deus virão correndo até Ele (Isaías 55:5). Os filhos do estrangeiro aprenderão a amar a Deus (Isaías 56:6-8). A missão de Israel é dar testemunho de Deus entre os gentios (Isaías 66:19). Os limites da Terra são convidados a olhar a Deus e a receber dEle a salvação (Isaías 45:22). Todas as nações serão reunidas em Jerusalém e reconhecerão a esta cidade como o trono de Deus, com o qual não seguirão caminhando nas vaidades de seus corações ímpios (Jeremias 3:17). Os gentios virão a Deus dos extremos da Terra, confessando seus erros e arrependendo-se deles (Jeremias 16:19-21). Todos os povos, nações e raças adorarão Àquele que é como um filho de homem (Daniel 7:14). Todos os homens adorarão a Deus, cada um em seu lugar, e até nas ilhas dos pagãos (Sofonias 2:11). Deus dará a todos os homens uma única língua, na qual de comum acordo invocarão seu nome (Sofonias 3:9). Toda carne guardará silêncio diante de Deus (Zacarias 2:13). Muitos povos e os habitantes de muitas cidades virão até Jerusalém. Pessoas de todas as raças e línguas pegarão o judeu pela orla de seu manto e lhe dirão "Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco" (Zacarias 8:20-23). Virá o dia quando Deus será o Rei de toda a Terra, e nesse dia haverá um só Deus (Zacarias 14:9).

O mesmo ocorre na literatura intertestamentária. A visão de Tobias é:

> Uma luz brilhante iluminará
> todas as nações da terra;
> virão a ti de longe povos numerosos,
> de todas as extremidades da terra,
> para orar perto do santo Nome do Senhor Deus,
> trazendo nas mãos presentes para o Rei do Céu. (Tobias 13:11).

As nações de toda a terra se voltarão a Deus, o temerão verdadeiramente e abandonarão os seus ídolos (Tobias 14:6).

Enoque escreve, com nobreza, sobre o eleito de Deus:

> Será um cajado para o justo, no qual poderá apoiar-se para não cair,
> E será a luz dos gentios,
> A esperança de todos aqueles cujo coração está turbado.
> E todos os que habitam na terra cairão sobre seus rostos diante dele e o adorarão.
> E louvarão, bendirão e celebrarão com canções ao Senhor dos Espíritos. (Enoque 48:4-5).

O autor de Enoque ouve a voz de Deus, que diz:

"Todos os filhos dos homens adquirirão a justiça, e todas as nações oferecerão sua adoração, e louvarão a Deus, adorar-me-ão" (Enoque 10:21).

O livro que se conhece como *Testamentos dos Doze Patriarcas* está cheio desta esperança universal. Quando vier o Messias "mediante seu sacerdócio se multiplicará o conhecimento dos gentios que serão iluminados pela graça de Deus" (Testamento de Levi 18:9). A palavra de Deus diz: "Se trabalhardes no que é bom, meus filhos, tanto os anjos como os homens vos abençoarão; e Deus será glorificado entre os gentios graças a vós". A missão de Israel é "reunir os justos que há entre os gentios" (*Testamento de Naftali* 8.3.4). Deus salvará a Israel e aos gentios (*Testamento do Aser* 7.3).

Quando os gentios verem as bênçãos que Deus derrama sobre Israel, exclamarão: "Como Deus ama a estes homens!", se arrependerão de suas vaidades e adorarão a Deus (Oráculos Sibilinos 3.710-723). As nações se reunirão, dos extremos da Terra, para adorar a Deus (Salmos de Salomão 17.34).

Devemos reconhecer, para fazer justiça ao pensamento hebreu, que sempre houve nele uma corrente que esperava a conversão dos gentios ao verdadeiro Deus. Sempre se aceitou a responsabilidade de pregar a fé

nesse Deus a todos os homens. Quando João representa a todas as nações da Terra andando à luz de Deus, e aos reis de todas as nações que trazem seus dons e honras, não está senão anunciando antecipadamente o cumprimento de uma esperança que sempre se manteve viva nos corações de seus compatriotas.

ACEITAÇÃO E REJEIÇÃO

Apocalipse 21:24-27 (continuação)

Antes de deixar este capítulo devemos assinalar três pontos importantes.

(1) João afirma mais de uma vez que na cidade de Deus não haverá noite. A promessa, nesta imagem, é muito simples e humana. Os povos antigos, como meninos, tinham medo da escuridão. No mundo novo as trevas que infundem temor não mais existirão. A presença de Deus será luz para a Terra. Esta promessa continua sendo válida para nosso mundo contemporâneo, onde ainda subsistem temores e horrores: Em qualquer lugar que esteja presente, a noite (de qualquer tipo que seja) brilha como o meio-dia (Salmo 139:11).

Segundo H. B. Swete há outro simbolismo nesta concepção. Na cidade de Deus não haverá escuridão Na história sucedeu repetidas vezes que uma idade de luz foi seguida por uma idade de trevas. O progresso histórico sempre foi interrompido por retrocessos. A história é uma linha irregular de cúpulas muito altas seguidas por vales profundos e tenebrosos. Mas na nova era divina não haverá senão luz, toda treva desaparecerá.

(2) João, como os antigos profetas, fala muitas vezes dos gentios e os reis dos gentios que trazem seus dons a Deus. É verdade que as nações contribuíram com seus melhores dons a Cristo e à Igreja. Os gregos trouxeram o poder de seu intelecto. É a eles que devemos a teologia, a apresentação intelectualmente elaborada da fé cristã. Os romanos foram entre os povos antigos os maiores peritos em

jurisprudência e em questões de governo. Contribuíram com a Igreja precisamente por sua habilidade de organizar, governar e ditar leis.

Todo homem, quando entra na Igreja, deve trazer sua melhor qualidade como oferta, e pô-la aos pés de Cristo e a seu serviço. O escritor deve trazer seu poder para formular pensamentos em palavras, o artista seu poder para representar mediante linhas e cores; o escultor contribuirá com seu domínio das massas e as formas; o músico sua concepção da harmonia dos sons; o artesão contribuirá com seu artesanato. Não há dom que Cristo não possa usar, e cada homem, quando entra na Igreja, deve trazer o que é e o que sabe fazer. A Igreja, por sua vez, deve aprender a usar tais dotes cada vez com maior eficácia.

(3) Este capítulo termina com uma ameaça. Os que não estão dispostos a deixar de lado seu pecaminosidade ficam excluídos da cidade de Deus. Não é o pecador o que ficará fora; Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores. Ficarão excluídos os que, deliberadamente e com os olhos bem abertos, continuam no pecado, aqueles que conhecendo o caminho de Cristo, contando com a oferta de Cristo, decidem, entretanto, seguir seu próprio caminho, rejeitando a graça que poderia limpá-los de todo pecado. Existe o pecador que odeia o pecado e existe o pecador que ama o pecado. Existe aquele que peca contra sua vontade e aquele que incorre deliberadamente em reiterados pecados. Não se trata aqui do pecador arrependido mas sim do pecador desafiante: este é aquele que será excluído da cidade de Deus.

Apocalipse 22

O rio da vida - 22:1-2
A árvore da vida - 22:1-2 (cont.)
A beleza da santidade - 22:3-5
As palavras finais - 22:6-9
O tempo está próximo, já passou o tempo - 22:10-11
Declarações de Cristo - 22:12-13
Os aceitos e os rejeitados - 22:14-15

A garantia da verdade - 22:16
O grande convite - 22:17
A advertência - 22:18-19
As palavras finais - 22:20-21

O RIO DA VIDA

Apocalipse 22:1-2

Até aqui se descreveu o exterior da cidade santa; agora a descrição passa a tomar conta do interior.

Em primeiro lugar, encontramos o rio da água da vida. A imagem do rio tem muitas fontes no Antigo Testamento. Lá no princípio, está o rio que regava o Jardim do Éden e o vivificava, fazendo-o fértil (Gênesis 2:8-16). Mais adiante, temos a visão do rio que saía do Templo (Ezequiel 47:1-7). O salmista canta ao rio que alegrava a cidade de Deus (Salmo 46:4). Joel também fala da fonte que sairá da casa de Deus (Joel 3:18). De Jerusalém fluirão águas de vida (Zacarias 14:8). Em 2 Enoque há uma descrição do rio do Paraíso, no terceiro céu, que flui das raízes da árvore da vida, dividido em quatro correntes, um de mel, outra de leite, outra de vinho e a quarta de azeite (2 Enoque 8.5).

Próxima da imagem do rio está a que encontramos freqüentemente nas Escrituras da fonte de vida. Esta imagem já apareceu em Apocalipse 7:17 e em 21:6. Jeremias queixa-se de que o povo tenha abandonado a Deus, que é a fonte de águas vivas, e buscou água em cisternas rotas que não retêm as águas (Jeremias 2:14).

Enoque adverte:

> Ai de vós, os que bebeis água de qualquer fonte. Porque repentinamente sereis consumidos e vos secareis. Porque abandonastes a fonte da vida. (Enoque 98:6).

A boca do justo é uma fonte de vida (Provérbios 10:11). A lei do sábio é uma fonte de vida (Provérbios 13:14). O temor de Deus é uma

fonte de vida (Provérbios 14:27). O entendimento é uma fonte de vida para aquele que o possui (Provérbios 16:22). Em Deus — diz o salmista — há uma fonte de vida (Salmo 36:9). Os rabinos anunciavam, ao descrever seus sonhos para o futuro messiânico, que Deus faria surgir do Santíssimo um rio em cujas margens cresceriam toda classe de frutos delicados.

Qual é o simbolismo desta imagem? H. B. Swete identifica o rio da vida com o Espírito. No Quarto Evangelho Jesus diz: “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.” E João acrescenta: “Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado” (João 7:38-39).

Swete identifica o rio da vida com a fonte de vida que flui do trono de Deus e do Cordeiro.

Mas é possível que a idéia seja muito mais simples. Os que como nós vivemos numa civilização na qual basta abrir um poço para ter água fresca, transparente e potável em qualquer quantidade necessária não podem compreender até que ponto a água era preciosa no Oriente. No Oriente, terra de desertos e calor seco, a água equivalia literalmente à vida. E o rio da vida, neste sentido, é uma imagem muito clara da oferta da vida que Deus faz aos seus, uma vida que flui e da qual todos os que a desejem podem apropriar-se.

A ÁRVORE DA VIDA

Apocalipse 22:12 (continuação)

A imagem da árvore da vida provém de duas fontes. Existe a árvore da vida que havia no Jardim do Éden (Gênesis 3:6). Mas a imagem que descreve João está mais perto da que anuncia Ezequiel 47:12. Também está próximo dos sonhos rabínicos para o futuro messiânico: "Na era por vir Deus criará árvores que produzirão frutos todos os meses, e o homem que coma estes frutos ficará curado de todas as suas doenças". A imagem

da árvore da vida que encontramos no Apocalipse incorpora outros elementos, além dos que já apareciam na descrição do Éden que há em Gênesis.

A árvore dá vida. Dá muitos frutos, muito variados. É evidente que em tudo isto podemos ver a representação simbólica dos frutos do Espírito (Gálatas 5:22-23). E não podemos também perceber na imagem de uma árvore que dá frutos todos os meses do ano, um para cada mês, uma visão do Espírito que brinda seus dons ao homem segundo cada etapa de sua vida, uma graça e um fruto particular para cada idade, da mais tenra infância até a velhice.

Na cidade de Deus a árvore da vida já não é uma árvore proibida Está no meio da cidade, para que todos os o que quiserem comam dela. Os frutos da árvore da vida, inclusive, não são somente para os judeus mas sim "para a saúde das nações". Somente o Espírito de Deus pode curar as feridas das nações e aliviar as divisões que as elevaram, na história, umas contra outras.

A BELEZA DA SANTIDADE

Apocalipse 22:3-5

Nestes versículos culmina a descrição da cidade de Deus. Neles não haverá nada maldito. Quer dizer, não haverá nada nela de tudo o que retarda, impede, mancha ou dificulta a vida cristã. Na cidade celestial o cristão, depois de ter lutado muitas batalhas na Terra, não encontrará nada que o aparte da pureza que buscou na Terra mas nunca conseguiu alcançar totalmente.

Os servos de Deus verão seu rosto. Vai cumprir-se a promessa de Mateus 5:8; os puros de coração verão a Deus. Ficará ressaltada a grandeza desta promessa quando lembrarmos que os crentes verão realizado um anelo que foi negado a Moisés (Êxodo 33:20,23). Somente em Cristo os homens podem ver a Deus. Somente pelos seus méritos pode o homem entrar na presença viva de Deus.

A visão de Deus produz duas coisas. Produz a adoração perfeita. Onde está Deus a vida converte-se num ato de perfeita adoração. Produz, também, a perfeita consagração. Os habitantes da cidade terão a marca de Deus sobre suas frontes? Essa marca demonstra que pertencem a Ele de maneira absoluta, e para todo o sempre.

Mais uma vez João volta a dizer que na cidade de Deus não haverá mais trevas, e que não haverá necessidade de luz alguma, porque Deus a iluminará com sua presença.

A visão termina com a promessa de que o povo de Deus reinará pelos séculos dos séculos. Em seu serviço os crentes encontrarão a perfeita liberdade. Na perfeita submissão a Ele acharão a única verdadeira realeza.

AS PALAVRAS FINAIS

Apocalipse 22:6-9

O que vem a seguir, até o final do capítulo está estranhamente desligado. Dizem-se várias coisas, sem uma ordem aparente e há várias repetições. Em quase todos os casos é muito difícil saber quem é aquele que está falando. Há duas possibilidades. Talvez João queira reiterar alguns dos temas que tocou ao longo de seu livro, "fazendo" aparecer em cena, por assim dizer, a muitos dos personagens principais de seu drama. É possível, também, e talvez isto seja o mais provável, que este último capítulo não tenha sido corrigido por seu autor, e que o tenhamos numa forma incompleta e inacabada.

O primeiro dos locutores é o anjo que interpretou para João algumas de suas visões. Mais uma vez o anjo enfatiza a verdade e contabilidade de tudo o que João viu e transmitiu. "O Deus dos espíritos dos profetas" significa o Deus que inspirou aos profetas no passado, o Deus que falou com os profetas e através deles a nós. Isto significa que as palavras, as mensagens e as visões que vieram a João provêm do

mesmo Deus que inspirou os grandes profetas do Antigo Testamento, e que se deve aceitá-las como igualmente divinas.

O segundo locutor é Jesus Cristo. Mais uma vez reitera que sua vinda não tardará mais. Depois pronuncia sua bênção sobre os que lerem as palavras que estão escritas no livro de João.

Swete, de maneira bem adaptada, chama esta passagem "as felicitações que recebe o estudante devoto". O estudante devoto é o melhor de todos os estudantes. Há muitos que são devotos mas não são estudantes. Não estão dispostos a aceitar a disciplina e o trabalho que significa o estudo e até verão com desconfiança os conhecimentos que sempre produz a investigação dedicada. Também há muitos que são estudantes mas não devotos. Estão muito interessados no conhecimento intelectual, e muito pouco interessados na vida de oração ou no serviço ao próximo. A melhor parte é a daquele que não é só estudante, nem só devoto, mas sim um estudante devoto.

O último locutor é João. Identifica-se como autor do livro. O estranho é que repita a advertência de 19:10. Talvez pensava que os perigos dessa separação eram tão grandes que era necessário reiterar sua advertência antes de dar por terminado o livro. Certamente não pode restar dúvida alguma que a adoração dos anjos é um grave erro e que se deve adorar somente a Deus.

O TEMPO ESTÁ PRÓXIMO, JÁ PASSOU O TEMPO

Apocalipse 22:10-11

A insistência desta passagem refere-se à iminência da vinda de Cristo. Nesta passagem o locutor deve ser Jesus Cristo Ressuscitado em pessoa.

Nos apocalipses anteriores, que foram escritos no período intertestamentário, a instrução sempre era para selar o livro e guardá-lo para que fosse reaberto num futuro distante. Em Daniel, por exemplo, lemos que a visão deve ser fechada, porque não há de cumprir-se durante

muito tempo (Daniel 8:26). Mas a João não sobra tempo sequer para selar seu livro. O livro deve ficar aberto e ser lido, porque o que nele se narra está a ponto de suceder.

Nesse caso, qual é o significado desta passagem que, aparentemente, diz que os homens devem ficar no que estão? Há duas possibilidades.

(1) Chega um momento quando já é muito tarde para mudar (Daniel 12:10, Ezequiel 3:27). Chega um ponto em que certas características estão até tailandês ponto implantadas em nosso caráter que as situações novas só conseguirão as arraigar mais em nós. Esta é uma de nossas tragédias.

É possível rejeitar a oferta de Cristo porque somos incapazes de aceitá-la. Este é, em realidade, o pecado contra o Espírito Santo.

(2) O antigo comentarista do Apocalipse, Andréas, tem uma explicação desta passagem que pode aceitar-se. O Cristo ressuscitado diz, em realidade: "Que cada homem aja segundo sua vontade. Eu não farei nada para forçá-lo." E é bem possível que este seja o significado das palavras que lemos aqui: "Eu não obrigo a ninguém, a única arma que uso é a persuasão; que cada um seja o que tenha escolhido ser; mas se alguém me permite, eu posso fazê-lo nascer de novo". Pode tratar-se, então, de outra advertência no sentido de que cada um determina seu próprio destino em cada uma das ações que vive.

DECLARAÇÕES DE CRISTO

Apocalipse 22:12-13

Aqui o Cristo ressuscitado volta a anunciar sua vinda iminente, e faz duas grandes declarações com relação a si mesmo:

(1) Traz sua recompensa consigo e pagará a cada pessoa segundo as suas obras. H. B. Swete diz: "Jesus Cristo fala como o grande Mordomo, que no final do dia chamará a cada homem para recompensá-lo, segundo o trabalho que tiver feito."

(2) É o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim. Esta é uma repetição dos títulos que já consideramos em 1:17, 2:8 e 21:6. Há mais de uma idéia neste conceito.

(a) A idéia de totalidade. Os judeus diziam que Abraão tinha observado a lei da *aleph* a *tau*. Queriam dizer que tinha observado toda a Lei. Neste caso o símbolo significa que Jesus Cristo é tudo e tem tudo em si, que não necessita nada de outra fonte que o complete.

(b) A idéia de eternidade. Sendo o primeiro e o último inclui todo o tempo.

(c) A idéia de autoridade. Os rabinos diziam que, sendo Deus o principio, não tinha recebido seu poder de ninguém, sendo o meio não compartilha seu poder com ninguém, e sendo o fim nunca entrega seu poder a ninguém. Então, aqui temos uma forma simbólica de falar da autoridade absoluta de Cristo.

OS ACEITOS E OS REJEITADOS

Apocalipse 22:14-15

Aqui se estabelece novamente quem são os que têm o direito de ingresso à cidade de Deus, e quem são os que indefectivelmente ficarão fora dela.

(1) Os que lavam suas túnicas possuem o direito de ingresso. Esta frase descreve a parte que corresponde a cada indivíduo no processo de sua salvação. Jesus Cristo, na Cruz, oferece aos homens a graça e o sacrifício para que possam obter o perdão. Cada um tem que lavar suas vestimentas, segundo a expressão que usa João, no sangue de Cristo. Para usar outra imagem similar: podemos dar a um homem água e sabão para que se lave, mas não podemos obrigá-lo a lavar-se, se ele não quer fazê-lo. Os que entrarem na cidade de Deus serão os que tiverem aceito o sacrifício de Cristo e se apropriaram dele.

(2) Segue a lista dos que não serão admitidos na cidade de Deus. Já vimos uma lista similar em 21:8 (ali se tratava dos que serão lançados no lago de fogo). A única palavra nova que aparece aqui é "os cães".

Há duas interpretações possíveis deste termo.

(1) O cão simbolizava na antigüidade todo o impuro e selvagem. H. B. Swete diz: "Ninguém que tenha visto os cães vagando pelas ruas de qualquer cidade oriental pode maravilhar-se pelo desprezo que seu nome suscita na mente de qualquer oriental. Para o judeu um cão não era um animal doméstico ou um guardião; sua idéia era a do cão vagabundo, sem casa nem dono, que rouba e até mata, quando a fome o persegue. É por isso que os judeus chamavam os gentios de cães. Havia um dito rabínico segundo o qual "Quem come com um idólatra é como se comesse com um cão. Quem é o cão senão aquele que não foi circuncidado?" Andréas, o antigo comentarista grego, sugere que os cães não são somente os desavergonhados ou incrédulos mas também os cristãos que, depois do batismo, "voltam ao seu vômito". O cão pode representar simplesmente tudo o que é desagradável e impuro.

(2) Mas há outra possibilidade. Há uma frase estranha em Deuteronômio 23:18. "Não trarás salário de rameira nem preço de cão à casa do SENHOR, teu Deus, por qualquer voto; porque ambos estes são igualmente abominação ao SENHOR, teu Deus" (Almeida Revista e Corrigida; cf. também TB, NKJV, RWebster). A primeira parte é clara: Não pode oferecer-se a Deus dinheiro que se tenha obtido mediante a prostituição. A segunda parte, entretanto, é mais ambígua. Na antigüidade não somente havia prostitutas sagradas nos templos, mas também homens que praticavam a prostituição. Em geral, estes eram chamados de cães. As duas partes da lei deuteronômica se referem à prostituição. Um cão pode ser um homem que pratica relações homossexuais por dinheiro.

Também ficam fora todos os que falam ou agem de maneira falsa. Aqui ecoam as palavras do salmista que diz: "Não há de ficar em minha casa o que usa de fraude; o que profere mentiras não permanecerá ante

os meus olhos” (Salmo 101:7). A pessoa enganosa e farsante não pode ter comunhão com o Deus da verdade.

A GARANTIA DA VERDADE

Apocalipse 22:16

Aqui Jesus volta a garantir e testemunhar a verdade das coisas que João viu e ouviu. Há uma razão que faz necessária esta garantia. O livro começou com a promessa de uma revelação que seria dada por Jesus Cristo (1:1). A revelação é transmitida, de fato, por vários mensageiros angélicos, mediante visões e no Espírito. Esta é a garantia por parte de Jesus de que todas estas visões, sejam quais fossem os seus mediadores, são revelações dEle.

A seguir Jesus oferece o que poderíamos chamar "suas credenciais". “Eu sou a Raiz e a Geração de Davi”. Esta é uma referência a Isaías 11:1, quando se fala do broto que sairá da raiz de Jessé. Jesus afirma que nEle se cumpre essa profecia. É, ao mesmo tempo, a fonte eterna do ser de onde provém Davi e o descendente prometido desse Rei, o Messias ou Ungido de Deus.

Também diz que é a brilhante Estrela da manhã. Esta é uma afirmação que imediatamente produziria associações na mente de qualquer judeu. Chamar a alguém "a estrela da manhã" significava classificá-lo na primeira linha dos heróis de Israel. Os rabinos, por exemplo, estavam acostumados a chamar com este nome a Mordecai. Mas sobretudo, esta afirmação se associava com a grande profecia messiânica de Números 24:17: “Uma estrela procederá de Jacó”. Jesus é a estrela que Deus prometeu.

Mas isto também deve ter evocado pensamentos de outro tipo. A estrela da manhã é a mais brilhante de todas, e é o arauto do novo dia, que afasta as trevas e antecipa o triunfo da luz. Jesus é o melhor e o mais brilhante de todos os homens, e diante dEle a noite do pecado e da morte se desvanece.

Mas há outra idéia que se associa com esta declaração de Jesus ressuscitado. Durante seus dias na carne Jesus havia dito: "Eu sou a luz do mundo..." (João 8:12). Quando o Cristo ressuscitado diz que é a estrela da manhã repete, de outro modo, sua própria afirmação anterior: É a luz e o vencedor de todas as trevas do mundo.

O GRANDE CONVITE

Apocalipse 22:17

Há duas interpretações diferentes desta passagem.

H. B. Swete toma as duas primeiras partes deste versículo como um chamado a Cristo para que cumpra sua promessa de voltar logo a este mundo. A terceira seria, nesse caso, um convite à alma sedenta para que venha a Cristo. É muito difícil, entretanto que haja tanta diferença entre as duas primeiras partes e a terceira. É muito mais provável que toda a passagem seja um chamado aos homens para que venham a Cristo e o aceitem como seu Senhor e Salvador. Se o interpretarmos deste modo a passagem se divide também em três partes.

(1) Primeiro vem o convite do Espírito e da Esposa. A Esposa, conforme sabemos, é a Igreja. Mas neste caso o que devemos interpretar é: Quem é o Espírito? É possível que se trate do Espírito que coopera com os pronunciamentos dos profetas e que sempre está chamando os homens para que voltem a Deus. Mas é muito mais provável que "o Espírito", neste caso, signifique a voz de Jesus Cristo. A terminação de quase todas as cartas às sete Igrejas era, conforme vimos, um convite e ordem para que as Igrejas ouçam o que o Espírito está dizendo (2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22). É bem evidente que Cristo e o Espírito são identificados. O mais provável é que nesta passagem suceda o mesmo. Quando o Espírito e a Esposa exclamam: “Vem!” são Jesus Cristo e sua Igreja os dois que se unem no convite para que aceitemos o que Jesus Cristo tem para nos oferecer.

(2) A segunda seção diz que quem ouve, diga: "Vem!" A palavra "Vem!" deve ser tomada por cada leitor e repetida. Aqui temos a grande verdade de que cada cristão deve ser um missionário. Aquele que recebeu o convite diretamente de Cristo deve transmitir esse convite a outros. Aquele que foi encontrado por Cristo deve encontrar outros para Cristo. O convidado deve converter-se no convidador. O encontrado deve converter-se naquele que encontra.

(3) A terceira parte é um convite para que todas as almas sedentas venham a Jesus Cristo e saciem sua sede. Lembra-nos duas coisas, pelo menos. Lembra, em primeiro lugar, o convite que Deus fez aos homens através de um dos maiores profetas: "Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite." (Isaías 55:1). Em Cristo a promessa do profeta recebe seu cumprimento total. E também lembra as palavras do próprio Jesus Cristo: "Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede" (João 6:35). Todo anelo da alma pode ser satisfeito por Cristo.

A ADVERTÊNCIA

Apocalipse 22:18-19

Há algumas coisas que devem destacar-se com relação a esta advertência solene:

(1) Não deve interpretar-se de maneira absolutamente literal. Não se refere estritamente a cada uma das palavras do Apocalipse. Sucede, em realidade, que o texto original do Apocalipse é um dos que pior se conservaram e não podemos hoje saber com exatidão quais foram as palavras exatas de seu autor. O que sim quer dizer é que os leitores devem cuidar-se de desfigurar, mudar ou distorcer os ensinos deste livro. É mais ou menos o que Paulo diz quando lemos em Gálatas que se qualquer pregador anunciar um evangelho diferente do seu, deve ser

amaldiçoado Gálatas 1:8-9). É a verdade, e não a formulação literal da verdade, o que não se deve mudar.

(2) Deve lembrar-se que este tipo de terminação era bastante freqüente nos livros antigos. Na Bíblia encontramos advertências similares em outros lugares (Deuteronômio 4:2; Provérbios 30:5-6) e no livro de Enoque 104:10.

Na *Carta de Aristeas* conta-se como foi produzida a tradução ao grego do Antigo Testamento que se chama Septuaginta, por setenta eruditos hebreus, a pedido do Rei do Egito. Quando o trabalho ficou pronto, reuniram-se os setenta e "pronunciaram uma maldição segundo o costume, que recairia sobre qualquer que alterasse as palavras do texto, seja acrescentando, mudando ou omitindo qualquer das coisas que estavam escritas." (*Cartas do Aristeas* 310, 311). Em seu livro *Sobre as Origens*, Rufino abjura, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a qualquer um que leia ou copie sua obra, a não acrescentar, subtrair, interpolar ou alterar nada de seu conteúdo. Eusébio, em sua *História Eclesiástica* (5.20.2) copia a fórmula que Irineu, um grande estudioso cristão do século II, usou num livro: "Abjuro-te, o que copias este livro, por nosso Senhor Jesus Cristo e por seu glorioso segundo advento, quando Ele for juiz de vivos e mortos, a que releias o que escreveste e o corrijas cuidadosamente, e também a que copies esta abjuração e esteja em teu livro".

No mundo antigo todos os livros se copiavam à mão. Era muito fácil que os escribas alterassem o texto original ao reproduzi-lo, por descuido ou intencionalmente. Os escritores sabiam disto e tinham o costume de incluir como parte do texto uma advertência para que o escriba, ao copiar um livro, tivesse especial cuidado e respeito pelo original.

Esta passagem devemos interpretá-la à luz deste costume dos antigos. Seria um erro fundar nele um argumento a favor da inspiração verbal, ainda que a intenção daqueles que o façam possa ser boa. Em primeiro lugar, trata-se de uma advertência contra os que possam querer

distorcer deliberadamente os ensinos do livro; em segundo lugar, João estava fazendo somente o que era um hábito entre os antigos.

AS PALAVRAS FINAIS

Apocalipse 22:20-21

Há paixão e glória nas palavras finais do Apocalipse. Em meio das terríveis perseguições de sua época, o que o autor deste livro esperava com maior anelo era a breve volta, em glória, do Cristo ressuscitado. Essa esperança nunca chegou a realizar-se tal como ele a anunciou. Mas não podemos duvidar que, mesmo que Cristo ainda não tenha voltado visivelmente, cumpriu sua promessa de estar com todos os que são dEle, até o fim do mundo (Mateus 28:20).

E em tudo isto também há glória. Seja o que for que aconteça, João tinha a certeza da graça que Jesus Cristo derramaria abundantemente sobre seus fiéis discípulos. E sabia também que essa graça era suficiente para alimentar a fé sob qualquer circunstância.

Por isso, é simbólico e apropriado que a última palavra da Bíblia seja uma reiteração da oferta da graça divina.